

ANITA NOTARO

Perto de ti

Alguma vez teve vontade
de virar costas e ir embora?







Uma manhã, ao acordar, Lulu dá-se conta de que tem urgentemente de repensar a sua vida por completo. Do que precisa é de mais tempo: para descontraír, para se divertir com os amigos e, acima de tudo, para encontrar o homem perfeito que há tanto tempo procura, sem êxito. Assim, reúne as ferramentas do seu ofício como psicóloga, abandona o seu elegante apartamento e o carro descapotável que conduz e abraça uma vida mais simples.

É então que se dá uma terrível tragédia e Lulu percebe que, afinal de contas, não é assim tão fácil escapar ao passado. Será ela capaz de lidar com os assuntos inacabados e construir a vida perfeita por que tanto anseia?



DA AUTORA DE *HÁ SEMPRE UM AMANHÃ*,
VENCEDOR DO GALAXY IRISH POPULAR
FICTION BOOK OF THE YEAR

«(...) outro êxito para Notaro (...).»
Rachel Dugan, *Independent.ie*

leYa

Quinta
Essência

ISBN 978-989-7260-55-1



Romance Traduzido

www.leYa.com

www.quintaessencia.com.pt



Para a minha melhor amiga, Dearbhla Walsh.

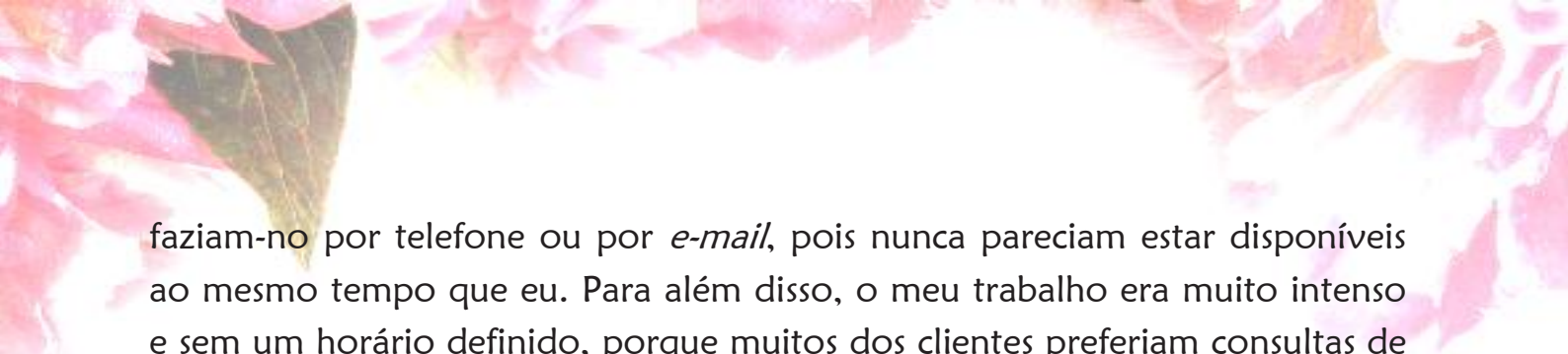
Partilhamos tanta coisa ao longo dos anos que não saberia viver sem ti, portanto, não deixes que esse Emmy te leve para demasiado longe de mim!



1

TODOS TEMOS DIAS MAUS e eu não sou exceção a essa regra. Já tive até alguns realmente pavorosos, mas o dia de hoje podia, sem margem para dúvida, ter ilustrado um anúncio a comprimidos para a dor de cabeça. Já estão a ver o género: daqueles dias em que o comboio vai tão apinhado que é impossível conseguirmos um lugar sentado, depois a alça da nossa mala de quinhentos euros fica presa nos torniquetes e rasga-se e, como se isso não bastasse, começa a chover a potes a meros cinquenta metros de chegarmos a casa. Bom, multipliquem isso por mil e já ficam com uma ideia do meu dia. A única diferença é que, na vida que os anúncios televisivos retratam, a mulher entra em casa e um borracho tipo McDreamy da série *Anatomia de Grey* estende-lhe um copo de vinho e já lhe preparou um banho de espuma, acendeu a lareira e adiantou o jantar; tudo para que ela tenha tempo para descontraír. No meu caso, as luzes nem sequer estavam acesas quando por fim entrei em casa: tão fria que as flores velhas mergulhadas na água rançosa estavam hirtas, praticamente em sentido, e o que restava do café do meu pequeno-almoço tinha coagulado ou então estava congelado. Despi a gabardina encharcada antes que ficasse enregelada, chutei os sapatos e desatei a chorar. Estava farta da vida; pelo menos, do tipo de vida que levava naquele momento.

Em teoria, porém, era uma privilegiada, tinha tudo. Psicóloga, com um consultório próprio, tivera ainda a imensa sorte de conseguir um emprego, o que significava que estava ligada a um grande hospital particular no qual dava consultas dois dias por semana. Ou seja, tinha um rendimento garantido – e o hospital pagava muito bem – e, para além disso, era patroa de mim mesma. Sim, é um facto que no hospital tinha oportunidade de conhecer muitos homens solteiros, contudo, nunca passámos da fase dos cumprimentos com acenos de cabeça. Mesmo os colegas que encaminhavam doentes para mim



faziam-no por telefone ou por *e-mail*, pois nunca pareciam estar disponíveis ao mesmo tempo que eu. Para além disso, o meu trabalho era muito intenso e sem um horário definido, porque muitos dos clientes preferiam consultas de manhã bem cedo ou ao final do dia, ou mesmo ao fim de semana. Isso implicava que não existiam pausas, almoços prolongados ou escapadelas para ir às compras quando a boa disposição me abandonava. E, uma vez que estava ainda a construir a clientela do meu consultório privado, quase não tinha vida fora do trabalho. Mesmo agora, só de pensar nisto, fico com vontade de ir a correr consultar um psicólogo.

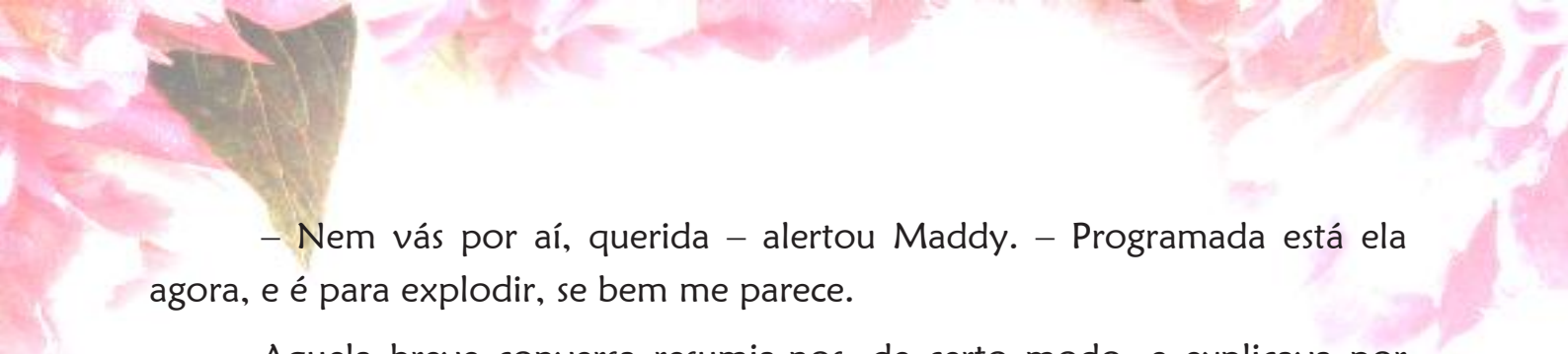
Depois de uma torrente de sms a queixar-me do mundo, apenas duas das minhas amigas mais chegadas vieram em meu auxílio, correndo ao chinês mais próximo para encomendar comida e ao minimercado da vizinhança para comprar duas garrafas do que quer que ainda houvesse no frigorífico.

Abertas as garrafas e servida a comida, tentaram ambas, sem êxito, perceber o que me consumia e fazia ferver por entre os longos suspiros e os impropérios que soltava. Tudo me irritava, por isso, durante os primeiros dez minutos, pouco disseram. No final, contudo, Maddy conseguiu proferir cinco palavras antes de eu explodir.

– Então, Lou, que se passa?

– O que se passa é que estou farta da minha vida. Estou farta de me levantar a meio da noite só para arranjar um lugar de estacionamento no centro de Dublin. Se tiver de ouvir mais uma mãe jovem e deslumbrante queixar-se de que o marido a irrita só porque se esquece de comprar abacates orgânicos e de vez em quando compra sumo de laranja concentrado, vomito. Estou farta de comer sanduíches plásticas e caríssimas a correr. Para além disso, nunca consigo tirar um dia de folga. Mesmo quando não vou trabalhar, fico em casa a adiantar o trabalho, a escrever notas. Passo a maior parte dos dias a ouvir as lamentações de gajas ricas, uma atrás de outra, e no fim do dia, já tarde, regresso a uma casa gélida e vazia, como de um tabuleiro de alumínio e caio na cama. E, no dia seguinte, repete-se tudo.

– Bom, podes sempre programar o aquecimento – fez notar Clodagh, sempre tão prática, com um sorriso. – Na verdade...



– Nem vás por aí, querida – alertou Maddy. – Programada está ela agora, e é para explodir, se bem me parece.

Aquela breve conversa resumia-nos, de certo modo, e explicava por que motivo funcionávamos tão bem enquanto trio. Clodagh era a mais prática das três; sempre presente, permanentemente calma e muito sensata. Maddy era a artística. A maior parte do tempo tinha a cabeça nas nuvens, mas estava sempre pronta para tudo e nunca deixava de me fazer rir.

Eu encontrava-me algures no meio. Não sendo tão sensata ou organizada quanto Clodagh, faltava-me a coragem que Maddy tinha para agarrar a vida pelos tomates.

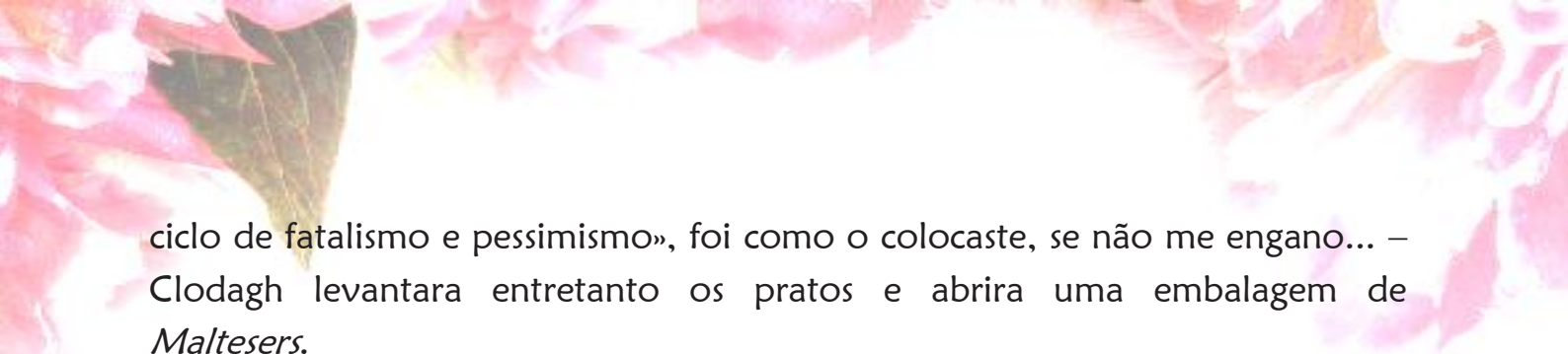
Sem Maddy, suponho que, por esta altura, Clodagh e eu estaríamos transformadas em duas velhinhas sentadas em cadeiras de balouço e, no meu caso não seria por escolha, mas porque estaria demasiado stressada e cansada para me esforçar. Dito de uma forma mais simples, Maddy era o único elemento de diversão e loucura na minha vida e Clodagh erguia-me e amparava-me quando eu desabava.

– Vá – instou então Maddy, sorrindo-me –, deixa sair tudo. Que mais detestas?

– Detesto que todo o meu dinheiro seja gasto a tentar parecer mais jovem do que sou, que toda a gente do mundo pareça ter uma cara-metade e que eu, sabe-se lá como, tenha acabado a fazer um trabalho que parece exigir como única competência perguntar, «e como se sente em relação a isso?» Para ser franca, cheguei a um ponto em que, a maior parte do tempo, estou-me nas tintas para tudo.

– Ei, espera lá... És bem paga e respeitada pelos teus pares. É grande parte dos teus clientes, na verdade, são homens, ou já te esqueceste? – perguntou Maddy num tom animado. – Para além disso, tiveste aquele artigo fabuloso na *Indo* e há umas semanas foste fotografada naquela festa enorme com... como é o nome dele... aquele cantor? E o teu trabalho sempre foi uma fonte de satisfação para ti. Para mim, por exemplo, é uma fonte de mensagens insultuosas.

– É verdade. – Clodagh esboçou um sorriso. – Aqui há dias até me fizeste um discurso todo inflamado, lembraste? Incitavas-me a... «libertar do



ciclo de fatalismo e pessimismo», foi como o colocaste, se não me engano... – Clodagh levantara entretanto os pratos e abriu uma embalagem de *Maltesers*.

– Então, como é que, de repente, a banda sonora da tua vida é «I can't get no satisfaction» – cantou Maddy desafinadamente enquanto fingia tocar guitarra numa tentativa de me fazer rir.

– Não faço ideia. A minha vida parece já não estar a resultar, mas penso que só há pouco tempo comecei a reparar nisso. Estou sempre stressada e as pessoas estão todas muito agressivas, já repararam?

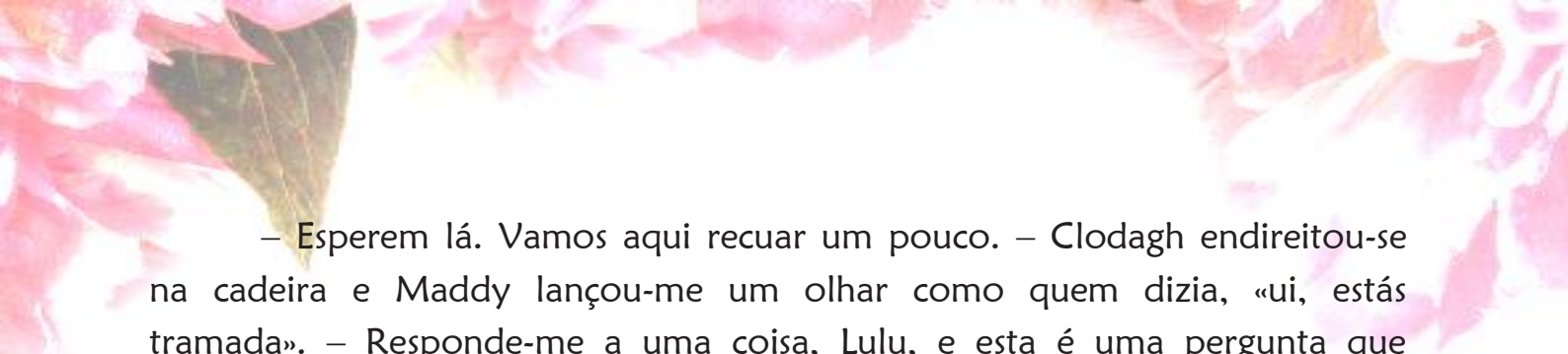
– Bom...

– Ainda hoje uma idosa espetou o carrinho das compras nas minhas costas quando eu estava a escolher um *panini* e depois ainda teve o desplante de abanar a cabeça como se tivesse sido eu quem causara o problema.

– Podes crer, os reformados são os piores – concordou Clodagh. – À quinta-feira, quando as pessoas acima dos sessenta e cinco anos têm direito a desconto, nunca me aproximo sequer das lojas de bricolage. Estão sempre aborrecidas com qualquer coisa e agem como se tivessem raiva de nós, só porque ainda temos os dentes todos.

– E nem me falem das constantes obras nas ruas... – Ignorei Clodagh porque não queria que ninguém se intrometesse nos meus lamentos. Na verdade, por aquela altura, elas já tinham feito um pacto tácito de apenas acenarem com a cabeça, suspeito, pois deixaram-me continuar a arengar durante uma eternidade.

– *Okay*, Lou, já percebemos – disse Maddy às tantas, acotovelando Clodagh, que se esforçava ao máximo por manter-se acordada. – Sim, é verdade que pareces despender imenso tempo e energia a tentar ajudar pessoas tão obcecadas com elas mesmas que fazem a Victoria Beckham parecer despreocupada. Mas olha, já não é a primeira vez que temos esta conversa, pois não? E é sempre a mesma coisa: na hora H não queres abandonar a tua carreira bem remunerada e o teu apartamento deslumbrante e a tua vida, basicamente. E quem poderá censurarte? Eu não, pelo menos, uma atriz que passa o tempo a exceder o saldo do cartão de crédito.



– Esperem lá. Vamos aqui recuar um pouco. – Clodagh endireitou-se na cadeira e Maddy lançou-me um olhar como quem dizia, «ui, estás tramada». – Responde-me a uma coisa, Lulu, e esta é uma pergunta que costumavas evitar quando temos estas conversas, que trabalho gostarias de fazer, se te fosse dado a escolher?

– Não faço a mínima ideia. É esse também o problema.– Fiquei deprimida só de pensar nisso.

– Esperem, esperem, eu acho que sei. – Maddy pulou da cadeira onde estava sentada. – E é tão óbvio que nem acredito que uma de nós não te tenha já feito pensar a sério sobre isso. – Agarrou numa fotografia que estava em cima da lareira: um instantâneo amarrado a preto e branco do primeiro cão que tive e estendeu-ma. – Trabalharias com criaturas de quatro patas ao invés de com monstros de duas. – Agachou-se ao meu lado. – Olha-me nos olhos e diz-me que desde que perdeste esse rafeiro horroroso que, no fundo, não desejas ter um trabalho que envolva ajudar animais.

– É provável – murmurei.

– Mas não chegaste a considerar a hipótese em determinada altura? Depois da faculdade até fizeste aquele curso de três anos sobre comportamento animal.

Clodagh abanou a cabeça para Maddy.

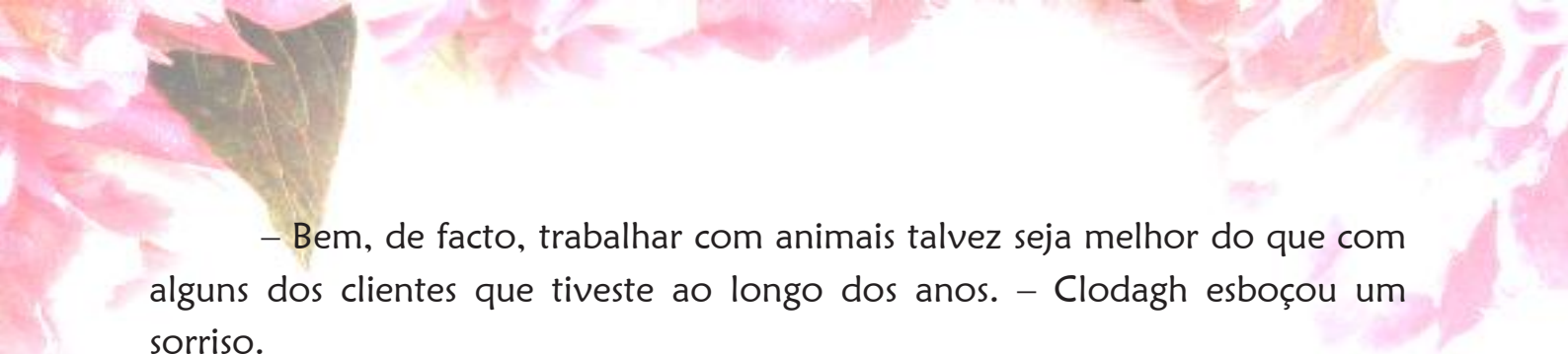
– Não, não creio que seja isso.

– É, sim, juro. O que se passa é que ela sempre foi demasiado sensata, sempre se preocupou de mais com o que as pessoas pensam. A sério, Clodagh. Estou certa, não estou? – fez-me uma careta.

– É provável – voltei a murmurar, sabendo que ela acertara mesmo na *mouche*.

– É claro que estou. Não percebo como nunca antes te questioneei em relação a isso. Bastou ver essa fotografia, tão deslocada no teu apartamento todo elegante, que me fez lembrar disto. Porque só agora reparei na fotografia?

– Costuma estar no meu quarto – confessei.



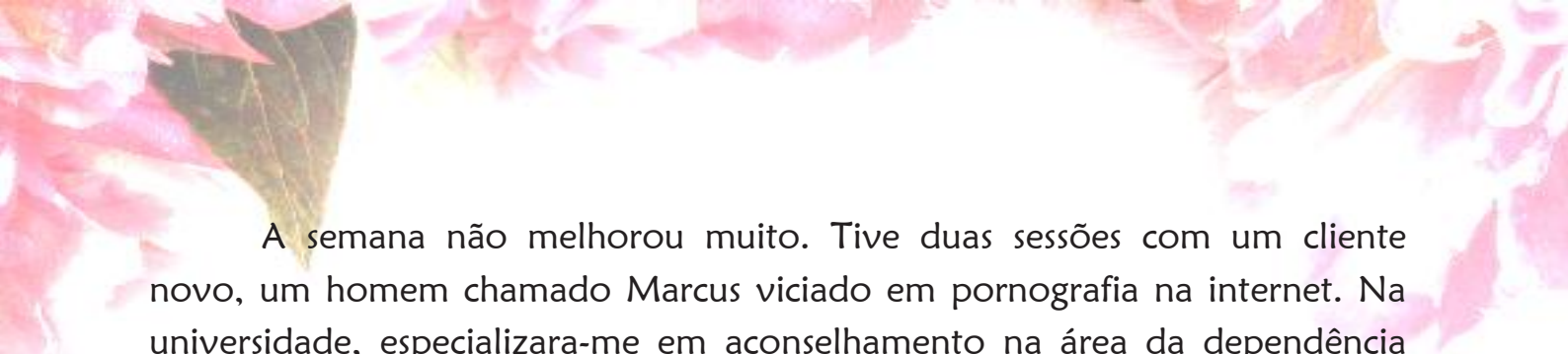
– Bem, de facto, trabalhar com animais talvez seja melhor do que com alguns dos clientes que tiveste ao longo dos anos. – Clodagh esboçou um sorriso.

– Nem mais. – Maddy estava lançada. – Ricaços doidos, a maioria deles. Ora bem, quem é a favor de mais um copo enquanto analisamos as hipóteses de um animal nos dar com os pés por comparação com as de um humano?

Como de costume, não chegámos a lado nenhum e, por fim, elas foram embora, mas não antes de me obrigarem a prometer que pelo menos analisaria a minha vida. Estava tão irritada por saber que Maddy no fundo tinha razão que até me esqueci de contribuir para o jantar. Às onze horas já estava deitada com o termóstato do cobertor elétrico regulado para «queimar» e, claro, o culminar daquele dia perfeito foi adormecer e esquecer-me de o desligar. Acordei às três e meia da manhã, alagada no meu próprio suor.

Na manhã seguinte estava resolvida a erguer-me e a arregaçar as mangas e essa treta toda. No entanto, tal estava a tornar-se mais difícil. Até mesmo eu, a rainha da recuperação, reparei que demorava mais tempo que o habitual a recobrar a energia. Ainda assim, consolei-me afirmando que dias como o anterior não eram muito frequentes, portanto, calcei uns sapatos de salto alto de verniz para animar o dia e fui trabalhar. Doze horas mais tarde encontrava-me comatosa no sofá, a tossir e a espirrar e a telefonar a toda a gente que me lembrava com o objetivo de me queixar.

Maddy estava em Londres naquele dia, a dar voz a um anúncio, Clodagh, provavelmente, encontrava-se no ginásio a queimar os excessos da noite anterior, e à minha irmã é que eu não ligaria, em primeiro lugar, porque se parecia com um modelo e me escutaria durante uns dez segundos antes de começar a contar-me todas as coisas boas que estavam a acontecer na vida dela. Becky era uma espécie de pedra no sapato para mim, para ser sincera. Era tudo o que eu queria ser e isso, por vezes, irritava-me e deixava-me ressentida. Fosse como fosse, por aquela altura, até eu já estava farta de mim mesma, portanto, fui-me deitar cedo de novo com uma dose de paracetamol suficiente para matar uma vaca, e sonhei que tinha vida.



A semana não melhorou muito. Tive duas sessões com um cliente novo, um homem chamado Marcus viciado em pornografia na internet. Na universidade, especializara-me em aconselhamento na área da dependência sexual, por isso uma grande parte do meu trabalho era nesta área. Teoricamente, Marcus tinha tudo o que um homem podia querer: uma mulher que era um borracho digno das páginas centrais de uma revista erótica, duas filhas gémeas de cinco anos com o aspeto de anjos, uma habitação própria e duas casas de férias, na Irlanda e em Portugal. E montes de dinheiro, boa porção do qual gasto a descarregar imagens de vários sítios da internet e a masturbar-se enquanto a mulher e as filhas dormiam no piso de cima. Depois de quase ter sido apanhado por duas vezes, uma delas por uma das filhas, recorreu a mim em busca de ajuda. Ah, eu referi que Marcus tinha um metro e oitenta e dois, era muito bem-parecido e um dos homens mais egocêntricos que alguma vez encontrara?

– Então, porque está aqui, se, a seu ver, não está a fazer nada de errado? – perguntei pela terceira vez.

– Julgo que talvez tenha a ver com a forma como as pessoas podem encarar isto... – Tinha um ar amuado, rabugento.

– Quem, por exemplo?

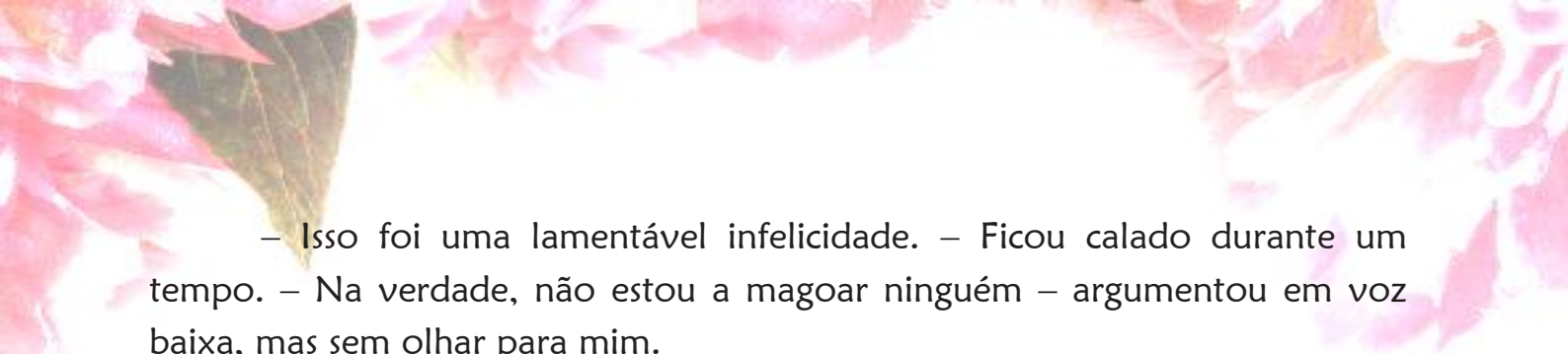
– Sei lá, um colega do trabalho, a minha mãe. Está a tornar-se cada vez mais difícil esconder isto.

– E a sua mulher? Dizia-me que ela não faz ideia...

Marcus encolheu os ombros.

– A minha mulher é feliz, e porque não haveria de ser? Tem tudo o que quer. Passa as férias de verão e as férias escolares e os fins de semana prolongados ao sol com as amigas e os miúdos, enquanto os maridos trabalham para ganhar a massa, portanto, não passa muito tempo em casa.

– Não me parece que seja essa a questão, pois não? Ela podia estar, e estará presente, em casa. E o incidente com a sua filha, que quase o apanhou em flagrante...



– Isso foi uma lamentável infelicidade. – Ficou calado durante um tempo. – Na verdade, não estou a magoar ninguém – argumentou em voz baixa, mas sem olhar para mim.

– Seria capaz de parar, se quisesse? – perguntei-lhe por fim, diretamente.

– Sim, é claro que seria.

– E quer fazê-lo?

– Não tenho a certeza.

– E por que motivo consideraria parar?

– Creio que... não sei, talvez porque não ache que seja normal uma pessoa querer trancar-se num quarto à noite e masturbar-se enquanto assiste a pornografia num ecrã.

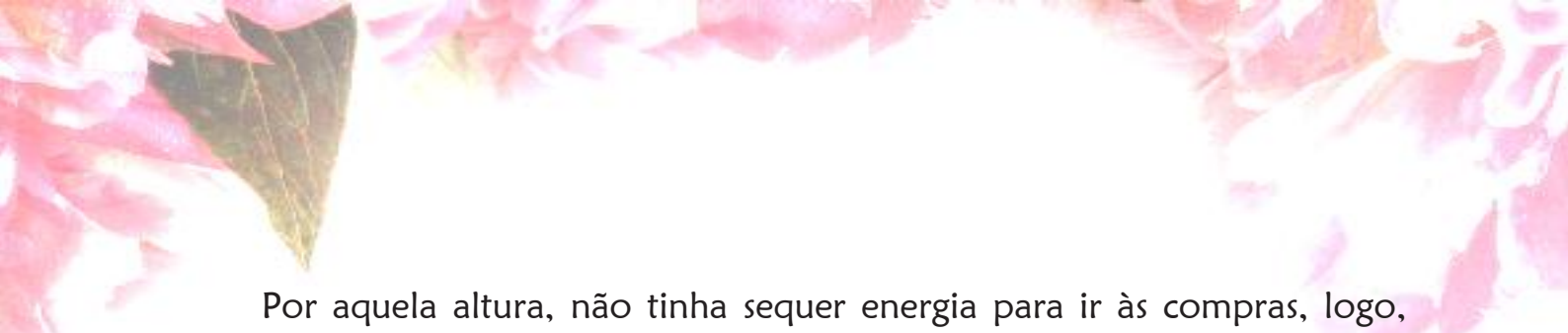
– Então, com se sente quando o faz?

– Primeiro excitado, por causa da antecipação. E do risco. Depois, durante um bocado, a sensação é espetacular, mas a seguir já não é assim tão boa... – Não continuou. Não queria pensar na vergonha que sem dúvida se apoderava dele de seguida.

Conversámos durante mais um tempo. Não iria ser fácil para Marcus. Casos como o dele poucas vezes eram simples e, para além disso, eu não estava muito convencida que ele estivesse preparado para lidar com o assunto. Na verdade, penso que o que ele procurava era alguém que lhe dissesse que não havia problema nenhum, que estava tudo bem.

Foi um dia muito preenchido e quando cheguei a casa, a tiritar, o maldito micróbio apoderara-se por fim de mim. Estava duplamente aborrecida porque a meio do dia decidira que não suportaria ficar outra noite em casa sozinha e combinara ir com Clodagh ao cinema. Contudo, sentia-me tão exausta que acabei por ter de cancelar, o que me deprimiu ainda mais. Em defesa dela, diga-se que me enviou um sms a oferecer-se para me fazer companhia e cuidar de mim com batatas fritas, gelado e *Lemsip*¹, mas acabei por chegar à conclusão de que seria mesmo melhor ficar sozinha.

¹ Marca de medicamento para gripes e constipações. (*N. da T.*)



Por aquela altura, não tinha sequer energia para ir às compras, logo, passei mais uma noite em casa na companhia de um milhão de canais televisivos, a maioria dos quais suportava por dez segundos antes de continuar a carregar no botão do comando.

Resolvi colocar em prática uma teoria que, segundo a minha avó, era tiro e queda, «alimentar a constipação, matar a febre à fome», e comi dois pacotes gigante de batata frita e outro de biscoitos de chocolate, bebi um generoso uísque quente com cravinho e limão – a cura irlandesa para as constipações – e desabei na cama, vestida, para ver um filme. Acordei às seis da manhã na mesma posição, gelada e ainda com o comando na mão. O meu hálito cheirava a queijo e cebola, a maquilhagem dos olhos, esborratada, chegava-me ao maxilar e o meu fato novo, acabado de vir da lavandaria, já só servia para pano do pó.

Tive um daqueles momentos horríveis ao dar-me conta de que queria desesperadamente enfiar-me debaixo do edredão e gritar e a seguir dormitar enquanto assistia a programas entediantes de televisão, com o meu *BlackBerry*, e tudo o resto que me mantivesse em contacto com o mundo exterior, no silêncio. Foi então que tive a certeza de que alguma coisa tinha de ceder. Todos os meses que passara a tentar dominar-me e recompor-me não haviam resultado em nada. Estava farta de fazer de conta que estava feliz, convencendo-me de que era uma sortuda enquanto me debatia até para me manter de pé. Alguma coisa tinha de mudar, e a mudança tinha de ser significativa o suficiente para me arrancar daquele enorme buraco negro em que me encontrava. Interrogava-me se seria capaz de empreendê-la.

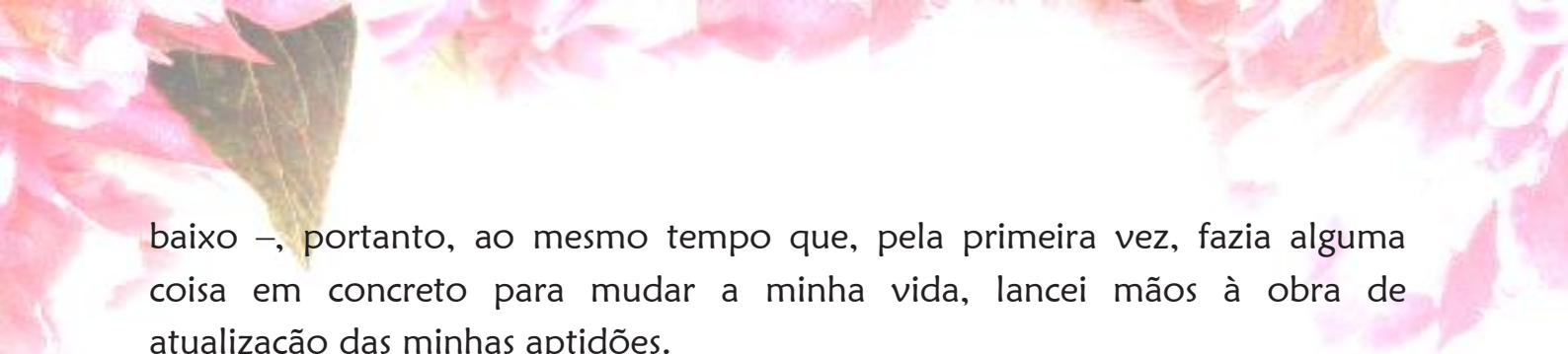


2

MAIS DOIS MESES DE EXAME PROFUNDO das minhas motivações, de táticas de evasão e de menos quatro quilos, perdidos a poder de preocupação e, no final, como muitas vezes acontece, operar a mudança revelou-se bem mais fácil do que pensar em fazê-la. E como Maddy tanto gostava de apregoar, assim que meto uma coisa na cabeça, não me fico por meias medidas. Elaborei um plano que envolvia vender a casa, livrar-me da tralha e mudar-me de armas e bagagens para um local mais pequeno e que exigisse menos manutenção, vender o carro e optar por um meio de transporte que me permitisse deslocar mais rapidamente e sem stresse, desembaraçar-me de todos os meus fatos pretos e, o ponto mais importante, encontrar um trabalho que não me fizesse acordar todas as manhãs sem vontade de me levantar.

Vender o carro iria ser mais difícil do que livrar-me da casa, dei-me conta, isto porque vivia praticamente no carro: almoçava dentro dele a maior parte dos dias, maquilhava-me nele quase todas as manhãs, era dele que fazia os meus telefonemas e chegara mesmo a mudar por completo de roupa no banco traseiro. Vendê-lo seria como perder um amante. Apesar disso, tal fazia parte do processo de mudança, por isso coloquei um anúncio na internet sem pensar mais no assunto. Uma das coisas boas em relação a toda esta experiência foi o facto de ter realizado uma boa maquia de dinheiro com a venda de roupas e objetos assinados por *designers* e, em resultado disso, acabei por me sentir muito mais leve.

Despachadas as tarefas mais pequenas do meu plano, restava apenas a maior e mais assustadora de todas as mudanças. Porém, não só estava decidida como também a conversa com Maddy e Clodagh naquela noite acabara por surtir o seu efeito – talvez porque, na altura, me sentia tão em



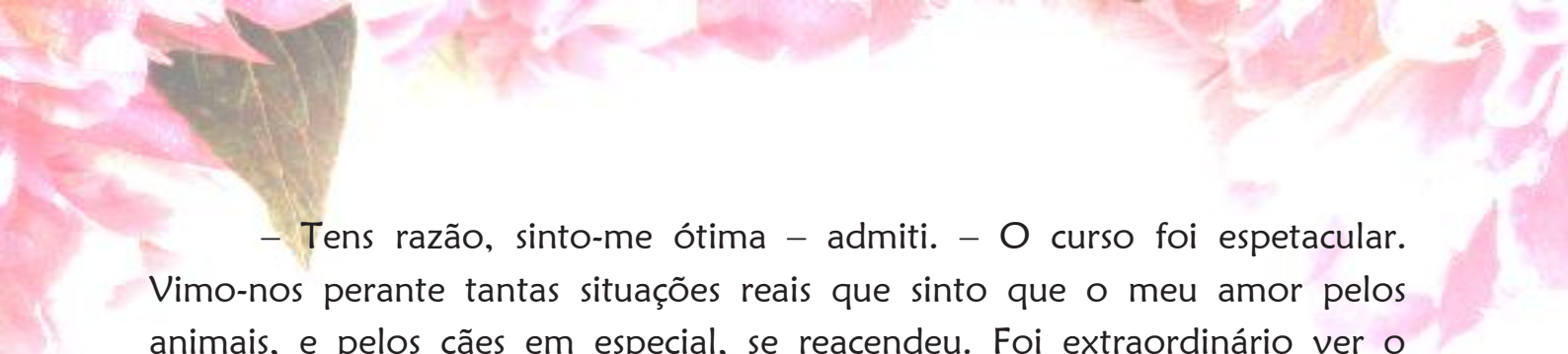
baixo –, portanto, ao mesmo tempo que, pela primeira vez, fazia alguma coisa em concreto para mudar a minha vida, lancei mãos à obra de atualização das minhas aptidões.

Como Clodagh tão bem me lembrara, tinha de facto formação na área do comportamento animal e, ao longo dos anos, fizera até mais alguns cursos para me manter atualizada e, principalmente, para escapar à intensidade da minha vida e não ficar louca com tudo o que passava os dias a ouvir.

Assim, enquanto avançava pela lista das grandes mudanças a operar, tirei umas férias e rumei a Londres para frequentar um curso com um perito americano que eu sempre admirara. Todos os anos organizava um colóquio sobre animais problemáticos combinado com um *workshop* intensivo no qual os participantes tinham a oportunidade de o ver em ação e até de ajudar. O professor apenas aceitava pessoas com qualificações reconhecidas, contudo, o curso já estava preenchido quando por fim consegui desembaraçar-me de todos os meus compromissos. A meu favor jogava o facto de conhecer o trabalho deste perito e ter lido todos os livros dele. Por *e-mail* supliquei aos organizadores que me incluíssem no curso e consegui que me pusessem em contacto com o assistente do professor Harrison. Depois de lhe ter explicado o quanto estava desesperada por mudar de vida, ele cedeu e colocou-me à cabeça da lista de espera. Quando me enviou um *e-mail* a dizer que uma pessoa desistira do curso, telefonei a Maddy e gritei de alegria, e depois fui a correr fazer a mala, sem sequer lhe ter perguntado como estava.

Estar imersa naquele mundo a tempo inteiro durante várias semanas foi tão animador e estimulante que quando, ainda em Londres, falei com Maddy ao telefone, ela disse que mal reconhecia a minha voz e ameaçou fechar-me o consultório na minha ausência, se eu não fizesse finalmente alguma coisa. Conhecendo-a como conhecia, sabia que ela era bem capaz de irromper pelo meu consultório adentro, anunciando a todos os meus clientes que eu não voltaria a dar consultas, de entregar os meus livros ao contabilista para que tratasse do fecho da empresa e de esconder todos os meus contactos e ficheiros.

– Estou a falar a sério – realçou ela quando, no meu regresso, me foi buscar ao aeroporto. – Há muito tempo que não te ouvia tão animada e nem penses que desta vez te vou largar.



– Tens razão, sinto-me ótima – admiti. – O curso foi espetacular. Vimo-nos perante tantas situações reais que sinto que o meu amor pelos animais, e pelos cães em especial, se reacendeu. Foi extraordinário ver o professor em ação. Aprendi imenso.

– E então? – perguntou Maddy.

– E então o quê?

– É desta vez que vais fazer alguma coisa e dar-nos por fim um pouco de paz e sossego?

– Creio que sim. – Soltei uma gargalhada e ela quase embateu num poste ao tentar dar-me um abraço ao mesmo tempo que conduzia.

Então, depois de um último ataque de dúvida sobre se teria coragem de ir em frente, percebi por fim que era naquele momento ou nunca. Com a ajuda de Maddy e Clodagh, que assumiu a forma de um milhão de «sim, és capaz» seguido de centenas de telefonemas ameaçadores, decidi finalmente arriscar tudo e optar por uma mudança total do meu estilo de vida. Com o objetivo de pôr em marcha o plano, limitei-me a colocar um anúncio na última página do *Irish Times*.

ENCONTROS A QUATRO PATAS

O seu Labrador sente-se sozinho?

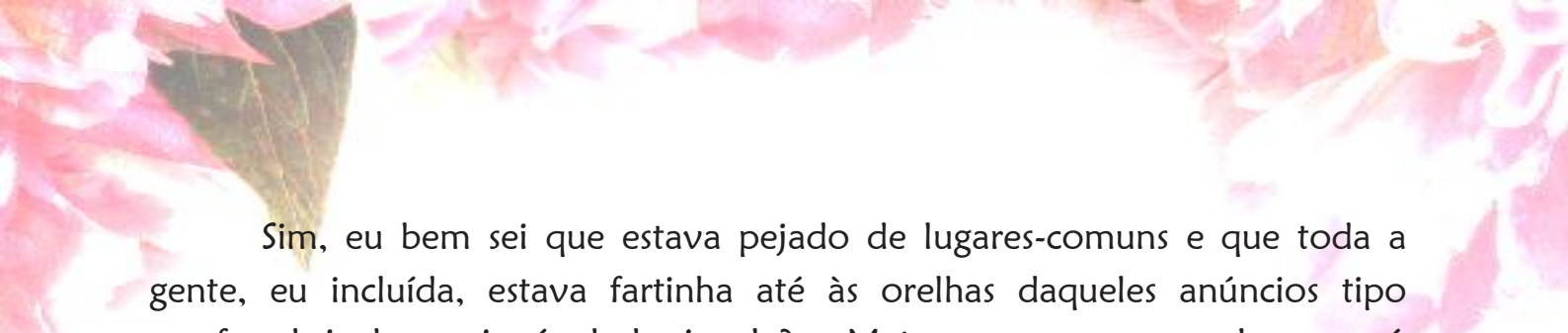
O seu Schnauzer anda amuado?

Talvez o seu Westie se lamurie todo o dia?

Vá, traga-o a um encontro a quatro patas na próxima quinta-feira e nós pomos a trela nos seus problemas caninos!

Ligue 088 – 222 333 444

Quem sabe? Talvez seja também o *seu* dia de sorte!



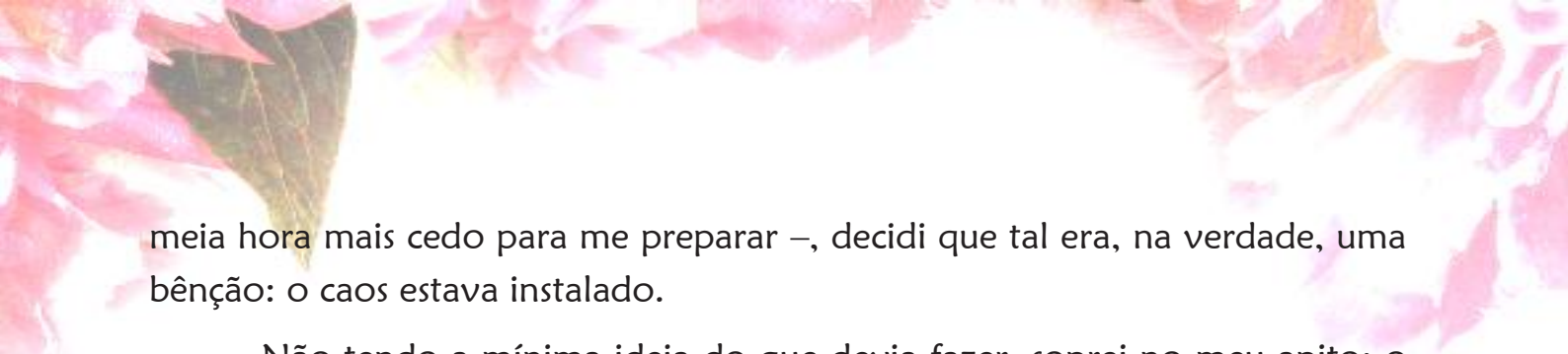
Sim, eu bem sei que estava pejado de lugares-comuns e que toda a gente, eu incluída, estava fartinha até às orelhas daqueles anúncios tipo «prefere brioche ao invés de beringela?», «Matava por um caramelo, mas só tem carambola?», mas eu não sou uma pessoa criativa, por isso entreguei a tarefa a Maddy e aos seus amigos atores, todos lunáticos. E foram eles quem decidiu que aquele anúncio seria um êxito.

– Vão chover telefonemas, aposto! – Clodagh riu como uma perda quando viu o anúncio e, acreditem ou não – e ninguém ficou mais surpreendido do que eu –, estava certa. *Okay*, foram maioritariamente de mulheres hesitantes e de homossexuais deslumbrados, mas, lá diz o ditado, quem aceita não escolhe. Muitas das mulheres soaram-me desesperadas e demorei algum tempo a perceber, todavia, quando a terceira pessoa seguida do sexo feminino me ligou a perguntar onde podia comprar um cão a tempo do encontro de quinta-feira, comecei a juntar dois mais dois, mas dei a todos o número do abrigo local de animais.

A frase de remate, que Maddy apenas acrescentara no último minuto em jeito de piada, obviamente fizera toda a diferença. Às tantas, telefonaram-me do pouco conhecido abrigo para animais da minha zona, o Cachorros e Tarecos em Perigo, a pedir que parasse de dar o número deles. Suspeito que os voluntários já não estavam a gostar da brincadeira.

Curioso, mas até lidar com *donos* de cães melhorava o meu estado de espírito. A mera possibilidade de poder ganhar a vida usando os meus talentos como terapeuta para ajudar animais, colocava-me um sorriso nos lábios. E, ao menos, nunca mais teria de lidar com mais nenhum caso de dependência sexual. Só ao distanciar-me me dera conta de como tudo aquilo se tornara demasiado opressivo. Estava na altura de me voltar a divertir depois de anos a «portar-me condignamente» e de dias sem fim a prestar atenção ao que dizia.

O único senão no futuro radioso que me esperava era o facto de não ter um cão. E não fazer tentações de arranjar um, pelo menos depois do que acontecera da última vez. Continuava sem conseguir pensar no meu querido *Gnasher*, retratado naquela velha foto, sem derramar umas lágrimas. No entanto, assim que cheguei ao parque de estacionamento da igreja local –



meia hora mais cedo para me preparar –, decidi que tal era, na verdade, uma bênção: o caos estava instalado.

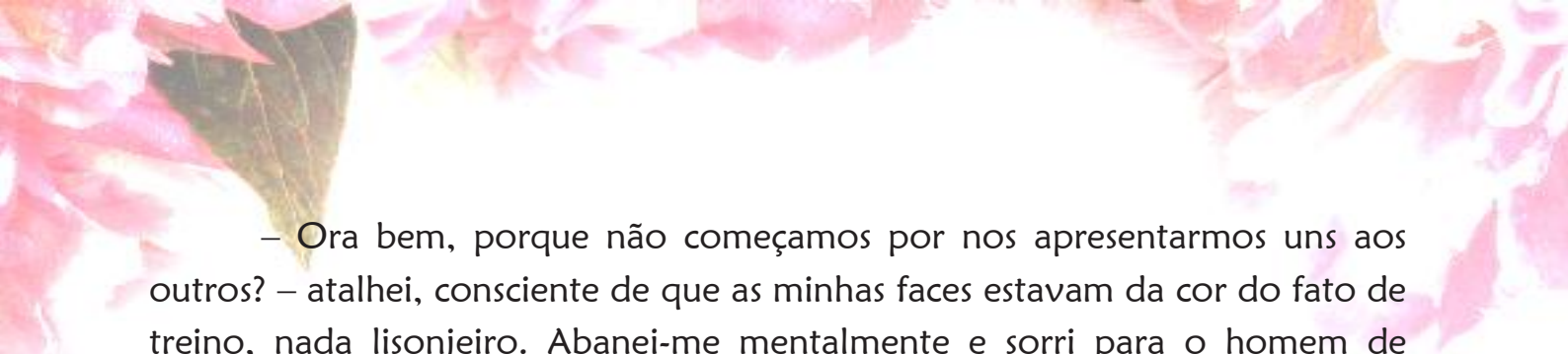
Não tendo a mínima ideia do que devia fazer, soprei no meu apito: o que trazia na mala ao lado da lata de gás pimenta para o caso de ser atacada alguma noite a caminho de casa. Pois, sim, isso é que era bom, costumava dizer a minha irmã Becky. Claro que, para ela, era fácil falar. Os homens estavam sempre a meter-se com ela, sobretudo por ser loura e «desembaraçada», em todos os sentidos da palavra. Em termos de aparência e modo de ser, era a imagem chapada da minha mãe, ou Martha, como insistia que lhe chamássemos.

Para meu espanto, o assobio resultou. De repente, era como se quarenta pares de olhos estivessem cravados em mim e, se contássemos com os cães, eram mesmo quarenta.

– Olá a todos. – Clareei a garganta e guardei o apito no bolso do fato de treino, em veludo cor de rosa e comprado numa tentativa de por fim me ver livre da imagem severa de terapeuta. – Então, sejam bem-vindos – prossegui, sorrindo de orelha a orelha e ensaiando o que esperava ser a minha voz amistosa. – O meu nome é Louisa, só a minha mãe me trata por Louisa e sou a vossa... – Fiquei sem palavras. – Bem, digamos apenas que sou a vossa encantadora de cães. – Esbocei um pequeno sorriso nervoso, mas ninguém reagiu. – A propósito, toda a gente me trata por Lulu – gaguejei, tentando ultrapassar a piada seca. Maddy e eu tínhamos decidido que era a versão do meu nome mais «amiga dos animais», e eu, muito sinceramente, necessitava de toda a ajuda que conseguisse.

Na verdade, o que Maddy dissera fora que o nome Lulu a fazia lembrar um Chihuahua. A minha reação imediata tornou bem claro que não encarara o comentário como um elogio.

Por aquela altura, tinha a cara a arder, por isso tratei de imediato de pôr um ponto final na minha tática. Uma coisa que percebia com toda a clareza era quando os meus intentos não estavam a ter o efeito pretendido. Era raro acontecer, pois, de uma forma geral, nunca perdia o controlo, todavia, quando tal sucedia, o problema era estar a esforçar-me em demasia.



– Ora bem, porque não começamos por nos apresentarmos uns aos outros? – atalhei, consciente de que as minhas faces estavam da cor do fato de treino, nada lisonjeiro. Abanei-me mentalmente e sorri para o homem de trinta e poucos anos acompanhado de um Labrador branco. Era giro, decidi. Pena era o fato de risquinha e a gravata cheia de cães estampados: daqueles com o barril ao pescoço. Era tão amarela que mais parecia um Van Gogh mal pintado.

– O meu nome é Ronan e estou aqui em nome da minha avó. O cão dela, o *Deputy*, está a ficar demasiado apegado a mim. – Tentou expulsar o rafeiro obeso esparramado a ressonar em cima dos pés dele. – A noite passada rosnou à minha mãe e não queria deixá-la entrar em minha casa. Uma chatice, uma vez que ela ia levar-me a roupa engomada. – As outras mulheres olhavam-no como se não se importassem nem um pouco de lhe engomar a roupa mas, pessoalmente, eu não conseguia ver para além do formalismo dele. Tinha um ar tão rígido e solene que, ao lado dele, o príncipe Carlos parecia descuidado.

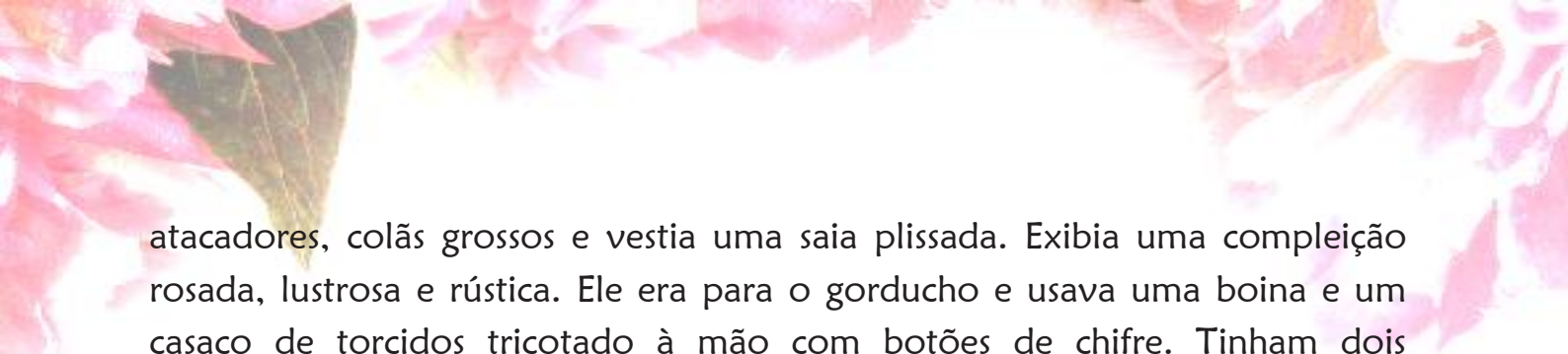
– A minha avó, Myrtle, está a ficar velhota, por isso sou eu que o levo a passear e essas coisas – explicou ele. – E agora ele deu em fugir de casa, a da minha avó, e aparece-me à porta a toda hora, a pedir para entrar.

Lancei-lhe um dos meus sorrisos como quem queria dizer «já chega». Este tipo era demasiado intenso e um pouco obcecado a mais para o meu gosto.

– Certo. Bom, podemos sem dúvida trabalhar essa... atração fatal. – Esbocei um sorriso encorajador, muito embora não fizesse a mínima ideia de como iria convencer o *Deputy* a preferir machos de quatro patas.

– Ora bem, quem quer ser o próximo a confessar-se? – perguntei num tom adulator, esperava eu. Há vários dias que o ensaiava; desde que a minha irmã me dissera, mais uma vez, que o que eu precisava era de descontrair, de ser menos rígida.

Seguiu-se um casal de idosos, Doreen e Arthur, muito ternurento e metódico. Era capaz de apostar que tinham um jardim frente à casa repleto de canteiros de *alyssums* brancos e de lobélias azuis. Adoraria tê-los como pais. Eram pessoas muito simpáticas e simples. Ela calçava sapatos rasos de



atacadores, colãs grossos e vestia uma saia plissada. Exibia uma compleição rosada, lustrosa e rústica. Ele era para o gorducho e usava uma boina e um casaco de torcidos tricotado à mão com botões de chifre. Tinham dois Westies de aspeto pachorrento. Deviam era ter-se inscrito num curso de emagrecimento; os cães, claro, não a Doreen e o Arthur. Pelo que percebi, chamavam-se *Syd* e *Vicious*, mas os donos nunca tinham ouvido falar dos Sex Pistols. *Syd* tinha ascendência australiana e o outro West Highland White Terrier não era a mais sociável das criaturas, segundo a Doreen, que explicou que, por causa dele, já não tinham amigos.

Enquanto os escutava a falar sobre a vida deles, sorrindo um para o outro de mãos dadas, o meu pensamento vagueou e centrou-se na minha própria família, em especial na minha mãe. Martha não era uma pessoa que se pudesse apelidar de convencional. Até Maddy, que aceita toda a gente pelo que é, a achava estranha.

– A minha mãe tem-se na conta de boémia, de espírito livre – expliquei a Maddy e a Clodagh quando elas a conheceram pela primeira vez.

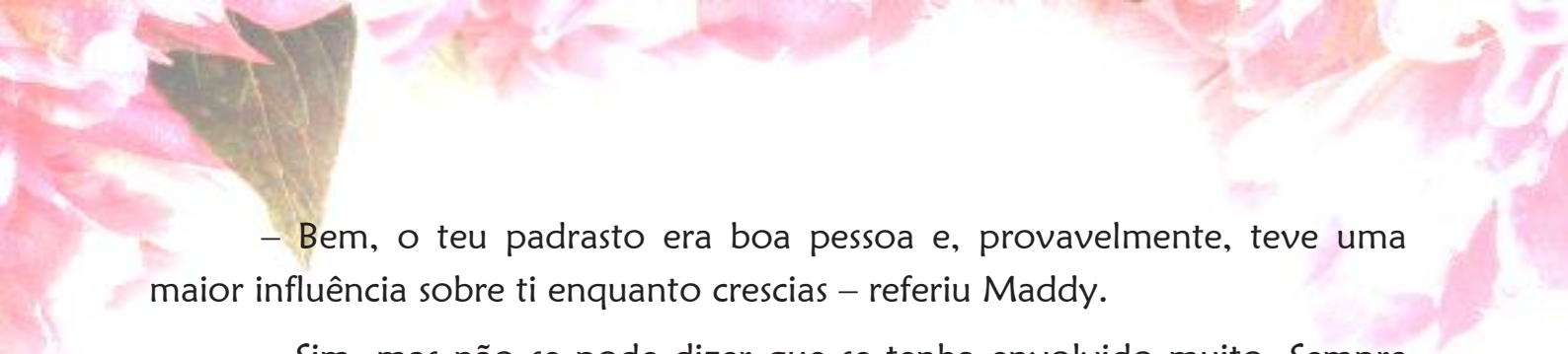
– Lamento, Lou – Clodagh fez uma careta –, mas descrever a tua mãe como boémia é um insulto aos *hippies* de todo o mundo.

– Se tivesse sido eu a fazer essa crítica, tê-la-ias encarado com algum ceticismo – argumentou Maddy com um sorriso. – Mas vinda da Clodagh – assobiou em jeito de comentário –, bom, acho que não há mais nada a dizer. A tua mãe é passada.

– Pode muito bem ser passada, mas foi extremamente dura comigo em criança. Passei a vida a tentar adaptar-me, a viver segundo os padrões dela. Será de admirar que seja tão formal e rígida?

– Como era o teu pai? – perguntou Clodagh.

– Na verdade, não faço ideia. – Não era um assunto que discutisse com facilidade. Os meus pais tinham-se divorciado pouco depois de eu nascer e a minha mãe sempre deixara subentendido que o meu pai era um inútil, uma perda de tempo. Sempre que eu me portava mal, Martha castigava-me e deixava bem claro que, se não tivesse cuidado, acabaria igual a ele; em resultado, esforcei-me muito mais que qualquer outra miúda da minha idade e tentava sempre compensar a minha mãe.



– Bem, o teu padrasto era boa pessoa e, provavelmente, teve uma maior influência sobre ti enquanto crescias – referiu Maddy.

– Sim, mas não se pode dizer que se tenha envolvido muito. Sempre deixou a nossa educação nas mãos da Martha.

A verdade era que Ron bebia os ares pela minha mãe e mal acreditara na sua sorte quando ela aceitara casar com ele, portanto, muito embora fosse um homem de negócios de pulso forte, era um boneco nas mãos de Martha. Creio que Ron adorava o facto de a minha mãe parecer avançar pela vida à espera de ser levada em conta por toda a gente e, obviamente, que era. Suponho que o nascimento de Becky, pouco tempo depois de terem casado, fez com que sempre me tenha sentido uma intrusa, muito embora Ron nunca tenha feito distinções e me tenha tratado sempre como filha. Todavia, o certo é que eu não era mesmo filha dele e Becky era, e para mim isso era muito importante, em particular porque a minha mãe parecia determinada em manter-me sob rédea mais curta que Becky, a quem tudo era perdoado, por ser a mais nova, suspeito.

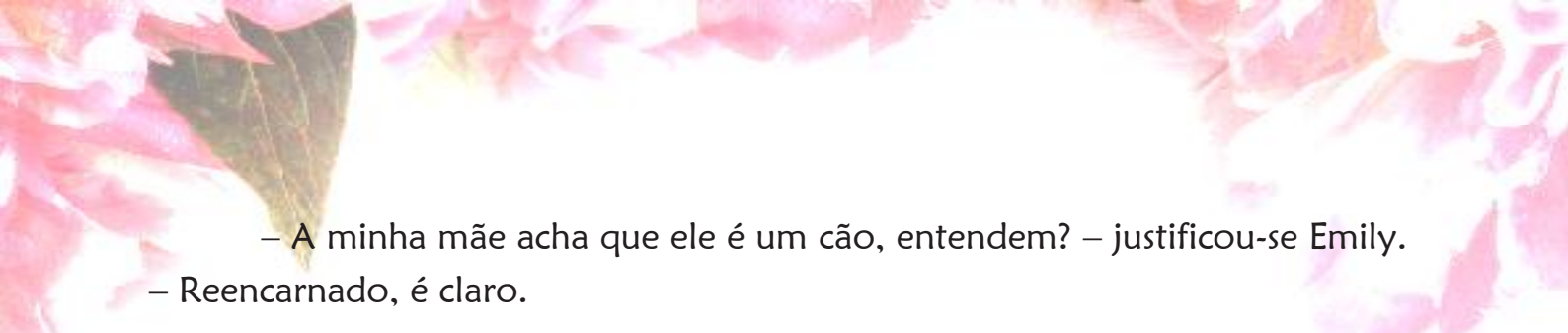
De repente, dei-me conta de que Doreen e Arthur tinham terminado a sua apresentação e de que não ouvira uma só palavra do que eles haviam dito, portanto, sorri para a jovem mulher ao lado deles.

Bonita, de olhos claros e com perto de trinta anos, disse que o seu nome era Emily e eu decidi de imediato que simpatizava com ela. Trazia um gato numa bolsa de transporte, o que explicava o motivo por que os Westies estavam sentados em cima das botas dela, olhando para cima como se estivessem à espera do jantar.

– Também tem um cão? – inquiri num tom esperançoso. Aquele gato não iria durar muito tempo ali.

– Não, detesto cães – respondeu ela sem hesitações. – Na verdade, aqui o *Rover* é da minha mãe – explicou ela com um sorriso.

Rover? Toda a gente a fitou, mas ninguém se atreveu a perguntar. Olharam-me então expectantemente. «Vá, tu é que mandas aqui», pareciam desafiar-me os olhares deles.



– A minha mãe acha que ele é um cão, entendem? – justificou-se Emily.
– Reencarnado, é claro.

– Pois, claro. – Tentei fazer um ar de quem estava habituada àquele tipo de história.

Emily prosseguiu:

– O meu pai foi morto por um camião de transporte de produtos orgânicos enquanto passeava o *Rover*, o original, que era mesmo um cão, acreditem, eu passei a vida a manter-me afastada dele. Bom, mas o cão fugiu e, desde então, nunca mais foi visto. Este *Rover* apareceu no nosso quintal nessa mesma noite, a suplicar que o deixássemos entrar. A minha mãe está convencida de que ele é o *Rover*, o cão, agora reencarnado sob a forma de gato, enviado pelo meu pai para lhe fazer companhia. – Por esta altura, Emily tinha já um ar muito angustiado e um dos Westies começou a rressonar, algo que também a mim já me apetecia.

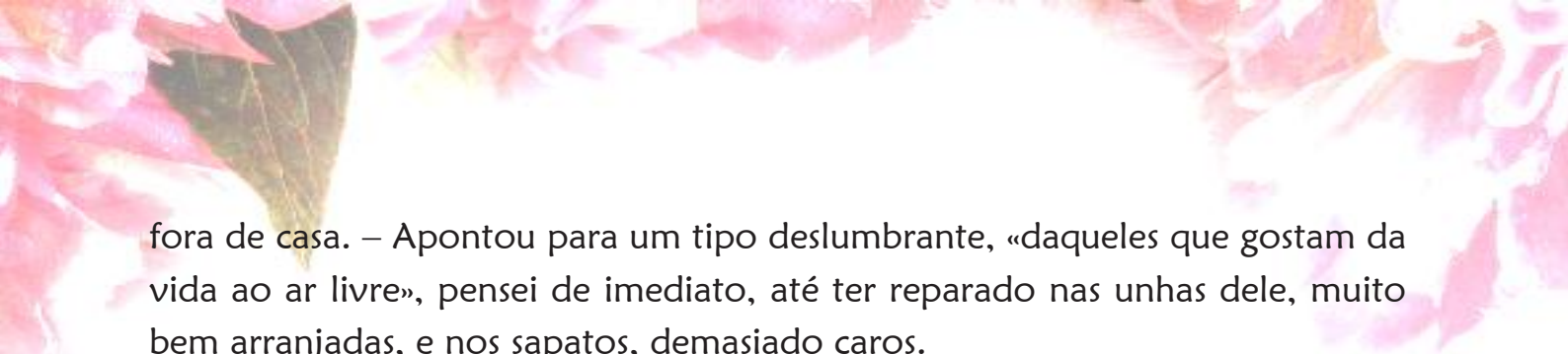
Nenhum dos presentes se riu, honra lhes seja feita.

– Mas porque não teria o seu pai enviado simplesmente outro cão, se é que enviou mesmo o *Rover*? – perguntou uma voz muito afetada. Pertencia a Gay Godfrey – a alcunha fui eu que lha dei; segundo Maddy, dar o nome de um animal de estimação a cada um deles ajudar-me-ia a descontraír. Porque será que os *gays* gostam tanto de pormenores?

– Porque a minha mãe, na verdade, sempre teve medo de cães, mas adora gatos. – Eu começava a sentir o início de uma enxaqueca. – E agora jura a pés juntos que este é o *Rover* reencarnado, por isso está feliz. O único problema é que tem tentado ensinar-lhe a ir buscar a bola, mas ele recusa-se a mexer. É por isso que estou aqui. Lamento. – Parecia perceber, só de olhar para nós, que todos achávamos que ela tinha um parafuso a menos.

– Não, não peça desculpa, é... fascinante, acho – disse eu num tom encorajador, esperava. – Já voltaremos a si. – Olhei de imediato em redor em busca de alguma normalidade.

– Olá. – Um homem com um ar muito constrangido estendeu a mão na minha direção e depois mudou de ideias. – Peço desculpa por termos chegado tarde. – Sorriu. – A verdade é que o Louis teve de me arrastar para



fora de casa. – Apontou para um tipo deslumbrante, «daqueles que gostam da vida ao ar livre», pensei de imediato, até ter reparado nas unhas dele, muito bem arranjadas, e nos sapatos, demasiado caros.

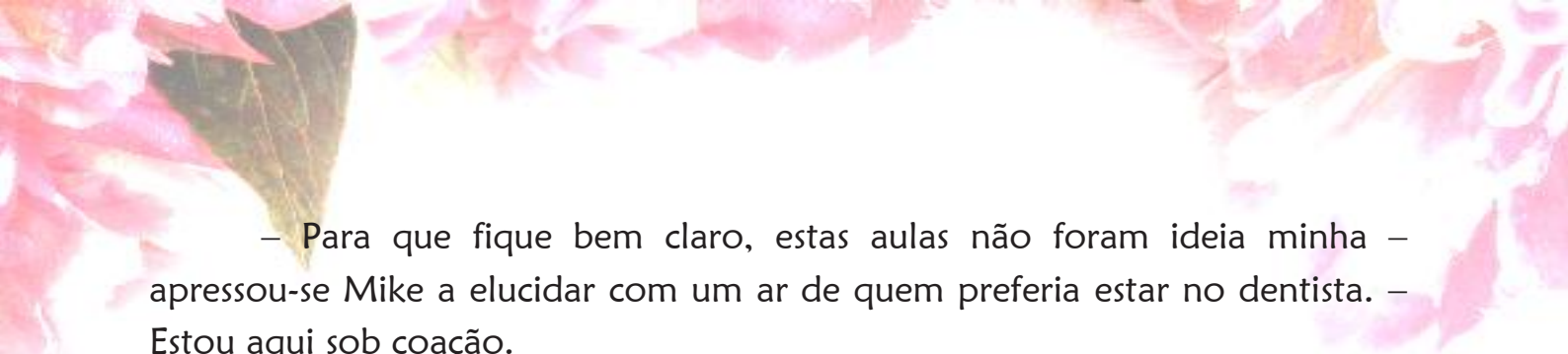
– Oi – cumprimentou Louis, sorrindo e revelando uns dentes tão brancos que ofuscavam. – Espero que não tenhamos perdido nada de muito interessante. – Acotovelou o companheiro e esboçou um sorriso tímido. – De facto, aqui o Mike estava um pouco... relutante.

«Mas por que carga de água é que os mais jeitosos têm todos de jogar no campo do inimigo», perguntei para os meus botões ao mesmo tempo que tentava não mostrar que perdera todo o interesse.

– Somos companheiros de apartamento – fez notar Mike sem que ninguém lhe tivesse perguntado nada. Toda a gente partira do princípio de que eram um casal assim que percebera que Louis era *gay*. Entretanto, deviam estar a preparar-se para perguntar o que queria dizer ao certo, «companheiros de apartamento», calculo.

– O meu namorado, Emerson, morreu há pouco tempo – explicou o jeitoso do Louis. – Esteve vários meses internado. O *Pedro* – apontou para o Collie junto a ele, dono do par de olhos mais tristes que eu jamais vira – era o cão do hospital e, quando o Em morreu, quase definhou de saudades. – Mordeu o lábio. – Não tive outra escolha a não ser levá-lo para casa comigo. Não parava de ganir e de perturbar os doentes, que já têm problemas de sobra, sinceramente. Resolvi então procurar uma pessoa para dividir o apartamento comigo, pois detesto passear cães. Fico cheio de calor e todo transpirado – explicou. – E é uma coisa que me aborrece de morte. Prefiro estar no ginásio a meter conversa com os instrutores junto ao dispensador das águas. – E não era com os instrutores do sexo feminino, infelizmente para nós, raparigas. O tipo era mesmo um borracho.

– Bom, o Mike acabara de regressar de Londres e precisava de arranjar com urgência um sítio onde morar e, por enquanto, a coisa tem resultado. – Sorriu para toda a gente. – E o *Pedro* está feliz; todos os dias faz o seu passeiozinho higiénico.



– Para que fique bem claro, estas aulas não foram ideia minha – apressou-se Mike a elucidar com um ar de quem preferia estar no dentista. – Estou aqui sob coação.

– Nesse caso, tentaremos tornar esta experiência o menos dolorosa possível. E, se tudo o resto falhar, posso sempre receitar uns analgésicos. – Lancei-lhe um sorriso de orelha a orelha. Mike também não era de se deitar fora, decidi, animando-me. – Já toda a gente se apresentou? – perguntei.

– Olá, nós somos o Matt e a Sally – disse um homem de trinta e poucos anos e com ar de estar bem na vida. A seu lado, uma jovem mulher, muito bonita, agarrava-lhe a mão com toda a força.

– Olá, Matt – retribuiu toda a gente em uníssonos como se estivéssemos numa sessão de reabilitação; na verdade, até estávamos, mais ou menos.

– Ainda não temos nenhum cão. Estamos a tentar adotar um bebé e eu achei que não seria má ideia irmos praticando, assumindo primeiro a responsabilidade por um cão. Por isso viemos à procura de algumas dicas antes de irmos a um abrigo de animais arranjar um cão.

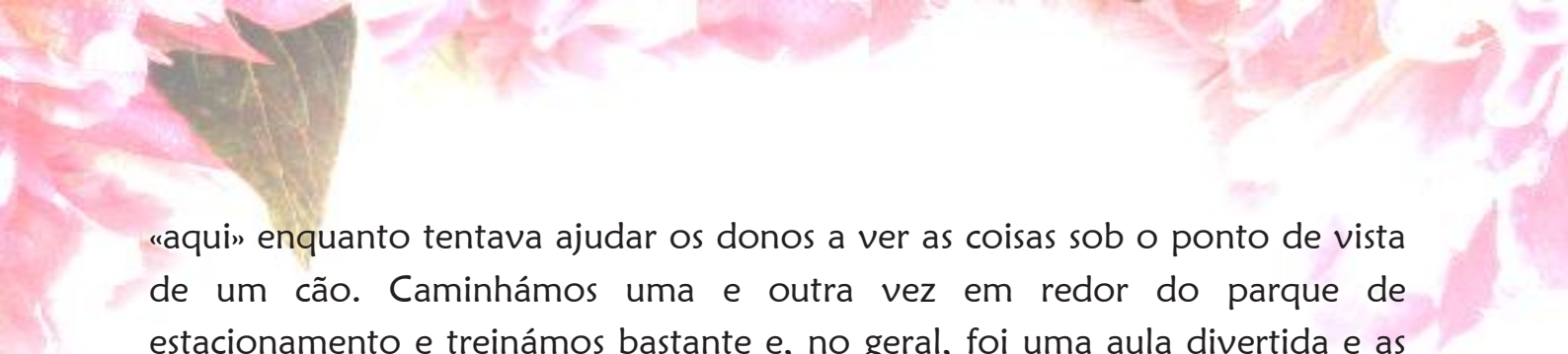
– Ótimo. Entretanto, podem sempre pedir a um dos presentes que vos empreste um. Parece-me que esta noite temos aqui mais animais do que humanos – comentei, olhando em redor.

– E, por último, somos a Bronwyn e a Susie – ronronou suavemente uma voz que, imaginei, teria o mesmo efeito que mel e limão numa garganta inflamada. Todos os olhares se viraram para o par de mulheres mais sublime que via em muito tempo.

– Na verdade, eu sou a Susie, e esta é a minha amiga Bronwyn – clarificou a da voz melíflua, soltando uma risadinha. – Olá a todos.

Nesse preciso momento, instalou-se o caos e vimo-nos forçados a deixar de parte as apresentações. Um par de cães vadios havia-se infiltrado na aula e o Westie *Syd*, indignado com tamanho desplante, esforçava-se por expulsá-los. Quando acabei de lidar com a situação, estava na altura de dar início à aula.

Abordei rapidamente meia dúzia de noções sobre comportamento animal e depois treinámos alguns comandos básicos, como «senta», «fica» e



«aqui» enquanto tentava ajudar os donos a ver as coisas sob o ponto de vista de um cão. Caminhámos uma e outra vez em redor do parque de estacionamento e treinámos bastante e, no geral, foi uma aula divertida e as pessoas pareceram dar-se todas bem umas com as outras, o que foi um alívio.

– Bom, por hoje parece-me que é tudo – anunciei quando a hora terminou. – Eu tinha planeado esta sessão apenas como uma espécie de apresentação. – Sorri. – Tenho aqui panfletos, se alguém estiver interessado em pormenores acerca dos serviços que eu presto. – Enfiei a mão na sacola que levava. – Também tenho um *website* e sintam-se à vontade para me contactarem por *e-mail*, claro. Os vossos comentários serão muito bem-vindos.

Revi mentalmente a aula. Tínhamos então uma mão-cheia de *gays*, uns quantos reformados, um parolo e uma mulher que tentava transformar o seu siamês num Shih Tzu. E Mike, que eu ainda não conseguira entender. Sorte a minha ser uma terapeuta qualificada.

3

OS MEUS PRIMEIROS CLIENTES ACABARAM POR SER Bronwyn e Susie, ou as deleitáveis lésbicas, como Maddy insistia em apelidá-las, muito embora nenhuma de nós fizesse a mínima ideia se eram homossexuais ou não.

Segundo consegui apurar, depois da aula de apresentação, Bronwyn e Susie tinham feito uma pesquisa sobre mim no Google e decidido que uma pessoa como eu era precisamente o que procuravam: uma psicóloga credenciada, e também perita em comportamento animal, de acordo com as palavras de um jornalista pouco conhecido que Maddy convencera a entrevistar-me.

Como é claro, não sabia de nada disto quando, na segunda-feira à tarde, toda animada, ia a caminho do meu escritório novinho em folha no Parque Industrial de Sandyford para a primeiríssima sessão de terapia animal.

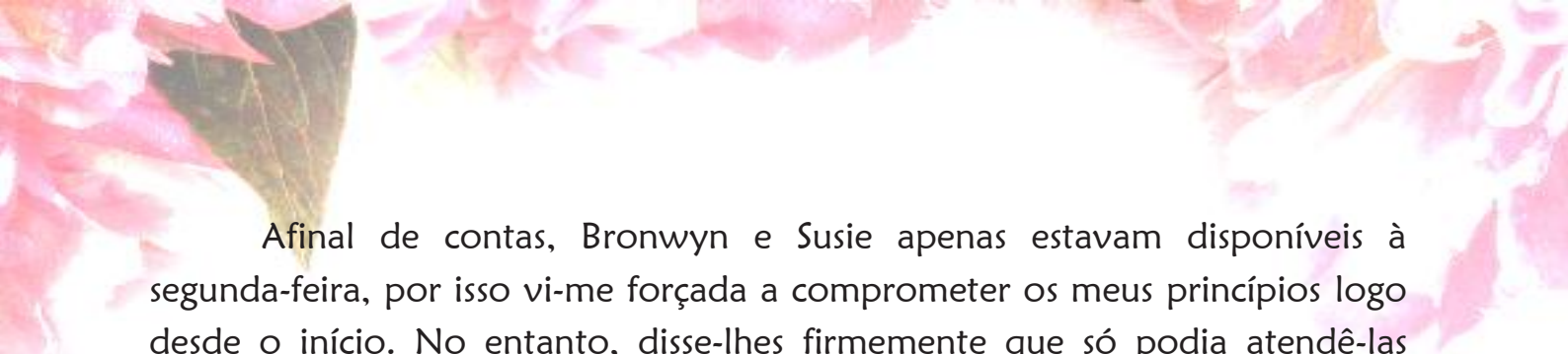
Uma das resoluções que constava do meu plano para mudar de vida era não voltar a trabalhar à segunda-feira de manhã. NUNCA MAIS. O ideal, na verdade, era não trabalhar sequer nesse dia da semana. O plano, como expliquei às minhas duas melhores amigas, era começar a semana à terça-feira, evitando assim para o resto da vida aquela terrível sensação de segunda-feira de manhã.

– Então, mas assim essa sensação não será simplesmente transferida para terça-feira? – Clodagh era de uma lógica à prova de bala.

– Não, não é bem a mesma coisa, porque a semana já começou, logo, não é segunda-feira.

– Mas a terça passa a ser a tua segunda, não?

– Desisto. – Arrastei-a para irmos beber um café. Precisava de energia.



Afinal de contas, Bronwyn e Susie apenas estavam disponíveis à segunda-feira, por isso vi-me forçada a comprometer os meus princípios logo desde o início. No entanto, disse-lhes firmemente que só podia atendê-las depois das duas da tarde. Em resultado, pude dormir até mais tarde, ir à piscina dar umas braçadas, depois à sauna e desfrutar de um almoço tranquilo com Maddy.

– Uau, Lou, que te aconteceu? – perguntou ela, sorrindo.

– Lulu – admoestei.

– Perdão?

– Lulu. O meu nome agora é Lulu, lembras-te? E não Lou.

– As minhas desculpas.

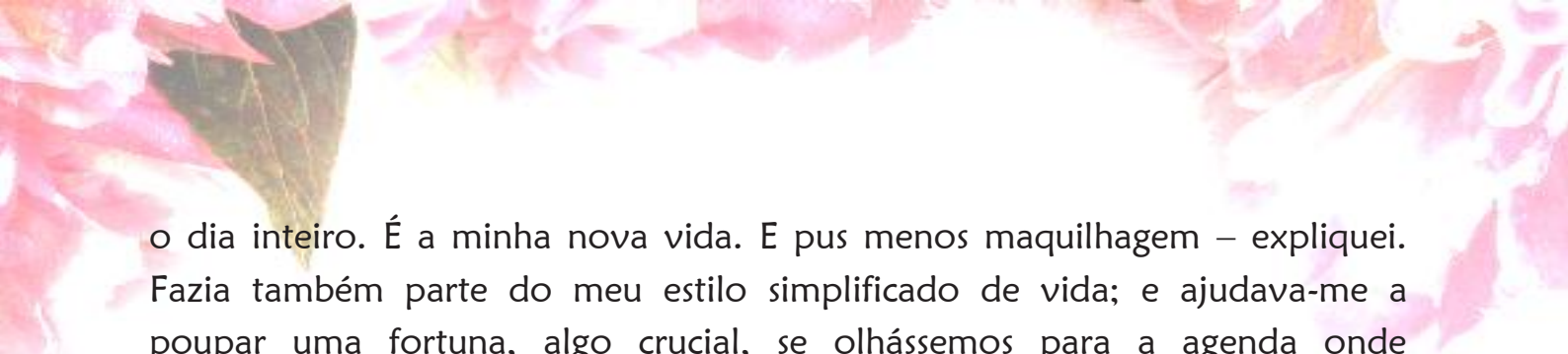
– *Okay*. E então, gostas? – Não sabia ao certo o que havia para gostar: vestia umas calças informais e uma *T-shirt*, nada que pudesse propriamente lançar uma moda, diria eu.

– O teu cabelo tem uma cor diferente. – Soava espantada. – Tu nunca pintas o cabelo.

– Bom, para ser franca, estou apenas a praticar. – Estava encantada que ela tivesse reparado. – Pus uma daquelas cores que sai com as lavagens. Acho que o nome da cor é cereja negra. Notas uma grande diferença? Sinto-me como a Penelope Cruz naquele anúncio a uma marca de tinta para o cabelo – comentei, sacudindo a minha brilhante juba enquanto a penteava com os dedos e fazia beicinho. O meu cabelo, castanho-claro, sempre exibira um tom monótono e baço e, uma vez que a minha mãe quase toda a vida tivera o cabelo alaranjado, eu nunca ganhara coragem suficiente para fazer experiências, nem mesmo com aquelas colorações que prometem desvanecer-se ao fim de seis lavagens.

– Sim, nota-se, tem uns reflexos purpúreos. – Maddy estava impressionada, era óbvio. – Muito fixe. E estás com um ar relaxado ou qualquer coisa assim. Puseste botox?

– Claro que não, palerma. – Não sabia se havia de ficar aborrecida por ela achar que precisava de injeções ou agradada porque, obviamente, já não passava o tempo todo com a cara franzida. – É porque já não ando stressada



o dia inteiro. É a minha nova vida. E pus menos maquilhagem – expliquei. Fazia também parte do meu estilo simplificado de vida; e ajudava-me a poupar uma fortuna, algo crucial, se olhássemos para a agenda onde apontava as marcações de consultas.

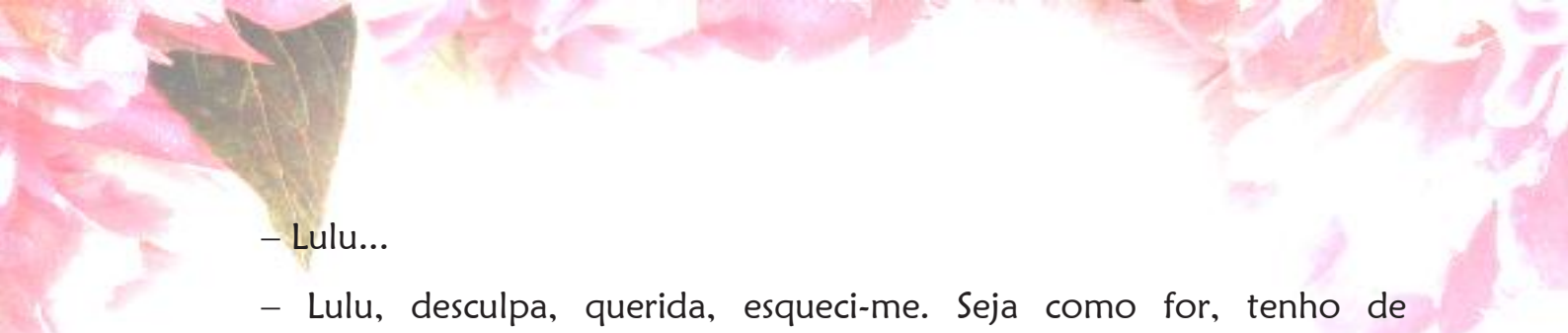
Adorava conversar com Maddy neste tom descontraído. Conhecíamos-nos desde miúdas e por isso havia entre nós um acordo tácito que nos permitia dizer o que quiséssemos uma à outra, sem consequências.

– Meu Deus, quem me dera ter coragem para abandonar o meu emprego.

– Maddy, és atriz, não tens emprego. – Em abono da verdade, não estava a ser justa. Ela tinha de facto um pequeno papel em *Southside Girls*, uma série cómica sobre um grupo de enfermeiras da província a trabalhar na Whitecliff Clinic, um hospital privado e elitista a sul de Dublin, onde toda a gente que é alguém vai tratar-se quando não consegue subornar a doença para que desapareça. Fora um enorme êxito quando estreara na televisão há dois anos. Infelizmente, Maddy não desempenhava o papel de uma das enfermeiras, mas de ajudante de cozinha, o que implicava usar um pavoroso casaco verde-vómito e uma rede no cabelo. Para além disso, no último ano e meio de série, a sua única fala parecia resumir-se a «Quer batatas fritas ou puré?».

Fosse como fosse, adorava ter uma amiga na televisão, pois na minha profissão não havia muito para rir, isso era certo. Todavia, com um pouco de sorte, a situação estava prestes a mudar. Para além disso, Maddy sempre ia conseguindo umas borlas aqui e ali, que partilhava de bom grado comigo em troca de psicanálise grátis. Em todo o caso, a série apenas contratava Maddy durante dez semanas por ano, razão pela qual eu me metera com ela em relação a não ter emprego. Tirando isso, vivia do subsídio de desemprego, fazia alguma locução e «descansava» muito. Contudo, ouvi-la falar de desistir do que quer que fosse era invulgar, por conseguinte, escutei-a com toda a atenção.

– Fomos informados recentemente de que a série vai ter um novo produtor e corre à boca pequena que é Pauline Charleston. – Maddy suspirou. – Se for verdade, corto os pulsos. É que a mulher odeia-me, Lou...



– Lulu...

– Lulu, desculpa, querida, esqueci-me. Seja como for, tenho de encontrar outro trabalho, e tu és um excelente anúncio a isso. Estás assim com um ar ótimo, não sei, com um ar... – Procurou a palavra certa.

– Deslumbrante, penso que resume bem – referi, rindo e utilizando uma palavra que ninguém usaria para me descrever.

– Estás mesmo com um ar ótimo. A sério que sim – asseverou Maddy num tom amável.

– Estou com um ar ótimo para alguém como eu, é o que queres dizer – argumentei. Já estava habituada. Uma parte do meu problema era o facto de ter crescido ao lado de uma irmã que era um borracho. Creio que isso sempre fizera com que me achasse... comum, medíocre.

– Nada disso, estou a falar a sério. Pareces mais nova, menos... espartilhada, é isso! – clarificou, soando satisfeita com a palavra que encontrara.

– Sim, senhora. Agora é que já ouvi de tudo. A maioria das atrizes diria, «Querida, estás fabulosa», ou «Amiga, estás espetacular», mas «Lulu, pareces menos espartilhada» é tão-só o que eu consigo. Fascinante. – Suspirei e, para o almoço, pedi uma sopa de brócolos com pinhões tostados.

– Tu sabes o que quero dizer.

– Sei. Gostava de ser um pouco mais... exótica – queixei-me a Maddy pela centésima vez. – Faça o que fizer, tenho sempre este aspeto mediano.

– Não tens nada...

– Tenho, e tu sabes que sim, portanto, não te armes em sonsa. Olha para mim... perdi algum peso...

– Ora, nunca tiveste peso a mais que precisasses de perder...

– *Okay*, não muito, tens razão – admiti. – Mas já comecei a ir a umas aulas de *doga* e o meu rabo parece-me um pouco mais firme.

– Mas que raio é *doga*?

Aproveitei para tirar partido da ignorância de Maddy. É difícil levar-lhe a melhor, uma vez que é uma verdadeira enciclopédia de informação inútil.

– Ioga para cães – expliquei. – É a mais recente moda nos Estados Unidos, segundo sei, e acabou de chegar à Irlanda.

– Do Brooklyn para Bray. Muito interessante. O facto de não teres cão é sequer relevante? – perguntou ela com a testa franzida.

– Pois com certeza que é. É difícil fazer a pose do cão sem ele, imagino, mas ainda só fui a uma aula e apenas fizemos alongamentos. Para além disso, não tardarei a arranjar um rafeiro.

– Creio que o que quero dizer é que nunca mostraste qualquer interesse por animais desde o *Gnasher* – fez notar Maddy.

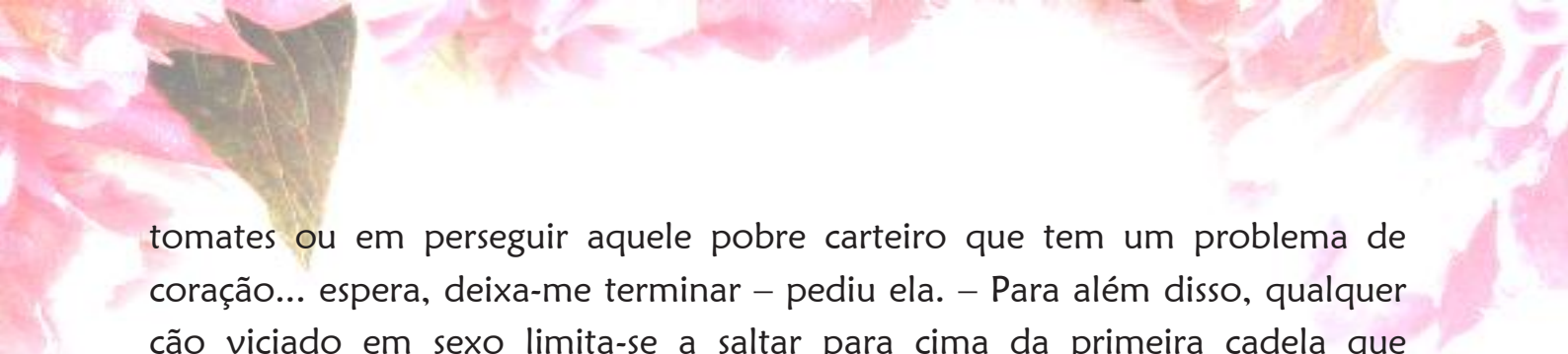
– Nada disso. O que se passou é que precisei de algum tempo para me decidir a voltar a ter um – respondi na defensiva, recordando o desgosto que sofrera aquando da morte do meu primeiro cão. Continuava a ser muito difícil para mim falar dele, apesar de todos os anos que se haviam passado. – Seja como for, preciso de um para a minha nova carreira. – Bani todos os pensamentos relacionados com o meu querido cão. Era a única forma de conseguir manter a compostura. – Entretanto, falei com a minha vizinha e ela vai emprestar-me os seus dois Yorkies para a próxima aula. Infelizmente, chamam-se *Pussy* e *Willie*²...

– Estás a ver? Não te consegues afastar de partes corporais – comentou Maddy num tom de quem admoestava, «eu bem te disse». – Posso referir uma coisa? Ao desistires de todos os teus antigos doentes, não estarás a exagerar um pouco nesta ideia de mudar de carreira?

– O quê? Mas tu encorajaste-me a fazê-lo – recordei eu, boquiaberta.

– Eu sei, e continuo a apoiar-te. A sério que sim. Só me ocorreu que estudaste durante muitos anos para te tornares psicóloga. Especializaste-te em dependência sexual e, corrige-me se estiver errada, parece-me que a única coisa em que os cães do teu bairro estarão viciados é em lambar os próprios

² No calão britânico, *pussy* e *willie* descrevem as partes genitais femininas e masculinas, respetivamente. (N. da T.)

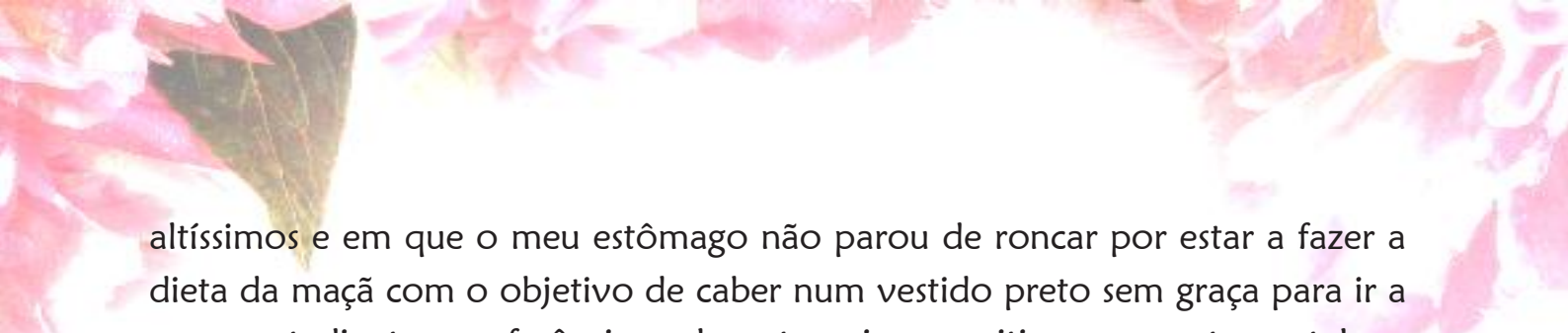


tomates ou em perseguir aquele pobre carteiro que tem um problema de coração... espera, deixa-me terminar – pediu ela. – Para além disso, qualquer cão viciado em sexo limita-se a saltar para cima da primeira cadela que encontrar, portanto, não necessitará de terapia, suponho. Por favor... – deu-me umas palmadinhas no braço. – Assegura-te de que queres mesmo cortar estes laços por completo. És uma excelente profissional. E ganhavas uma fortuna. – Maddy soava ofendida comigo, como se eu não desse valor ao que ela acabara de mencionar.

– Olha, eu sei que estás apenas preocupada comigo e a tentar proteger-me, mas agora é demasiado tarde para voltar atrás. Já encerrei o consultório e encaminhei os meus doentes para outros colegas. Para além disso, fartei-me até às orelhas de aconselhar gente egocêntrica. Estou esgotada, Maddy; é uma situação muito comum entre terapeutas. E quando, um dia, dei por mim a pensar se me lembrara de tirar as costeletas de borrego para descongelar a meio de uma sessão com uma cliente que me contava que o amante atendera um telefonema da mulher quando ela se preparava para ter um orgasmo, dei-me conta de que estava a ficar insensibilizada, no mínimo. – Queria mesmo que Maddy entendesse. – Por outro lado, no meio disto tudo, nem sequer consegui conhecer nenhum tipo solteiro. Pelo menos com o qual pudesse ser vista em público – lamentei-me. – Os homens que têm cães tendem a ser sociáveis e, de uma forma geral, não se levam demasiado a sério. – Não tinha ainda certeza absoluta em relação a isso. – E estou cansada e farta de falar e, para ser sincera, se não tiver de ver outro tipo cuja pila seja maior que o cérebro, já serei uma mulher feliz.

– *Okay, okay*, já percebi, mais ou menos – admitiu Maddy. – Não lighes ao que eu disse. Eu tenho ciúmes. E estou um bocado insegura. Conta-me tudo: estás nervosa?

– Bom, na verdade, não tem sido tão complicado quanto imaginara. É claro que tenho a vantagem de ter poupanças no banco que me garantem a sobrevivência durante um ano. Vem falar comigo de novo quando a almofada financeira se esgotar. – Sorvi a sopa, simplesmente porque podia. Banira as camisas brancas que a todo o custo tinha de manter livres de nódoas em prol de clientes que se estavam nas tintas para o que eu vestia. Recordei um dia em particular em que sofri horrores com os pés enfiados nuns sapatos



altíssimos e em que o meu estômago não parou de roncar por estar a fazer a dieta da maçã com o objetivo de caber num vestido preto sem graça para ir a uma entediante conferência sobre terapia cognitivo-comportamental, e agradei mentalmente aos céus por já estar livre disso tudo.

– Em todo o caso, agora é tarde de mais para recuar. A minha primeira sessão será daqui a menos de uma hora.

Contei a Maddy o pouco que ela ainda não sabia e o veredito final foi que Bronwyn e Susie lhe soavam tão sedutoras que até ela se sentiria tentada a ter uma sessão com elas.

O problema do casal veio a revelar-se simples e comum: Susie queria um cão, mas Bronwyn não tinha a certeza de estar à altura do desafio e secretamente esperava, suspeitei, que as minhas competências como psicóloga ajudassem a persuadir Susie de que um cão não era boa ideia. Todavia, eu concentrei-me apenas na ideia de terem um animal de estimação e no que isso significaria na vida delas. A decisão de arranjarem um ou não cabia apenas a elas enquanto casal, disse-lhes. Deu-me imenso prazer aconselhá-las e poder ajudá-las.

4

NO DIA SEGUINTE, recebi uma chamada de Ronan O'Meara a perguntar-me se podia atendê-lo às sete horas da tarde e lá se foram pela janela os meus planos de não fazer horas extraordinárias. Podia, portanto, afirmar-se que, no capítulo de equilibrar a vida pessoal com o trabalho, não me estava a sair lá muito bem.

– Olá – cumprimentou-me ele, apertando-me a mão assim que o fui receber ao cimo das escadas.

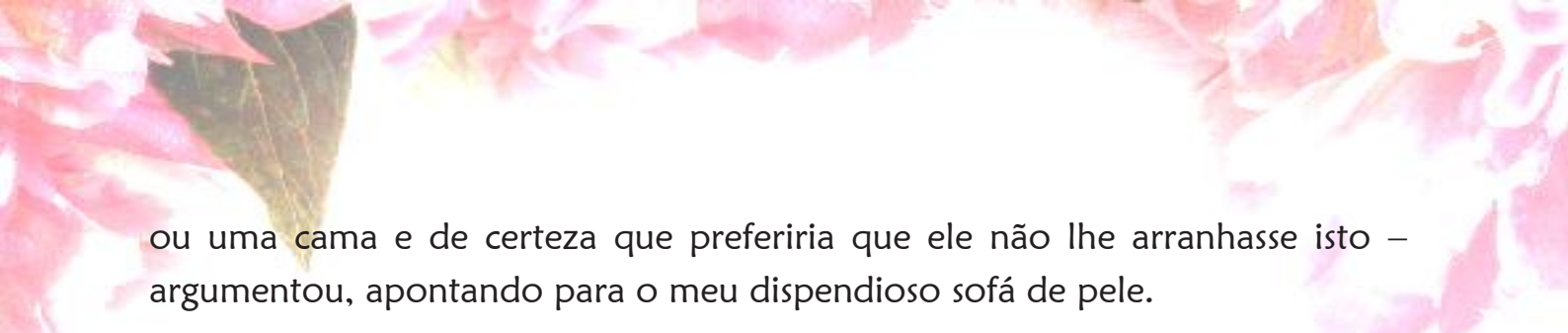
– Como está? – perguntei e não foi uma pergunta de circunstância, queria mesmo saber. Havia qualquer coisa nele que indicava que passara por muita coisa, que testemunhara muitas tragédias, para alguém da sua idade. Não fazia ideia de como sabia tal coisa; era uma das características que me permitia ser uma boa terapeuta: saber interpretar as pessoas, ser capaz de inferir coisas acerca delas antes mesmo de mas dizerem. Ronan dava a impressão de ser alguém que sofrera um duro golpe na vida e, em resultado disso, ficara mais sensível.

– Ótimo. Obrigado por me receber tão em cima da hora.

Ronan estava um pouco ansioso, concluí ao vê-lo mergulhar as mãos nos bolsos e mudar de posição uma e outra vez. O estilo informal que exibia ficava-lhe muito melhor, ainda que a camisola cinza-escura tivesse visto a máquina de secar vezes de mais, as calças de ganga lhe pendessem do traseiro e os ténis estivessem a necessitar de uma boa escovadela.

– Ora essa, é um prazer. Não traz o... *Deputy*, não é?

– Jesus, não! Estou a tentar não encorajá-lo. – Sentou-se no sofá. – Fosse como fosse, onde se sentaria ele? – Sorriu. – Não vejo nenhum cobertor



ou uma cama e de certeza que preferiria que ele não lhe arranhasse isto – argumentou, apontando para o meu dispendioso sofá de pele.

Oh, meu Deus. Como poderia ter-me esquecido de uma espécie de cama ou sofá para os verdadeiros clientes? «Sofá para cães», rabisquei à pressa num *post-it* amarelo, mesmo ao lado de «orelhas de porco»: *foie gras* para os amigos de quatro patas, segundo afirmava um *website* que eu consultara.

– Então, o problema é o cão da sua avó, segundo o que me disse no outro dia. – Decidi ir direta ao assunto.

– A Myrtle, sim. Para ser franco, o assunto está a dar-me a volta à cabeça. – Suspirou. – Não me interprete mal, adoro cães. Em determinada altura, até decidi ser veterinário.

– A sério? Suspeito que seria um bom veterinário – disse, sorrindo-lhe.

– É o que toda a gente diz. – Devolveu-me o sorriso. – Adoro todo o género de animais, na verdade.

– Então, o que o fez mudar de ideias?

– A vida. – Encolheu os ombros e houve qualquer coisa na forma como o disse que me deu a entender que não era a altura de pressioná-lo.

– Que área acabou por escolher? – perguntei como quem não queria a coisa.

– Contabilidade, como o meu pai – respondeu ele num tom tão monótono que tive de me conter para não erguer as sobrancelhas e deixar cair o queixo.

– Pois – murmurei, tentando manter uma entoação neutra. Conseguia sem esforço imaginá-lo como músico, especialista em tecnologias de informação, até mesmo como agricultor, mas nunca como contabilista.

– Na realidade, comecei a estudar Veterinária na universidade, mas depois o meu pai faleceu e acabei por «herdar» o gabinete dele. Mais tarde, voltei a estudar, em *part-time*, e, não sei, a contabilidade pareceu-me a opção mais sensata. A única, na verdade – corrigiu-se ele. – O negócio do meu pai estava um pouco desorganizado, entende, por isso percebi que acabaria por me ver envolvido nele durante bastante tempo. Senti que devia isso aos funcionários dele, a maioria dos quais estava com ele desde os tempos de

escola... – Ficou pensativo e a sensação de desamparo, de impotência, era quase tangível.

– Deve ter sido duro para si. – Arrependi-me assim que as palavras me saíram da boca. «Para de ser psicóloga!», censurei-me mentalmente.

– Pois. – Encolheu os ombros. – É a vida...

– Então, nesse caso deve perceber alguma coisa de cães, se estudou para ser veterinário?

Se calhar era mais qualificado do que eu.

– Sim, pelo menos gosto de pensar que percebo um pouco. É isso que me está a dar cabo da cabeça, na verdade. – Bocejou e espreguiçou-se.

– O cão da minha avó adora-a, sei que sim. Metade das vezes, o *Deputy* nem sequer fica muito contente por me ver. No entanto, está sempre a aparecer-me à porta. E, quando não é ele, é a minha mãe. – Sorriu. – Nenhum deles me deixa em paz.

– Porquê?

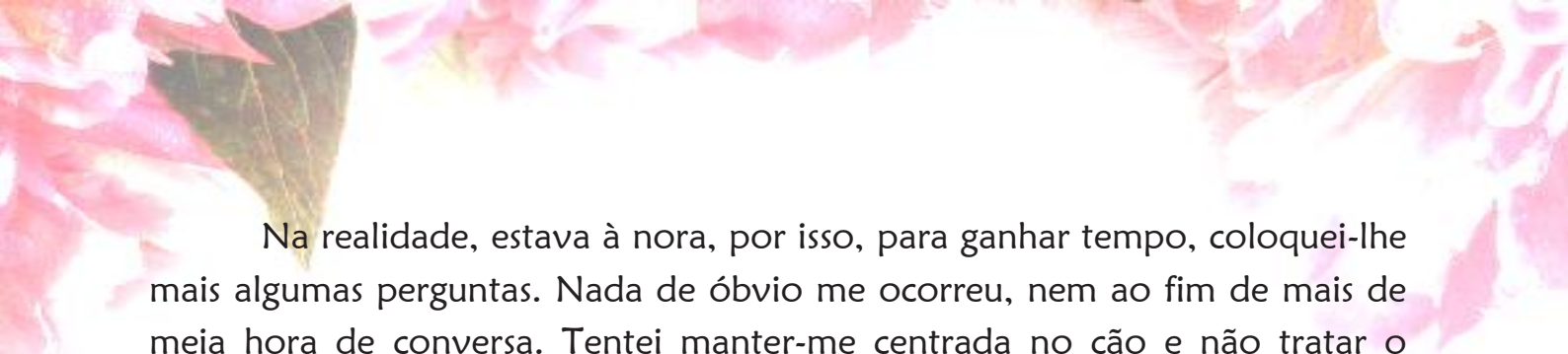
– Não sei – respondeu ele, mas sabia. Percebi que sim pelo facto de ter ficado tão constrangido. – O certo é que tenho sempre um deles à porta. A noite passada fiz uma festa na cabeça da minha mãe e dei um beijo ao cão. – Esboçou um pequeno sorriso. – Começa a ser difícil distingui-los.

– Pode sempre mudar de casa – sugeri, tentando oferecer-lhe uma forma de se esquivar a uma conversa que ele não queria ter, suspeitava.

– Moro junto ao mar, muito perto do escritório, de tal forma que posso ir a pé para o trabalho. Portanto, não era coisa que me apetecesse fazer. De qualquer maneira, isso também não constituiria um impedimento para a minha mãe. Também tem o mesmo problema?

Estive prestes a dizer-lhe que mais depressa beijaria um pitão do que encontraria a minha mãe à porta de minha casa para uma visita inesperada – mesmo quando ela residira na Irlanda –, mas decidi não o fazer.

– Não, a minha mãe vive no estrangeiro – retorqui, sorrindo. – Seja como for, tenho a certeza de que encontraremos uma solução para a parte canina do problema, ainda que a humana se revele mais complicada.



Na realidade, estava à nora, por isso, para ganhar tempo, coloquei-lhe mais algumas perguntas. Nada de óbvio me ocorreu, nem ao fim de mais de meia hora de conversa. Tentei manter-me centrada no cão e não tratar o problema como se tivesse contornos humanos, ou seja, analisar o cão e não o dono.

– Que acontece quando leva o cão de volta para casa da sua avó?

– Nada. Ele parece ficar encantado. Abana a cauda para ela como se dissesse, «sou um lindo menino, não sou?», e, em vez de lhe ralhar, ela ainda o recompensa com biscoitos. Não consigo entender.

Eu também não, mas não fazia tenções de admiti-lo.

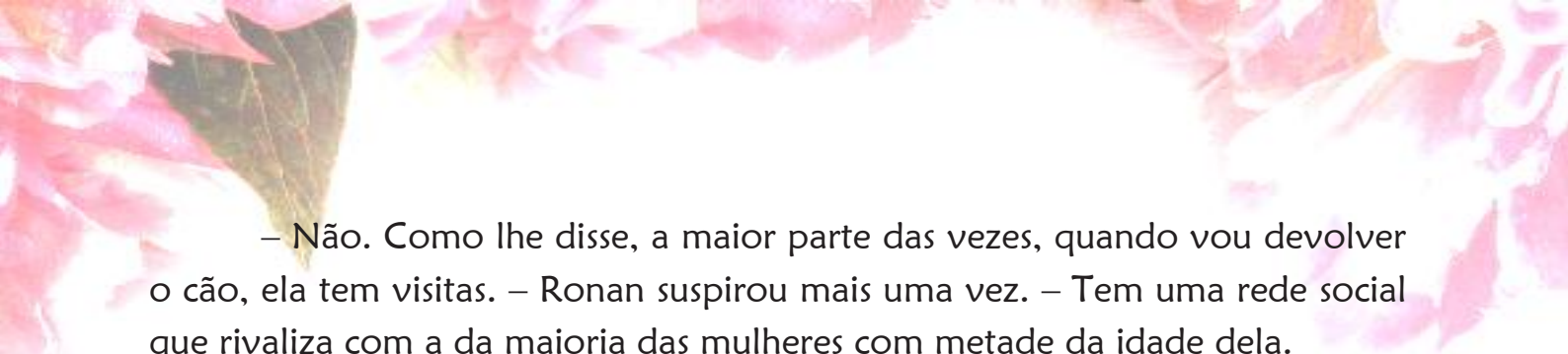
– Façamos o seguinte: marcamos outra sessão e da próxima vez traz o *Deputy* consigo. Eu não lhe cobro esta – afirmei, sentindo-me um pouco imprestável.

– Ora essa, tenho todo o gosto em pagar – garantiu Ronan, sorrindo. – Para além disso, não tinha dito na aula de apresentação que iniciara este negócio há pouco tempo? – Fez uma pausa.

– Disse? – Bonito, devia ter-me escapado. – Bom, sim, é verdade, mas tenho qualificações, garanto-lhe. Os meus diplomas estão na parede da...

– Não estava a insinuar nada. Queria apenas dizer que, se está a iniciar o seu negócio, não devia recusar dinheiro. – Ergueu a mão. – Ficar-lhe-ei muito grato por qualquer ajuda que me possa prestar. Sinto que perdi a perspetiva, que já não consigo distinguir as árvores da floresta. O problema começou a tomar conta da minha vida, para ser franco. – Passou os dedos pelo cabelo. – Adoro a minha avó, não me entenda mal. Somos muito amigos, mas começa-me a parecer que passo o tempo todo com ela. E isso está a arruinar a minha vida social. – Soltou uma pequena gargalhada. – Bom, isso não é verdade. A minha vida social, basicamente, não existe. Conheço mais pessoas em casa da Myrtle do que conheceria se me dedicasse ao *speed-dating*.

– Será que ela se sente sozinha? – aventei, interrogando-me se não teria chegado ao cerne do problema. Talvez Myrtle mandasse o cão a casa do neto para que ele fosse obrigado a ir visitá-la.



– Não. Como lhe disse, a maior parte das vezes, quando vou devolver o cão, ela tem visitas. – Ronan suspirou mais uma vez. – Tem uma rede social que rivaliza com a da maioria das mulheres com metade da idade dela.

Bom, isso deitava por terra a minha teoria.

– Pensando bem, conheço montes de gente mais nova que fica em casa noite após noite porque se sente exausta ou stressada – prosseguiu ele, descrevendo sem saber a minha anterior experiência –, mas a Myrtle não, tem sempre planos e está sempre pronta para sair. Tudo por causa da internet. É, pelos vistos, o salão de baile dos tempos modernos, em especial fora de Dublin. – Mais parecia um idoso a falar. – A maioria das mulheres do meu círculo de amizades conhece homens através de *chatrooms*. – Encolheu os ombros. – Acho tão triste. Serei o único?

– Será que na Irlanda rural ainda restam alguns espaços recreativos? – Estava a brincar, mas apenas em parte. – Eu achava que as novas taxas de alcoolemia, em conjunto com a proibição de fumar em espaços fechados tinha acabado de vez com isso para os jovens, juntamente com a falta de sítios de convívio para os reformados. – Estava a tentar obsequiá-lo, pois Ronan parecia-me bastante atormentado. Fiquei com a impressão de que ele precisava de desabafar.

– Não faça caso, já estou a rezingar – confirmou ele. – Hoje estou um bocado irritado, é só isso. A internet tem sido ótima para a minha avó. Aqui há umas noites telefonei-lhe e ela estava a jogar póquer pela internet. Enviou-me uma mensagem a pedir que lhe ligasse mais tarde – contou ele num tom irritado. – Estou apenas contrariado porque mal tenho tempo sequer para ligar o computador.

O despertador do meu telemóvel tocou. Parecia o som de receção de uma mensagem, mas era na verdade uma forma de me recordar de que a sessão chegara ao fim.

– Então, da próxima vez traga o *Deputy*, a ver se conseguimos perceber o que se passa – sugeri.

– *Okay*. Quando puder atender-nos, para mim será ótimo. – Levantou-se. – Por enquanto, não direi nada à minha avó em relação a isto.



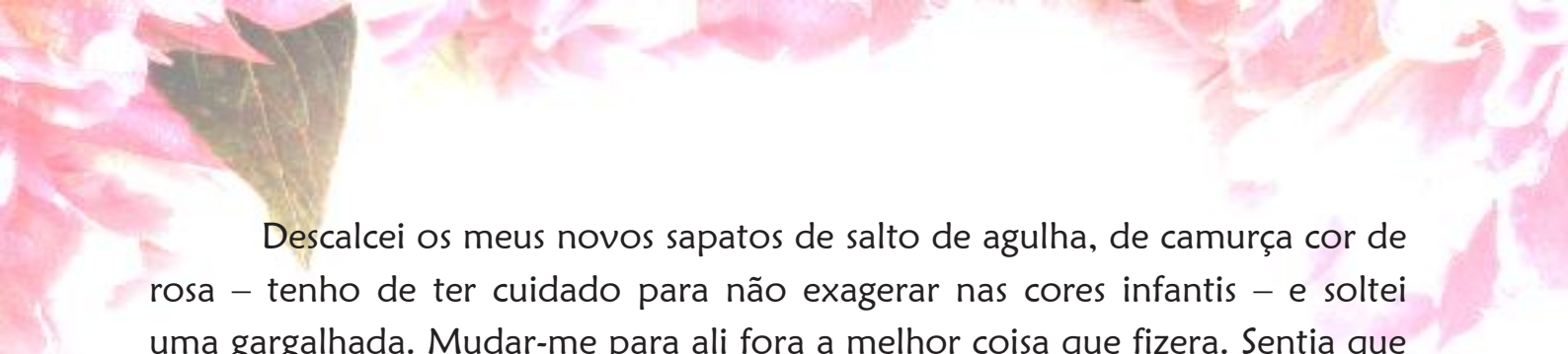
– Está bem.

Combinámos que ele me telefonaria a marcar a consulta seguinte, uma vez que a avó ia ausentar-se de férias e ele ficaria com o cão por uns dias. Ronan partiu então, de ombros arqueados. Interroguei-me que fardo carregaria ele às costas.

Passei o resto do tempo a tentar deslindar aquele mistério. Faltava-me uma peça importante do quebra-cabeças e queria mesmo ajudar Ronan. Consultei todos os meus livros de referência, mas nada parecia encaixar-se no problema. Talvez a solução me ocorresse quando visse Ronan e *Deputy* juntos. Suspirei e decidi deitar-me mais cedo.

Teria adorado um longo banho de imersão; o problema era que já não tinha banheira. Assim que me decidira a mudar de carreira, comprometera-me a mudar por completo de vida, por isso vendera o carro desportivo e descapotável e comprara uma deslumbrante mota *Kawasaki*: preta, reluzente e com uma risca cor de rosa. Era impossível não sorrir de orelha a orelha de cada vez que a via à minha espera. Foi uma grande mudança para mim e tenho de confessar que senti a falta do café que bebia a caminho do trabalho; contudo, chegava mais rapidamente a todo o lado e ficava com montes de tempo livre de manhã para me arranjar, tomar o pequeno-almoço e fazer as chamadas urgentes que precisasse de fazer.

O único problema em relação a mudar de casa fora não ter conseguido encontrar nada parecido com o meu elegante apartamento até Maddy ter ouvido falar de uma pessoa que estava a arrendar uma casa móvel em Bray, na fronteira de Dublin. Oficialmente, a localidade ficava no condado de Wicklow, mas na verdade era mais um subúrbio da capital. Adorara a caravana assim que a vira e, por enquanto, o facto de não ter banheira era a única desvantagem de ali viver. Ainda sonhava com a enorme banheira de ferro fundido e esmaltado que tinha no apartamento mas que muito poucas vezes me dava ao trabalho de encher por estar sempre demasiado cansada para o fazer.



Descalcei os meus novos sapatos de salto de agulha, de camurça cor de rosa – tenho de ter cuidado para não exagerar nas cores infantis – e soltei uma gargalhada. Mudar-me para ali fora a melhor coisa que fizera. Sentia que deixara tudo para trás: o trânsito, o stresse, o mau humor, as pessoas que não tinham tempo para ninguém e nem sequer se davam ao trabalho de cumprimentar os vizinhos no elevador do prédio onde moravam.

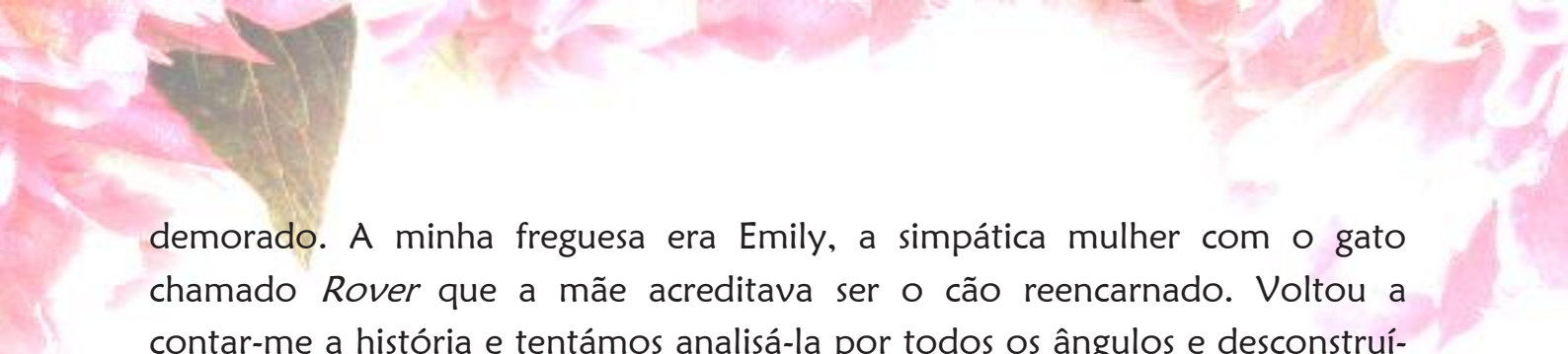
Para o meu novo eu, tal já não servia, por isso, vivia numa caravana, trabalhava na profissão mais *in* do momento e estava a aprender a andar de patins. Mais *cool*/do que isso não havia.

Depois de mudar de roupa para um par de calças de ganga e uma *sweatshirt* de capuz e de apanhar o cabelo num rabo-de-cavalo, acendi todas as luzes de casa, bem como as do alpendre, deslumbrando-me mais uma vez com a simplicidade da minha casa. Tinha uma espaçosa cozinha /sala de estar/de jantar, um quarto principal, um quarto de hóspedes e um minúsculo escritório – terceiro quarto –, e uma casa de banho com tudo o que necessitava, à exceção de espaço. De manhã, quando tentava secar-me e despachar-me, havia sempre muitas cotoveladas aqui e ali. A outra grande desvantagem da caravana era não ter quase espaço de arrumação. No entanto, para contornar o problema, acabara de comprar um abrigo de jardim. Iam acabar-se as topadas na mala que estava debaixo da cama e a maçada de tirar o aspirador e a tábua de engomar do chuveiro todas as manhãs. Aliás, era precisamente essa a missão do meu fim de semana: arrumar o abrigo. Pouco edificante, mas divertido, e Maddy prometera ajudar-me em troca de boa comida.

Agora, manter a casa arrumada era muito mais simples e fazia-o ao mesmo tempo que andava de um lado para o outro a preparar tudo para a manhã seguinte. Bastava compor as almofadas e endireitar os panos da cozinha na pega do forno e, pronto, a divisão estava arrumada.

Deitada na cama, conseguia ver as estrelas, graças a uma claraboia e ao facto de Bray ficar praticamente no campo, o que fazia com que houvesse muito menos poluição.

No dia seguinte, tinha apenas um cliente, mas não estava em pânico. Sabia que conquistar e fidelizar uma nova clientela iria ser um trabalho



demorado. A minha freguesa era Emily, a simpática mulher com o gato chamado *Rover* que a mãe acreditava ser o cão reencarnado. Voltou a contar-me a história e tentámos analisá-la por todos os ângulos e desconstruí-la de todas as formas possíveis; porém, por mais que nos esforçássemos, deparávamo-nos sempre com um grande obstáculo: *Rover* era, de facto, um gato e já todos estaríamos bem mortos e enterrados primeiro que ele corresse atrás de um pau, ainda que tivesse sete vidas. E não havia forma de saber se alguma vez *Rover* fora um cão, disse a Emily; contudo, por algum motivo, ela achava que tinha de deslindar aquele busílis por causa da mãe.

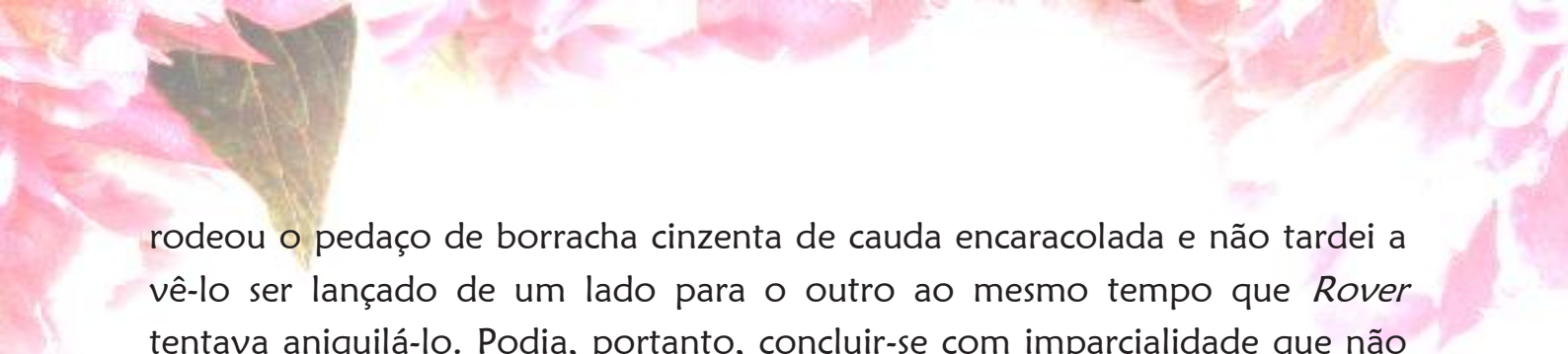
– Sabe, os meus pais sempre foram um casal muito unido e com a morte do meu pai a minha mãe ficou inconsolável e eu não suporto vê-la assim. – Tinha lágrimas nos olhos. – Preciso mesmo de resolver isto.

– Então, ao certo, o que espera a sua mãe? Ela percebe perfeitamente que o *Rover* é um gato, certo?

– Sim. Suspeito que ela está à espera de um sinal, de qualquer coisa que indique que ele foi um cão numa vida anterior.

Interroguei-me por que razão Emily se sentia obrigada a resolver aquele problema quando, sem margem para dúvida, se tratava de uma fantasia da mãe, todavia, suspeitava que Emily era uma solucionadora de problemas, como eu costumava ser. Era uma forma de procurar amor, aprendera.

Contudo, não disse nada, e avançámos, mas aos círculos. A determinada altura, dei por mim de quatro no chão a brincar com um gato chamado *Rover* e a interrogar-me se, com muito trabalho árduo, seria capaz de o ensinar a mostrar características de um canídeo. O facto de ele miar constantemente constituía um pequeno problema, mas eu não estava disposta a desistir tão cedo. Dispus no chão uma série de brinquedos. Primeiro, um apetitoso e cheiroso pedaço de tripa comestível – os cães adoravam-nos, de acordo com Tim em *The Gourmet Dog* –, a seguir, uma daquelas bolas de borracha com vários ruídos incorporados, depois um hambúrguer de plástico recheado com carne picada que até tinha data de validade – onde vão buscar estas ideias? – e, por fim, um simples rato de borracha, pequeno, cinzento. O gato quase me derrubou quando lhe pôs os olhos em cima. Em segundos



rodeou o pedaço de borracha cinzenta de cauda encaracolada e não tardei a vê-lo ser lançado de um lado para o outro ao mesmo tempo que *Rover* tentava aniquilá-lo. Podia, portanto, concluir-se com imparcialidade que não havia ali qualquer crise de identidade.

Ao fim de quase uma hora desisti, mas achei melhor não ser totalmente sincera com Emily. Sabia que ela iria ficar traumatizada.

– Talvez seja melhor ficarmos por aqui hoje. Tenho de pensar melhor sobre isto – disse-lhe, interrogando-me se haveria algum *website* que pudesse consultar.

– Muito, muito obrigada por não desistir de nós.

A gratidão de Emily era quase ridícula e deixou-me embaraçada.

– Farei o melhor que puder, Emily, mas, se não conseguir ajudar-vos, não lhe cobrarei nada, combinado? Não seria ético, uma vez que não tenho a certeza de que poderei fazer alguma coisa. O *Rover* é um gato, sabe – referi, de forma totalmente desnecessária, tendo em conta que ele tinha já trepado pelas cortinas e avançava, qual funâmbulo, pelo varão de madeira, algo que nunca vira nem o mais ágil dos cachorros fazer.

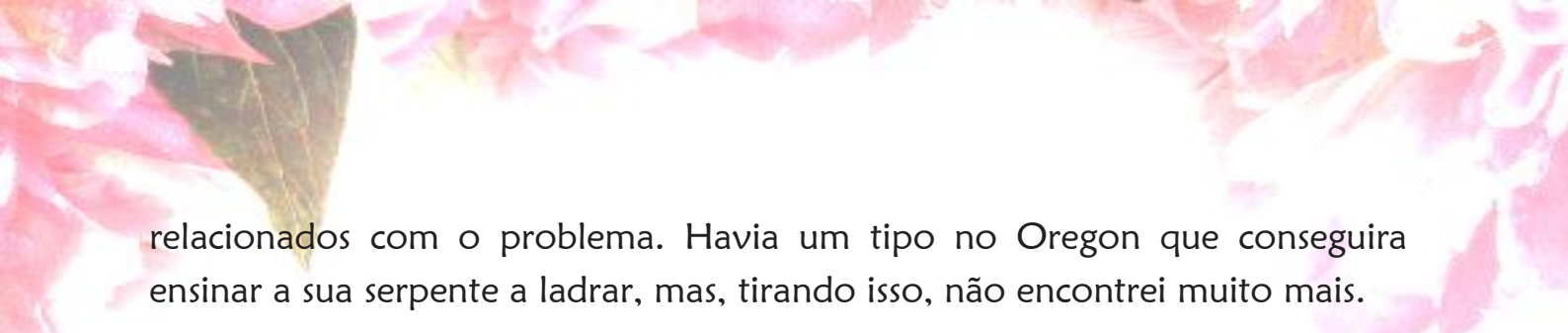
– Oh, não, por favor. Se não aceitar o dinheiro, não terei coragem de vir. – Emily parecia prestes a ir-se abaixo. – A sério. Eu sei que é um caso difícil, mas tenho de ter a certeza que fiz tudo o que podia, para o caso de ele ser mesmo o *Rover*... refiro-me ao cão... e ter voltado para nós. A Lulu é a minha última esperança.

– Farei o melhor que puder, é claro. Tenho um contacto nos Estados Unidos, uma pessoa que é especialista em... – lá dizer «malucos», mas mudei de ideias – problemas caninos menos comuns. Telefonar-lhe-ei no fim de semana a ver se ele me pode dar umas luzes sobre o seu caso.

– Obrigada. Fico-lhe muito grata. Nem sabe quanto. A minha mãe é tudo para mim, sabe, e...

O meu telefone despertou e Emily calou-se, o que até foi bom, para ser sincera. Há um limite para o que consigo aguentar numa sessão.

Passei o resto do dia agarrada ao computador a investigar gatos que pudessem ser cães, mas, por algum motivo, não existiam muitos *sites*



relacionados com o problema. Havia um tipo no Oregon que conseguira ensinar a sua serpente a ladrar, mas, tirando isso, não encontrei muito mais.

Às seis da tarde, telefonei a Clodagh a sugerir que fôssemos tomar uma bebida.

– Adoraria, querida, mas estou de saída para ir treinar. Vou participar na próxima maratona de Nova Iorque.

– Pois claro. – Era novidade para mim, mas a verdade é que Clodagh estava sempre envolvida em alguma atividade.

– Queres passar por aqui mais tarde para veres o meu novo *pad*?

– *Okay*, ótimo, mas olha que estou a água. E hoje apenas posso comer alimentos verdes, portanto, se tiveres alguma coisa no frigorífico... não te dês a grandes trabalhos...

– Tenho uma mão-cheia de urtigas viçosas no quintal. Uma sopa, talvez? – propus alegremente, mas ela não apanhou a piada.

– Não te preocupes, eu tenho um saco de espinafres na geleira que trago na mala do carro.

– Fabuloso. Talvez pudéssemos partilhá-lo, não achas? – Mais uma vez, foi um desperdício do meu sarcasmo.

Clodagh era uma das pessoas mais centradas que conhecia. Era capaz de apostar que estava a fazer uma lista mental – e usando associações de palavras para a memorizar – enquanto corria na passeadeira e via televisão e conversava comigo ao telefone.

– Claro. Vemo-nos por volta das oito. Tchau. – E desligou. Interroguei-me se lhe devia falar de *Rover*, mas decidi não o fazer. Talvez fosse de mais para o seu organizado cérebro abarcar.

Clodagh era a minha dose de sanidade. Adorava a energia dela e motivação. Para ela, nada constituía um problema e eu adorava-a por isso. Numa outra altura trocava impressões com ela acerca do caso do gato que podia ser cão; entretanto, num esforço para aguentar o resto da tarde, saí para comprar uma tablete de chocolate e *macaroon* com o objetivo de acalmar os rugidos do estômago. A culpa foi de toda aquela conversa acerca de espinafres.



5

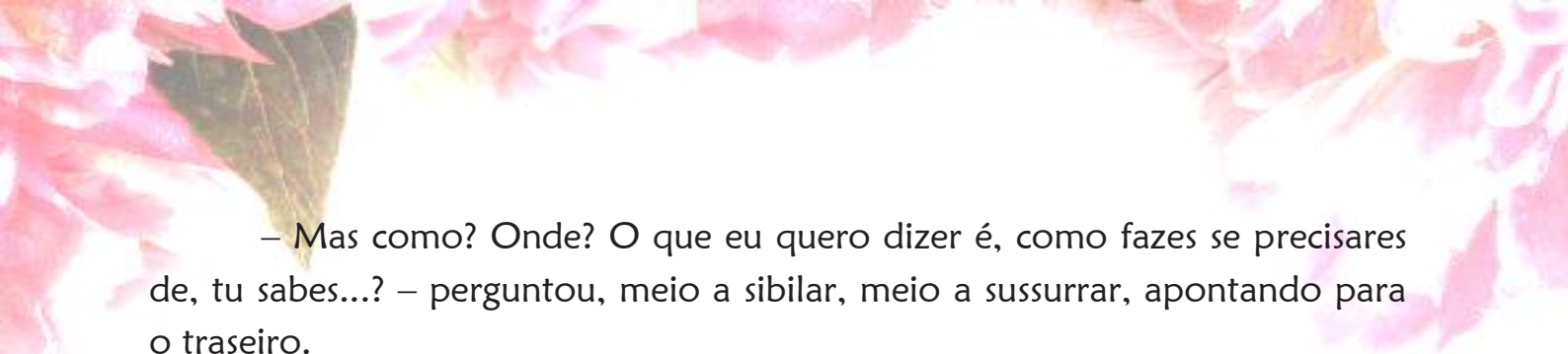
ATÉ MESMO PARTILHAR UM LEGUME VISCOSO COM Clodagh era estimulante. Talvez valha a pena acrescentar que essa sensação foi consideravelmente estimulada por uma caminhada rápida e sob ventos cortantes ao longo da marginal de Bray. Fomos parar quase a Greystones, uma localidade à qual não ia há muitos anos. Mal a reconheci de tantas casas novas que entretanto tinham brotado.

– Meu Deus, que claustrofobia – comentei com a minha amiga. – Como conseguem as pessoas viver assim? – Mirei as filas de caixas castanhas, todas idênticas, à exceção das diferentes cores das portas de entrada, sem um palmo de espaço verde entre elas e os passeios. Era uma visão bastante comum em toda a cintura residencial em torno das grandes cidades irlandesas.

Clodagh, é claro, sabia tudo acerca das casas e dos seus habitantes. E, no espaço de dois minutos, eu também. Ao fim de cinco, estava cheia de vontade de conhecer um deles. Clodagh tinha uma enorme queda para contar histórias.

– Isto está cheio de artistas da moda, manda-chuvas dos media, produtores de televisão. Alegadamente, o que não falta é troca de parceiros e erva. As festas são fantásticas, segundo a Una, uma rapariga lá do ginásio. Ela partilha uma das casas em socalco ali em cima com um baterista e um dançarino de Riverdance.

De regresso à caravana, percebi que Clodagh estava com dificuldade em entender o meu novo estilo de vida, apesar de ser uma pessoa muito liberal.



– Mas como? Onde? O que eu quero dizer é, como fazes se precisares de, tu sabes...? – perguntou, meio a sibilar, meio a sussurrar, apontando para o traseiro.

– Não precisas de sussurrar, não está aqui mais ninguém – observei. – E, se quiseses fazer chichi, basta ires à casa de banho – disse sorrindo.

– Mas essas sanitas portáteis expulsam mesmo o cocó ou fica para ali a boiar durante uma eternidade e depois tens de o pescar e enterrar?

– Mas em que planeta vives? As casas de banho químicas tiveram o mesmo destino que *Ali Químico*. A minha tem um autoclismo com sistema de descarga duplo. Tenho aquecimento central, por amor de Deus. E um mecanismo no chuveiro que aumenta a pressão da água.

– Aaaah – foi tudo o que ela conseguiu dizer, mas continuo a achar que, mentalmente, deu graças por os seus espinafres já estarem embalados e pré-lavados.

Uma vez no interior da caravana, Clodagh ficou de queixo caído. Não resisti a acompanhá-la numa visita pormenorizada por toda a casa.

Disse «aaaah» umas trinta vezes.

«Aaaah, tens uma cama normal.» (Clodagh)

«Que imaginavas, uma cama de campismo que fazia também as vezes de mesa de cozinha?» (Eu, encantada)

«Aaaah, é um frigorífico mesmo!» (Ela)

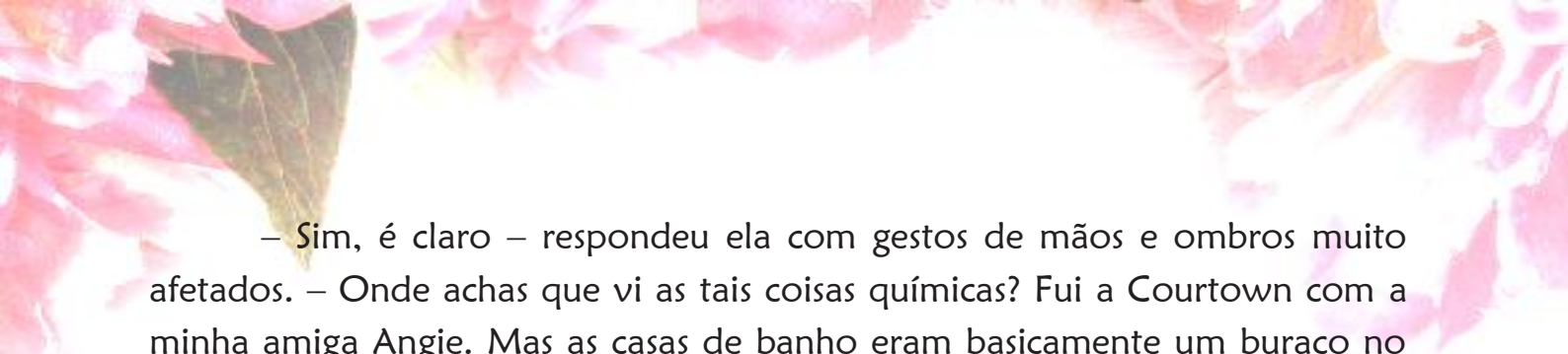
«Por oposição a uma geleira, sim.» (Eu, num tom sarcástico)

«Oh, meu Deus, isto aqui no lava-louça é um extrator de lixo?» (Ela, de novo)

«Não, é onde se tritura a caca quando não vai pela sanita abaixo.» (Eu, desistindo) «Vamos beber qualquer coisa.»

Uma hora mais tarde, estávamos na risota por causa de tudo aquilo. Honra fosse feita à minha amiga: tinha muito poder de encaixe.

– És mesmo uma menina mimada da classe média – disse em tom afetado. – Não costumavas ir de férias de caravana quando eras miúda?



– Sim, é claro – respondeu ela com gestos de mãos e ombros muito afetados. – Onde achas que vi as tais coisas químicas? Fui a Courtown com a minha amiga Angie. Mas as casas de banho eram basicamente um buraco no chão com a tampa de uma panela por cima e uma caixa de quadrados de papel higiénico áspero e amarelado preso à cerca. Quando contei à minha mãe, ela ficou tão horrorizada que se recusou até a deixar-me ir brincar para casa da Angie, e ela vivia em Foxrock. Eram podres de ricos.

– Vocês são tão...

– Pretensiosos, eu sei. – Clodagh nunca temia dizer as coisas com as letras todas.

– Eu ia dizer dignos.

– Ainda bem que tu e eu nos conhecemos na faculdade e que por essa altura os meus pais já tinham perdido o seu poder. Deixa-me que te diga que a tua mãe me deu mais educação do que a televisão alguma vez daria.

– Sim, sim, logo a minha mãe. Pena é que a mim me tenha tramado ao ser tão severa enquanto eu crescia.

– Creio que ela receava que tu te metesses por maus caminhos. – Clodagh sorriu. – Lembro-me de uma vez ela ter dito qualquer coisa acerca de não querer que ficasses como o teu pai.

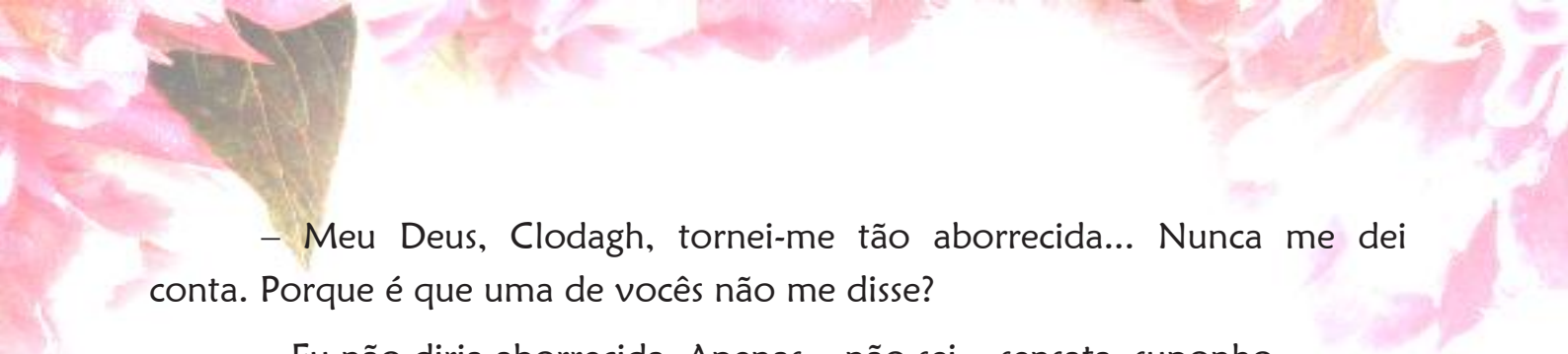
– Pois, portanto, enquanto eu passei anos a tentar ser a filha perfeita, a Becky fez tudo o que lhe deu na vontade. E ainda assim recebeu mais amor e atenção. – Soava amarga, até a mim mesma.

– Então, isto tudo tem que ver com isso? – A minha amiga acenou com os braços em redor.

– Talvez. Há anos que quero libertar-me, mas creio que quem começou isto foi a minha mãe. Ela podia ser doida à vontade, mas eu tinha de ser perfeita. – Apontei com o queixo na direção da garrafa. – Mais um?

– Não, obrigada. Nem devia ter bebido. Tenho de me levantar às seis. Continua, sou toda ouvidos.

Rolhei o vinho e coloquei a chaleira ao lume.



– Meu Deus, Clodagh, tornei-me tão aborrecida... Nunca me dei conta. Porque é que uma de vocês não me disse?

– Eu não diria aborrecida. Apenas... não sei... sensata, suponho.

De novo aquela palavra. Se mais alguém a voltasse a usar em relação a mim, iria haver sangue.

– Pois... Bom, mas acabou-se o aborrecida, entediante, previsível, o que quer que seja. Já não tenho de me preocupar com o que a minha mãe diz...

– Então, isto está relacionado com o quê, afinal? – Dir-se-ia que todas as minhas amigas estavam a adotar os meus clichés de terapeuta.

Pensei por um momento.

– Creio que está relacionado com o facto de eu querer uma vida mais emocionante, querer divertir-me mais. Ser um pouco mais Amy Winehouse do que Mary Whitehouse³.

– Eu culpo a Bridget Jones – decidiu Clodagh. – Embora sejas mais, tipo, Keira Knightley, creio. Serena... – Parecia satisfeita. – É a tua cara.

– Hoje, todas as raparigas giras dos filmes são estranhas e doidas, não serenas – fiz notar a Clodagh. Por uma estranha razão, tinha vontade de chorar por tudo o que não fizera com a minha vida.

– Não são verdadeiras, certo? Os filmes não são a vida real.

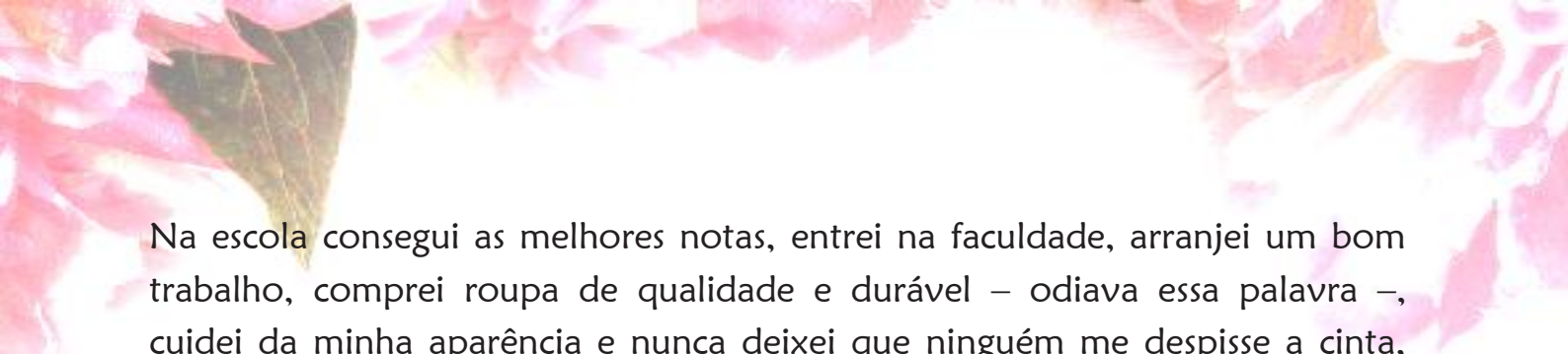
– Sabes o que quero dizer. – Não iria permitir que me tratasse com condescendência.

– Ouve, Lou – disse Clodagh num tom gentil. – Gostamos de ti como és. És forte e leal e de confiança...

E foi o que bastou. Dei um pulo e quase derrubei o copo dela.

– Mas é essa mesma a questão, não entendes? Não é isso que eu quero ver escrito na minha lápide. As pessoas leais não têm vida sexual. Desde os cinco anos que sou sensata. Tinha de o ser, caso contrário, corria o risco de a minha mãe não me amar. Toda a vida fiz o que estava certo, portei-me bem.

³ Mary Whitehouse (1910-2001), ativista social britânica defensora dos valores morais e da decência religiosa, principalmente nos meios de comunicação audiovisuais. (*N. da T.*)



Na escola consegui as melhores notas, entrei na faculdade, arranjei um bom trabalho, comprei roupa de qualidade e durável – odiava essa palavra –, cuidei da minha aparência e nunca deixei que ninguém me despisse a cinta, nem mesmo o médico. E veja-se a minha irmã mais nova: toda a vida se divertiu à grande, nunca pagando as consequências por nada. E a minha mãe está sempre a telefonar-lhe, ao passo que nem sequer sabe que eu mudei de casa.

– Eu acho que te saíste muito bem – argumentou Clodagh no mesmo tom amável. – E a Becky é simpática, mas... não sei, parece-me um bocado oca. É totalmente egocêntrica.

– Não é a vida *delas* que eu ambiciono – tentei explicar. – Mas, caramba, Clodagh, pelo menos elas viveram; ao contrário de mim. Se amanhã me dissessem que sofria de uma doença terminal, ficaria arrasada.

– Ficarias bem tramada, na verdade – disse Clodagh sem rodeios.

– Tu entendes o que quero dizer. – Sentia-me de novo desalentada.

– Nós adoramos-te. Não precisas de mudar.

– Pois é melhor que te habitues à ideia, meu amor – animei-me mentalmente –, visto que este é o meu novo eu. – E fiz uma pirueta, uma vez que ela não tinha ainda comentado o meu fato de treino de veludo *Juicy Couture*. – E parem de estragar a minha curte.

Honra lhe fosse feita, não se desmanchou a rir.

– *Okay*, querida, vejamos então onde isto nos leva. Estou contigo. – Abraçou-me. – Mas só se puder fazer uma lista.– Piscou-me o olho.

– Que se lixem as listas, estou a viver uma aventura.

– Vamos a isso! E se começássemos por fazer alguma coisa este fim de semana?

– Ótimo. A Maddy vem até cá no sábado para me ajudar a organizar o abrigo de jardim. Podíamos sair depois disso.

– Um abrigo de jardim, hã? Muito pouco convencional. – Lançou-me um olhar e depois desviou-se para evitar a almofada que lhe lancei. – Vou ter com vocês ao Ron Black às nove.



No dia seguinte tinha um novo cliente. O nome dele era Denis Cassidy e estava contentíssima, pois fora o veterinário local que lhe recomendara que recorresse aos meus serviços. Interrogava-me se ele era giro, solteiro, talvez até jovem. Rico já seria um bónus. Efetivamente, tinha sessenta e poucos anos e não devia ter vintém, pelo menos a julgar pela aparência. No entanto, o seu cão era muito engraçado: um minúsculo Jack Russell com uma cauda capaz de arrancar um olho a uma pessoa.

– Faz favor de se sentar, Mister Cassidy. O meu nome é Louisa. – Decidi ser sincera em relação ao meu nome com todos os meus clientes, não fossem achar o diminutivo «Lulu» pouco sério. – E quem é esta coisa fofa? – Acariciei o pescoço do cão e depois endireitei-me e tossi, dando-me conta de que ganhara o hábito de falar com todos os cães como se fossem bebés.

– Este é o *Bartholomew* – apresentou Denis com orgulho.

– É um nome invulgar. Porque o escolheu?

– Queria um nome sonante, distinto, entende? Detesto o meu nome. Toda a vida me chamaram Dinny ou Denny ou Dinjo. Na escola era Denis, o Pimentinha. – Os seus olhos cintilaram.

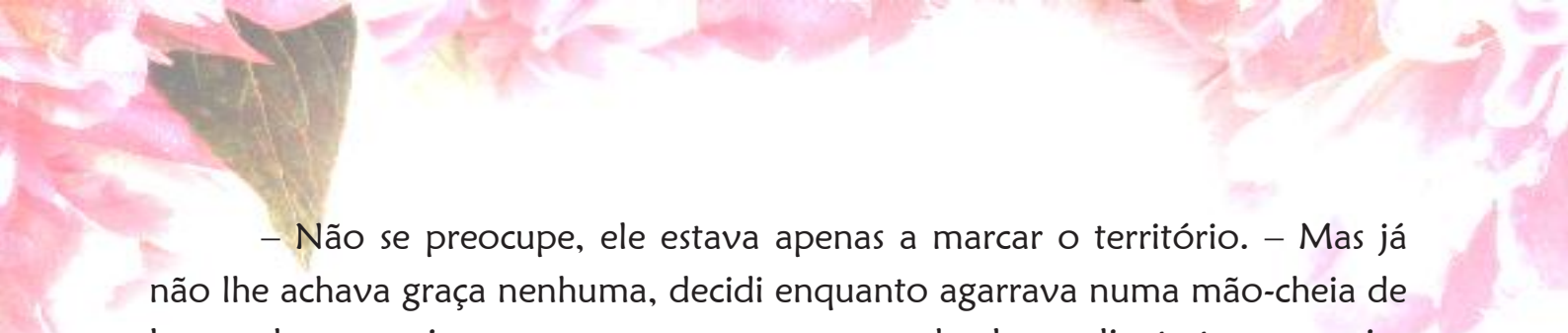
– Em miúda, tive um cão chamado *Gnasher*. – Não fazia ideia por que motivo lhe contara aquilo. – Era um belo de um desordeiro.

– Eu também sou uma espécie de rufia. – Piscou o olho.

– Duvido muito. – Soltei uma gargalhada.

Bartholomew assentara arrais no sofá para cães que eu acabara de comprar, a imitar cabedal e num axadrezado castanho e cor de caramelo, muito *Louis Vuitton*. Depois de o ter farejado por um momento, decidi batizá-lo. Tentei não fazer um ar muito escandalizado ou deslocar-me como uma bala quando o vi alçar a perna para o meu sofá de 100 euros – e Denis revelou-se um pouco lento a levantar da cadeira –, por isso, quando chegámos perto do *Bartholomew*, ele já tinha aliviado a bexiga e abanava a cauda, todo contente.

– Peço imensa desculpa – disse Denis com um ar aborrecido.



– Não se preocupe, ele estava apenas a marcar o território. – Mas já não lhe achava graça nenhuma, decidi enquanto agarrava numa mão-cheia de lenços de uma caixa que comprara para o caso de algum cliente ter uma crise de choro – um vestígio da minha antiga vida, quando tudo o que fazia era assoar narizes e secar lágrimas. – Não era muito diferente da atual, concluí, muito embora o cheiro fosse um pouco mais intenso e antes não tivesse de limpar sofás. Levei-o até à casa de banho, passei-o pela torneira e coloquei-o a secar frente ao irradiador.

– Eu pago a limpeza – sugeriu Denis com pouca convicção quando eu regresssei. – Cão feio! – ralhou num tom severo, mas afagava a cabeça do cachorro ao mesmo tempo que o admoestava, o que não é nada a melhor forma de lidar com um mau comportamento.

– Que posso fazer por si, Mister Cassidy? – perguntei com um sorriso, ignorando os acenos de cauda do cão. Decidira que o pequeno patife podia muito bem sentar-se no chão frio.

– Denis, por favor. Nunca na vida fui tratado por Mister Cassidy, exceto no ano passado, quando fui parado pela polícia e obrigado a soprar no balão.

– Oh, meu Deus, que aconteceu?

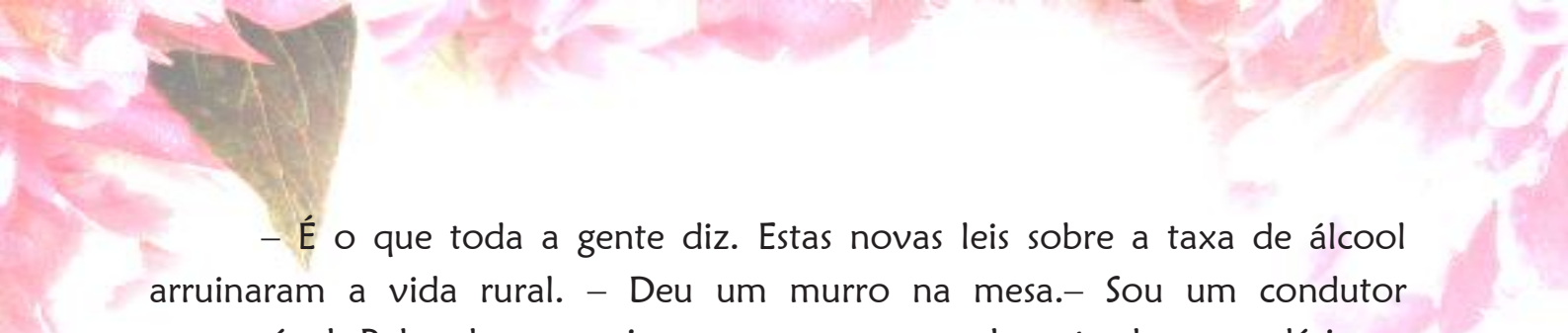
Era o pesadelo dos idosos nas zonas rurais da Irlanda, nos últimos tempos. Denis dissera-me que vivia perto de Ashford, no condado de Wicklow, por isso, supus que fosse agricultor ou qualquer coisa assim, a julgar pela terra debaixo das suas unhas.

– Disse-lhe que teria de me apanhar primeiro e arranquei a toda a velocidade – contou ele com uma risada.

– O quê?

– Ele estava de bicicleta, está a entender, e era de noite. E faltava-me a matrícula de trás. – A expressão dele assemelhava-se à de uma criança descarada que acabara de assaltar um pomar sem ser apanhada.

– Fez muito bem! – Não foi um comentário nada profissional da minha parte, mas não consegui conter-me.



– É o que toda a gente diz. Estas novas leis sobre a taxa de álcool arruinaram a vida rural. – Deu um murro na mesa. – Sou um condutor responsável. Bebo duas cervejas e vou para casa pelas estradas secundárias e, fosse como fosse, a minha carripa nunca ultrapassaria os cinquenta quilómetros por hora, nem que a enchesse de uísque. A maioria dos meus vizinhos já nem sai de casa. Morrem de medo de ficar sem a carta. A polícia não terá nada melhor para fazer que perseguir pessoas idosas como eu? Perguntei isso mesmo a um tipo novo de farda no outro dia. Tinha para aí uns doze anos e estava a passar uma multa a Mistress O'Reilly, só porque ela estava a empatar o trânsito por um bocadinho enquanto dava um pulo aos correios para ir levantar a reforma. É um escândalo, é o que é. Enfim... Mas fale-me um pouco sobre o que a menina faz.

– Bom, comecei por me dedicar à psicologia, mas estudei com um perito de renome mundial em comportamento canino. Os meus certificados são reconhecidos internacionalmente e fiz o bacharelato em...

– Ah, então costumava praticar em humanos?

– Pois, pode dizer-se que sim, embora prati...

– Eu prefiro cães, a maior parte do tempo.

– Eu também. – Sorrimos um para o outro, e gosto de pensar que ambos percebemos naquele momento que o nosso relacionamento era para durar, muito embora Denis não tenha dado qualquer indicação sobre o que estava a pensar. De certa forma, ele era a figura paterna que eu nunca tivera. Tratei de me dar um abanão e de me recompor. Não era altura de seguir por aquele caminho.

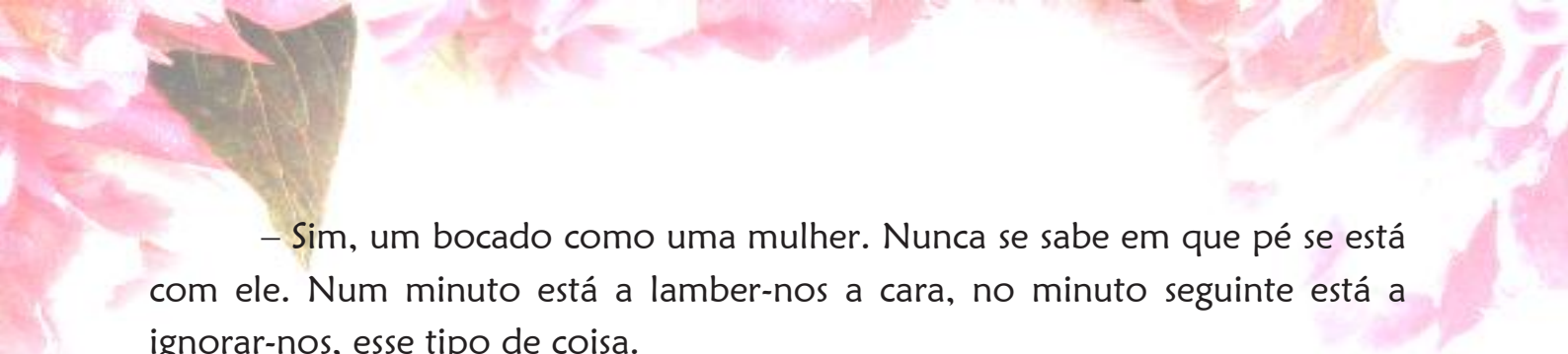
– Ora bem, talvez pudéssemos agora falar sobre o *Bartholomew*? – sugeri dali a um segundo ou dois.

– Há qualquer coisa que o incomoda – disse Denis. – Ultimamente, não parece ele.

– Como assim?

– Anda temperamental.

– Temperamental?



– Sim, um bocado como uma mulher. Nunca se sabe em que pé se está com ele. Num minuto está a lambar-nos a cara, no minuto seguinte está a ignorar-nos, esse tipo de coisa.

– Estou a ver. – Não estava.

– Então, acha que pode ajudar-nos?

– Tentarei, com toda a certeza. Talvez da próxima vez possa ir a sua casa, ver como vocês interagem? – Era algo que andara a evitar, achando que já tinha o suficiente com que me preocupar, porém, começava cada vez mais a dar-me conta de que parte do meu trabalho iria implicar algumas deslocações para observar os meus «clientes» no seu ambiente normal. E ali estava a minha primeira oportunidade. Suspeitava que iria ter de fazer o mesmo com Ronan O'Meara e a sua avó.

– Isso seria ótimo – respondeu Denis e levantou-se de imediato para ir embora, como se receasse que eu mudasse de ideias. – Quando? – Foi tudo o que disse.

– Bom, em breve. Que tal na próxima semana?

– Podia ir amanhã?

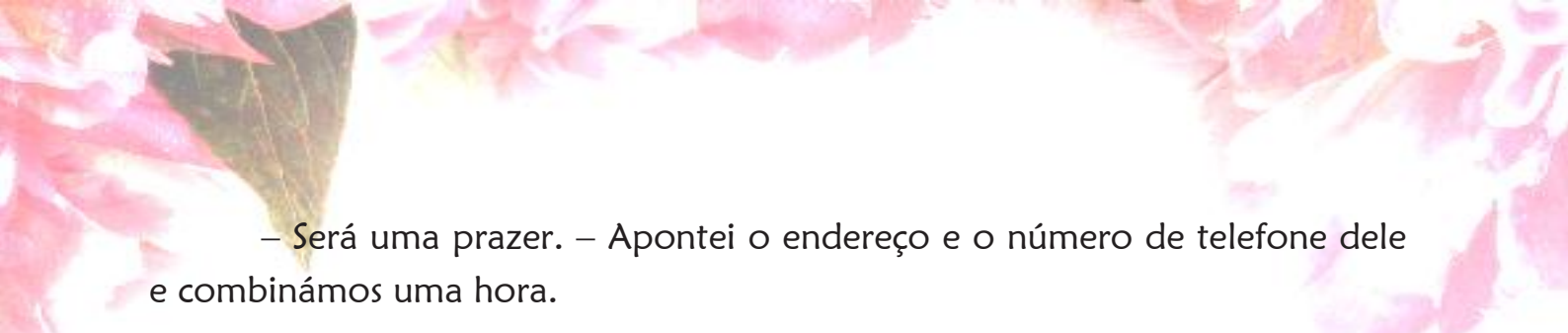
– Não, amanhã não dá. – Consultei a minha agenda. – Talvez na sexta-feira? Está bem para si?

Ele acenou que sim com a cabeça.

– Desde que seja depois do meio-dia. A sexta-feira é o dia em que vou levantar a reforma e Maureen Kearns, a vizinha que me dá boleia, insiste sempre para irmos tomar um café a seguir. Acha-se muito chique por fazer isso. – Coçou a cabeça como se também não conseguisse entender semelhante coisa. – Bebe este novo tipo de café, menina? Aquela mistela espumosa com pó de cacau espalhado por cima. E põem tão pouco na chávena que mal dá para saborear.

– Na verdade, prefiro chá. – Ri da careta que ele fez.

– Ora ainda bem. Disso tenho com fartura. E um pacote de bolachas de gengibre para molhar no chá.



– Será uma prazer. – Apontei o endereço e o número de telefone dele e combinámos uma hora.

Denis foi-se embora, deixando-me ainda mais intrigada. Tal como a maioria dos meus novos clientes, Denis, o Pimentinha, era mais do que à primeira vista deixava entrever, disso tinha a certeza.

6

ESTAVA ANSIOSA PELA MINHA CONSULTA SEGUINTE. O jeitoso do Louis estava de volta, juntamente com Mike e *Pedro*. Louis envergava um deslumbrante fato cor de carvão; já Mike parecia ter dormido com a camisa que trazia vestida.

– Olá. – Fui direita a Louis. Meu Deus, era mesmo um borracho e também muito masculino. Interroguei-me se seria a única mulher que, secretamente, acreditava que os homens *gay* giros podiam pender também para o outro lado, se conhecessem a mulher certa. Ao longo dos anos, desperdiçara bastante tempo a empreender nesta ideia que nunca se concretizara.

– Que sala tão fixe, adoro a cor. – Louis estava já a explorar a divisão, portanto, também não era desta vez que o meu sonho se tornaria realidade, suspeitei.

– Beringela – disse para as costas dele. – Tive a ajuda de um *designer* de interiores. Aparentemente, os cães sentem-se mais confortáveis com determinados tons, pelo menos de acordo com o *website* do Giorgio. Pelos vistos, tem alguma coisa a ver com o apurado faro dos cães. Sabiam que as cores têm cheiros diferentes? – perguntei a ambos.

Louis fez um ar interessado enquanto Mike ficou como que à espera do remate de uma piada.

– Eu também não – foi tudo o que me ocorreu acrescentar.

«Fascinante» e «Grande treta», disseram Louis e Mike em uníssono.

– Não acredito que tenha caído nessa. Ele só pode ser americano – prosseguiu Mike. – Aqui o *Pedro* só se entusiasma com o cheiro a chichi e não reconheceria uma beringela nem que esta lhe aparecesse no seu Pedigree Chum.

– Imagino que seja resultado dos tempos que passou no hospital. Refiro-me à urina e às associações de ideias que ele fará – sugeri num tom compassivo.

– Não, é porque a pontaria do Mike é péssima e nunca acerta na sanita. – Louis fez uma careta. – E o *Pedro* segue-o para todo o lado, por isso, acaba invariavelmente por lambê-lo. É nojento, mas é verdade.

– Não se diz que o chichi é rico em qualquer coisa? – quis saber Mike.

– A única coisa em que o teu é rico é em álcool. – Louis suspirou. – Não admira que o pobre do *Pedro* seja tão estúpido. O mais certo é que, a maior parte do tempo, esteja bêbado.

«Oh, meu Deus, por favor», rezei em silêncio. Mais um casal a precisar de aconselhamento, não. Decidi lançar mãos à obra de imediato.

– Façam favor de se sentarem. – Apontei para o sofá.

– Esta cama para cão está um pouco estafada – comentou Louis ao mesmo tempo que *Pedro* a farejava todo contente e se rebolava nela. – Parece não condizer com o resto da divisão.

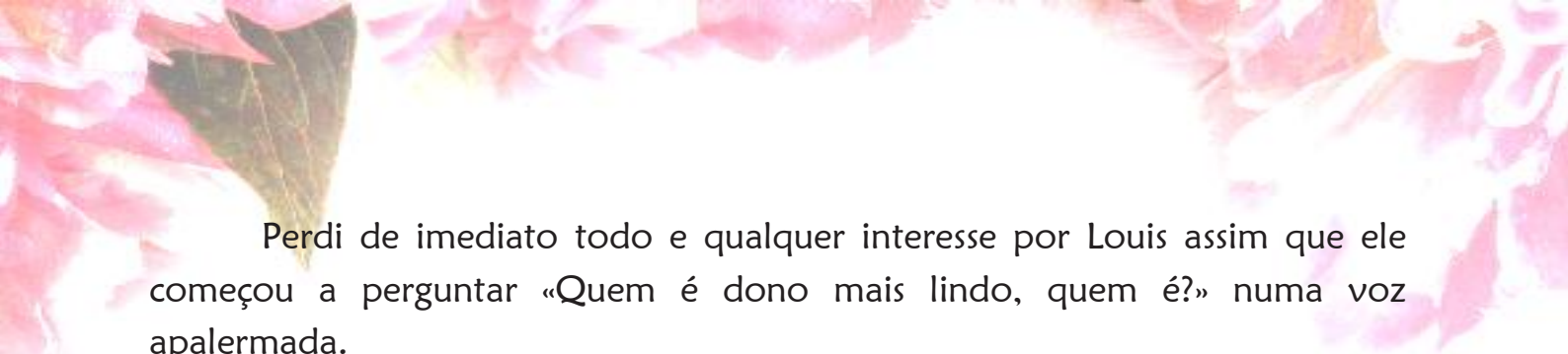
– Bom, na verdade, é nova em folha, mas um dos meus clientes, o *Bartholomew*, fez chichi nela e tive de pôr o tecido a secar no irradiador e infelizmente parece que derreteu e ficou duro... – Ficara furiosa ao descobrir o que acontecera.

– Um tipo mijou na cama para cães? Isso, sim, é nojento. – Mike soltou uma gargalhada.

– Não, não. – Abanei a cabeça. – O *Bartholomew* é um cão. Um Jack Russell. Denis, o dono dele, ficou mortificado. – Decidi que aquela conversa acerca de chichi já tinha ido longe o suficiente. – Mas, seja como for, o *Pedro* parece-me muito feliz.

Era verdade. O Collie tentava achatar a cama, sacudindo-a de um lado para o outro, e na verdade estava a ser bem sucedido.

– Ignore-o; isto quer dizer que adora a cama. – Louis lançou ao cão um olhar de adoração. – Daqui a um bocadinho ele já se acomoda... não é, meu querido? – Colocou-se de gatas no chão e começou a rebolar-se com o cão.



Perdi de imediato todo e qualquer interesse por Louis assim que ele começou a perguntar «Quem é dono mais lindo, quem é?» numa voz apalermada.

– E aí tem o nosso problema. – Mike espreguiçou-se e bocejou. – O Louis acha que o cachorro é humano. Está a dar comigo em doido.

– Certo, bom...

– Não acho nada. A sério que não, Louisa... – Louis fez tenções de se levantar.

– A noite passada, chegou a casa com uma cadeira alta, feita à medida, para ele poder comer connosco. – Mexendo apenas os lábios, Mike disse, «Juro» ao ver o meu ar incrédulo e arqueou as sobrancelhas. – O *Pedro* tem um varão próprio para a roupa dele, um fato de treino e uma pala para o sol. A única diferença entre o Louis e ele é que o Louis tem um roupeiro que é um verdadeiro quarto de vestir. – Mike e Louis comportavam-se como um casal com muitos anos de vida em comum; decidi que eram decididamente um casal. – A semana passada enfureceu-se comigo porque não o sentei na cadeirinha de bebé que o Louis tem no carro dele. – Mike coçou a cabeça. – O *Pedro* pesa uma tonelada porque lhe damos abacate e puré de grão ou lá o que é aquilo. E, quando o Louis se ausenta, diz que eu provoco diarreia ao cão só porque abro uma lata...

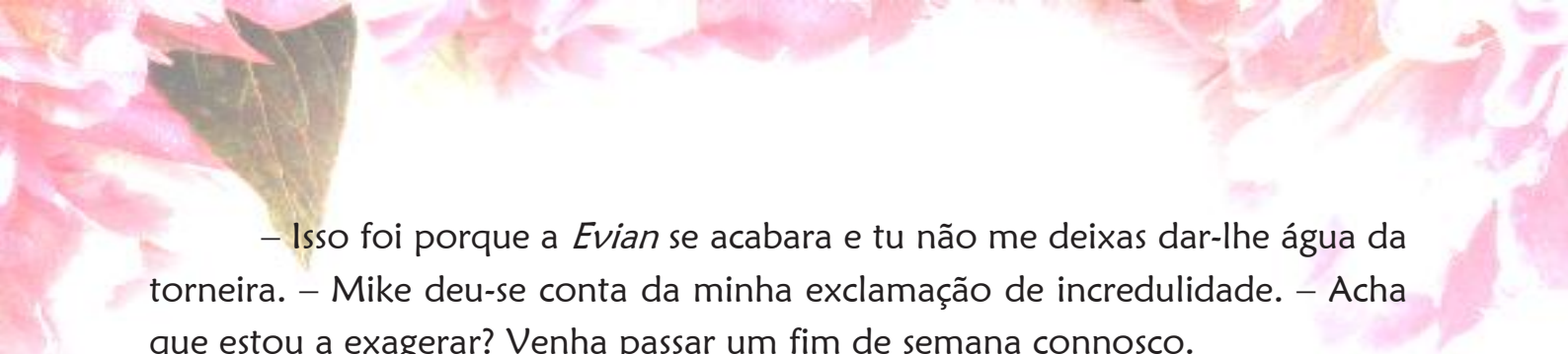
– Recuso-me a dar ao *Pedro* uma coisa que eu também não comeria. – Louis tinha um ar obstinado. – Como te sentirias se tivesses de comer tripas de porco e sangue e coisas assim?

– Da mesma forma que me sinto todos os sábados de manhã quando como morcela ao pequeno-almoço? – Mike sorriu.

– *Okay*, vamos lá recapitular. – Puxei do meu bloco de apontamentos e entrei em modo de professora primária. – Qual é o problema subjacente do *Pedro*?

– Já lhe disse. O Louis acha que ele é humano; o cão, quero dizer.

– Não acho nada. E tu ignora-lo. A semana passada, quando cheguei a casa, o *Pedro* estava a beber o resto da tua cerveja de uma garrafa que tinhas deixado no chão da cozinha porque não havia água na tigela dele...



– Isso foi porque a *Evian* se acabara e tu não me deixas dar-lhe água da torneira. – Mike deu-se conta da minha exclamação de incredulidade. – Acha que estou a exagerar? Venha passar um fim de semana connosco.

– Tu nunca lhe dás banho e uma vez até te esqueceste de lhe dar de comer durante dois dias.

– Isso não é verdade. – Mike lançou as mãos ao ar. – Simplesmente, não lhe assei um faisão e lho servi com nabo frito.

– Pois não, deste-lhe uma daquelas latas de comida barata e ranhosa. O pobre andou dois dias de diarreia. – Louis cruzou os braços e colocou-se de esguelha para Mike, um mau sinal em qualquer relação.

– Recuso-me a continuar com isto. – Mike levantou-se. – Ele é um cão, por amor de Deus. Não necessita de óleo de alfavaca na almofada nem de um cadeirão só para ele.

– Estás é preocupado com o que as pessoas pensam quando te veem na rua com o *Pedro*...

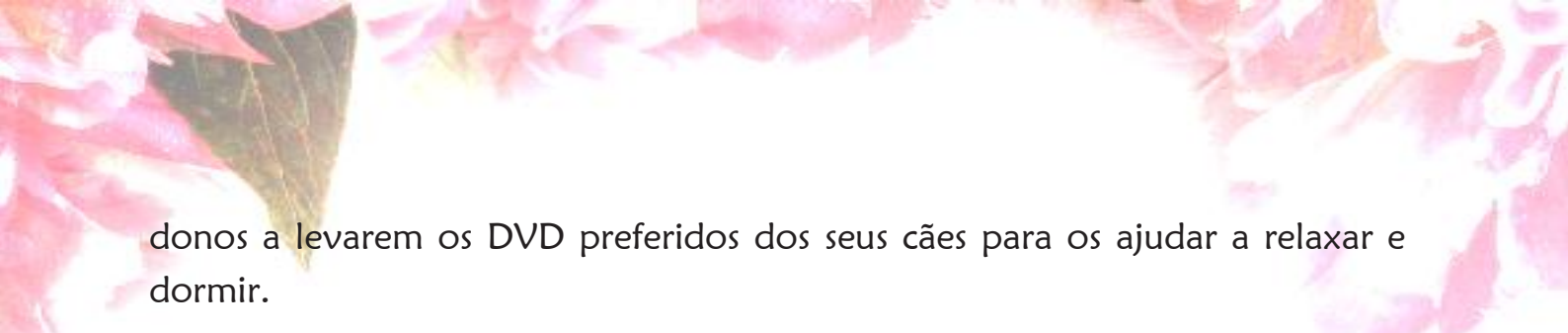
– Podes crer que estou! Principalmente, tendo em conta que veem um Collie com um tutu cor de rosa e uma suástica ou lá o que chamas àquelas coleiras de diamante...

– *Swarovski*, estúpido! – Louis estava furioso. – Bela demonstração da tua ignorância.

– Ah, que se lixe, não estou para isto, vou-me embora. – Mike encaminhou-se para a porta. Eu fingia que tirava notas.

– Não, não. – Saltei da cadeira. – Não se vá embora, por favor. Isto é um... um... problema mais comum do que imagina – menti. – Tenho a certeza de que conseguiremos... evitar uma crise doméstica. – Tentei ser diplomática.

– Sim, mas conseguirá evitar que sejam ambos internados? – Mike começou de repente a rir. Por aquela altura, já eu mordida o lábio. – A seguir – apontou para Louis, que estava de costas para nós –, aposto que vai tentar encontrar um hotel para cães para onde possa ligar todas as noites por meio de uma ligação por vídeo para poder falar com o cão quando não está cá. – Mike piscou o olho e explicou que havia até um hotel que encorajava os



donos a levarem os DVD preferidos dos seus cães para os ajudar a relaxar e dormir.

– És um filho da mãe muito cruel. – Louis puxou por *Pedro*, que dormia de barriga, expondo os genitais, até o pôr de pé e saiu porta fora antes de eu o conseguir impedir.

– Ups, é melhor ir andando. É o diabo quando fica irritado. – Mike parecia gostar de atormentar as outras pessoas.

– Desculpe... – Mary, a rececionista, enfiou a cabeça na porta. – Mister Cassidy acabou de telefonar a confirmar a consulta para o final da manhã de hoje. – Olhou de uma forma penetrante para o seu relógio, num esforço para me salvar, suspeitei.

– Ah, ótimo. Obrigada. – Sorri tranquilizadamente. – Não estava esquecida.

Mike estava já à porta.

– Tenho mesmo de ir. – Fez uma careta. – Foi o Louis que trouxe o carro e, se não me despacho, o *Pedro* irá sentado no banco da frente com os meus óculos de sol na cara, e eu vou na bagageira, de açaimé. É uma vida difícil. – Piscou-me o olho mais uma vez e correu porta fora. – Ah, é verdade, devemos-lhe dinheiro. Acertamos contas na próxima consulta – gritou ainda por cima do ombro.

Decidi ir tomar uma dose reforçada de chocolate.

7

DUAS HORAS MAIS TARDE, parei frente a uma típica casa rural em Wicklow: uma superabundância de barracões e telheiros, estrume por todo o lado e um monte de pneus. *Bartholomew* veio receber-me, lançando-se na minha direção desde uma distância de cerca de dez metros, dando umas cambalhotas pelo caminho e aterrando de costas aos meus pés com um sonoro baque.

– Au, isso deve ter doído. Estás bem? – Perdoei-lhe de imediato o incidente com o sofá. *Bartholomew* contorceu-se, pôs-se de pé, sacudiu a lama e fez de conta que não acontecera nada. – Típico de um macho. – Sorri-lhe e esfreguei-lhe a barriga.

– Olá! Estou a ver que nos encontrou. – Denis Cassidy estava de roupa de trabalho: casaco de lã coçado e camisa de xadrez que, sem vários botões na zona da barriga, revelava uma camisola interior da cor de água do banho usada.

– Mister Cassidy, como está?

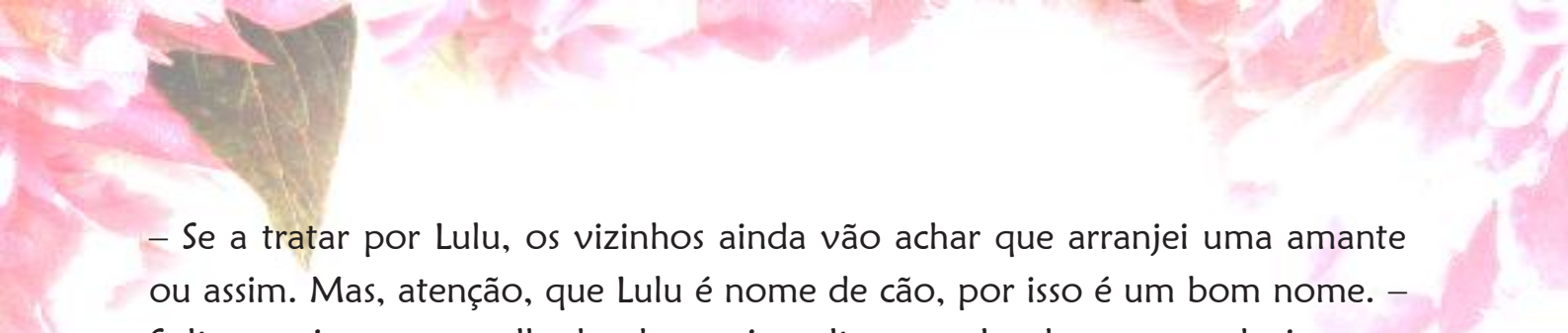
– Acabe lá com isso do *mister*, menina, o meu nome é Dinny.

Ignorou a minha mão estendida.

– Nesse caso, os meus amigos tratam-me por Lulu. – Mais uma vez, não percebi por que razão partilhei semelhante informação. Talvez fosse o rosto dele; fazia-me querer despejar toda a minha bagagem emocional no colo dele quando deveria ser ao contrário.

Riu a bom rir.

– Que raio de nome é esse? – Pregou-me uma tal palmada nas costas que quase o agredi no olho com a maçã que comera durante a viagem até ali.



– Se a tratar por Lulu, os vizinhos ainda vão achar que arranjei uma amante ou assim. Mas, atenção, que Lulu é nome de cão, por isso é um bom nome. – Soltou mais uma gargalhada, deu meia volta aos calcanhares e conduziu-me a sua casa.

A cozinha, suspeitei, não mudara em muitos anos. Exibia uma mesa de fórmica com uma toalha de plástico alaranjada, daquelas com bananas e maçãs estampadas no interior de quadrados. Condizia com o armário, encarnado vivo, pelo que consegui perceber. A lareira era uma mistura de tijolos rachados castanhos e cremes. De um dos lados tinha um balde para o carvão e uma caixa de acendalhas, do outro um conjunto de limpeza com a forma de uma ferradura – os suportes todos vazios à exceção de uma vassoura já careca e meio queimada e de um atiçador enegrecido e rombudo.

– Fiz o almoço para nós. – Desimpedira e pusera a mesa, algo que, supus, não aconteceria todos os dias.

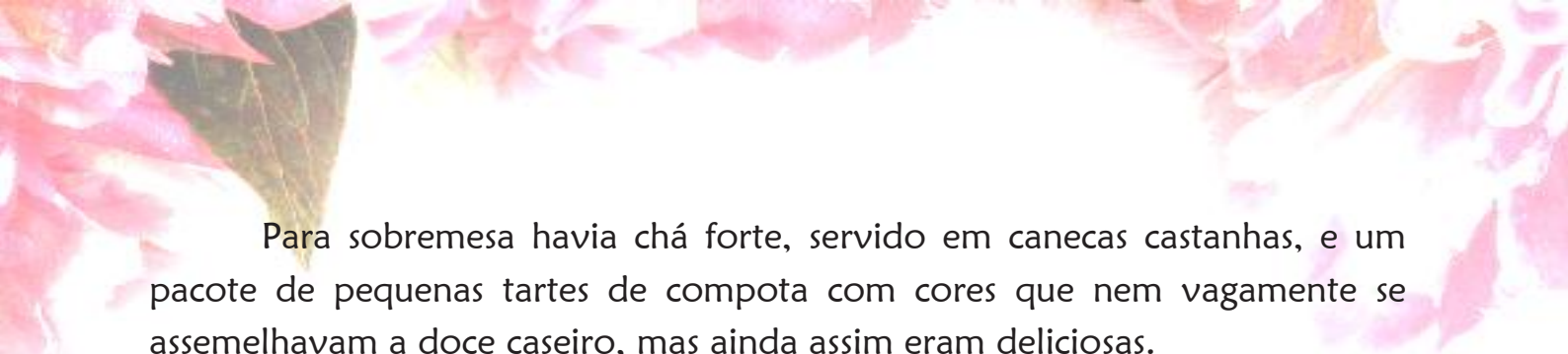
– Não se devia ter incomodado.

– É só uma sopa.

Com uma concha, serviu um líquido gelatinoso que, sem dúvida, saíra de um pacote. Legumes do campo, ou algo parecido, decidi, ao ver quadrados de tamanho igual, amarelos e cor de laranja, a boiar à superfície de um caldo espesso e bege salpicado de bocaditos de uma qualquer verdura. Para acompanhar, colocou fatias de pão branco numa tábua de madeira e um prato de fatias quadradas e rosadas de carne enlatada no meio da mesa.

Sal *Saxa* e pimenta branca *Goodall's* completaram a refeição. Denis usou ambos abundantemente.

Ataquei a comida, só para não o ofender, e reparei que ele partiu uma fatia de pão em pedaços e os mergulhou na sopa, incrementando a sua consistência semelhante a cola para papel de parede. Comemos em silêncio, o televisor de antena interior telescópica ao canto da cozinha a emitir receitas de sopa de abóbora com chouriço e salada de rúcula com *pesto* e queijo de cabra.



Para sobremesa havia chá forte, servido em canecas castanhas, e um pacote de pequenas tartes de compota com cores que nem vagamente se assemelhavam a doce caseiro, mas ainda assim eram deliciosas.

Fiquei comovida por ele se ter dado a tanto trabalho por minha causa. Por fim, lá começámos a discutir o problema de *Bartholomew*, que entretanto se enroscara no cadeirão do dono e já ressonava.

– Sente-se ali junto ao lume para se aquecer – insistiu Dinny enquanto enxotava o cão. Tinha mais uma razão para estar contente por já não usar fatos pretos: o cadeirão de veludo cor de mostarda exibia mais pelos que o ralo do meu polibã.

– Bom, o cão parece-me feliz e contente. – Invejava-o, estendido despreocupadamente frente à lareira, o mais próximo da turfa em chamas que conseguia estar sem se queimar.

– Sim, hoje está bem, mas a noite passada rosnou-me quando me quis sentar no meu próprio cadeirão. E esta manhã ignorou-me e recusou-se a sair da cama.

– Estará doente? – interroguei-me em voz alta. Parecia demasiado óbvio. – Ah, mas o Denis foi com ele ao veterinário antes de vir consultar-me, não foi? – Lembrei-me.

Denis acenou que sim com a cabeça em resposta.

– Não havia nada de errado com ele. Basta ver a forma como correu para ir ao seu encontro.

Tinha razão, de facto.

– Que idade tem o *Bartholomew*?

– Não faço ideia. Encontrei-o no campo um dia, há uns seis anos, sem coleira e magro como um espeto. Perguntei às pessoas das redondezas se sabiam de quem era o cão e a chefe dos correios até colocou um letreiro, mas ninguém o reclamou e, para ser sincero, no final até fiquei contente com isso. O bicho acabou por me cativar. É um sedutor. – Piscou o olho. – Como eu.

– Bom, nesse caso, é um sedutor muito sortudo.

Bartholomew rebolara e estava de barriga para cima, patas para o ar, contemplando o dono. Dei por mim a pensar em *Gnasher*, coisa que ultimamente me acontecia com frequência.

– Diga-me uma coisa – perguntou-me Denis ao fim de uma pequena pausa. – Há assim alguma menopausa masculina para cães?

– Perdão?

A televisão mostrava-nos agora como depilar as pernas, com a ajuda visual de modelos em fato de banho. As raparigas estavam esparramadas numa atitude provocadora em cima de um sofá de veludo cor de rosa e eu temi que a que demonstrava o procedimento fosse avançar para a linha do biquíni. Os programas televisivos diurnos haviam mudado muito desde a última vez que vira televisão àquela hora. Derek e Thelma⁴ e um grupo de idosos, com Sonny Knowles e Anne O'Dwyer⁵ ao piano, cantavam «I'll Take Care of Your Cares». Mentalmente, dei um abanão a mim mesma.

– Desculpe, Dinny, que foi que disse?

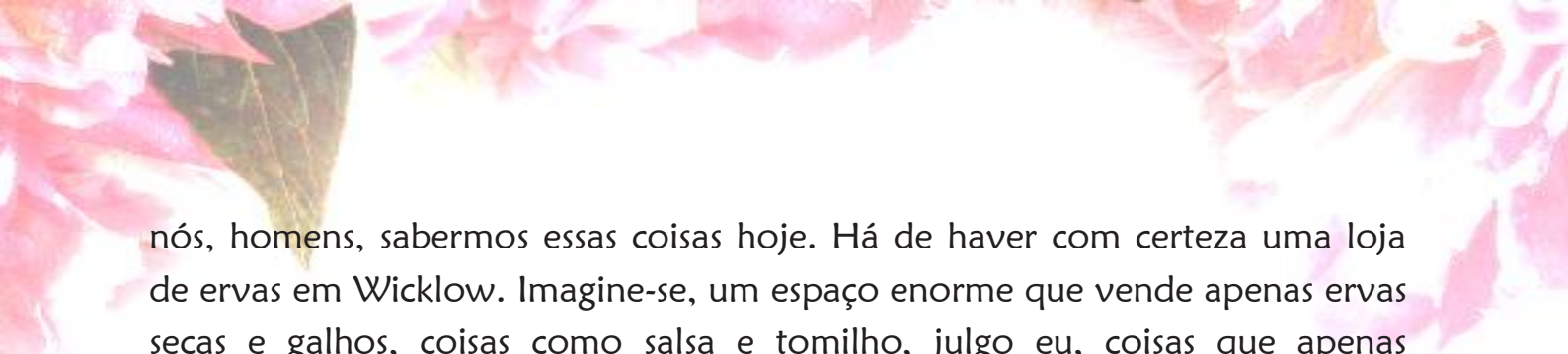
– O mesmo tipo de coisa que dá nas mulheres, está a ver? Alterações de humor e assim. Perguntei a Mary Grimes, na mercearia, e ela disse-me que acontecia a toda a gente, humanos e animais.

– Não me parece, mas nunca se sabe. As hormonas e tudo isso, é coisa que toda a gente tem. Tive uma ideia. E se eu fosse falar com o seu veterinário, Jim Harding, acerca do estado de saúde do *Bartholomew*?

– Oh, é melhor não se aproximar dele. – Denis corou. – Riu-se de mim quando lhe falei no assunto. As mulheres são mais compreensivas em relação a essas coisas. Deve ser por causa dos bebés. – Não percebi o que Denis queria dizer com aquilo, mas a minha preocupação era não fazê-lo sentir-se palerma. – Há assim alguma coisa que eu lhe pudesse dar? A Mary Grimes falou de uma espécie de óleo... de narciso ou primula, ou lá o que era, mas eu não fazia ideia do que tal seria e também não me atrevi a perguntar. – Fez um ar como se o mundo estivesse a mudar demasiado depressa para ele. – É suposto

⁴ Derek Davis e Thelma Mansfield são dois conhecidos apresentadores da televisão irlandesa. (*N. da T.*)

⁵ Nascido em 1932, Sonny Knowles foi, durante seis décadas, um dos cantores mais famosos da Irlanda. Anne O'Dwyer foi uma conhecida apresentadora de programas de televisão diurna. (*N. da T.*)



nós, homens, sabermos essas coisas hoje. Há de haver com certeza uma loja de ervas em Wicklow. Imagine-se, um espaço enorme que vende apenas ervas secas e galhos, coisas como salsa e tomilho, julgo eu, coisas que apenas usamos no Natal para enfiar pelo rabo do peru acima. – Tossiu. – Desculpe, menina, não estou muito habituado a companhia do sexo feminino.

– O mundo enlouqueceu, Denis, e olhe que para mim as coisas não são muito diferentes. – Era tão querido, um solteirão que fora deixado para trás pela moderna e novíssima Irlanda. – Fazemos assim: vamos mantendo as alterações de humor do *Bartholomew* debaixo de olho, a ver se, entre os dois, conseguimos perceber o que se passa. Parece-lhe bem? E, entretanto, eu faço umas buscas na internet. Pode ser que seja capaz de descobrir alguma coisa sobre... os efeitos das hormonas nos cães.

Denis animou-se de imediato.

– É possível descobrir semelhante coisa num computador? – Parecia espantado. – Essa coisa da internet é isso... um computador?

Acenei que sim com a cabeça, interrogando-me quantos mais idosos perplexos como ele existiriam no nosso país, rico em dinheiro e pobre em tempo livre.

– É isso mesmo, Denis. Uma caixa. Uma espécie de enciclopédia gigante.

– Ena, Deus meu, onde irá este mundo parar? Um dia, não tarda, nem precisaremos de sair de casa. Tenho uma sobrinha em Wexford que nunca me telefona a não ser quando precisa de alguma coisa. A semana passada disse-me que estava a fazer as compras de Natal *on-line*. Eu fiquei na mesma e, quando lhe perguntei o que era isso, disse-me que não tinha tempo para explicar.

– Então, da próxima vez que for ao meu consultório, eu mostro-lhe como funciona, se quiser. – Levantei-me, principalmente porque a televisão estava a passar um programa sobre celebridades que comiam bichos no meio da selva. O mais recente petisco era pénis de crocodilo, ou «pau de crocodilo», como se referiam ao apêndice uma e outra vez os participantes no programa. Eu já não conseguia aguentar mais, portanto, imagine-se Denis.



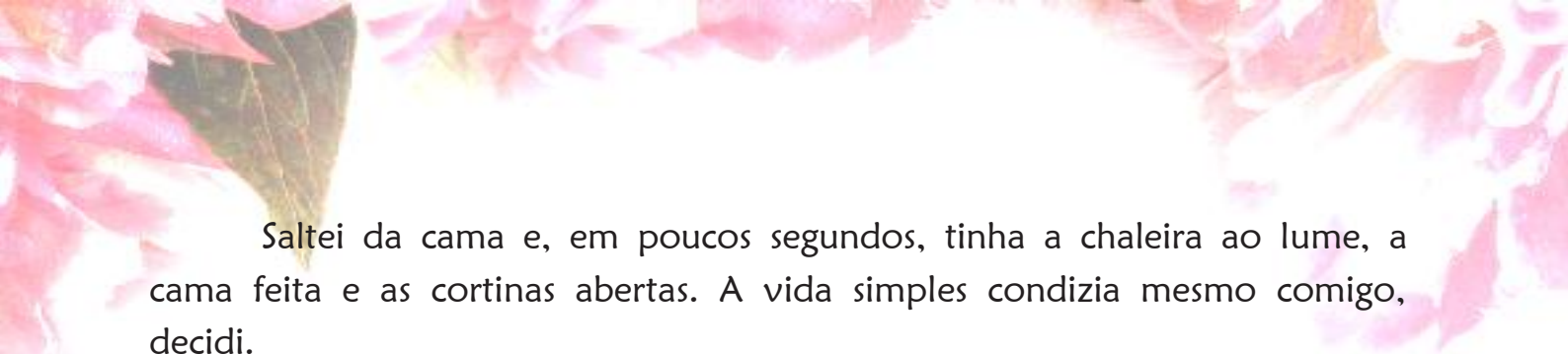
8

NA MANHÃ SEGUINTE, assim que acordei, decidi que estava na altura de ir para a cama com alguém.

Ninguém sabia, mas eu nunca tivera um caso de uma só noite. Sinceramente, não era coisa de que uma pessoa se pudesse orgulhar, pelo menos na minha geração, isso era certo. No fundo, eu era aquele tipo de rapariga para a qual era tudo ou nada. Queria o conto de fadas, embora não acreditasse que tivesse direito a ele. Os príncipes não galavam raparigas como eu: para começo, havia demasiadas. O que procuravam era miúdas esfuziantes ou sensuais ou engraçadas ou louras e com mamas grandes. Tomemos como exemplo Maddy. Não era nenhuma beleza de cair para o lado, mas os homens procuravam-na ativamente em *pubs* e discotecas. Maddy era uma rapariga cheia de vivacidade, dizia piadas fantásticas e tinha pernas até às orelhas. Todavia, era a sua atitude firme e decidida, do género aqui-estou-eu, se-gostam-de-mim-ótimo, se-não-paciência, que os seduzia. Já eu esforçava-me sempre demasiado. Maddy fora para a cama com tipos mais vezes do que eu fora às compras e sempre segundo as condições que ela impunha.

Depois de pensar bem no assunto, enquanto bebia três canecas de chá, decidi que não me restava outra hipótese: tinha mesmo de recrutar a ajuda dela. Era a minha única esperança.

Espreguiçando-me, deliciei-me com a calma e tranquilidade que me rodeavam. Fora coisa a que nunca me habituara e ali, na minha caravana no extremo de um caminho estreito pouco usado, até o bulício, quase inexistente, da pequena cidade de Bray parecia distante.



Saltei da cama e, em poucos segundos, tinha a chaleira ao lume, a cama feita e as cortinas abertas. A vida simples condizia mesmo comigo, decidi.

Maddy chegou por volta do meio-dia. Vestia calças de ganga velhas, várias *T-shirts* baratas e de alças, umas por cima das outras, o cabelo preso com um elástico e nem uma ponta de maquilhagem na cara, ainda assim, qualquer homem haveria de querer saltar-lhe para cima. Começámos a arrumar o abrigo, mas esperei até estarmos absortas na tarefa para mencionar, como quem não queria a coisa, que não estava totalmente satisfeita com todas as mudanças que fizera na minha vida.

– Mas porquê?

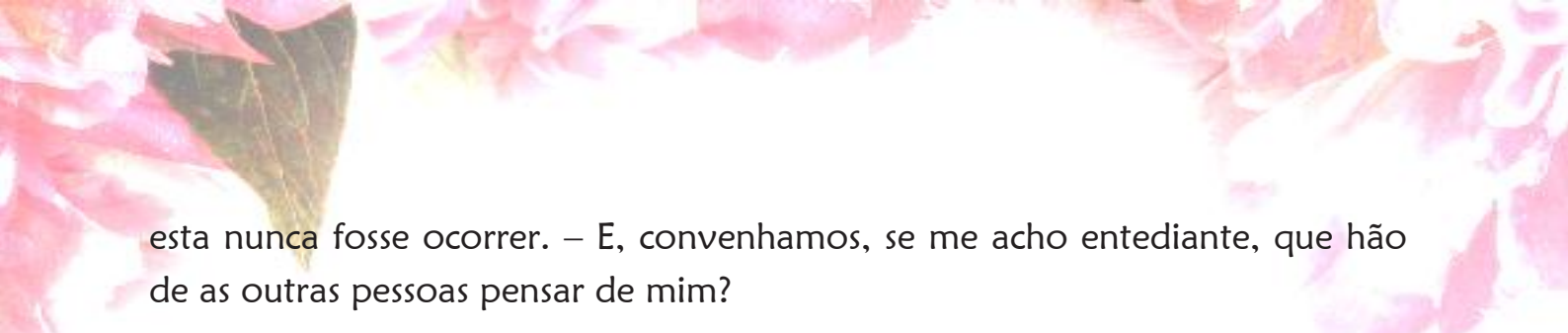
– Não sei bem. Adoro a minha nova vida, mas parece que continuo um pouco entediada comigo mesma.

– Então, que queres ao certo?

– Animação.

– Lulu, querida – censurou-me ela, mas estava a brincar comigo. – Há uma eternidade que dizes isso. – Parou de montar a estante para o abrigo e sentou-se numa caixa de madeira. – Já conversámos sobre isto vezes sem conta. – Justiça lhe fosse feita, não parecia estar farta daquele assunto até às orelhas. – A tua irmã ficou com todos os genes tresloucados e tu herdaste todos os genes normais e benignos. Para além disso, todos os anos que passaste a tentar agradar à tua mãe causaram os seus prejuízos. És o que és, e, do meu ponto de vista, o que tu és está muito, muito bem. – Voltou a prender o cabelo. – Tentarmos ser o que não somos nunca resulta. Os homens sentem-se atraídos por mulheres que se sentem confiantes na própria pele. Fazer de conta que gostamos de *snooker* e de cerveja e rir das piadas secas deles era para quando tínhamos quinze anos. Sê tu mesma – sugeriu ela. – Eu sei que é um enorme cliché, e antiquado, mas não deixa de ser verdadeiro.

– Estou farta de ser eu mesma. É aborrecido. Sei que não posso mudar radicalmente, mas gostava de ser menos inibida, menos cautelosa. – Suspirei. – Sinto que o sou, no fundo. Se ao menos não me preocupasse tanto, não fosse tão ansiosa. – Só de pensar em mudar de atitude, ficava com medo que



esta nunca fosse ocorrer. – E, convenhamos, se me acho entediante, que hão de as outras pessoas pensar de mim?

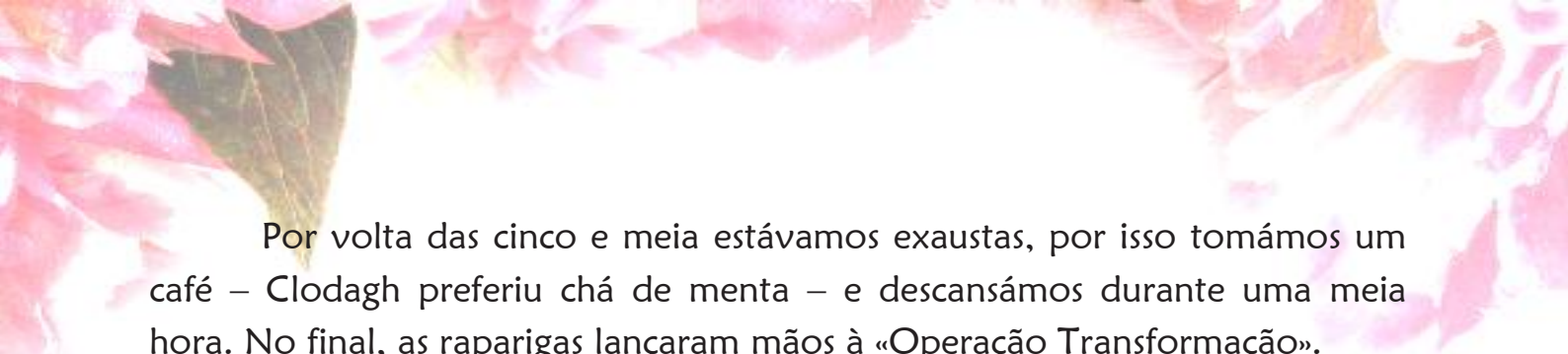
– Bom, mudaste-te de um apartamento para uma caravana, trocaste um carro desportivo por uma mota, mudaste de emprego e abandonaste os fatos, que eram a tua armadura. Eu diria que te desinibiste e soltaste bastante.

– A sério? – Fiquei encantada. – Mas não achas que me podia tornar mais... cativante, talvez? – Decidi deixar-me de rodeios. – Um pouco mais desinibida em termos de aparência. Apetece-me ter um caso. – Esbocei um sorriso.

– *Okay*, fazemos o seguinte: assim que terminarmos isto, para começar vais lavar o cabelo. Sempre quis ver como ficaria seco ao natural. – Percebi que Maddy estava a entusiasmar-se com a ideia. – E podias deitar fora aquela sombra castanho-clara que usas sempre juntamente com aquele batom de cor insípida que não paras de comprar. – Hesitou então, perguntando-se se não teria ido longe de mais, suspeitei.

– Tens toda a razão. – Não me sentia nem um pouco insultada, mas antes entusiasmada. – Eu sou mesmo assim: neutra. Mas acabou-se. – Ergui o punho no ar, ao estilo de Che Guevara, para enfatizar a minha tomada de decisão. – Mas olha que o meu cabelo não é como o da Becky – avisei, sentindo-me já nervosa. – É mais crespo que ondulado.

Clodagh chegou quando começámos a almoçar. Umas quantas mensagens tinham acabado por convencê-la a juntar-se a nós mais cedo. Trouxe uma mistela qualquer à base de cuscuz, que comeu toda contente. Maddy e eu comemos frango assado recheado com uma baguete aquecida e barrada com manteiga. Para sobremesa, uma fatia de bolo de café para cada uma. Clodagh mordiscou umas quantas bagas goji. Guardámos o vinho para mais tarde e regressámos ao trabalho, pondo Clodagh ao corrente dos nossos planos enquanto trabalhávamos. Ela mostrou-se igualmente entusiasmada, e eu estava encantada, acreditando que estava mesmo a fazer por fim algo de positivo com a minha imagem. Largar os fatos pretos fora uma boa decisão, mas substituí-los por qualquer outra peça que não fosse os básicos da Next ou da Zara ou uma *T-shirt* M&S era coisa que estava para além das minhas capacidades.



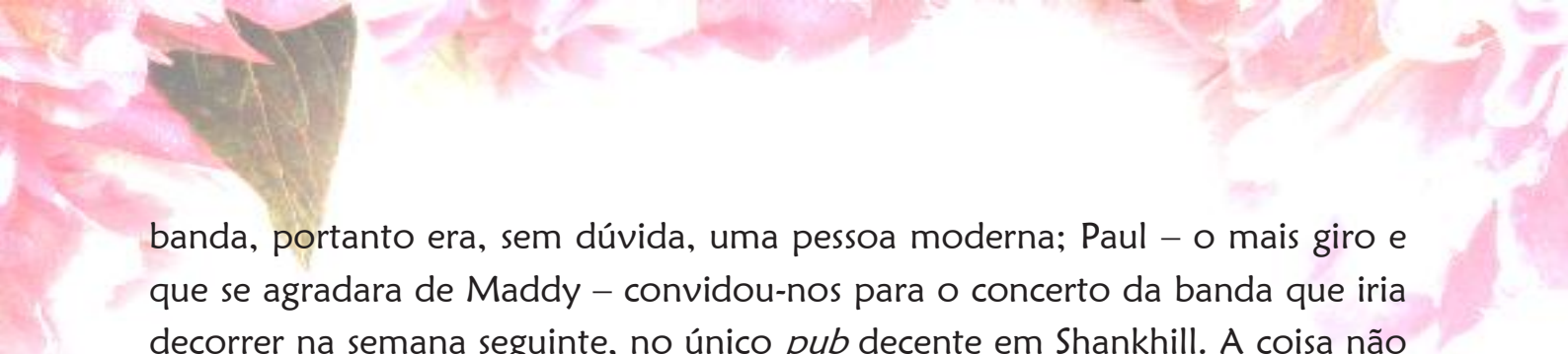
Por volta das cinco e meia estávamos exaustas, por isso tomámos um café – Clodagh preferiu chá de menta – e descansámos durante uma meia hora. No final, as raparigas lançaram mãos à «Operação Transformação».

Duas horas mais tarde, assemelhava-me a uma versão morena de uma das empregadas de bar malucas de *Coronation Street*: um montão de caracóis, roupa psicadélica e muito brilho. Maddy e Clodagh esborrataram a maquilhagem de tanto rir do que eu dissera, mas insistiram que tinha um ar mais jovem e, mais importante ainda, sensual. O meu lindo cabelo, o meu único consolo na vida, estava, de facto, «ao natural». Era também uma redefinição do conceito de «cabeção». O *top* justo evidenciava uma profusão de cores, o sutiã, almofadado, era de renda cor de laranja com debrum cor de chocolate e os brincos pareciam do tamanho de uma roda de carro. As calças de ganga – a única peça de roupa minha – eram discretas, mas os sapatos eram de um vermelho bem vivo, com laços às pintinhas, e à frente deixavam entrever unhas vermelhas cor de sangue. A maior parte das peças pertencia à colega de apartamento de Clodagh, a nossa única opção quando lhe telefonámos e lhe suplicámos que viesse em nosso socorro. Por mais estranho que possa parecer, até fiquei contente com o resultado. E ao mesmo tempo horrorizada e entusiasmada.

Todavia, o facto de ter permitido que elas me levassem ao *pub* naqueles propósitos indica bem o quanto estava desesperada por uma nova imagem. Foi a insistência e garantia delas de que o meu visual era totalmente «atual» que me convenceu. Tendo em conta que acabara de ser inventado, podia sem margem para dúvida afirmar-se que mais atual não existia.

De cada vez que hesitava em relação a mostrá-lo em público, elas juravam a pés juntos que estava fantástica. E não havia nada por que mais ansiasse do que parecer fantástica. Duas cervejas bebidas em rápida sucessão convenceram-me a ficar.

O que aconteceu a seguir ensombrar-me-á para sempre. Fomos abordadas por três tipos e cavaqueámos por um bocado. Sabíamos que acabariam por se dirigir a nós, pois há uma eternidade que nos miravam, fingindo desinteresse, como é costume dos homens. Ao fim de umas vodcas, a minha opinião era que variavam entre o nada mau e o razoável; e adivinhem qual me calhou? Ainda assim, não desanimei. Jason era artista e tocava numa



banda, portanto era, sem dúvida, uma pessoa moderna; Paul – o mais giro e que se agradara de Maddy – convidou-nos para o concerto da banda que iria decorrer na semana seguinte, no único *pub* decente em Shankhill. A coisa não estava a correr nada mal, até então.

Mudámos por fim de poiso, para a discoteca que ficava ao lado do *pub*. Por aquela altura eu já estava nervosa. Não bebera o suficiente, portanto, aquela sensação de entrega por que ansiava ainda não se instalara, ou não se libertara, no meu caso. Era outro dos complexos com que tinha de lidar. Era sempre muito cuidadosa em relação ao álcool, pois morria de medo de perder o controlo: a derradeira vergonha.

Lançámo-nos à pista de dança como se não houvesse amanhã. Reparei que Jason se deixou ficar junto ao bar, ao passo que os seus dois amigos se juntaram a nós. Ao fim de um tempo, estava exausta e sentia os brincos tão pesados que mal conseguia ter a cabeça direita, por isso deambulei até junto dele.

– Olá. – Decidi avançar.

– E que tal?

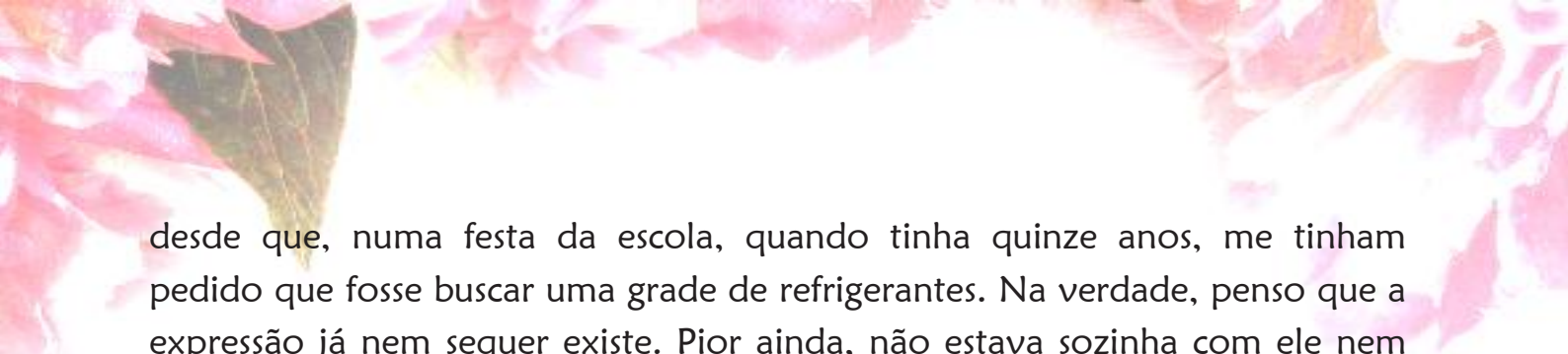
– Ótima. E tu?

– Também. Fantástico. – Lá estava aquela palavra de novo. Só podia ser um sinal.

– Creio que te devo uma explicação. – Percebi que o que estava a fazer era um erro assim que comecei. Os homens não gostavam de ouvir aquele tipo de coisas. – Foram as minhas amigas que me «arranjaram», digamos. Não costumo andar assim tão... produzida.

– Ora, estás muito bem. – Emborcou um enorme gole da cerveja, atitude que eu devia ter encarado como um aviso. Pelo contrário, tomei-a como uma tentativa de engate. A culpa era do sorriso dele, decidi mais tarde. Tinha um sorriso bonito. O amigo pousou uma cerveja no balcão ao lado dele e piscou-me o olho, mais um sinal, no pensar da minha mente tresloucada. Respirei fundo e resolvi que gostaria muito de o beijar.

– Queres... ir até lá fora? – Não, não sei o que me passou pela cabeça. Creio que só pode ter sido uma perturbação cerebral. Não «ia até lá fora»



desde que, numa festa da escola, quando tinha quinze anos, me tinham pedido que fosse buscar uma grade de refrigerantes. Na verdade, penso que a expressão já nem sequer existe. Pior ainda, não estava sozinha com ele nem há trinta segundos e, «lá fora», neste caso, significava a rua principal, o que me deixava duas opções: curtir com ele frente à fila dos táxis ou comprar-lhe batatas fritas.

– Bem... não, mas obrigada de qualquer maneira. – Tentou sorrir, mas o pânico que sentia estava bem patente nos olhos dele. – Desculpa, eu se calhar devia... é que os meus amigos... e as tuas... Até à próxima. – E deixou uma cerveja cheia como prova do seu desespero.

Honra me fosse feita, insistiu Maddy mais tarde, não me fui abaixo. Também Clodagh jurou que eu mantivera um ar completamente nas calmas. O tempo pareceu estender-se por uma eternidade enquanto olhava em redor, tentando fazer de conta que não levava com os pés antes mesmo de ser engatada. Acenei a pessoas que não conhecia só para manter as mãos ocupadas. Maddy e Clodagh gesticularam para que me juntasse à festa, mas eu evitei cruzar o olhar com elas. O lábio inferior, inchado de tanto o morder, e a cara, corada até à raiz dos cabelos, não constituíam uma visão muito agradável. Por fim, elas encurtaram o espetáculo que estavam a dar na pista de dança e vieram ter comigo ao bar.

– Onde está o Justin? – quis saber Maddy.

– Jason – corrigiu-a Clodagh.

– Esse também. – Olhou para mim.

– Não faço ideia – respondi numa voz entediada.

– Ainda não estão fartas? – Clodagh bocejou. – Tenho de me levantar às seis.

– Num domingo?

– Sim, vou encontrar-me com umas pessoas em Ennis-kerry às oito. Vamos fazer uma rota nova no Trilho de Wicklow.

– Claro, que mais haverias tu de fazer antes do pequeno-almoço? – tentei gracejar. – Bom, eu por mim estou pronta para regressar à província. – Na verdade, tive de me impedir de sair dali a galope.

– Está bem. – Maddy cedeu bastante facilmente para o que era seu costume. – Embora não me importasse nada de dançar mais uma vez com o Paul... – Olhou em redor em busca dele. – Fiquei com a sensação de que estava à espera de alguém. É intuição. – Encolheu os ombros.

– Vamos, já me fartei. – Tive vontade de beijar Clodagh por ter dito aquilo. – Sabemos onde eles vão estar no próximo sábado à noite, se quisermos voltar a vê-los.

Sim, e eu sabia onde não estaria. Só amarrada a um trator seria arrastada até ao tal *pub* em Shankhill que eles tinham mencionado, mas nem morta diria às minhas amigas por que motivo assim era.

– E melhor não parecermos demasiado interessadas, não acham? – prosseguiu Clodagh ao mesmo tempo que colocava a mala ao ombro.

– Está a referir-se a ti. – Maddy deu-me uma cotovelada nas costelas. – Eu vi-te...

– Deixa-te de coisas. – Tentei sacudir o cabelo numa atitude de indiferença, esquecendo que tinha uma esfregona na cabeça e ainda por cima carregada de laca. – Nem sequer me lembro do que eles disseram metade do tempo. Um pouco campónios de mais para mim. – «É melhor parares por aí. Estás a ir longe de mais na outra direção», admoestei-me a mim mesma.

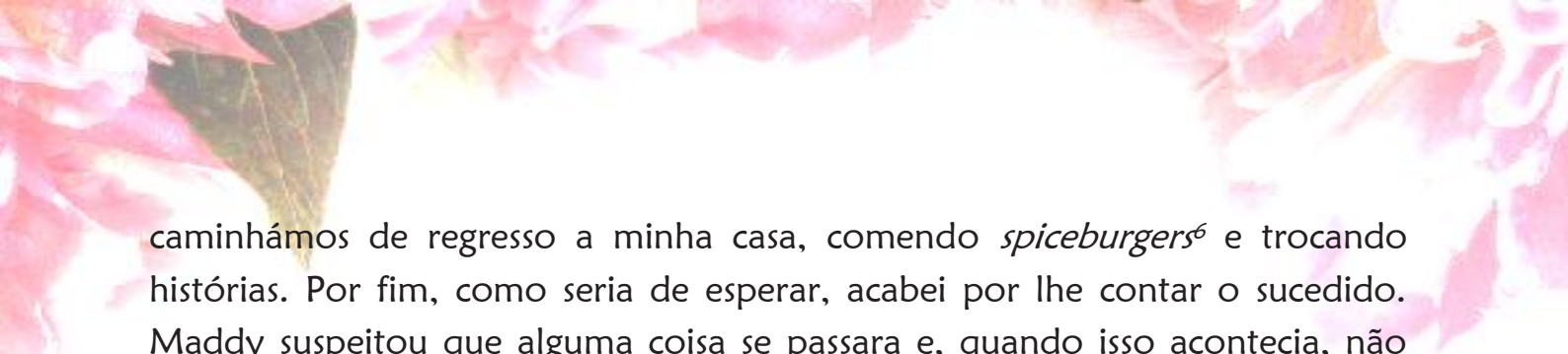
– Bom, o Jason disse que ia tocar naquele *pub* em... – referiu Clodagh, mas eu ignorei-a.

– Oh, isso? – Abanei a cabeça como se soubesse alguma coisa que elas não sabiam – Não me parece que seja coisa para nós. Então, alguém quer umas batatas fritas para o caminho?

– Eu quero, sim. – Sabia que Maddy faria qualquer coisa por um cigarro e um pacote enorme de batatas fritas e gordurentas. Desde que chegáramos que não parara de se queixar que tinha fome.

– Vamos embora, meninas – decretou ela com grande entusiasmo, confirmando as minhas suposições. Só me dei conta de que estava a suster a respiração quando chegámos à segurança da rua.

Clodagh meteu-se de imediato dentro de um táxi, torcendo o nariz ao cheiro que emanava da banca de *fish and chips*, por isso eu e Maddy



caminhámos de regresso a minha casa, comendo *spiceburgers*⁶ e trocando histórias. Por fim, como seria de esperar, acabei por lhe contar o sucedido. Maddy suspeitou que alguma coisa se passara e, quando isso acontecia, não era nada fácil fazê-la largar o osso.

– Tu disseste o quê? – Desentrelaçou o braço do meu e deu uma volta sobre ela mesma. Jesus, como eu odiava aquele seu sorriso.

– Eu sei, eu sei. – Estava envergonhada. – Por favor, peço-te, se tens alguma consideração pela nossa amizade, nunca mais voltes a mencionar este assunto, ou morro, juro.

– Mas... tu... disseste... mesmo...? – Até Maddy tinha dificuldade em lidar com a magnitude da minha gafe. Estava escrito no rosto dela. – Quero dizer, convidá-lo para ir até tua casa era uma coisa... mas para ir até «lá fora»... Mas que idade tens tu? – Estava mesmo a adorar a situação. – Para além disso, não...

– Cala-te. – Bati-lhe na cabeça com o meu embrulho de batatas e hambúrguer e o fundo, gorduroso e ensopado, rasgou-se verteu o vinagre para o cabelo dela.

– Afasta-te. – Empurrou-me. – Que nojo, o que é isto? – Levou a mão ao cabelo.

– Gordura, espero. E vinagre malcheiroso. – Escapei-me aos murros e estaladas dela e larguei a correr. Acabámos no meu alpendre a rir à gargalhada.

Uma hora mais tarde, depois de termos bebido dois bules de chá e termos feito sanduíches com o que restara do jantar, ela continuava a cantar «Falling Slowly» no quarto ao lado do meu. «Não foi um dos teus melhores momentos», pensei antes de adormecer, decidindo que, ainda que vivesse até aos cem anos, nunca mais voltaria a fazer uma figura tão parva como aquela.

⁶ Hambúrgueres feitos com uma mistura de carne de vaca, cebola, pão ralado, ervas aromáticas e especiarias muito populares na Irlanda, onde são comercializados desde a década de 1950. (*N. da T.*)



9

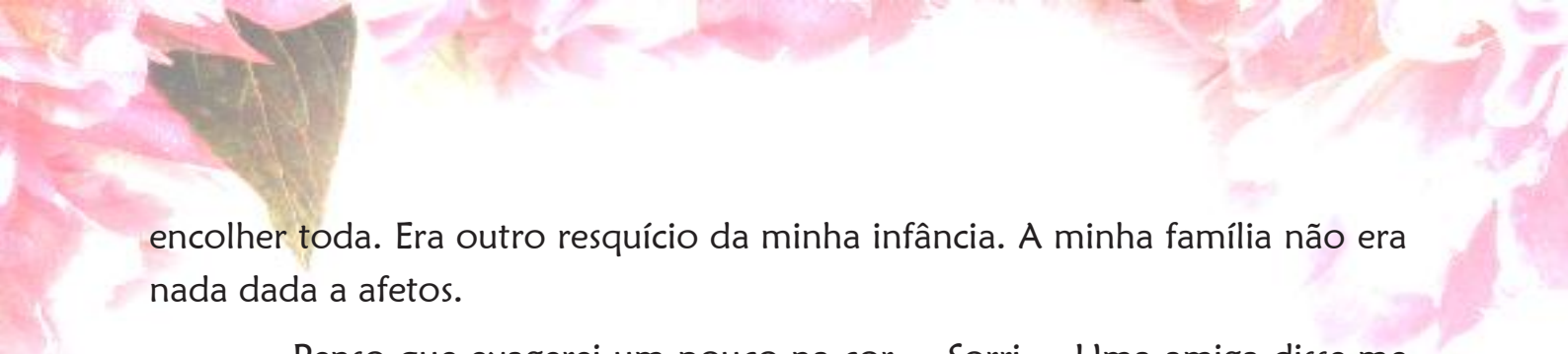
DE VOLTA À CIDADE, BRONWYN E SUSIE estavam sentadas de mãos dadas na sala de espera quando, na segunda-feira, regressei do almoço. Mary fazia das tripas coração para não as olhar fixamente. Eu adorava a nossa rececionista, contudo, ela era tão piedosa quanto o seu nome sugeria, e puritana. É preciso que se diga que tomava conta de todo o edifício sem esforço, fazia inúmeros cafés e resmas de fotocópias, portanto, a mim nunca ninguém me ouviria queixar.

Ainda assim, suspeito que eu era a coisa mais exótica que ela via em muito tempo – refiro-me ao meu trabalho, não à minha pessoa –, embora a tenha ouvido dizer a Miriam, a senhora da limpeza, que me achava uma «maluca» porque vendera a casa e me mudara para uma caravana. Fiquei secretamente encantada.

Naquele dia, vestira-me de encarnado, de acordo com as instruções de Clodagh. A cor é fundamental, informava-me ela por meio de uma mensagem que me enviara naquela manhã. Lembra-te: a forma como te mostras é a forma como o mundo te vê. Por conseguinte, imaginei que, naquele momento, o universo me via como um tomate: creio que talvez tenha exagerado um pouco no encarnado.

Tudo aquilo era resultado de várias conversas acerca do meu desastre com Jason, que Maddy tratara de contar a Clodagh assim que esta abrisse os olhos na manhã seguinte. Clodagh dissera que eu precisava de fortalecer a minha confiança, mas talvez um fato e uma camisa e sapatos e mala encarnados fossem um pouco de mais. Graças ao meu lema, «com um fato preto nunca me comprometo», não tinha a mínima noção acerca de cores.

– Meu Deus, Lulu, está com um ar tão bem-disposto. – Susie pulou da cadeira e abraçou-me assim que me viu. Tive de me esforçar para não me



encolher toda. Era outro resquício da minha infância. A minha família não era nada dada a afetos.

– Penso que exagerei um pouco na cor. – Sorri. – Uma amiga disse-me que devia usar encarnado... – Senti-me uma palerma. – Bem, eu até costumo ser muito boa a vestir-me a mim mesma, mas também é impossível fazer disparates com preto sobre preto, suponho. – Fiz uma careta.

– Não, o encarnado é uma excelente cor – realçou Susie. – Fica muito bem com o seu cabelo escuro.

– Livre-se do fato – disse Bronwyn num tom entediado. – É horrível. Você precisa de um guarda-roupa novo. Acho que lhe vou dar uma pilha de roupa. Nós acabámos de mandar fazer roupeiros novos e preciso de me livrar da tralha. Tenho montes de *tops* que a Lulu podia usar com calças pretas ou cinzentas, ou mesmo de linho branco. Para um pouco mais de fluidez. – Ao ver o meu ar confuso, explicou: – A fluidez é uma coisa boa. E nunca mais volte a usar esses sapatos de biqueira redonda e fivela. Os seus tornozelos são demasiado grossos.

– É ótimo saber essas coisas. – Estava maravilhada. – Não, não tem importância, a sério – garanti à pobre Susie, que estava mortificada e pronta para esganar a sua namorada. – E muito obrigada. – Sorri para Bronwyn.

– Ora essa, foi um prazer. Dentro de um dia ou dois, virei entregar-lhe umas sacadas de roupa.

– Pagar-lhe-ei tudo o que me servir e me ficar bem – propus, mas tinha as minhas dúvidas. Bronwyn e eu estávamos em polos opostos.

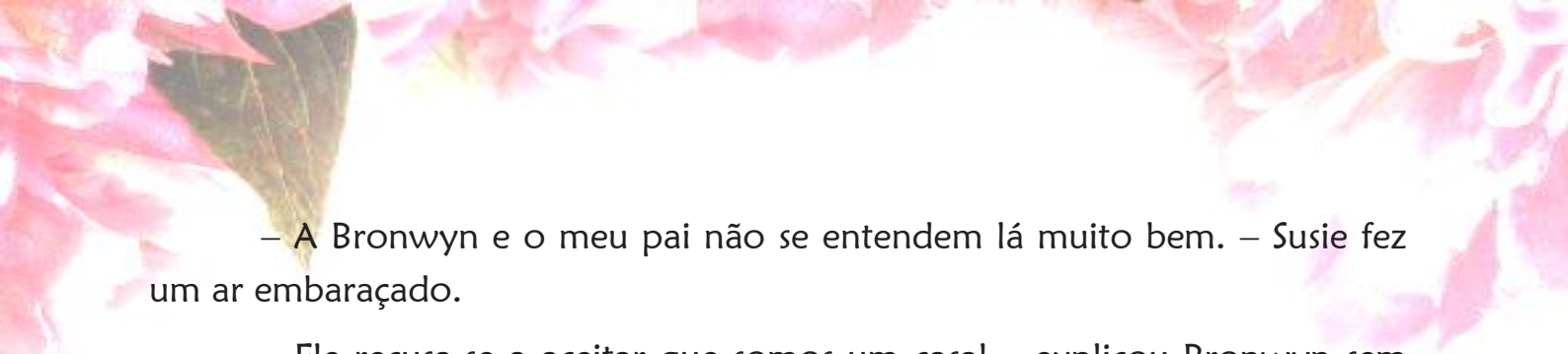
– Nem pensar. – Bronwyn abanou a cabeça. – Pague-me ajudando-nos. Esta história do cão está mesmo a dar-me a volta à cabeça – gemeu ela.

– Encontrámos um. – Susie tinha um ar encantado.

– Não, *tu* encontraste um. Mas eu recuso-me a ter um rato a passear-se pela nossa casa.

– Oh, Lulu, ele é adorável. É assim tipo Chihuahua e é branco, com uma orelha preta e uma mancha no olho que mais parece uma pala.

– Ela quer chamar-lhe *David*, como o pai. – Bronwyn olhou para o estado das unhas.



– A Bronwyn e o meu pai não se entendem lá muito bem. – Susie fez um ar embaraçado.

– Ele recusa-se a aceitar que somos um casal – explicou Bronwyn sem rodeios. – Seja como for, é um filho da mãe agressivo... Refiro-me ao cão, embora o pai dela também não seja a mais amável das pessoas. Já se comporta como se a casa fosse dele e mija em todo o lado.

– Bom, os cachorros exigem muito trabalho e treino – adverti.

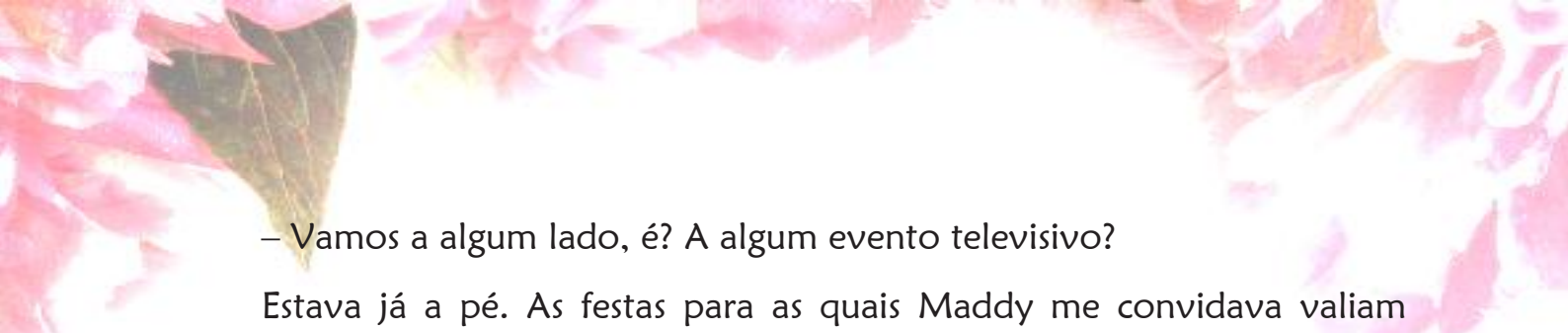
– Aquilo não é um cachorro, são dois – informou-me Bronwyn. Pressenti que se avizinhavam problemas, tão claramente quanto se um polícia com um ar grave e sério tivesse acabado de entrar no consultório.

Depois daquilo, o resto da semana passou sem grande comoção. Tive mais um cliente novo, o que foi ótimo. Jonathan era um tipo interessante, com mais de um metro e oitenta de altura e um Yorkie chamado *Gilbert* que ladrava noite e dia. Estava perfeitamente à vontade com aquele caso. Era capaz de lidar com cães prestes a serem acusados de comportamento antissocial com os olhos fechados.

Na manhã seguinte, Clodagh telefonou-me bem cedinho; na verdade, demasiado cedinho para mim. Foi muito vaga, o que não era nada típico dela, mas, no fundo, o que queria dizer-me era que passaria por minha casa no final da manhã. Pouco tempo depois, recebi outro telefonema, desta vez de Maddy, que também iria «passar» por ali. Ninguém «passava» por Bray – ficava a milhas de onde quer que fosse. No entanto, depois da semana que tivera, precisava de companhia humana, por isso nem argumentei.

– Isso é ótimo, Maddy. A Clodagh acabou de ligar. Diz que também vai passar por aqui. – Sentei-me na cama. – Que se passa com vocês esta manhã? Contigo em especial. Ainda só são dez e meia.

– Fabuloso. Podemos ir às compras. – Evitou a pergunta. – Oh, e vamos arranjar o cabelo, sim? – Estava a achar aquilo tudo esmola a mais.



– Vamos a algum lado, é? A algum evento televisivo?

Estava já a pé. As festas para as quais Maddy me convidava valiam sempre a pena. Na última a que fora conhecera Ronan Keating, ou seria Keith Duffy? Era seguramente um vocalista de uma *boy band*.

– Não, não. Só achei que seria divertido – respondeu ela com desenvoltura. – Olha, tenho de me despachar. Vemo-nos mais logo.

Chegaram num carro só. Clodagh vinha ao volante.

– Combinámos vir juntas depois de ter falado contigo – explicou Maddy enquanto tirava um saco de compras do carro.

– É o pequeno-almoço – sorriu Clodagh.

– O que é essa coisa verde? – Apontei para um tabuleiro de relva que emergia do saco.

– Relva, para fazer sumo. – Passou de raspão por mim e, passados poucos segundos, já se afadigava de um lado para o outro na minha cozinha.

– Eu vou comer um *bagel* de cebola com queijo creme e tu também. – Maddy vira a minha cara. – É um folhado, se ainda restar um espacinho.

Tomámos um pequeno-almoço prolongado no alpendre; os dias estavam ainda quentes o suficiente para se comer na rua, por isso decidimos aproveitar.

– *Okay*, alguém quer ir até à cidade? A propósito, marquei uma hora no salão do Paul não-sei-quantos – disse Maddy de repente, saltando da cadeira.

– Aquele tipo da televisão? – Clodagh parecia impressionada.

– Paul Hession, é esse. Esteve lá nas filmagens no outro dia e convenceu-o a atender-nos.

– Às três? Não achas que foi um exagero?

– Paciência. Tu podes ser a primeira. Visto que queres mudar de imagem. – Maddy estava a ser demasiado amável comigo. – Depois seguimos

para Grafton Street e talvez não fosse má ideia darmos um pulo ao BT⁷ e maquilharmo-nos na Mac. Acho que hoje está lá a Triona. – Tentou soar indiferente.

– Vocês têm alguma coisa planeada? – Tudo aquilo me parecia demasiado organizado.

– Não, não – responderam ambas em uníssonos.

– Juro.

– Palavra de escuteiro. – Clodagh levantou dois dedos e Maddy fez o sinal da cruz no pescoço.

– *Okay*, vamos a isso. – Agarrei na minha mala. – Ah, a propósito, lembrem-se de vos ter dito que uma das minhas clientes me ia dar uma pilha de roupa que já não queria? – disse para Maddy. – Esperem até verem. É tudo lindíssimo.

Olharam uma para a outra, deixando-me de imediato desconfiada.

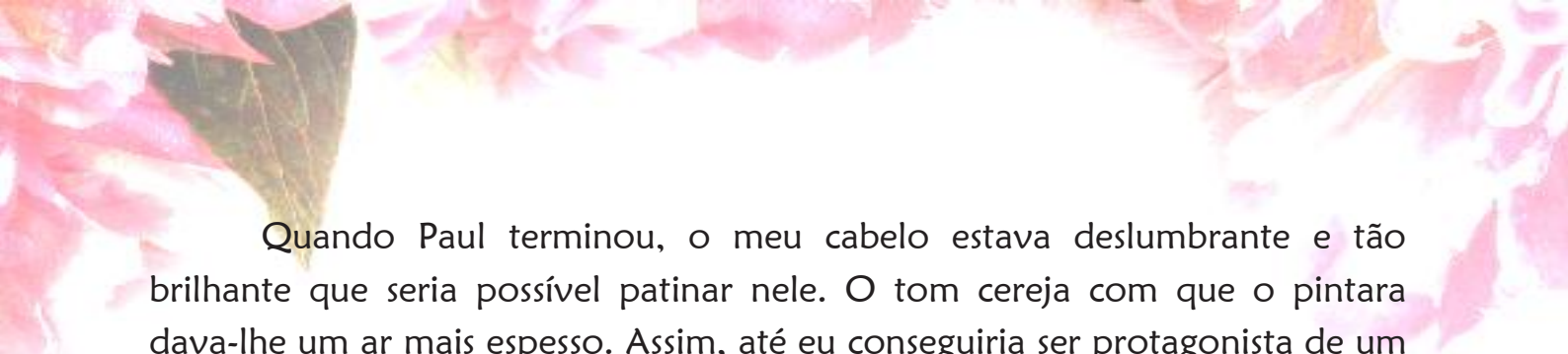
– Melhor assim. – Maddy riu. – Experimentamo-la mais logo enquanto degustamos uma garrafa de *vino*.

– Já chega. – Voltei a pousar a mala. – Vocês devem pensar que sou parva. Mas não, já percebi muito bem que aqui há gato. Portanto, desembuchem já ou não vou a lado nenhum!

– Contamos-te pelo caminho. – Clodagh lá me engodou e arrastou até ao carro como só ela consegue.

Tivemos uma tarde em cheio. Paul Hession começou a tratar do meu cabelo e pediu a uma das assistentes que fosse lavando o cabelo de Maddy. Uma vez que Clodagh lavara o dela naquela manhã, passou o tempo de espera a beber *lattes* à borla, quebrando a sua regra de não ingestão de cafeína, e a ler a *Red* e a *Cosmo*.

⁷ A Brown Thomas & Company Limited é uma cadeia de quatro grandes armazéns irlandeses que vendem desde pronto-a-vestir a alta costura, acessórios, maquilhagem, perfumes, etc. (N. da T.)



Quando Paul terminou, o meu cabelo estava deslumbrante e tão brilhante que seria possível patinar nele. O tom cereja com que o pintara dava-lhe um ar mais espesso. Assim, até eu conseguiria ser protagonista de um anúncio da *L’Oreal*.

Próxima paragem: Brown Thomas, o armazém mais chique de Dublin e com assistentes de vendas tão bem arranjadas e intimidantes que me faziam sentir de novo como uma miúda de doze anos, deitando por terra todos os anos de treino que tivera como psicóloga.

Na Mac, Triona constituía uma exceção a essa regra. Era uma querida. Mais uma vez, escolheu-me para ser a primeira e, quando terminou, estava tão gira e moderna que fiquei abismada.

– Nem pareço eu – disse uma e outra vez enquanto me via ao espelho. As assistentes sorriam e comentavam coisas como, «adoro esse *gloss* cor de ameixa» e «esse tom de moca realça mesmo a cor dos seus olhos». Eu não fazia a mínima ideia se sim ou se não, mas uma coisa sabia: gostava do resultado final. Maddy e Clodagh também foram maquilhadas e no final rumámos ao Shelbourne Hotel para tomarmos um *cocktail*, carregadas de amostras grátis de vários balcões porque Maddy conhecia toda a gente.

– Então, quando planeiam contar-me o que se passa? – perguntei dez minutos mais tarde enquanto bebericava o meu Bellini. – E nem pensem fazer de conta que não é nada. Sei muito bem que estão a armar alguma.



10

– NÃO – GRITEI DOIS MINUTOS DEPOIS, quando elas por fim confessaram tudo.

– Sim.

– Não. Estou a falar a sério.

– Vais, quer queiras quer não. – Maddy era um osso duro de roer e com Clodagh a apoiá-la estava imparável.

– Não podem obrigar-me.

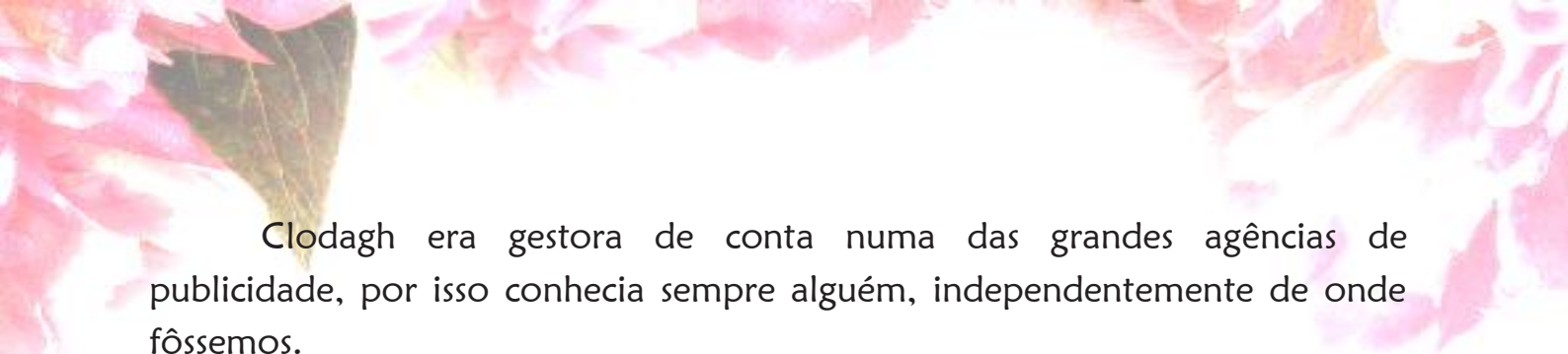
– Oh, vá lá, estás deslumbrante e, quando chegarmos a casa, vamos experimentar a tua roupa nova.

– Nem pensar – argumentei, mas com pouca convicção, e elas aperceberam-se disso.

– Boa! – Maddy levantou-se da cadeira e fez uma pequena dança em redor da nossa mesa no Horseshoe Bar até que Clodagh, que conhecia praticamente toda a gente ali, a puxou pelo braço e lhe ordenou que se comportasse.

– Estás a envergonhar-nos – queixou-se ela entre dentes. – Eu tenho de lidar com esta gente...

– Para que estás com isso? Sim, está ali um tipo da TV3, se calhar desde esta manhã, aposto – interrompeu-a Maddy, que nunca dava o braço a torcer. – Dificilmente reclamará, tendo em conta que nem conseguirá alinhar duas palavras. – Acotovelou-me nas costelas. – Lá porque conheces umas pessoas importantes da rádio e da televisão que frequentam este bar, não é preciso armares-te em snobe connosco. – Fez uma careta. – Não te esqueças que eu pertenço ao mundo do espetáculo – picou-a.



Clodagh era gestora de conta numa das grandes agências de publicidade, por isso conhecia sempre alguém, independentemente de onde fôssemos.

Em termos de origem, Maddy e Clodagh não podiam ser mais diferentes. A família de Clodagh era muito respeitável, ao passo que a mãe de Maddy, Connie, era oriunda de uma parte de Dublin onde se dizia que comiam criancinhas. Sempre me espantou que elas se dessem bem, mas a verdade é que davam, tirando quando discutiam, como acontecia naquele momento.

– Parem lá com isso. Eu não posso, repito, *não posso*, ir àquele concerto esta noite. Tenho lá lata para enfrentar aquele tipo de novo! Mas será que vocês não compreendem?

– É claro que podes. Nós vamos estar contigo. – Maddy não ligou à minha objeção. – Ele nem se vai lembrar do que aconteceu, por amor de Deus. Estávamos todos bêbados.

– Eu não estava. O problema é esse. A cara dele atormenta-me todas as noites.

– Pois então, vamos até lá todas deslumbrantes mostrar ao tipo com quantos paus se faz uma canoa. – Sorveu ruidosamente um gole da sua Margarita pela palhinha e bateu com o copo no meu numa espécie de brinde. – Mais uma? – Tinha já feito sinal ao *barman* que trouxesse mais uma rodada.

– Para mim não, vou conduzir. – Clodagh abanou a cabeça para o *barman*, ao passo que eu acenei que sim furiosamente. Sabia quando era derrotada. Seria um pesadelo, tão certo como dois e dois serem quatro.

A única coisa que se pode dizer em meu abono é que estava tão glamorosa quanto era humanamente possível para uma rapariga como eu. Desde a minha primeira comunhão que não prestava tanta atenção a mim mesma e tal só acontecera porque sabia que a minha mãe nem se lembraria da data, por isso passara meses a preparar o acontecimento. As roupas de Bronwyn foram classificadas de «des-lum-bran-tes», de tal maneira que

passámos uma hora a discutir sobre quem iria usar o vestido preto *Dolce & Gabbana*, até que por fim puxei pelos meus galões e fiz notar que, na verdade, a roupa era minha.

– Mas...

– Toda – acrescentei para que não restassem dúvidas.

– Mas... mas tu desististe do preto para sempre – gritou Maddy quando se lhe acabaram os mas.

– Talvez. – Maddy tinha uma certa razão. – No entanto, isto é preto como nunca tive sequer coragem de experimentar. – Agarrei no vestido triunfantemente. – Para além disso, é mais preto-ardósia, parece-me. – Segurei o vestido debaixo do queixo.

– Fica-te mesmo bem, de facto – admitiu Clodagh com relutância. Hesitou e depois arrancou um *top* verde-azeitona das mãos de Maddy. – E isto fica mesmo bem é a mim. – Correu para a casa de banho e trancou a porta.

Por volta das nove da noite, o terror que sentia já estava esquecido, graças principalmente a um copo de vinho a acrescentar aos *cocktails* que já tinha bebido. Ainda assim, entrei no *pub* meio escondida atrás de Maddy e Clodagh, não fosse o diabo tecê-las. Para minha humilhação, entrámos por uma porta lateral e demos de imediato de caras com a banda, já em plena atividade. Eram um cruzamento entre os Oasis e os Def Leppard e estavam a arrasar, pois o local encontrava-se bem agitado. É claro que a primeira pessoa com quem cruzei o olhar foi com Jason. Em abono da verdade, ele parecia sentir-se pior do que eu. Arqueou os ombros e tentou tornar-se invisível por trás da bateria – pelo menos foi o que me pareceu.

– Diz-me que a maquilhagem está a esconder a vergonha que sinto – murmurei para Maddy ao mesmo tempo que seguíamos Clodagh até ao bar.

– O quê? – Olhou de relance por cima do meu ombro. – Oh, ele que se lixe. É apenas um baterista desempregado e aposto que a camisola ranhosa que trás vestida é *M&S* e não *D&G*. – Piscou-me o olho. – Continua a imaginá-lo de cuecas e dá graças a Deus por a coisa não ter chegado a vias de facto.

– Ele está mesmo desempregado?

– Sei lá, mas eu se o visse em O’Connell Bridge era capaz de lhe dar um euro ou dois – brincou Maddy. – Para de te preocupares, estás um borracho.

– Tens toda a razão. – Era a bebida a falar, mas que se lixasse. O meu lema naquele serão era: o que interessa é chegar ao fim da noite.

– Seja como for, estou muito mais interessada no guitarrista. – Maddy acotovelou-me. – Oh, está ali o Paul. E vem para aqui. Olá, Paul! – De repente ficou toda delicadoce e tímida. Clodagh regressou com as bebidas.

Fiquei com a vista obstruída depois de ter bebido e esqueci-me de mirar o tal guitarrista. Paul era giro, tal como Maddy afirmara no fim de semana anterior. E, a julgar pelo sorriso que exibia, estava a dar-lhe tratamento VIP.

– Minhas senhoras – cumprimentou ele, num tom um pouco untuoso. – A semana passada, desapareceram sem se despedirem. Fico contente que tenham podido vir. – Olhou para mim como se nunca me tivesse visto, na verdade só tinha olhos para Maddy.

Clodagh e eu demos-lhes privacidade e avançámos para o meio da multidão. Nesse momento, um rosto que me era meio familiar acenou na nossa direção.

– Aquilo sim, é um homem e tanto! Quem é ele? – quis saber Clodagh.

– É o Louis – gritei como se o conhecesse desde sempre.

– Louis quê?

– Louis *Jeitoso*, meu cliente. – Acenei freneticamente ao mesmo tempo que ele avançava para nós.

– Lulu, não diria que era fã de *rock*. – Beijou-me em ambas as faces. – Ena, está diferente – fez-me rodopiar. – Está deslumbrante. – Observou-me da cabeça aos pés. – *Prada* ou *Armani*? – perguntou e Clodagh fez um ar desapontado.

– É *gay* – sussurrou ela sem necessidade.

– Pois é – confirmei entre dentes cerrados. – Louis, deixe-me apresentar-lhe a minha amiga Clodagh.

Beijou-a três vezes.

– Vieram ver o Mike? – inquiriu.

– Mike quê? – dissemos ambas ao mesmo tempo.

– O Mike, que partilha o apartamento comigo. É membro da banda. Ali está ele, na guitarra.

– Se não for *gay*, é meu – declarou Clodagh em voz baixa ao mesmo tempo que eu me debatia para ver àquela distância sem óculos.

– Ah, o Mike – disse um pouco desapontada. Mas depois Louis arrastou-nos um pouco mais para junto do palco e tive de admitir que não estava nada mal. Era mais alto do que me recordava e tinha um aspeto melhor do que no dia em que fora ao meu consultório com *Pedro*. Pelo menos, não tinha um ar todo amarrotado. Era óbvio que estava a divertir-se; via-se bem no rosto dele: os olhos, o seu melhor traço fisionómico, brilhavam e pareciam sorrir. Estavam todos muito animados, reparei, à exceção de Jason, que continuava encolhido e embaraçado atrás da bateria.

– Que se lixem todos. Só por esta noite, estou-me nas tintas – disse a Maddy quando ela e Paul se juntaram a nós. Louis conduziu-nos então a uma mesa numa área mais elevada de onde podíamos ver tudo.

– A zona VIP. – Desprendeu o cordão que bloqueava a passagem, fez uma vénia e convidou-nos a entrar. Entre risadas, todos fizemos de conta que não estávamos num *pub* nos subúrbios.

Uma hora mais tarde, estava verdadeiramente a divertir-me, auxiliada por mais uns quantos copos. Louis revelou-se uma excelente companhia e eu e ele passámos grande parte da noite a dançar como se não houvesse amanhã. Por fim, a banda terminou de tocar e Mike dirigiu-se à nossa mesa de cerveja na mão.

– Lulu. – Sorriu-me. – Está tão diferente.

– Acha? Em que aspeto? – Tentei soar indiferente.

– Não sei, deixe-me ver. – Coçou a cabeça. – Tem o cabelo arranjado, está maquilhada e... o vestido é... – Assobiou. – Do outro mundo. – Sorriu de orelha a orelha. – Para começar, parece-me que é isso.

Apreciei bastante a parte acerca do vestido. As minhas mamas pareciam grandes dentro dele; isso era o principal no meu entender. O sutiã estilo *balconette* que Maddy me obrigara a vestir sem dúvida que ajudava, bem como o punhado de algodão que lhe enfiara dentro quando ninguém estava a olhar.

– Tens *airbags* aí dentro? – murmurou Clodagh mesmo nesse instante.

– Não – respondi com toda a sinceridade. – Que disparate. Eu preciso lá disso! – Dirigi-me à casa de banho, deixando-a, por uma vez, sem palavras.

Decidi que gostava de Mike. Na verdade, decidi que me sentia atraída por ele, por isso fiz-me escandalosamente a ele, em especial quando Paul arrastou Jason, que se mostrava assaz relutante, até à nossa mesa.

– Olá, Jas. – Preguei-lhe uma palmada nas costas e o pobre quase que se engasgou com a cerveja. – Lembras-te de mim?

Pelos vistos lembrava.

– Lembro, claro – murmurou ele e desapareceu num ápice.

– A semana passada tentei engatá-lo – expliquei a Mike, que tinha um ar ligeiramente confuso pois nem sequer nos vira a conversar, suspeito.

– E foi bem sucedida? – Soltou uma gargalhada.

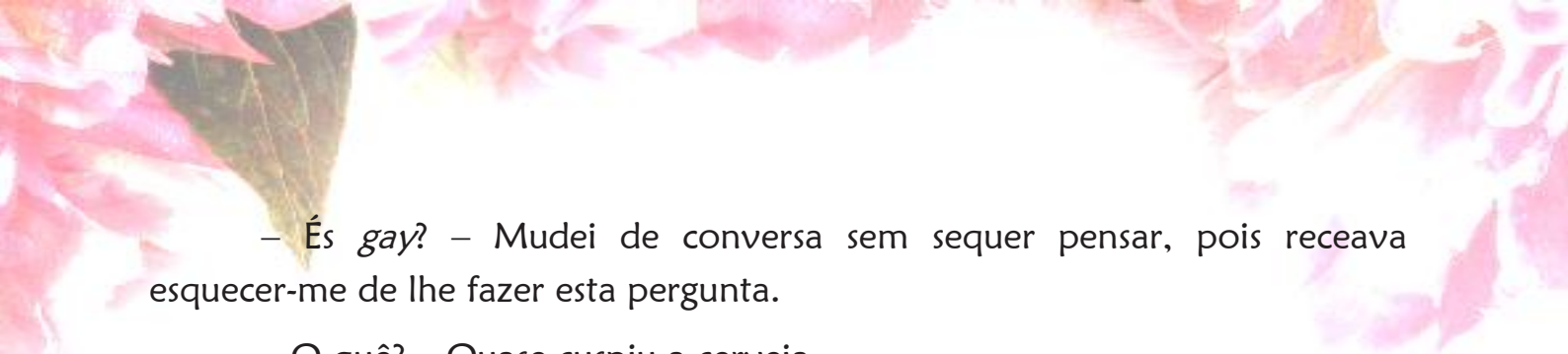
– Não, ele fugiu. – Sacudi o cabelo. – Um grande erro.– De repente, sentia-me contente comigo. Não estava preocupada ou nervosa ou a tentar controlar tudo. Na verdade, sentia-me um pouco como se tivesse uma costela de Maddy.

– Pois, do meu ponto de vista, foi sem dúvida um grande erro.

Gostava da forma como ele me olhava, mas primeiro precisava de colocar umas coisas em ordem na minha cabeça.

– Estás a meter-te comigo? – Exprimi o que estava a pensar.

– Não sei, estou? – Mike deu um gole na cerveja.



– És *gay*? – Mudei de conversa sem sequer pensar, pois receava esquecer-me de lhe fazer esta pergunta.

– O quê? – Quase cuspiu a cerveja.

– Tu e o Louis são um casal?

– Claro que não! Que te fez pensar isso?

– Não sei ao certo, só achei que...

– Bom, isso agora fez maravilhas pela minha masculinidade. Esta noite até me achei um roqueiro muito macho. – Sorriu. – Mas foi um bom concerto.

– Não era uma pergunta. – Há séculos que não tocava com a malta.

– Foi um bom concerto, sim – concordei. – És bissexual ou assim?

– Mas qual é o teu problema? – Franziu a testa, confuso.

Eu não fazia ideia de qual era o meu problema.

– Vamos dançar? – perguntei de repente sem qualquer vestígio de ansiedade.

– Vamos. Tenho de te calar de alguma maneira.

Pousou a cerveja e agarrou-me pela mão. Um DJ ocupara o espaço deixado vago pela banda. A iluminação esbatera-se e a música mudara de ritmo quando chegámos à pista de dança.

– *Okay*, Lulu, que se passa? – Puxou-me para os braços dele, mas manteve-me a uma distância que lhe permitia ver a minha cara.

– Nada, até estou a divertir-me muito. – Estava a ser sincera. Há muitos anos que não me sentia tão descontraída.

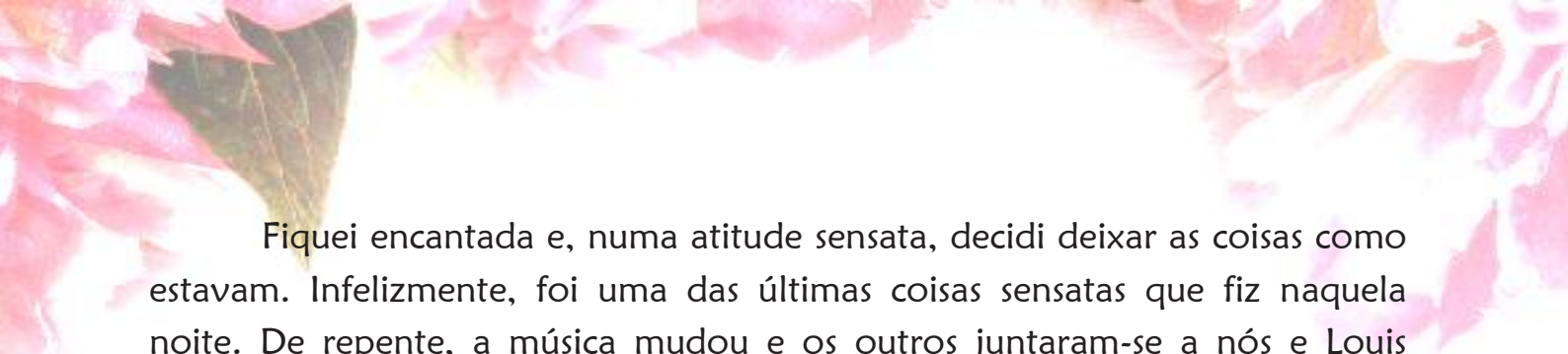
– Ótimo, eu também.

– Sinto-me *sexy* – confessei.

– Estás de facto muito sensual. – Piscou-me o olho.

– A sério? – era como se me tivesse dito que ganhara a lotaria.

– A sério. – Puxou-me mais para junto dele. – Pareces uma rapariga bem diferente da que conheci a semana passada. Bem menos tensa.



Fiquei encantada e, numa atitude sensata, decidi deixar as coisas como estavam. Infelizmente, foi uma das últimas coisas sensatas que fiz naquela noite. De repente, a música mudou e os outros juntaram-se a nós e Louis agarrou-me. Com as nossas palhaçadas, fizemos girar algumas cabeças na meia hora que se seguiu.

– Acho que está na hora de irmos andando, meninas – afirmou Clodagh por fim ao mesmo tempo que eu me dava conta de que tinha o copo de novo vazio.

– Nem pensar, ainda é cedo.

– São duas da manhã, querida. – Maddy riu do meu ar espantado.

– Alguém quer boleia? – Já me tinha esquecido de que viéramos no carro de Clodagh.

– Eu posso levar-te no meu táxi, se tu quiseres – ofereceu Paul a Maddy e ela respondeu, «quero, sim», um pouco depressa de mais, na minha opinião.

– E nós, vamos até minha casa? – perguntei a Mike, fazendo a resposta de Maddy parecer a frase de engate mais subtil alguma vez proferida.

Clodagh abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas calou-se de imediato ao ver o olhar que Maddy lhe lançou.

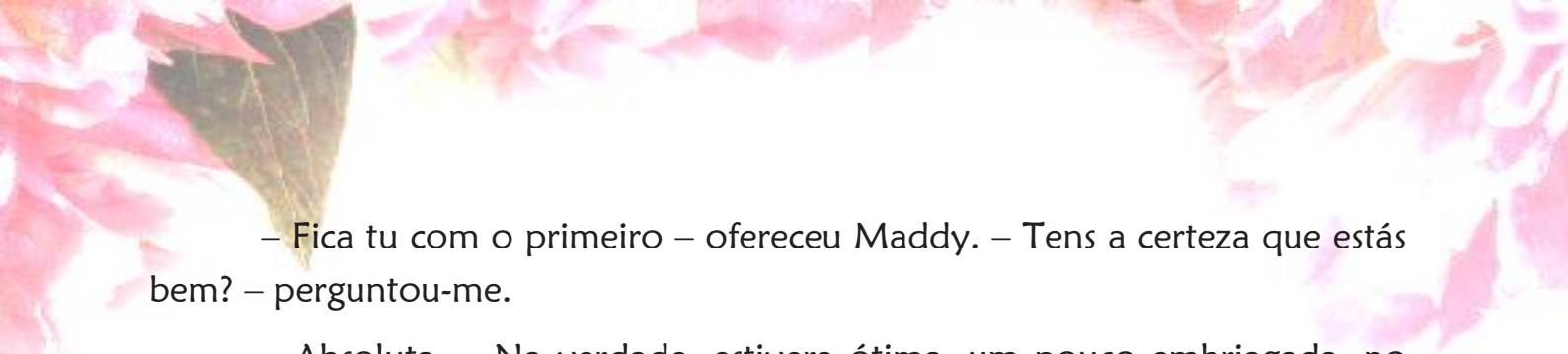
– Creio que alguém deveria garantir que chegas a casa em segurança. – Mike tocou-me na ponta do nariz com o dedo. – Partilhamos um táxi.

– *Okay*. – Aceitei de imediato.

– Tens a certeza? Eu posso levar... – interrompeu Clodagh, mas eu ergui a mão.

– Já sou uma menina crescida, sabes? – disse-lhe. – Sei tomar conta de mim.

Saímos do *pub* todos ao mesmo tempo. Paul, Maddy, Mike e eu encaminhámo-nos para os táxis. Clodagh acenou-nos um adeus e afastou-se na companhia de Louis, tendo descoberto que a casa dele ficava muito perto da sua.



– Fica tu com o primeiro – ofereceu Maddy. – Tens a certeza que estás bem? – perguntou-me.

– Absoluta. – Na verdade, estivera ótima, um pouco embriagada, no sentido em que perdera as inibições, todavia, naquele momento, com o ar fresco do mar, não me sentia muito bem. Ainda assim, sabia que não perderia o controlo. Afinal de contas, tinha vários anos de prática.

– Assim que chegares a casa, manda-me uma mensagem, está bem? – pediu Maddy enquanto se despedia de mim.

– A minha casa fica a dois ou três quilómetros daqui.– Dei a morada ao taxista e dali a uns minutos estávamos no caminho que dava acesso à minha casa.

– Não vejo nenhuma casa aqui. – Mike olhava para mim e sorria. – Esqueceste-te de onde vives, Lulu?

– Não, não esqueci. É aquela a minha casa. – Saí do táxi e ele seguiu-me. Pareceu-me ouvi-lo dizer ao taxista que esperasse, o que foi uma enorme desilusão.

– Mas aquilo é uma casa móvel ou lá como se chama!

– Sim, muito obrigada, bem sei. Na verdade, é uma caravana, para os entendidos. E é minha – concluí, abanando o dedo frente à cara dele.

– Vives numa caravana? – perguntou ele com um ar que não consegui decifrar muito bem.

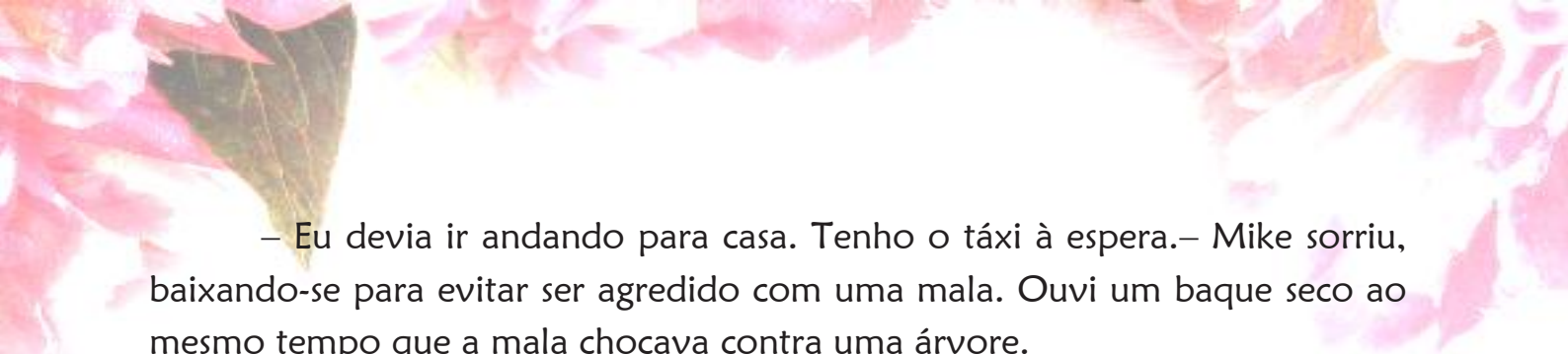
– Vivo. – Vasculhei na mala e tirei as chaves. – E aquilo ali é a minha mota. – Estava a divertir-me à grande. Soava muito mais interessante, até a mim mesma.

– Fixe – comentou ele. – Há quanto tempo vives aqui?

– Há montes de tempo.

Num esforço de parecer descontraída, indiferente, precipitei-me para o alpendre e quase falhei o degrau.

– Entra e dá uma vista de olhos. – Ainda na mesma atitude despreocupada, liberei-me da mala, lançando-a descuidadamente para a escuridão. Por sorte, tirara as chaves de casa primeiro.



– Eu devia ir andando para casa. Tenho o táxi à espera.– Mike sorriu, baixando-se para evitar ser agredido com uma mala. Ouvi um baque seco ao mesmo tempo que a mala chocava contra uma árvore.

Uma vez que conseguira acertar com a chave na fechadura, puxei por Mike, que tentava salvar a mala.

– Livra-te do táxi. – Acendi as luzes e liguei o *iPod*.– Tenho vontade de me enrolar contigo.

Foi nesse momento que me dei conta de que talvez estivesse mais embriagada do que pensava, por isso empurrei-o para o sofá num esforço para me sentar.

– Descontraí – disse, e precipitei-me sobre ele, enfiando-lhe as mamas na cara. – Vamos foder como coelhos. – Sorri de orelha a orelha, lançando as pernas por cima do colo dele. Reparei então no algodão a emergir de onde as minhas mamas deveriam estar. Pus-me de pé, demasiado repentinamente, para me compor antes que ele reparasse, mas o esforço teve as suas consequências. Arrotei e cambaleei ao mesmo tempo que tudo em meu redor perdia a nitidez e começava a girar. Sem qualquer aviso, inclinei-me na direção dele mais uma vez e vomitei-lhe em cima do peito. Creio que também lhe acertei na cara com um esguicho ou outro.

11

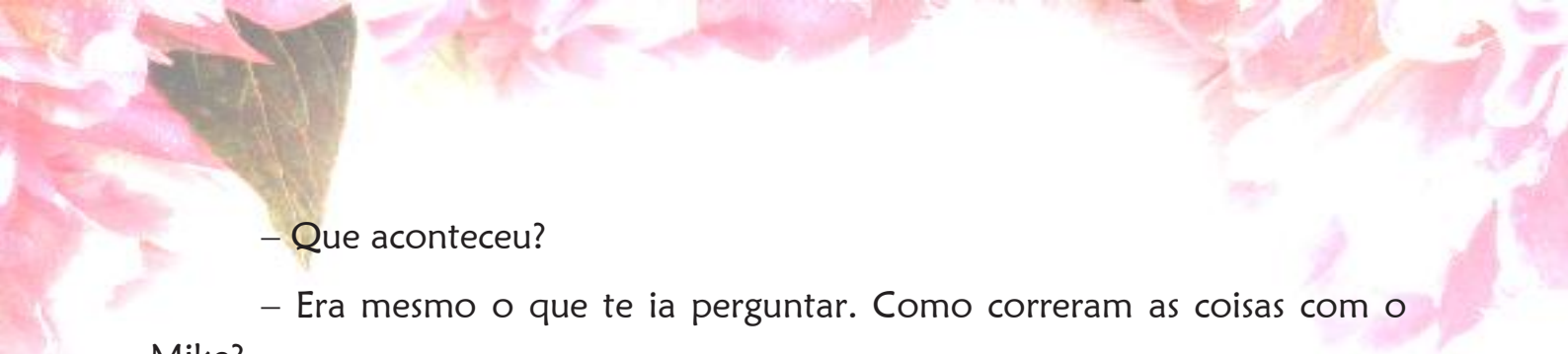
OS MEUS OLHOS RECUSAVAM-SE A ABRIR. Esfreguei-os furiosamente e quando, por fim, consegui obrigar as pálpebras a afastarem-se, desejei não tê-lo feito. Doía-me tudo. O gosto que sentia na boca fazia-me lembrar um bolo de arroz mofento que certa vez mordera. Era como se tivesse larvas a percorrerem-me o estômago e alguém me estivesse a perfurar o cérebro sem se ter dado ao trabalho de me anestesiar. Deixei-me ficar deitada, sentindo-me pior do que, supunha, a maioria das pessoas se sentia por mais próximo da morte que estivesse, e tentei perceber o que acontecera. Não fazia ideia e, quanto mais me esforçava por juntar as peças daquele quebra-cabeças, mais apavorada me sentia. Às tantas, o meu coração batia com tanta força que tive de me levantar para aliviar a pressão. Foi um erro. Muito embora me tenha levantado da cama tão devagar que um idoso me teria levado a melhor, assim que me vi de pé percebi que iria vomitar. Corri para a casa de banho, mas não acertei logo na sanita e acabei por arruinar o tapete. Quando já não suportava o meu próprio cheiro, arrastei-me de gatas até ao polibã, abri a água e trepei pela parede acima como um idoso bêbado.

Dez minutos mais tarde, de roupão e toalha na cabeça, mas ainda a tremer, tomei três comprimidos efervescentes com um copo de água. Por fim, cambaleei até à mesa da cozinha e aí fiquei durante meia hora, altura em que os comprimidos começaram a fazer efeito e atenuaram a dor latejante de cabeça que sentia.

O telefone tocou. Não fazia ideia de onde raio estava, mas ao fim de três toques o meu embotado cérebro lá percebeu que estava ao lado da cama. Pelo menos, uma vez lá, podia deitar-me de novo.

– Es-estou.

– Meu Deus, como tu estás! Sentes-te bem? – perguntou Maddy.



– Que aconteceu?

– Era mesmo o que te ia perguntar. Como correram as coisas com o Mike?

– O Mike?

– Sim. Ele foi deixar-te a casa, lembras-te...?

E o dia passou-se basicamente assim. Entre viagens à casa de banho, conversei ao telefone com Maddy e Clodagh, recuperei metade do conteúdo da mala da vegetação circundante e abri todas as janelas da caravana numa vã tentativa de me livrar do fedor.

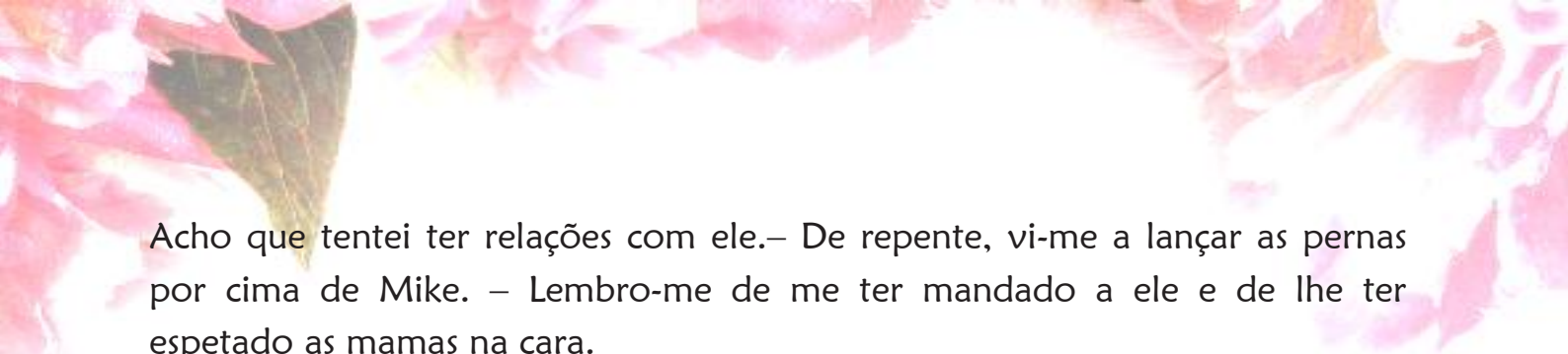
Por sorte, a minha memória foi voltando por etapas; caso contrário, ter-me-ia matado de vergonha e incredulidade perante o meu comportamento; ou o que dele me lembrava, pelo menos. Por exemplo, não fazia ideia de como fora parar à cama e se me despira a mim mesma: um pensamento assustador. Fiquei com sérias dúvidas que isso tivesse acontecido ao ver a minha roupa toda dobradinha nas costas de uma cadeira.

– Diz-me a última coisa de que te lembras. – Era a terceira vez que Clodagh me telefonava e eu começava a ficar irritada.

– Eu já te disse, a ti e à Maddy, que não me recordo de nada depois de ter deixado o *pub*, embora saiba que lancei a mala para uma árvore, sabe-se lá porquê...

– Oh, sim, isso diz-me muita coisa – comentou ela com uma sonora gargalhada. – Então, a que horas se foi embora o Mike? – Havia na pergunta dela uma outra subentendida: se eu tinha ou não dormido com ele. Todavia, ao contrário de Maddy, Clodagh estava a ser um pouco compassiva, tendo em conta o meu frágil estado.

– Escuta, eu nem sequer sei se ele chegou a entrar, quanto mais a que horas se foi embora. Só sei que acordei na minha cama, nua, com a roupa dobrada numa cadeira e as cuecas em cima do candeeiro da mesa de cabeceira, ao lado do sutiã, preso no copo da água. A única coisa que está a salvar a minha sanidade é a ideia de que, se alguém me tivesse despido completamente, era pouco provável que tivesse sido tão aventureiro com a minha roupa interior, não te parece? Oh, meu Deus... – Mais uma náusea. –



Acho que tentei ter relações com ele.— De repente, vi-me a lançar as pernas por cima de Mike. — Lembro-me de me ter mandado a ele e de lhe ter espetado as mamas na cara.

— Caramba! Eu passo aí e levo uma garrafa de vinho e podemos tentar... — Era óbvio que Clodagh estava desesperada por saber tudo.

— Não. Não, por favor — supliquei num tom insano. — Não vou suportar o cheiro a bebida. — Reprimi um vômito.

— Chá de hortelã-pimenta, então? É bom para...

— Não, não consigo enfiar nada no estômago. Só queria meter-me num buraco e morrer.

— Pois, mas não podes. Tens de enfrentar a realidade. — Era evidente que se lhe acabara a compaixão.

— Oh, meu Deus, acabei de me lembrar de outra coisa.— Escondi o rosto nas mãos. — Não, meu Deus, por favor, não.

— Que foi? Conta-me — gritou ela.

— Tenho a impressão que... oh, merda, acho que lhe vomitei em cima. Foi quando me levantei para tirar o algodão do sutiã sem ele reparar.

Estava mortificada por aquela altura, pois sabia que mais baixo que aquilo não poderia descer.

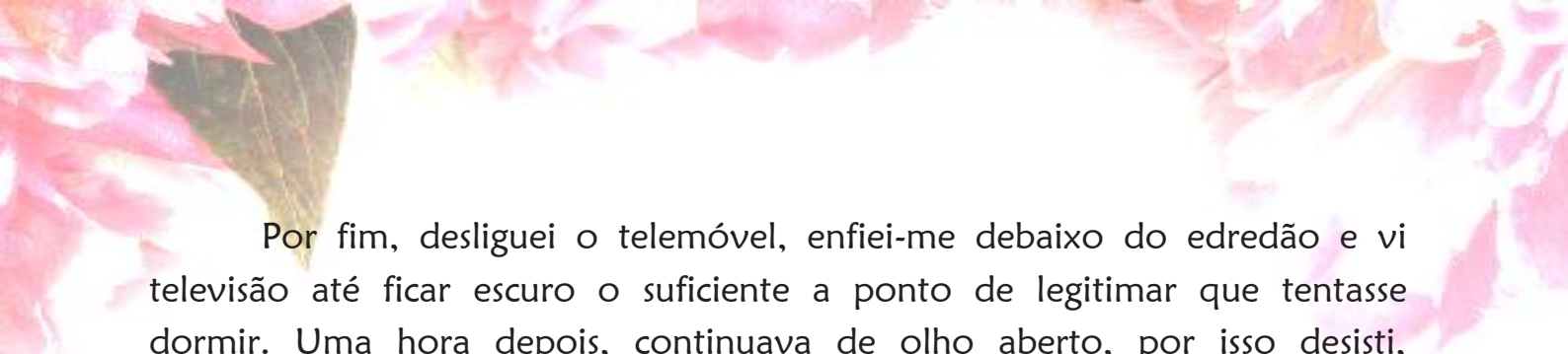
Clodagh riu tanto que lhe desliguei o telefone na cara, ofendida. Maddy telefonou cinco minutos mais tarde, cantando «Stuck On You»⁸, ou qualquer outra coisa de igual mau gosto.

— Desculpa, mas é tão contraditório em ti que chega a ser fabuloso. Por favor, peço-te: faz-me um relato pormenorizado.

— Não. Deixa-me em paz. Odeio-vos às duas! — Desliguei à bruta. De novo.

— Escuta-me. Era o que tu querias, uma mudança completa de personalidade. Adoro o teu novo eu. — Maddy voltou à carga poucos segundos depois.

⁸ À letra, «colado a ti». (*N. da T.*)



Por fim, desliguei o telemóvel, enfiei-me debaixo do edredão e vi televisão até ficar escuro o suficiente a ponto de legitimar que tentasse dormir. Uma hora depois, continuava de olho aberto, por isso desisti, telefonei a Maddy e pedi-lhe um dos seus comprimidos para «relaxar». Ela tinha sempre um fornecimento interminável deles, afirmando que eram a única forma de chegar ao fim de um interminável dia de filmagens.

Quarenta minutos mais tarde, apareceu à minha porta, de garrafa de vinho numa das mãos e Clodagh na outra. Quando viram o meu estado, compadeceram-se por fim de mim.

– Toma isto, vai ajudar. Um copo e um comprimido vão deixar-te *KO* – sugeriu ela. Com certeza que não iria ler aquela recomendação na bula dos comprimidos.

– Não, a sério. Desesperada como eu estou para dormir, acho que vomitaria as tripas se sentisse sequer o cheiro do vinho. Por favor – supliquei.
– Eu sei que a vossa intenção é boa, mas deem-me só o comprimido e deixem-me morrer em paz.

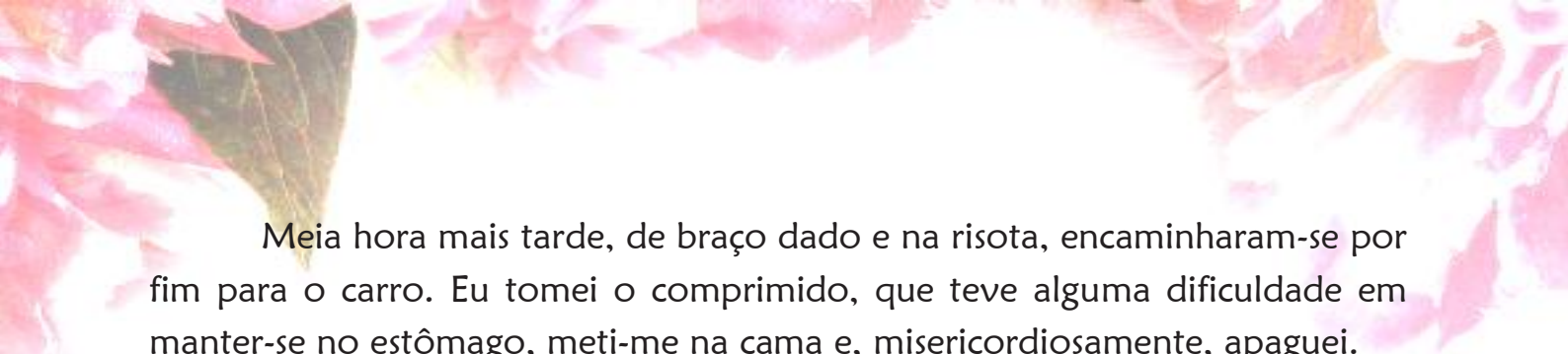
– *Okay, okay.* – Maddy cedeu. – Assim como assim, o meu fígado também deve estar em frangalhos, aposto. – Sorriu-me.

– Se bem que tu estavas a emborcá-los bem mais depressa que qualquer outra pessoa.

– Rua. Já. – Abri a porta e corri com elas. – E, se qualquer uma de vocês alguma vez me deixar ficar naquele estado de novo, terá de se haver comigo.

– Pensando bem... – Maddy esgueirou-se por baixo do meu braço e agarrou no saca-rolhas e em dois copos enquanto o diabo esfregava um olho.
– Nós as duas podemos beber um copo aqui no alpendre. Assim, tu podes ficar aí dentro, perto da casa de banho, e contar-nos o que aconteceu. Nem sequer terás de olhar para nós. – Estava encantada.

– Não, vá lá – implorei, mas elas recusaram-se a ir onde quer que fosse até que eu lhes contasse tudo mais uma vez, tintim por tintim.



Meia hora mais tarde, de braço dado e na risota, encaminharam-se por fim para o carro. Eu tomei o comprimido, que teve alguma dificuldade em manter-se no estômago, meti-me na cama e, misericordiosamente, apaguei.

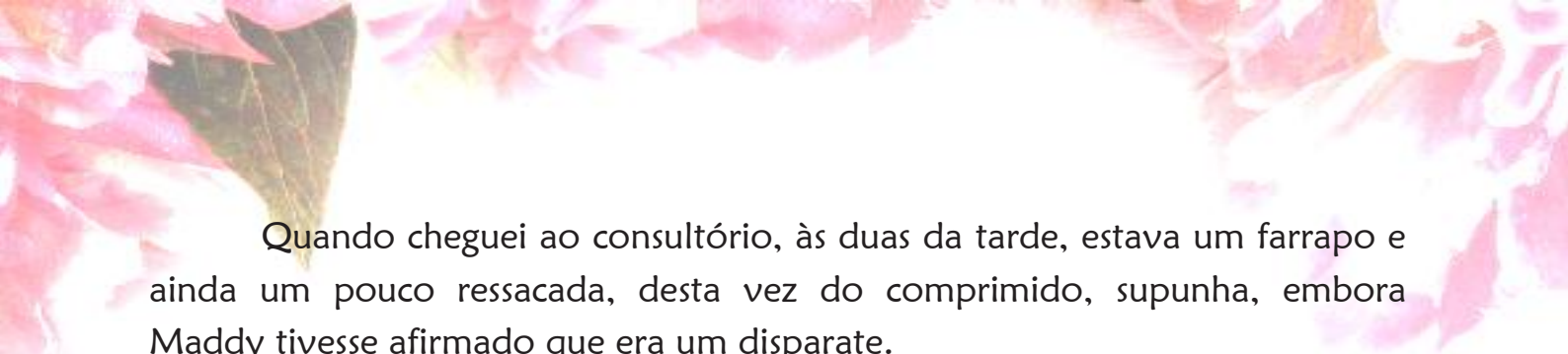
No dia seguinte, a amplitude das minhas ações tornou-se bem clara. Foi uma terrível manhã de segunda-feira, a pior dos últimos anos. Já não podia esconder-me atrás da minha má disposição e suores frios e autocomiseração. Pelo contrário, tinha de enfrentar o que fizera: tentara seduzir um cliente enquanto ele ria para mim, arrancara o recheio do sutiã enquanto lhe esfregava as mamas na cara e depois, só para garantir que não se esqueceria de mim, vomitara em cima dele. Como Maddy dissera, durante anos queixara-me de ser monótona, contudo, na verdade, nunca na vida me portara de forma tão descontrolada. Era assustador e, pior que tudo, sabia que nunca mais poderia enfrentar Mike – ou Louis – de novo. E estava determinada a não ter de fazê-lo. Passei o resto da manhã a tentar localizar a única especialista em comportamento animal que conhecia e perguntei-lhe se me faria o enorme favor de aceitar um cliente, porque me «envolvera pessoalmente» com ele e não achava adequado continuar a tratar o seu cão. Meu Deus, sentia-me uma completa palerma.

– Bom, na realidade, o animal é que é o seu cliente, portanto, desde que não se tenha «envolvido pessoalmente» com o *Pedro*, parece-me que foi esse o nome que disse, penso que não há problema nenhum. – Do meu lado da linha, quase conseguia ver o esforço que ela estava a fazer para não rir.

– De qualquer forma, eu falo-lhe desta opção. – Queria acabar com aquela conversa e depressa.

– Com certeza, será um prazer ajudar. Dê-lhe o meu número – sugeriu ela num tom amável, percebendo a minha aflição, suponho, pela voz esganiçada que escutava.

– Muito obrigada, farei o mesmo por... – Decidi que seria melhor ficar-me por ali. – Obrigada, mais uma vez. – Desliguei, banhada em suor.



Quando cheguei ao consultório, às duas da tarde, estava um farrapo e ainda um pouco ressacada, desta vez do comprimido, supunha, embora Maddy tivesse afirmado que era um disparate.

– Já cheguei a tomar três, num dia muito mau, claro, e não senti quaisquer efeitos secundários – zombou ela. – Cá para mim, deves estar ainda a sofrer de intoxicação do fígado. – Soltou uma gargalhada infantil. – Alguma notícia do Mike? – perguntou com um enorme desprante.

– Não, e não vamos falar sobre isso – ameacei-a enquanto atravessava a receção que nem uma bala. Sentia-me tão mal que não queria falar com ninguém.

– Olá, tem aqui umas marca... – Mary tentou travar-me, mas consegui evitá-la.

– Ótimo, eu já aqui passo, obrigada – murmurei.

– Mas é que eu... – tentou ela de novo, mas eu não me deixei demover.

– Desculpe, estou ao telefone e é importante – argumentei. – Já falamos. – Passei a hora que se seguiu enfiada no meu gabinete, ao telefone, ansiando por que o tempo passasse para poder ir para casa.

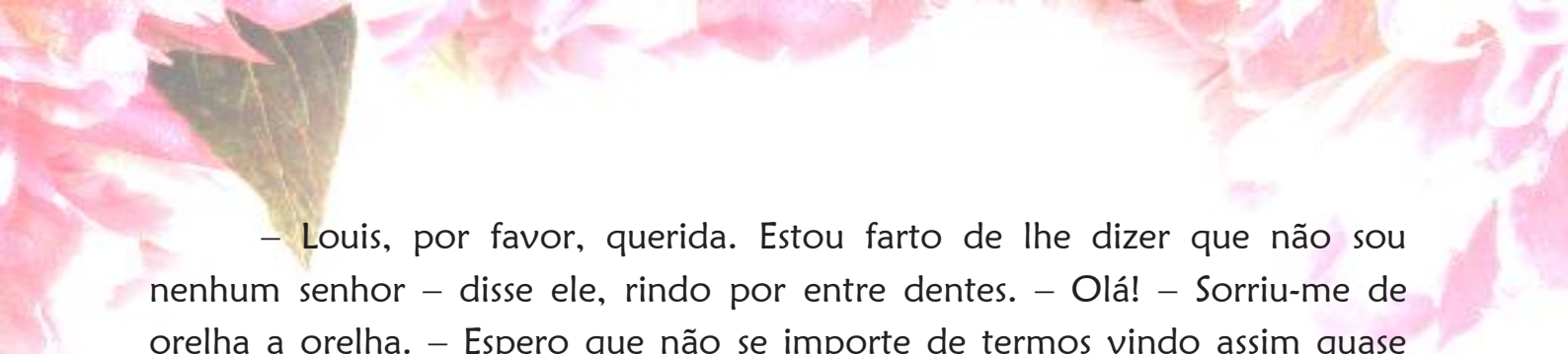
Estava a cavaquear com Maddy quando Mary bateu à porta e assomou a cabeça.

– Desculpe interromper. Há bocado tentei dizer-lhe que aceitei uma marcação porque reparei que tinha a agenda livre. – Parecia receosa de ter cometido um erro.

Preparava-me para lhe perguntar quem era quando Louis entrou porta adentro. Pus-me de pé tão rapidamente que quase tropecei em *Pedro* e dei de caras com Mike. A onda de pânico que senti naquele momento foi tão avassaladora que achei mesmo que estava a ter um ataque cardíaco.

– Olá! – Sabia que tinha os olhos esbugalhados. – Olá, *Pedro*. – Lancei-me praticamente ao animal numa tentativa de evitar os seus donos.

– Há pouco, era isto que estava a tentar dizer-lhe – argumentou Mary num tom alegre. – O senhor...



– Louis, por favor, querida. Estou farto de lhe dizer que não sou nenhum senhor – disse ele, rindo por entre dentes. – Olá! – Sorriu-me de orelha a orelha. – Espero que não se importe de termos vindo assim quase sem aviso, mas o Mike estava livre e a Mary disse que não tinha nenhuma consulta marcada, por isso eu agarrei logo a oportunidade. Foi muito divertido no sábado, não foi? – disse ele quando Mary virou costas. – Tu danças como ninguém, não é, Mike?

– Tem muitos talentos escondidos, é certo – comentou Mike meio entre dentes.

– Façam favor de entrar – convidei, apontando para o sofá e interrogando-me durante quanto tempo iria conseguir evitar, por um lado, olhar para Mike e, por outro, vomitar em cima dele. De novo.

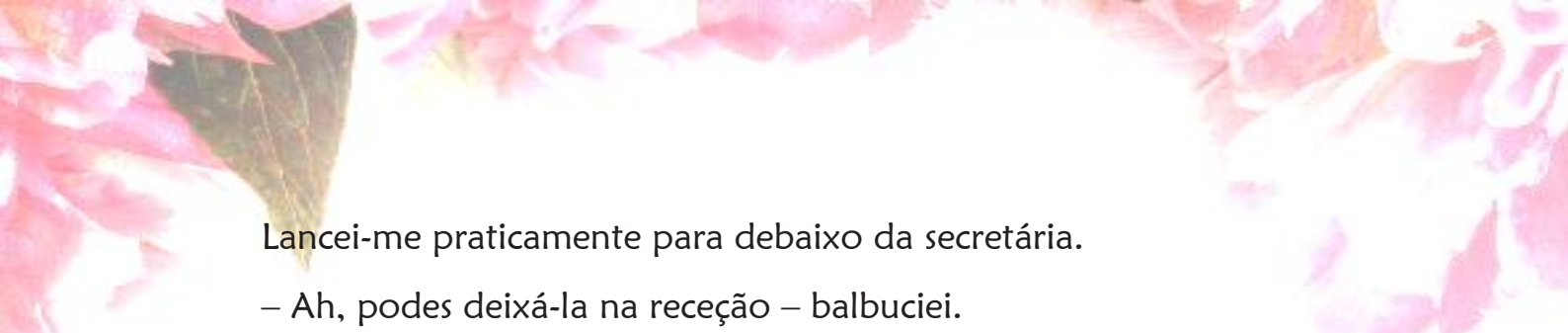
Não faço a mais pequena ideia do que lhes disse durante uma hora, todavia, consegui não cruzar o olhar com Mike. Para tal, dediquei toda a minha atenção ao cão, fui demasiado efusiva com Louis e, de uma forma geral, comportei-me como uma débil mental. Por fim, lá corri com os três do gabinete, alegando que precisava de discutir o problema deles com um colega nos Estados Unidos e que os voltaria a contactar dali a um dia ou dois.

– Mas eu pensei que sabíamos qual era o problema – gaguejou Louis, espantado.

– E sabemos – garanti. – É só para termos uma segunda opinião e jogarmos pelo seguro... – expliquei num tom animado. – Eu depois digo-vos mais qualquer coisa. Adeus. – Fechei a porta mal eles saíram e tê-la-ia trancado se pudesse. Tremendo e a transpirar, sentei-me à minha secretária. Tinha os nervos em frangalhos e por fim compreendi por que razão algumas pessoas guardavam uma garrafa na gaveta do fundo para emergências. Afundei a cara nas mãos e preparava-me para gritar quando ouvi umas pancadas na porta.

– Mary, lamento muito, ia agora mesmo ter consigo. – Pus-me a remexer na gaveta, não fosse ela perceber o quanto estava transtornada.

– Sou eu. Esqueci-me de perguntar onde deixo a conta da lavandaria – disse a voz do meu algoz.



Lancei-me praticamente para debaixo da secretária.

– Ah, podes deixá-la na receção – balbuciei.

– Na verdade, estás com sorte. Consegui limpar a maior parte com aquele punhado de algodão de que tu estavas... – tossiu – a tentar livrar-te.

– Sim, pois, eu...

– Não podes evitar olhar para mim para sempre, sabes? O Louis já começa a pensar que tu és doida.

– Desculpe interromper... – interveio Mary. – Mas tenho uma chamada de Nova Iorque para si e queria saber se está disponível para atender.

– Telefona-me – disse Mike, mexendo apenas os lábios.

– Claro. Sim. Ótimo. Obrigada – gaguejei, seguido de todos os sinónimos de «adeus» de que me recordava. Tenho a certeza de que o ouvi rir enquanto, caridosamente, se afastava.

12

SÓ HAVIA UMA COISA A FAZER, RESOLVI. Concentrar-me na minha carreira e esquecer o resto. É claro que falar era fácil, mas estava bastante determinada a fazê-lo. Aceitei todo o trabalho que pude, não levantei ondas e esforcei-me ao máximo por evitar o demoníaco álcool e suas lacaías: Maddy e Clodagh.

Ronan O'Meara voltou e desta vez trouxe *Deputy*.

O Labrador ignorou-o ao longo de toda a sessão, não me dando, assim, qualquer pista sobre o que se passava. Na realidade, a meio da consulta, acabámos por ter de nos mudar para a minúscula cozinha do edifício, pois *Deputy* ressonava tão alto que não conseguíamos conversar como devia ser.

– Há aqui qualquer coisa que me está a escapar – fui obrigada a confessar. Coloquei umas colheres de café instantâneo em duas canecas. – É óbvio que o cão não se sente fatalmente atraído por si, portanto, por que carga de água não para de aparecer à sua porta? – interroguei-me em voz alta. – Tem a certeza que não vive ao lado de um talho ou assim?

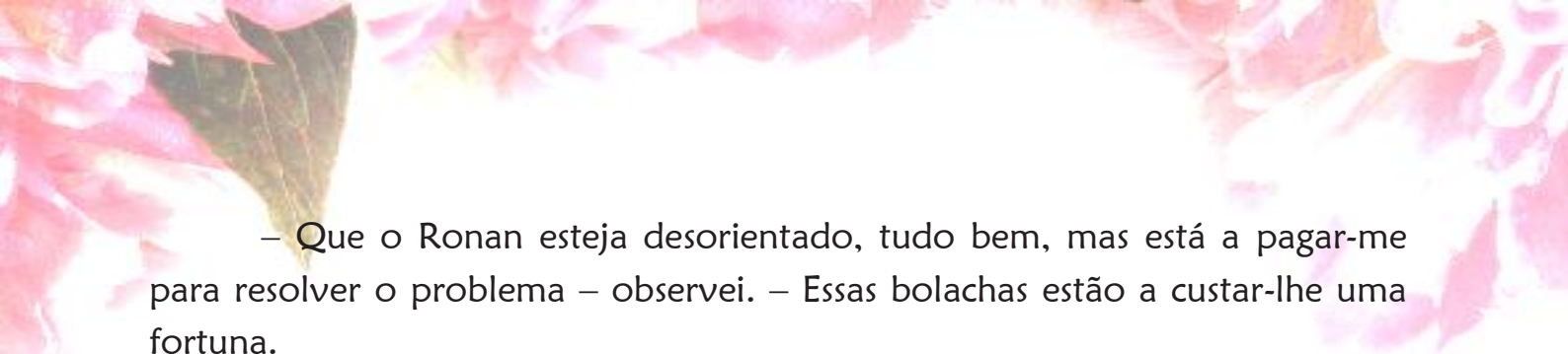
– Tenho. – Abanou a cabeça como se estivesse a encarar a pergunta com toda a seriedade.

– E na vizinhança não há cadelas fabulosas que usem tutus cor de rosa e diamantes? – Pensei em *Pedro*.

– Não. – Voltou a abanar a cabeça.

– Estou desorientada. Não sei o que fazer ou o que pensar – admiti sem problema.

– Também eu. – Atacou um prato de bolachas com pepitas de chocolate. Não parecia muito preocupado.



– Que o Ronan esteja desorientado, tudo bem, mas está a pagar-me para resolver o problema – observei. – Essas bolachas estão a custar-lhe uma fortuna.

– Quando a consultei, vinha à procura de uma nova perspetiva, é certo – disse ele com a boca cheia. – Mas, para ser franco, também já tinha esgotado todas as hipóteses.

– Bom, acho que vou precisar de ver a sua casa. E a da sua avó. E de conhecê-la – decidi. – Que está a pensar dizer-lhe acerca de mim?

– A verdade, suponho. Não posso fazer mais nada.

– E não se importa com isso?

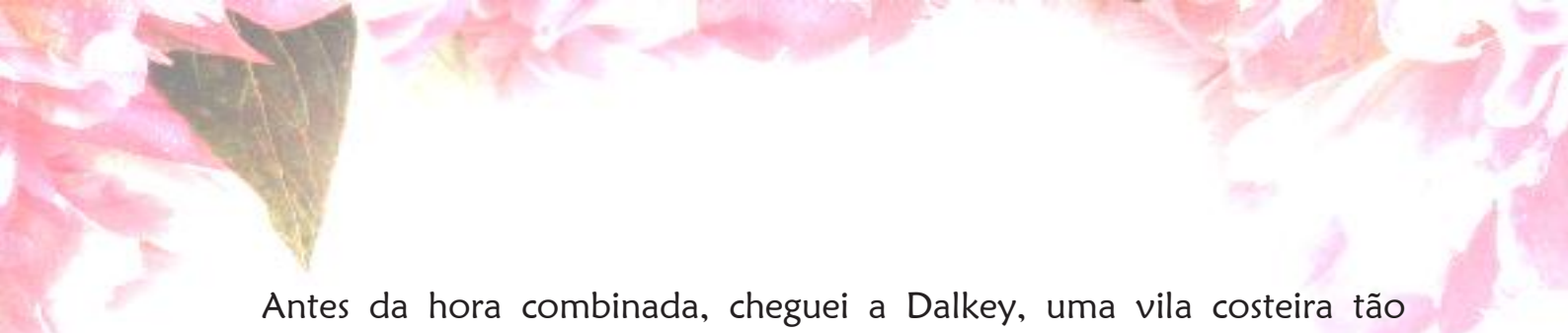
– Nada mesmo. Faço qualquer coisa para resolver este enigma. Como lhe disse antes, adoro animais e gosto de tomar conta do *Deputy* quando a minha avó se ausenta, mas isto está a dar-me cabo da cabeça. Passo a vida com a minha avó e, de cada vez que vou a casa dela, ela tem visitas, portanto, é óbvio que não precisa de mim. Mas depois sou obrigado a ficar e a fazer conversa de circunstância. Sinceramente, se for obrigado a comer mais uma fatia do *tea brack*⁹ dela, vomito.

– Estou a ver que o Ronan é demasiado educado e cortês – afirmei, tendo já tomado a decisão de ir visitar ambos.– Então, quando lhe dá jeito que passe por sua casa?

Combinámos para o final do dia seguinte e eu passei o resto do tempo a tomar notas sobre tudo o que me recordava. Quando acabei, sentia-me ainda mais imprestável.

* * *

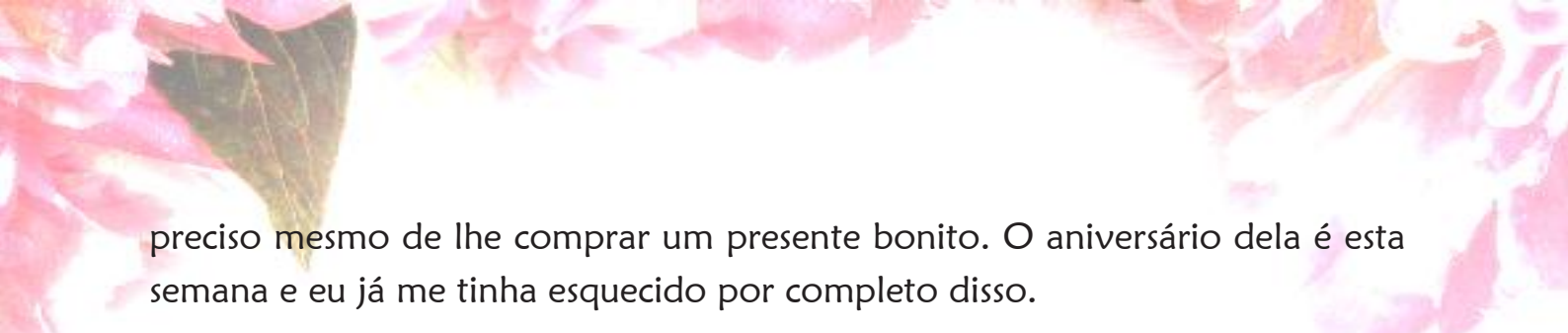
⁹ Espécie de cruzamento entre um bolo e um pão; é bastante húmido e na sua confeção incluem-se passas, sultanas e especiarias. (*N. da T.*)



Antes da hora combinada, cheguei a Dalkey, uma vila costeira tão distante de Bray quanto Barcelona fica de Benidorm. Sendo uma das joias da bem incrustada coroa do condado de Dublin, transbordava de pessoas para as quais a vida parecia fácil e despreocupada. Muitas das casas por que passei eram dignas de figurar em revistas e nunca na vida vira tantos relvados tão bem cuidados e sebes tão bem aparadas. A rua principal, porém, era mais pitoresca que pomposa, muito embora as discretas lojas de roupa, lado a lado com cafés que vendiam antiguidades e albergavam galerias de arte nas traseiras, permitissem entrever a clientela que as frequentava. Era um local encantador para explorar, por isso deixei a mota no parque de estacionamento do Queen's, um bem conhecido *pub* local, e dei uma volta pois ainda tinha tempo de sobra. A maior parte das lojas estava fechada ou quase a fechar, por isso entretive-me a ver as montras e resolvi voltar outra vez, ainda de dia, para explorar um pouco melhor a vila.

Combinara com Ronan encontrar-me com ele à porta do escritório e seguirmos depois a pé para casa da avó. Enviei-lhe uma mensagem assim que cheguei à convertida casa de pedra e sentei-me no muro à espera. Parecia um sítio encantador para trabalhar, a julgar pelo exterior. O vidro das janelas, com caixilharia em madeira, brilhava e os parapeitos transbordavam ainda de flores outonais de todas as cores imagináveis. A porta da frente, de um vermelho intenso, estava emoldurada por cestos suspensos carregados de flores. Na realidade, não fora a placa de bronze junto à porta e qualquer pessoa juraria que a casa era ocupada por um reformado amante da jardinagem. Foi o que disse a Ronan quando o vi avançar a passos largos na minha direção com um ar apreensivo.

– O quê? Oh, sim, é obra da Maura, a senhora da limpeza, que também faz o chá, recolhe os jornais, trata da roupa e, de uma forma geral, toma conta de tudo – explicou ele sem fôlego. – Ela adora a casa e não é invulgar encontrá-la aqui aos sábados. Devia ver o que ela fez com a horta das traseiras. No verão, está sempre carregada de morangos e tomates. E nunca me pede dinheiro; aparentemente, troca sementes. – Ficou então com uma expressão de culpa. – Na verdade, acabou de me recordar de que



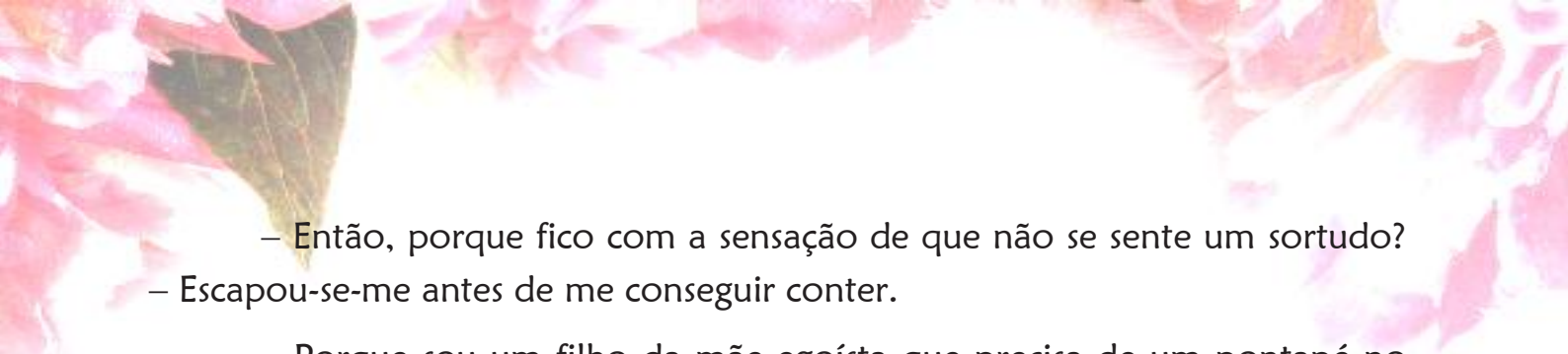
preciso mesmo de lhe comprar um presente bonito. O aniversário dela é esta semana e eu já me tinha esquecido por completo disso.

– Ela deve gostar muito de trabalhar para si – comentei enquanto atravessávamos a rua e caminhávamos na direção do mar.

– Sim, gosta. – Suspirou. – Foi o que me fez voltar e assumir o negócio. Todos os empregados do meu pai continuam aqui e são pessoas honestas e trabalhadoras. Pode dizer-se que me adotaram. – Encolheu os ombros. – Sabe, é que, por vezes... – Hesitou. – Não sei... Por vezes, desejava que as coisas tivessem sido diferentes, creio. Entre o trabalho e a minha avó, a rotina diária é bastante monótona. – Abanou a cabeça como que para a desanuviar. – A Myrtle vive ali, mesmo no cimo da rua – informou-me ele, mudando de assunto. – Eu disse-lhe que me estava a ajudar a perceber por que razão o *Deputy* parece tão apegado a mim, muito embora ela tenha dito, e estou a usar as palavras dela, que era o meu charme fatal que o fazia estar fatalmente atraído por mim.

– Eu diria que a Myrtle é sua fã. – Sorri e interroguei-me pela décima vez que se passaria com Ronan, mas não me atrevi a perguntar. Muitas vezes, nos últimos tempos, sentira que desempenhava um minúsculo papel em muitas vidas complicadas e naquele dia essa mesma ideia voltou a ocorrer-me. Curioso que tivesse acreditado que deixara tudo isso para trás, com o meu último emprego. No entanto, o que fazia entretanto era diferente, de alguma forma, talvez porque as atribulações humanas já não eram preocupação minha. Por uma vez, não estava a tentar resolver nada. Talvez isto fizesse com que tudo parecesse mais simples, ou, se calhar, essa sensação advinha do facto de eu ter simplificado bastante a minha vida e a minha cabeça ao longo desse processo.

– A Myrtle é fenomenal, a propósito – afirmou Ronan com verdadeira ternura. – Espero não lhe ter dado a impressão errada. – Era óbvio que ficara preocupado. – Na realidade, sou um sortudo em muitos aspetos. – Tinha um olhar distante que contrariava o que afirmava. – Estou rodeado de pessoas que gostam genuinamente de mim e se preocupam. A minha mãe é uma amiga, acima de tudo, e todos os empregados do meu pai iriam até aos confins do mundo por mim.



– Então, porque fico com a sensação de que não se sente um sortudo?
– Escapou-se-me antes de me conseguir conter.

– Porque sou um filho da mãe egoísta que precisa de um pontapé no rabo – respondeu ele sem olhar para mim. Quando olhei de relance para ele, a sua expressão glacial deixou claro que não queria mais conversa.

Pontapeei-me mentalmente para não voltar a meter o nariz onde não era chamada.

– Chegámos – declarou ele, apontando para uma casa de pedra muito parecida com o escritório dele. A única diferença era que tinha bonitas cortinas de renda nas janelas, ao contrário de estores, e a porta de entrada exibia aquele tom de azul ao qual muitos idosos parecem apegados.

Myrtle, contudo, parecia tudo menos a idade que tinha. Para começar, vestia uma saia multicolorida, uma *T-shirt* e brincos compridos. O cabelo era grisalho e comprido, mas tinha um corte muito atraente, balançando mesmo por cima dos seus ombros. Era a avó mais moderna que vira nos últimos tempos.

– Entrem. – Abraçou o neto e apertou-me a mão com força. – Tenho uma visita. Uma amiga que veio dar dois dedos de conversa comigo.

– Tem mais amigas do que eu tenho meias – sussurrou Ronan enquanto a seguíamos pelo comprido e estreito corredor até à sala de estar. – E são todas da minha idade. Não compreendo por que razão haveriam de querer visitar uma idosa, a menos que estejam atrás do dinheiro dela. E lá muito tem a Myrtle. – Sorriu.

– Mas quantas são?

– Imensas. Já perdi a conta ao número de amigas, aparentemente mulheres de carreira atarefadas, que parecem gostar de passar tempo com ela.

Não tive tempo de responder, pois já tínhamos chegado ao nosso destino e Myrtle estava a apresentar-me à amiga como «psicóloga de cães» num tom ameninado e às risadinhas. Apertei a mão a Rachel, uma loura muito atraente de trinta e poucos anos.

– Conhecemo-nos pela internet – explicou Myrtle. Devo ter feito um ar baralhado, pois ela acrescentou: – Numa sala de brídege. Jogo

regularmente, mas gosto de convidar os meus adversários para um chá para assim os poder ver cara a cara.

E pensar que eu imaginara que todos os jogadores de brídege eram da terceira idade.

– Devia arranjar o Skype. – Sorri, e depois dei-me conta de que, se calhar, ela nunca ouvira falar do programa.

– Oh, eu tenho – respondeu Myrtle. – Na verdade, se o meu neto também tivesse, sempre poderia manter mais facilmente um olho nele e certificar-me de que se alimenta como deve ser. – Piscou-me o olho. – Mas com o brídege, não é a mesma coisa que estar sentada frente à outra pessoa, cara a cara. Ronan, importavas-te de fazer uma chávena de café à Rachel enquanto eu converso com a Louisa acerca do nosso flagelo? – Deu uma risadinha.

Pelo ar que ele fez, como quem dizia «está a ver o que eu quero dizer?», percebi que fora obrigado a fazer sala a mais do que uma das amigas de Myrtle. No entanto, verdade fosse dita, com certeza não haveria muitos homens que não quisessem conhecer melhor Rachel.

– Com certeza – respondeu ele com amabilidade. Rachel levantou-se de onde estava e seguiu Ronan até à cozinha.

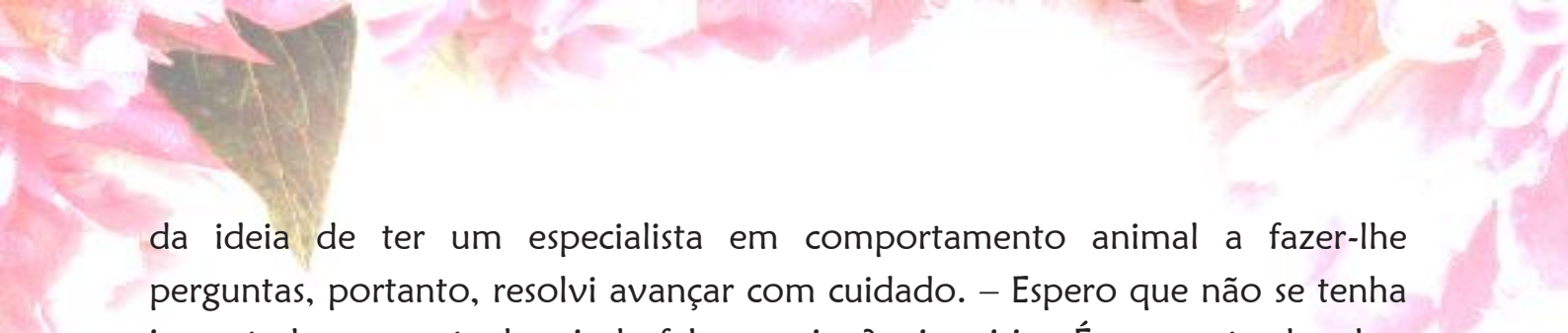
– Não te importas, pois não? – perguntou Myrtle a Rachel. – Isto não deve demorar muito.

– Ora essa. – A jovem mulher não parecia nem um pouco aborrecida. – Na verdade, estou mortinha por um café. Não almocei. – Sorriu-me. – De novo.

– Também me aconteceu, demasiadas vezes – disse-lhe.

– Dá-lhe também uma fatia do meu *crumble* de ruibarbo – gritou Myrtle para os ombros descaídos do neto. – Sente-se. – Apontou para um cadeirão de orelhas. – De que forma acha que posso ajudar, Louisa?

– Trate-me por Lulu. Toda a gente me trata assim. – Decidi que gostava de Myrtle. – Parece que o seu cão se apegou muito ao Ronan e não para de lhe aparecer à porta, a toda à hora, e ele pediu-me para tentar perceber por que razão isso sucede. – Não sabia ao certo o que Myrtle achava



da ideia de ter um especialista em comportamento animal a fazer-lhe perguntas, portanto, resolvi avançar com cuidado. – Espero que não se tenha importado que eu tenha vindo falar consigo? – inquiri. – É que gosto de saber o máximo que posso acerca do cão e do seu meio ambiente.

– Não me importei nada. – Parecia totalmente à vontade com a situação. – E já tem algumas ideias?

– Não, nada ainda – respondi com sinceridade. – Reparou em alguma alteração no comportamento dele nos últimos tempos?

– Não, em nada. Ele sempre gostou muito do Ronan e não é de admirar. É um rapaz adorável, um amor.

Acenei que sim em sinal de anuimento.

– Sabe dizer-me quando isto começou? Quando começou o *Deputy* a querer estar com ele todo o tempo, a ir até à casa dele de moto próprio?

– Oh, não é a toda a hora, apenas de vez em quando, à noite, principalmente – clarificou Myrtle.

– Estou a ver. Mas porque fará ele isso? Tem alguma ideia?

– Creio que talvez goste de dar uns passeios sozinho ou talvez o Ronan lhe dê algum petisco – sugeriu ela.

– Não. Essa foi a primeira coisa que perguntei ao Ronan. Ele disse-me que se limita a trazê-lo de volta para aqui. – Estava cada vez mais intrigada e perplexa.

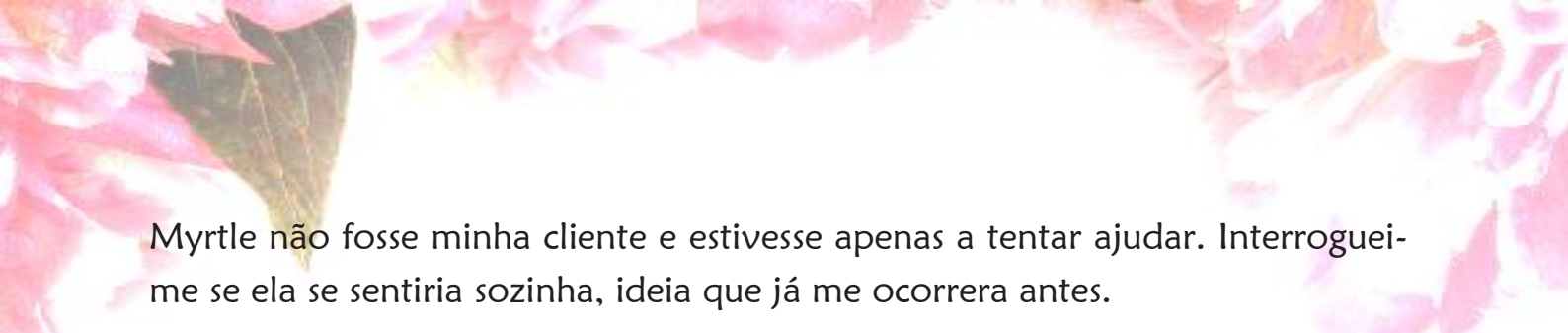
– Bom, isso sempre o faz sair de casa e o obriga a fazer algum exercício.

– Ao Ronan ou ao *Deputy*? – Sorri.

– Ao Ronan, mas, pensando bem, aos dois. – A gargalhada dela era contagiante. – Se bem que o *Deputy* faça bastante exercício. Eu levo-a a passear duas vezes por dia.

– Tem de haver uma razão – argumentei, mais para mim do que para ela.

– É um mistério – anunciou Myrtle e, mais uma vez, pressenti que um dos meus clientes sabia mais do que deixava entender, embora, neste caso,



Myrtle não fosse minha cliente e estivesse apenas a tentar ajudar. Interroguei-me se ela se sentiria sozinha, ideia que já me ocorrera antes.

– Isso não a incomoda? – quis saber. – Não saber onde ele está grande parte do tempo? – A maioria dos idosos nutria grande adoração pelos seus animais de estimação e preocupava-se com eles como se fossem bebês.

– Não. – E lá se ia a minha teoria. – Estou sempre tão ocupada, sabe? Vou à natação, jogo brídege, faço parte do clube de senhoras e da sociedade local de São Vicente de Paulo. Quando muito, sinto-me culpada por não prestar atenção suficiente ao *Deputy*. Todavia,   noite ele é uma excelente companhia. Senta-se nos meus p s quando estou na internet, que   grande parte do tempo, a conversar com pessoas e a fazer novos amigos.

– No seu clube de brídege?

– Não, não. Os jogadores de brídege são, de uma forma geral, pessoas idosas e muito sisudas. – Nova risadinha.

– Mas a Rachel não?

– Não, com certeza que não – concordou Myrtle. – Para ser franca, passo a maior parte do tempo em *chatrooms*.

– *Chatrooms*?

– Sim, e assim fico a conhecer montes de mulheres jovens e bonitas, todas em busca de amor.

O meu cérebro, entretanto seriamente desnorteado, p s-me de repente a equacionar se não teria t mb m uma avozinha *gay* a juntar aos meus problemas.

13

– DESCULPE? – BALBUCIEI POR FIM, certa de que ouvira mal.

– Tive uma ideia: porque não levamos o *Deputy* a dar um passeio e conversamos mais um pouco? – Myrtle pôs-se de pé de um pulo e agarrou no seu lenço e numa trela.

– Então, e o Ronan?

– Oh, ele fica bem, não se preocupe.

– Talvez seja melhor eu dizer-lhe qualquer coisa, para o caso...

Ouvi um barulho e percebi que era ele que vinha investigar o progresso da conversa.

– Como vai isso? – Olhou para mim com um ar suplicante.

– Tudo muito bem, querido. Íamos agora mesmo dar um pequeno passeio com o *Deputy*. – Myrtle passou de raspão pelo neto.

– Então, e a Rachel? – sussurrou ele e olhou de relance por cima do ombro, como se receasse que ela aparecesse de repente.

– Leva-a a tomar uma bebida ou qualquer coisa assim. Aposto que ela iria adorar conhecer Dalkey. E o Queen's tem um belíssimo menu, a propósito – disse-lhe Myrtle.

– Vó, eu conheço muito bem o Queen's, como lá muitas vezes, mas não conheço esta mulher. – Ronan soava exasperado. – E já a fiz ingerir mais açúcar do que ela consumiu em todo o ano, imagino, e falámos sobre economia, lamentámo-nos por causa do tempo e comentámos o orçamento...
– Parecia preparar-se para dizer mais qualquer coisa, mas mordeu a língua.

– Talvez ela pudesse vir connosco? – sugeri, querendo ajudar, como de costume.

– Oh, não, querida, ela não é muito dada a atividades ao ar livre – referiu Myrtle.

– Mas acabaste de sugerir que a levasse a dar um passeio! – Ronan coçou a cabeça.

– Foi só uma ideia. – Myrtle encolheu os ombros.

– Na verdade, avó, preciso de regressar ao trabalho, tenho umas contas para terminar esta noite... – Deteve-se. Não queria aborrecê-la, supus.

– Bom, não se preocupe comigo – disse numa tentativa de o safar daquela situação. – Deixei as minhas duas rodas estacionadas ao cimo da rua e, na verdade, foi a sua avó e o *Deputy* que vim ver. Eu depois telefono-lhe. – Pressentindo o embaraço dele, enxotei-o mentalmente.

– Tem a certeza? – perguntou ele já de saída.

– Absoluta – garanti com um sorriso, mas já para as costas dele.

– Bom, nesse caso, vou ver se a Rachel quer ficar. – Myrtle parecia resignada quando se encaminhou para a cozinha.

Vesti o casaco e *Deputy*, ao ouvir a coleira chocalhar, depreendi, veio a correr para dentro.

– A Rachel decidiu regressar à cidade – informou-me Myrtle num tom desapontado ao assomar-se à porta da sala de estar e eu interroguei-me de novo se ela não queria companhia. – Eu vou só acompanhá-la à porta e já vamos dar o nosso passeio. – E desapareceu.

Cinco minutos mais tarde, íamos a caminho do porto. Por sorte, calçara sapatos rasos e levava um casaco quente. Uma mota não combina com saltos altos e fatos pretos, por isso estava bem equipada para um passeio.

– Disse que veio até aqui de bicicleta? – perguntou Myrtle.

– Não, de mota – respondi e ela ficou tão entusiasmada com a ideia que acabei por prometer que um dia a levaria a dar uma volta. – Sabe, Myrtle, estou verdadeiramente à nora com este caso e não tenho problemas em admiti-lo. – Disse-lhe às tantas. Por aquela altura, tínhamos já partilhado umas gargalhadas e contara-lhe os meus esforços para mudar de vida. Era como se fôssemos velhas amigas. – Não é lá grande publicidade para a minha

nova carreira, pois não? – trocei. – A continuar assim, não conseguirei muitas recomendações.

Myrtle fez um ar preocupado.

– Falarei de si a todos os meus amigos – afirmou ela com seriedade.

– Obrigada. – Fiquei enternecida.

– Lulu, pode guardar um segredo? – disse ela de repente. – Preciso mesmo de saber que posso confiar em si.

– É claro – asseverei. Quando olhei para ela, pareceu-me mais velha e um pouco frágil e, por uma fração de segundo, fiquei preocupada com ela.

– É que... – deteve-se. – Não fui totalmente sincera consigo.

– Em relação a quê? – Estava baralhada.

– Sou eu que mando o *Deputy* ir ter com o Ronan!

– Mas porquê?

– Para o fazer vir até minha casa – respondeu ela como se fosse a coisa mais natural do mundo.

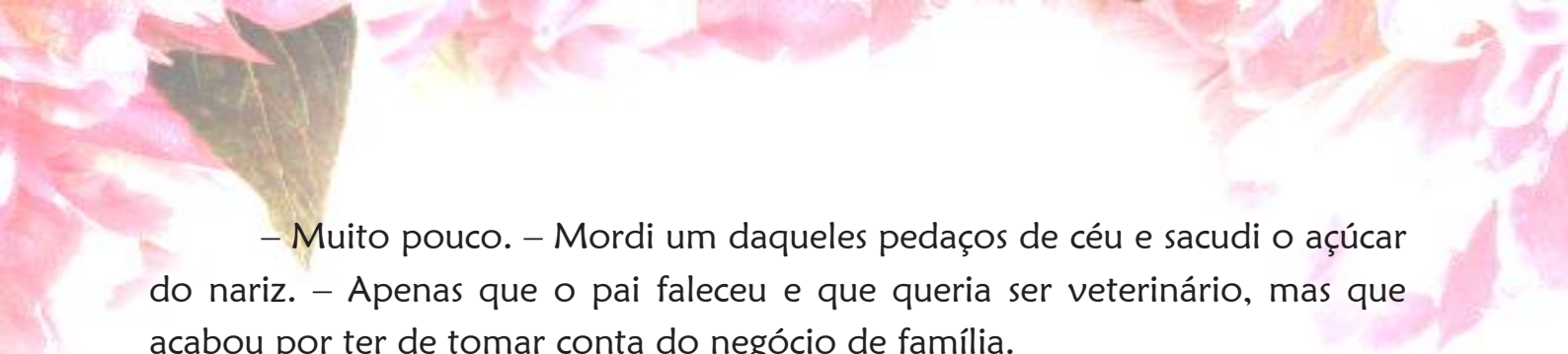
Afinal de contas, sentia-se sozinha.

– Myrtle, tem tempo para um café? – Reparara num pequeno e acolhedor café no cimo de uma rua lateral por que acabáramos de passar e achei que talvez ela precisasse de se sentar por um momento.

– Gostaria muito – disse ela num tom amável. – E Mistress Nolan costuma ter o café aberto até mais tarde e faz dónutes de compota frescos todos os dias.

– Perfeito. – Sorri e arrepámos caminho. Perguntei-me como iria lidar com aquilo.

– Que sabe acerca do meu neto? – perguntou ela depois de estarmos instaladas num canto da sala, ao calor de uma enorme salamandra e frente a um bule fumegante de chá e a um cesto de dónutes quentes e açucarados a transbordarem de compota. Cheiravam divinamente.



– Muito pouco. – Mordi um daqueles pedaços de céu e sacudi o açúcar do nariz. – Apenas que o pai faleceu e que queria ser veterinário, mas que acabou por ter de tomar conta do negócio de família.

– Pois, isso foi uma infelicidade. Ele assume demasiadas responsabilidades; sempre foi um rapaz muito sensato para a sua idade, na verdade. E, nos últimos anos, tem-se retraído cada vez mais. Por vezes, isso preocupa-me muito.

Aguardei, como costumava fazer quando percebia que o meu interlocutor se debatia com pensamentos desconfortáveis e penosos.

– Ele mencionou a mulher dele?

– Não.

– Não é costume fazê-lo. Eu só gostava que ele um dia falasse sobre isso com alguém e pensei que, como a Lulu era uma estranha... – Suspirou. – O fardo que ele carrega é muito pesado. Gostava muito de poder ajudá-lo. – Olhou para mim com uma expressão de tristeza. – A Audrey morreu num acidente de carro. E quando lhe digo que ela era a vida dele, o universo dele, isso nem chega para descrever o que eles partilhavam. Quando casaram, foi o dia mais feliz da minha vida. Sabia que fora uma união talhada no céu. – Era bastante claro que o assunto ainda perturbava muito Myrtle. – Infelizmente, é lá que ela está agora.

– Quando faleceu ela?

– Há quase dois anos. Ele nunca ultrapassou a morte dela, nem nunca ultrapassará, receio. – Havia lágrimas nos olhos dela. – Por favor, tem de me prometer que não lhe dará a entender que sabe. Ele nunca me perdoaria.

– Prometo. – Tentei tranquilizá-la. – Passei a vida a guardar os segredos de outras pessoas.

– Obrigada – disse ela e sorveu um gole do seu chá. – Tem sido um período muito difícil para nós, enquanto família. Desde o acidente, ele nunca mais foi o mesmo. Parece um morto-vivo e a dor constante que sente está sempre bem visível nos olhos dele. Todavia, nos últimos três meses, tenho observado uma ligeira mudança, uma pequeníssima razão para acalentar a esperança de que talvez ele ultrapasse isto. – De novo a mesma expressão

triste. – Ele arma uma fachada, sabe. E é muito bom a fazê-lo. E trabalha como um preto, o que o ajuda a esquecer. – Foi tão politicamente incorreto o que ela disse, que, numa outra ocasião, não me teria inibido de rir.

– Desculpe, isto não foi nada bonito da minha parte, pois não? Se bem que, no outro dia, na internet, ouvi dizer que a nova expressão é «trabalha com um Barack». – Parecia uma criança travessa. – A verdade é que mando o *Deputy* a casa dele para o obrigar a trazer-mo de volta. E tenho procurado uma namorada nova para ele na internet. É por isso que tenho sempre visitas quando ele lá chega. É dessa forma que organizo os encontros.

– Então, a Rachel, de há pouco... era apenas uma potencial interessada?

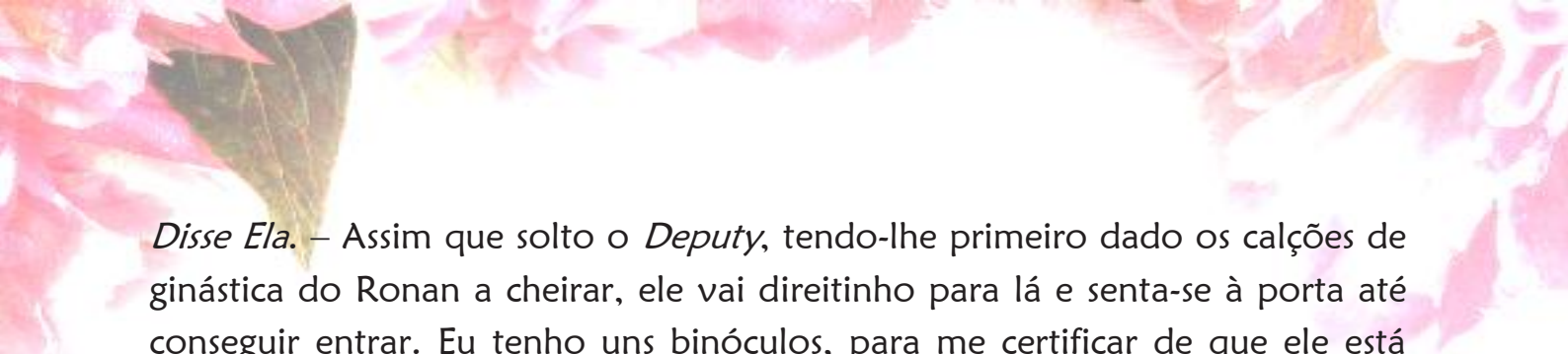
– Sim, mas até agora ele não demonstrou qualquer interesse em nenhuma delas. E olhe que não têm sido poucas. Agora que ele a recrutou para resolver o problema, presumo que terei de parar.

– Mas como conseguiu pôr o *Deputy* a ir a casa dele? – quis saber, o meu lado prático entrando de imediato em ação. Para além disso, sentia que precisava de desviar a conversa para desanuviar um pouco o ambiente.

– Foi necessária persistência. – Myrtle fez um sorriso matreiro – Levei-o a passear até lá várias vezes por dia durante umas quantas semanas, mas primeiro fiz eu o percurso e deixei um trilho dos petiscos preferidos dele desde a minha porta até à do Ronan. Até o ensinei a atravessar a estrada. – Parecia maravilhada. – Sou boa, não sou?

– Pode apostar que sim. E como o ensinou a arranhar a porta para chamar a atenção do Ronan? – perguntei.

– Ah, isso exigiu o derradeiro petisco. Eu tenho uma chave da casa dele, sabe, porque sou eu que abro a porta à mulher a dias uma vez por semana e ponho os caixotes na rua quando ele se esquece. Assim, uma vez, deixei um apetitoso pedaço de galinha ou de borrego a um canto do vestíbulo. Foi só um pedacinho pequenino, escondido debaixo do tapete, para não ser descoberto. – Contava-me o seu plano com um ar muito satisfeito. – Agora, só preciso de refazer o trilho uma vez por semana e a maior parte das vezes nem me preocupo com a carne no vestíbulo, não vá ser surpreendida pelo Ronan. – Myrtle mais parecia uma personagem de *Crime*,



Disse Ela. – Assim que solto o *Deputy*, tendo-lhe primeiro dado os calções de ginástica do Ronan a cheirar, ele vai direitinho para lá e senta-se à porta até conseguir entrar. Eu tenho uns binóculos, para me certificar de que ele está em casa, pois habitualmente tenho uma rapariga bonita e simpática à espera para ele conhecer e não quero fazê-la perder tempo.

– Pois claro. – Sorri, esperando estar a fazer um ar como se não fosse a primeira vez que ouvia uma história assim.

– Ficaria espantada com a reação que tive ao meu anúncio. – Parecia intrigada. – Há por aí muitas mulheres jovens à procura de homens.

«Eu bem sei», tive vontade de dizer.

– Anúncio? – perguntei.

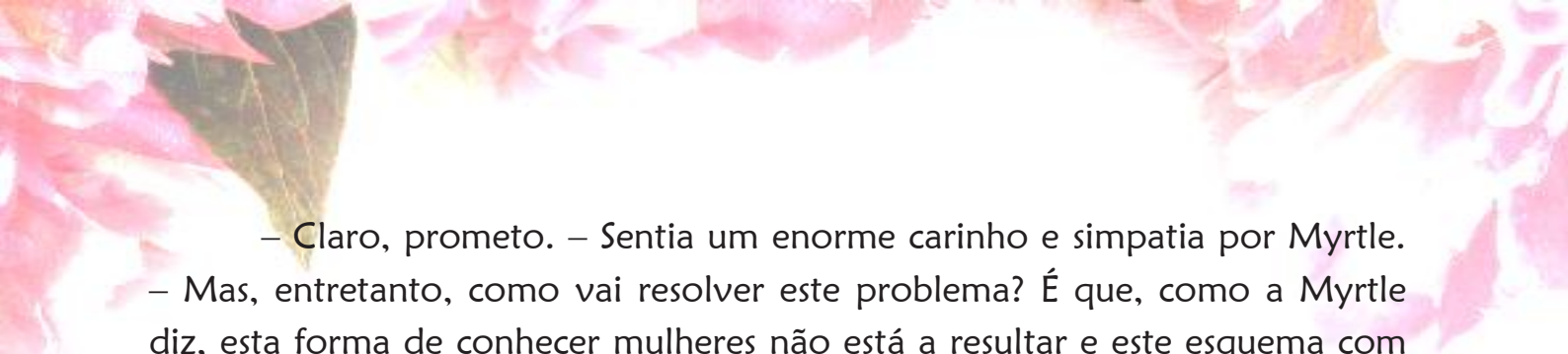
– Sim, tenho uma página no Facebook e também noutros *sites*. Tudo muito bem disfarçado, é claro, para o caso de ele alguma vez aceder a eles – explicou-me ela. – Se bem que, nesse aspeto, não preciso de me preocupar. Ele é praticamente iletrado no que à internet diz respeito. Estranho para um jovem e um profissional nos dias de hoje, não lhe parece?

– Sim, agora que fala nisso.

– Não mostra qualquer interesse, sabe, e até tem uns rapazes e umas raparigas a trabalhar com ele que usam a internet. No entanto, muitos dos contabilistas que conheço estão presos no passado e ainda usam livros-mestres e lápis e borrachas. Embora hoje em dia toda a gente entregue os seus impostos pela internet, segundo sei. Até Mistress Nolan, a dona deste café, entrega o IVA pela internet. Todavia, se o Ronan fosse veterinário, se estivesse a fazer algo de que gostasse, teria um *website* com fotografias e assim. De certeza absoluta. No atual estado de coisas, porém, mal sabe enviar um *e-mail* – comentou ela com desgosto.

Era, sem qualquer dúvida, uma das conversas mais estranhas que alguma vez tivera com uma pensionista.

– Bom, agora vou ter de adotar uma nova estratégia. – Abanou a cabeça em sinal de desapontamento. – Nem a minha filha, mãe do Ronan, sabe disto, a propósito, portanto, por favor nunca se descaia!



– Claro, prometo. – Sentia um enorme carinho e simpatia por Myrtle.
– Mas, entretanto, como vai resolver este problema? É que, como a Myrtle diz, esta forma de conhecer mulheres não está a resultar e este esquema com o *Deputy* já está a dar com ele em doido. – Decidi ser sincera com ela.

– Pois, eu percebi isso assim que ele a envolveu nisto. – Olhou para mim e foi como se uma lâmpada se tivesse acendido na cabeça dela. – É casada? – perguntou-me inocentemente.

– Não. – Quase me engasguei. – E também não ando à procura de marido. – Sorri do desprazo dela, mas achei melhor não a encorajar. – Lamento, mas ele não faz o meu género. – Esbocei uma careta.

– Porque não?

– Bom, é que...

– Pode ser sincera eu não me melindro.

– Acho-o um pouco... choninhas, talvez.

– Choninhas?

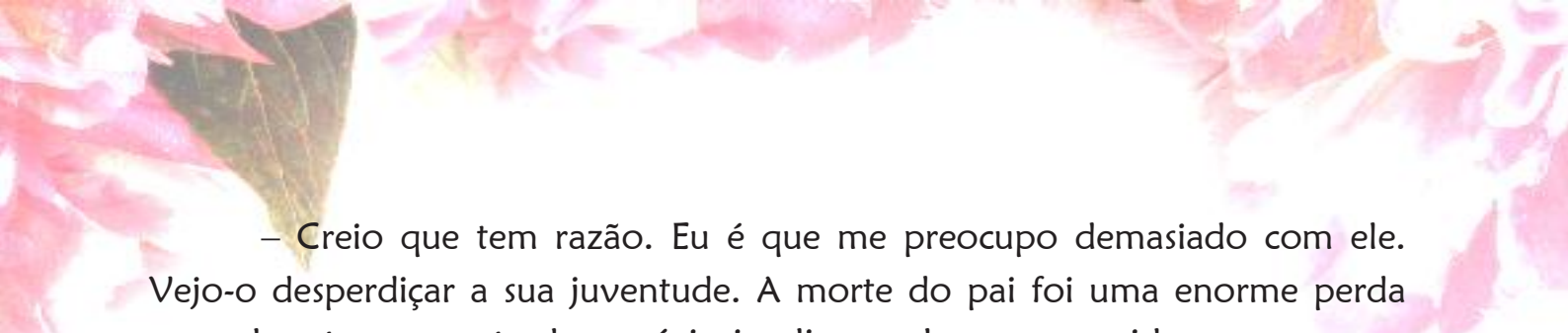
– Obcecado? – aventei.

– Ah, já estou a ver. Sempre assim foi. Então, tem alguma sugestão?

– Assim de repente, não – disse-lhe com sinceridade. – Mas tenho várias amigas que talvez estejam interessadas. – Ao ouvir isso, animou-se. – E se a Myrtle puser um ponto final nas visitas do *Deputy* e eu arranjar uma explicação para o Ronan e lhe atribuir metade dos louros? – sugeri.

– Está bem, pode ser. – Suspirou pela décima vez. – Agora a sério: tem alguma ideia sobre o que havemos de fazer para o interessar de novo por mulheres? É que começo a perder a esperança e a chegar à conclusão que não vale a pena fazer nada.

– Creio que ele apenas precisa de tempo – propus num tom amável. – O luto não é uma coisa que possa ser apressada. É um processo natural e cuja duração depende de pessoa para pessoa. Quando ele se sentir preparado, voltará a interessar-se por mulheres. Essa foi pelo menos a experiência que tive a lidar com várias pessoas.



– Creio que tem razão. Eu é que me preocupo demasiado com ele. Vejo-o desperdiçar a sua juventude. A morte do pai foi uma enorme perda para ele e tomar conta do negócio implicou colocar a sua vida em suspenso. Depois aconteceu isto e ele fechou-se ainda mais. Tenho tentado até persuadi-lo a arranjar um cão, a ver se ele sai e convive. Foi por isso que fiquei tão feliz quando me falou de si. Há tanto tempo que ele não se interessava por mais nada a não ser o trabalho. A minha esperança reacendeu-se. – Myrtle tinha um ar extenuado.

– Ele vai ficar bem, acredite que sim. Dê-lhe apenas tempo e espaço e esteja disponível para ele, como é óbvio que está. – Dei-lhe uma palmadinha no braço.

Admirava-a muito e até invejava um pouco Ronan. Qualquer pessoa teria em Myrtle uma excelente amiga e mentora, ou talvez fosse eu que, pelo facto de não ter tido muitos modelos na minha vida, me sentisse carente nesse aspeto.

– Há mais – confessou ela.

– Mais?

– A história do Ronan não termina aqui.

– Como assim?

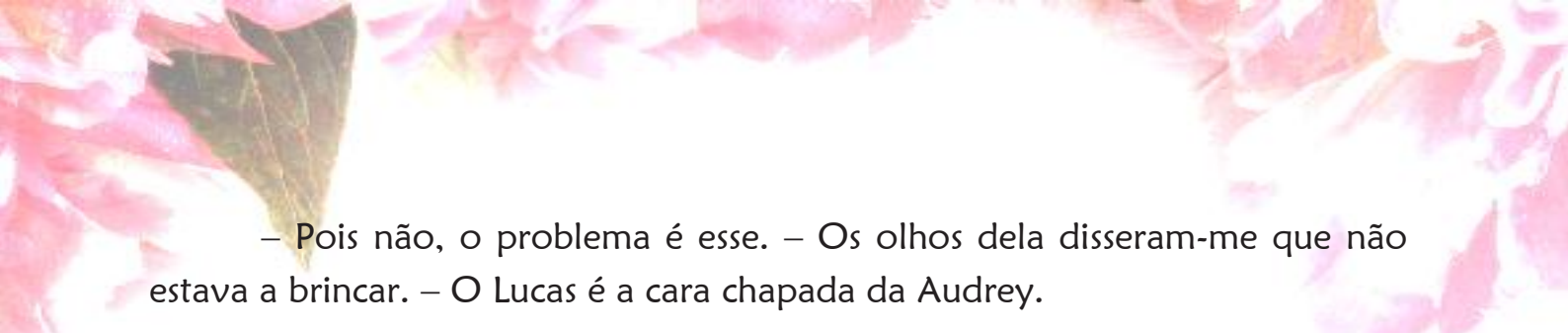
Myrtle baixou a cabeça e percebi que estava a fazer um enorme esforço para manter a compostura.

– Quando a Audrey morreu, estava grávida de nove meses.

– Oh, meu Deus, mas isso é horrível! – Senti uma imensa compaixão por Ronan. – Então, ele perdeu a mulher e o filho por nascer?

– Não, não, a criança sobreviveu. Um rapaz. Chamado Lucas. – Remexeu na mala e tirou a fotografia de um menino de cabelo ruivo encaracolado e sardas e com ar de malandro.

– Não se parece nada com o Ronan. – Franzi a testa. Aquela história estava a ficar tão rebuscada que começava a interrogar-me se Myrtle não estaria a enganar-me.



– Pois não, o problema é esse. – Os olhos dela disseram-me que não estava a brincar. – O Lucas é a cara chapada da Audrey.

– Que idade tem ele? – Ficara com a ideia de que ela dissera que o acidente fora há dois anos.

– Fará dois anos em breve – confirmou ela.

– E onde está ele?

– Vive com a Ellen, a irmã do Ronan, em Donegal. – Myrtle engoliu as lágrimas.

– E como é que o Ronan mantém o contacto com ele?

– Não mantém. Não o vê há mais de um ano e meio. Oh, ele tentou, ao início, mas mais por mim, creio eu, e pela mãe dele. Não consegue lidar com o miúdo. É uma recordação demasiado penosa do que perdeu naquele dia.

14

NAQUELA NOITE DORMI MUITO POUCO A PENSAR EM RONAN. Para a maioria das pessoas, a ideia de entregar um filho aos cuidados de outra pessoa poderia parecer abominável, contudo, sabia que estas coisas podiam ser muito complicadas e que, por vezes, era mais fácil fugir das emoções do que enfrentá-las ou – horror dos horrores no que aos homens dizia respeito – falar sobre elas.

Na manhã seguinte, o meu telemóvel tocou às oito, estava eu a desfrutar de uma tigela de *muesli*. Era Emily e estava muito agitada.

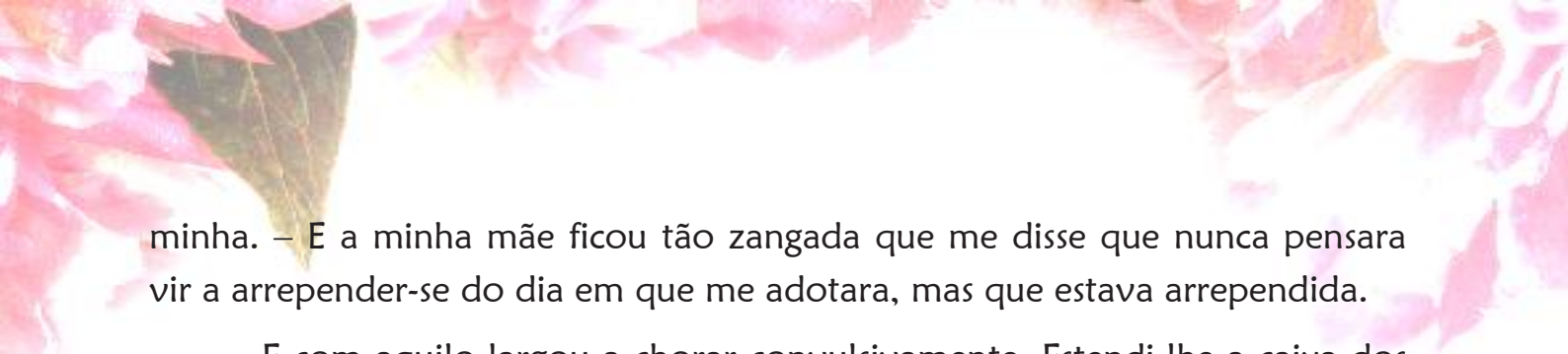
– Que se passa, é o *Rover*? – Interroguei-me onde aquilo me levaria.

– Não, não, é outra coisa. Lamento muito incomodá-la, mas não sabia a quem recorrer...

– Mas o que é? – Fiquei preocupada, todavia, ela estava tão perturbada que não conseguia falar como devia ser, por isso acabei por combinar encontrar-me com ela no meu consultório às nove e meia, o que significou que o resto dos meus cereais acabou no lixo e não tive tempo de lavar o cabelo, algo que me fazia sempre sentir asquerosa.

Mesmo de mota, passei uma eternidade no trânsito, a ouvir buzinas e presa entre condutores de *BMW* que pareciam determinados a mudar de faixa a toda a hora e a impedir o avanço de outros veículos, em especial motas. Já me tinha esquecido do stresse que era ir para ao trabalho em plena hora de ponta. Ao chegar ao consultório às nove e vinte, extenuada e com os nervos em franja, senti-me muito grata por já estar longe daquela rotina.

– O *Rover* desapareceu – contou-me Emily assim que entrou pela porta. Vinha de olhos esbugalhados e parecia ter tido uma noite pior que a



minha. – E a minha mãe ficou tão zangada que me disse que nunca pensara vir a arrepender-se do dia em que me adotara, mas que estava arrependida.

E com aquilo largou a chorar convulsivamente. Estendi-lhe a caixa dos lenços e pedi um chá forte a Mary.

– Pronto, não fique tão transtornada. – Emily sempre me parecera uma pessoa ansiosa, o que, por sua vez, fazia vir ao de cima a minha faceta de prestadora de cuidados superprotetora, como tantas vezes fora enquanto crescia. – Tenho a certeza que a sua mãe não falava a sério – tentei consolá-la. – Não sabia que era adotada, a propósito – disse sem pensar, mais para a distrair. Foi um erro e dos grandes.

– Nem eu. – Começou a chorar ainda com mais força. Nos dez minutos que se seguiram gastámos uma caixa de lenços.

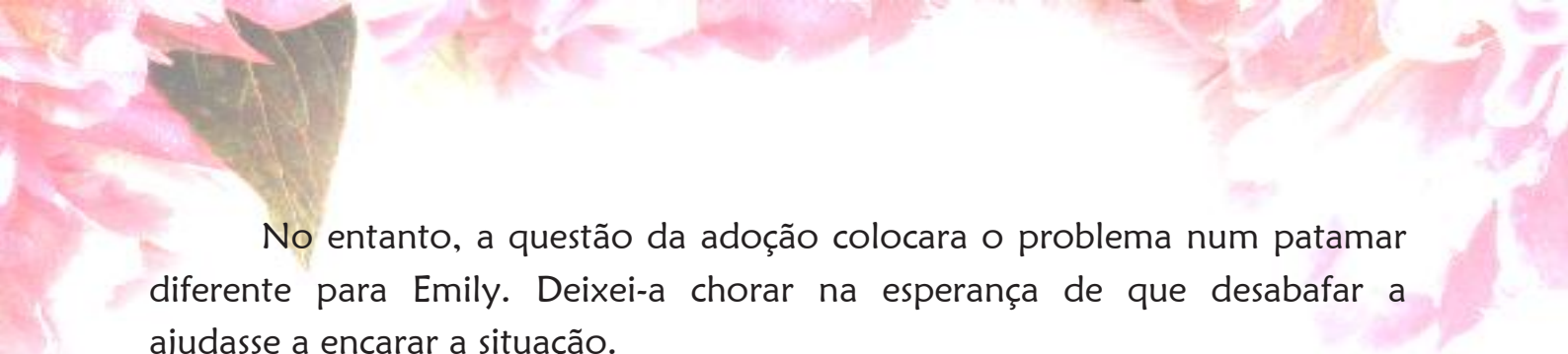
– Isto tudo é por causa disso? – perguntei-lhe às tantas num tom amável.

– Sim. – Reprimiu um soluço. – Eu sempre desconfiei que havia qualquer coisa. Sempre me senti diferente. E não me pareço com nenhum dos meus primos.

– Mas a Emily adora a sua mãe, como muitas vezes me disse. O facto de ser adotada é assim tão importante? – Porém, sabia o suficiente acerca dela para suspeitar que sim.

– Sim – murmurou ela. – Passei a vida inteira a tentar ser a menina dos olhos dela, sem nunca conseguir. Nunca percebi muito bem porquê. Achei sempre que precisava de me esforçar mais, razão pela qual estava tão empenhada nesta coisa de o *Rover* ser um cão. – Abanou a cabeça. – Agora tudo faz sentido. – Assoou o nariz. – Não sou filha dela, na verdade. É por isso que não sinto em relação a ela o laço que devia sentir.

A situação estava a tornar-se incómoda para mim, pois sabia muito bem aquilo por que ela passara em criança. Era muito curioso que o facto de ouvir alguém falar sobre sentir-se posto de fora me fizesse tomar consciência de que me sentira precisamente dessa forma toda a vida. Sabia que também eu enfrentava desafios que apenas podiam ser resolvidos conversando com a minha mãe.



No entanto, a questão da adoção colocara o problema num patamar diferente para Emily. Deixei-a chorar na esperança de que desabafar a ajudasse a encarar a situação.

– Preciso de descobrir... todos os pormenores. – Era outro problema com o qual já antes lidara.

– Bom, depois de ter tido tempo para lidar melhor com a questão, porque não se senta com a sua mãe e conversam sobre o assunto? Tenho a certeza que ela terá muito para lhe contar.

– Acha mesmo? – Parecia ter dúvidas. – Ela não é lá muito boa a falar sobre problemas. Na nossa casa, muita coisa é varrida para debaixo do tapete.

– Bom, não me parece que isso agora seja muito provável, tendo em conta que a questão já veio à luz do dia, não lhe parece?

– Pois, de facto. – Parecia encorajada pelas minhas palavras. – Que acha que faça a seguir?

– Conceda a si mesma algum tempo para colocar as ideias em ordem e depois convide-a para almoçar, ou para um café, e diga-lhe o que sente. É sempre um bom ponto de partida.

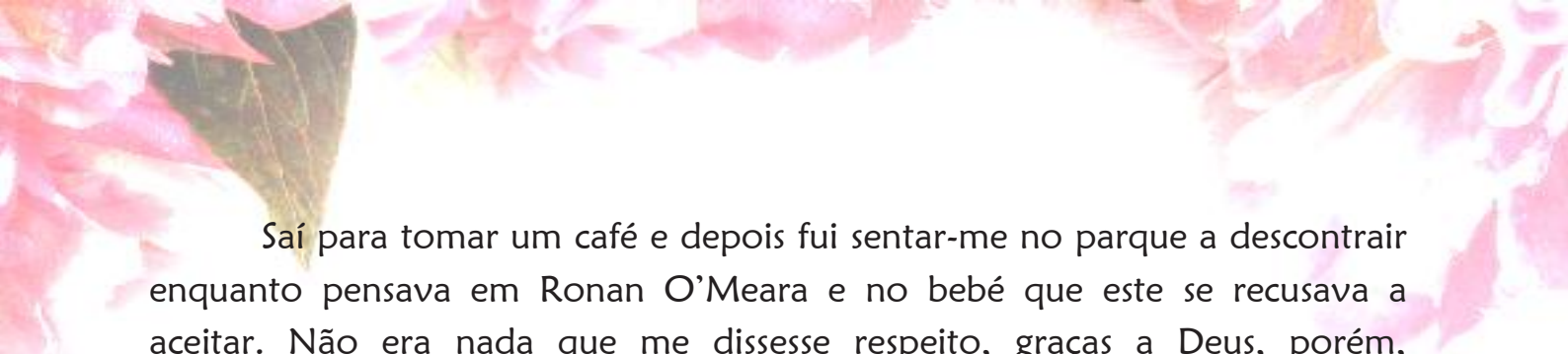
– Tem razão. Obrigada. – Secou os olhos. – Bom, é melhor voltar e ajudá-la a procurar o *Rover*. Se lhe acontece alguma coisa, a minha vida transformar-se-á num inferno.

– Não se preocupe, os gatos têm sete vidas – brinquei.

– E se ele era mesmo um cão na outra vida? – Ficou de novo perturbada.

– Para lhe ser franca, não tenho a certeza. – Por um momento, esquecera o nosso outro enigma. – Não obstante, aposto que neste momento está em casa, enroscado frente à lareira.

Fi-la prometer que me mandaria uma mensagem a dizer como estava e mandei-a para casa, decidida, esperava eu, a resolver aquela bomba que lhe explodira no colo. Evitara mais um problema humano, por enquanto, contudo, o meu trauma de infância viera à superfície e, sabia-o bem, não iria para debaixo do tapete com facilidade.



Saí para tomar um café e depois fui sentar-me no parque a descontraír enquanto pensava em Ronan O'Meara e no bebé que este se recusava a aceitar. Não era nada que me dissesse respeito, graças a Deus, porém, percebera que Myrtle estava, de alguma forma, a contar comigo depois de eu ter prometido que voltaríamos a conversar.

Por sorte, o resto do dia foi ocupado por dois vulgares problemas caninos. O primeiro foi um Dandie Dinmont – nunca ouvira falar desta raça – que ladrava a tudo e todos e sofria de uma dependência bastante rara. Era viciado em televisão e tornava-se agressivo de cada vez que a dona tentava mudar de canal. O segundo foi um rafeiro chamado *Scamp* que apenas ia passear se o levassem num carrinho de bebé. Faltava-me perceber por que raio o cão fora autorizado a enfiar-se no carrinho, para começar, mas estava no meu elemento.

Na manhã seguinte, estava ainda absorta em pensamentos enquanto me preparava para rumar a Ashford e visitar Denis Cassidy. O meu telefone tocou, e era Mary, a perguntar-me se podia atender Louis e *Pedro* naquela tarde.

– Não, lamento – disse rapidamente... um pouco depressa de mais, tendo em conta que não tinha desculpa nenhuma para sustentar a minha recusa.

– É que... ele queria falar consigo sem a presença do Mike e hoje é o único...

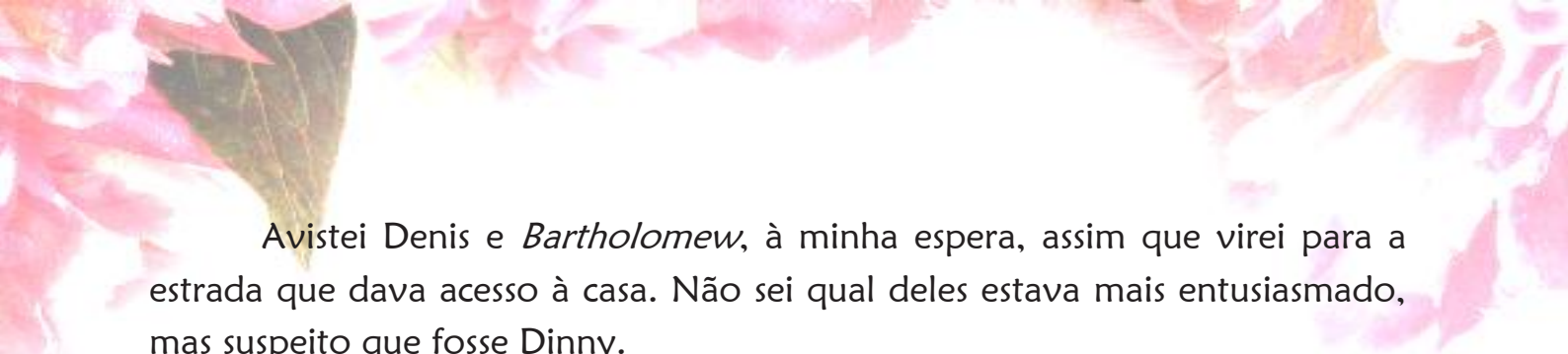
– Oh, então, está bem, não tem problema.

– A sério?

Não fiquei surpreendida por ela parecer confusa.

– Sim. Peço desculpa, mas só agora me lembrei que o meu novo cliente não chegou a confirmar a consulta. Diga ao Louis que o atendo às cinco da tarde. – Foi a primeira mentira que me ocorreu.

Mary desligou e resolvi levar-lhe um *muffin* para o chá, convencida de que estava a dar com a pobre em doida.



Avistei Denis e *Bartholomew*, à minha espera, assim que virei para a estrada que dava acesso à casa. Não sei qual deles estava mais entusiasmado, mas suspeito que fosse Dinny.

– É um raio de sol nesta manhã cinzenta – cumprimentou-me ele.

– Ora essa, obrigada. – Dei a *Bartholomew* um dos petiscos que costumava trazer comigo. Tínhamo-nos tornado grandes amigos depois de eu ter recuperado do incidente da mijadela no sofá.

– Devia usar essa cor mais vezes – referiu Denis, piscando o olho ao mesmo tempo que eu despia o casaco. – E que fez ao cabelo?

– Lavei-o. – Soltei uma gargalhada.

Gostava muito do vestido. Era mais uma das doações de Bronwyn. Nunca o compraria. Era um vestido tipo envelope em tons de roxo e rosa e embora fosse coleante, tinha elasticidade e era confortável, se bem que pouco adequado para andar de mota.

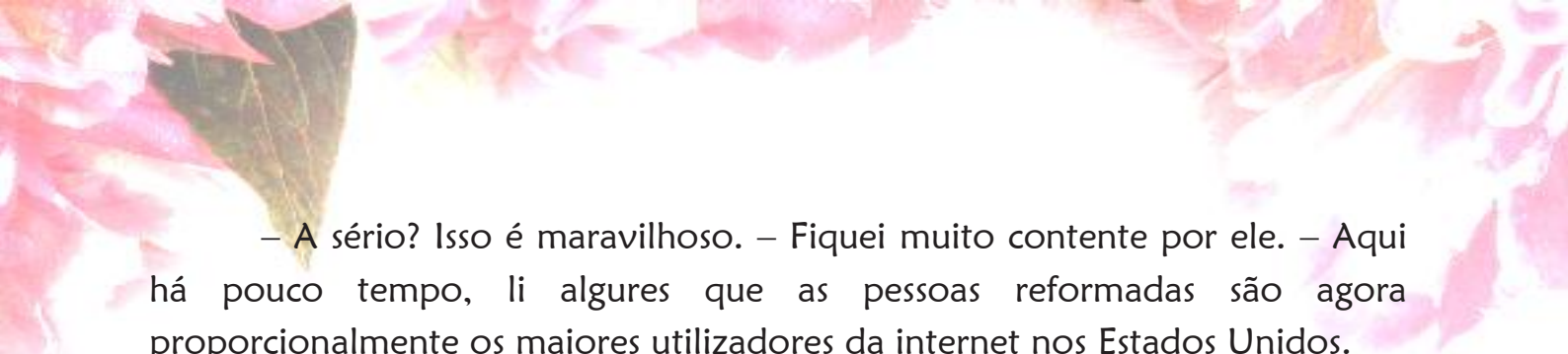
– Entre, entre, já tenho a chaleira ao lume. Tenho novidades. – Empurrou para o lado uma pilha de jornais e convidou-me a sentar à mesa da cozinha, posta com duas canecas, pão escuro, manteiga e compota. – Alice Dolan, a vizinha que mora ao fundo da rua, fez esse pão para mim esta manhã – contou-me Denis enquanto escaldava o bule. – Em troca, dei-lhe meia dúzia de ovos. – Deu uma gargalhada. – Fiquei a ganhar. Tenho tantos ovos que podia montar uma banca. Lembre-me para lhe dar uns quantos antes de se ir embora.

– Pode crer que lembro. – Cortei o pão quente e estaladiço como ele me pediu e, dali a cinco minutos, estávamos a desfrutar de um repasto a meio da manhã. – Ah, chá verdadeiro, não há nada melhor – comentei.

– E fica muito mais barato que aquele em saquetas. De certeza que nesse ainda temos de pagar o papel.

– Então, quais são as novidades? – inquiri, pressentindo o entusiasmo dele.

– Inscrevi-me num curso de computadores. – Estava inchado de orgulho.



– A sério? Isso é maravilhoso. – Fiquei muito contente por ele. – Aqui há pouco tempo, li algures que as pessoas reformadas são agora proporcionalmente os maiores utilizadores da internet nos Estados Unidos.

– Não me diga! Bom, quem sabe não serei o iniciador dessa moda aqui na Irlanda? – Conversámos mais um pouco até que por fim perguntei como iam as alterações de humor de *Bar-tholomew*.

– Oh, está cada vez pior. A noite passada rosnou-me quando tentei tirá-lo do cadeirão. E esta manhã ia matando a pobre da Alice de medo. Não a queria deixar entrar em casa. Tive de enxotá-lo com o meu cajado.

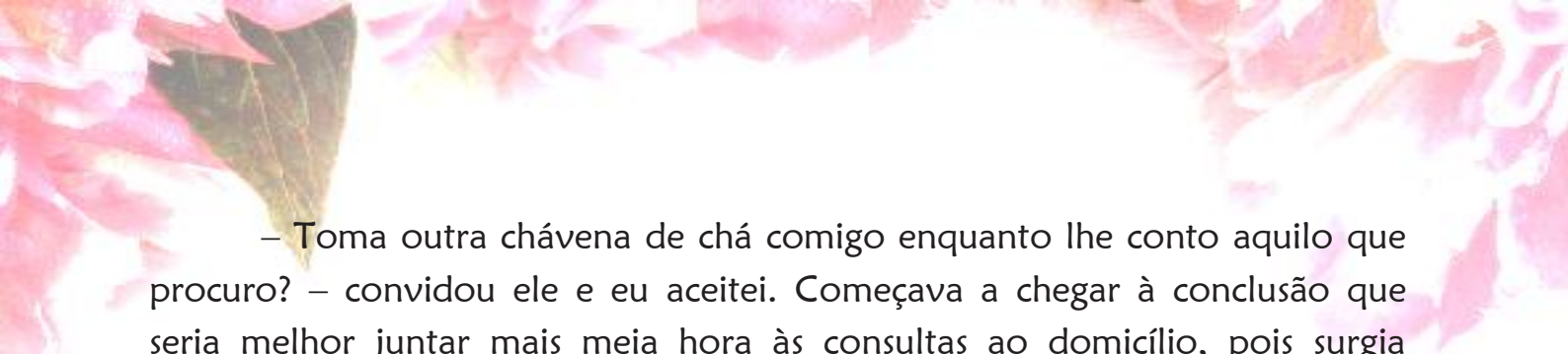
Era um problema de resolução fácil: Denis era apenas um coração mole e o cão sabia disso. Comecei por pedir a Denis que telefonasse à vizinha a pedir-lhe que passasse por ali enquanto eu lá estava. A pobre mulher ficou muito relutante, mas acabou por ir. Assim que ouviu bater, *Bart* levantou-se de onde estava e foi rosnar para junto da porta. Reclamei de imediato o espaço e obriguei-o a recuar, colocando-me frente a ele e avançando. Depois mandei-o «sentar» e «ficar» ao canto. Demorou algum tempo e a pobre mulher estava enregelada quando por fim entrou. A seguir, pedi a todos que ignorassem *Bartholomew* e, quando ela se foi embora e a acompanhámos ao portão, obriguei o cão a seguir ao lado de Denis.

– Vai ter de treinar muito e ser firme com ele, Denis– aconselhei. – É um processo que vai demorar algum tempo. E ignore-o quando entrar na cozinha pela manhã, faça-o esperar pela sua atenção. Só assim ele perceberá quem manda.

– Parece, de facto, muito eficaz – comentou ele, maravilhado. – Não teria acreditado se não tivesse visto com os meus próprios olhos. – Porém, não tinha a certeza se ele seria capaz de colocar os meus ensinamentos em prática. Denis era um bonacheirão e esse era o principal obstáculo neste caso.

– Estava aqui a pensar, Lulu – ria por entre dentes de cada vez que dizia o meu nome –, se poderia aconselhar-me acerca de outro problema que tenho.

– Claro. – Interroguei-me o que seria. Suspeitei que Denis não fosse homem de pedir ajuda por dá cá aquela palha. Era uma pessoa orgulhosa e independente.



– Toma outra chávena de chá comigo enquanto lhe conto aquilo que procuro? – convidou ele e eu aceitei. Começava a chegar à conclusão que seria melhor juntar mais meia hora às consultas ao domicílio, pois surgia sempre mais qualquer coisa e acabavam por estender-se para além da hora. Talvez se devesse ao facto de as pessoas se sentirem mais descontraídas num ambiente familiar. O certo era que, até então, nunca conseguira terminar nenhum dos domicílios no final do tempo que a eles destinara.

– Sabe, queria localizar uma pessoa em Inglaterra, mas não sei por onde começar – contou ele depois de me servir mais uma chávena de chá forte.

– Tem algum endereço, ainda que antigo? – perguntei.

– A única coisa que tenho é o nome de um padre que costumava conhecer as pessoas que procuro, mas de cada vez que tento telefonar, não consigo ligação.

– Quer que eu tente?

– Sim, gostaria muito, se não for muita maçada?

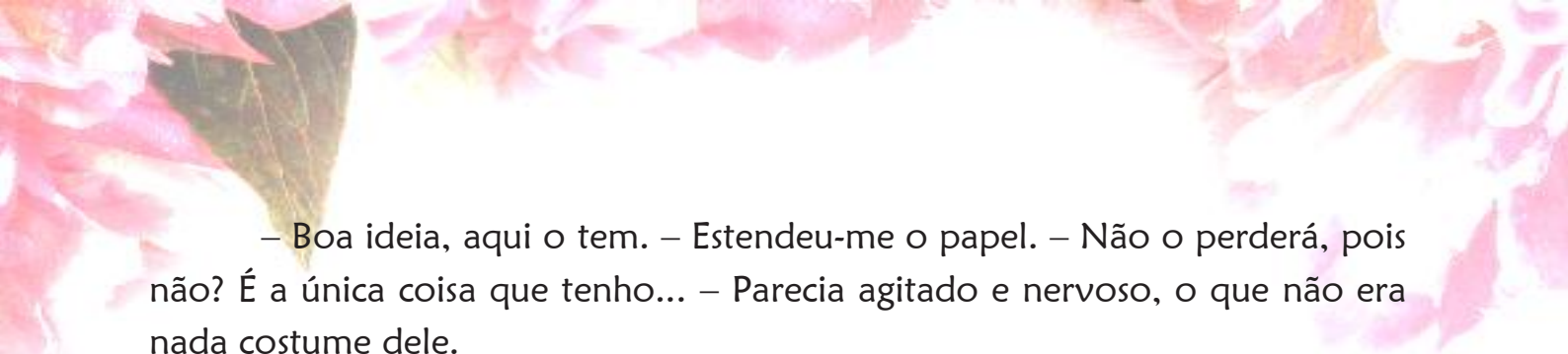
– Não é maçada nenhuma. Dê-me o número, se o tiver aí consigo agora.

– Oh, não, eu se calhar gostava de primeiro pensar um pouco melhor nisto. – Tinha um ar perturbado.

– Nesse caso, deixe-me ver o número, pode ser que reconheça o indicativo ou assim. Depois de terminar os estudos, passei bastante tempo em Inglaterra. Sabe, por acaso, em que zona o padre residia?

– Não faço a mínima ideia, para lhe ser franco. – Levantou-se e regressou com um pedaço de papel gasto. – Era uma... espécie de amiga que se foi embora, e eu nunca mais a esqueci, e agora comecei a pensar que estaria na altura de fazer alguma coisa para tentar saber se estava bem. Parece-lhe um disparate?

– É claro que não. E se eu levar o número comigo e tentar fazer a chamada do meu consultório? Assim, até podemos ficar a saber se o número ainda existe.



– Boa ideia, aqui o tem. – Estendeu-me o papel. – Não o perderá, pois não? É a única coisa que tenho... – Parecia agitado e nervoso, o que não era nada costume dele.

– Fazemos assim: eu tomo nota do número e assim o Denis pode manter o papel consigo em segurança. – Pressentia que era uma coisa importante.

– Excelente ideia. Obrigado, Lulu, é muito amável da sua parte, muito amável mesmo!

– Então, conte-me lá o que sabe – pedi-lhe enquanto apontava o nome de um padre Vincent e um número de telefone ao qual pareciam faltar dígitos.

– Bom, o número é do padre que conhecia a minha... amiga. É tudo o que sei, na verdade.

– Sabe a que ordem religiosa ele pertencia?

– A uma ordem italiana, tanto quanto me recordo. Os Filhos da Divina Providência... Acho que era esse o nome.

– Ótimo, já é uma ajuda. E diga-me o nome das pessoas que procura – pedi, copiando as informações para o meu Filofax.

– É Joan Lehan e... bom... a filha dela, Catherine.

– *Okay*. Eu vou investigar. – Foi então que reparei na expressão dele. – Mas não se preocupe, não mencionarei o seu nome até o Denis decidir o que pretende fazer – asseverei.

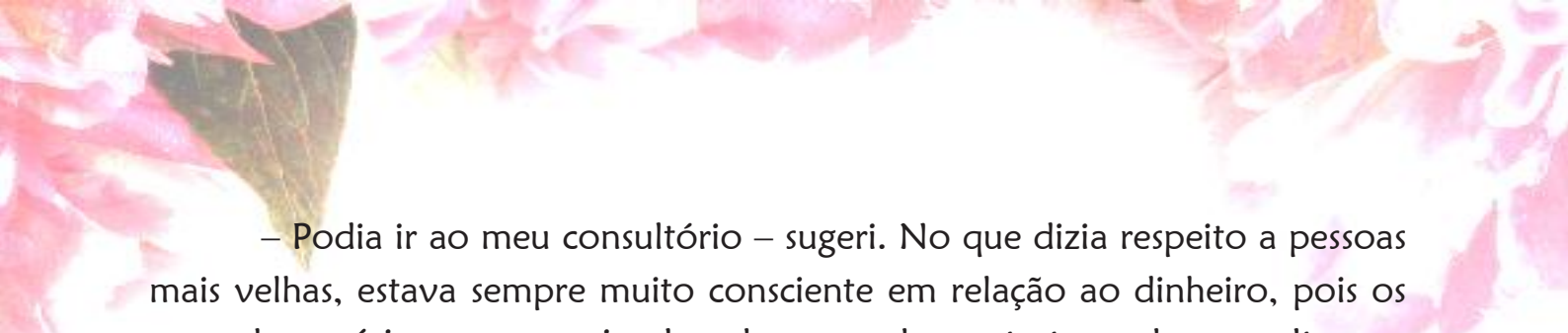
– Esplêndido. – Era fácil contentá-lo. – Já passou muito tempo, sabe, e é... um pouco complicado, diria.

– Fazemos assim: eu telefono-lhe quando tiver alguma novidade, pode ser?

– Não volta na próxima semana para ver como vai o *Bar-tholomew*? – perguntou ele, surpreendido.

– Sim, com certeza, se quiser que venha.

– É claro que quero. Vou praticar dia e noite o que me ensinou. Para além disso, não saberia onde me dirigir a seguir se a Lulu não voltasse.



– Podia ir ao meu consultório – sugeri. No que dizia respeito a pessoas mais velhas, estava sempre muito consciente em relação ao dinheiro, pois os meus honorários eram mais elevados quando se tratava de consultas ao domicílio. – Seria menos dispendioso – disse com tato, sem querer embaraçá-lo.

– Ora, dinheiro não me falta. Falta-me é com quem gastá-lo. – Soltou uma risada. – O dinheiro não é problema, Lulu. O tempo, isso sim, é que me preocupa.

15

ERA COM PRAZER QUE ANTECIPAVA A CONSULTA COM LOUIS naquela tarde, todavia, durante a viagem de regresso a Dublin, não consegui deixar de pensar em Denis Cassidy. Era uma raça em extinção na Irlanda dos tempos modernos, mas estava determinada a encorajá-lo. Para além disso, ficara com a ideia de que ele precisava de amigos, por isso, o melhor seria começar a tratar do caso do padre desaparecido. Em breve, iria também poder trocar *e-mails* com ele. Naquela manhã, sentira-o vulnerável e interrogava-me se seria mesmo apenas solidão. Metade do mundo parecia, de facto, andar à procura de alguém para amar. Assim que esse pensamento me ocorreu, dei-me conta de que, pela primeira vez na vida, não estava à procura de nada. Sentia-me feliz e contente com o que tinha e com o momento que atravessava na vida. Uma onda de bem-estar tomou conta de mim.

A sensação desvaneceu-se, qual balão que perde o ar, assim que Mary fez entrar o meu primeiro cliente da tarde.

– Louis – cumprimentei. Gravei o documento em que estava a trabalhar e levantei a cabeça. – Como estás, senta...

– Sou eu – disse Mike, desnecessariamente.

– Ah, bom, é que a Mary tinha mencionado que o Louis queria vir sozinho, por isso, não estava à tua espera. Olá, *Pedro*. – Desviei a minha atenção para o cão num esforço para ganhar tempo.

– Na verdade, menti – confessou ele e sorriu. – Fiz-me passar pelo Louis. Por dois motivos. Primeiro, porque receava que não me atendesses e, segundo, porque o Louis anda a dar comigo em doido, por isso, precisava que me aconselhasses sem ele por perto.

– É claro que te atenderia! Que te fez pensar que não? Não há qualquer...

– Oh, não sei, o facto de nunca mais me teres olhado nos olhos desde aquela noite, talvez. – Arqueou as sobrancelhas. – Pode dizer-se que tivemos um começo um pouco... invulgar, não foi?

– Pois, creio que sim. – Não havia outra coisa a fazer a não ser enfrentar a verdade. – Efetivamente... – respirei fundo –, queria muito pedir-te desculpa. É que fiz algumas mudanças profundas na minha vida, sabes, e sou sempre tão controlada e cautelosa... ou melhor, costumava ser... que perdi um bocado a cabeça. – Sentia as faces encarnadas e com formigueiro, como se tivesse acabado de fazer uma caminhada em pleno inverno.

– Foste muito divertida. Conseguieste encontrar o conteúdo da tua mala? Eu teria procurado por ti, mas estava escuro como breu e não fazia a mínima ideia do que procurar.

– Sim. – Estava envergonhada. – E peço desculpa pelo que... pela maneira como me comportei. Acabaste por não deixar a conta da lavandaria, a propósito. – Decidi enfrentar o assunto de uma vez por todas.

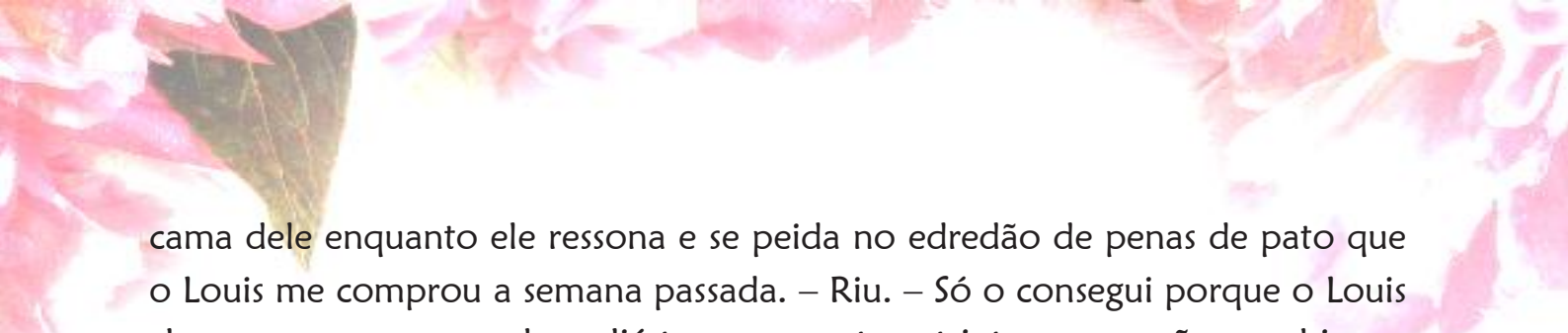
– Aquilo era apenas para me meter contigo. No regresso, o taxista teve de levar as janelas todas abertas, mas, tirando isso, não houve problema.

– Oh, meu Deus, estou tão envergonhada. – Estava de novo sem coragem de olhar para ele. – Nunca na vida fiz uma coisa daquelas, juro.

– Bom, tão cedo não te convido para um copo, isso é certo. – Piscou-me o olho. – Podes recompensar-me ajudando-me a resolver o problema deste cão antes que ele, e o Louis, me levem *a mim* ao alcoolismo.

– É claro. Sem dúvida. O que tu quiseses. – Sentia-me tão aliviada que estava capaz de beijá-lo... Pensando melhor, talvez não fosse boa ideia depois do que sucedera da última vez. – Que se passa ao certo? Conta-me tudo. – Abri o meu caderno de apontamentos, determinada a começar do zero com Mike e *Pedro*.

– Não sei ao certo qual será a causa do problema, se o cão se o Louis, mas suspeito que seja o último. Trata o *Pedro* como se fosse uma pessoa e ele está a tornar-se cada vez mais exigente. Só lhe falta obrigar-me a dormir na



cama dele enquanto ele ressona e se peida no edredão de penas de pato que o Louis me comprou a semana passada. – Riu. – Só o consegui porque o Louis clamava que o meu, de poliéster, que custara trinta euros, não combinava com a casa. Em resumo, ele amua, rosna, arranha as portas, destrói o sofá e tudo o que apanhar à frente, verdade seja dita, para conseguir o que quer. Refiro-me ao *Pedro*, não ao Louis. – Esforçou-se para não rir. – Se bem que o Louis também tenha o seu feitio. Francamente, perdi a paciência com ambos e começo a detestar a hora de regressar a casa.

– *Okay*, comecemos pelo início. Que diferenças notas desde a primeira vez que vieram consultar-me?

– Está mil vezes pior. Achas mesmo que seria pessoa de vir consultar um psicólogo de cães se a coisa não fosse mesmo má?

– Pois. – Já me doía a mão de tanto escrever. – Isto é capaz de ser difícil. É que...

– Só não fugi de lá ainda porque a casa é excelente, enorme, e está muito bem localizada, e o Louis é a pessoa ideal para partilhar uma casa, a maior parte do tempo. Desculpa, já estou a arengar. – Coçou a cabeça. – Seja como for, também não daria ao filho da mãe a satisfação de me ir embora, pois assim que eu virasse as costas, aposto que ele começava a partilhar a água de colónia *Gucci* com o Louis e a comer salsichas de veado.

Olhámos um para o outro por um segundo e rebentámos de riso.

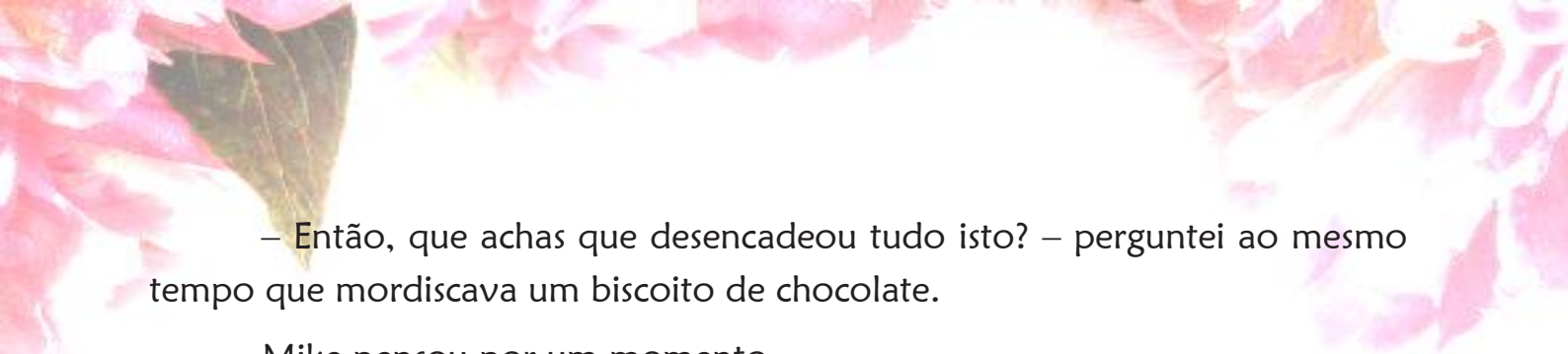
– Meu Deus, olha como eu estou! Estás a ver como a coisa está má? Até já começo também a encará-lo como uma pessoa, um rival, em todas as aceções da palavra. Na realidade, se ele pudesse pagar metade da renda, atrever-me-ia a dizer que já lá não estaria a morar.

– Precisas de um café. – Peguei no telefone.

– Um café irlandês, se faz favor, com uma dose dupla de uísque.

– Lamento, mas aqui só os animais é que têm direito a tratamento especial. – Sorri-lhe. – *Nescafé Gold Blend* é o melhor a que os humanos podem aspirar.

Conversámos acerca do problema até Mary entrar com o tabuleiro.



– Então, que achas que desencadeou tudo isto? – perguntei ao mesmo tempo que mordiscava um biscoito de chocolate.

Mike pensou por um momento.

– Eu diria que foi a morte do Emerson, o parceiro do Louis. Tem sido muito duro para ele desde então. Estiveram juntos muito tempo. Houve um período em que parecia que o Louis andava doido. Corria os bares *gay* todas as noites, vinha para casa podre de bêbado. – Baixou os olhos. – Como vês, tive muita experiência com gente embriagada antes de te conhecer.

– Por favor, nem me lembres disso. Na verdade, a única condição que vou colocar para te ajudar é que nunca mais voltes a mencionar aquela noite. Pode ser?

– Combinado. – Sorriu. – Desculpa, mas és um alvo tão fácil. Nunca conheci ninguém que corasse tão facilmente. Mas descontrai, não te preocupes tanto com isso. Acontece a todos.

– Não a mim. – Senti-me tentada a contar-lhe como costumava ser tensa e ansiosa, mas só iria desperdiçar o tempo de um cliente falando de uma questão que não tinha nada a ver com o motivo por que viera consultar-me, portanto, resolvi colocar um ponto final no assunto. – Então, estamos combinados?

– É uma pena. Eras um alvo tão fácil. – Tossiu ao ver os meus olhos semicerrarem-se. – *Okay*, voltemos ao que me trouxe aqui. O Louis tem passado por um mau bocado depois da morte do Emerson. Creio que o *Pedro* é a única coisa que, de momento, o faz continuar. É como se a atenção do cão o convencesse de que vale alguma coisa.

– Bom, lá diz o ditado: não aceite a adoração do seu cão como prova irrefutável de que é maravilhoso. – Tentei encarar a questão de forma lógica. – O que interessa é que podemos resolver isto e posso ajudar. Contudo, não estou a ver forma de o fazer que não envolva o Louis.

Mike suspirou.

– Isso ele não vai querer. E não serei capaz de aguentar este estado de coisas durante muito mais tempo.

– Talvez queira. E se eu telefonasse ao Louis e tentasse conversar com ele a sós. Posso dizer-lhe que estiveste aqui?

– Não. Assim como assim, ele já acha que eu odeio cães. É melhor não lhe dar mais armas para usar contra mim. Eu, se calhar, devia sair lá de casa, mas ele tem sido impecável comigo e, na verdade, gosto muito de partilhar o apartamento com ele. Apesar de não bater bem, é um tipo engraçado e muito correto e funcionamos bem como parceiros. E, para além disso, é um ótimo cozinheiro, o que constitui uma grande ajuda. Não fazes ideia da quantidade de embalagens de alumínio com que já contribuí para os aterros.

– Acredita que faço. Foi uma das razões por que mudei de vida. – Mais uma vez, estive prestes a contar-lhe, mas voltei a deter-me. Havia qualquer coisa em Mike que me fazia querer confidenciar-lhe tudo. Parecia ser uma pessoa sensata e calma. Abanei-me mentalmente. – Seja como for, ainda bem que não o abandonaste. Creio bem que ele precisa de ti.

Mike acenou com a cabeça.

– Sim, é provável, embora passe o tempo a embirrar comigo.

– Eu falo com ele. E se lhe disser apenas que também te telefonei? E depois peço-lhe que venha sozinho, como principal prestador de cuidados; ou deverei dizer líder da matilha? – Sorri e pisquei-lhe o olho.

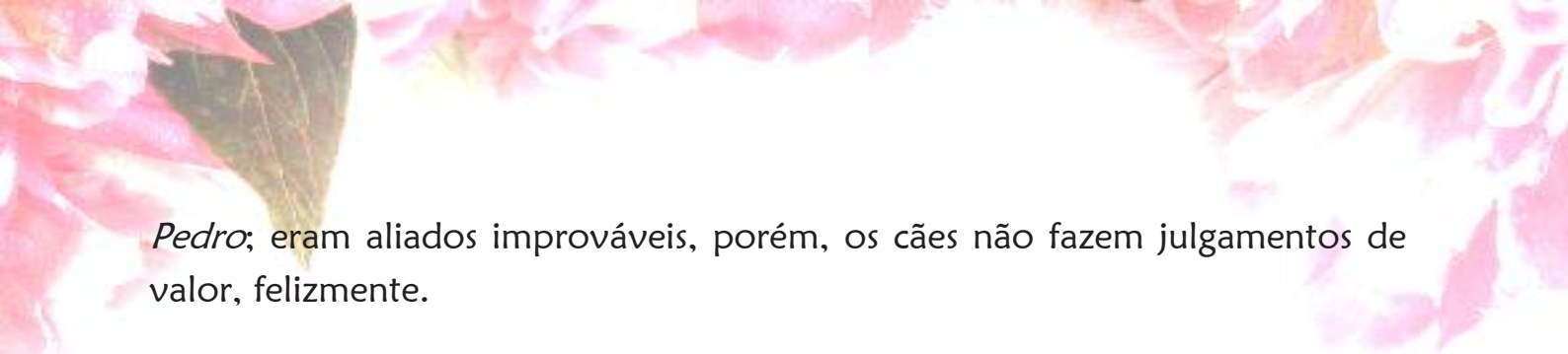
– Oh, eu sei bem qual é o meu lugar na hierarquia, não te preocupes. – Mike encolheu os ombros. – Estou mesmo no fundo da cadeia alimentar, nem mais nem menos.

– Vá, anima-te. Havemos de resolver o problema. – Aconselhei-lhe a consulta de alguns *websites*, sugestão que ele aceitou com muita relutância.

– Não sou adepto destas tretas da psicologia canina – disse-me enquanto se preparava para ir embora. – Um passeio, uma tigela de comida e um pontapé no traseiro quando se davam ares de importância: era assim que os nossos cães eram criados... e as crianças também, agora que penso nisso.

– Pois, acredito, mas os tempos mudaram, meu amigo. Hoje, as pessoas são processadas por isso.

Prometi telefonar-lhe no final da semana e ele pareceu-me mais aliviado e satisfeito quando abandonou o consultório na companhia de



Pedro; eram aliados improváveis, porém, os cães não fazem julgamentos de valor, felizmente.

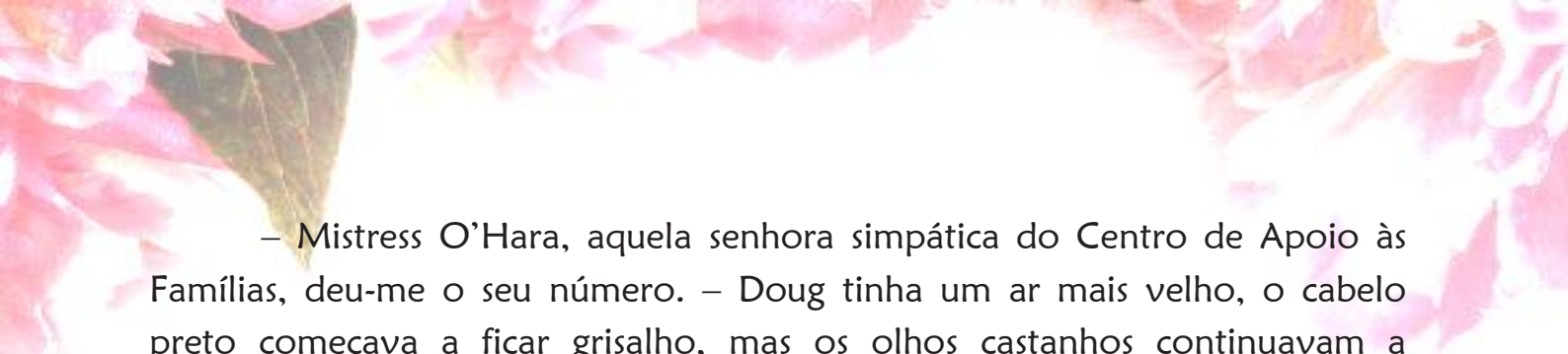
Naquela tarde tive um cliente novo. Bom, novo e ao mesmo tempo antigo. Um ano ou dois antes, ajudara Doug Stewart com um problema de dependência sexual. Era um homem apagado, tímido, de quarenta e poucos anos e sem amigos. Era inglês, mas há bem uma década que morava na Irlanda.

– Olá, entre.

Cumprimentámo-nos com um aperto de mão e convidei-o a sentar-se. Doug era um gigante amável e sempre simpatizara muito com ele. A vida tratara-o de forma injusta. A mãe morrera quando ele tinha três anos e o pai fora passar um fim de semana prolongado com a namorada e deixara-o em casa sozinho. Ao ouvi-lo chorar a noite inteira, uma vizinha chamara a polícia e Doug fora entregue a uma instituição. Foi o fim do seu pai e o fim da vida que o pequeno Dougie até então conhecera. Passou a maior parte da infância e juventude aos cuidados de famílias de acolhimento e instituições e sempre teve dificuldade em comunicar com as pessoas. Mais uma vez, sabia que me sentira próxima dele devido à infância difícil que ele tivera e que me trazia a minha à memória.

No último ano do meu curso de Psicologia, como parte da formação prática, passara algumas horas por semana a atender doentes do sistema nacional de saúde. Eram pessoas que necessitavam de apoio emocional e as listas de espera para uma consulta de psicologia naquele tempo eram enormes, obrigando os doentes a ficar mais de um ano à espera. Fora dessa forma que conhecera Doug e o ajudara o máximo que pudera, razão pela qual ainda me enviava postais pelo Natal ou pela Páscoa. Se bem que deixara de recebê-los desde que me mudara.

– E como tem passado? – inquiri calorosamente, interrogando-me como seria a vida dele. – Como me encontrou?



– Mistress O’Hara, aquela senhora simpática do Centro de Apoio às Famílias, deu-me o seu número. – Doug tinha um ar mais velho, o cabelo preto começava a ficar grisalho, mas os olhos castanhos continuavam a exprimir a mesma vivacidade. Tinha também um ar bem cuidado. – Espero que não se importe.

– Não, é claro que não. – Trazia um cãozito com ele, uma espécie de rafeiro que parecia arraçado de Spaniel, presumi. Mais um com uma cauda capaz de arrancar um olho. – E quem é este?

– Na verdade, nem tem nome. De vez em quando chamo-lhe *Growler*.

– Como tem corrido a sua vida, Doug?

Fiquei a saber que corria bem. Tinha um emprego em *part-time* num grande concessionário de automóveis. Fazia recados e ajudava um pouco em tudo e, embora fosse apenas três manhãs por semana, sempre tinha algo por que se nortear. Devido aos seus baixos rendimentos, tinha direito a um abono para a renda de casa e vivia num pequeno estúdio no centro de Dublin. Parecia satisfeito com a sua vida.

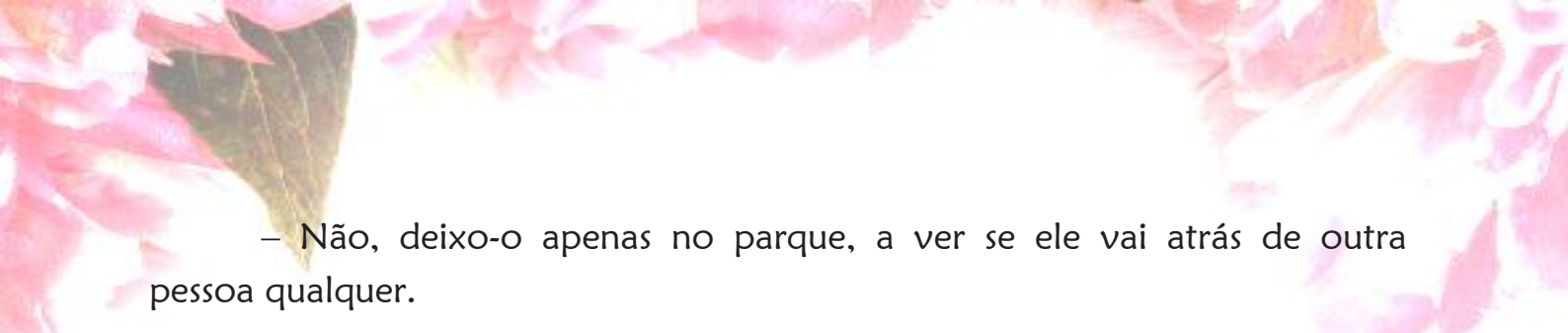
– Então, tem um problema com o seu cão? – perguntei ao fim de algum tempo.

– Na verdade, só queria saber o que fazer para me ver livre dele. – Doug encolheu os ombros. – Tenho-o deixado no parque, mas ele insiste em voltar. E até chega a casa primeiro que eu, a maior parte das vezes.

– Mas por que motivo se quer ver livre dele? – Esforcei-me para que o meu tom não transmitisse a ideia de que o estava a julgar ou a criticar. Tinha sempre muito cuidado nesse aspeto. – Ele parece gostar muito de si. – Sorri, olhando para o cão, deitado em cima dos pés dele e a olhá-lo com devoção.

– Porque tratar dele custa uma fortuna e é uma chatice. Ele quer sempre vir comigo e segue-me para onde quer que vá, embora o meu apartamento tenha apenas uma divisão com *kitchenette* e casa de banho.

– Então, o que tentou já? Pôs algum anúncio nos quadros de avisos dos supermercados locais ou assim? – Tentava encontrar soluções que não envolvessem gastar dinheiro.



– Não, deixo-o apenas no parque, a ver se ele vai atrás de outra pessoa qualquer.

– Mas, Doug, não pode simplesmente... – Preparava-me para dizer «abandonar um animal», mas depois lembrei-me que alguém fizera uma coisa bem pior com ele quando era criança, e calei a boca. – O que quero dizer é que existem outras formas de encontrar um lar para ele.

– Foi assim que o encontrei. A deambular pelas ruas, virando todos os caixotes de lixo que encontrava, à procura de comida.

– Há quanto tempo foi isso?

– Há três anos. Pouco depois de nos termos visto pela última vez. – Sorriu. – A doutora deve-me ter transformado num coração mole.

– Suspeito que sempre o foi, Doug – argumentei, interrogando-me de que modo o poderia ajudar. – Fazemos assim: eu tento ver se alguém quer um cão e, entretanto, se eu lhe escrever um pequeno cartaz, o Doug pergunta no seu supermercado se o pode afixar no quadro de avisos?

– Acha que me vão pedir dinheiro por isso?

– Não, os quadros costumam ser públicos. É um serviço que o supermercado presta. Perguntar não custa. – Tentei encorajá-lo. – Faço então o cartaz? Podemos fazê-lo juntos.

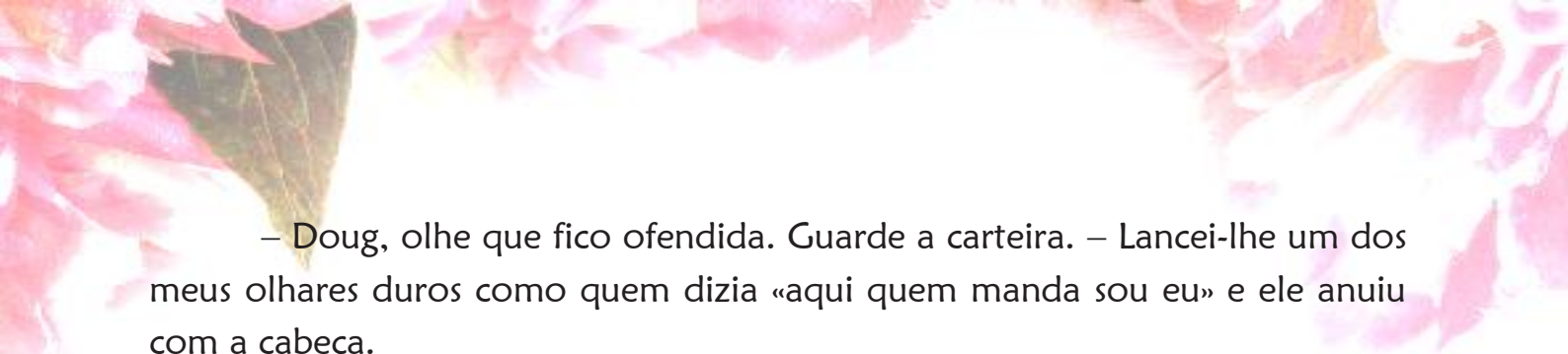
– Sim, se faz favor. – Doug parecia mais satisfeito e, dali a poucos minutos, já tínhamos imprimido várias cópias.

– É para o caso de encontrar mais do que uma loja disposta a afixá-lo – expliquei enquanto colocava as folhas num envelope. – Posso afixar um aqui também? Agora já tenho o seu número, portanto, se aparecer alguém interessado, telefono-lhe.

– Ótimo, obrigado. – Pôs-se de pé. – Quanto lhe devo?

– Nada. – Sorri. – Na verdade, nem precisava dos meus serviços.

– Mas ocupei o seu tempo. – Puxou de uma carteira velha e gasta do bolso. – Eu tenho dinheiro. Todas as semanas vou pondo um pouco de lado, para alguma emergência...



– Doug, olhe que fico ofendida. Guarde a carteira. – Lancei-lhe um dos meus olhares duros como quem dizia «aqui quem manda sou eu» e ele anuiu com a cabeça.

– Obrigado, foi sempre muito amável comigo quando eu... tive aqueles problemas. – Baixou os olhos. – Mas agora estou bem. – Percebi que continuava um pouco envergonhado acerca do passado.

– Isso são excelentes notícias. – Não abordara deliberadamente o passado dele, num esforço para evitar que mais um humano despejasse o seu fardo em mim. – Prometo que lhe telefonarei se surgirem novidades.

Dei ao cão um dos ossos que guardava para os clientes especiais e, ainda assim, ele olhou para o dono antes de aceitá-lo.

– Vá, fica com ele – disse-lhe Doug e o rafeiro saltou para o osso todo contente e saiu dali com ele entre os dentes e a cauda a abanar furiosamente.

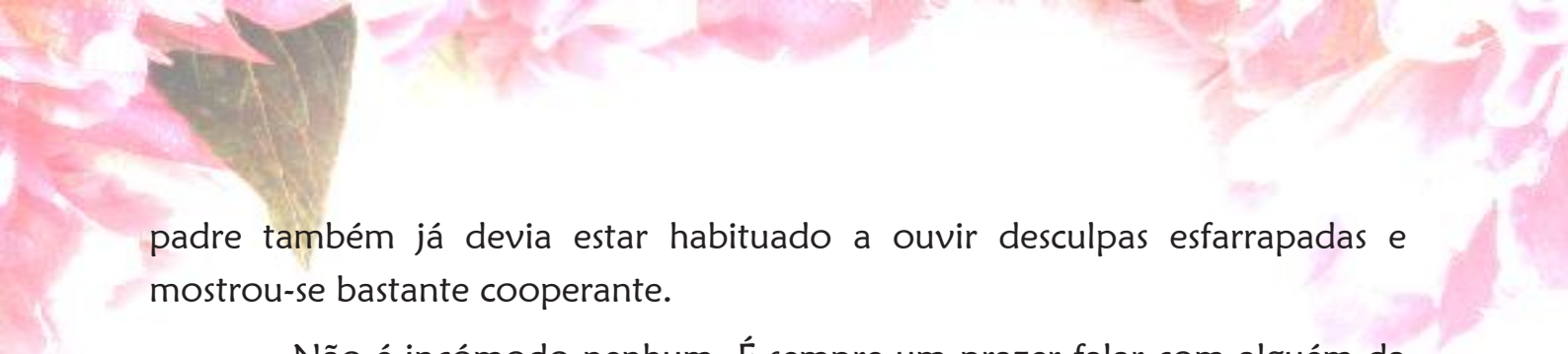
Dei por mim a fazer figas para que Doug acabasse por ficar com ele. Tinha o pressentimento de que eram uma boa companhia um para o outro.

16

A BUROCRACIA NUNCA HAVIA SIDO O MEU PONTO FORTE, contudo, sabia que tinha um monte de papelada atrasada e não havia mais desculpas para não tratar dela, por isso resolvi arregaçar as mangas na manhã seguinte. A seguir, precisava de entrar em contacto com Ronan. E com Louis, tal como combinara com Mike. E ainda com Emily, que, apesar do que prometera, não me dissera como haviam corrido as coisas com a mãe. Normalmente, esperava que o cliente me contactasse, contudo, Emily saíra do meu consultório tão abalada que ficara preocupada com ela. E, por fim, havia ainda a questão do padre que Denis queria encontrar, portanto, suspirei, fiz café, naveguei na internet e enviei sms até já não poder mais evitar o trabalho.

Encontrar o padre pareceu-me a menor das maçadas e por isso comecei por aí. O número que Dinny me dera não existia e liguei para o primeiro contacto da ordem religiosa a que ele pertencia que encontrei na lista telefónica. Ninguém parecia conhecer a pessoa que eu procurava, mas depois de a chamada ter sido transferida várias vezes e de ter explicado o meu problema outras tantas, deram-me o número de um padre em Londres que residia ali há vinte e cinco anos. Ele percebeu de imediato quem eu procurava e deu-me um contacto. Liguei apenas para confirmar que o padre trabalhava de facto ali, mas acabei a falar com o próprio sacerdote. Tive de ser muito cautelosa, pois prometera a Dinny que não daria qualquer informação sem a permissão dele.

– Desculpe incomodá-lo, padre. – «Raio!», pensei, não antecipara ter de me explicar. – Na verdade, estou apenas à procura de umas informações em nome de... um cliente meu que queria entrar em contacto com umas pessoas que conheceu no passado. – Sabia que soava muito vaga, mas o



padre também já devia estar habituado a ouvir desculpas esfarrapadas e mostrou-se bastante cooperante.

– Não é incómodo nenhum. É sempre um prazer falar com alguém da Irlanda. Como está a pátria? – perguntou ele num sotaque que parecia mais de Washington do que de Wicklow.

– Oh, está ótima. Não sabia que tinha parentes aqui. – Interroguei-me qual seria a história da relação do padre com a Irlanda.

– Não, apenas amigos. Sou americano, mas vou conhecendo muitos irlandeses e em resultado sinto-me meio irlandês também.

– Pois, nós temos de facto tendência para nos espalharmos pelo mundo – comentei.

– Ora, isso é um eufemismo. Vocês estão por todo o lado – afirmou ele. – Bom, diga ao seu cliente que estou vivo e de saúde e que, se o puder ajudar de alguma maneira, basta falar comigo. – Não tentou minimamente extrair-me informações.

– Obrigada, é muito amável da sua parte. – Desliguei e telefonei de imediato a Dinny.

Para minha surpresa, não ficou encantado.

– Ah, certo, isso é ótimo, sim, senhor. – Soava quase receoso. – Eu vou... pensar nisso, sim.

– Denis, está tudo bem?

– Claro, porque não haveria de estar? Muito obrigado, Lulu, fico-lhe muito grato por tudo o que fez. – Parecia estar ansioso por me despachar. – Vejo-a na sexta-feira, não é?

– Sim. Quer apontar o número novo?

– Ah, não, depois logo mo dá.

E desligou.

Bom, fizera o que ele me pedira, mas algo me dizia que o assunto não terminara por ali. Nem por sombras.



A seguir, decidi enviar uma mensagem a Emily, para o caso de ela não poder falar, mas também para evitar pressioná-la. Enviei-lhe um sms inócuo e fiquei à espera da resposta.

Louis foi o senhor que se seguiu. Cumprimentou-me de forma entusiástica:

– Lulu, querida, tão bom ter notícias tuas. Está tudo bem?

– Muito bem, obrigada. Era apenas para saber como vão as coisas.

– Bom... – Era quase capaz de vê-lo a verificar se alguém estava à escuta.

– Desculpa, devia ter-te perguntado se podias falar.

– Posso, estava apenas a assegurar-me disso. Na verdade, pensava telefonar-te. Preciso de falar contigo. A coisa está a ficar um pouco complicada para mim. Mas não é o *Pedro*. É o Mike.

– *Okay*, queres que passe aí ou preferes vir tu aqui? É que talvez conseguisse ajudar-te melhor se vos visse no vosso ambiente natural.

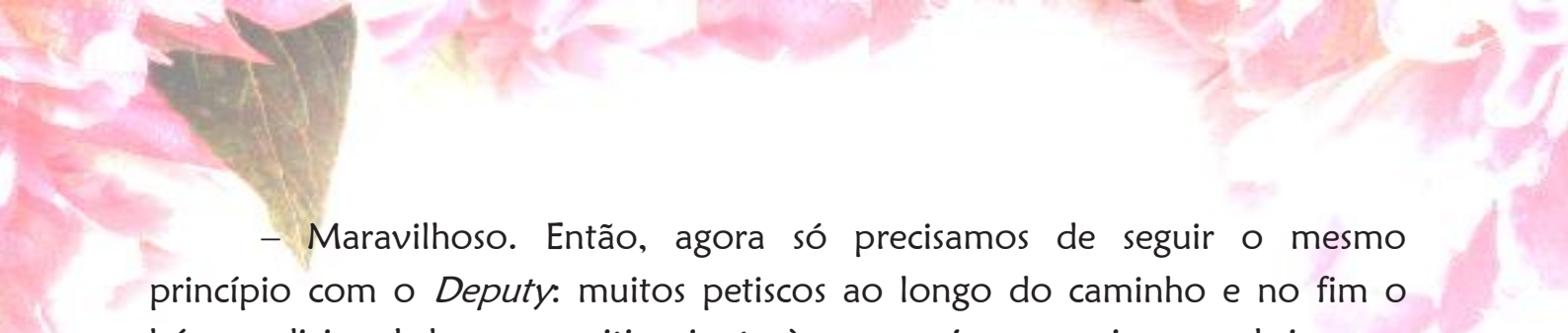
– Ótimo, amanhã estou de folga, mas presumo que o Mike esteja a trabalhar, como é costume. Ligo-te logo que tenha confirmado tudo.

– Combinado.

Enviei uma mensagem a Mike para o pôr a par dos progressos e avancei para mais um problema – Ronan O’Meara. A verdade era que não fazia a mais pequena ideia do que haveria de lhe dizer. Pensara muito sobre o assunto, mas não conseguira arranjar nenhuma explicação plausível, por conseguinte, liguei-lhe, disse-lhe que estava a pensar ir visitar Myrtle naquela tarde e sugeri que nos encontrássemos depois para discutir a situação. Ele pareceu satisfeito com a combinação, por isso liguei a Myrtle e pus-me a caminho de Dalkey.

– Tenho um plano – disse-lhe enquanto desfrutávamos de um chá e de um *strudel* de maçã. – Há algum cão na sua vizinhança, de preferência fêmea?

– Vários. Mas há um Boxer, a *Charlie*, giríssima, e o *Deputy* gosta dela. Os donos mudaram-se há pouco tempo para cá e moram bastante perto do Ronan, na realidade.



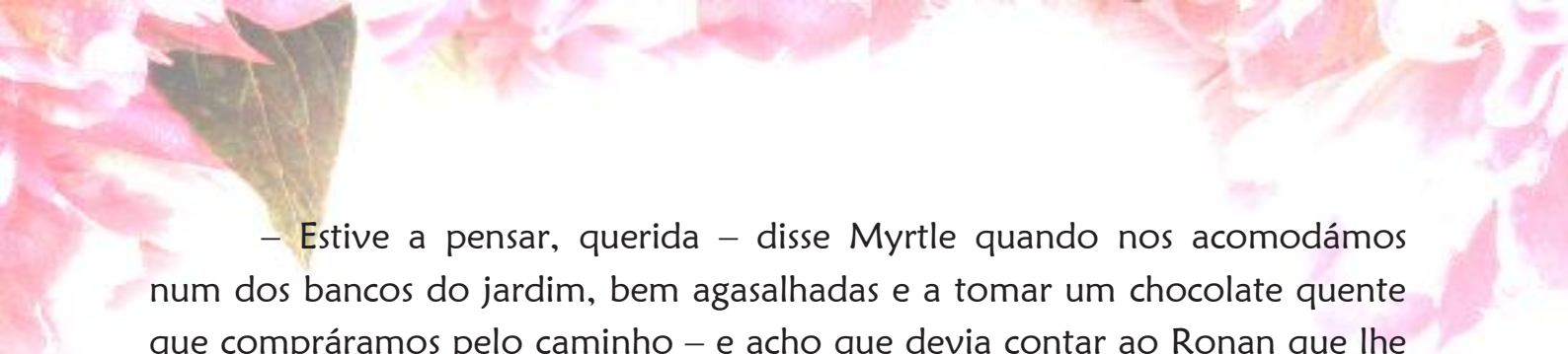
– Maravilhoso. Então, agora só precisamos de seguir o mesmo princípio com o *Deputy*: muitos petiscos ao longo do caminho e no fim o bônus adicional de um aperitivo junto à casa *mais* uma amiga para brincar. – Estava bastante satisfeita comigo mesma. – Seria melhor começarmos já, pois poderá demorar algum tempo. Eu posso fazê-lo para começar, só para quebrar a associação entre a Myrtle e a casa do Ronan.

– Está bem, boa ideia – respondeu ela, mas pareceu-me desiludida. – Na verdade, quando disse que tinha um plano, pensei que envolvia o Ronan.

– Oh! Não, lamento, mas não. – Fiquei desapontada por não ter sido mais clara. – Para lhe ser sincera, creio que ninguém poderá fazer muito mais do que encorajá-lo, apoiá-lo e depois recuar e esperar. Para além disso, como não é suposto eu saber de nada, é difícil... – Não sabia que mais dizer e Myrtle era tão simpática que não queria deixar de ajudá-la. – Pensando melhor, porque não fazemos o novo percurso juntas e vamos conversando pelo caminho?

– Obrigada. – Acabámos de beber o chá e, enquanto eu levantava a mesa, Myrtle foi buscar a trela e os petiscos. *Deputy* ficou radiante, como de costume. Pedi a Myrtle que partisse à nossa frente, colocando os biscoitos enquanto eu jogava à bola no quintal com o cão. A ideia era encontrarmos com ela na casa dos tais vizinhos; estes encontravam-se ausentes, mas Myrtle tinha a chave da casa deles, bem como, aparentemente, de toda a vizinhança. Depois, enquanto *Deputy* se entretinha a brincar com a sua nova amiga, Myrtle e eu poderíamos conversar mais um pouco.

Muito embora eu tivesse antecipado alguns contratempos, correu tudo às mil maravilhas. *Deputy* estava em excelente forma e já animado por causa das brincadeiras no quintal e assim, quando encontrou os biscoitos espalhados pelo caminho, não parou de abanar a cauda de satisfação. No final, tinha a sua querida dona à espera com um osso enorme e apetitoso e uma fêmea. Era o paraíso, suspeitei, e, a julgar pelos pulos e cabriolices de *Deputy*, ele concordava. Demos também um petisco a *Charlie* e, dali a alguns segundos, os dois cães já brincavam alegremente pelo jardim. Deparámo-nos com um pequeno percalço uns minutos mais tarde, quando *Deputy* tentou montá-la, mas assim que percebemos que ela fora esterilizada, descontraímos e deixámo-los brincar à vontade.



– Estive a pensar, querida – disse Myrtle quando nos acomodámos num dos bancos do jardim, bem agasalhadas e a tomar um chocolate quente que compráramos pelo caminho – e acho que devia contar ao Ronan que lhe falei da situação dele.– Myrtle deve ter visto a expressão que fiz, pois apressou-se a explicar: – Não vejo outra alternativa. Todos o temos encorajado. A Ellen, a irmã dele, até lhe envia fotos do menino e está constantemente a mandar-lhe *e-mails* com notícias dele... Pensando bem, creio que deve ser uma das razões por que ele faz de conta que não entende nada de computadores. Está a evitar ter de lidar com a situação.

– É o que as pessoas fazem por vezes – comentei. – É um mecanismo para lidar com situações desagradáveis.

– Mas já se passaram dois anos. Já nem sequer é uma coisa saudável. E, no meio disto tudo, temos um menino a crescer que perdeu o pai e a mãe à nascença; todavia, só um deles é que desapareceu. Sei que um dia o Ronan se vai arrepender de tudo isto e não suporto semelhante ideia. – Olhou para mim com uma expressão de grande pesar. – O meu neto é um homem bom e merece ser ajudado, mas a minha filha e eu estamos demasiado próximas e envolvidas para o conseguirmos fazer. Para além disso, ele já começou a evitar-nos porque nós o pressionamos um pouco. Por isso, preciso mesmo da sua ajuda. Pago-lhe de boa vontade o tempo que despende nisto. O dinheiro não é problema.

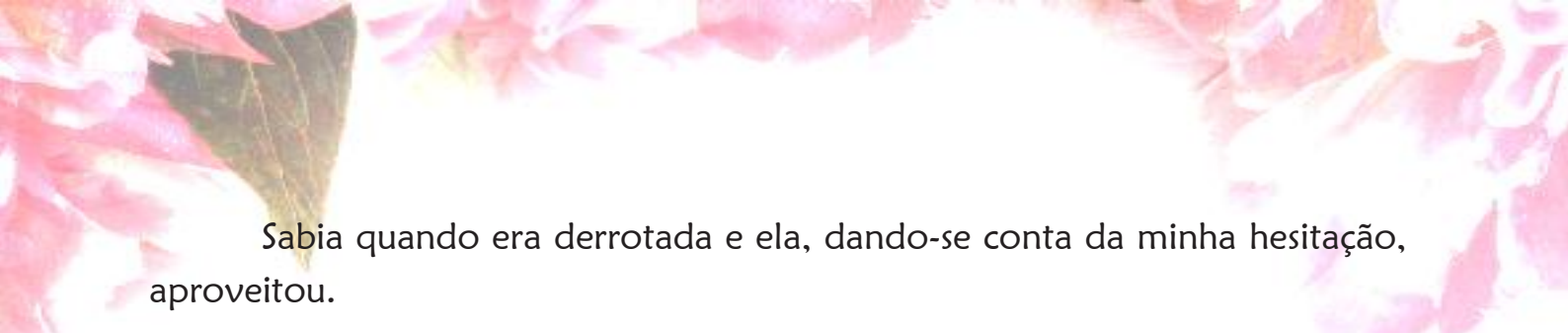
– A questão não é essa, de todo – apressei-me a garantir-lhe. – É que eu já não faço esse tipo de trabalho. Mas posso recomendar-lhe alguém que...

– Não – interrompeu-me ela, abanando a cabeça. – Acredite no que lhe digo, ele nunca iria nisso, nem morto. A minha única esperança é alguém em quem ele confie. Ele não tem reagido muito bem a pessoas novas, como sabe, tendo em conta o número de mulheres que já tentei apresentar-lhe.

Oh, meu Deus, ia ser bem mais complicado do que pensara.

– Receio bem que não possa ajudar, para ser sincera; é um problema muito delicado...

– Por favor, peço-lhe... Ao menos tente – suplicou Myrtle. – Estou desesperada.



Sabia quando era derrotada e ela, dando-se conta da minha hesitação, aproveitou.

– Isto já começou a afetar a minha saúde... E a verdade é que não estou a ficar mais nova. – Deve ter visto na minha cara que eu percebera que estava a exagerar, pois rebentou de riso. – Fui longe de mais com a jogada da idosa frágil, não fui?

– É diabólica, Myrtle! Aposto que é mais saudável do que eu – disse-lhe antes de ceder. – Deixe-me pensar melhor nisto, está bem? Verei o que posso fazer.

– Muito obrigada. Brincadeiras à parte, estou muito preocupada. Tenho-o achado cada vez mais introvertido.

– Combinei encontrar-me com ele ao fim da tarde. Tem a certeza que não se importa que ele saiba que me contou aquilo tudo? – Duvidava muito que ele fosse encarar o facto pacificamente.

– Sim, estou capaz de correr esse risco. Por isto pode avaliar o quanto estou preocupada com ele.

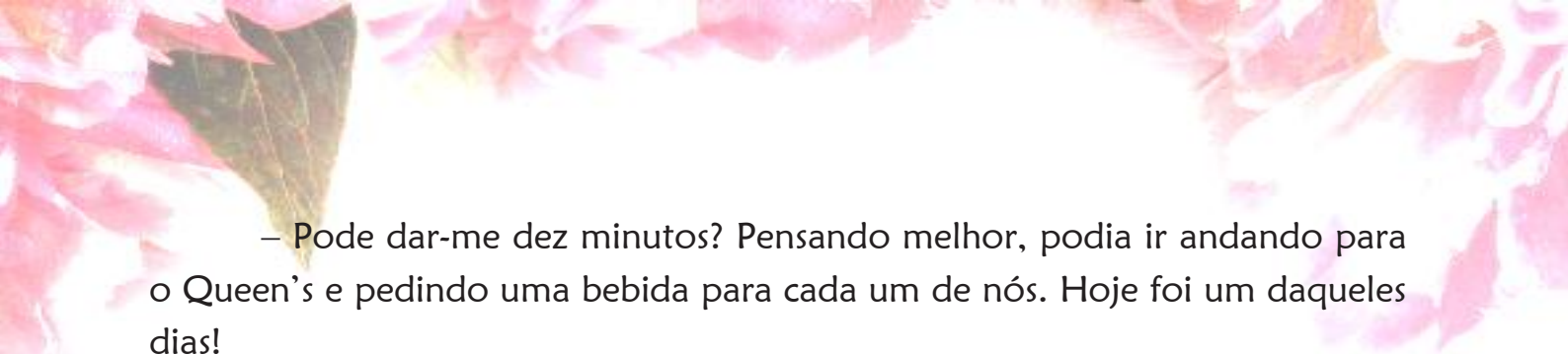
– Bom, pelo menos terei boas notícias acerca do *Deputy* para partilhar com ele e, como é óbvio, não lhe contarei nada acerca do seu esquema casamenteiro. – Demos risadinhas como duas crianças travessas. Cavaqueámos mais um pouco e prometi que lhe telefonaria a dar conta de como correria a conversa com ele, embora tivesse realçado que não poderia quebrar quaisquer confidências.

Uma hora depois telefonei a Ronan.

– Tenho novidades. Tem tempo para conversarmos? Vou a caminho do seu escritório.

– Que horas são?

– Quase cinco e meia – disse-lhe.



– Pode dar-me dez minutos? Pensando melhor, podia ir andando para o Queen's e pedindo uma bebida para cada um de nós. Hoje foi um daqueles dias!

– Com certeza, mas eu só tomo mesmo uma. Ainda tenho de levar a moto para casa. O que toma?

– Mataria por uma *Guinness* – respondeu ele. – Daqui a uns minutos já lá vou ter consigo.

Chegou mesmo depois de a cerveja acabar de assentar e de eu ter pago e encontrado uma mesa onde pudéssemos conversar à vontade.

– Peço desculpa, esqueci-me de dizer que era eu quem convidava. – Vinha sem fôlego. – Devia ter dito que estava comigo. O meu crédito aqui é bom. – Sorriu.

– Sem problema, paga da próxima vez – assegurei-lhe. – Seja como for, sei onde o Ronan mora, não se esqueça – graciei. – Então, porque foi o dia tão mau?

– Oh, o costume. Este estrangulamento do crédito está a pressionar muitos dos meus clientes e a dificultar-lhes a vida. Hoje parece que tudo resolveu estar contra mim. Também já lhe aconteceu?

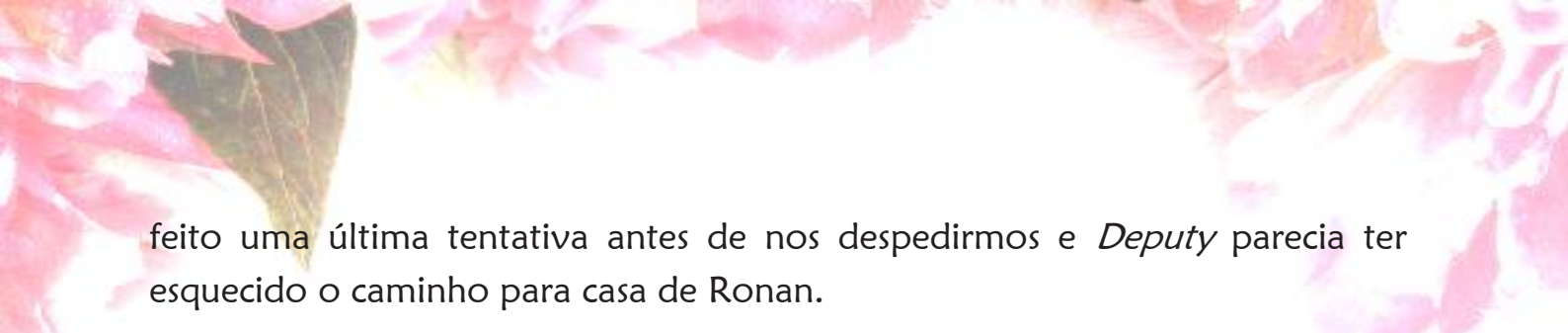
– Muitas vezes, se bem que, como se costuma dizer?, a vida é dez por cento o que nos acontece e noventa por cento a forma como lidamos com isso.

– Meu Deus, detesto pessoas como você. – Bebeu um trago sequiosamente.

– Tem tudo a ver com a minha nova vida. Sou muito mais descontraída, hoje em dia – disse-lhe.

– Então, diga lá, que boas notícias é que traz para me animar?

– Bom, há boas perspetivas de o *Deputy* parar com as rondas a sua casa. – Decidi avançar devagar. – Arranjámos-lhe um percurso novo que não o envolve a si e que, para além disso, inclui o bónus final de uma cadela. – Expliquei-lhe como procedêramos e avisei-o de que treiná-lo a seguir aquele caminho talvez demorasse algum tempo. Contudo, Myrtle e eu tínhamos



feito uma última tentativa antes de nos despedirmos e *Deputy* parecia ter esquecido o caminho para casa de Ronan.

– Eu não me importaria nada de ter uma fêmea gira à minha espera à porta – comentou ele, porém, estava intrigado com a forma como conseguíramos desabituar o cão de seguir para casa dele. Era a deixa perfeita e não podia deixá-la escapar.

– Na realidade, creio que parte do problema tinha a ver com o facto de a Myrtle querer convencê-lo a arranjar um cão, por isso não estava preocupada com as visitas que o *Deputy* lhe fazia. Creio que está mais preocupada com a sua vida social, para ser franca.

Ronan riu.

– Entre a minha mãe e ela, não corro qualquer risco de me tornar eremita, isso é mais do que certo. Estão sempre a arrastar-me para qualquer parte.

Respirei fundo. Era naquele momento ou nunca.

– A Myrtle contou-me acerca da sua mulher. Lamento muito, deve ter sido uma época terrível.

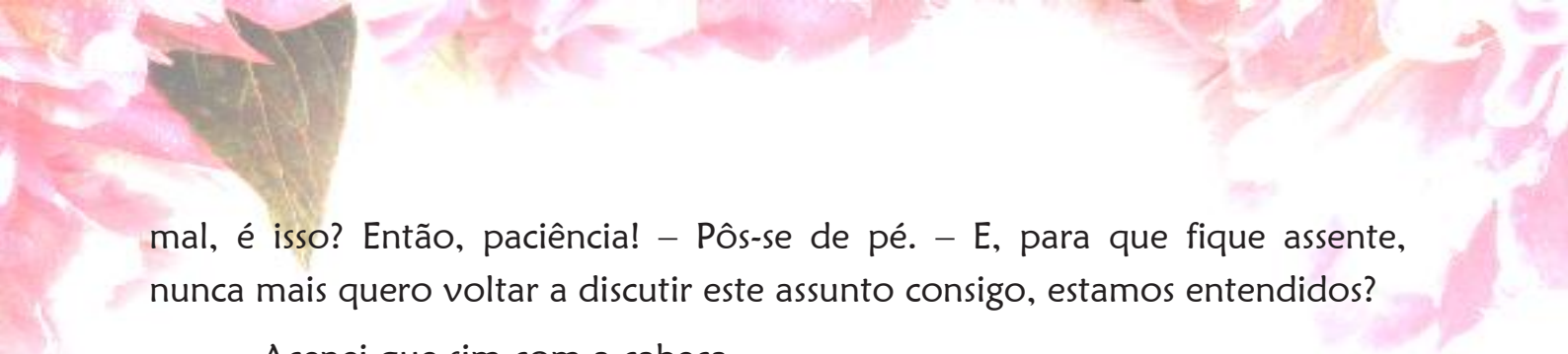
A atitude dele mudou por completo. Durante uma eternidade, nada disse; depois, lentamente, bebeu um longo gole da cerveja.

– Que mais lhe disse ela?

– Que teve um filho. – Vi-o retesar-se. – Escute, Ronan, não tem de dizer nada acerca disso, se não quiser, e eu não voltarei a falar no assunto. Mas é que toda a gente está preocupada que não seja capaz de seguir em frente com a sua vida se, pelo menos, não tentar resolver isto. A sua avó suplicou-me que tentasse conversar consigo e visse se poderia ajudá-lo.

Ronan tinha um ar tão zangado quando empurrou a cadeira para trás que, por um segundo, achei que ia derrubar a mesa.

– Que sabe você acerca de seguir em frente com a vida? Não sabe nada sobre o que tive ou acerca do que perdi. E, quanto a resolver isto, na minha cabeça já o fiz. Estou a seguir em frente com a minha vida, mas só porque não estou a lidar com as coisas como toda a gente quer, estou a agir



mal, é isso? Então, paciência! – Pôs-se de pé. – E, para que fique assente, nunca mais quero voltar a discutir este assunto consigo, estamos entendidos?

Acenei que sim com a cabeça.

– Perdi tudo naquela noite, tudo, está a perceber?

– Não perdeu o seu bebé – argumentei em voz baixa.

– Para começar, nunca tive um bebé. Portanto, nem se atreva a julgar-me. – Apoiou as mãos na mesa, inclinou-se para mim e falou muito baixinho. – E nunca seria capaz de olhar para alguém, dia após dia, que me recordasse do que essa perda significou. – Fez tenções de ir embora, mas virou-se e, num tom mais severo, declarou: – E isso jamais vai mudar, por isso não perca o seu tempo a tentar.

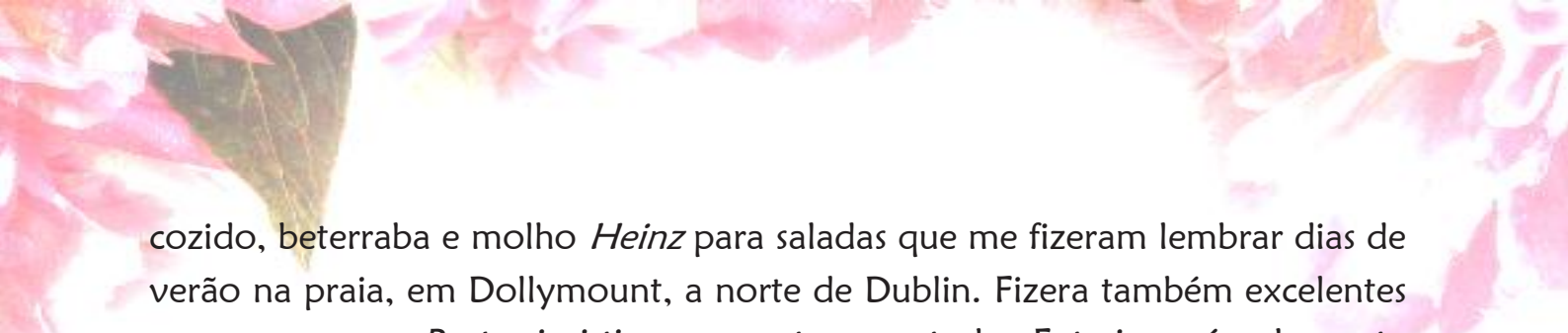
17

FIQUEI AINDA ALI SENTADA DURANTE BASTANTE TEMPO, a pensar na vida. Seria de esperar que, por esta altura, já estivesse habituada, tendo em conta todos os problemas em que já me vira envolvida. Todavia, ver a vida despedaçada de Ronan, a dor nua e crua dele, fez-me tomar consciência de como tudo era tão frágil. E com essa tomada de consciência veio a compreensão de que nunca lidara a sério com a minha própria fragilidade. Vê-lo tão vulnerável em relação ao filho, ajudou-me a perceber que a minha própria mãe se desligara, de alguma forma, de mim e isso tornava-me uma imagem refletida daquele menino. Eu era a criança que, parcialmente, fora abandonada. É claro que sabia muito bem que a minha situação não fora, nem de longe, tão má quando a dele era naquele momento, tanto para mim quanto para a minha mãe, porém, cada vez se tornava mais claro que, mesmo o mais pequeno afastamento emocional, podia destruir uma pessoa e deixar cicatrizes que nunca saravam por completo.

Terminei a minha bebida e foi com gratidão que acolhi a brisa fresca quando rumei a casa pela marginal, o luar guiando-me o caminho. Mais tarde, bem agasalhada e sentada sob o céu mais estrelado que alguma vez vira, desejei que as coisas não fossem tão difíceis.

Contudo, com o avançar da semana, tornaram-se ainda mais complicadas. Toda a gente parecia querer envolver-me nas suas vidas. Em resultado, não conseguia livrar-me da que tivera até então. Para além disso, todos os problemas que os meus clientes enfrentavam pareciam empurrar-me rumo à conclusão de que necessitava de resolver as minhas inseguranças de infância de modo a conseguir seguir em frente como uma adulta saudável.

Na sexta-feira, fui de novo visitar Denis e *Bartholomew*. De início correu às mil maravilhas; Denis preparou um lanche com sanduíches de ovo



cozido, beterraba e molho *Heinz* para saladas que me fizeram lembrar dias de verão na praia, em Dollymount, a norte de Dublin. Fizera também excelentes progressos com *Bart* e insistiu em mostrar-me tudo. Entrei e saí pela porta tantas vezes que engelei e fui obrigada a pôr um ponto final na exibição. Quando estava do lado de fora, ouvia «senta» e «fica» tantas vezes que tive de lembrar Denis de que devia apenas dar a ordem uma vez e não usar o nome do cão se ele estivesse a portar-se mal. Quando por fim entrei, fiquei com a sensação de que Denis estaria a usar biscoitos como recompensa – pela forma como o cão olhava para ele –, mas ignorei o assunto e *Bart* fez tudo o que lhe foi ordenado enquanto eu observava.

– É fantástico, muito bem. – Elogiei-o uma e outra vez.– Fez enormes progressos. Tem motivos para estar muito satisfeito.

– Sim, mas os louros não são meus. Diga lá se não é o cão mais esperto que alguma vez encontrou?

– É seguramente um deles, sim – garanti e praticámos mais algumas coisas, tais como tirar *Bart* da posição de chefia frente à lareira e deslocar o cadeirão de Dinny para aquele espaço. Ao início rosnou um pouco, mas, após alguma insistência, *Bart* pareceu conformado e, depois de ter permanecido imóvel durante alguns minutos onde eu o mandara ficar, dei-lhe um comando que queria dizer que tinha permissão para deambular à vontade. Para nossa surpresa, não tentou voltar para o espaço frente à lareira. Pelo contrário, encontrou um canto de onde nos podia ver e aí permaneceu alegremente.

– Sabe que mais, acho que tudo o que ele quer é uma mulher cá em casa. – Denis estava encantado. – Só vocês os dois, talvez seja testosterona a mais, de facto – brinquei, mas pressenti que ele não tardaria a deixar de precisar de mim.– Ah, a propósito, é melhor dar-lhe o número do seu amigo, o padre. – Puxei do Filofax.

– Oh, ele não é meu amigo, não. – Ficou de imediato constrangido.

– Bem, pareceu-me uma pessoa muito simpática e pediu-me que lhe dissesse que, se houvesse alguma coisa em que pudesse ser útil, que era só ligar-lhe. – Rabisquei o número e arranquei a folha.

– Na verdade, será que podia perguntar-lhe umas coisas por mim? – perguntou Dinny. – Eu dou-lhe os nomes das pessoas.

– Claro. – Interroguei-me se Denis se sentiria nervoso a falar com pessoas que detinham cargos de autoridade. Não era uma coisa invulgar entre os mais velhos. – Acho que já me deu os nomes. – Fiz passar umas quantas folhas do Filofax. – Joan Lehane e a filha, Catherine, é isto?

– É, sim. – Parecia envergonhado e baixou a cabeça quando eu li os nomes.

– E o que pretende saber? – perguntei-lhe.

– Qualquer coisa, na verdade. Como estão, principalmente. E um endereço, se tiverem algum, se bem que, com certeza que terão de morar algures – brincou ele, mas percebi que era uma tentativa de desanuviar o ambiente.

– Acha que o padre Vincent se terá mantido em contacto com elas? – inquiri.

– Sim, de certeza. Eu diria que, no mínimo, terá um número de telefone.

– *Okay*. Posso dizer quem pretende entrar em contacto com elas? – pus-me a pensar se seriam familiares com as quais se incompatibilizara. Denis contemplou o fogo durante bastante tempo, porém, os silêncios nunca me haviam incomodado.

– Pode – disse ele, meio hesitante. – Diga-lhe que é Denis Cassidy, do condado de Wicklow.

– Está bem, e não revelarei mais informações a não ser que a isso seja obrigada, pode ser? – Já tinha percebido que se tratava de um assunto delicado e de grande relevância para ele.

– Perfeito. – Levantou-se e espicaçou o lume. – É uma rapariga de muito valor, sabia? Ajudou-me com uma coisa muito importante.

– É um prazer e, afinal de contas, até está a pagar-me, não é? – fiz notar num tom brincalhão. – Não o estou a fazer em troca de nada.

– Sim, mas a sua boa vontade ultrapassa isso. Para mais, a Lulu não me pressiona, mão me censura. Eu aprecio muito isso. Ajudou-me mais do que imagina. Fico em dívida para consigo.

– Então, vejo o que consigo descobrir na segunda-feira e telefono-lho ao final do dia, pode ser?

– Excelente.

Ficou um pouco mais calmo e descontraído. Talvez se devesse ao facto de saber que tinha todo o fim de semana para mudar de ideias, caso quisesse.

Quando íamos a subir o caminho, uma coisa curiosa aconteceu. Subitamente, vimos um cão a correr para nós com a cauda a abanar.

– Olá, e quem és tu? – Agachei-me para olhar bem para ele. Ao fazê-lo, sucedeu uma coisa estranha: senti um aperto no coração. O cão era a imagem de *Gnasher*, o cachorro que eu tivera em criança e que tanto amara. A semelhança não ia para além dos olhos, porém. Este cão era mais magro e parecia mais arraçado de Collie do que puro-sangue e estivera atado, presumi, pois tinha uma corda em redor do pescoço.

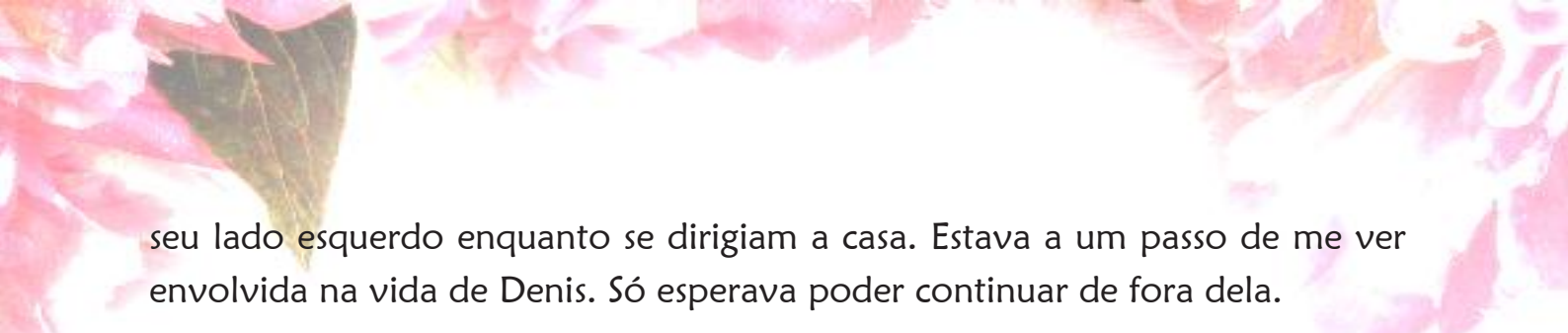
– É o *Pete* – respondeu Dinny. – O *Bartholomew* e ele ignoram-se, não sei porquê. Pertence aos meus vizinhos, mas eles não tomam muito bem conta dele. Dão-lhe de comer e assim e os moços que trabalham na quinta levam-no quando saem com as vacas, mas não lhe dão muita atenção.

– Olá, *Pete*. – Acariciei-o atrás das orelhas como, há tantos anos, costumava fazer com outro cão ruivo e, para meu espanto, ele tentou saltar para o meu colo. – És muito querido – disse-lhe e ele lambeu-me o nariz, como quem dizia, «eu sei».

– Eu telefono-lhes a dizer que ele fugiu – disse Dinny. – Se bem que nunca se preocupam com ele. Por vezes, o cão desaparece durante dias seguidos.

– É uma pena. É um cão tão bonito. – Senti uma estranha atração por aquele rafeiro; afinal de contas, talvez estivesse na altura de arranjar outro animal de estimação.

Despedi-me de Denis junto à estrada onde costumava estacionar a mota, pois preferia descer o caminho até casa dele a pé, apreciando as cores do campo, que pareciam mudar de cada vez que ali ia. Enquanto esperava que um trator passasse, ouvi Dinny comandar *Bart* para que se mantivesse do



seu lado esquerdo enquanto se dirigiam a casa. Estava a um passo de me ver envolvida na vida de Denis. Só esperava poder continuar de fora dela.

Quando olhei para trás, ao arrancar com a mota, *Pete* vinha a correr atrás de mim e só quando entrei na estrada principal é que se deteve. A última imagem que guardei dele foi de cauda pendida, obviamente a perguntar-me porque não o levava comigo. Estava a perder o juízo, decidi, recusando-me a olhar de novo para trás. Os olhos daquele cão eram quase humanos.

Cheguei à minha caravana e estava a tirar o capacete quando Maddy me telefonou. Poder falar ao telefone, pelo sistema de mãos livres, enquanto conduzia era a única coisa de que tinha saudades em relação ao carro.

– Que planos tens para me arrancares da cidade e curares a minha infelicidade este fim de semana? – perguntou-me de imediato e de rajada.

– Na verdade, ansiava por chegar a casa, mandar vir comida chinesa, beber um copo de vinho e ver televisão. Dá para acreditar?

– É preocupante – comentou ela –, mas é disso mesmo que estou a precisar. Posso ir dormir a tua casa?

– Vem, sim. – Fiquei encantada. – Tenho uma boa garrafa de tinto e até umas quantas cervejas no frigorífico.

– Combinado. Eu levo a comida. O do costume?

– Nem mais.

– Fantástico – suspirou ela uma hora e meia mais tarde quando, à luz de velas, confortáveis e quentes, nos deliciávamos com uma variedade de pratos frente à televisão. – Pena não sermos um casal... Pelo menos, sempre podia estar enroscada em ti.

– Com esses teus pés fedorentos, nem pensar! – arreliei-a. Os pés de Maddy eram lendários no nosso círculo de amigos. No Natal, por brincadeira, estávamos sempre a dar-lhe cremes para os pés, bolas

desodorizantes para enfiar nos sapatos e esse tipo de coisas. – Estamos umas velhas. Devíamos era estar algures a divertir-nos.

– Eu sei. Mas estou sempre tão exausta. – Maddy bocejou.

– Mas agora nem estás a trabalhar – fiz notar.

– Claro que estou. Ontem fiz uma locução. – Soava ofendida.

– E o que tiveste de dizer, conta lá? Vá, mostra-me o grande esforço que fizeste?

– «Betsy Boutique, onde os residentes mais chiques de Cork podem adquirir a última moda.»

– Pois, já estou a entender porque estás exausta. Deixa-me servir-te um copo de vinho, estou preocupada com os teus níveis de energia – trocei. – É verdade, hoje conheci um cão com uns olhos iguaizinhos aos do *Gnasher*. Suspeito que os donos dele na verdade não o querem.

– Salva-o de imediato – concluiu Maddy, de comando na mão, a saltar de canal em canal. Descobriu o *talk show* de Jonathan Ross prestes a começar e foi o fim da conversa.

Fomo-nos deitar por volta da meia-noite e ela começou a contar anedotas do quarto dela para o meu. A risota era tal que tive de ameaçar que a asfixiava com a própria almofada. Uma das coisas boas de viver numa casa móvel era o facto de as paredes entre as divisões serem tão finas que podia conversar-se à vontade sem ser preciso gritar. Maddy afirmava até que conseguia ouvir os meus peidos. Era como estar de novo nas Guias.

Na manhã seguinte, Maddy tinha um plano.

– Já chega! – declarou. – Conheço um tipo que vai estrear-se esta noite numa nova peça no Olympia. Depois da estreia há uma festa. De certeza que será divertido. Que achas de darmos lá um pulo?

– Queres ir ver a peça? – Há uma eternidade que não ia ao teatro; animei-me.

– Nem pensar, eu vi o guião. É uma produção nova, a pior coisa que já li! Fechará no espaço de uma semana, acredita. Estava a pensar darmos uma saltada ao Old Stand, ou ao Hogan's, ou até àquele bar *gay*, como se

chama? – Arqueou as sobrancelhas. – Ou então, podemos ir aos três? Depois, assim por volta das onze, atravessávamos a rua, soprávamos beijos a tudo o que fosse gente do *show-biz* e aproveitávamos a bebida à borla.

– Eu continuo em abstinência – fiz notar com uma careta.

– Ontem à noite não bebeste vinho?

– Foi só um copo. O primeiro desde *aquela* noite.

– Nesse caso, já estás de novo em ação. Então, vou até casa fazer umas coisas que deixei por fazer e encontro-me contigo na estação do comboio às nove. Pode ser?

– Combinado! Há semanas que não vou a Dublin a um sábado à noite.

– De repente, sentia-me jovem e entusiasmada. E cheia de energia. – Vamos divertir-nos. – Pulei do sofá e comecei a arrumar a casa.

– Calma lá, é só os bastidores do Olympia, não é nada de espetacular. Ainda assim, tens razão, nunca se sabe o que pode acontecer. – E foi-se embora.

Acabámos por andar de *pub* em *pub*, mas eu controlei muito bem a quantidade de álcool que ingeri, pois não queria mesmo nada uma repetição do que ficara conhecido como «a pândega do Mickey», devido ao nome de Mike e ao facto de eu ter tentado ir para a cama com ele. Figurava ainda, mesmo depois de todo o tempo que passara, no rol das piores noites da minha vida.

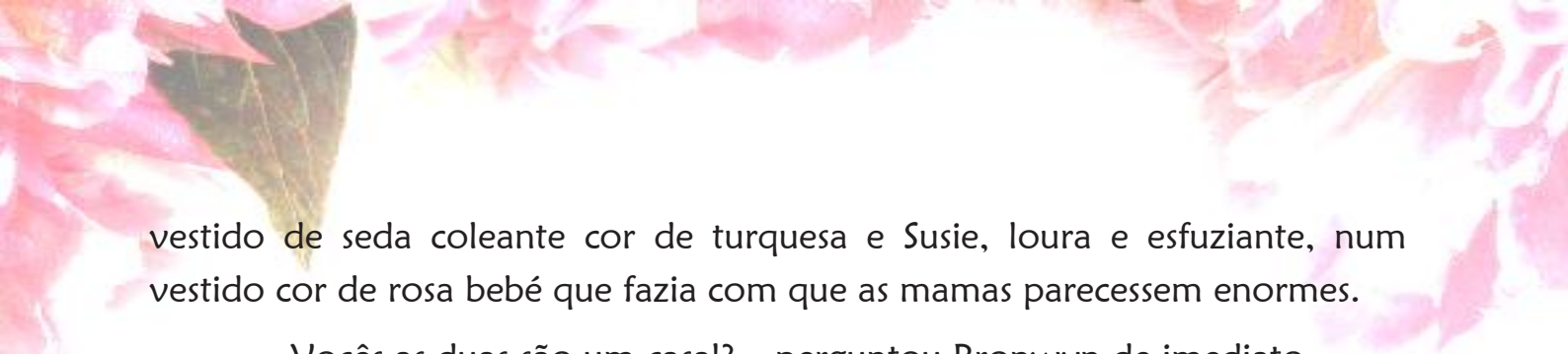
No George – o bar *gay* que Maddy estava determinada a conhecer – cruzámo-nos com Bronwyn e Susie. Ambas pareciam extraordinariamente felizes, dançando como se fossem gémeas siamesas e rindo à gargalhada.

– Queres conhecer as lésbicas lascivas? – perguntei a Maddy.

– Oh, meu Deus, sim. Conduz-me até elas. – Agarrou-me pela mão e atravessámos o bar.

– Lulu, querida, que surpresa tão boa! – Bronwyn deu-me um abraço apertado.

Avancei para as apresentações e percebi que Maddy ficou impressionada. As duas raparigas estavam deslumbrantes: Bronwyn num



vestido de seda coleante cor de turquesa e Susie, loura e esfuziante, num vestido cor de rosa bebé que fazia com que as mamas parecessem enormes.

– Vocês as duas são um casal? – perguntou Bronwyn de imediato.

– Eu tentei, mas ela não quis nada comigo – disse-lhe Maddy.

– A Susie também não tinha a certeza quando a conheci. – Bronwyn puxou a namorada mais para junto dela. – E olha para nós agora. – Fez Susie rodopiar e soltou uma gargalhada.

– Como vai o cão? – senti-me na obrigação de perguntar.

– É uma longa história, mas na próxima semana passamos lá pelo consultório. – Bronwyn revirou os olhos ao mesmo tempo que a música começava de novo e a pista de dança se enchia, na sua maioria de homens com calças muito apertadas que se meneavam e giravam. – Vão ficar aqui o resto da noite?

– Não, vamos agora mesmo para uma festa de atores – respondi-lhe. – Até à próxima. – Agarrei em Maddy antes que também ela começasse a girar.

– Au, eu estava a entrar na onda – queixou-se ela, libertando a mão quando chegámos à rua.

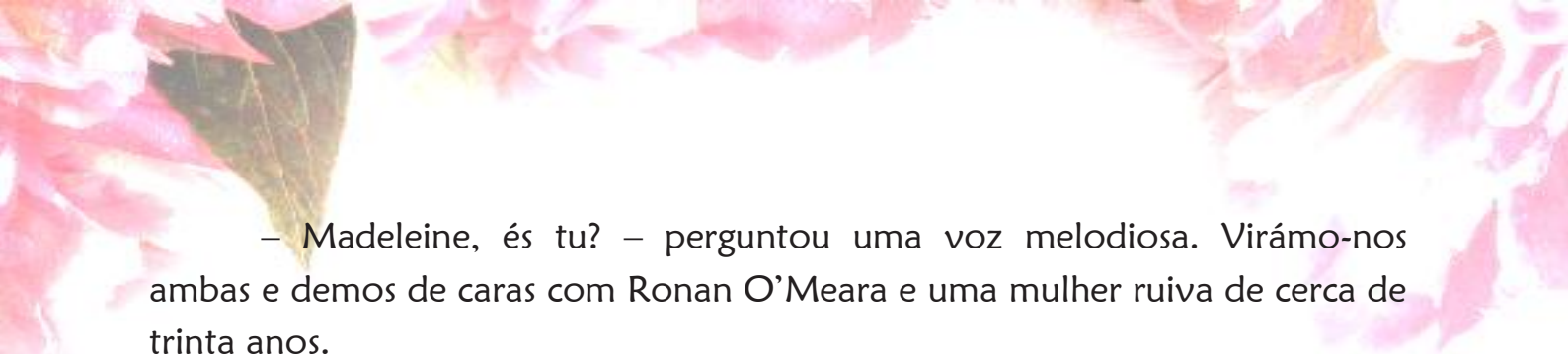
– Pois, o meu medo era esse mesmo. Vamos, há mais pessoas para conhecer...

Atravessámos a rua e Maddy, com o seu descaramento, conseguiu, como de costume, que nos franqueassem a entrada nos bastidores, beijando o segurança e tratando toda a gente por «querido» à medida que avançava. Adorava sair com ela.

Nos bastidores havia bastantes personalidades da televisão.

– Não deve haver nenhuma outra festa de jeito – sussurrou Maddy. – Ora bem, que vamos beber? Nada dessa porcaria de água com gás...

– Pronto, eu bebo um copo de vinho – disse e fiquei a vê-la atrair a atenção do *barman* num instante, muito embora a fila para as bebidas fosse enorme.



– Madeleine, és tu? – perguntou uma voz melodiosa. Virámo-nos ambas e demos de caras com Ronan O'Meara e uma mulher ruiva de cerca de trinta anos.

– Ellen! – gritou Maddy. – Meu Deus, mulher, há tanto tempo! Como estás? – Entregou-me a minha bebida, abraçou a jovem mulher e sorriu para Ronan. – Esta é a minha amiga Lou... lu. – Nunca se lembrava do meu nome.

– Olá. – O olhar de Ronan foi frio.

– Olá, Ronan, é um prazer voltar a vê-lo.

– Vocês conhecem-se? – Percebi pelo ar de Maddy que gostara de Ronan.

– Sim, a Lulu tem-me ajudado com o meu cão. Bom, o cão não é bem meu, mas ele acha que sim. – E Ronan parecia ter também gostado de Maddy.

– Parece um problema complicado, mas ninguém melhor que a Lulu para o resolver. Sou a Maddy... Deixei de ser Madeleine desde que me tornei atriz. – Sorriu.

– Muito prazer. – Reparei que ele a olhou fixamente.– Oh, desculpe, Lulu, esta é a minha irmã Ellen.

Sorri e apertei-lhe a mão.

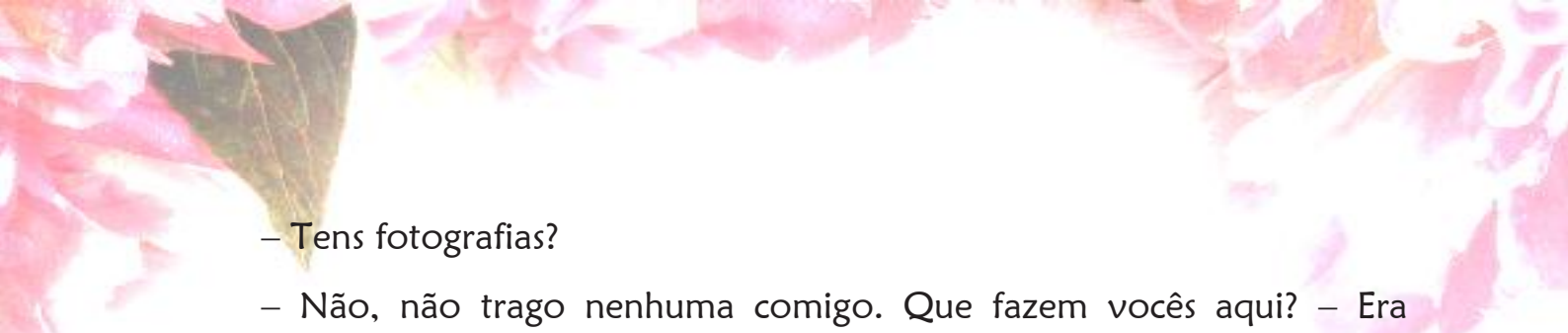
– Como se conheceram vocês as duas? – perguntei a Maddy.

– A Ellen e eu fizemos parte de uma companhia de teatro amador há vários anos. Éramos grandes amigas, mas depois perdemos o contacto. – Maddy fez uma careta. – Ela encontrou um homem e mudou-se para Donegal.

Algo fez clique na minha cabeça. Ellen. Donegal. Não seria a mesma Ellen que Myrtle dissera que estava a tomar conta do filho de Ronan? Tinha quase a certeza que sim.

– Então, que foi feito de ti? – Maddy queria saber tudo.– Continuas casada? Tens filhos?

– Um menino. – Ellen sorriu. – O Lucas, de dois anos– disse sem hesitar e sem qualquer expressão de mal-estar.



– Tens fotografias?

– Não, não trago nenhuma comigo. Que fazem vocês aqui? – Era óbvio que estava a fazer um esforço para me incluir a mim e ao irmão.

– Trabalho com o Gary, o protagonista – explicou Maddy, acenando a um casal, mas devolvendo de imediato o olhar a Ronan. – E vocês?

– Uma amiga minha da faculdade, a Patsy, também faz parte do elenco – disse Ellen. – Por isso, arrastei o meu irmão comigo para me fazer companhia, já que vinha passar este fim de semana à capital. Tenho de aproveitar ao máximo. Lá diz o ditado que o que é bom depressa se acaba. – Deu uma gargalhada. Era uma mulher bonita, de feições tipicamente irlandesas: pele pálida, cabelo acobreado e sardas.

– Alguém quer mais uma bebida? – perguntou Ronan e Maddy emborcou pelo menos metade da sua cerveja.

– Adoraria uma *Miller* – respondeu de imediato.

– Lulu?

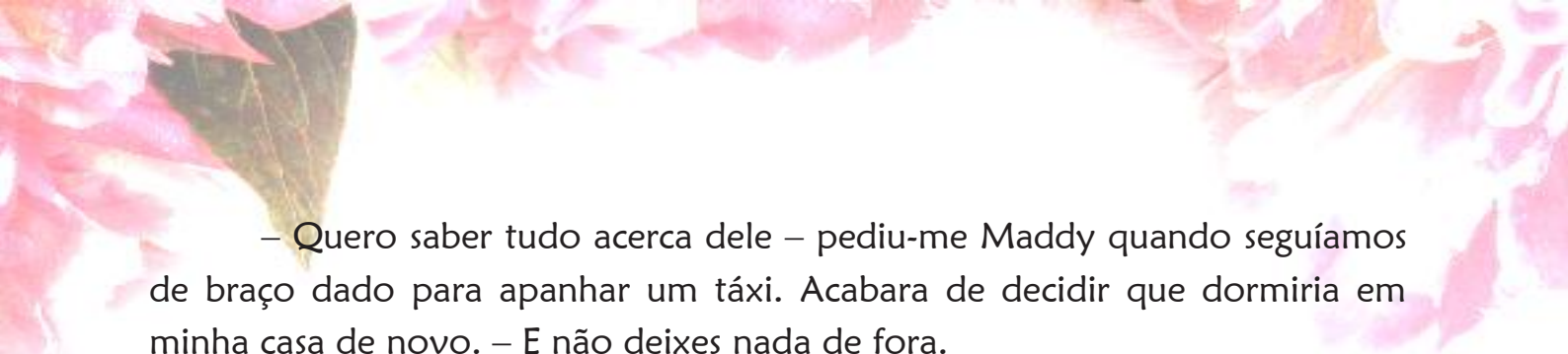
– Obrigada, estou bem. – Senti que devíamos afastar-nos e deixá-los à conversa. Ele parecia embaraçado, motivo pelo qual se oferecera para ir buscar bebidas, suspeitei. Ellen também abanou a cabeça.

Ele voltou quase de imediato, pois a turba frente ao bar diminuía consideravelmente. Ellen e eu acabámos à conversa, uma vez que Maddy ficara ainda mais interessada em Ronan assim que descobrira que eram irmão e irmã.

Às tantas, uma mão-cheia de amigos de Maddy reclamou a nossa presença. Ela ainda tentou convencer Ronan e a irmã a juntarem-se a nós, mas Ellen anunciou que prometera aparecer numa outra festa mais tarde.

– É o que faz nunca sair de casa – argumentou Ellen, acenando um adeus, mas antes apontara o número de Maddy e convidara-a para um café no dia seguinte.

Nós continuámos a divertir-nos e abandonámos a festa muito mais tarde do que planeáramos.



– Quero saber tudo acerca dele – pediu-me Maddy quando seguíamos de braço dado para apanhar um táxi. Acabara de decidir que dormiria em minha casa de novo. – E não deixes nada de fora.

18

NA SEGUNDA-FEIRA, quando cheguei ao escritório por volta da hora de almoço – os meus sonhos de não trabalhar à segunda nunca se haviam concretizado –, telefonei ao padre Vincent e pedi a ajuda dele. Ele lembrava-se da minha voz e mostrou-se tão simpático quanto da última vez.

– Então, diga lá, minha querida, com quem queria entrar em contacto?

– Como lhe disse da outra vez, não sou eu, é um cliente meu.

– E posso perguntar o que faz?

– Bom, na verdade estou a ajudá-lo com o cão que tem alguns problemas de comportamento. – Nunca era fácil explicar a minha profissão.

– Fascinante. Uma espécie de psiquiatra de animais, então? Sabe que mais, na minha opinião, a maior parte dos animais não tem problema nenhum. Os donos é que precisam de mudar.

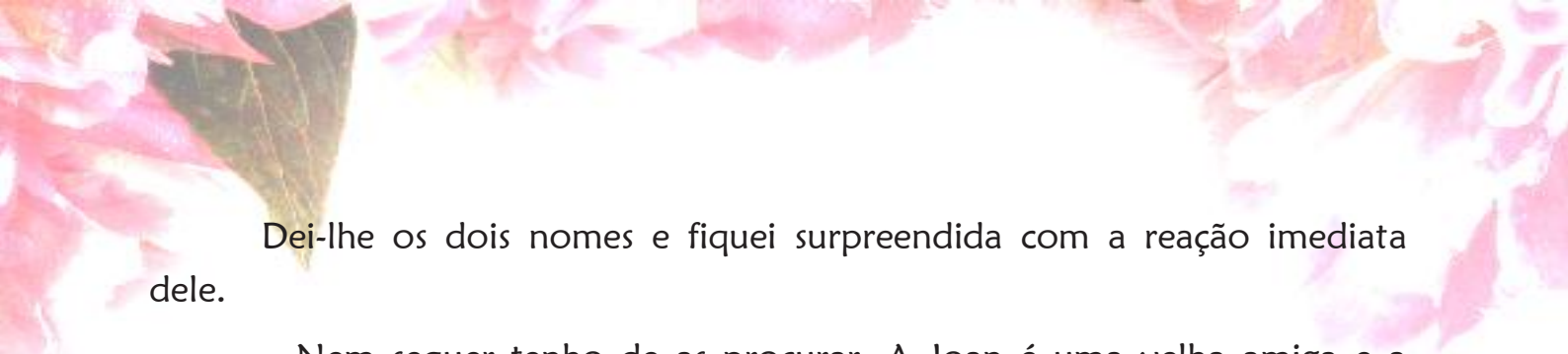
O padre estava bem mais próximo da verdade do que pensava.

– Por vezes, isso é verdade, mas os cães são animais inteligentes e, se permitirmos, aproveitam-se das situações.

– Não é o que fazemos todos? – Soltou uma gargalhada. – Eu há anos que o faço e escapo impune. Bom, mas diga-me o nome da pessoa que o seu cliente quer contactar. E, se não leva a mal a minha pergunta, porque não me liga ele?

– Creio que o assunto o deixa um pouco nervoso, para ser sincera. Com os anos, o meu cliente perdeu o contacto com as pessoas que procura.

– Não tem qualquer problema. É coisa que acontece com frequência. Qual é então o nome das pessoas, para eu procurar?



Dei-lhe os dois nomes e fiquei surpreendida com a reação imediata dele.

– Nem sequer tenho de as procurar. A Joan é uma velha amiga e a Catherine, a filha dela, é uma rapariga encantadora, tanto por dentro quanto por fora.

– Oh, fantástico, obrigada. – Não sabia que mais acrescentar.

– Posso perguntar quem é o seu cliente ou preferia não revelar essa informação?

– Se calhar, preferia dizer apenas ao meu cliente que o senhor padre continua em contacto com elas e ele depois fará o que quiser com a informação.

– Com certeza. Diga-lhe que pode telefonar-me quando quiser. E a senhora, sinta-se à vontade para me ligar de novo, se precisar de alguma coisa.

– Muito obrigada. E posso dizer-lhe que elas estão bem?

– Sim, diga-lhe que a Joan é bem sucedida e que a Catherine terminou o liceu com notas excelentes em todos os exames. Decidiu que quer estudar Medicina e acabou de ser aceite pela Universidade de Newcastle.

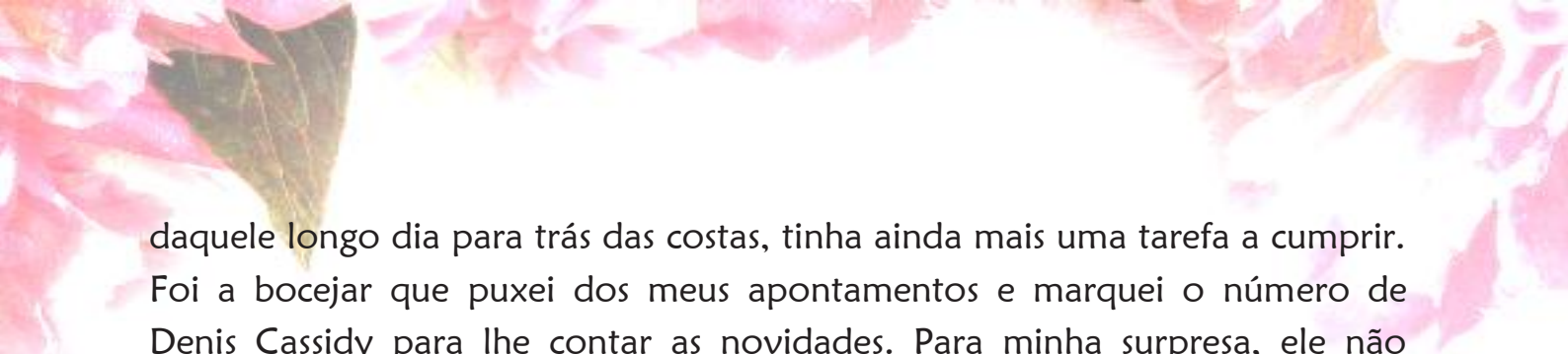
– Excelentes notícias. Tenho a certeza de que ele vai ficar muito contente por saber.

– Como lhe disse, ela é uma rapariga espetacular, simpática para toda a gente, novos e velhos, ricos e pobres. Creio que será uma médica brilhante. Diga-lhe isso, está bem?

– Direi, sim, e, mais uma vez, muito obrigada.

O padre Vincent pediu-me o número, apenas para seu contacto pessoal, e foi com todo o prazer que lho dei. Desliguei contente por ter boas notícias para transmitir a Dinny quando lhe voltasse a telefonar.

Tive um dia muito ocupado e já era tarde quando iniciei o regresso a casa, mais cansada do que me sentia em muito tempo. Como sempre, o ar fresco do mar e a vista operaram a sua magia e sentia-me bem mais leve e descontraída quando cheguei a casa. Todavia, antes de colocar o trabalho



daquele longo dia para trás das costas, tinha ainda mais uma tarefa a cumprir. Foi a bocejar que puxei dos meus apontamentos e marquei o número de Denis Cassidy para lhe contar as novidades. Para minha surpresa, ele não tinha tempo para conversas.

– Vai ter de vir até aqui. – Denis gritava sempre que falava ao telefone.
– O *Bartholomew* endoidou de vez. Não recebeu a minha mensagem?

Não havia como acalmá-lo naquela noite, dir-se-ia, e poucos minutos mais tarde acabou por desligar, depois de insistir que eu passasse por lá na manhã seguinte. Tomei na cama com uma bela dor de cabeça.

De manhã, depois de um sono muito agitado, sentia-me de rastos e o dia que tinha pela frente parecia-me interminável, pois ainda precisava de me deslocar a Ashford, o que poderia demorar uma hora, dependendo do trânsito.

A primeira cliente do dia era Emily, acompanhada da mãe, a famosa Julia. *Rover*, que vinha no seu cesto, pulou para o chão e ocupou-se a arruinar uma das minhas plantas.

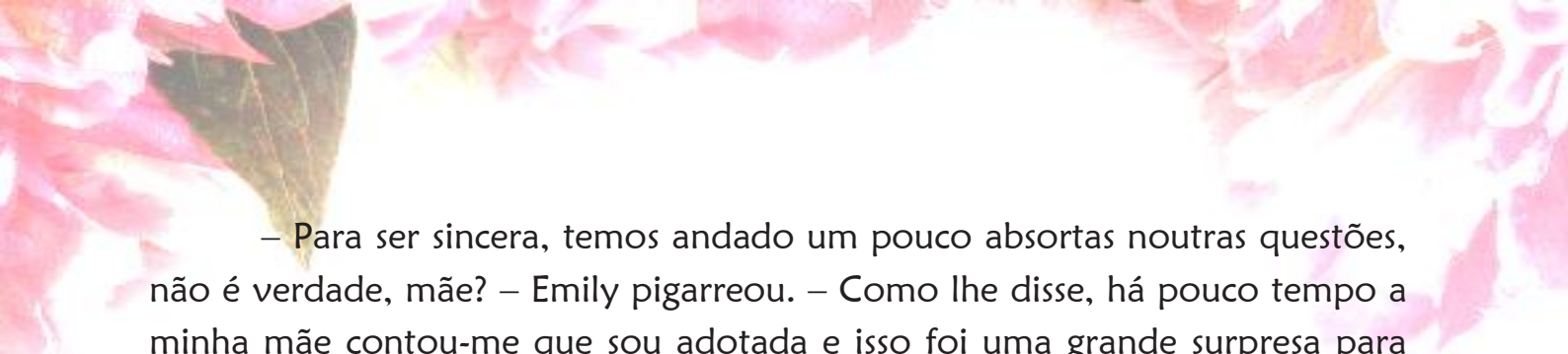
– Em casa também está sempre a fazer isto – fez notar Emily, espantada. – Porque será? Faz alguma ideia?

– A degustação de plantas e ervas é bastante mais comum nos gatos do que pensamos – referi. – Uma teoria afirma que as plantas possuem propriedades que ajudam os gatos a livrarem-se das bolas de pelo que acumulam no trato digestivo.

– Encantador – comentou Julia.

O seu rosto era um pouco estranho; era bonita, mas tinha uma forma de olhar para as pessoas que parecia dizer, «já te topei, por isso, nada de me tentares enganar». Podia tornar-se muito desconcertante, imaginei.

– Então, como estão a correr as coisas com ele? – perguntei, concentrando-me em Emily.



– Para ser sincera, temos andado um pouco absortas noutras questões, não é verdade, mãe? – Emily pigarreou. – Como lhe disse, há pouco tempo a minha mãe contou-me que sou adotada e isso foi uma grande surpresa para mim. Gostaríamos que nos aconselhasse, tendo em conta a sua experiência como terapeuta.

– Bom, certamente que tentarei, mas não foi bem nessa área que me especializei. – Sabia que a questão dos direitos das crianças era complicada. – Para além disso, mudei de carreira, portanto, embora possa ouvir-vos e contribuir com algum comentário, não passará disso, está bem? – Emily parecia prestes a chorar, temendo que eu não pudesse ajudar. – O que eu quero dizer é que será uma conversa informal. – Sorri. – Oficialmente, o meu cliente é o *Rover*.

– Para ser sincera, não sei para que é isto! – exclamou Julia de repente. – Já foi há muitos tantos e, na minha opinião, mais vale não remexer no passado.

– Mas, mãe, não podes revelar uma coisa assim e depois pedir-me que a ignore como se não fosse nada. – Emily lançou-me um olhar suplicante.

– Creio que o que a Emily está a tentar dizer é que o facto de ser adotada levanta algumas questões e...

– Mas que questões? – Lá estava Julia com o tal olhar. – Ela é minha filha e tenho-a desde que ela tinha dez semanas, e mais nada. Nunca devia ter dito o que disse.

– Pois, mas agora já está dito, mãe, e não podemos fazer de conta que não é nada.

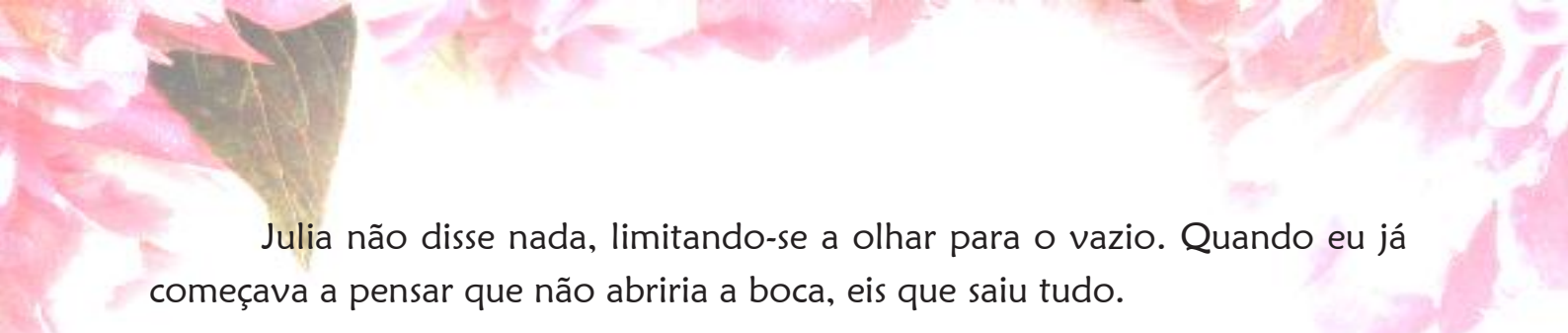
Era a primeira vez que via Emily ser assertiva e suspeitava que seria também uma experiência nova para Julia.

– Vê lá como falas, minha menina.

Percebi que a situação podia deteriorar-se rapidamente.

– Emily – tentei de novo –, talvez ajudasse se dissesse à sua mãe o que pretende.

– Apenas algumas informações. Como tudo aconteceu... Esse tipo de coisas.



Julia não disse nada, limitando-se a olhar para o vazio. Quando eu já começava a pensar que não abriria a boca, eis que saiu tudo.

– Nascestes em Londres. A tua... mãe – era óbvio que não se sentia à vontade para lhe atribuir tal título – era solteira e oriunda de uma boa família. Depois de teres nascido, ela mudou-se para Belfast, ao início, e depois para Dublin. A família ficou escandalizada por ela ter tido um filho, pelo que soube, e não quis saber nem dela nem da criança. Ela apenas ficou uma semana em Belfast, por causa dos conflitos, e depois achou Dublin muito cinzenta e deprimente, segundo o que uma das freiras me disse. Nem um mês se aguentou aqui e decidiu que o que queria era voltar à sua antiga vida. Fiquei com a impressão de que seria uma jovem muito mimada. – Julia resfolegou, numa atitude de desdém, mas percebi que tudo não passava de uma fachada. O assunto estava a afetá-la mais do que deixava entrever e, no fundo, estava ainda mais assustada do que Emily. – Então, ela entregou-te e nós tínhamo-nos candidatado para adoção e ficámos contigo. E desde esse dia que és nossa... – Julia queria dizer mais, contudo, pertencia a uma geração de mulheres que não mostrava facilmente os seus sentimentos.

– E sempre me chamei Emily?

Por mais experiência que tivesse a lidar e a trabalhar com pessoas, por vezes, as coisas que estas consideravam importantes ainda me surpreendiam.

– Não, ela chamou-te... como era? – Fingiu indiferença, mas apenas se estava a enganar a ela mesma. – Ah, sim, Sophie, era isso. Um pouco estranho, não te parece?

No entanto, o rosto da sua filha iluminou-se.

– Sophie, oh, meu Deus, é tão... tão ameninado, diria. Sophie. – Repetiu o nome uma e outra vez. – Parece estranho, mas até gosto.

– Emily também é um nome muito bonito – disse-lhe. – E fica-lhe muito bem.

– Como? Oh, sim, é claro. – Percebeu onde eu queria chegar. – Adoro o meu nome. – Deu uma palmadinha no braço da mãe. – Sophie não é nada um nome que escolhesse para mim. É assim meio... cor de rosa e fofinho, tipo algodão doce.

– Bom, isso descreve a tua... ela, a julgar pelo que a irmã Jarlath me disse. – Julia olhou em redor.

– Como era o nome dela, da minha mãe biológica?

– Acho que a tratavam por... Kitten, parece-me. – O rosto de Julia revelava a sua opinião. – Eu também não queria acreditar. – Olhou para cada uma de nós para confirmar que estávamos igualmente estupefactas. – Mas, pelos vistos, era o que estava na certidão de nascimento dela.

– Kitten? – dissemos nós ao mesmo tempo, depois olhámos uma para a outra e largámos a rir à gargalhada.

– Ridículo, não é? Eu também acho. – Julia compreendeu mal as nossas gargalhadas¹⁰.

– Eu acho fabuloso – vi-me forçada a admitir. – Adoraria que a minha mãe me tivesse chamado Kitten em vez de Louisa.

– Isto passou-se há mais de trinta anos – fez notar Julia num tom seco. – Nessa altura, não havia ainda Peaches ou Britneys.

– Meu Deus, Kitten e Sophie. – Emily pronunciou os nomes em voz alta, a ver como lhe soavam. – Aposto que as pessoas sorriam quando nos eram apresentadas. – Na sua cabeça, estava já a transformar as duas num par.

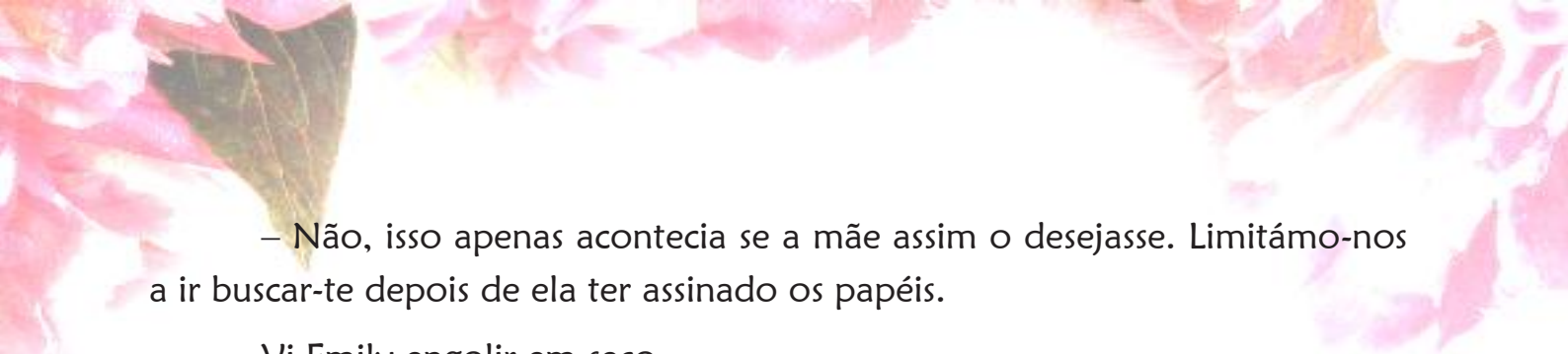
– Não me parece que tenham sido apresentadas a ninguém, à exceção de funcionários da alfândega e a freiras. – Julia não estava para alinhar naquilo. – E depois a nós. E a partir desse dia começou a ser Julia e Emily – declarou ela prosaicamente, numa tentativa de reclamar de volta a sua filha.

– E formámos uma equipa maravilhosa, não foi, mãe? Ainda o somos. – A sensibilidade de Emily foi, a todos os níveis, extraordinária. – Fui uma sortuda por me terem escolhido.

– Bom, sempre tentámos fazer-te sentir especial. – Julia enterneceu-se um pouco. – Porque não podemos deixar as coisas como estão?

– Chegaram a conhecê-la?

¹⁰ À letra, a palavra *kitten* designa a cria do gato, porém, em calão, o termo refere uma mulher que namora com homens mais velhos e também o órgão genital feminino. (N. da T.)



– Não, isso apenas acontecia se a mãe assim o desejasse. Limitámo-nos a ir buscar-te depois de ela ter assinado os papéis.

Vi Emily engolir em seco.

– E ela alguma vez vos contactou?

– Não. Eu ainda enviei fotografias, por intermédio da irmã Jarlath, no Natal e no teu aniversário. Mas, depois de uns anos, desisti.

– Compreendo. – Emily tentou não parecer desiludida.

– Não seria uma situação invulgar, pelo que sei – fiz notar a Emily. – Se a Kitten... – tive de sorrir de novo – estivesse a ser pressionada pela família, o mais provável é que as fotos nem sequer lhe tivessem chegado às mãos. Naqueles tempos, as pessoas faziam todos os possíveis para manter essas coisas escondidas, mesmo no seio da família. Não se falava desses assuntos como agora.

– Eu sei – admitiu Emily. – Só uma última coisa. – Olhou para a mãe. – Não quero necessariamente fazer alguma coisa com isso... estava apenas a pensar se... tens o nome da casa ou hospital onde eu nasci?

Julia ficou calada durante pelo menos um minuto.

– Tenho uma pasta... com uns papéis... mas há anos que...

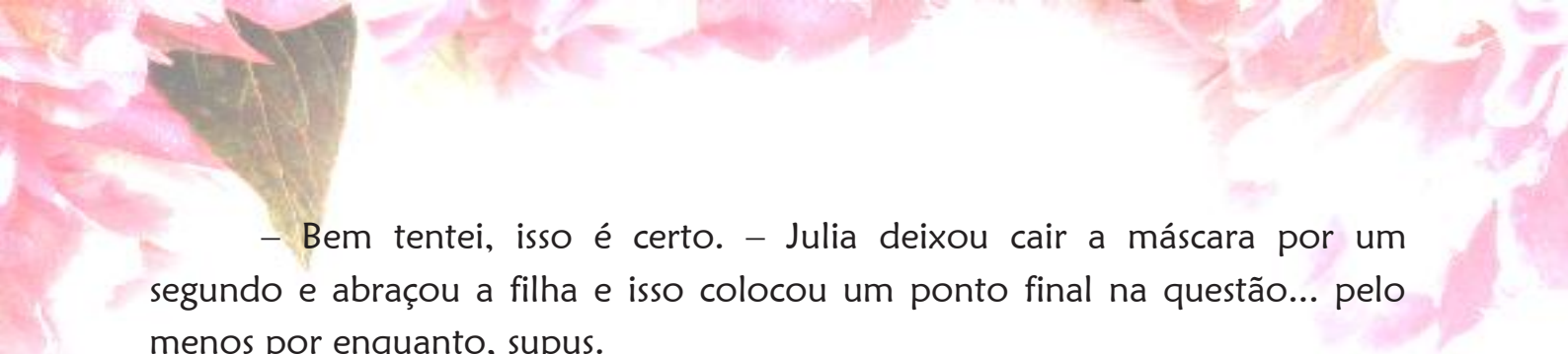
Emily e eu percebemos, creio, que Julia teria sido capaz de recitar de cor cada informação que estava naquela pasta, se quisesse.

– *Okay*, é só para o caso... – Emily não completou a frase.

– Bom, espero que seja o fim deste assunto. – Julia fungou. – Para quê remexer no passado e transtornar as pessoas? – Suspeito que se referia a ela mesma, mais do que a qualquer outra pessoa.

– Bom, Julia, foi extraordinário da sua parte contar tudo isto à Emily. É preciso coragem. – Sorri. – Mas com certeza que está confiante do amor que a senhora e a sua filha partilharam todos estes anos.

– E deves estar. – Emily tinha os olhos cheios de lágrimas. – Tens sido a melhor mãe que qualquer pessoa podia desejar.



– Bem tentei, isso é certo. – Julia deixou cair a máscara por um segundo e abraçou a filha e isso colocou um ponto final na questão... pelo menos por enquanto, supus.

A seguir pus-me a caminho de Ashford, para ver o tormento que *Bartholomew* estava a infligir ao pobre Denis.

Assim que parei junto ao caminho, o cão esforçou-se ao máximo por me dizer o que se passava. Correu ao meu encontro, ladrando para mostrar que estava irritado, mas não comigo, creio, pois travou de repente e estacou de uma forma que me teria deixado muito orgulhosa se o tivesse feito com a minha mota, fazendo voar lama para todo o lado. Depois começou a abanar a cauda a uma velocidade estonteante, como quem dizia, «Entra depressa para resolveses isto».

– Olá, *Bart*. – Fiz-lhe uma festa, cocei-o atrás da orelha e dei-lhe um biscoito.

– *Ão, ão. Ão, ão, ão* – foi o que ouvi em resposta, mas suspeito que, traduzido, seria algo do género: «Nem vais acreditar no que ele fez. Vais só ver.»

– *Okay*, rapaz, que se passa afinal? – perguntei, tirando a mala da caixa na parte de trás da mota. – Anda lá, mostra-me onde é o problema. Lindo menino!

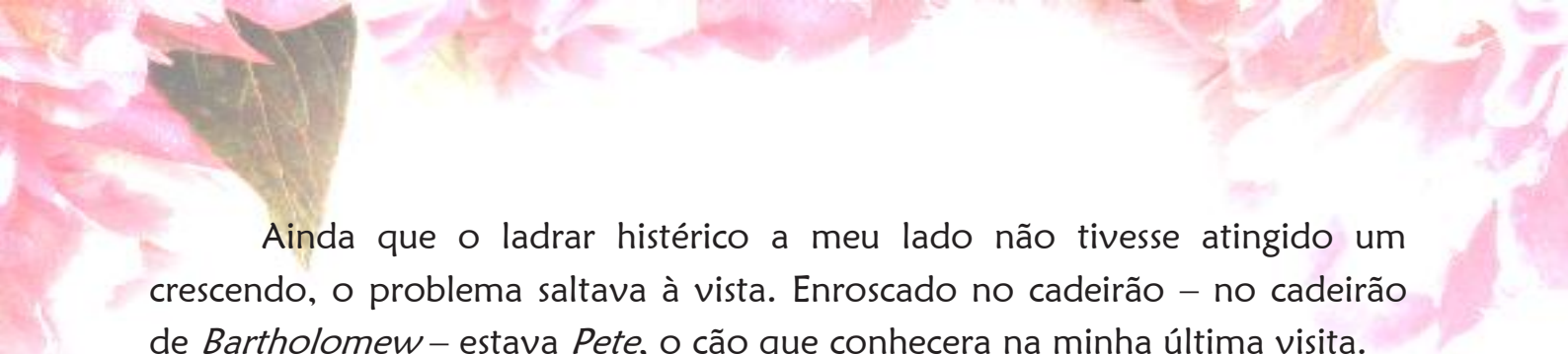
Todo o caminho, não parou de correr à minha frente, ladrando desenfreadamente. Depois voltava a correr para junto de mim e olhava-me como se dissesse, «Despacha-te! O assunto é sério».

Denis estava à minha espera no quintal. Reparei que tinha um ar um pouco mais frágil, ou talvez fosse a severa luz invernal que emprestasse ao seu rosto um tom mais pálido.

– Dinny, como está?

– Estou ótimo, Lulu, mas o mesmo não se pode dizer dele. – Apontou com o queixo para *Bartholomew*. – Não parou de ladrar desde que tudo isto aconteceu!

– Mas, afinal, que se passou? – perguntei ao mesmo tempo que chegávamos à cozinha. – Ontem foi muito vago ao telefone.



Ainda que o ladrar histérico a meu lado não tivesse atingido um crescendo, o problema saltava à vista. Enroscado no cadeirão – no cadeirão de *Bartholomew* – estava *Pete*, o cão que conhecera na minha última visita.

– *Okay*, já estou a ver o que está a provocar toda esta confusão. – Larguei o casaco e tratei de *Bart* primeiro, avançando na direção dele com uma atitude determinada, usando um comando para o fazer parar e depois forçando-o fisicamente a recuar, até que enfiou a cauda entre as pernas e desapareceu debaixo da mesa, onde ficou sentado com cara de tacho, olhando ora para mim ora para Dinny.

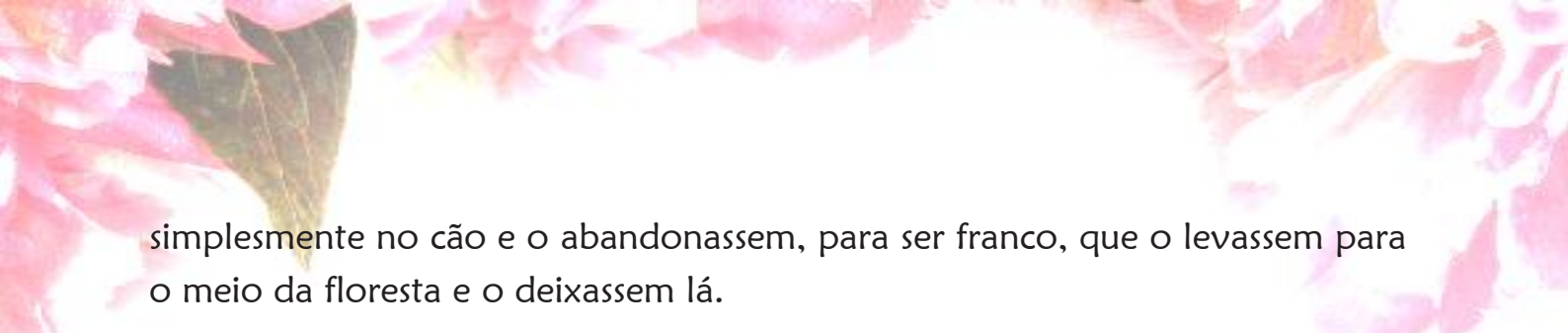
– Ainda bem que pôde vir. Já estou demasiado velho para isto. – Dinny suspirou. – Vai um chá para aquecer os ossos, Lulu? Hoje temos um dia bem frio.

– Pode ser, o frio hoje parece de facto entranhar-se nos ossos. – Aproximei-me da lareira, mas como só há pouco fora carregada de turfa, não emitia ainda muito calor. – Então, conte-me lá o que se passa.

– O que se passa é que o *Pete* ia ser mandado para o canil. Os vizinhos decidiram que ficar com ele dava muita maçada e ficava muito dispendioso, muito embora apenas lhe deem restos e ele passe a maior parte do tempo preso. – Dinny coçou a cabeça. – Por isso pedi-lhes que o deixassem comigo por um dia ou dois enquanto pensava no assunto. Alguns desses abrigos já estão sobrelotados e há outros em que mandam abater os animais, pelo que ouvi dizer.

– Bom, eu sei que, tal como em qualquer outra área, há gente menos honesta à frente de alguns abrigos de animais, mas, na sua maioria, as pessoas que trabalham nesses sítios merecem uma medalha. O problema é que os fundos dessas organizações são sempre muito apertados e, infelizmente, as pessoas abandonam e maltratam animais todos os dias e depois os abrigos é que ficam com a batata quente nas mãos.

– Eu compreendo isso, mas os meus vizinhos são uma gente estranha. Não se dão bem com ninguém por aqui, a não ser comigo, e apenas porque eu faço um enorme esforço. Na verdade, pode dizer-se que me imponho um bocado. – Soltou uma gargalhada. – Estava com medo que eles pegassem



simplesmente no cão e o abandonassem, para ser franco, que o levassem para o meio da floresta e o deixassem lá.

– Com certeza que não o fariam, pois não? – Porém, era uma situação que acontecia com muita frequência.

– Se calhar, tem razão, mas não queria correr esse risco. Conheço o *Pete* desde cachorrinho. – Verteu uma substância viscosa semelhante a alcatrão para uma caneca, acrescentou-lhe leite e açúcar sem me perguntar se queria e pousou-a junto a mim. – Aquele cão teve uma vida dura. Eu testemunhei-o com os meus próprios olhos. – Dinny abanou a cabeça. – E eu diria que tem as cicatrizes que o provam. Não que os donos fossem cruéis com ele, atenção. Era mais negligência, desleixo. Hoje em dia, cães como ele não têm grande utilidade numa quinta. Já quase não se veem cães pastores. Os gatos caçam ratos, as galinhas dão-nos ovos, mas a única coisa que um cão faz é alertar-nos e, à medida que envelhecem e ficam duros de ouvido, nem para isso servem.

– Mas são uma excelente companhia, não são?

– Claro, a Lulu e eu sabemos disso. – Sentou-se pesadamente. *Pete* deixara-se enxotar do cadeirão sem levantar qualquer problema; não ia arriscar a pele, com certeza. Depois de tanto tempo mantido na rua e preso, já era um luxo estar debaixo de teto e num sítio quente, supus.

– Que pensa fazer com ele agora? Precisa mesmo de outro cão? – *Bartholomew* já lhe dava água suficiente pela barba e a verdade é que Denis não estava propriamente a ficar mais novo.

– Estava com esperança que a Lulu ficasse com ele – respondeu, adotando o mesmo ar suplicante que o seu cão me lançara ao chegar.

19

– ESTÁ A BRINCAR? Mal consigo tomar conta de mim mesma! – exclamei com uma risada nervosa.

Pete olhava-me com uma expressão de adoração ou, pelo menos, era dessa forma que eu a interpretava. O olhar dele, em conjunto com o ar de *Bart*, pedindo-me encarecidamente, «Por favor, leva-o», e como o olhar penetrante de Dinny, como quem dizia, «Vá, no fundo, sabe bem que é isso que quer», pareciam unir-se para conspirar contra mim. Quem disse que os animais não entendem o que se passava em redor deles?

– Quando a conheci, naquele dia em que o *Bartholomew* lhe destruiu o sofá, a Lulu disse que queria arranjar um cão – alegou Dinny com um ar de quem me estava a fazer um favor.

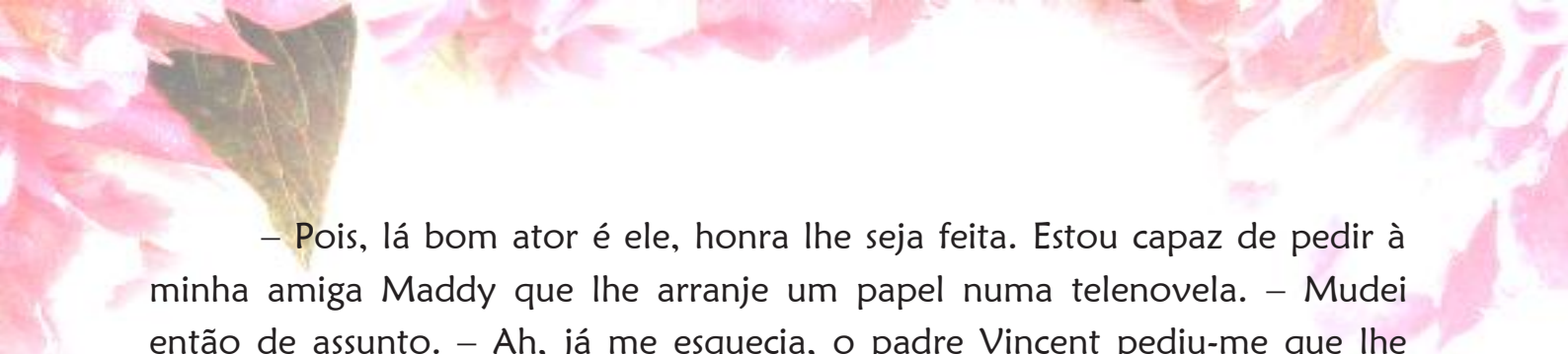
– Talvez, mas um cachorro... Não o rafeiro mais sujo e escanzelado que alguma vez vi.

– Chiu, ele é sensível em relação ao seu peso. – Dinny riu com vontade. – Como todos os homens. – Deu umas palmadinhas na barriga. – Pense nisso enquanto bebe o seu chá. E tenho a certeza que por baixo daquela sujidade toda tem um pelo brilhante e bonito.

– *Okay*, obrigada por não me pressionar – respondi num tom irónico, lançando-lhe um olhar fulminante. – Estou a ver que foi por isto que me arrastou até aqui.

– Ora, nada disso. É claro que, se ficar com ele, vou precisar da sua ajuda aqui com este cavalheiro, que está com um ar como se eu estivesse prestes a enviá-lo para um campo de concentração.

Olhámos ambos para debaixo da mesa, onde *Bart* receberia sem dúvida uma ovação de pé para o ar mais abatido que jamais se vira.



– Pois, lá bom ator é ele, honra lhe seja feita. Estou capaz de pedir à minha amiga Maddy que lhe arranje um papel numa telenovela. – Mudei então de assunto. – Ah, já me esquecia, o padre Vincent pediu-me que lhe dissesse que conhece as suas amigas e que se mantém em contacto regular com elas. A Joan vai muito bem e a Catherine entrou para a universidade. Para Medicina.

Fiquei surpreendida ao vê-lo tão desconcertado com as novidades.

– Ela vai ser médica? – perguntou, incrédulo.

– Parece que sim. Isso é bom, não é? É óbvio que se saíram ambas muito bem.

– Sim, sem dúvida que sim. – Olhava fixamente as chamas. – E sem qualquer ajuda da minha parte.

Reparei que ficara pálido.

– Quer contar-me o que se passa, afinal? – «Aqui vamos nós de novo», pensei. – É que pressinto que elas são importantes para si, mas parece-me que o Dinny está a combater isso, por alguma razão. Estou certa? – Levantei-me para colocar a chaleira ao lume e acrescentar água à mistela espessa que estava no bule. Aproveitei para despejar o chá superforte e doce que ele me servira. Contudo, na verdade, estava apenas a dar-lhe algum espaço.

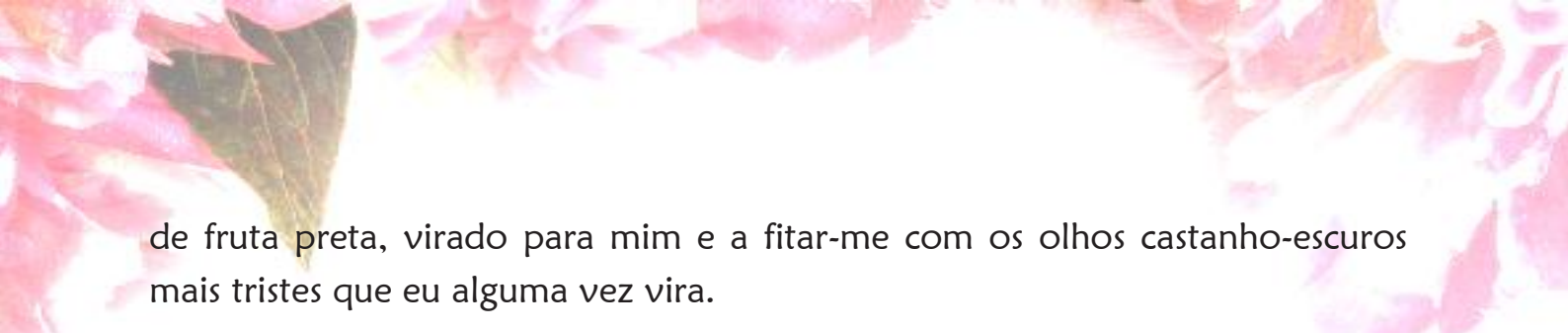
Quando pensava que ele não iria revelar nada, Denis disse:

– A Catherine é minha filha.

Ao olhar para ele, vi lágrimas correrem-lhe pelo rosto e, mais uma vez, sem querer, estava envolvida noutra história entre pais e filhos que não era simples, tal como a minha.

– Mas, Dinny, isso é maravilhoso! Deve estar tão orgulhoso? – Decidi ignorar a história por um momento e tentar dar-lhe uma razão para me contar. – Com certeza que será o sonho de qualquer pai ter um filho ou filha médico? Como era antigamente ter um padre ou uma freira na família.

Servi-me de mais uma caneca de chá, enchi a dele, e sentei-me a brincar com *Pete* para lhe conceder mais tempo. Era óbvio que o pateta do rafeiro sabia que devia causar boa impressão, pois deitou-se no chão com a cabeça entre as patas e as orelhas afiladas, o focinho, semelhante a uma goma



de fruta preta, virado para mim e a fitar-me com os olhos castanho-escuros mais tristes que eu alguma vez vira.

– O focinho dele é parecido com o de um Westie – disse para Dinny. – Mas o formato do corpo não.

– Pois, não há dúvida de que é arraçado, mas há mais de Collie nele do que qualquer outra coisa. – Estendeu a mão e o cão deslocou-se com tal velocidade que era óbvio que estava desesperado por afeto. Só ficou junto de Dinny por um momento, porém, apesar de tanto ansiar por carícias. Em vez disso, regressou para perto do mim e deixou-se cair em cima dos meus pés com um suspiro, olhando para mim como se dissesse: «Eu não daria trabalho nenhum, a sério que não.»

Bolas, sabia onde o raio do cão ia morar a partir daquele momento e não era em Ashford.

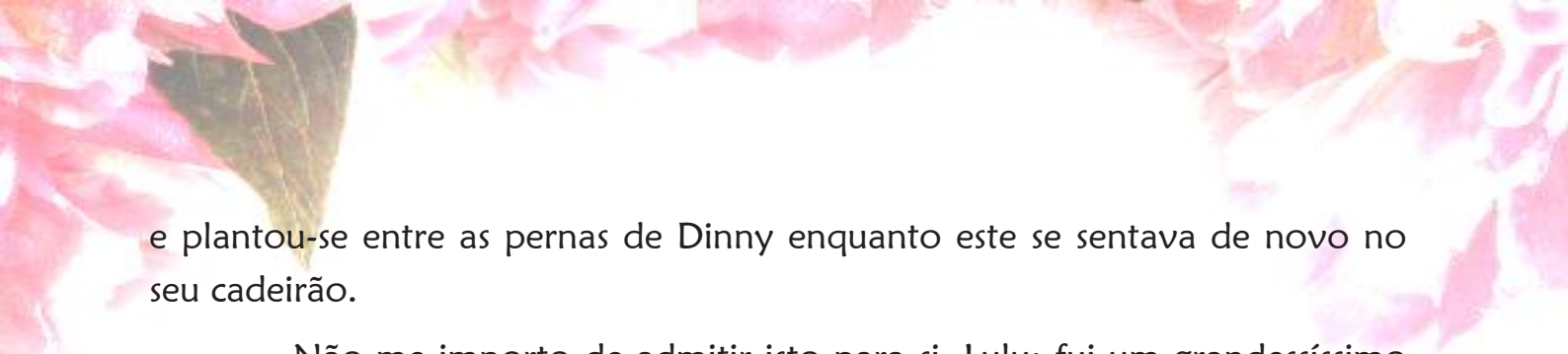
– Quer que o deixe em paz, Dinny, e venha visitá-lo mais para o final da semana?

Foi como se não me tivesse ouvido.

– Fico contente por saber – afirmou ele. – E estou encantado por ter sido a Lulu quem me trouxe a novidade.

– Foi um choque para si?

– Foi, sim, para ser sincero. Não as vejo desde que a Catherine tinha quatro anos ou por volta disso. – Parecia ter envelhecido dez anos no mesmo número de minutos. – A Joan e eu namorávamos há cerca de dois anos quando ela descobriu que estava grávida. Escusado será dizer que ficámos desorientados. Eu era um garoto, muito embora tivesse acabado de fazer quarenta anos, acredita? E por aqui a gravidez fora do casamento era ainda um escândalo, em especial no parecer dos meus pais. A Joan era quase vinte anos mais nova do que eu e a minha mãe não gostava dela nem um pouco, a verdade é essa. Por isso, a Joan foi para Cork e teve a menina lá e depois regressou e ficou em casa dos pais durante mais ou menos um ano. – Levantou-se e pôs mais turfa na lareira. Suspeitei que voltar a reviver a história era muito doloroso para ele. *Bart*, pelos vistos, era da mesma opinião, pois deslizou de debaixo da mesa, esperando que ninguém reparasse,



e plantou-se entre as pernas de Dinny enquanto este se sentava de novo no seu cadeirão.

– Não me importo de admitir isto para si, Lulu: fui um grandessíssimo covarde na altura. Devia era ter enfrentado os meus pais e casado com ela e mais nada. Mas não o fiz e, às tantas, ela já não conseguia suportar os rumores e as risadinhas nas suas costas e fez as malas e foi viver para Londres.

– E o que fez o Dinny então?

– Fiz o que a maioria dos homens na Irlanda rural daqueles tempos fazia naquelas circunstâncias: segui em frente com a minha vida como se nada tivesse acontecido. E, durante um tempo, a bebida ajudou-me a esquecer. Não foi horrível da minha parte? – perguntou ele sem olhar na minha direção.

– Tenho a certeza que fez o melhor que podia, Dinny. Eram tempos diferentes. Não seja demasiado severo consigo mesmo.

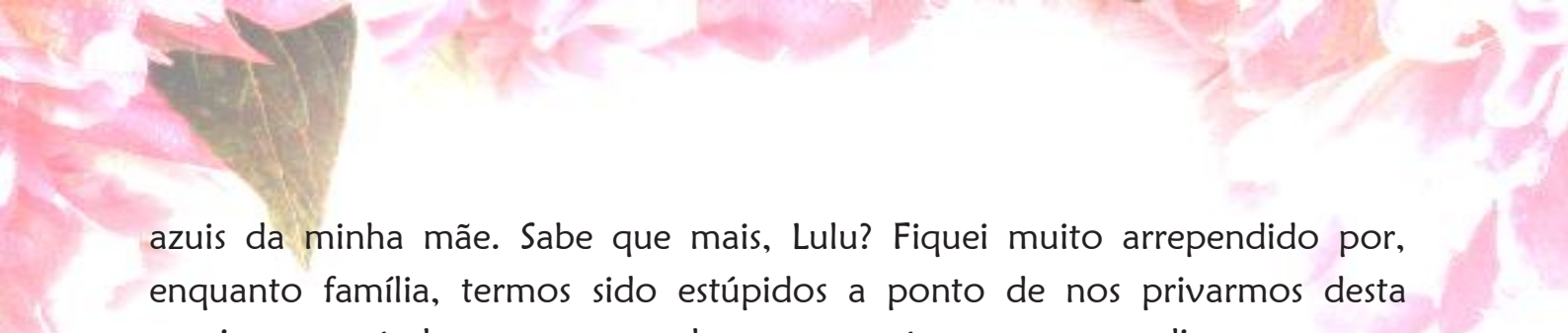
– Eu sei, mas mesmo assim, não é desculpa. Uns anos mais tarde, a minha mãe sofreu um ataque de coração e morreu no espaço de uma semana. Foi um choque e tanto, só lhe digo. Quando o funeral terminou, entrei em contacto com a família da Joan e descobri onde ela estava e disse ao meu pai que ia resolver aquele assunto de uma vez por todas.

– E que disse ele?

– Nada de especial, já sabe como são os homens. «Faz o que tu quiseres, mas não envergonhes a memória da tua mãe», foi tudo o que ele disse, se não estou em erro; mas eu estava determinado. – Bateu com o pé no chão com força para ilustrar as suas palavras e por pouco não ficava com um cão com uma lesão cerebral entre as pernas. – E lá parti eu em busca delas e, resumindo e concluindo, ela mandou-me embora. Recusou-se a ter o que quer que fosse a ver comigo. Ninguém pode censurá-la por isso.

– Que fez então, Dinny?

– Deixei-me ficar por lá uns dias, comprei flores, mandei-lhe bilhetes, o do costume, mas ela não queria nem ouvir falar de mim. Um dia, fiz-lhe uma espera à porta de casa e supliquei-lhe que me desse outra oportunidade. Foi então que vi a criança, uma menina linda cheia de caracóis e com os olhos



azuis da minha mãe. Sabe que mais, Lulu? Fiquei muito arrependido por, enquanto família, termos sido estúpidos a ponto de nos privarmos desta menina encantadora por causa do que as outras pessoas podiam pensar. – Sorriu. – Ainda hoje a estou a ver; estava de mão dada com a mãe e aos pulinhos, feliz da vida... Bom, a Joan disse-me, sem meias palavras, que eu as desiludira e que já não precisava de mim para nada. Sentindo-me o homem mais desgraçado e infeliz do mundo, dirigi-me ao *pub* mais perto, bebi até cair e regressei a casa com o rabo entre as pernas. – Recostou-se no cadeirão. – É esta a minha história, e sabe uma coisa? É a única coisa na vida que lamento até aos dias de hoje.

– Desde então, não teve mais qualquer contacto com elas?

– De vez em quando enviava um cheque chorudo. Mesmo naquele tempo, dinheiro nunca me faltou. Mas os cheques nunca foram depositados. Ela era uma rapariga orgulhosa, isso é certo, e eu magoei-a muito ao recusar-me a ficar do lado dela nas alturas mais conturbadas.

– Então, porquê agora? – perguntei.

– Ah, por muitas razões, mas principalmente por egoísmo, para lhe ser sincero. Estou velho, já não me resta ninguém...E pensar que acabou de me dizer que tenho uma filha que vai ser médica. E não seria hoje um pai babado, na igreja, ao domingo, se naquela altura não tivesse sido tão estúpido?

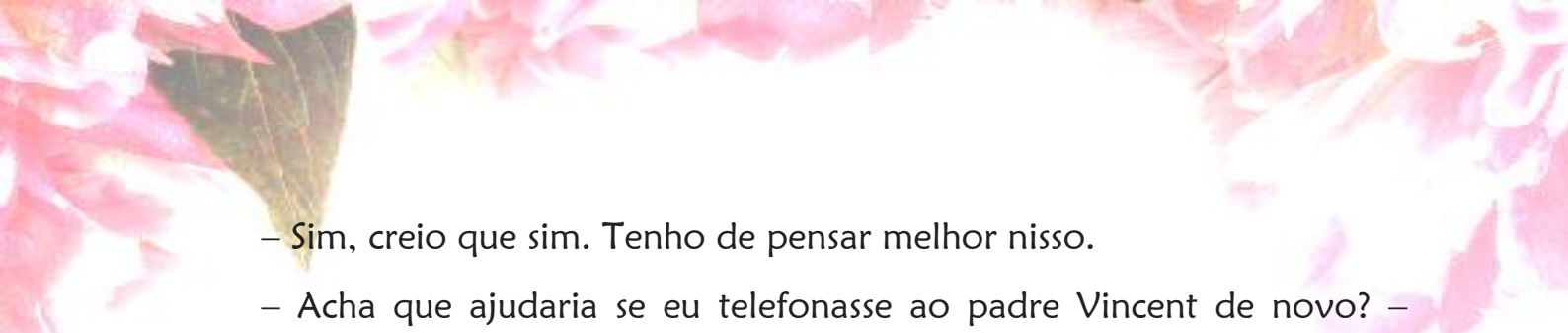
– Lamento muito. – Estava a ser sincera. Denis era um homem adorável que cometera um erro. – Mas talvez agora seja a altura certa para tentar de novo corrigir o seu erro.

– Ora, ora, a Joan é ainda uma mulher jovem. E de certeza que continua muito bonita. Aposto o que quiser. Em nova era uma beldade. – Sorriu, recordando. – O mais provável é que tenha casado com um milionário. E criou uma excelente jovem, pelo que a Lulu me disse. Por que carga de água haveria ela de querer ter alguma coisa a ver comigo?

– Bom, nunca saberá até ter tentado, não é verdade?

– Em poucas palavras, tenho medo, Lulu. E se ela se rir na minha cara?

– Não valerá a pena arriscar? – inquiri.



– Sim, creio que sim. Tenho de pensar melhor nisso.

– Acha que ajudaria se eu telefonasse ao padre Vincent de novo? – Não podia acreditar que estivesse de novo a imiscuir-me em mais um problema familiar complicado. – Podia pedir o conselho dele, em confiança.

– Faria isso por mim?

– Faria, se isso o ajudar. Todavia, mais cedo ou mais tarde, terá o Dinny de tomar as rédeas da situação. Não pode esconder-se atrás de mim para sempre.

– Eu sei, mas talvez se a Lulu conseguisse descobrir mais alguma coisa... Pode dizer ao padre o que quiser, só para o ajudar.

– Está bem, fique descansado. Telefone-lhe assim que tiver notícias. Agora, é melhor ir andado. – Bebi o resto do chá, já frio, de um só gole e levantei-me.

– Então, sempre vai dar a este pobre coitado uma oportunidade? – perguntou ele.

– Esse «pobre coitado», como o Dinny lhe chama, seria capaz de fazer gato-sapato de nós os dois, creio bem.

– Olhe, faça uma experiência durante uma semana. Se depois disso não o quiser, eu aceito-o de volta. Combinado? – Estendeu a mão.

– Nem pensar. Preciso de tempo para pensar.

– Mas que tem a perder?

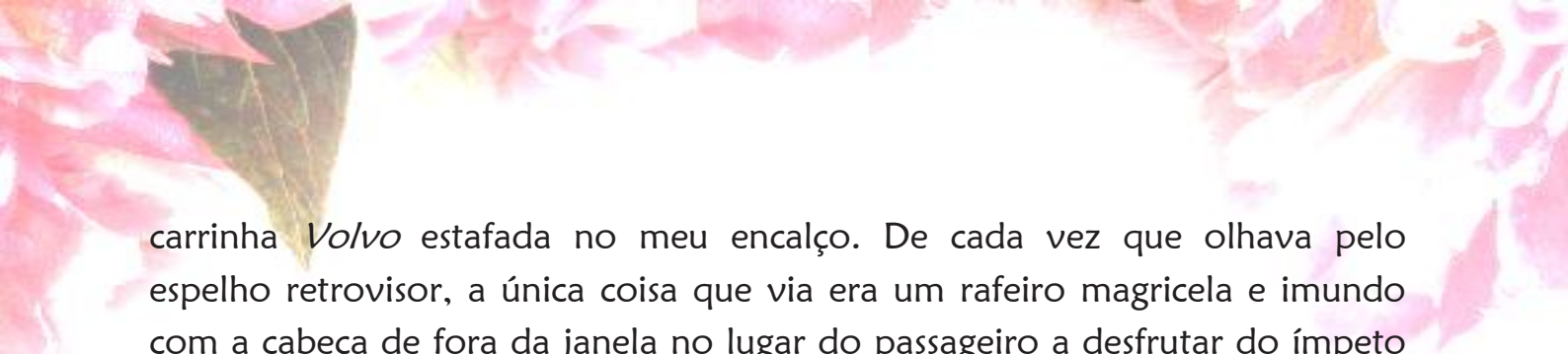
– Vim de mota, Denis Cassidy. Não posso levar um rafeiro no assento de trás.

– Eu vou de carro atrás de si. A Lulu mora em Bray, também não é assim tão longe.

– Não.

– Vá lá, que tem a perder?

Dez minutos mais tarde, depois de *Bartholomew* nos ter conduzido portão fora como se fôssemos ovelhas, acelerei pela M11 com um idoso numa



carrinha *Volvo* estafada no meu encalço. De cada vez que olhava pelo espelho retrovisor, a única coisa que via era um rafeiro magricela e imundo com a cabeça de fora da janela no lugar do passageiro a desfrutar do ímpeto do vento muito mais do que eu.

Sabia que esta experiência iria ser um sucesso imediato ou um desastre completo e o meu instinto dizia-me que era melhor não apostar no primeiro.

20

A ÚNICA COISA QUE FALTOU FOI DENIS descer o vidro por completo e lançar o cão para o meu alpendre com um pontapé no traseiro, tal era a sua vontade de se pisgar.

– Posso oferecer-lhe uma chávena de chá, Dinny? – perguntei. Nunca o vira recusar um chá, por isso estava desejosa de perceber ao certo o quão ansioso ele estava por se ver livre do cão.

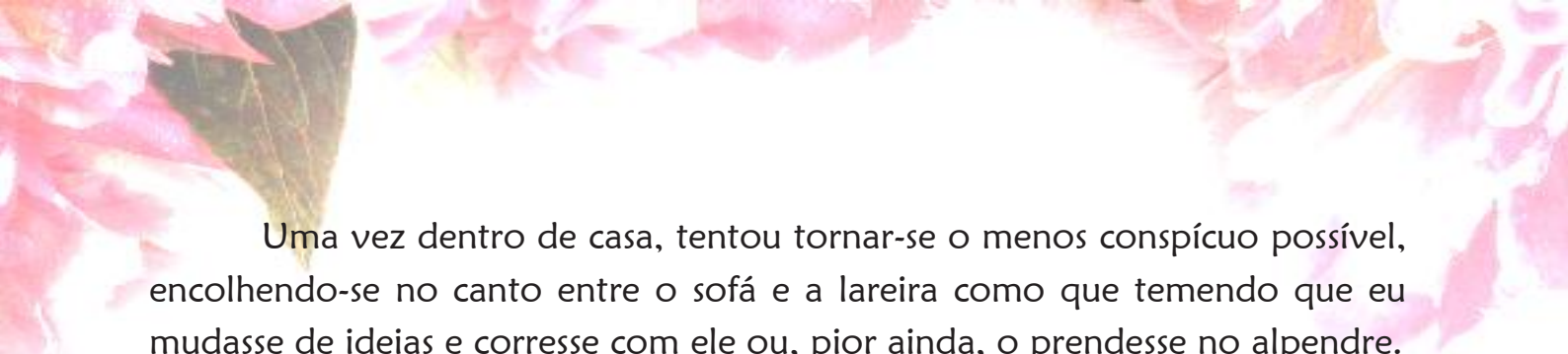
– Oh, mais uma gota e a minha bexiga explodirá. – Todo ele era animação. – Depois telefona-me a dizer como se está a dar? – Acelerou. – Ele não lhe dará trabalho nenhum, prometo.

O barulho de um motor a altas rotações foi tudo o que ouvi enquanto as rodas do *Volvo* cuspiam o pó de Bray.

De repente, olhei para mim mesma: com um capacete muito giro na cabeça, um corta-vento amarelo-canário e botas enlameadas, a viver numa casa móvel no paraíso dos parques de diversão e com um cão esquelético de estirpe duvidosa como companheiro.

Mesmo na hora H, ele dirigiu-se a mim com um olhar muito crédulo e sentou-se em cima das minhas botas como quem dizia, «E agora, companheira?» Raio, aqueles olhos eram quase humanos! Observar-nos pela perspetiva de um estranho fez-me sentar nos degraus do alpendre e rebentar de riso perante o que me tornara. A minha vida não era para gente medrosa.

– Bom, parece que, por agora, estamos entregues um ao outro, mas quem manda aqui sou eu, estamos entendidos?– Mexi o pé e ele, relutantemente, levantou-se, mas permaneceu colado a mim quando me dirigi para a porta.



Uma vez dentro de casa, tentou tornar-se o menos conspícuo possível, encolhendo-se no canto entre o sofá e a lareira como que temendo que eu mudasse de ideias e corresse com ele ou, pior ainda, o prendesse no alpendre.

Não fazia a mínima ideia de como iria cuidar dele durante o dia. Esse era o primeiro problema. Sabia que precisava de ajuda, por isso, ordenei-lhe que se portasse bem e corri à loja de animais mais próxima, tendo antes telefonado para o consultório a avisar que não demoraria.

O tipo da loja riu a bandeiras despregadas quando lhe disse que precisava de levar o meu cão para o trabalho numa mota. Ao ver o meu ar de hoje-é-melhor-não-se-meterem-comigo, deu meia volta aos sapatos e enfiou-se no armazém.

– Tem a mota lá fora, menina?

– Não, na verdade, só uso este capacete e blusão almofadado como afirmação de moda – retorqui.

– Muito engraçada. *Okay*, deixe-me lá ver a mota.

Murmurou e balbuciou durante dois minutos, colocou-me uma infinidade de perguntas acerca do tamanho e peso do cão e no fim disse:

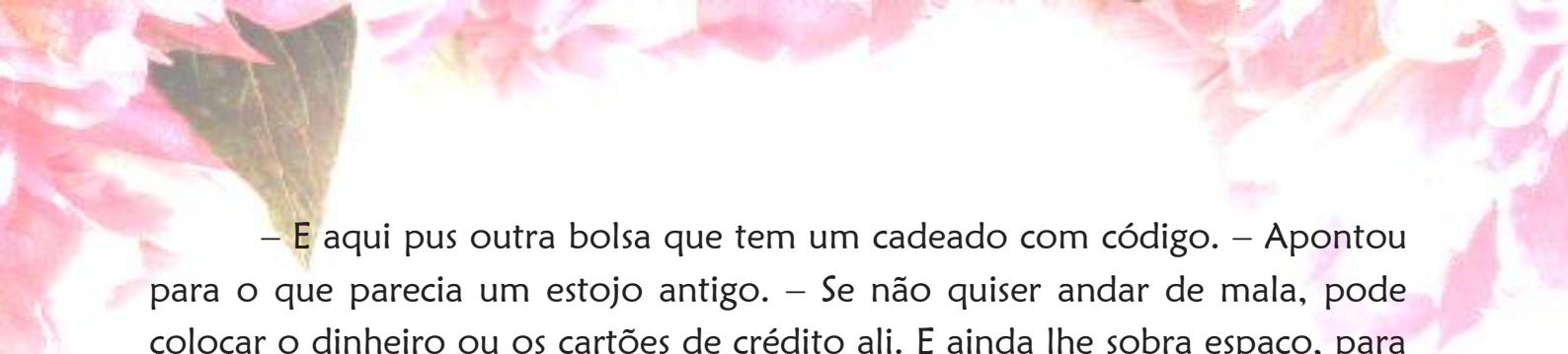
– Sim, sou capaz de ter uma coisa que talvez resulte. Vá tomar um café e volte daqui a uns vinte minutos.

Fiz o que me pediu e, quando regressei, ele tinha uma espécie de grade sobre uma plataforma presa à parte da frente da mota. Era destacável e tinha uma tampa que dobrava completamente para trás.

– Só precisará da tampa se o tempo estiver muito mau ou, por exemplo, se quiser guardar comida lá dentro – explicou-me ele, e eu preferi não lhe dizer que, a menos que mandasse rapar o pelo emaranhado de *Pete*, teria de me sentar em cima da tampa para a fechar. O homem até fixara uma espécie de minicinto de segurança no interior da caixa e forrara-a com um cobertor estampado com pegadas de cão.

– E aqui de lado, repare, tem uma pequena bolsa em plástico onde pode colocar uns biscoitos ou uns petiscos – referiu ele. – Nada mau, hã?

– Nada mau? Você é um génio. – A minha admiração por ele não conhecia limites.



– E aqui pus outra bolsa que tem um cadeado com código. – Apontou para o que parecia um estojo antigo. – Se não quiser andar de mala, pode colocar o dinheiro ou os cartões de crédito ali. E ainda lhe sobra espaço, para o batom, por exemplo. – Piscou-me o olho.

Fiquei de tal forma impressionada que lhe comprei também uma cama para cão, duas tigelas, champô, uma coleira e trela e um fornecimento de comida para *Pete*. Entreguei-lhe de bom grado grande parte do que ganhara naquela semana e ainda prometi colocar um anúncio no meu gabinete a recomendá-lo para trabalhos especiais.

– E se a caixa não resultar, traga cá o cão que eu tento adaptar outra coisa. – Continuava a acenar-me adeus quando fiz a curva com uma mochila cheia de produtos às costas e a estranha sensação de que eu e a bola de pelo éramos uma família.

De regresso a casa, larguei a tralha e decidi experimentar a caixa. O cão ficou delirante ao ver-me e quando o chamei para junto da mota e apontei para a caixa, ele permaneceu imóvel por uns segundos, como que a assegurar-se do que eu lhe pedira, e depois fez um pouco de marcha atrás e deu um pulo digno de uma tira de banda desenhada, aterrando com um chape dentro da caixa, a cauda para fora a abanar alegremente.

Prendi-o, tranquei a porta de casa e arranquei caminho abaixo a passo de caracol. Ele não parava de olhar para mim, a língua rosada e húmida a pender da boca, os olhos sorrindo como se dissesse, «Vá, não seas mariquinhas. Pé no prego!».

Na cidade, as pessoas apontavam e riam. Eu tentei ignorá-las, mas *Pete* só faltou acenar-lhes. Ladrava todo satisfeito a quem quer que lhe sorrisse, o pelo todo colado ao focinho. Tenho a certeza que, ao mesmo tempo, pensava, «Finalmente, a minha sorte mudou». Dali a poucos minutos, também eu acenava e buzina. Era sem dúvida uma das viagens mais divertidas que já fizera para o trabalho. Até dois camionistas com ar de burgessos apitaram e riram.

Chegados ao consultório, transformou-se de novo num campeão em obediência, nunca correndo à minha frente ou detendo-se para farejar, como se temesse que eu o deixasse para trás.

– Oh, meu Deus, ele é tão giro! – exclamou a nossa rececionista, habitualmente tão reservada e protocolar, emergindo inclusive de detrás da secretária. Até agora nunca interagira com qualquer dos meus clientes. – Ui, mas cheira mal! – Recuou de imediato. – A quem pertence?

– A mim, por uma semana, pelo menos – disse-lhe. – Nem pergunte. Caí no conto do vigário de um burlão que se fez passar por idoso indefeso.

– A pior espécie. – Sorriu. – Aqui tem os seus recados. Quer que vá buscar água para ele? Como chama, a propósito?

– *Pete*. Sim, se faz favor – respondi.

– Anda então, *Pete*. És tão giro que sou capaz de ter um petisco para ti na cozinha – disse Mary, mas ele recusou-se a sair do meu lado até eu lhe dar permissão.

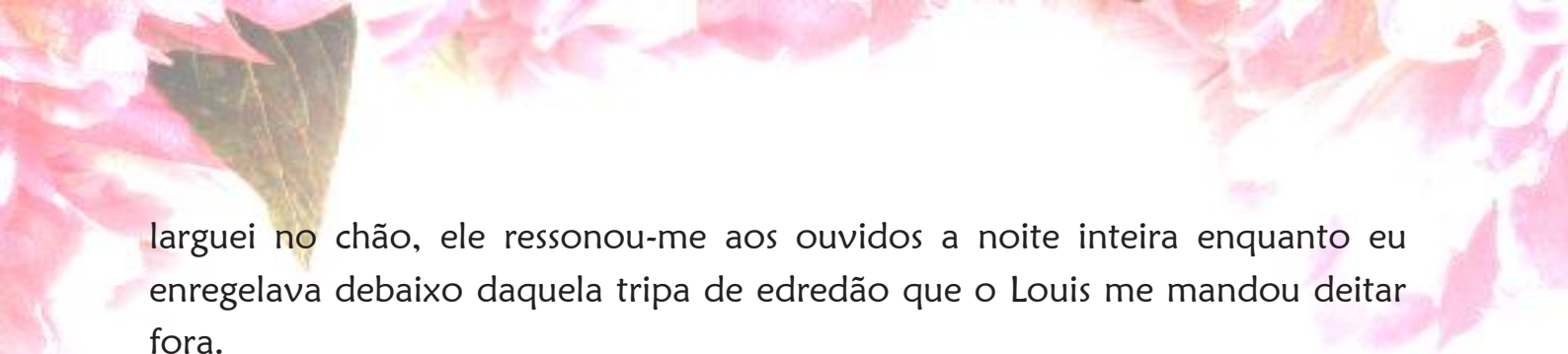
– Podes ir, vá. Lindo menino. – Fiz sinal que seguisse Mary e ele lá foi atrás dela, mas vacilante e sempre a olhar para trás para se assegurar de que eu ainda ali estava.

– Ah, é verdade, Mike telefonou a perguntar se teria tempo para o atender esta tarde, por volta das quatro e meia? Eu respondi que sim, depois de ter consultado a sua agenda, mas disse-lhe que assim que a Lulu voltasse eu confirmaria a consulta. Não quis incomodá-la na sua consulta ao domicílio. Fiz bem?

– Na verdade, tinha combinado ir ter com Louis, o colega de apartamento dele. Isto é complicado, por isso, se não se importasse de não dizer nada a um acerca do outro... Só por enquanto – pedi. – Entretanto, eu ligo a Mike agora.

Louis cancelara a minha visita a casa dele, por duas vezes, por isso sabia que Mike estava a ficar desesperado. Liguei para o telemóvel dele e ele atendeu logo.

– O nome daquele cão devia ser Carlos, de tanto que se tem na conta de herdeiro ao trono – declarou ele sem perder tempo com conversa de circunstância. – Ontem à noite, quando cheguei a casa, estava a dormir na minha cama e, embora tenha feito tudo o que me disseste, recusou-se a sair. Quando por fim o tirei dali a poder de força braçal, edredão e tudo, e o



larguei no chão, ele ressonou-me aos ouvidos a noite inteira enquanto eu enregelava debaixo daquela tripa de edredão que o Louis me mandou deitar fora.

– Estou a ver que adoras esse edredão – gracejei. – Disseste-me que tinhas ficado zangado com o Louis por ter insistido que era piroso.

– Estás a ver, já estou a ficar como ele. Agora já só consigo dormir rodeado de penas de ganso. Não tarda, só quereirei coisas de marca.

– Duvido muito – argumentei. – A propósito, arranjei um cão. É emprestado, atenção. – Contei-lhe o que acontecera e depois garanti-lhe que iria estar com Louis e *Pedro* naquela tarde e isso acalmou-o um pouco.

– Então, com que rapidez podemos encontrar-nos a seguir para me contares como correu? Desculpa lá, sei que estou a pressionar-te, mas até já comecei a procurar outro sítio para morar.

– Está bem, já percebi. Que tal amanhã? – sugeri. – Hoje tenho o *Pete* comigo no consultório... Na verdade, tenho de o levar comigo quando for falar com o Louis, por isso a seguir terei de ir para casa para o levar a passear.

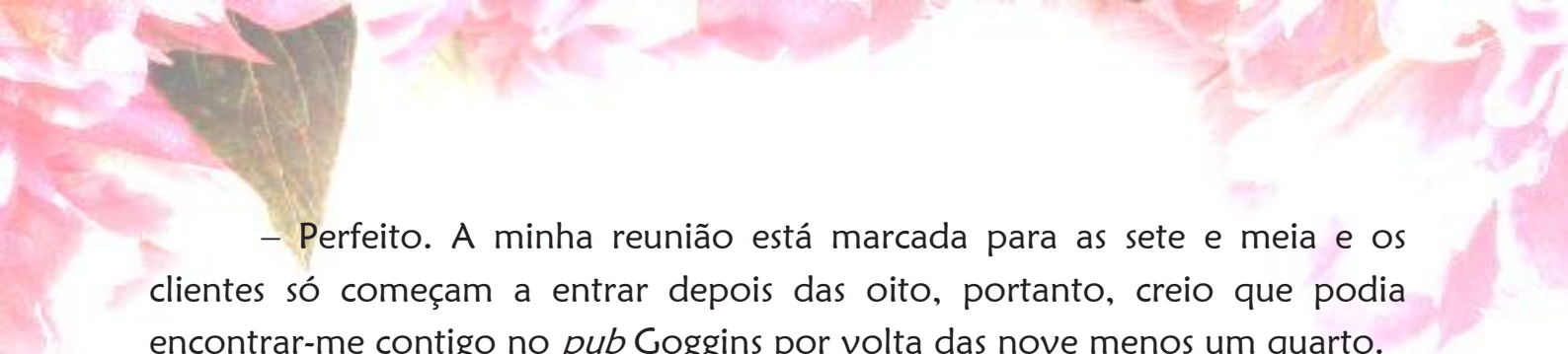
– A que horas vais ter com o Louis? É que a minha última reunião é com uma banda naquele *pub* em Shankhill onde tocámos naquela noite. Talvez pudesse passar por tua casa depois disso? Adoraria conhecer esse teu cão. Depois da minha experiência com o *Pedro*, aposto que será um prazer.

A proposta dele apanhou-me de surpresa. Mike era meu cliente, afinal de contas, e eu não queria ultrapassar nenhum limite. Se bem que, com ele, os limites já estavam bastante baralhados.

– Está... bem – respondi hesitantemente.

– Ou então, podíamos encontrar-nos na cidade e dar um passeio pela marginal enquanto conversamos. – Parecia ter pressentido as minhas reticências. – E assim o teu cão também tem direito ao seu passeio higiénico.

– Excelente! – A ideia agradou-me. – Combinei com o Louis por volta das seis, portanto, tendo em conta que a conversa se poderá alongar um pouco, diria que pelas oito e meia já estarei despachada. É boa hora para ti?



– Perfeito. A minha reunião está marcada para as sete e meia e os clientes só começam a entrar depois das oito, portanto, creio que podia encontrar-me contigo no *pub* Goggins por volta das nove menos um quarto.

Era perfeito para mim também. Passei então uma hora sentada à secretária a trabalhar e *Pete*, mais uma vez, tentou tornar-se invisível, enroscando-se numa bola a um canto. Nem se mexia e até apostaria que receava ressonar, para não me incomodar. Assim que comecei a preparar-me para sair, cravou os olhos em mim como um falcão e, quando por fim eu disse, «*Okay*, anda daí», pulou de onde estava e quase tropeçou nas próprias patas com a pressa de se colar a mim, não fora eu partir sem ele.

A casa de Louis, no final de uma fila de outras tantas iguais, com duas assoalhadas no piso de cima e outras duas no de baixo, era bastante comum vista de fora; contudo, uma vez no interior, o visitante incauto deparava-se com um enorme cubo de vidro de dois andares nas traseiras, com vista para uma zona de água e canavial. Era uma área que sempre fora conhecida como a extremidade chique do canal, mas em anos recentes – sobretudo graças a uns quantos arquitetos supermodernos e premiados – tornara-se ainda mais famosa e elegante e procurada.

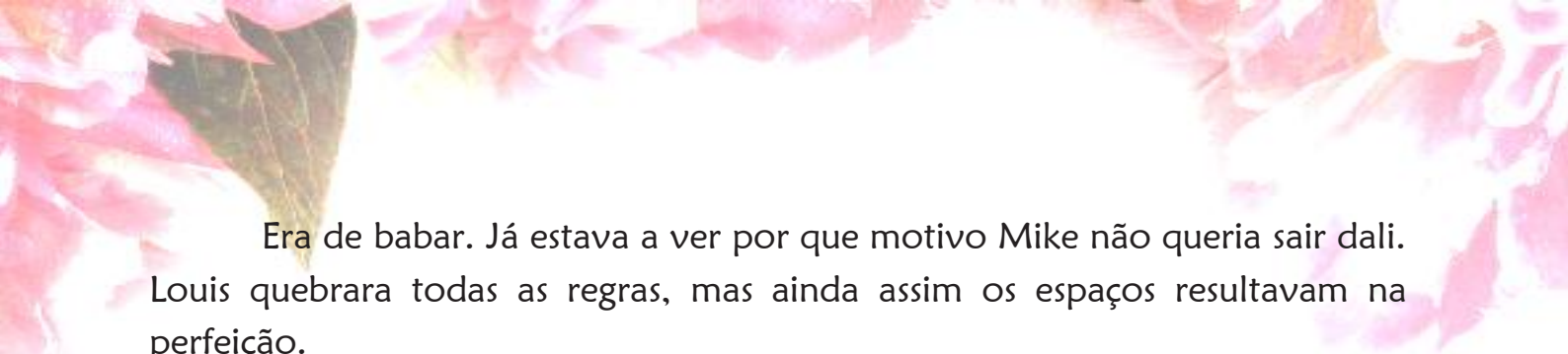
– Uau – comentei ao entrar. – Lá de fora ninguém diria...

– Era essa a ideia – retorquiu Louis, claramente encantado. – Não é fantástico?

De repente, *Pedro* avistou *Pete* e passou-se, muito embora *Pete* o tenha ignorado e se tenha encolhido a um canto junto à porta da frente, achando que a culpa era sua. Tive de recorrer a toda a minha experiência para obrigar *Pedro* a recuar. Coloquei-me à frente dele e avancei, forçando-o a andar para trás até à cozinha e à cama dele, mas *Pedro* não ficou satisfeito. Infelizmente, Louis não parou de o elogiar e de lhe afagar as orelhas; vi-me forçada a pedir-lhe que deixasse o assunto comigo.

– Louis, temos de conversar acerca deste tipo de comportamento – disse-lhe.

– Vamos, primeiro mostro-te a casa. – Percebi logo que não tinha vontade de enfrentar o problema. – Espera até veres o *deck*, parece estar suspenso por cima da água.



Era de babar. Já estava a ver por que motivo Mike não queria sair dali. Louis quebrara todas as regras, mas ainda assim os espaços resultavam na perfeição.

Conversámos enquanto desfrutávamos de um delicioso café, servido em chávenas de porcelana e extraído de uma máquina escondida na parede de uma cozinha que, de certeza, custara pelo menos cinquenta mil euros. Era o sonho de qualquer cozinheira. Até eu, rainha do tudo instantâneo, percebia isso.

– É melhor começarmos a conversar sobre o *Pedro*, se não, ainda corro com o teu inquilino e insisto em partilhar o apartamento contigo. – Não estava a mentir; o gosto dele era impecável e a atenção que dava aos pormenores de cair para o lado.

– Olha, querida, nem me tentes, pois o verdadeiro problema aqui é mesmo o Mike. – Louis deixou escapar um suspiro digno de uma produção do Abbey Theatre. – A sério que sim. O *Pedro* fica bem pior quando ele está em casa – argumentou quando viu as minhas sobrancelhas arqueadas. – Foi por isso mesmo que quis falar contigo sem a presença dele. Não sei o que fazer, francamente. Ele é um tipo ótimo, e passeia o *Pedro*, coisa que eu detesto fazer, mas não consegue aceitar que o cão é a minha alma gémea, de uma forma que não consigo explicar.

– Louis, eu entendo como te sentes, em especial com a morte do Emerson, mas a menos que dês ao teu cão exercício, disciplina e amor, não estás a fazer-lhe favor nenhum. E, na minha opinião, também estás a arranjar problemas para o futuro.

– O Mike foi fazer-te queixas, não foi?

Decidi evitar a pergunta.

– Louis, eu vejo com os meus próprios olhos. O cão julga que é igual a ti. Em alguns aspetos, diria até que acha que é superior a ti. Parece ter os mesmos direitos que tu em tudo, exceto talvez no que diz respeito à utilização da casa de banho. – Tentei gracejar para desanuviar um pouco o ambiente e não soar tão severa. – Alguém tem de ser o líder da matilha, caso contrário ele tomará conta de tudo e, mesmo que o Mike se mude daqui, qualquer pessoa que venha viver contigo terá os mesmos problemas. E se

arranjares um novo namorado? Não queres poder partilhar a tua vida com quem quer que seja sem teres de te preocupar com o *Pedro*?

– Quem partilhar a vida comigo terá de a partilhar também com o *Pedro* – respondeu Louis num tom petulante. Sabia que tinha de avançar com cuidado.

– Eu compreendo isso, mas para que isso resulte tu terás de estar no cimo da pirâmide, o Mike, ou quem quer que seja, a seguir, e o *Pedro* no terceiro lugar. Acredita em mim, Louis, isso não significa nem de longe menos afeto entre vocês. Significa apenas que tens de estabelecer limites para ele. Lamento, sei que não é o que queres ouvir, mas estás a pagar-me por um serviço e eu tenho de ser sincera contigo.

– *Okay*, estou disposto a tentar – declarou Louis ao fim de um tempo.
– Acho que tens razão, ele está a ficar mais exigente de cada vez que lhe faço a vontade.

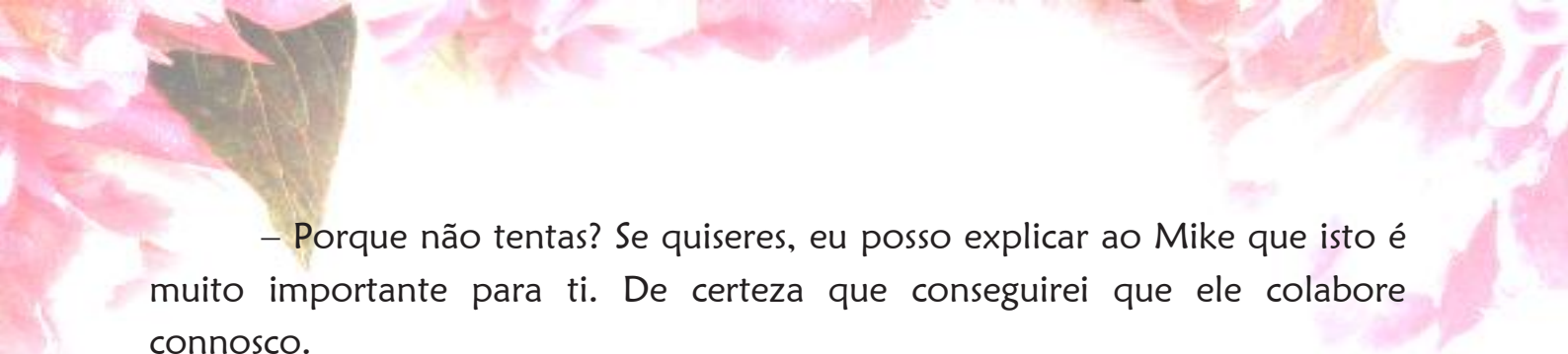
– É claro que está. Noto uma diferença enorme nele desde a última vez que nos vimos. – Decidi meter mãos ao trabalho. – Agora não esqueças que os cães vivem no presente, por isso não se apegam às coisas como nós, e isso é bom, pois significa que poderás começar desde já e que em breve verás resultados, prometo. *Okay*?

– *Okay*.

Pressenti que Louis também queria fazer isto; era mais fácil do que culpar Mike.

– Então, vou já dar-te algumas regras básicas. Em primeiro lugar, quando chegares a casa, não o cumprimentes até ele se ter acalmado. Ignora-o até a energia dele serenar e depois dá-lhe toda a atenção. – Percebi que Louis receava perder a devoção do cão, mas ignorei a expressão no rosto dele e persisti. – A seguir, podes também deixar que seja o Mike a alimentá-lo todos os dias...

– Aposto que se vai esquecer ou então que lhe vai dar porcarias! – Começou de novo a ficar agitado.



– Porque não tentas? Se quiseses, eu posso explicar ao Mike que isto é muito importante para ti. De certeza que conseguirei que ele colabore connosco.

– Fazias isso? Seria espetacular. – Descontraiu. Depois de mais alguns conselhos e de ter combinado que voltaria nas semanas seguintes para avaliar os progressos dos três, parti.

Só faltava mesmo conseguir que Mike se portasse bem.

21

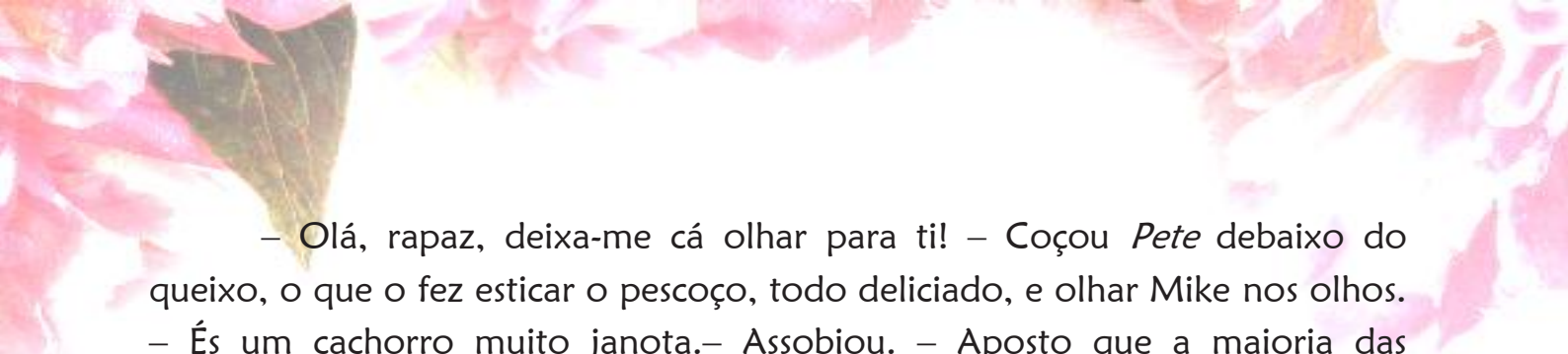
QUANDO NOS SENTÁMOS À ESPERA DE MIKE, olhei para *Pete* e lamentei não ter tido ainda tempo para lhe dar um valente banho. O pobre tinha um ar completamente negligenciado; dir-se-ia que a expressão «parece que viu bicho» fora inventada a pensar nele e o cheiro estava sem dúvida a piorar, por alguma razão, apesar da quantidade de *spray Jo Malone* que já desperdiçara nele.

Contudo, a ganhar algum prémio naquele dia, seria com toda a certeza o de cão modelo. Era extraordinário que um animal que fora ignorado durante a maior parte da vida e estivera acorrentado durante longos períodos soubesse como se comportar perto de pessoas. A minha teoria era que *Pete* depressa aprendera que causar o mínimo incómodo possível significava que também não se meteria em sarilhos; em resultado disso, estava naquele momento sentado, muito quieto, junto à minha perna, observando, mas sem fazer qualquer ruído e sem se mexer, mesmo quando passava alguém. Só a ligeira mudança de postura – as orelhas afiladas, o retesamento do corpo – me alertava para a aproximação de alguma pessoa; foi dessa forma que pressenti a chegada de Mike antes de o ver descer a marginal, as mãos nos bolsos, o colarinho levantado.

– Olá. – Sorriu. – Sou eu ou está mesmo um frio de rachar?

– Vim a pé desde a tua casa, por isso aqueci. – Levantei-me. – Apresento-te o *Pete*. Desculpa o cheiro – alertei.

Mike agachou-se até ficar quase à mesma altura do cão, cujo nível de nervosismo aumentou. Já reparara que *Pete* ficava muito mais desconfiado perto de homens. Dinny dissera-me que o seu vizinho, dono dele, era viúvo e, imagino, a maioria dos trabalhadores da quinta seria do sexo masculino.



– Olá, rapaz, deixa-me cá olhar para ti! – Coçou *Pete* debaixo do queixo, o que o fez esticar o pescoço, todo deliciado, e olhar Mike nos olhos.

– És um cachorro muito janota.– Assobiou. – Aposto que a maioria das raparigas cai de beicinho por esses olhos. Ui, mas cheiras tão mal que eu diria que a tua mamã vomitou em cima de ti, como fez comigo. É uma pena que não consigas falar, caso contrário, podíamos ter uma conversa de homem para homem acerca disso; talvez assim pudéssemos evitar que o mesmo aconteça a outro pobre desgraçado.

– Tu prometeste, lembras-te? – Agredi-o na cabeça, mas *Pete* parecia ter decidido que Mike era um compincha e estava deliciado com tanto afeto. Era óbvio que o cão nunca tivera tanta atenção quanto a que recebera desde que estava comigo. Toda a gente no edifício do consultório lhe fizera festas e Mary estava perdida de amores por ele.

– É um cão especial; tiveste sorte com isso – comentou Mike para mim.

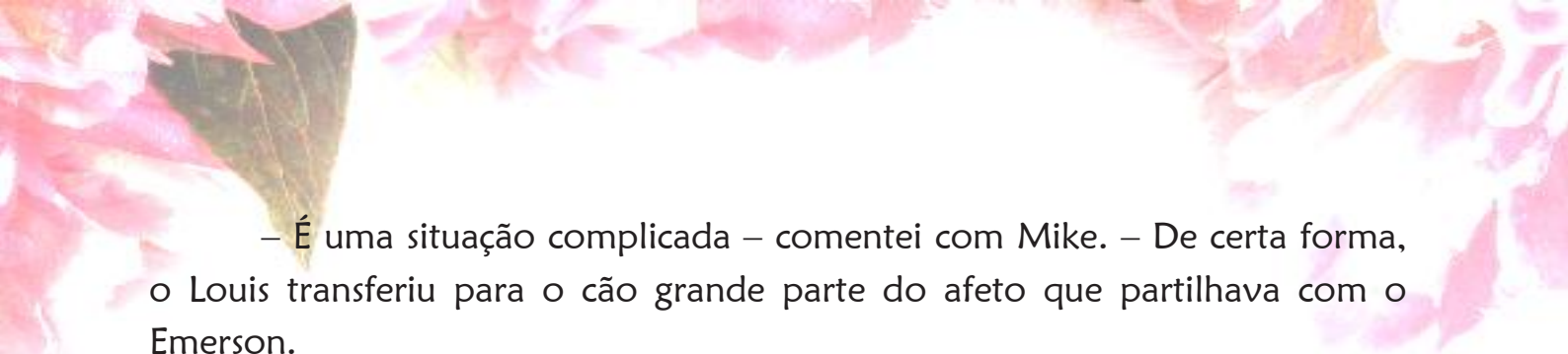
– Repara como está calmo e simplesmente feliz por estar perto de nós.

– Pois, talvez porque tenha passado a maior parte da vida preso num quintal – contei a Mike e ele fez um esgar de compaixão. – Por isso, presumo que qualquer coisa seja melhor do que ter uma corrente em redor do pescoço.

– Bom, *Pete*, o teu dia chegou. Se ela não te quiser, eu mesmo fico contigo. – Fez uma última carícia ao cão e demos início ao nosso passeio, *Pete* caminhando perfeitamente em sintonia no meio de nós com a cauda no ar, todo empertigado.

Contei a Mike um resumo da conversa que tivera com Louis e ele pareceu aliviado com o facto de o seu companheiro de apartamento estar pelo menos disposto a tentar fazer alguma coisa para alterar a situação.

– Tiveste razão no que lhe disseste; as pessoas já começam a evitar-nos. Até os meus amigos ficam reticentes quando lhes digo para passarem lá por casa, e olha que muitos são tipos robustos, do rãguebi. Também fiquei a saber que a associação de residentes lá do bairro falou com o Louis, pois os vizinhos de ambos os lados queixaram-se do *Pedro*. Pelos vistos, não para de ladrar durante o dia.



– É uma situação complicada – comentei com Mike. – De certa forma, o Louis transferiu para o cão grande parte do afeto que partilhava com o Emerson.

– A quem o dizes. Eu bem vejo. Aliás, está à vista de todos. O Louis sente-se muito sozinho, mas, apesar da loucura inicial, logo a seguir à morte do Emerson, tem medo de procurar outro parceiro, de se magoar. Por isso é que o cão se tornou um substituto para tudo o que ele perdeu.

– Bom, estou esperançosa que o Louis esteja mesmo disposto a mudar – afirmei. – Mas tu tens de encorajá-lo e de ajudar. Sugeri que fosses tu a dar de comer ao *Pedro* durante a próxima semana, portanto, nada de meter o pé na poça, está bem?

– Então, quer dizer que não lhe posso dar nacos de galinha agri-doce quando se acabar a comida de cão? – Esquivou-se a nova agressão. – Pronto, pronto. Esqueci-me que o Louis não gosta que ele coma coisas pesadas; aquela porcaria que ele faz com cerveja é muito mais leve. – Mike agarrou na trela de *Pete* e largou a correr, rindo à gargalhada. – Anda daí, rapaz, vamos dar uma corrida. Estes psicólogos de cães ainda hão de dar connosco em doidos. – *Pete* não parava de olhar para trás, para mim, um pouco receoso que eu não aprovasse, creio, por isso corri a apanhá-los e ele descontraiu, galopando com as orelhas para trás e o maior sorriso que alguma vez vira na cara de um cão. Às tantas, Mike e eu ficámos sem fôlego.

– Caramba, estou tão em baixo de forma que chega a ser perigoso – arquejou. – Pelo menos, aqueci. Vai um copo antes de irmos para casa?

– Estou exausta – argumentei, ainda renitente, por alguma razão. – Devia ir andando para casa...

– Eu trouxe o carro, por isso só vou beber mesmo um copo. Vá, anda lá, sei que também te apetece.

– E o cão?

– Não digas nada; eu trato disso. – Acelerou o passo e *Pete* e eu não tivemos outro remédio senão correr para o alcançarmos.

– A minha amiga é amblíope e o cão é o guia dela. Há algum problema se ele entrar? – Fiz um esforço hercúleo para não rir quando Mike me ajudou a sentar.

– Não há problema nenhum. Que querem tomar? – O *barman* atendeu-nos de imediato.

– Uma *Guinness* para mim. Lulu?

– Um copo de vinho branco seco, se faz favor. – Estava vermelha como um tomate e tentei não olhá-lo nos olhos, mas assim mais para o lado da cara, como via fazer nos filmes. Mike reparou e quase caiu da cadeira.

– Para que é isso, palerma? Ele está-se borrifando. Hoje em dia, basta mencionar uma deficiência para se desfazerem em atenções... Deve ser por causa das regras da União Europeia ou assim.

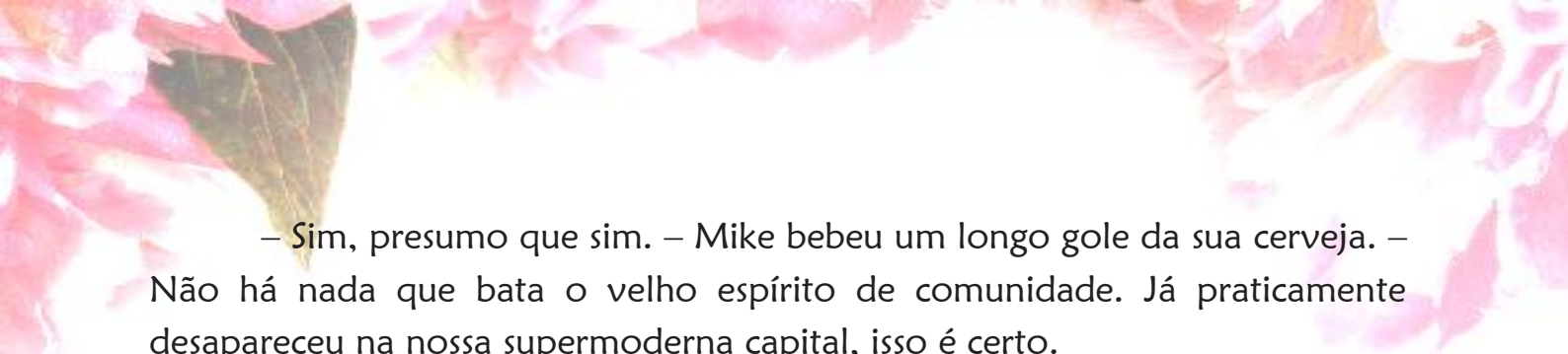
– És o maior trapaceiro que já conheci em toda a minha vida – sussurrei, completamente mortificada. *Pete*, como seria de esperar, enfiara-se debaixo da cadeira. Dir-se-ia que também ele percebia que estava a esticar a corda. – Ele nem sequer se parece com um cão guia. Costumam ser Labradores – fiz notar com um sorriso de embaraço.

– Descontrai, estás com o tio Mike. – Levantou-se e pagou as bebidas assim que elas chegaram.

– Desculpa não ser eu a pagar, mas com a minha ambliopia não seria capaz de achar a nota certa. – Quando peguei no copo para dar um gole, o simpático *barman* regressou com uma tigela de água para *Pete*.

– Aqui tens, rapaz. – Afagou-lhe a pequena porção de cabeça que estava visível. – Sempre que quiser vir até aqui, dê-nos uma apitadela que nós mantemos um olho na porta. O meu nome é Alan, a propósito. – Sorriu e estendeu um cartão a Mike antes de rumar ao bar.

– Sabes que mais, as pessoas aqui são muito simpáticas.– Contei a Mike que o tipo da loja de animais fizera uma caixa para eu transportar *Pete* e ele fartou-se de rir ao imaginar-me a acelerar pela autoestrada com um cão na mota. – Será porque, em rigor, Bray fica já no condado de Wicklow, logo, na província, embora estejamos a menos de uma hora do centro de Dublin? – interroguei-me.



– Sim, presumo que sim. – Mike bebeu um longo gole da sua cerveja. – Não há nada que bata o velho espírito de comunidade. Já praticamente desapareceu na nossa supermoderna capital, isso é certo.

– Bom, eu diria que a tua área de trabalho é bastante feroz e impiedosa. – Estava interessada em saber mais acerca da vida dele. Tudo o que sabia na verdade era que ele trabalhava na indústria musical.

– Podes crer. Mas eu adoro música, sempre adorei, por isso, a maior parte das manhãs vou trabalhar com um sorriso na cara.

– Como consegues ser tão descontraído em relação atudo?

– Não em relação a tudo, mas, se pensares bem, a maior parte das coisas nem merece que nos arreliemos.

– Meu Deus, eu era o total oposto disso no meu último trabalho. O sorriso desvanecia-se assim que saía do banho e via o telefone carregado de mensagens – confessei.

– Um grande erro. Eu deixo o telemóvel do trabalho no escritório e apenas uma pessoa na empresa, a Marisa, a minha assistente, tem o meu número pessoal e nunca me liga a não ser que seja uma emergência. Até agora tenho conseguido resistir a ter um *BlackBerry*. É claro que, tal como em qualquer outro tipo de trabalho, as coisas são complicadas e há que ter muito jogo de cintura, mas habitualmente consigo escapar-me para assistir a um ou outro concerto, como hoje, em que tive a sorte de escutar talento em estado puro.

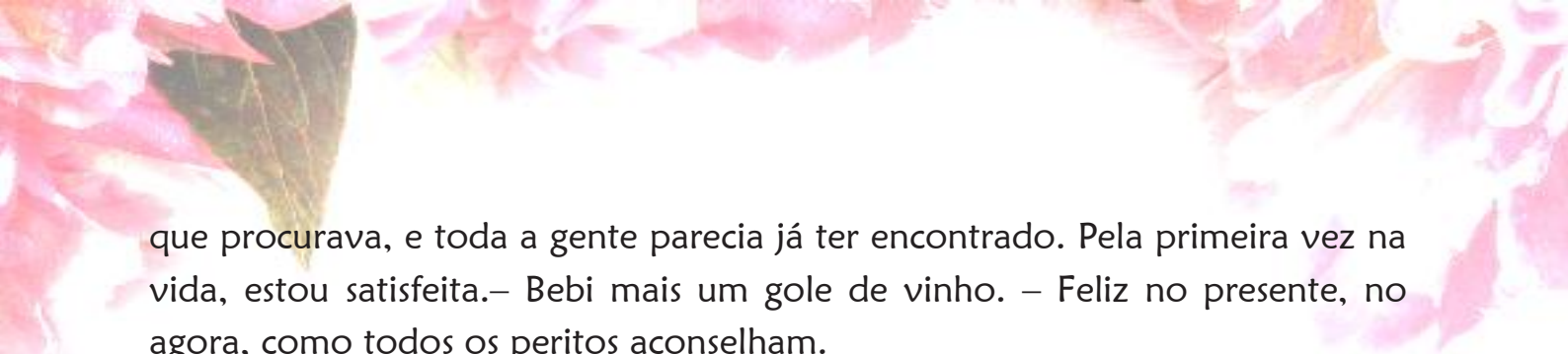
– E eram bons?

– Eram, sim. Um dos nossos colaboradores, o Ritchie, ouviu uma demo deles e pediu-me que visse o que achava. Têm um som diferente, por isso talvez acabemos por contratá-los. É claro que eu preferia ser o tipo em cima do palco e não o manda-chuva da companhia discográfica sentado de casaco na fila da frente.

– Gostas mesmo de música, não é?

– Bastante. E tu? Gostas do que fazes agora?

– Sim, na verdade, adoro. Creio que passei a maior parte da vida em busca de alguma coisa, andando em círculos porque na realidade não sabia o



que procurava, e toda a gente parecia já ter encontrado. Pela primeira vez na vida, estou satisfeita.– Bebi mais um gole de vinho. – Feliz no presente, no agora, como todos os peritos aconselham.

– E diz-me uma coisa, Lulu, sempre foste... como hei de dizer isto de forma diplomática... tão passada da cabeça como és agora?

– Achas mesmo que sou? – Estava encantada.

– Acho. – Mike fez um ar desconcertado. – Dizer isto a uma mulher não é um pecado capital? Ou estarei a perder o jeito?

– Não, comigo estás à vontade – respondi. – Adoro ser apelidada de maluca. Sinceramente, acho que «sensata» deve ter sido a primeira palavra que aprendi.

– Ainda bem para ti, acho eu. – Fez um sorriso rasgado e bebeu o resto da cerveja, mas não parecia ter pressa de ir embora. – E o cão? Vais ficar com ele?

– Não faço ideia. – Contei-lhe a história e Mike, com o que parecia ser um bom casaco preto de lã vestido, acabou de quatro no chão a falar com um rafeiro remeloso e a garantir-lhe que era um lindo menino.

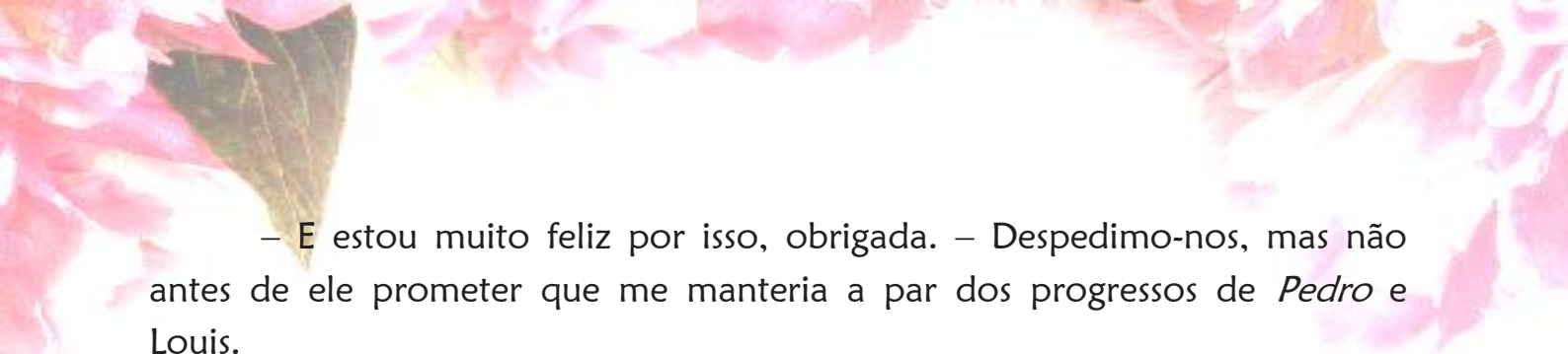
– Tem uns olhos tão estranhos – comentou quando voltou a sentar-se à minha frente. – Parece que olha para nós como se percebesse o que dizemos.

– Nem me digas nada; os olhos dele é que foram a minha desgraça.

Pouco tempo depois, abandonámos o *pub* e Mike insistiu em deixar-me em casa, muito embora eu tenha protestado veementemente ao ver o seu reluzente carro preto com bancos em pele creme.

– A sério, Mike, o *Pete* tresanda e, não percebo porquê, mas parece estar cada vez pior – argumentei, mas ele bateu o pé que era demasiado tarde e que estava muito escuro para regressar a casa a pé. A única coisa boa é que não iríamos estar tempo suficiente dentro do carro para causar danos permanentes... esperava eu.

– És uma rapariga curiosa. Não consigo compreender-te – disse-me quando nos deixou à porta da caravana. – Vives numa caravana em Bray, conduzes uma mota e partilhas o teu espaço com um cão que ninguém quer.



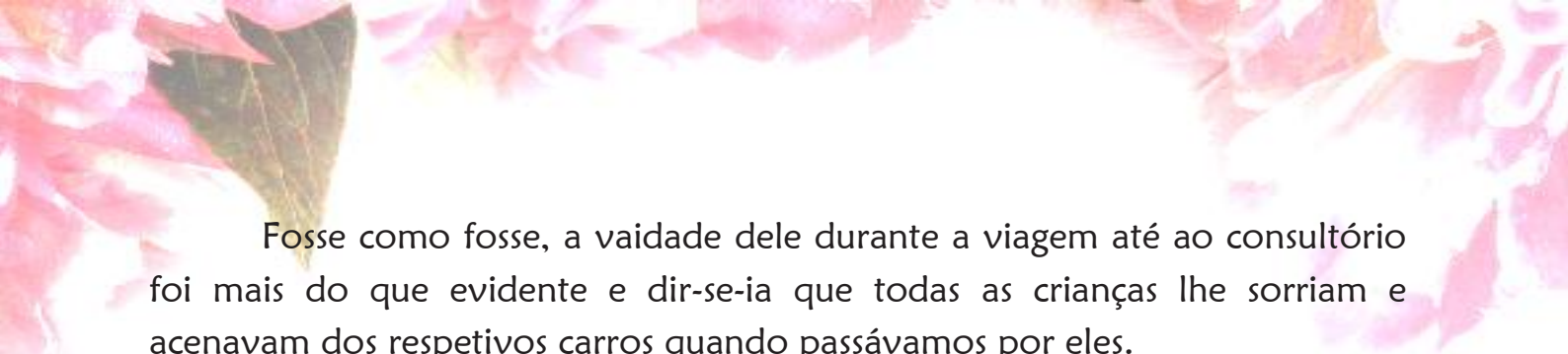
– E estou muito feliz por isso, obrigada. – Despedimo-nos, mas não antes de ele prometer que me manteria a par dos progressos de *Pedro* e *Louis*.

Na manhã seguinte acordei cedo e decidi que já não suportava mais o cheiro de *Pete*, por isso, pus a água a correr no polibã e ele saltou logo lá para dentro, o que me surpreendeu. De uma forma geral, é preciso persuadir os animais a meterem-se na água, contudo, *Pete* parecia saber o que se esperava dele. Assim que comecei a ensaboar-lhe a barriga, descobri o causador do mau cheiro. Escondido no emaranhado de pelos da barriga, encontrei o que parecia um pedaço de um pássaro morto. Era um pequeno aglomerado de penas, por isso supus que outrora tivesse sido um pássaro, mas, pelo fedor, percebi que o que tinha nas mãos era o que fazia as pessoas recuar horrorizadas quando se chegavam a *Pete*. Estava de tal forma preso no pelo, que tive de o cortar, razão pela qual não o encontrara antes. E assim que farejei a bola de penas, quase vomitei.

– Oh, meu Deus, que nojo! Como conseguiste ficar com isto aí enfiado? – perguntei a *Pete*, que pendeu de imediato a cauda, pressentindo que fizera alguma coisa de errado. – Pronto, não tem problema. Também sempre preso, não se podia esperar outra coisa. – Dei-lhe um abraço. – Fica aqui que eu já volto – ordenei e fui buscar um saco de plástico, que tratei de atar bem para não empestar o balde do lixo.

O cão limpo e sedoso que emergiu do banho em nada se assemelhava ao que entrara. Penteara-o, mas sabia que o pelo dele precisava dos cuidados de um profissional. Ainda assim, era uma gigantesca melhoria e estava ansiosa por ver a reação das pessoas no consultório. Era uma pena que *Mike* não o tivesse visto assim.

– És tão bonito – elogiei-o quando liguei o secador para lhe secar o pelo e ele ficou radiante e lambia-me a cara sempre que conseguia, como que dizendo. «Obrigado, eu também não gostava nada do cheiro.» Sabia que tal não passava de uma ideia fantasiosa da minha parte; regra geral, os cães adoram rebolar-se em cima de tudo, e quanto mais fedorento melhor, segundo a minha experiência.



Fosse como fosse, a vaidade dele durante a viagem até ao consultório foi mais do que evidente e dir-se-ia que todas as crianças lhe sorriam e acenavam dos respetivos carros quando passávamos por eles.

Se ainda assim duvidara do seu poder de atração, percebeu que era um borracho quando Mary lhe pôs os olhos em cima.

– Oh, meu Deus, que foi que te fizeram? És um cãozinho tão lindo! – Abraçou-o com força e ele lambeu-lhe o pescoço com a mesma paixão, sempre de orelha arrebitada na minha direção para se assegurar de que eu não ia a lado nenhum. Era impressionante o quanto Mary se tornara mais animada e descontraída desde o dia em que *Pete* entrara em cena.

– Ah, *Pete*, estou a ver que já tens tudo controlado – disse-lhe ao vê-lo emergir da cozinha com um osso de borrego que ela guardara do jantar do dia anterior e entrar no meu consultório. Depositou-o com todo o cuidado em cima do seu cobertor e farejou-o e lambeu-o durante horas antes de provar a carne. Era sem dúvida o nosso maior êxito até então no que a ele dizia respeito. Recebi então uma mensagem de Mike que dizia:

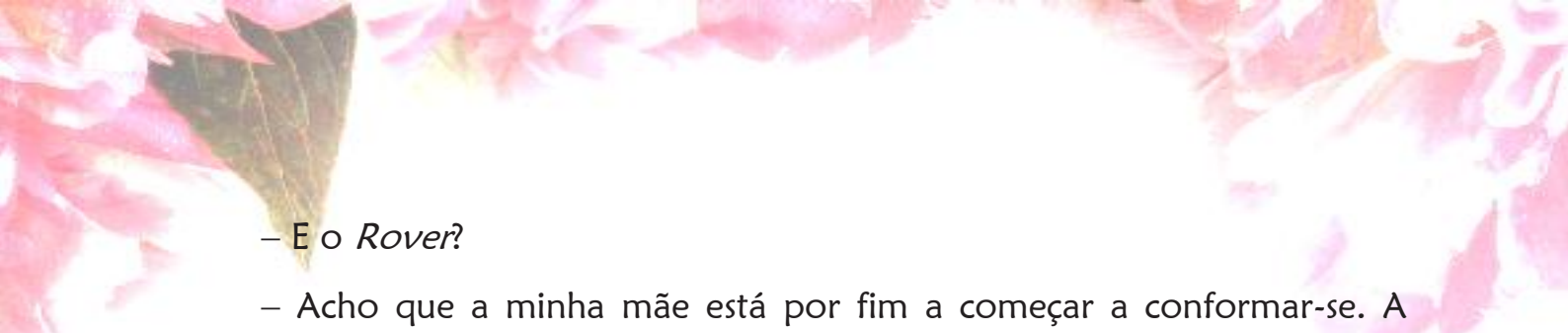
Não entendo, pareces deixar a tua marca em todo o lado. O meu carro ainda cheira a peixe morto esta manhã. Tive de andar sem a capota, apesar do frio de rachar!

Ups. Decidi que tentar explicar a que se devia o fedor não jogaria nada a nosso favor.

Emily estava de volta, desta vez sozinha.

– Como vão as coisas? – perguntei quando fui recebê-la à porta.

– Vão muito bem. – Tinha um ar nervoso, mas não tão abatido quanto ultimamente.



– E o *Rover*?

– Acho que a minha mãe está por fim a começar a conformar-se. A verdade é que ele até obedece a ordens como senta e fica, sabe-se lá como... Mas a minha mãe está encantada, portanto, eu também estou feliz – relatou ela.

– Ótimo! – Fiquei à espera, mas Emily não disse nada. – E como está a relação com a sua mãe, estão a dar-se bem? – perguntei. – Conversaram desde a última vez que aqui estiveram?

– Sim, conversámos, mas só porque eu a pressionei, para ser franca, o que não é nada coisa minha, como a Lulu sabe.

– De que forma a pressionou?

– Bom, coloquei-lhe mais algumas perguntas acerca da Kitten.

Voltámos a rir ao ouvir o nome.

– E que aconteceu?

– Com alguma relutância, a minha mãe lá acabou por ir procurar a tal pasta. – Emily ficou de repente um pouco mais animada. – Foi tão estranho ver o nome dela; tornou-a muito mais real, de certa forma. Era um documento oficial ligando-me a uma estranha, entende?

– E como reagiu a sua mãe?

– Penso que reagiu bem. Pela primeira vez na vida, pedi o que queria sem me preocupar com o que a outra pessoa iria pensar. É bastante, como direi... libertador, creio.

– Fez muito bem – comentei com sinceridade.

– A questão, Lulu, é que eu queria seguir com isto em frente. Quero encontrar a minha mãe biológica e gostaria que me ajudasse. Faria isso por mim?

22

MADDY TELEFONOU-ME a sugerir que fôssemos beber um copo depois de eu sair do trabalho. Contara-lhe tudo acerca de *Pete* e ela estava mortinha por conhecê-lo.

– Mas não tenho onde deixá-lo, Maddy – expliquei.

Já tinha percebido que ter um cão iria ser um problema maior do que de início pensara. Depois do trabalho, não podia sair e, em determinadas situações, não poderia visitar clientes a caminho ou à saída do consultório, pois deixar *Pete* numa caixa em cima de uma moto não era viável e, no caso de alguns dos meus clientes mais recentes, seria contraprodutivo adicionar um cão à equação. Para além disso, muito embora a maioria dos donos adorasse animais, nem sempre queriam ter outro cão a sujar-lhes as carpetes. Sabia que teria de pensar seriamente em comprar um carro. A ideia apavorava-me, apesar do vento e da chuva e dos sapatos arruinados. Com um carro podia pelo menos deixar o cão durante uma hora numa manta no banco de trás enquanto tratava do que quer que tivesse de fazer. contei a Maddy o meu dilema.

– Bom, esta noite isso não será problema, querida. Podemos encontrar-nos no Happy Hound.¹¹ – E largou a rir. – Prometo que o teu vai ficar felicíssimo.

– E achas que o deixam entrar? No outro dia, num *pub* em Bray, o Mike fez de conta que eu era cega. Fiquei para morrer – contei-lhe.

– Alto e para o baile! Conta-me lá isso outra vez? – exigiu Maddy. – Pensando melhor, não contes. Espera até mais logo. Meu Deus, és mesmo

¹¹ Cão Feliz. (*N. da T.*)

incorrigível! Tenho de te arrancar tudo a ferros. Já devias saber que quando é assim, tens de me telefonar logo a seguir a contar tudo.

– Não aconteceu nada, foi uma reunião...

– Quero um relato pormenorizado. Não deixes nada de fora. Depósito grandes esperanças nesse relacionamento. Se ele conseguir sobreviver ao vomitado, é homem para o resto da vida – declarou num tom enfático. – E não te preocupes com o rafeiro, dois em cada três dos clientes daquele *pub* também não passam de uns animais. Para além disso, conheço o gerente, o Paul. Tive um caso com ele, uma vez. Ficas avisada, o sítio é assim um pouco rude, mas fica a caminho de tua casa e eu tenho uma sessão de *casting* ali perto... Acreditas? Estou tão entusiasmada! É às três e meia, por isso estarei à tua espera com um enorme gim tónico na mão, seja qual for o resultado.

Sorrindo, desliguei. Adorava Maddy. Uma conversa com ela era melhor que qualquer dose de vitaminas. Assim que terminei a consulta com o cliente que tinha a seguir – um Chihuahua chamado *Fred* que perseguia automóveis e odiava pneus a ponto de tentar morder-lhes, coisa que, na opinião do seu dono, e na minha também, não seria conducente a uma vida muito longa – telefonei a Clodagh a convidá-la para se juntar a nós.

– Desculpa, estou atolada em trabalho – disse ela. – As coisas estão mesmo a avançar rapidamente com esta minha nova aventura e tenho uma reunião com um possível cliente esta noite.

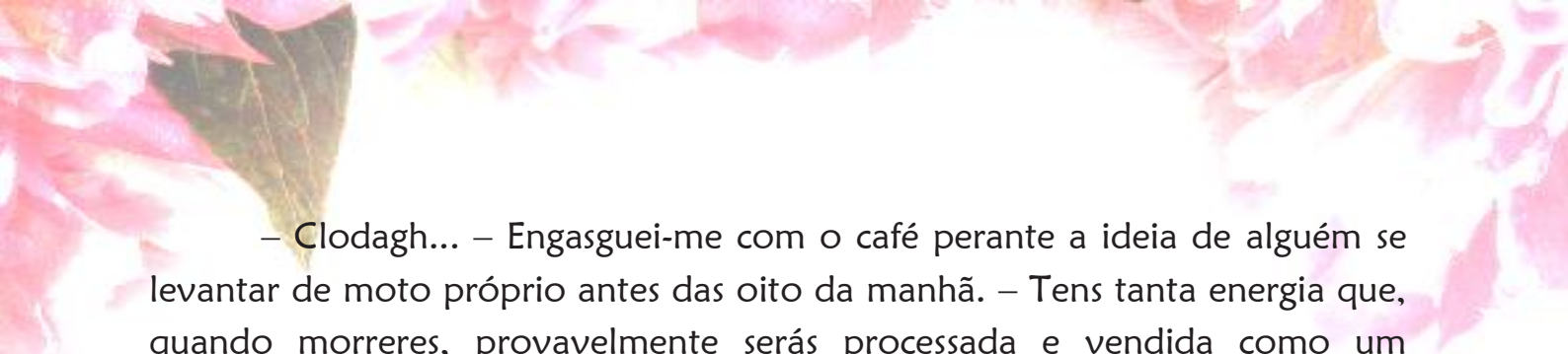
Clodagh estava a estabelecer-se por conta própria. Fartara-se do ambiente cruel das grandes empresas que encaravam os empregados como sua propriedade.

– Não tem problema. Fico muito feliz por ti.

– Bom, grande parte do mérito é teu, sabes? Tu foste a inspiração.

– Já me conheces, metade da culpa de basicamente tudo é minha. Todavia, neste caso, os louros são todos teus. És uma fura-vidas.

– Obrigada. Só gostava de ter um pouco mais de energia. Não me fazia nada mal levantar-me mais cedo todas as manhãs, tipo às cinco e não às seis – referiu ela num tom impassível.



– Clodagh... – Engasguei-me com o café perante a ideia de alguém se levantar de moto próprio antes das oito da manhã. – Tens tanta energia que, quando morreres, provavelmente serás processada e vendida como um multivitamínico superpotente. Então, e se nos encontrássemos este fim de semana? Podias dormir em minha casa e conhecias o meu cão.

– Adoraria. Ah, já me esquecia, não fales muito acerca do meu novo trabalho com a Maddy. Parece-me que ela agora anda um pouco chateada com o dela e o facto de tu e eu estarmos a mudar de vida não tem ajudado, suspeito.

– Obrigada pelo aviso. Serei cuidadosa. Mas ela disse-me que ia a uma audição esta tarde, por isso estava bastante animada.

– Ótimo. Ups, tenho de desligar; tenho o outro telefone a tocar, depois falamos.

Despachou-me tão depressa que quase senti a rabanada de vento.

O resto do dia passou de forma invulgarmente calma. Nas últimas semanas, dias assim haviam sido raros, por isso aproveitei de imediato e, deixando *Pete* a dormir debaixo da secretária de Mary, saí para ir às compras. Não resisti e acabei por trazer também umas ninharias para o consultório, como um calendário cheio de cãezinhos e uma almofada que proclamava com audácia OS CÃES NÃO FAZEM NADA POR MOTIVOS POLÍTICOS. Fiquei encantada com ela, por isso decidi colocá-la em local de destaque no sofá. De regresso, enquanto desfrutava de um café, pensei mais uma vez no quanto adorava a minha nova vida. A cereja no topo do bolo eram momentos como aquele em que o telemóvel ficava em silêncio.

Contara passear *Pete* antes de me encontrar com Maddy no final da tarde, porém, ela enviou-me uma mensagem às quatro e meia a dizer que já estava no *pub*. Não me pareceu que fosse um bom sinal no que a audições dizia respeito.

Posso entrar com o P ou é melhor perguntar primeiro? Escrevi numa mensagem assim que parei junto ao *pub*. Um grupo de homens, curtidos pelos elementos, amontoava-se à entrada, sob o toldo, a fumar.

Recebi de imediato uma mensagem que dizia apenas Tratado, por isso avancei por entre a multidão.

– Olá, menina, belo guarda-costas traz aí – disse uma voz grossa.

– Eu vou fazer queixa às autoridades... esta espelunca já é má o suficiente sem termos de encontrar pelos de cão na cerveja – acrescentou um rosto engelhado, o seu sorriso desdentado desmentindo a ameaça implícita.

– Não lhes ligue, menina, estão apenas a meter-se consigo. Entre depressa, para não congelar – disse outro de imediato.

– Muito obrigada. – Sorri-lhes e entrei no *pub*. Maddy acenou-me de um canto menos sobrepovoado.

– Isto está apinhado – comentei com ela enquanto *Pete* assumia a sua posição habitual sob a minha cadeira. – A recessão ainda não atingiu Sallynoggin?

– É onde se encontra a cerveja mais em conta a sul do condado, bem como a gasolina mais barata, ali ao fundo da rua, por isso têm sempre clientela. – Fez sinal ao *barman* e eu pedi um vinho branco.

– Que vinho branco é que tem a copo? – perguntei, esperando um par de opções.

– Bom... – Coçou a cabeça. – Eu mostro-lho. – Virou costas e trinta segundos depois reapareceu com uma garrafa já aberta de qualquer coisa que não reconheci. – Só temos *Chardonnay*. Pode ser?

– *Mmmm...*

Inclinou-se um pouco na minha direção.

– Para lhe ser sincero, já está aberta há algum tempo. Aqui o vinho branco não tem grande saída, sabe? Esta garrafa já aqui deve estar há umas duas semanas, diria eu.

– Obrigada por me avisar. – Sorri. – Então, uma *Heineken*, se faz favor.

– Boa escolha. É para já. – E rumou ao bar.

– Como conheces este sítio? – perguntei a Maddy com uma gargalhada ao mesmo tempo que me recostava na cadeira.

– É um genuíno *pub* de Dublin. Há uns anos, costumava vir aqui, quando andava sempre sem cheta. Agora também não estou muito diferente – respondeu, sorrindo e esforçando-se por conseguir que *Pete* brincasse com uma das suas luvas. Todavia, ele não estava para aí virado, pelo menos ali, no meio de tantos homens. – É um excelente cão, mas um pouco apagado, não é?

– Creio que não se sente muito à vontade perto de homens. Espera um pouco até ele se ambientar mais.

– Bom, diria que te juntaste à tropa certa, *Pete* – disse-lhe Maddy. – Nenhuma de nós vê um homem de perto há uma eternidade.

Ele lambeu-lhe a mão, como que em sinal de anuimento, mas permaneceu onde estava, longe da vista, longe do perigo.

A minha cerveja chegou e Maddy bebeu de um trago o que tinha no copo e pediu outra garrafa de sidra.

– Apanhei o comboio até Monkstown e depois vim o resto do caminho a pé – explicou ela. – Por isso, vou beber duas, mas mudei de ideias em relação ao gim. É demasiado cedo.

– Como correu a audição?

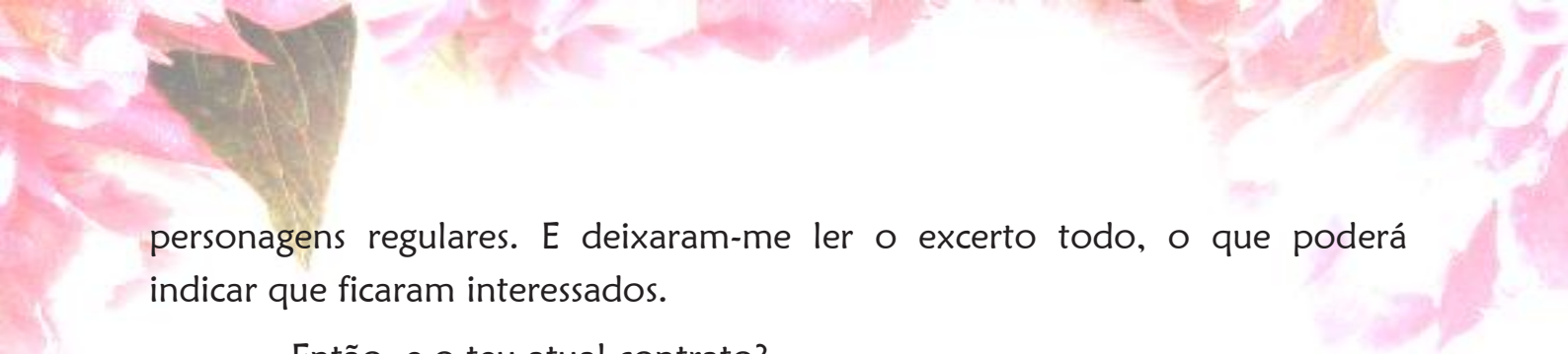
– Não correu nada mal. – Sorriu. – Já recebi um telefonema para ir amanhã conhecer os manda-chuvas. Hoje o *casting* era apenas com um assistente do produtor, um pesquisador e um dos guionistas.

– Ótimo. A audição era para o quê?

– Para um nova série televisiva sobre médicos. – Irradiava alegria. – Podes estar a olhar para a próxima Meredith Grey ou... como é o nome dela... daquela loura lindíssima?

– Issy Stephens? Nunca me lembro dos nomes verdadeiros deles. Katherine qualquer coisa, acho eu. É mesmo um papel assim importante? – Estava felicíssima por ela.

– Poderá ser, mas não esqueçamos que a série irá passar em horário nobre, portanto, é um papel cobiçado por meio mundo. – Encolheu os ombros. – Estão a selecionar seis personagens principais e três ou quatro



personagens regulares. E deixaram-me ler o excerto todo, o que poderá indicar que ficaram interessados.

– Então, e o teu atual contrato?

– Expira no final do ano e é pouco provável que seja renovado, exceto talvez à semana, se aquela cabra da Charleston continuar a ditar as regras! – Os piores receios de Maddy haviam-se concretizado quando *Porky* Pauline, como nos referíamos a ela desde que víamos a fotografia dela, fora confirmada como a nova produtora da série. – Caramba, o Natal está quase à porta. – Maddy fez uma careta.

– Estou a tentar ignorar o facto.

– Tens planos?

– Não. E tu? – inquiri.

– Também não. Aposto que hão de ser as habituais quarenta e sete pessoas para jantar em casa da minha mãe, mas quer-me parecer que este ano não vão contar comigo. Lembras-te do drama o ano passado, quando toda a gente parecia estar zangada com pelo menos um membro da família? Foi um pesadelo. Acrescente-se a isso o facto de o meu cunhado não largar a garrafa do uísque, como tu sabes, mais a minha irmã que está constantemente a dizer-me que preciso de perder peso, como tu também sabes, e já ficas a perceber por que motivo este ano prefiro ir alimentar os sem-abrigo.

– Já me estou a lembrar, sim. – Soltei uma gargalhada.– E lembras-te do *meu* Natal o ano passado? Acho que andei a lamentar-me para ti até à Páscoa. Nem três dias de folga tive e, mesmo assim, passei a manhã de Natal a conversar com o cliente com tendências suicidas. – Abanei a cabeça, recordando aqueles tempos. – A época natalícia é um inferno para muita gente. Acaba por intensificar os sentimentos das pessoas e aquilo que encaram como não estando bem nas suas vidas, em especial quando depois lhes parece que o resto do mundo leva uma vida perfeita e sem problemas.

– Então, e se este ano eu me juntasse a ti e passássemos o Natal numa casa móvel? – De repente, parecia encantada com a ideia.

– E passeamos o *Pete* pela marginal na manhã de Natal? – Era o paraíso. – E no regresso comemos algodão doce e andamos nos carrinhos de choque!

– Achas que estarão abertos? – Maddy parecia uma criança.

– Estás a gozar? Sabes aquela pista grande, com o toldo amarelo? Até abriram no dia do funeral do dono. Os filhos disseram que era o que o pai queria, mas as pessoas suspeitaram que foi mais o que *eles* queriam, uma vez que era fim de semana prolongado e a cidade estava apinhada.

– Por mim, estamos combinadas. Achas que mande uma mensagem à Clodagh só para gozar? – Maddy agarrou no telemóvel. – Vai ficar horrorizada. Imagine-se, não tomar o seu Kir Royale acompanhado de *blinis* com caviar frente à lareira, com Lorde e Lady Boyden Jones ou lá como se chamam eles. – Enviou uma mensagem rápida e voltámos à conversa.

– Tenho novidades – declarou Maddy. – Mas primeiro quero os pormenores todos acerca dessa história de estares cega em Bray na companhia do Mike. Até parece o título de um filme, não achas? *Sleepless in Seattle*¹² agora até parece trivial comparado com «Cega em Bray». E eu diria que o sexo quando não se consegue ver é capaz de ser muito erótico. – A gargalhada dela foi uma espécie de casquinada obscena.

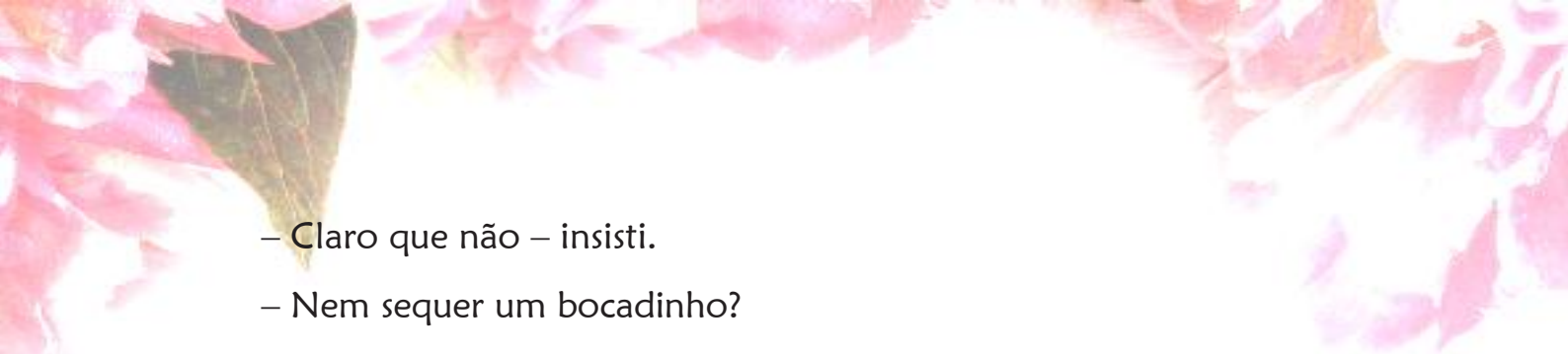
Contei-lhe o sucedido, insistindo que fora apenas uma conversa profissional.

– Sim, sim, e eu sou a Brigitte Bardot – comentou ela antes mesmo de eu terminar. – Encontra-se contigo à noite para um passeio e uma bebida. Parece-me muita familiaridade. Se ele estivesse interessado em ti apenas profissionalmente, teria marcado uma consulta como os teus restantes clientes. Cobraste-lhe alguma coisa?

– Claro que não. Ele também queria conhecer o *Pete*, se queres saber.

– Uma história muito plausível. Até a mim já disseste que o *Pete* está no teu consultório o dia inteiro. Vá, conta lá à tia Maddy. Estás de beicinho por ele?

¹² *Sleepless in Seattle*, à letra «Insone em Seattle», é o título original do filme *Sintonia de Amor*, de 1993. (N. da T.)



– Claro que não – insisti.

– Nem sequer um bocadinho?

– Não sei o que pensar dele, para te ser franca.

– Ah, eu sabia! – exclamou ela.

– Nada de te pores a tirar conclusões precipitadas – pedi-lhe. – Só digo isto porque nunca conheci ninguém como ele. O Mike parece tão à vontade com ele mesmo, tão confortável na própria pele. Repara, é heterossexual, mas vive com um tipo homossexual. A maioria dos homens fugiria de uma situação assim. Adora animais e não receia fazer figura de palerma quando está junto de um. Lidera uma importante empresa internacional, mas veste-se como um estafeta e é tão descontraído que chega quase a parecer desmazelado.

– E tu vomitaste em cima dele e ele continua a dirigir-te a palavra – acrescentou Maddy.

– Desiste, já espremeste essa piada até ao fim – meti-me com ela. – O Mike está sempre a dizer-me que sou doida, a propósito. E acha que isso é um insulto. Eu farto-me de me morder para não sorrir deliciada de orelha a orelha.

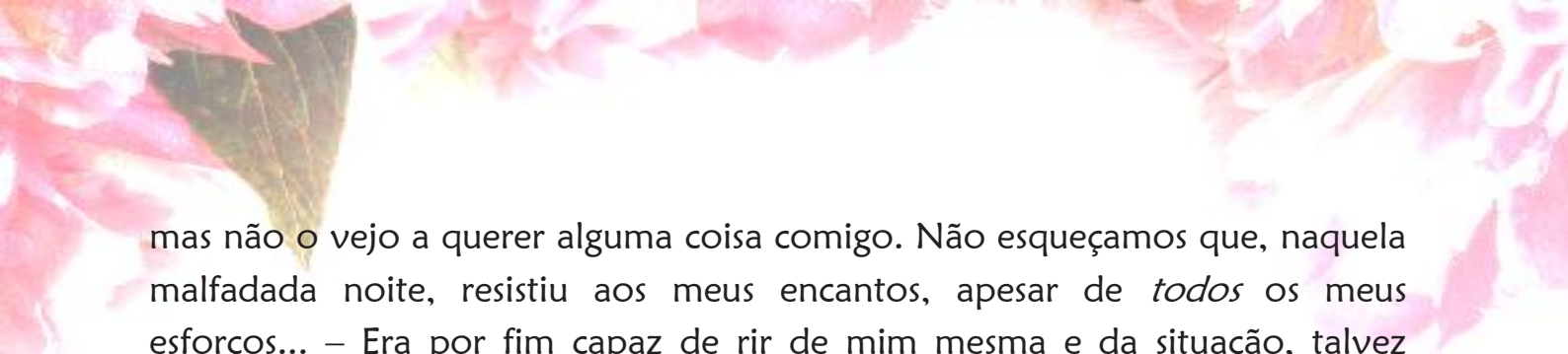
– Mudaste, Lou, isso é certo. Também te acho bastante descontraída ultimamente. Gosto disso.

– Também eu. A tristeza e a angústia desapareceram da minha vida.

Passámos alguns minutos a falar sobre os meus clientes e comentei com Maddy que observar mais de perto as vidas deles me fizera tomar consciência de que necessitava de enfrentar os problemas com a minha mãe. Não era uma conversa nova para Maddy, ela conhecia bem os meus ressentimentos para com Martha; a única diferença foi que desta feita comentou que talvez esta fosse a altura certa para os resolver.

– Então, e ele por acaso não mencionou que podiam ir jantar, ou a um bar beber um copo, ou talvez dar um passeio domingueiro com o cão? – perguntou ela, referindo-se a Mike.

– Não, e isso não acontecerá. Somos demasiado... não sei qual a palavra certa... compinchas, suponho. Ele envia-me mensagens engraçadas,



mas não o vejo a querer alguma coisa comigo. Não esqueçamos que, naquela malfadada noite, resistiu aos meus encantos, apesar de *todos* os meus esforços... – Era por fim capaz de rir de mim mesma e da situação, talvez porque, agora que conhecia Mike melhor, percebera que fora uma coisa que ele encarara com descontração. – Na verdade, de certa forma, até o invejo. Tem a vida dele resolvida e está em paz com ela.

– Tanto quanto tu. – Apontou para a minha cerveja como quem perguntava se queria outra, mas eu abanei a cabeça.

– Sim, mas eu não sou, nem de longe, tão bem sucedida quanto ele. É essa a grande diferença. É fácil mudar de vida do meu ponto de vista. Mas ele consegue trabalhar no mundo empresarial, lidar com todos os esquemas que isso envolve, ganhar bom dinheiro e, ao mesmo tempo, estar-se nas tintas para tudo.

– Ótimo, não é? – Maddy estava impressionada.

– Então, quais são as tuas novidades?

– Bom, não é assim nada de especial, mas houve alguns progressos no que diz respeito a Ronan O'Meara.

– Conta-me tudo. – Fiquei intrigada.

– Não há muito para contar, na verdade. A Ellen, a irmã dele, telefonou-me no outro dia e sugeriu que fôssemos almoçar. Fomos àquele sítio muito simpático, o Cavistons, em Glashule. E quem entrou mesmo quanto estávamos a terminar? O Ronan.

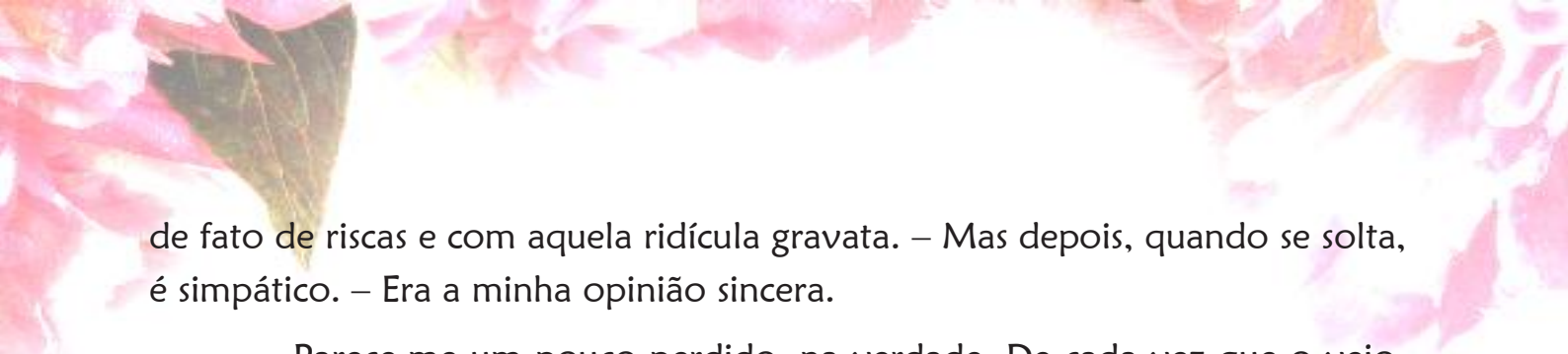
Dava para perceber que Maddy estava toda contente.

– E?

– E ele disse que tinha ido ali às compras, o que até era verdade, e que nos vira por acaso pela montra. Seja como for, sentou-se e tomou café connosco e foi muito simpático. E até insistiu em pagar a nossa conta, o que foi ainda mais simpático da parte dele. Acha-lo giro, Lou?

Sabia que ela tinha um fraquinho por ele. Pensei por um momento.

– Acho, sim. A princípio achava-o um pouco choninhas, para ser franca. – Recordei aquela primeira noite em que ele aparecera na minha aula



de fato de riscas e com aquela ridícula gravata. – Mas depois, quando se solta, é simpático. – Era a minha opinião sincera.

– Parece-me um pouco perdido, na verdade. De cada vez que o vejo, fico com essa sensação. Sabes mais alguma coisa acerca ele? – perguntou Maddy.

Era uma situação embaraçosa, mas tendo em conta a reação dele no *pub* naquela noite, não podia sequer arriscar e deixar entrever o que quer que fosse. Para além disso, não gostava de revelar pormenores acerca da vida dos meus clientes, porém, por outro lado, pressentia que Maddy era exatamente o que ele necessitava de momento e o facto de saber que ela estava interessada nele tornava tudo ainda mais complicado.

– Não tem importância. Desculpa, não devia ter perguntado – apressou-se ela a dizer. Fiquei até espantada com a intuição e sensibilidade dela. O costume de Maddy era massacrar as pessoas até lhes sacar toda a informação de que necessitava.

– Sei que nos últimos anos a vida dele tem sido muito difícil. E acho que vocês fariam um belíssimo casal, por isso podes contar com a minha ajuda – afirmei. – Talvez não fosse má ideia convidar todos os meus clientes para um pequena festa de Natal no consultório e tu e a Clodagh podiam ser as minhas ajudantes!

– Menos conversa sobre trabalho e mais pormenores sobre a festa, por favor. – Maddy achou a ideia fantástica. – Somos umas afortunadas, não somos? A Clodagh com o seu novo trabalho, tu com a tua nova vida e eu com a perspetiva de um romance e talvez o papel principal numa série televisiva. Pressinto que vai ser um excelente ano novo.



23

DEPOIS DE UM PRIMEIRO ATAQUE DE PÂNICO, decidi ir em frente com a festa, por isso enviei convites a todos os meus clientes – os animais. A entrada na festa estava sujeita à aceitação de algumas regras. Entre elas:

Os animais de estimação deverão trazer coleira alusiva à quadra

Os donos deverão trazer uma lembrança de Natal (max. 20€)

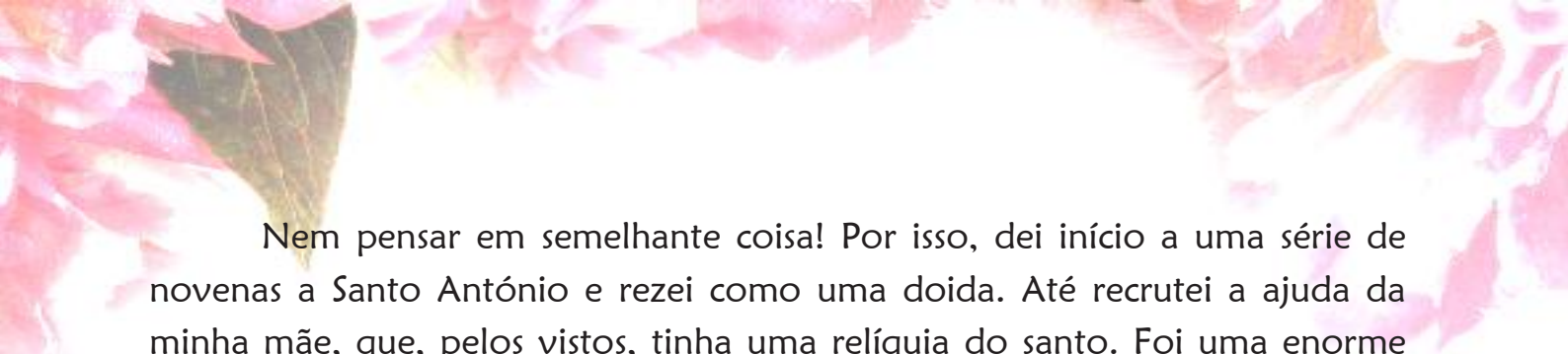
Toda a gente deverá trazer a sua música de Natal preferida em CD
(não restituível)

Conte com armadilhas de azevinho em locais invulgares

Haverá Jogo da Garrafa (participação obrigatória), mas nada de
línguas humanas!

A maioria das regras fora ideia de Maddy, que se atirou à organização do evento com o entusiasmo de Jamie Oliver numa cantina escolar, tal era o nervoso miudinho que a acometia. Apesar das três audições a que fora, ainda não tivera notícias dos produtores do novo drama médico, mas um dos pesquisadores dissera-lhe oficiosamente que ela estava a ser tida em consideração para um dos papéis principais.

– Oh, meu Deus, meninas, talvez seja desta vez – disse-nos ela, a mim e a Clodagh, uma e outra vez. – Que farei se não conseguir?



Nem pensar em semelhante coisa! Por isso, dei início a uma série de novenas a Santo António e rezei como uma doida. Até recrutei a ajuda da minha mãe, que, pelos vistos, tinha uma relíquia do santo. Foi uma enorme surpresa para mim, mais até do que para qualquer outra pessoa.

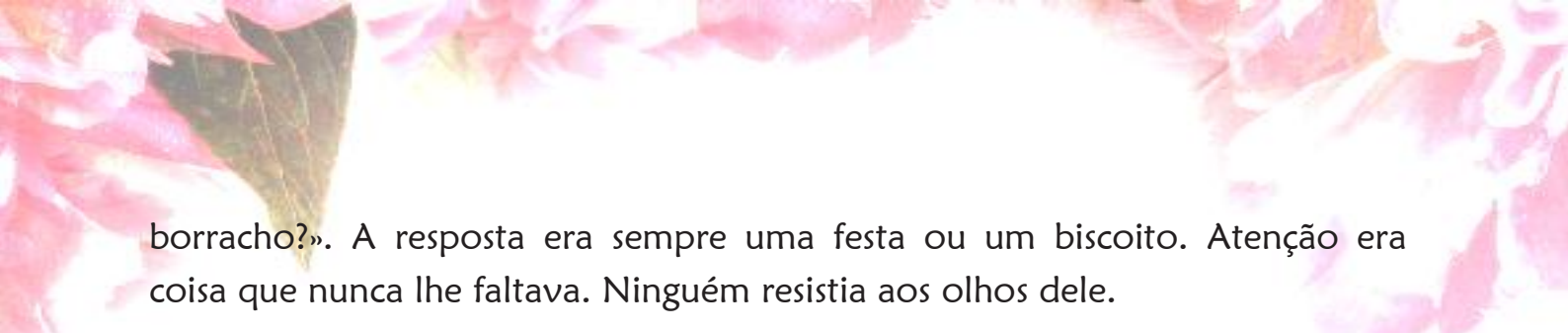
O dia anterior à festa foi um pesadelo. Montámos um toldo enorme para os animais no pátio do edifício. Maddy apelou a todos os seus contactos nos departamentos de adereços de várias televisões e o resultado foi: relva falsa, montes de árvores de plástico, casotas sem costas – nada nos cenários da televisão tem costas – e montanhas de brinquedos. Até conseguimos isolar algumas áreas, para o caso de haver algum animal mais arruaceiro, e Maddy convenceu quatro atores substitutos da sua série a fazerem de tratadores de animais e mais quatro a fazerem de empregados, assegurando-lhes que iria haver montanhas de «magnatas dos media» – referia-se a Mike – na festa à procura de novos talentos. Clodagh lembrou-se de mandar imprimir *T-shirts* que diziam SE O SEU CÃO O ACHA FABULOSO, NÃO PEÇA UMA SEGUNDA OPINIÃO à frente e PERMITIDO ALÇAR PERNAS, TUDO O MAIS QUE SE PRETENDA ALÇAR, SÓ COM PERMISSÃO! nas costas. Quase tive de ressuscitar Mary quando as viu.

– Mas não será... tipo... pouco profissional? – perguntou-me ela num sussurro.

– É provável, mas quantos profissionais conheces que fariam uma festa de Natal para cães? – argumentei.

– Pois... realmente – balbuciou ela, mas por fim deixou-se imbuir do espírito da coisa e quase nos deixou sem palavras no dia da festa quando desapareceu na casa de banho das senhoras e emergiu de vestido encarnado de veludo, muito curto, enfeitado com flocos de neve brilhantes e pelo branco nos punhos e na bainha, botas de pele branca e cano alto e barrete de Pai Natal. Constou que – segundo Maddy –, por baixo do vestido, trazia cuecas encarnadas sem entrepernas.

Pete exibia um lenço vermelho com pompons brancos – cortesia de Maddy – e parecia encantado por fazer parte de tudo aquilo. Não parava de se dirigir a toda a gente, como se dissesse, «Olha para mim, não estou um

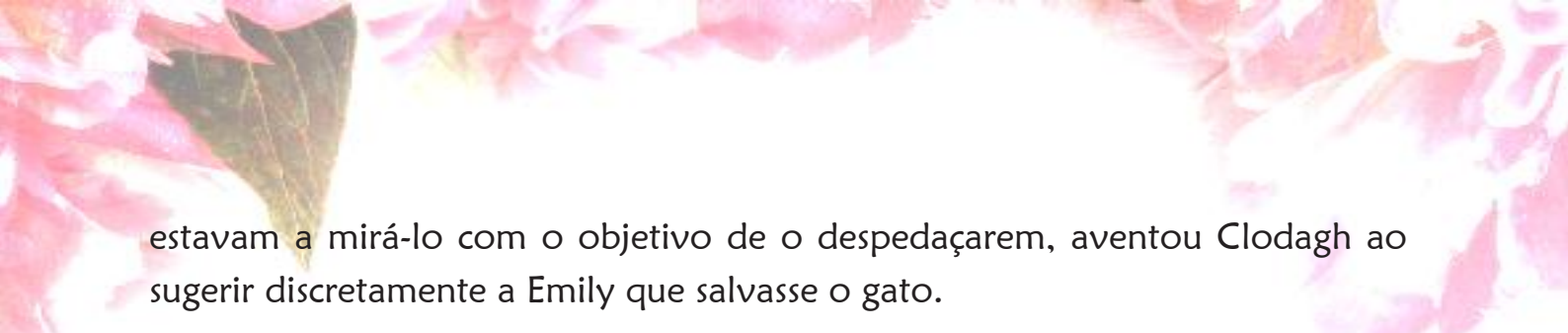


borracho?». A resposta era sempre uma festa ou um biscoito. Atenção era coisa que nunca lhe faltava. Ninguém resistia aos olhos dele.

No piso de cima, fiquei surpreendida ao descobrir que o meu enorme consultório era na verdade apenas metade de um escritório que fora dividido por uma partição tão bem feita que nunca me dera conta dela. Por sorte, a outra metade estava desocupada, por isso no espaço de duas horas transformámos o espaço com árvores, grinaldas, azevinho e coroas, tudo falso, mas muito exuberante. Maddy andou de um lado para o outro a borrifar tudo com um vaporizador muito suspeito cujo rótulo afirmava conter «O Natal numa Lata». Veio a revelar-se bastante prometedora e encheu o consultório de um aroma festivo a canela e cravinho.

Comida também não faltou, fornecida a preço de custo pelos nossos vizinhos do lado: uma empresa de *catering* na qual nunca tinha reparado. Surpreendendo-me uma vez mais, Mary usou do seu encanto e, em troca dos serviços deles, ofereceu-se para distribuir cartões de visita da empresa às dezenas de clientes, tudo celebridades, que iriam estar na festa.

Convidámos pessoas que tinham estado na minha primeira, e desastrosa, aula, outras que nos haviam contactado pelo *website* ou aparecido pelo consultório em busca de informação e, claro, todos os meus clientes habituais. Quando assomei à porta, pouco depois da hora marcada, fiquei com a ideia de que ninguém faltara. Era o caos completo, com cães entusiasmados a cumprimentarem-se uns aos outros – farejando os respetivos traseiros – e *Petra*, o papagaio – um novo cliente cuja dona, uma idosa muito querida, me contactara porque o papagaio não parava de dizer «Vai-te foder, cara de cu» a toda a gente que conhecia – pousava no ombro de todos os homens e dava-lhes beijinhos. O único problema era o gato *Rover*, que Emily insistira em deixar junto aos cães e que quase acabara na barriga de um depois de conhecer *Selina*, um Staffordshire Bull Terrier que naquele dia não estava para tolerar gatos. Infelizmente, o dono de *Selina*, um tipo novo coberto de tatuagens e pírcingues, estava a apreciar a cerveja e as vistas e, portanto, não estava muito interessado. Maddy, percebendo o que se passava, encaminhou-o mais o cão para uma das zonas isoladas, com uma cerveja e uma brasa por companhia. Já *Rover* teve de ficar confinado à sua caixa de transporte, pois um ou dois dos cães, *Bartholomew* incluído,



estavam a mirá-lo com o objetivo de o despedaçarem, aventou Clodagh ao sugerir discretamente a Emily que salvasse o gato.

A mãe de Maddy, Connie, também viera e eu fiquei encantada. Sempre achara que fora mais uma mãe para mim do que Martha, por isso abracei-a e levei-a para um canto para pormos a conversa em dia.

O único problema que tive foi encontrar tempo suficiente para estar com toda a gente, uma vez que todos os meus clientes habituais pareciam querer pôr-me ao corrente dos mais recentes desenvolvimentos nas suas vidas, coisa que não fazia parte dos meus planos para aquela noite.

Denis declarou que estava «nas suas sete quintas» pelo facto de o padre Vincent ter dito que iria visitar Joan Lehane antes do Natal e ter prometido transmitir-lhe a mensagem de que Dinny gostaria muito de entrar em contacto com ela. Estava também muito contente porque, aparentemente, *Bart* ficara tão traumatizado com a estada de *Pete*, que se portava «como um anjinho» desde que o seu concorrente saíra lá de casa.

Ainda a sorrir, fui cumprimentar e conversar com Ronan O'Meara e Myrtle.

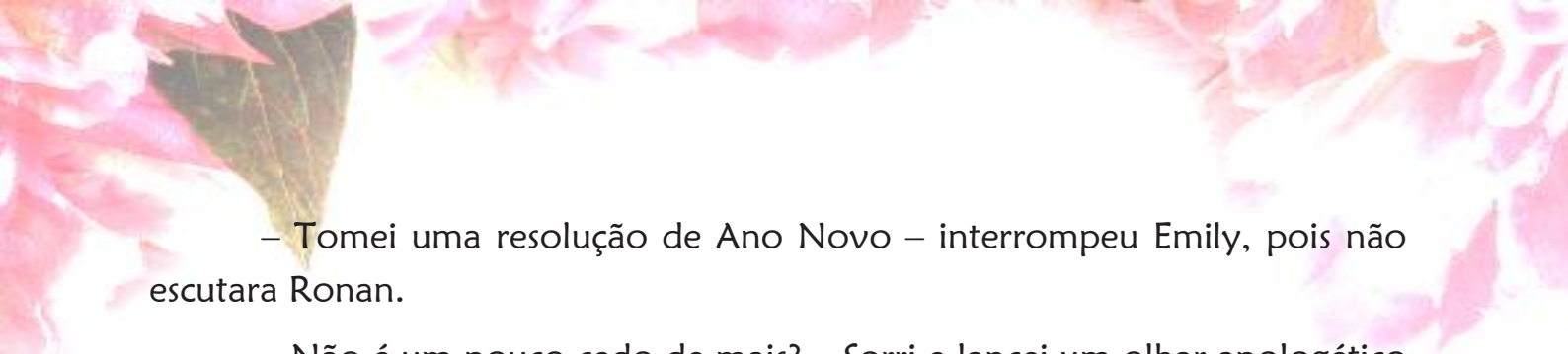
– Cinco estrelas, Lulu, excelente festa – comentou Myrtle, abraçando-me.

– Sim, é uma ideia engraçada – acrescentou Ronan. Maddy juntou-se então a nós e Myrtle piscou-me o olho e apontou para os dois por trás das costas do neto.

– Está na hora dos presentes – anunciou ela e vi-a presentear Ronan com um caloroso sorriso ao mesmo tempo que Mary anunciava que ia começar a tirar nomes de um chapéu. Cada pessoa chamada tinha de escolher um presente e beijar a pessoa que o comprara.

Apresentei Myrtle a Denis Cassidy, que parecia um pouco perdido, e depois adicionei Julia à mistura, para libertar Emily. Quando virei costas, os três idosos já estavam à conversa.

– Lulu – chamou-me Ronan em voz baixa, olhando fixamente para a avó. – Gostaria de falar consigo sobre...



– Tomei uma resolução de Ano Novo – interrompeu Emily, pois não escutara Ronan.

– Não é um pouco cedo de mais? – Sorri e lancei um olhar apologético a Ronan.

– Encontrei o endereço da minha mãe biológica e decidi aparecer-lhe à porta e apresentar-me – declarou sem rodeios para nós os dois. Decidi que precisava de uma bebida antes de tentar desarmar aquela bomba.

Sorte a minha, não teria de lidar com ela logo de imediato, pois, precisamente nesse momento, Louis surgiu por trás de mim, beliscou-me o traseiro e disse, «Adivinha quem é?», o que me pareceu estranho, até que me virei e descobri que, na verdade, fora beliscada pelo Pai Natal.

– Pai Natal, é mesmo um velhinho badalhoco! – Soltei uma gargalhada e ele deu-me um abraço apertado. O fato era magnífico, com barriga protuberante, cabeleira e barba. – Mas não o conheço?

– Claro que conheces! – Sorriu de orelha a orelha. Mike e *Pedro* juntaram-se então a nós.

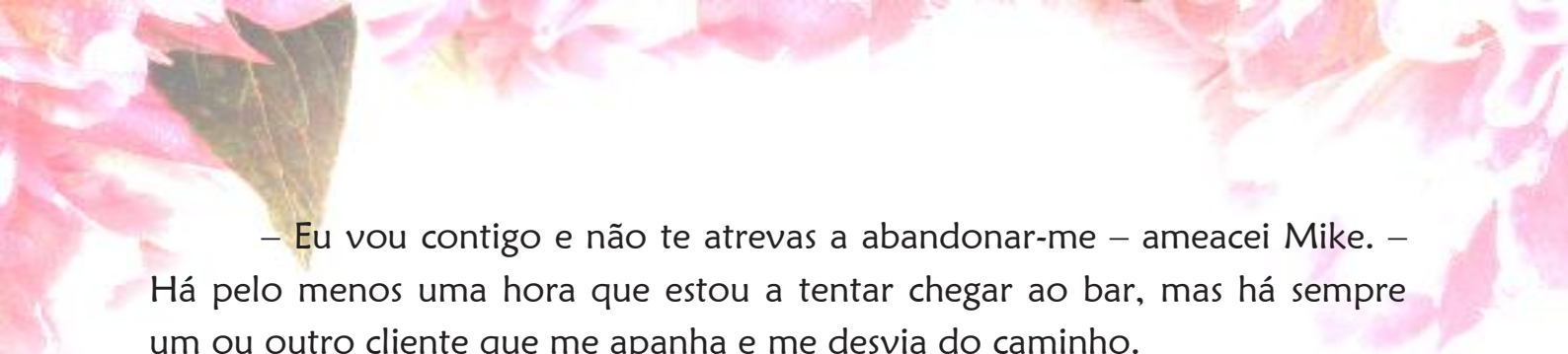
– Meu Deus, aquilo ali em baixo mais parece um zoo. Preciso de uma bebida – anunciou Mike. – Suponho que os níveis de testosterona são altíssimos. E o cheiro a peidos é do outro mundo. Grande ideia, Lulu. Há muito tempo que não era atacado por uma fêmea de tutu cor de rosa ao chegar a uma festa.

– Quer que leve o seu cão lá para baixo? – perguntou um dos voluntários. – Tenho um pequinês lindíssima chamada *Tootsie* que adoraria conhecê-lo.

– Já tentei, e creio que a *Tootsie* é capaz de já ter um dente a menos, se for a de saia de bailarina cor de rosa?

– Ah, mas aposto que não o levou a visitar a banca de petiscos de carne fresca?

– É todo seu. – Mike entregou *Pedro* tão depressa que Louis nem teve tempo de objetar. – Vai uma bebida? – perguntou a Louis e a mim. Nesse instante, Mary apareceu e convenceu o Pai Natal a juntar-se a ela na distribuição dos presentes.



– Eu vou contigo e não te atrevas a abandonar-me – ameacei Mike. – Há pelo menos uma hora que estou a tentar chegar ao bar, mas há sempre um ou outro cliente que me apanha e me desvia do caminho.

– Então, deve haver aí muito cão maroto, não? – inquiriu ele.

– Estás parvo? Os cães estão todos a divertir-se imenso, os donos é que precisam de aconselhamento – expliquei com uma gargalhada. – Deve ser a minha cara. Que dizes, achas que tenho ar de trouxa?

– Não. A maioria dos dias até tens um ar tipo não-se-metam-comigo. Continuas a desfrutar do teu estilo de vida boémio? – quis ele saber.

– Podes crer, e isso só sucede porque, vendo bem as coisas, não tenho de me envolver, se não quiser, por isso, limito-me a dizer o que penso, não o que acho que eles querem ouvir. Isto faz sentido?

Estendeu-me um copo de vinho branco sem perguntar o que eu queria tomar.

– Tanto quanto a teoria da relatividade. – Fez uma careta. – Por sorte, tenho tido muita experiência a lidar com pessoas complicadas, tendo em conta que vivo com um Pai Natal *gay*. E se à mistura, só por si explosiva, juntares um rafeiro que acha que é membro da família real, não ficarás surpreendida ao saber que tenho as costas largas.

– Como vão as coisas com eles?

– Para de trabalhar, estás de folga. – Deu-me uma palmadinha no pulso. – Na verdade, não vão mal. Até estamos a fazer progressos, principalmente porque eu fico de bico calado. E é tudo o que direi até te pagar para me escutares.

– Olá! – Clodagh juntou-se a nós com um rapaz bem-parecido a reboque e Mike cumprimentou-a calorosamente. – Apresento-vos Joe Quinn! – Sorriu-lhe. – A mãe dele, a Mabel, é uma das tuas novas clientes, por isso o Joe queria conhecer-te – explicou Clodagh.

– Ah, o *Clint*, o Cocker Spaniel! – Só me lembrava do nome dos meus novos clientes associados aos dos seus animais de estimação. Resolvi ignorar Mike, que quase se engasgou com a bebida.

– Muito prazer, e obrigado, operou maravilhas – disse ele. – Já posso entrar em casa da minha mãe sem derramar sangue.

A música começou e Clodagh arrastou-o para a pista de dança.

– *Clint?* – Mike estava mortinho para se rir. – Onde raio vão buscar estes nomes? A dona do cão deve ser fã de *westerns*.

– Nada disso. A Mabel é grande fã de música *country*. O nome Clint Black diz-te alguma coisa? – expliquei e Mike arqueou as sobrancelhas. – Foi a dançar um dos êxitos dele que a Mabel conheceu o seu último marido.

– Último?

– O terceiro – fiz notar.

– Só podes estar a gozar comigo... Aquele tipo já não é nenhum garoto. A mãe dele deve ser jurássica.

– Não, juro. – Fiz o sinal da cruz ao fundo do pescoço, como costumávamos fazer em miúdos quando estávamos a mentir com os dentes todos que tínhamos.

Mike abanou a cabeça.

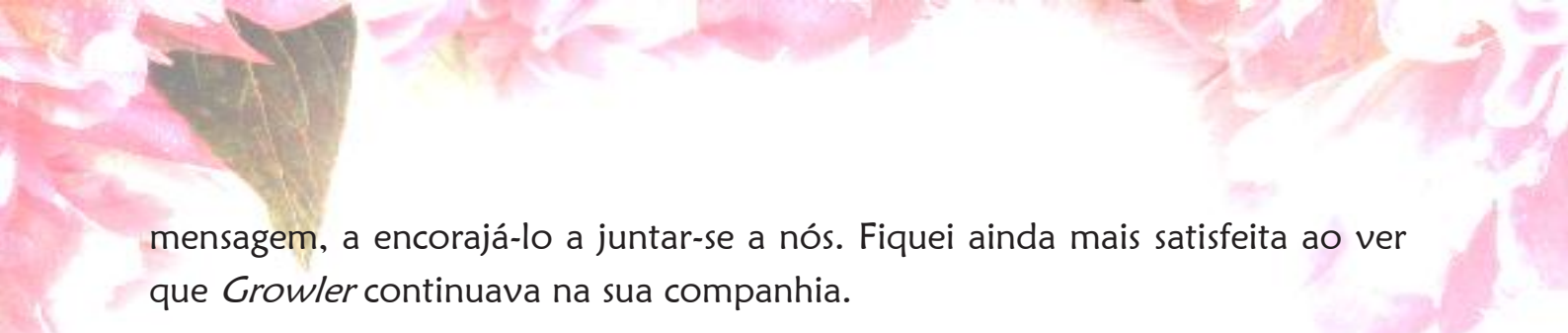
– Há uma palavra para te descrever, só não me lembro dela agora.

Nesse momento, Mary silenciou a música e a troca de presentes começou. Recebi uma assinatura de um ano da linha DoggyScopes, um serviço telefónico para animais de estimação com horóscopos atualizados e conselhos sobre o que o futuro lhes reservaria. A prenda fora adquirida por Louis. Só podia. Agradei-lhe com um sonoro beijo na cara barbuda e ele riu com satisfação.

– Espera até ligares... É de doidos, e americano, claro – explicou ele. – Não resisti, e fico tão contente que tenhas sido tu a receber a assinatura. Vais adorar!

– Não tenho palavras para isso – comentou Mike. – Vocês os dois deviam juntar-se, foram feitos um para o outro.

Quando a festa começava a chegar ao fim e as pessoas a pensar, relutantemente, em ir embora, Doug Stewart apareceu. Fiquei muito contente, pois duvidara que ele viesse, mas ainda assim deixara-lhe uma



mensagem, a encorajá-lo a juntar-se a nós. Fiquei ainda mais satisfeita ao ver que *Growler* continuava na sua companhia.

– Na próxima semana já vai embora. – Foi a primeira coisa que me disse, arruinando as minhas esperanças. – Aquele anúncio foi uma excelente ideia. Recebi oito respostas. Um casal quere-o como prenda de Natal para o filho de nove anos, por isso concordei em ficar com ele até à véspera de Natal.

Apresentei-o a Mabel, cujo filho continuava a fazer companhia a Clodagh. Reparei também em Ronan e Maddy à conversa a um canto e, só por isso, valera a pena ter organizado aquele serão.

Quando desci para ver como iam os cães e restantes animais, constatei que o pátio mais parecia um manicómio, mas toda a gente parecia estar a divertir-se muito. Os animais tinham esse efeito nas pessoas. Apesar da confusão, parecia não haver quaisquer problemas, no entanto, o cheiro obrigou-me a torcer o nariz.

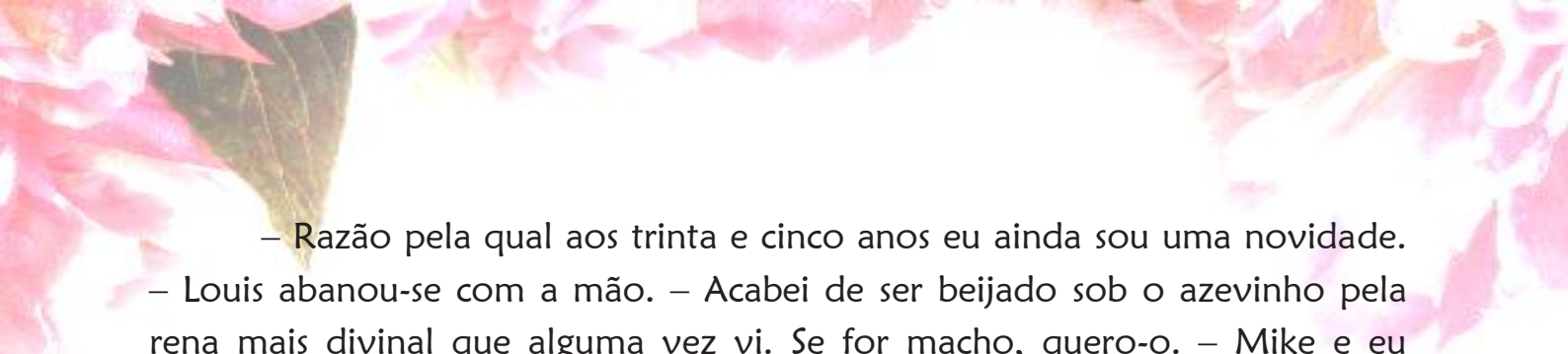
– Os tratadores afirmam que é uma mistura de rato morto com vomitado de bebé – declarou Mike quando me virei, quase esbarrando nele. – Já aquela voluntária ali, muito atraente, assegura que ao fim de um tempo já não se sente. – Piscou o olho.

– Pois, eu diria que qualquer pessoa que se chegue muito à Melissa corre esse risco. – Soltei uma gargalhada. Melissa tinha cerca de dezoito anos, era loura e muito sensual. – Estavas a planear ficar a conhecê-la mais de perto, era?

– Não, é uma carga de trabalhos explicar-lhes como era a vida antes dos telemóveis e da introdução do sistema decimal – respondeu ele. – E se tiver de ver mais uma página do Bebo com uma rapariga e rir histericamente de trezentas fotografias dos amiguinhos dela a beberem coisas com sombrinhas, emborco um frasco de comprimidos.

– É a paga por estares no ramo da música. De certeza que numa companhia discográfica ninguém tem mais de vinte e cinco anos.

– É verdade. É triste, mas é verdade – concordou ele. Louis juntou-se a nós nesse momento.



– Razão pela qual aos trinta e cinco anos eu ainda sou uma novidade.
– Louis abanou-se com a mão. – Acabei de ser beijado sob o azevinho pela rena mais divinal que alguma vez vi. Se for macho, quero-o. – Mike e eu largámos a rir.

Depois de terminarem de servir a comida, os empregados tinham ido vestir fantasias de Natal, por isso tínhamos duas renas, uns quantos bonecos de neve e um anjo.

– Qual delas? – perguntei e Louis apontou para a esquerda. – Sim, é definitivamente macho. Estou a reconhecê-lo – Empolgado, Louis lançou o azevinho a Mike e partiu atrás da rena.

– Acabaste de incentivar o meu amigo a ir apalpar aquele animal e nem fazes ideia se é um ser humano, quanto mais do sexo masculino, pois não? – Mike fez de conta que estava chocado.

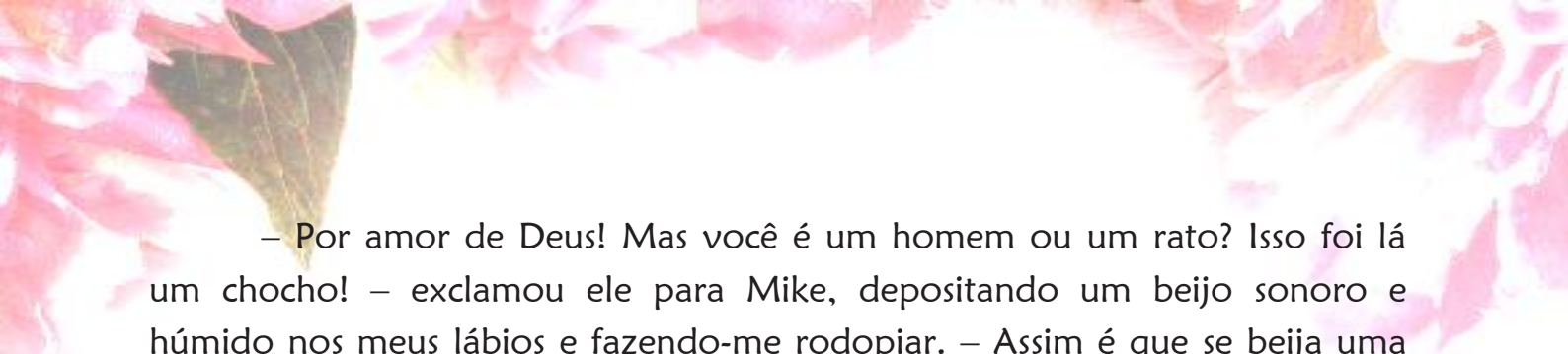
– Nem a mais pequena ideia – gracejei.

Fomos então abordados por Dinny.

– De que está à espera, com esse ramo de azevinho na mão e uma mulher lindíssima a seu lado? – Pregou então a Mike, que se preparava para beber um gole da sua cerveja, uma valente palmada, de tal forma que ouvi os seus dentes baterem contra o vidro do copo. – Vamos, dê-lhe um beijo, por amor de Deus, e passe-me o azevinho. Já beijei uma dúzia de mulheres esta noite, mas só paro quando já estiver roxo.

– É melhor fazer o que me mandam, este homem é perigoso – comentou Mike num sussurro, segurando o azevinho por cima da minha cabeça e inclinando-se para mim. Nesse momento, contudo, alguém me pregou um encontrão – uma fila de pessoas a imitar um comboio serpenteava naquele momento pela sala a cantar *Jingle Bells*, logo, presumo que tenha sido uma delas. Em resultado disso, em vez de oferecer a face, acabei por beijá-lo em cheio nos lábios. Não passou de um beijo de raspão, na verdade, mas senti um formigueiro nos lábios que me fez recuar de repente, como se tivesse apanhado um choque elétrico.

– Fixe. – Mike piscou-me o olho, mas antes que tivesse tempo de processar o que acontecera, vi Dinny colado ao meu nariz.



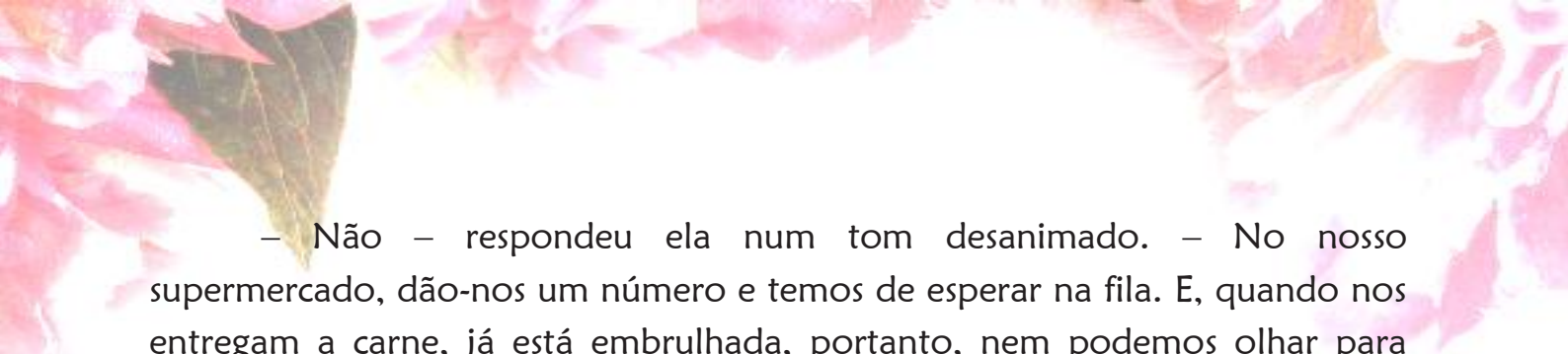
– Por amor de Deus! Mas você é um homem ou um rato? Isso foi lá um chocho! – exclamou ele para Mike, depositando um beijo sonoro e húmido nos meus lábios e fazendo-me rodopiar. – Assim é que se beija uma mulher! – declarou, mas quando acabei de girar estava de costas para Mike, que fora arrebanhado por Melissa e arrastado para a cobra que entretanto também já dançava a conga. – Ora, onde está aquela pensionista simpática que vi há bocado? Cá para mim, não diria que não a uma beijoca – ouvi ainda Dinny dizer antes de desaparecer no meio da multidão e me deixar ali especada, com as pontas dos dedos coladas aos lábios, ainda a formigarem, e a interrogar-me sobre o que acontecera e por que motivo, de repente, me sentia diferente em relação a Mike. Olhei para ele, pontapeando para a esquerda e depois para a direita, com um ridículo par de chifres de veado na cabeça enquanto seguia no comboio atrás de Melissa. Tinha um ar completamente descontraído, como de costume.

24

DE REPENTE ERA VÉSPERA DE NATAL e seguiu-se a habitual azáfama. Estava no consultório a tratar de algumas tarefas de última hora. Comprara uns lindíssimos cartões eletrónicos *on-line* – com animais, claro –, bem como uns brindes e enviara-os pelo correio para os meus clientes habituais, porém, tinha três novos clientes, por isso, decidira enviar os respetivos postais e prendas por mensageiro. Mary, que se soltara ainda mais desde a festa, oferecera-se para me ajudar naquele dia, o que era muito simpático da parte dela, tendo em conta que a maioria das pessoas iria de certeza preferir estar noutro sítio qualquer do mundo do que no trabalho na véspera de Natal. Assim, devorando uma caixa de *Milk Tray*, oferta de um Boxer chamado *Charlie*, podia terminar o meu trabalho sem qualquer pressão. Não tinha clientes a chorar baba e ranho enquanto me confessavam o quanto temiam aquela quadra do ano ou ameaçando suicidar-se e deixando-me seriamente preocupada. O cúmulo do stresse naquela semana fora enviar ióió a Yorkies. Adorava a minha nova vida.

– Estou sempre a esquecer-me de lhe perguntar onde vai passar o dia de Natal – disse Mary, entrando com duas chávenas de chocolate quente, condimentadas com rum e uma trufa, cortesia da vizinha empresa de *catering*, que conseguira três novos clientes desde a nossa festa, sendo Louis um deles.

– Na caravana – contei-lhe toda animada. – A Maddy vai passar o dia comigo, e a Clodagh também, o que é inacreditável, visto que os pais dela costumam organizar festas de Natal durante toda a semana e normalmente exigem a presença dela. Para além disso, encomendei peru e pernil de porco no talho local. Veja lá que prometeram ter tudo pronto para ir ao forno, incluindo recheio caseiro e miúdos para o molho. O talhante até me vai emprestar um tabuleiro para o pernil. Dá para acreditar?



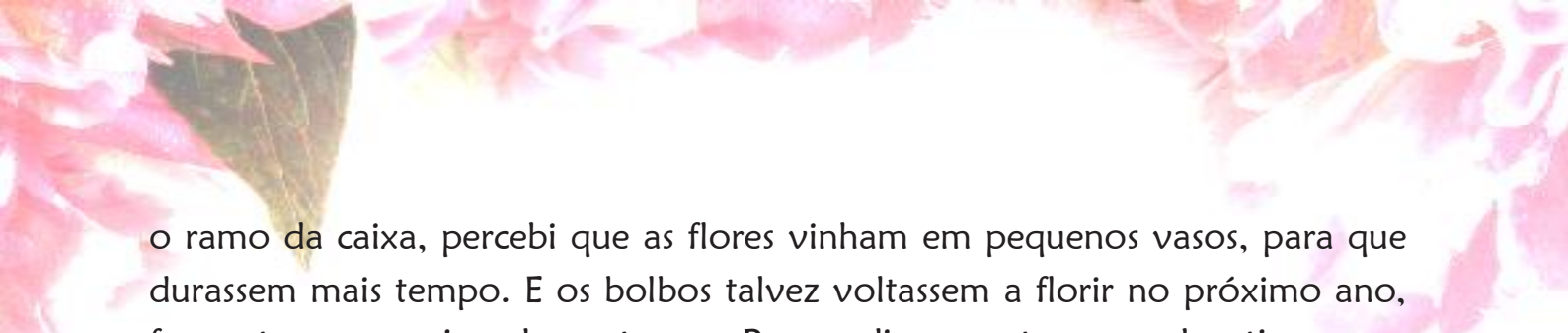
– Não – respondeu ela num tom desanimado. – No nosso supermercado, dão-nos um número e temos de esperar na fila. E, quando nos entregam a carne, já está embrulhada, portanto, nem podemos olhar para ela. Para encomendar, vamos ao balcão de atendimento ao cliente e especificamos o peso do peru e damos os nossos dados pessoais.

Sabia que Mary ia passar o dia com os pais idosos e um tio e uma tia, por isso suspeitei que não estaria com disposição para me ouvir gabar acerca da mercearia de que me tornara cliente e onde arranjavam e embalavam as couves-de-bruxelas aos clientes, vendiam molho caseiro de arando e até os ingredientes completos para uma *trifle* de frutos de inverno – incluindo as natas e o *custard* – numa embalagem toda bonita, com a receita incluída. Maura, a proprietária, dissera-me que, no ano anterior, ela e a filha tinham ficado a pé até às quatro da manhã a prepará-los, pois Bray estava cheia de casais novos que não sabiam cozinhar nem tinham tempo para tal, por isso adoravam as ideias dela e não se importavam de pagar um pouco mais – ainda que os tempos estivessem difíceis – para impressionar a família e os amigos. No domingo anterior escutara uma cliente com alguma idade dizer que preferia não pagar a conta do gás a ficar sem os petiscos de Maura, um comentário que me fez tomar consciência do quanto era afortunada por não ter semelhantes preocupações.

Decidi que era o momento certo para fazer Mary sentir-se desejada.

– Aqui tem uma coisa para usar quando tiver um tempinho livre para si. É apenas para lhe agradecer por ser a melhor rececionista a que um cão alguma vez poderia ladrar. – Estendi-lhe um cesto que eu mesma recheara com produtos para o banho e uma pequena garrafa de champanhe. Ela ficou tão contente que me abraçou com os olhos cheios de lágrimas. E depois foi buscar uma meia de Natal com motivos caninos recheada de biscoitos para *Pete*, que saiu de debaixo da minha secretária para a receber com a cauda a abanar alegremente.

Nesse instante, ouvimos bater à porta. Era o mensageiro que viera buscar os pacotes com os postais e brindes. No meio da confusão, entre encomendas que mudavam de mãos e assinaturas de papéis, não reparei numa segunda entrega de flores, um enorme ramo encarnado e branco com magníficas amarílis vermelhas e jacintos brancos muito odoríferos. Ao levantar



o ramo da caixa, percebi que as flores vinham em pequenos vasos, para que durassem mais tempo. E os bolbos talvez voltassem a florir no próximo ano, fez notar a rapariga das entregas. Respondi que estava a sobrestimar por completo as minhas habilidades como jardineira, mas ficara felicíssima com o presente.

O cartão dizia: «Obrigado por garantires que este Natal ninguém será estrangulado na nossa casa. Com amor, *Pedro*.» Havia marcas de patas de cão por todo o postal, que tinha todo o ar de ter sido idealizado por Louis, até que reparei numa outra coisa no canto inferior esquerdo: «P.S. Beijas muito bem!»

Alguns minutos depois, estava ainda a sorrir de orelha a orelha quando Doug Stewart apareceu à minha porta com uma garrafa na mão.

– Não esperava encontrá-la. Vinha apenas deixar isto para si, para lhe agradecer.

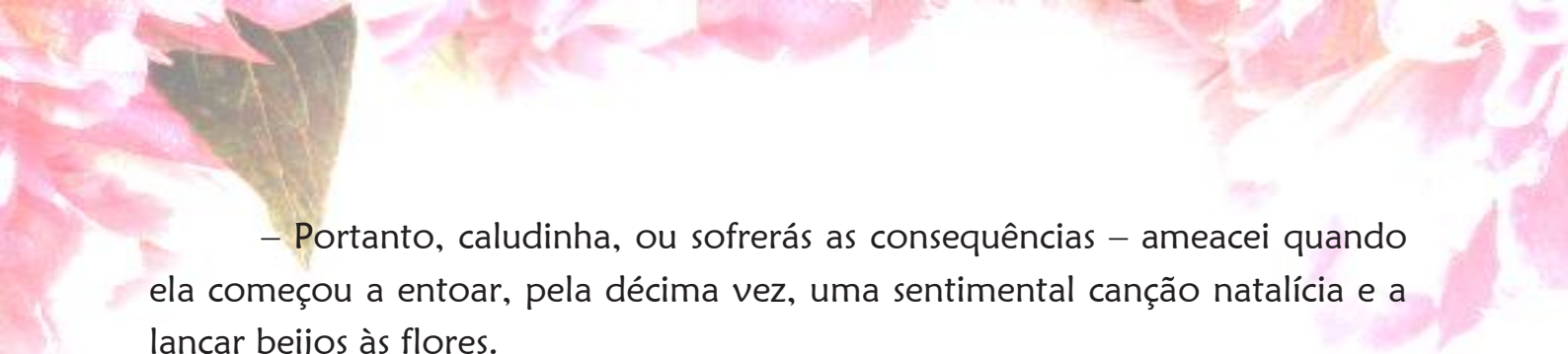
– Entre, Doug. – Era sempre um prazer conversar com Doug. Ao ver *Growler* ao lado dele, lembrei-me que era o último dia que estariam juntos. – Não tem nada por que agradecer. Tenho é pena que o Doug e o *Growler* se vão separar.

– Não vamos. A garrafa é da parte dele. – Sorriu e acariciou a cabeça do cão. – Depois de conversar consigo na festa e de ter visto todos os cães e seus donos, dei-me conta de que o *Growler* é a única família que tenho, por isso fui a um refúgio de animais e arranjei outro cão para o tal casal.

Fiquei tão feliz que lhe dei um abraço.

– Não podia dar-me melhor prenda de Natal – disse e insisti que abríssemos o vinho para comemorar.

Nessa noite, Maddy não se cansou de me provocar por causa das flores, mas não podia falar muito, pois Ronan O'Meara convidara-a por fim para sair e tinham combinado encontrar-se no início do novo ano para um passeio por Dalkey e um chá naquele encantador café onde eu estivera com Myrtle.



– Portanto, caludinha, ou sofrerás as consequências – ameacei quando ela começou a entoar, pela décima vez, uma sentimental canção natalícia e a lançar beijos às flores.

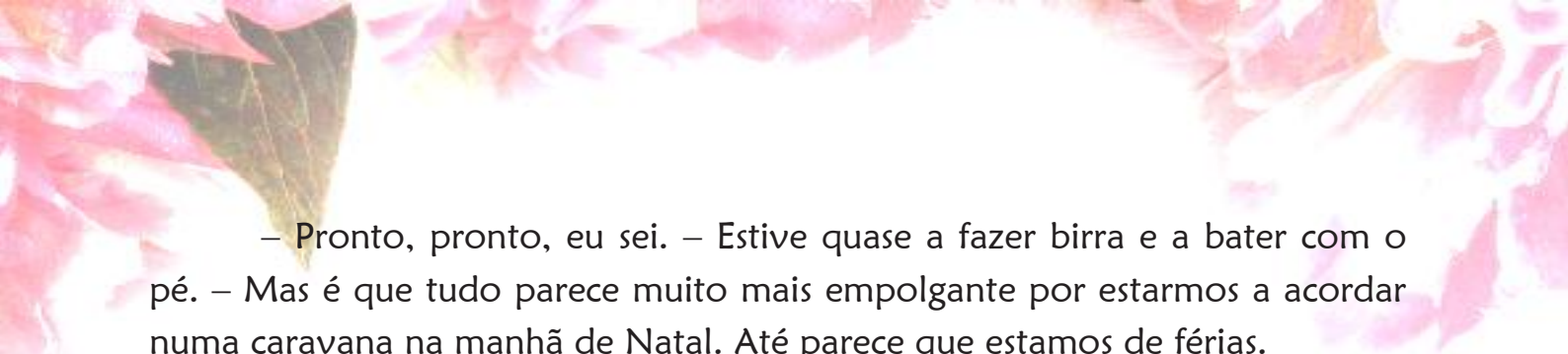
Jantámos comida chinesa e vinho quente – uma combinação que não recomendo, mas Maddy bateu o pé – frente à lareira enquanto víamos *Música no Coração* e ansiávamos pelo grande dia. Combináramos encontrar-nos com Clodagh, forçada sob ameaça de arma a passar a véspera com a família, na manhã seguinte, para a missa das dez horas, por isso decidimos ir para a cama cedo, «para o Pai Natal não nos apanhar ainda a pé», disse Maddy a *Pete*.

O cão dormiu aos meus pés, como era costume, embora naquela noite tivesse uma faustosa cama novinha em folha, de pele artificial, decorada com pegadas de cão – oferta de Emily – e uma botija de água quente musical que tocava canções de Natal, oferecida por Imelda, uma das minhas novas clientes. Naquela noite, porém, *Pete* estava invulgarmente excitado, talvez porque Maddy não parava de saltar da cama e ir dar corda à botija de cada vez que a música parava, para assim poder ouvir «Santa Claus Is Coming To Town» mais uma vez. Por cinco vezes, quando estava mesmo a adormecer, sobressaltou-me, por isso, acabei por trancar a porta do quarto e adormeci a agradecer aos céus pela vida que tinha e a pedir um ano novo feliz e com muita saúde para toda a minha família e amigos.

O dia amanheceu soalheiro e frio. Maddy foi levar-me um chá e um *Buck's Fizz* à cama. Derrubei o copo ao lançar o edredão para trás – um dos perigos de um quarto pequeno – e *Pete* pôde assim provar champanhe pela primeira vez. Adorou, a julgar pelo fervor com que lambeu o chão e o copo. Quando cheguei à cozinha, o fogão estava aceso, a televisão em altos berros e Maddy descascava batatas e emborcava champanhe.

– Já podemos abrir os presentes? – Andara a apalpar os embrulhos a noite anterior e estava desejosa de saquear a pilha.

– Não, temos de esperar até a Clodagh chegar. – Deu-me uma palmada. – Mas que idade pensas que tens, sete anos?



– Pronto, pronto, eu sei. – Estive quase a fazer birra e a bater com o pé. – Mas é que tudo parece muito mais empolgante por estarmos a acordar numa caravana na manhã de Natal. Até parece que estamos de férias.

– E estamos! Mas tens razão, parece tudo muito mais divertido, como se estivéssemos a acampar ou a ter uma aventura tipo os Cinco ou assim. Mas vá – estendeu-me uma faca –, ajuda-me com isto. Já te passa a excitação.

Cantámos e assobiámos e preparámos tudo, até ao mais ínfimo pormenor, a mesa posta com chapelinhos e *crackers* sobre os pratos e até fiz uma mesa especial para *Pete*, com a sua nova tigela de Natal, oferta de Dinny.

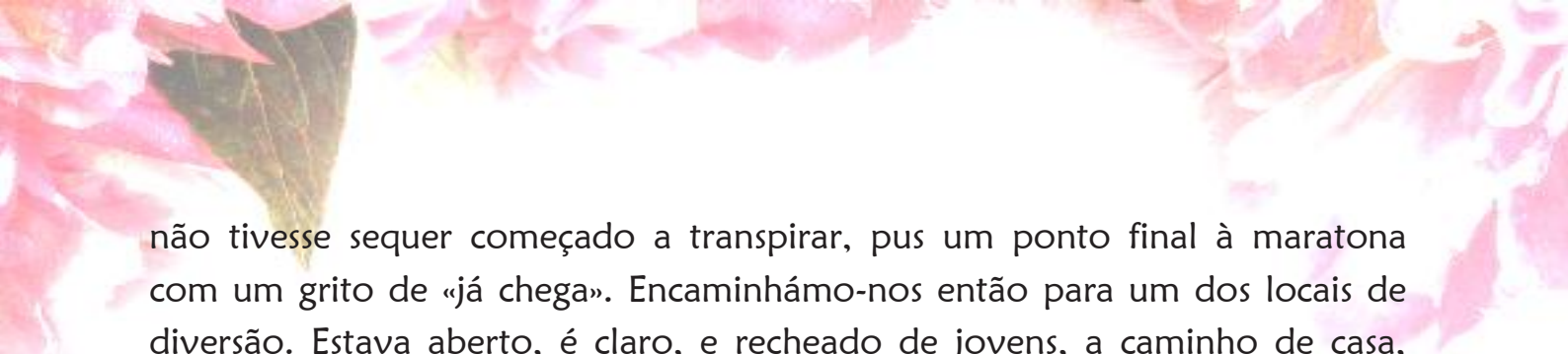
Fomos para a missa no carro de Maddy, para assim não termos de o deixar em casa, e no final seguimos diretamente para a marginal. Eu vestira um casaco encarnado – continuava a vestir-me à conta de Bronwyn – e comprara um chapéu, luvas e cachecol de pompons a combinar. Maddy classificara-os de «ridículos», mas reparei que ela levava um casaco de feltro preto com uma rena gigante bordada nas costas. Em conjunto com umas calças de ganga elásticas, uma camisola lindíssima e botas de salto alto, tinha um ar jovem e feliz e despreocupado. Interroguei-me se Ronan O'Meara não teria alguma coisa a ver com aquilo.

Clodagh esperava-nos à porta da igreja. Fora correr e tinha um ar radiante. Trazia o cabelo apanhado num rabo-de-cavalo e um deslumbrante casaco roxo e calças de ganga.

– Mudei de roupa no carro – explicou ela com uma risada. – Suspeitei que me renegariam se aparecesse de fato de treino.

Cantámos todos os hinos em voz alta e fiquei surpreendida no final, quando saímos, ao ver que conhecia tanta gente. Maddy proclamou-me uma verdadeira «Dulchie», um habitante de Dublin que se tornara «culchie», o nome que as gentes da capital davam às pessoas da província.

Demos então um longo passeio, que *Pete* adorou, especialmente porque havia muito pouco trânsito. Grande parte do tempo, deixámo-lo andar sem trela, e ele correu de um lado para o outro, farejando tudo o que era buracos na esperança de encontrar, quiçá, um coelhinho do Natal. Maddy e eu ficámos estouradas ao fim de quarenta minutos e, embora Clodagh ainda



não tivesse sequer começado a transpirar, pus um ponto final à maratona com um grito de «já chega». Encaminhámo-nos então para um dos locais de diversão. Estava aberto, é claro, e recheado de jovens, a caminho de casa, comentou Maddy, pois estavam demasiado animados para aquela hora do dia e o cheiro a álcool era de cair para o lado.

Divertimo-nos imenso a comer montanhas de algodão doce e a roer maçãs caramelizadas com uma crosta que mais parecia de betão. *Pete* observou-nos pacientemente de longe, encolhendo-se, sem fazer qualquer tentativa para se juntar a nós quando as cadeiras voadoras passavam ou os carrinhos de choque embatiam uns nos outros. Para que não se sentisse posto de parte, não nos cansámos de lhe acenar e de gritar «lindo menino».

Clodagh achou que a caravana estava espetacular. Para embelezar o alpendre, Maddy comprara duzentas luzinhas que tremeluziam quando chegámos e tinham um ar ainda mais mágico porque o sol matutino esmorecera e a luz do dia começava a enfraquecer. Enfeitara até um dos pinheiros junto à caravana e, tendo em conta que em redor não havia mais nada iluminado ou ornamentado, o efeito era de facto impressionante.

Uma vez dentro de casa, abrimos o champanhe e verificámos o peru, que deixáramos a assar lentamente.

Clodagh juntou os seus presentes à pilha sob a árvore e Maddy gritou:

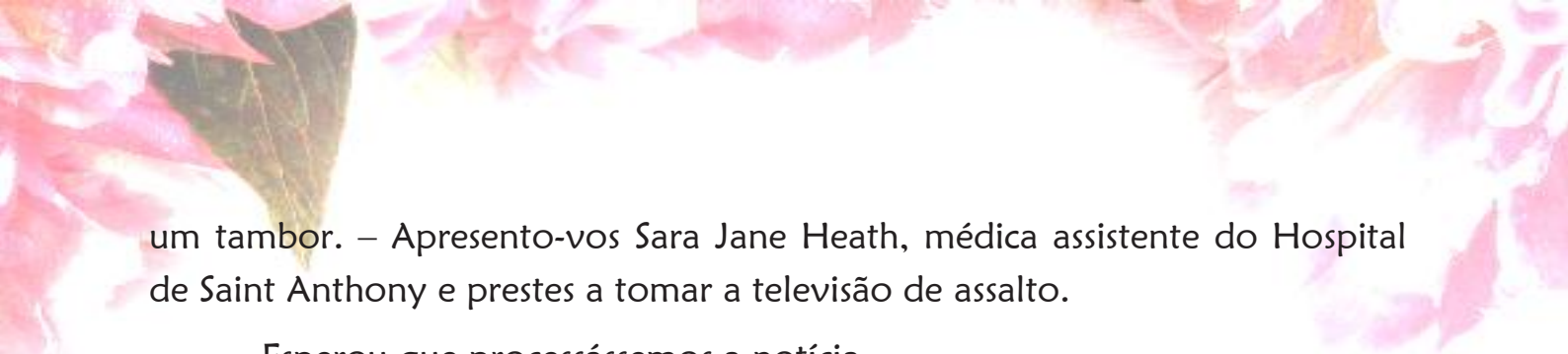
– Um brinde!

– Brindemos ao amor – declarou Clodagh de imediato e todas suspeitámos que estava a referir-se a Joe Quinn, que conhecêramos na festa e que, antes de partir para as suas férias em Itália, a convidara para jantar.

– Creio que também sou capaz de marcar alguns pontos nessa área – acrescentou Maddy com uma gargalhada meio obscena.

– Eu diria que marcarás quer queiras quer não, a julgar pelo empenho da Myrtle. – Contara-lhe o quanto Myrtle ficara satisfeita de os ver tão juntos na festa.

– Pois, mas pode até dar-se o caso de eu vir a não ter muito tempo para o amor, queridas... Tenho novidades fresquinhas. – Imitou o barulho de



um tambor. – Apresento-vos Sara Jane Heath, médica assistente do Hospital de Saint Anthony e prestes a tomar a televisão de assalto.

Esperou que processássemos a notícia.

– O quê? – perguntei eu e Clodagh ao mesmo tempo.

Fui a primeira a recuperar do choque.

– O quê? Conseguiu o papel? Quando? Como? Caramba, porque não me disseste?

– Só antes de ontem o elenco ficou totalmente definido, antes de a equipa fazer a habitual pausa para as festas. – Riu das nossas caras. – Estava mortinha por vos contar, mas decidi esperar. Que podia ser mais perfeito? Nós as três juntas no dia de Natal, cada qual com um rumo novo e emocionante na vida. Olhem bem para nós: empregos novos, uma casa nova para ti, Lou, e, quem sabe, para mim também... Esperem até vos dizer o quanto planeiam pagar-me durante os próximos três anos... E novos homens nas nossas vidas. – Deu-me uma cotovelada. – Nem te atrevas a negar. Bem vi a forma como olhavas para ele na noite da festa.

Corei, pois sabia que, mais cedo ou mais tarde, acabariam por me arrancar a história do beijo. Nem acreditava que não tivessem reparado no cartão que vinha com as flores.

– Meu Deus, Maddy, é fabuloso! – Clodagh agarrou em Maddy e começou a dançar com ela pela sala. Eu peguei em *Pete* e fiz o mesmo. – Tiveste finalmente a oportunidade que tanto merecias. Estou tão feliz por ti. – Quando olhei para ela, tinha lágrimas nos olhos, mas eram de alegria.

– Que disse a tua família?

– Qual foi a reação da *Porky* Pauline?

As perguntas seguiram-se em catadupa.

– Ninguém sabe, mas estou desejosa de ver a cara daquela cabra quando se der conta de que já não vai poder acenar-me com míseros contratos semanais. Será a minha primeira tarefa do novo ano e até já risco os dias no calendário. Seja como for, queria que as minhas duas melhores amigas fossem as primeiras a saber. – Sorriu de orelha a orelha. – Amanhã contarei à restante família.

– Jesus, é fenomenal! Vais ser uma celebridade. – Abracei-a de novo.

– E vou poder queimar aquela merda daquela rede para o cabelo! Até que enfim! – exclamou Maddy com um pulo de alegria.

– Vamos ser convidadas para todo o lado – comentou Clodagh. – Talvez até consiga conhecer Ryan Tubridy. – Era um dos ídolos televisivos dela e vivia na esperança de o conhecer.

A meia hora que se seguiu foi de loucos, de tal forma que o peru acabou de assar e nem ainda tínhamos tratado das batatas, por isso, envolvemos o peru em folha de alumínio e arregaçámos as mangas, rindo, bebendo e conversando enquanto preparávamos o resto da refeição.

– Então, como vão as coisas com o Mike, Lou? – perguntou Maddy, atarefada a tratar do molho.

O champanhe soltara-me a língua, por isso acabei por desembuchar tudo e mostrei-lhes o cartão. Seguiram-se apupos e palmas e gritos de «eu bem te disse» e «deves-me uma nota de dez». Escusado será dizer que troçaram de mim como se não houvesse amanhã.

– *Okay*, vamos lá acalmar – pediu Clodagh por fim – e recapitulemos. Sabemos que a Maddy e o Ronan têm um encontro agendado...

– E a Myrtle fez-me um *Christmas pudding*, por isso, diria que já fui aceite na família – acrescentou Maddy e brindámos a isso.

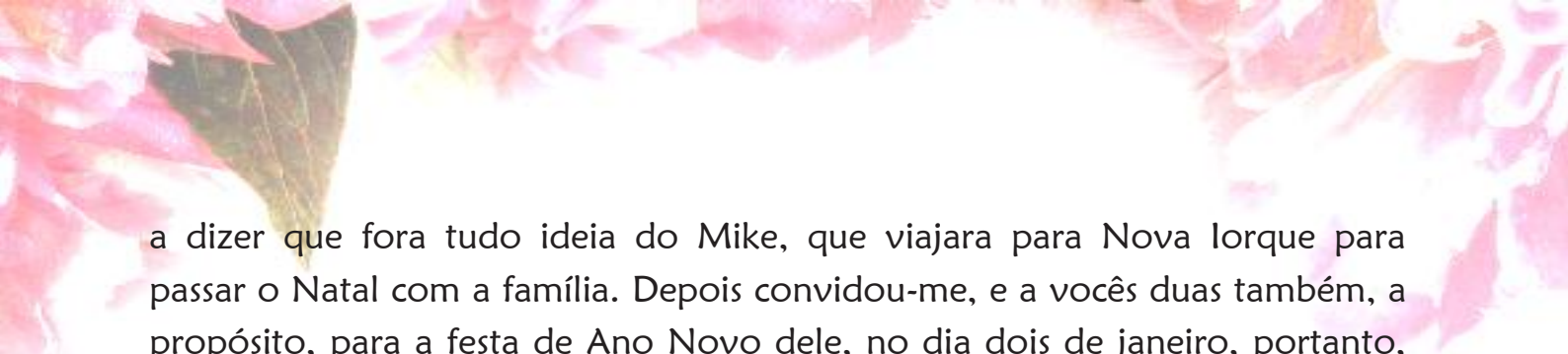
– E o Joe enviou-me uma mensagem ontem à noite a dizer que estava a pensar em mim. – Nova ronda de vivas e de brindes. – E em que pé, ao certo, estão as coisas entre ti e o Mike, Lulu?

– Dizer-lhe que beija muito bem não é um começo nada mau – fez notar Maddy. – Eu ainda não cheguei tão longe.

– A sério? – Nenhuma de nós podia acreditar. Maddy não era rapariga de perder tempo.

– Bom, em público não há assim muitas oportunidades para beijos e, com a avó dele ao lado, menos ainda – explicou ela com uma gargalhada.

– Não tenho mais nada a acrescentar – referi eu. – Enviei uma mensagem a agradecer o presente ao Mike e ao Louis e ele ligou-me de volta



a dizer que fora tudo ideia do Mike, que viajara para Nova Iorque para passar o Natal com a família. Depois convidou-me, e a vocês duas também, a propósito, para a festa de Ano Novo dele, no dia dois de janeiro, portanto, presumo que terei de esperar para ver o que acontece.

– O Mike regressará a tempo?

– É bom que sim. – Ri. – Gostaria de vê-lo na festa. – Só me dei conta disso quando o verbalizei.

– Quase de certeza que verás. Eu diria que ele não a perderia por nada. E nós, seja como for, vamos lá estar a teu lado, querida – disse Maddy. – Mal posso esperar!

– É como eu. Faço figas para que dê tudo certo entre ti e ele. – afirmou Clodagh, que não podia ficar sem dar a sua achega.

Eram quase cinco da tarde quando por fim nos sentámos a comer, mas estava tudo delicioso, ou talvez fosse porque a fome era negra.

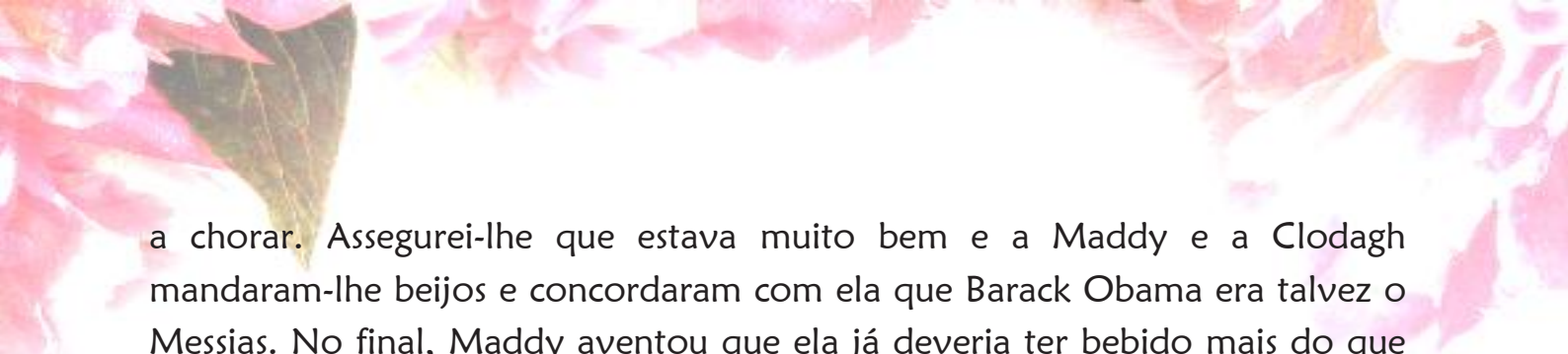
– Ando desde manhã para te perguntar, Lou – disse Clodagh. – E a Becky, onde foi ela passar o Natal?

– Com a minha mãe, em San Diego. Pelos vistos, a Martha estava com saudades das suas meninas e o marido dela ofereceu-se para nos pagar as passagens às duas. Eu recusei. A minha mãe nem sequer sabe que mudei de casa.

– Bem, amanhã vais almoçar lá a casa, com a minha mãe. Logo darás graças pela tua, suspeito. – Maddy fez uma careta. – Também estás convidada, Clodagh, não te esqueças.

– Eu sei, desculpa, já te devia ter dito que não posso ir. Vou ser arrastada para as corridas pelos meus pais, em conjunto com uma dúzia dos mais entediantes membros do clube dos ricos. Só acedi porque eles ainda não me perdoaram por não ter passado o dia de hoje com eles.

O meu telefone tocou nesse momento e, para meu grande espanto, era a minha mãe. Nem sequer sabia que ela tinha o meu número; normalmente, só me contactava por *e-mail* e de forma muito ocasional. Fosse como fosse, disse-me que tinha saudades minhas e que não acreditava que não tivesse ido vê-la e que estivesse a passar o Natal numa caravana; e largou



a chorar. Assegurei-lhe que estava muito bem e a Maddy e a Clodagh mandaram-lhe beijos e concordaram com ela que Barack Obama era talvez o Messias. No final, Maddy aventou que ela já deveria ter bebido mais do que o xerez usado para cozinhar.

Desligámos então os telefones e brindámos a um excelente dia e a um novo ano que prometia ser próspero e feliz em todas as frentes.

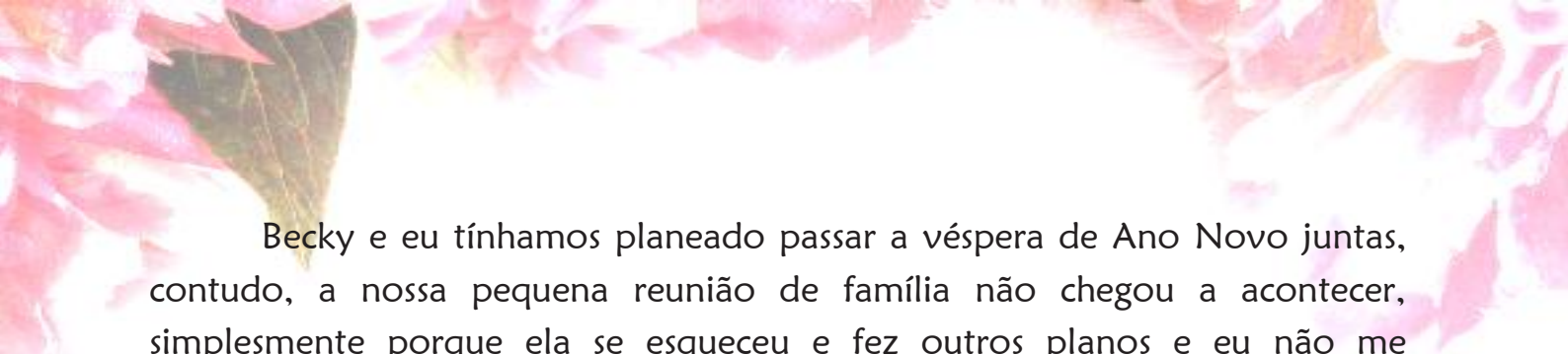
25

O DIA SEGUINTE FOI A ALEGRE E HABITUAL CONFUSÃO em casa da mãe de Maddy, com toda a família reunida. Passei a maior parte do dia a ajudar na cozinha e a tentar convencer Connie a descontraír. Comparada com a minha família, a de Maddy era um cruzamento entre os Walton e o Brady Bunch. Intrometiam-se constantemente nas vidas uns dos outros sem pedir permissão, diziam o que lhes vinha à cabeça, mas, de alguma forma, sabíamos que seriam sempre amigos. Uma vez que me conheciam desde miúda, acolhiam-me sempre como um membro da família e estar com eles animava-me sempre.

Quiseram saber tudo acerca das mudanças que fizera na minha vida e todos me felicitaram e desejaram felicidades e, portanto, fui abraçada e beijada mais ainda do que o habitual. Até me ofereceram um presente para a minha casa móvel: um par de espreguiçadeiras antiquadas, pois Maddy dissera-lhes que estar no alpendre da minha casa era como estar à beira-mar.

Connie não se cansou de me abraçar e de dizer que gostava muito de mim – coisa que costumava fazer, de resto –, mas como, nesse aspeto, o contraste com a minha mãe era enorme, eu ficava sempre com um enorme nó na garganta. Naquele ano, porém, estas diferenças pareciam ter-se tornado ainda mais evidentes e, mais uma vez, resolvi conversar com a minha mãe o mais cedo que pudesse.

Quando Maddy nos foi levar a casa, sabia que iria sentir saudades do afeto e cordialidade deles, mas, por outro lado, estava mais uma vez pronta para o meu estilo de vida simples. Passei os dias a seguir a pôr alguma papelada em dia, a dar uma boa limpeza à caravana e a fazer caminhadas de duas horas com *Pete* por zonas mais remotas do condado de Wicklow, onde havia muitos cheiros novos e muitos sítios para ele se rebolar.

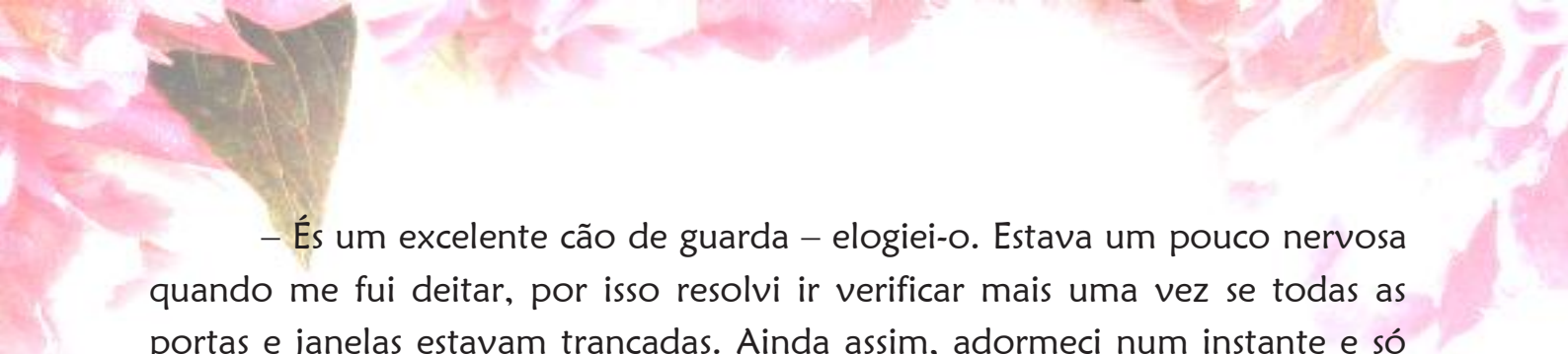


Becky e eu tínhamos planeado passar a véspera de Ano Novo juntas, contudo, a nossa pequena reunião de família não chegou a acontecer, simplesmente porque ela se esqueceu e fez outros planos e eu não me preocupei em obrigá-la a cumprir a combinação que fizera comigo. Fiquei desapontada, embora não surpreendida; a questão era que, naquele ano, queria mesmo mostrar-lhe a minha nova vida e falar abertamente com ela. Pela primeira vez, dei-me conta de que detestava ter uma irmã que, na realidade, não conhecia. Todavia, o facto de não partilharmos a nossa vida incomodava-me mais a mim do que a ela ou assim parecia.

Quando contei a Maddy, ela arrastou-me para uma festa cheia de gente da televisão e divertimo-nos muito. Por volta da meia-noite, Ronan-lhe enviou uma mensagem, o que a deixou ainda mais feliz. Clodagh não se juntou a nós porque Joe voltara mais cedo da sua viagem – fora com o propósito de fazer esqui, mas não encontrara neve – e convidara-a para sair. Telefonou-nos à meia-noite, a desejar um bom ano, por isso estava tudo bem. O mundo sorria-nos.

Fizéramos uma centena de resoluções de ano novo. Maddy queria tornar-se «uma estrela e ir para cama com um homem»; Clodagh fora ligeiramente mais modesta, afirmando que o seu desejo era que o seu novo negócio fosse um êxito, se bem que «encontrar um homem» viesse logo a seguir. Já eu, não queria nada de especial na realidade, à exceção de ver onde a minha amizade com Mike me levaria. Não sentia qualquer pressão, mas fazia figas para que ele estivesse na festa.

Não fiz absolutamente nada no dia seguinte; desde a «festa do vomitado», como Clodagh e Maddy lhe chamavam, que não voltara a beber tanto e, embora tivesse sido mais ou menos cuidadosa na festa de Ano Novo, estava um pouco ressecada e preferi ir com calma naquele dia. Quando me preparava para me deitar nessa noite, *Pete* começou a ladrar sem qualquer motivo aparente e a querer sair. Não deixei, não fossem ser adolescentes com foguetes. Desde o Halloween, há dois meses, que a vizinhança era de vez em quando visitada por jovens com foguetes e outros tipos de fogos de artifício. Por fim, *Pete* lá se acalmou, mas reparei que afilava as orelhas ao mais pequeno som.



– És um excelente cão de guarda – elogiei-o. Estava um pouco nervosa quando me fui deitar, por isso resolvi ir verificar mais uma vez se todas as portas e janelas estavam trancadas. Ainda assim, adormeci num instante e só abri os olhos quando o despertador tocou, portanto, também não estava assim tão amedrontada, obviamente.

Era dia de regresso ao trabalho, mas, pela primeira vez na vida, não me levantei de mau humor; na verdade, estava em grande forma e bem-disposta quando coloquei *Pete* na mota e rumei ao consultório. Muita gente gemia e lamentava-se pelos corredores nessa manhã, mas todos se animaram ao ver *Pete* com os seus óculos de sol com pala – o presente de Natal de Maddy. Era impossível não sorrir ao olhar para ele, sendo a melhor cura para a depressão típica do primeiro dia de trabalho de que toda a gente, à exceção de mim e de Mary, parecia estar a ser vítima.

– Se tiver de recordar mais um episódio do passado com o meu tio Dan ou comer mais uma fatia do *pudding* da tia Eileen, grito – disse-me ela assim que a vi. – Serei a única pessoa feliz por as festas terem terminado?

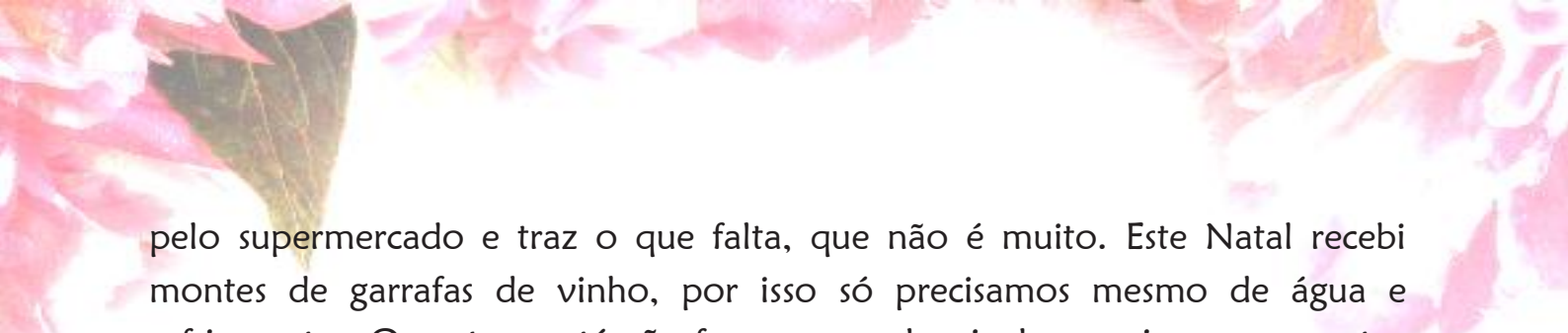
– Dantes também sentia o mesmo – asseverei. – Porque acha que os Samaritans¹³ ficam sem mãos a medir nesta altura do ano? Toda a proximidade e convivência e boa disposição forçadas, comuns nesta época do ano, levam muitas pessoas a sentir-se como a Mary.

Conversámos um pouco mais sobre as festas até que recebi um telefonema de Louis, que queria simplesmente assegurar-se de que não me esquecera da sua festa.

Garanti-lhe que estava ansiosa pelo espetacular serão e perguntei se era preciso levar alguma coisa.

– Não, nada, querida. Aqueles fabulosos *caterers* aí do lado vão trazer tudo: pratos, copos, travessas, talheres. E o Mike acabou de telefonar. Já vem a caminho do aeroporto e a empresa mandou-lhe um carro, por isso ele passa

¹³ A Samaritans é uma organização de caridade cuja missão é ajudar o próximo oferecendo aconselhamento emocional. (N. da T.)



pelo supermercado e traz o que falta, que não é muito. Este Natal recebi montes de garrafas de vinho, por isso só precisamos mesmo de água e refrigerantes. Os *caterers* até vão fornecer uns barris de cerveja e uns quantos *barmen*, portanto, está tudo tratado. Oh, adoro festas. – Suspirou alegremente e eu concordei com ele, encantada por saber que Mike estaria na festa.

Naquele dia só tinha duas marcações, de clientes recentes, portanto, no final das consultas, fui ao cabeleireiro dar um jeito ao cabelo e fui para casa mais cedo para me arranjar.

Encontrei-me com Clodagh e Maddy no O'Briens, em Leeson Street, um *pub* que eu costumava frequentar e que sempre estivera na moda. Dir-se-ia que meia cidade estava de férias até à segunda-feira seguinte, pois o local estava apinhado de pessoas influentes e que não estavam vestidas como se tivessem ido trabalhar.

Quando, por fim, muito a custo, conseguimos chegar ao bar, só tínhamos tempo para uma bebida, por isso arrepiámos caminho, enfrentámos o ar frio de janeiro e subimos ao longo do canal.

– Primeiro, quero que vejam a casa pelas traseiras – disse-lhes.

– É bom que valha a pena. Estou de sapatos novos e já me começaram a magoar – queixou-se Maddy, inclinando-se e enfiando um lenço de papel entre o sapato e o calcanhar.

– Diz-me tu se valeu a pena. Chegámos. – Ficaram ambas embasbacadas.

– Oh, meu Deus, é espetacular! – Clodagh estava impressionada.

– Também pertence ao Mike? – Maddy nunca fora rapariga de se pôr com rodeios. – Não, eu disse-te que ele apenas partilha a casa com o Louis. Tem estado à procura de uma para ele aqui na vizinhança. A zona tornou-se muito *in* nos últimos tempos, e fica perto do centro da cidade, o que é uma grande vantagem.

Desde o primeiro dia em que ali estivera que ansiara por ver a casa a partir daquele lado do canal e, à noite, com luzes e velas e muita gente a circular pelo interior, tinha um ar mágico. Por um momento, o vidro parecia

invisível, uma vez que não se viam quaisquer molduras em redor das vidraças. Era como se alguém tivesse tirado as paredes e estivéssemos a olhar diretamente para o interior.

– É deslumbrante, não é?

– Podes crer – concordaram ambas. Por causa do frio, não pudemos deter-nos. Atravessámos então a ponte que havia ali perto e demos meia volta para chegarmos à porta da frente. Fomos recebidas por um estranho que nos convidou a entrar e tornou-se óbvio que a festa já começara, e em grande.

– Lulu, querida, estás divinal – cantarolou Louis. – Maddy, Clodagh, sejam bem-vindas. Deem-me os vossos casacos.

No espaço de segundos estávamos no meio da festa, mas a primeira coisa que ouvi foi *Pedro* a rosnar para um homem que entrara logo a seguir a nós.

– É só a homens que ele reage mal? – perguntei a Louis.

– Agora que falas nisso, parece de facto ser maioritariamente com homens que ele reage assim.

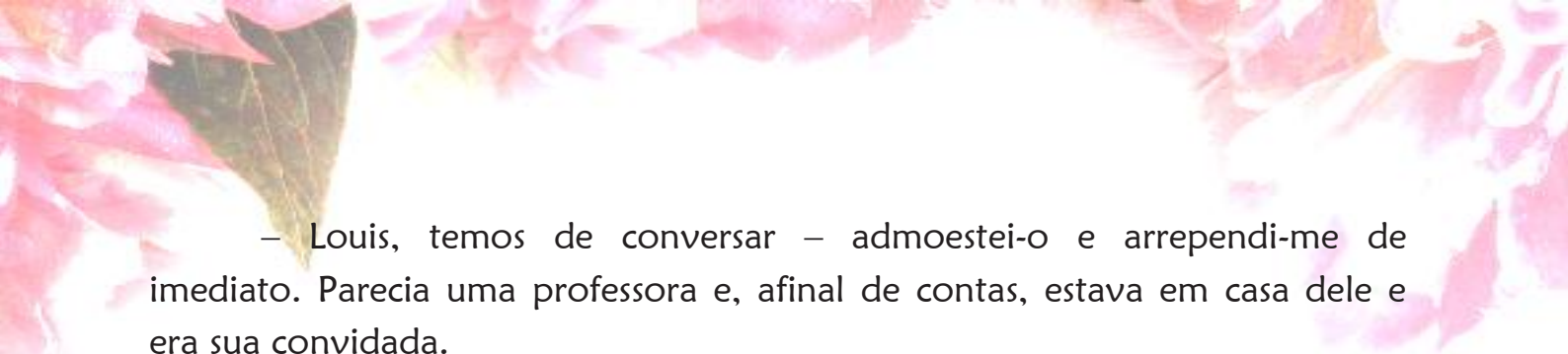
– Alguns progressos desde que implementaste as novas regras? – quis saber.

– Sim, mas depois relaxei-me um pouco e de repente o *Pedro* voltou a ser o senhor da casa.

Mike apareceu e sorriu-nos.

Sem sequer me dar conta, entrei em modo profissional. Fiz um sinal a *Pedro* e comecei a avançar na direção dele, obrigando-o a recuar até um canto do vestíbulo. Usando uma palavra de comando, fi-lo deitar-se e mantive-me de costas para ele enquanto conversava com Louis e os restantes. *Pedro* fez uma tentativa para se escapar, mas eu usei o mesmo sinal e ele deitou-se de imediato e desta vez permaneceu no seu canto.

– Impressionante. – Mike piscou-me o olho e, para mal dos meus pecados, corei até à raiz dos cabelos. Detestava que isso me acontecesse. Por um segundo, esquecera-me de Mike ao ver a tentativa de agressão de *Pedro*, pois percebi de imediato que Louis não se esforçara muito.



– Louis, temos de conversar – admoestei-o e arrependi-me de imediato. Parecia uma professora e, afinal de contas, estava em casa dele e era sua convidada.

– Podes começar a roer as unhas. – Mike acotovelou Louis. – Eu bem te disse que ela te apanharia mais cedo ou mais tarde.

– Para com isso – ralhei e preparava-me para lhe dar uma sapatada na mão, mas, como Mike já sabia o que esperar de mim, esquivou-se sem problema. – Desculpa, Louis – disse. – Esqueço-me que não estou aqui como terapeuta animal.

– Não, tens toda a razão – respondeu Louis, surpreendendo-me. – É o Mike também. Estávamos a fazer grandes progressos, mas depois o Mike foi para a América e eu comecei de novo a tratá-lo como meu compincha. No espaço de poucas horas, quem mandava já era ele e agora até a mim me rosna de vez em quando. – Fez um ar como se esperasse que eu lhe desse um sermão. – Desculpa, começarei de novo amanhã, prometo. Para ser sincero, começo a ficar um pouco farto de lhe fazer as vontades.

– Uau, Lulu, tenho de dar a mão à palmatória, és de facto muito boa. Quero dizer, eu sempre tive medo de ti, mas agora até o Louis já tens a rastejar a teus pés. Meu Deus! – troçou Mike com um enorme desprante e mesmo a pedir outra sapatada.

– Cuidadinho ou serei forçada a subjugar-te também – devolvi com um ar de ditadora.

– Sim, senhora. Quem quer uma bebida? – Mike conduziu-nos à cozinha enquanto Louis guardava os nossos casacos, juntando-se a seguir a nós.

– O *Pedro* continua ali, enfiado no canto – comentou ele maravilhado quando passou no vestíbulo.

– Sim, mas vejamos o que acontece quando a campainha tocar de novo – alertei-o. – Este tipo de mudanças exige prática e uma abordagem conjunta.

– Podemos falar de outra coisa? E tenham calma, é só um cão... Vocês são muito tristes – declarou Maddy com uma careta.

– Desculpem, desculpem. Pronto, já estou de folga – prometi. – Começemos de novo. Louis, grande festa!

– Feliz ano novo, meninas! – Louis espetou vários beijos em cada uma das nossas faces e Mike anunciou que nem sequer lhe tentaria fazer sombra naquele capítulo, entregando em vez disso um copo de champanhe a cada uma de nós e brindando à nossa saúde.

– Desejo às três tudo o que vocês desejarem – afirmou ele.

– Nesse caso, talvez até venhas a desempenhar um papel nesses desejos. – Maddy sorriu inocentemente para ele enquanto eu tentava não me engasgar com o champanhe.

– Perdão?

– Bom, eu acabei de conseguir um papel importante numa série televisiva, portanto, presumo que seja apenas uma questão de tempo até fisgar um *single* de sucesso. – Piscou-me o olho, sabendo o efeito que as suas palavras teriam tido. Estava capaz de a estrangular pelo seu descaramento.

– Oh, meu Deus, querida, isso é fabuloso. Tenho mesmo de te apresentar a um realizador. Vem comigo e, entretanto, conta-me tudo enquanto o procuramos. – Louis estava no seu habitat natural.

– Então, que tal foi o Natal? – perguntou Mike enquanto Clodagh era abraçada com força por alguém que descrevera como «um futuro cliente» assim que pusera os olhos nele.

– Foi ótimo. Foi em casa – respondi.

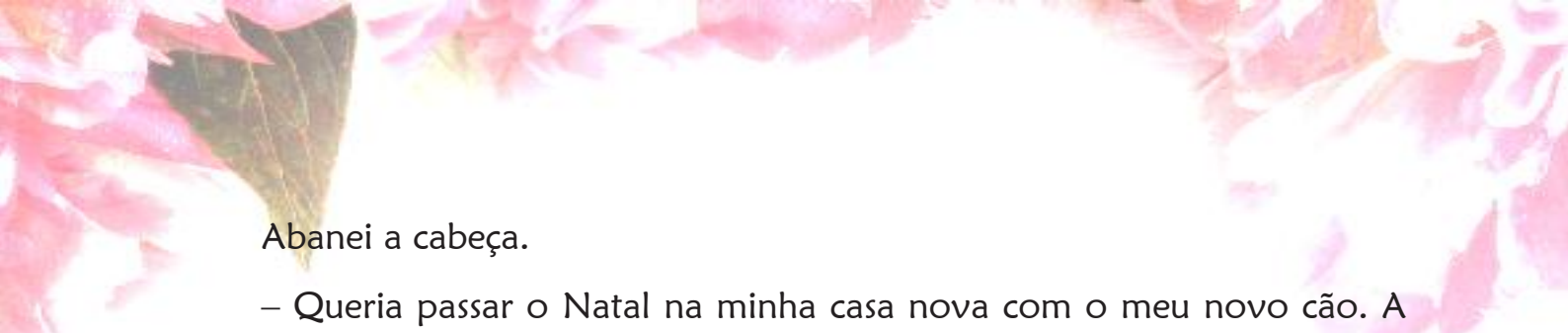
– Passaste o Natal numa caravana?

– E com todos os preceitos, para que saibas. A Maddy e a Clodagh juntaram-se a mim. E *Pete* também, claro. Foi muito divertido.

– E a tua família? Não me tinhas dito que tinhas uma irmã?

– A Becky... Nem perguntes. A minha mãe vive em San Diego e normalmente até se esquece de nos telefonar, mas este ano decidiu que tinha saudades das suas filhinhas e o seu marido rico ofereceu-se para nos pagar os bilhetes de avião para a irmos visitar.

– E tu não foste? Eu teria ido logo no dia a seguir.



Abanei a cabeça.

– Queria passar o Natal na minha casa nova com o meu novo cão. A Becky foi até lá; pelos vistos, drama não faltou. Então, e tu? O Louis disse-me que estiveste fora?

– Sim, os meus pais mudaram-se para Nova Iorque há uns anos, por isso eu tento ir visitá-los pelo menos duas vezes por ano. E a minha irmã Eve e o marido, que vivem na Costa Leste, tiveram um bebé há seis semanas. É o primeiro neto, portanto, já estás a ver... Juntámo-nos todos em Nova Iorque e foi uma enorme festa de família. A minha outra irmã, Lyndsey, vive em Toronto, e também esteve presente. Foi muito divertido.

– O Natal em Nova Iorque não deve ser nada mau.

– Pois não. Eu adoro. – Contou-me mais um pouco sobre com fora e às tantas Louis apareceu e arrastou-nos para irmos comer qualquer coisa. Quando voltei a ver Mike, estava absorto à conversa com duas pessoas noutra divisão e nós as três dançámos o resto da noite com Louis e a sua mais recente conquista.

Já passava das duas da manhã quando Maddy e eu nos metemos finalmente num táxi rumo a Bray.

– Então, alguns progressos com o Mike? – perguntou ela assim que nos deitámos.

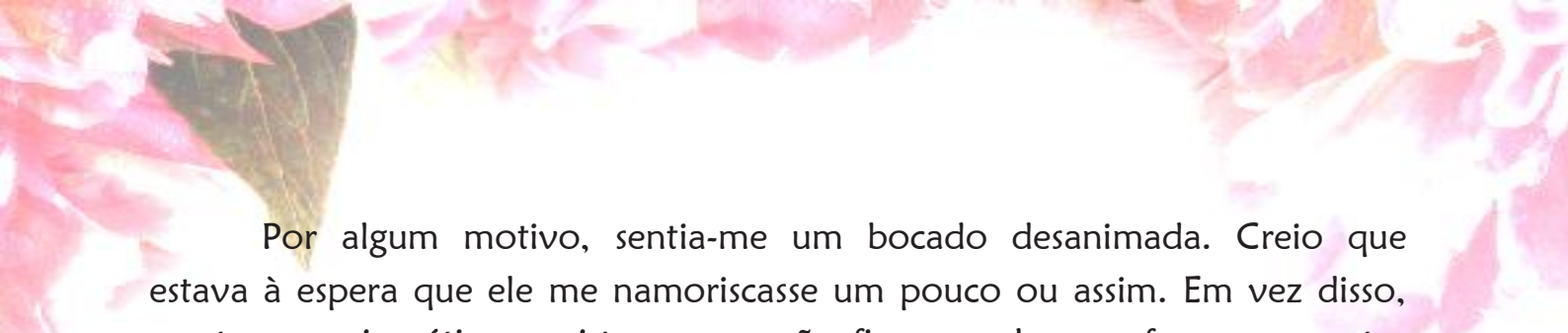
– Não, nadinha. – Dei-me conta de que estava um pouco dececionada. – É sempre a mesma coisa: mete-se comigo, parece gostar da minha companhia, mas a coisa não vai a lado nenhum.

– Da última vez, beijou-te – lembrou-me ela. – Sempre foi um avanço.

– Mas isso foi só porque Denis Cassidy lhe enfiou o azevinho na mão e mais ou menos o obrigou a beijar-me – argumentei.

– E mandou-te flores. E não eram o comum ramo que se compra já feito. Foram escolhidas a pensar em ti. Agradeceste-lhe, ao menos?

– Esqueci-me – admiti. – Mas enviei-lhe uma mensagem logo no dia em que as recebi. Provavelmente, foram escolhidas pela secretária dele.



Por algum motivo, sentia-me um bocado desanimada. Creio que estava à espera que ele me namoriscasse um pouco ou assim. Em vez disso, mostrara-se simpático, amigoso, mas não fizera qualquer esforço para estar mais tempo comigo e conversarmos. Depois, limitara-se a sorrir e a acenar quando nós as três gritámos adeus. A verdade é que estava aborrecida comigo mesma por, de repente, o assunto ter tanta importância.

26

NA MANHÃ SEGUINTE, O DESÂNIMO DESVANECERA-SE. Era sábado, por isso Maddy e eu levámos *Pete* a dar um longo passeio, depois comprámos uma sacada de coisas boas e regressámos a casa para fazer panquecas com xarope de ácer para o *brunch*. Ao aproximarmo-nos da caravana, *Pete* começou a ladrar e desta vez puxou pela trela, como se quisesse que o soltasse, coisa que nunca fazia.

– Ultimamente, tem-se comportado de forma um pouco estranha, em especial à noite – contei a Maddy. – Será que anda por aí gente a rondar? Por vezes, os parques de caravanas atraem ladrões durante o inverno. Tipos em carrinhas *Hiace* que tentam ver o que podem roubar. É que, entre outubro e a Páscoa, não é costume as pessoas irem passar os fins de semana às suas caravanas.

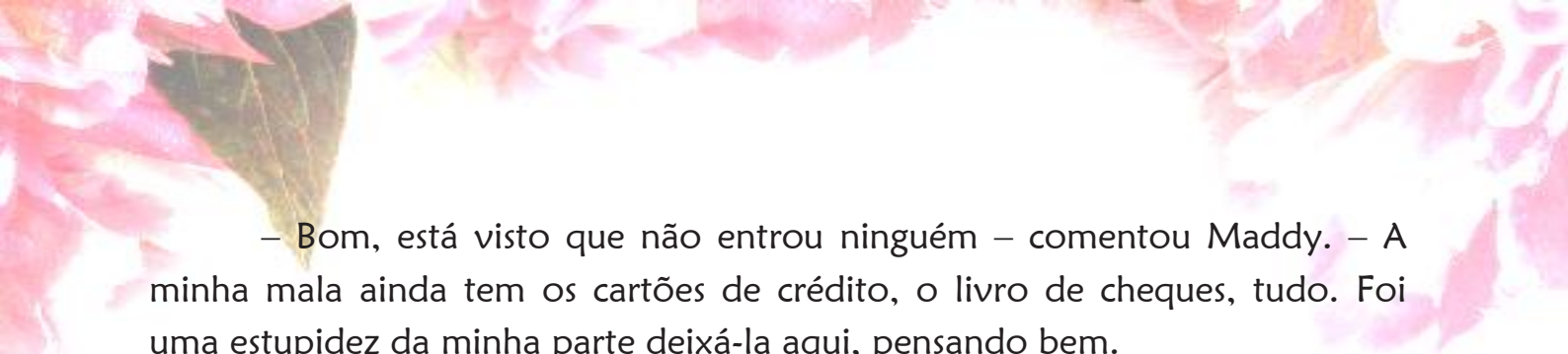
– Lou, isto não é um parque de caravanas tipo os dos filmes americanos. Isto tem quantos... quatro... chalés. E cada um deles está bem escondido do outro, por isso os ladrões teriam de estar muito bem informados.

– Pois, talvez. Suponho que tenhas razão. – Tirei as chaves e enfiei uma na fechadura, mas não foi necessário rodá-la. – Está aberta – disse a Maddy. Estava estupefacta.

– Fechaste-a?

– Sim. Bom, na verdade, não tenho a certeza, mas creio que sim.

– *Okay*, vejamos se alguma coisa foi mexida lá dentro. – Foi a primeira a entrar, mas estava tudo como deixáramos, até a mala dela em cima da mesa da cozinha.



– Bom, está visto que não entrou ninguém – comentou Maddy. – A minha mala ainda tem os cartões de crédito, o livro de cheques, tudo. Foi uma estupidez da minha parte deixá-la aqui, pensando bem.

– Eu costumo fechar sempre a porta – disse-lhe, espantada. – E no final até rodo a maçaneta, a certificar-me.

– Mas, espera lá, não estavas a enviar uma mensagem quando saímos?

– Sim, tens razão. Estava a mandar um sms à Clodagh.

– E eu saí atrás de ti e não me lembro de teres voltado atrás a fechar a porta.

– Pois, nem eu.

– Convenhamos que nenhum ladrão que se preze deixaria uma mala para trás, ainda que o *Pete* o tivesse alertado para a nossa presença. Tenho duas notas de cinquenta euros no bolso que tem o fecho. – Abriu-o e tirou as notas. – Para além disso, não poderia ter fugido sem que o víssemos, pois não?

– Não. A caravana tem duas portas, mas apenas uma delas dá para o alpendre. Se bem que pudesse ter saltado a balaustrada das traseiras – avengei. – Acho que estou apenas nervosa por o *Pete* andar um pouco agitado, mais nada. Só espero não me estar a transformar numa medricas.

– Bem, eu posso ficar contigo esta noite, se tu quiseses?

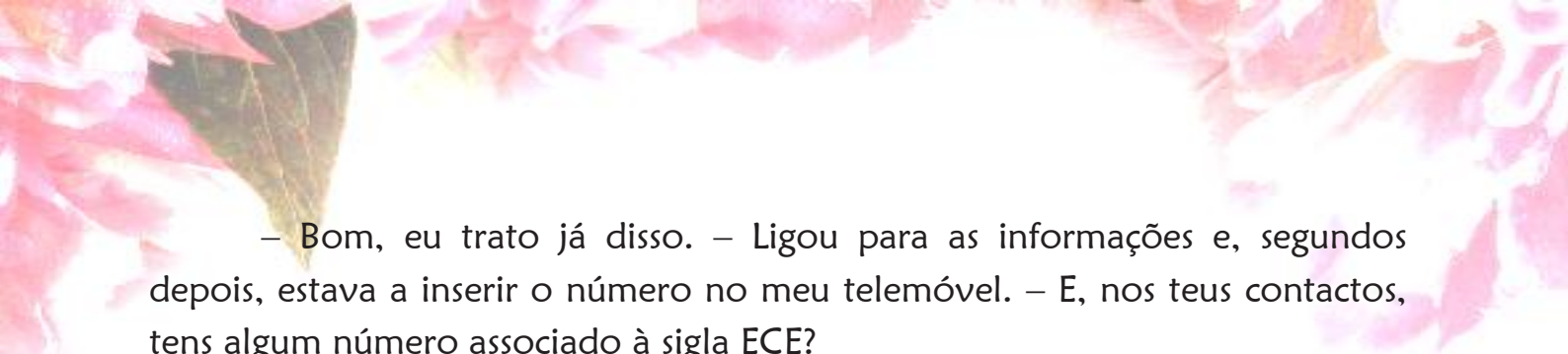
– Não, eu estou bem – garanti-lhe. – Mas o melhor, de futuro, é ter mais atenção e certificar-me mesmo que fechei a porta. De facto, estou um pouco isolada aqui, em especial no inverno.

– *Okay*, em primeiro lugar, o *Pete* alertar-te-ia se alguém se aproximasse da caravana, certo?

– Sim, com certeza.

– E presumo que tens o número da esquadra local na marcação rápida do teu telemóvel?

– Não. – Não me agradava sequer falar sobre um possível assalto.



– Bom, eu trato já disso. – Ligou para as informações e, segundos depois, estava a inserir o número no meu telemóvel. – E, nos teus contactos, tens algum número associado à sigla ECE?

– ECE? – Não fazia ideia do que ela estava a falar.

– E - C - E. Em Caso de Emergência. A polícia e outras agências encorajaram todas as pessoas a acrescentarem à sua lista de contactos do telemóvel, sob a sigla ECE, o número de uma ou várias pessoas que possam ser contactadas no caso de ocorrer uma emergência, como por exemplo um acidente. Assim, basta-lhes correr a agenda de telemóvel da vítima e entrar em contacto com a pessoa que aí estiver designada. É uma iniciativa mundial, tanto quanto sei, ou europeia pelo menos.

– Uau, excelente ideia. Como nunca ouvi falar disso?

– Porque agora vives no planeta dos animais – troçou Maddy. – És o meu, a propósito.

– O teu quê?

– O meu contacto ECE, palerma. Queres que seja o teu?

– Ah, sim, é claro. – Abracei-a. – Obrigada, Maddy!

– Pelo quê? – Num instante tratara de tudo.

– Sei lá, por me ajudares. E por seres tu. E por me fazeres sempre sentir melhor.

– De nada. E, por fim, quem é o teu vizinho mais próximo?

– Aquela casa ali, à esquerda, mas nunca lá vi ninguém, embora vivam mesmo do outro lado da sebe. À noite, vejo luz por entre os arbustos, mas pouco mais. É óbvio que devem entrar e sair pela porta da frente, mas dá para a outra extremidade do caminho. Muitas vezes, quando saio para o trabalho, vejo um ou dois carros estacionados junto ao caminho.

– *Okay*, anda daí, vamos conhecê-los. – Já ia porta fora antes de a conseguir deter.

– Não é preciso, a sério, estou só a ser paranoica, é de estar cansada, por causa do período e assim...

– Vem comigo. Não me vou embora até estar convencida de que ficas bem. – Agarrou-me pelo braço e puxou-me caminho abaixo. – Não perdemos nada em verificar se estão em casa – alegou ela.

Os dois carros estavam lá e, num abrir e fechar de olhos, Maddy tocara à campainha e apresentara-nos a uma mulher jovem que de imediato nos convidou para uma bebida de ano novo, muito embora não fossem ainda sequer horas de almoço.

– Qualquer desculpa serve – argumentou ela com uma risada. – O Jack, o meu companheiro, está lá em baixo, na cozinha. – Convidou-nos a entrar e eu perguntei se *Pete* podia entrar também. Fora tudo tão repentino que me esquecera de o deixar em casa e ele, como seria de esperar, seguiu-nos caminho abaixo. – Claro. Nós adoramos animais. O meu nome é Jill, a propósito, e nem precisam de referir, já ouvi todo o tipo de rimas com o meu nome e o do Jack¹⁴, incluindo algumas que nem são para repetir. Nós também temos um cão, por isso talvez o *Pete* pudesse de vez em quando vir brincar com o nosso e vice-versa? – Riu. – Tens filhos?

Abanei a cabeça.

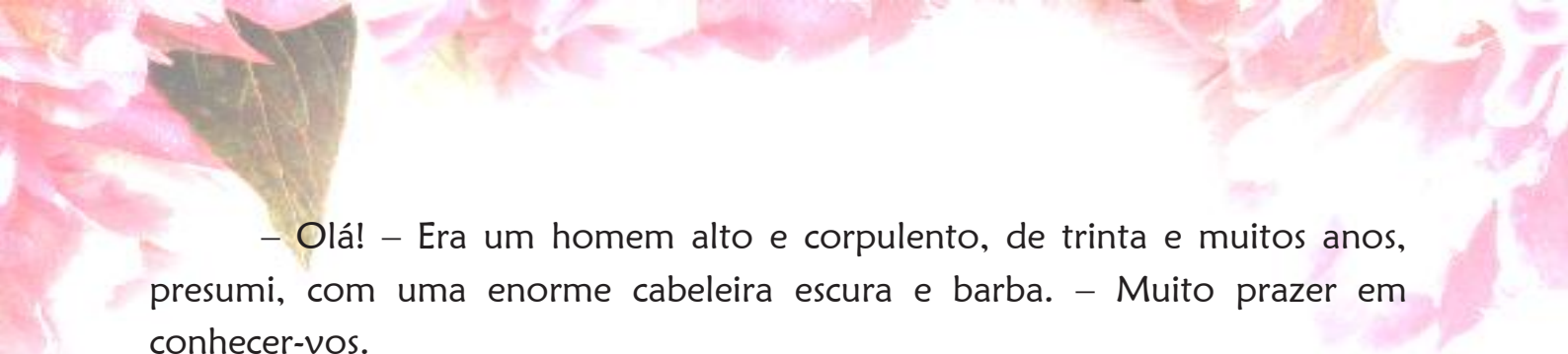
– Eu também não. – Não o disse com qualquer pesar. – É por opção. Tenho montes de sobrinhos e sobrinhas, mas nunca senti o impulso de ser mãe. O Jack também nunca quis ter filhos, portanto, estamos bem, muito embora a minha mãe, que vive aqui perto, ainda não tenha perdido a esperança.

Jill era extraordinariamente franca e simpática. Simpatizei de imediato com ela e percebi que Maddy também.

– Jack, onde te meteste? Temos visitas – chamou ela. – É a rapariga que vive na caravana ao fundo do caminho. – Deparámo-nos com um homem de costas para nós, a colocar turfa na lareira, quando entrámos na cozinha de estilo rústico, a mais pitoresca que via em muito tempo.

– Já nos tínhamos interrogado quando te iríamos conhecer. – Jill sorriu. – Jack, diz olá à Lulu e à amiga dela, a Maddy.

¹⁴ *Jack and Jill* é o nome de uma rima infantil tradicional inglesa. (N. da T.)



– Olá! – Era um homem alto e corpulento, de trinta e muitos anos, presumi, com uma enorme cabeleira escura e barba. – Muito prazer em conhecer-vos.

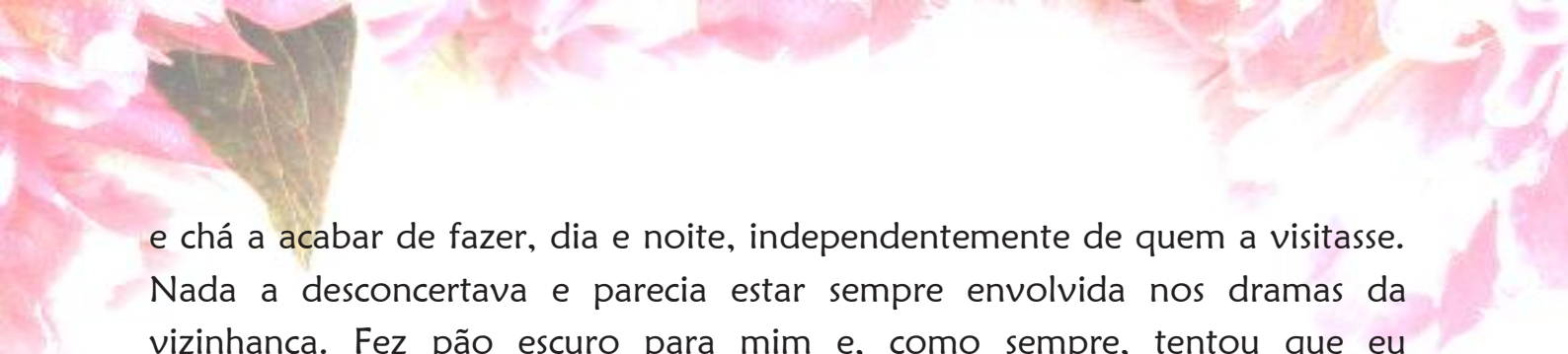
Jill foi buscar quatro cervejas e sentámo-nos frente à lareira enquanto Maddy explicava porque fôramos bater-lhes à porta.

– Pois ainda bem que o fizeram. – Jack parecia ter um leve sotaque galês. – Se alguma vez ouvirem um barulho estranho e ficarem preocupadas, basta telefonarem que eu em dez segundos dou lá um pulo. Temos um portão nas traseiras que nunca usamos, mas eu vou tratar de ver se não está já calcinado e tomado pela vegetação.

– Ainda no outro dia estávamos a comentar que agora ninguém conhece os vizinhos. Há pouco tempo descobrimos por acaso que duas portas a seguir a nós vive uma senhora de oitenta e sete anos – contou Jill. – Eu podia perfeitamente ir ver dela de vez em quando e fazer-lhe algumas compras, se ela precisasse. Mas hoje em dia as pessoas têm tantos afazeres, e alguma relutância em envolverem-se, suponho, que acabamos por nos isolar e perder algum convívio. É essa, pelo menos, a minha opinião.

Maddy e eu concordámos e depois Jack deu-nos o número de telefone fixo e os dos telemóveis de ambos e, em troca, dei o meu. A simpatia e disponibilidade de Jack e de Jill eram quase inacreditáveis. Uma hora mais tarde, depois de duas cervejas bebidas com o estômago vazio, foi com risadinhas e de braço dado que subimos o caminho de regresso à minha caravana. Também *Pete* gostara de lá estar até porque recebera um osso de costela para roer frente à lareira. Suspeitei que, se não tivesse cuidado, o mais provável era que me trocasse por eles. Fiz uma nota mental para lhes oferecer uma garrafa de vinho em agradecimento e sentia-me muito mais segura quando, por fim, começámos a preparar as panquecas. Munidas de um enorme bule de chá e de uma pilha de panquecas quentes e grossas, sentámo-nos frente à televisão a ver mais um filme antigo e a encher a barriga.

Nessa noite, Maddy ia dormir a casa da mãe e insistiu em levar-nos, a mim e a *Pete*, apesar dos meus protestos. Connie ficou encantada e fartou-se de andar de roda de mim. Era uma verdadeira dona de casa de Dublin, sempre de avental e com uma panela de qualquer coisa a borbulhar no fogão



e chá a acabar de fazer, dia e noite, independentemente de quem a visitasse. Nada a desconcertava e parecia estar sempre envolvida nos dramas da vizinhança. Fez pão escuro para mim e, como sempre, tentou que eu «ganhasse mais carnes», enfiando-me uma tarde de maçã nas mãos quando me preparava para regressar a casa na manhã seguinte. Ao perceber que Maddy tinha de ir a uma entrevista, insistiu em levar-me a casa. Adorou conhecer por fim a minha caravana e foi encorajadora como costumava ser em relação a todos os aspetos da minha vida.

– És como uma filha para mim, querida, sempre foste!– gritou ela antes de acelerar caminho abaixo de marcha atrás.

Depois de um indolente fim de semana, a vida regressou ao normal no dia seguinte. O trânsito intenso e o frio glacial que se faziam sentir em nada contribuía para melhorar o habitual mau humor que se seguia às festas.

– É impressão minha ou este ano o mundo está ainda mais maldisposto? – perguntei a Mary. Num cruzamento já perto do consultório, uma mulher muito zangada ao volante de um jipe insultara-me por ter demorado dois segundos a acelerar depois de um semáforo ter ficado verde.

– São as contas – explicou ela. – A Angela, ali da empresa de *catering*, disse-me que o extrato do Visa dela chegara esta manhã com um prejuízo de três mil euros.

– Ui! Isso, de facto, é o bastante para pôr qualquer pessoa de mau humor. Graças a Deus, este ano, por uma vez, não perdi a cabeça.

– A sua dieta começa hoje, como a do resto do mundo, ou deixa-se tentar por um sonho de maçã, oferta dos nossos vizinhos do lado?

– Claro que deixo. A vida é demasiado curta para dietas. – Sorri. – Foram eles que trataram da festa do Louis, a propósito, e ele ficou muito bem impressionado.

– Ainda bem, as coisas não estão nada fáceis. – Mary levantou-se para ligar a chaleira. – É verdade, nunca me tinha dito que a sua amiga Maddy era

famosa. Vem na primeira página de um dos jornais de hoje. Parece que vai aparecer numa série de televisão.

– Oh, meu Deus, em que jornal? Tenho de ir comprar.– Enfiei a mão na mala em busca do porta-moedas.

– Está ali, em cima do arquivo. Comprei-o para si. Suspeitei que haveria de querer um. Ela está deslumbrante – gritou Mary por cima do ombro enquanto eu voava em direção ao armário.

Estava tão empolgada que mal conseguia falar. Lá estava Maddy, a minha amiga Maddy, na primeira página de um dos tabloides juntamente com outras três mulheres. Por cima, em letras gordas, a manchete dizia, **QUEM NÃO QUERERIA UMA MÉDICA ASSIM?** Das quatro mulheres retratadas, Maddy era a mais deslumbrante, sem comparação. Sim, é certo, eu sou suspeita! Os seus cabelos compridos pareciam soprados pelo vento, o vestido ficava-lhe a matar e irradiava energia.

Liguei-lhe de imediato.

– Cabra, porque não me disseste?

– Não disse o quê?

– Acerca da fotografia.

– Que fotografia? Lou, é cedo, é segunda-feira, é janeiro. Qualquer uma destas coisas chegaria para me deixar zozza, mas as três juntas... nem te conto. Só me falta encontrar uma pilha de contas na caixa do correio para ter de tomar um comprimido. Para além disso, porque me estás a telefonar quando ainda nem tomei café? É bom que essa tua conversa sem nexos valha mesmo a pena, *okay?*

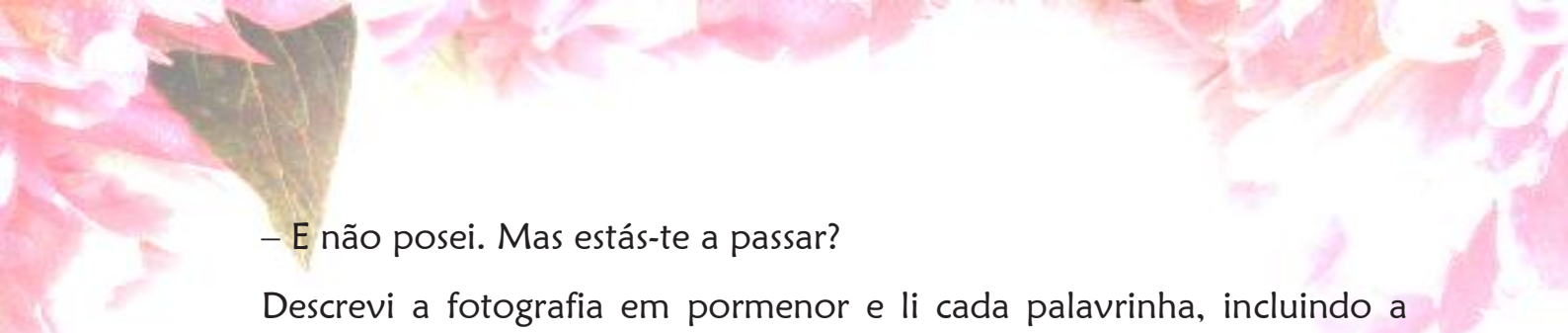
– Oh, desculpa. Tens razão, será melhor deixar-te em paz em vez de te contar como estás fantástica na primeira página do jornal de hoje.

– O quê? Estás a falar a sério? Meu Deus, lê-me tudo enquanto eu ligo a chaleira. Palavra por palavra, não omitas nada.

– Porque nunca me disseste que tinhas feito isto?

– Feito o quê?

– Posado para uma foto com as outras três atrizes.



– E não posei. Mas estás-te a passar?

Descrevi a fotografia em pormenor e li cada palavrinha, incluindo a legenda.

– Ah, já me estou a lembrar. Na última audição, pediram-nos que levássemos vários conjuntos de roupa e depois maquilharam-nos e foram-nos juntando em grupos diferentes e fotografaram-nos. Eu parti do pressuposto de que as fotos eram apenas para consumo próprio. Caramba, não levei nada daquilo a sério e metade do tempo estive só na desportiva e meio na brincadeira.

– Bom, isso vê-se. Estás cem vezes mais descontraída que as outras três – disse-lhe. – Vá, agora veste-te, vai comprar o jornal e liga-me de volta para uma análise mais pormenorizada – ordenei-lhe. – Entretanto, eu ligo à Clodagh.

– *Okay*. Ainda nem acredito que usaram uma daquelas fotografias. Tens a certeza de que sou eu?

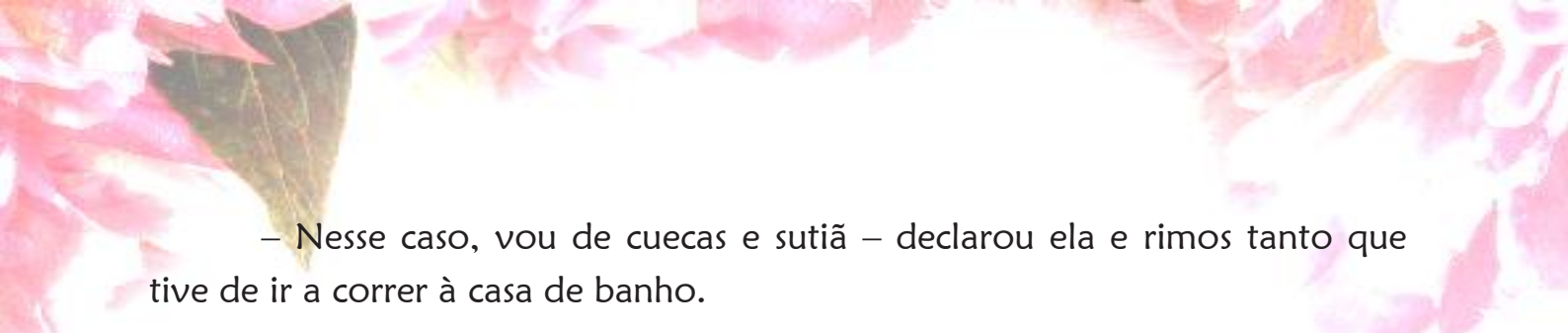
– Acho que sei reconhecer a minha melhor amiga, ainda que ela pareça uma modelo. E como não suspeitaste que as iriam usar? Não foram tiradas por um fotógrafo profissional e assim?

– Sim, é certo, mas sabes, estávamos num estúdio de televisão, foi tudo muito informal, mas agora que falas nisso, de facto, havia luzes especiais e retoques, mas nem sequer tinham ainda escolhido ninguém para a série.

– Bom, é óbvio que estavam já a tomar as últimas decisões e ver como vocês ficavam em várias combinações deve ter feito parte do processo. Portanto, a partir de agora, retoca as raízes de três em três semanas, vai já comprar um par de óculos de sol enormes e caros e queima essas horríveis calças de fato de treino de veludo cor de rosa. Entretanto, corre a comprar o jornal para podermos bisbilhotar à séria.

– Vou agora mesmo ao quiosque. Acho que até vou de pijama, não é a última moda?

– Maddy, és uma estrela, é capaz de haver fotógrafos à porta à tua espera – trocei.



– Nesse caso, vou de cuecas e sutiã – declarou ela e rimos tanto que tive de ir a correr à casa de banho.

Quando acabámos de dissecar cada pormenor das fotografias, concordando unanimemente que Maddy era a mais jovem, a mais bonita, a mais sensual e muitos outros adjetivos que todas as mulheres adoram – todos usados no superlativo, claro –, eram dez e meia por isso arregacei as mangas para trabalhar. Por sorte, não tinha clientes marcados para aquele dia, contudo, quando liguei o atendedor de chamadas, dei-me conta de que nem toda a gente estava a começar o novo ano de forma tão descontraída quanto eu.

27

A PRIMEIRA MENSAGEM ERA DO PADRE VINCENT. Decidi telefonar-lhe logo de seguida na esperança de ouvir boas notícias para Dinny. Depois dos cumprimentos habituais e de alguma conversa de circunstância, o padre foi direto ao assunto.

– Falei com a Joan, como prometi, mas lamento dizer-lhe que as notícias que tenho não são provavelmente as que estava à espera de ouvir – disse ele. – Ela pediu-me que lhe dissesse que não está interessada em reatar a... amizade. Fiz o melhor que pude, insisti para que ela pensasse melhor no assunto por algum tempo, mas não serviu de nada.

Pressenti que o padre sabia mais do que dava a entender, mas não estava em posição de o pressionar e não podia fazer mais nada.

– Fico muito grata pela sua ajuda, padre, e, para ser sincera, não sei se haverá mais alguma coisa que eu possa fazer. Acha que ajudaria se eu ligasse e explicasse a situação? – perguntei.

– Não creio. Nunca a vi tão inflexível, na verdade, em todos os anos em que a conheço.

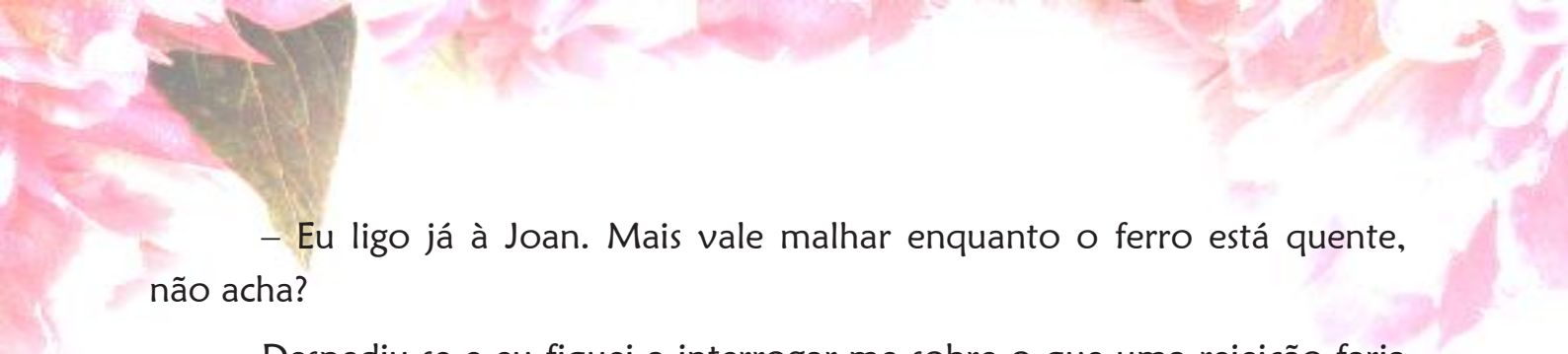
Respirei fundo, decidindo que não tinha nada a perder.

– Poderia, pelo menos, perguntar-lhe se aceitaria um telefonema meu? E, por favor, explique-lhe que eu não tenho nenhuma ligação séria com o Denis. Que só recentemente nos tornámos amigos.

O padre ficou em silêncio por um momento.

– Está bem – disse por fim.

– Muito obrigada, padre. Acredite que não o pressionaria se não soubesse o quanto isto é importante para o Denis.



– Eu ligo já à Joan. Mais vale malhar enquanto o ferro está quente, não acha?

Despediu-se e eu fiquei a interrogar-me sobre o que uma rejeição faria a Dinny. Era mais vulnerável do que parecia.

Passados poucos minutos, o meu telefone tocou. Fiquei surpreendida ao ouvir de novo o padre Vincent.

– Acabei de falar com a Joan. – Não perdera tempo, de facto. – Diz que terá todo o gosto em falar consigo, mas apenas em pessoa. Ela estará em Dublin no próximo fim de semana para uma reunião de negócios. Pediu-me para lhe perguntar se estaria disposta a encontrar-se com ela para um chá, às dezasseis horas de sexta-feira, no vestíbulo do Shelbourne Hotel? Para que a reconheça, ela é alta e morena e terá um casaco de xadrez preto e branco vestido.

– Uau, então está tudo combinado! – Foi tudo o que me ocorreu dizer.

– Creio que vai gostar dela. A Joan é uma pessoa muito reservada, por isso fiquei surpreendido quando acedeu ao seu pedido, para lhe ser franco. Creio que tomou a decisão certa, minha querida – afirmou o padre Vincent. – Acho que este progresso só poderá ajudar o seu amigo, Mister Cassidy.

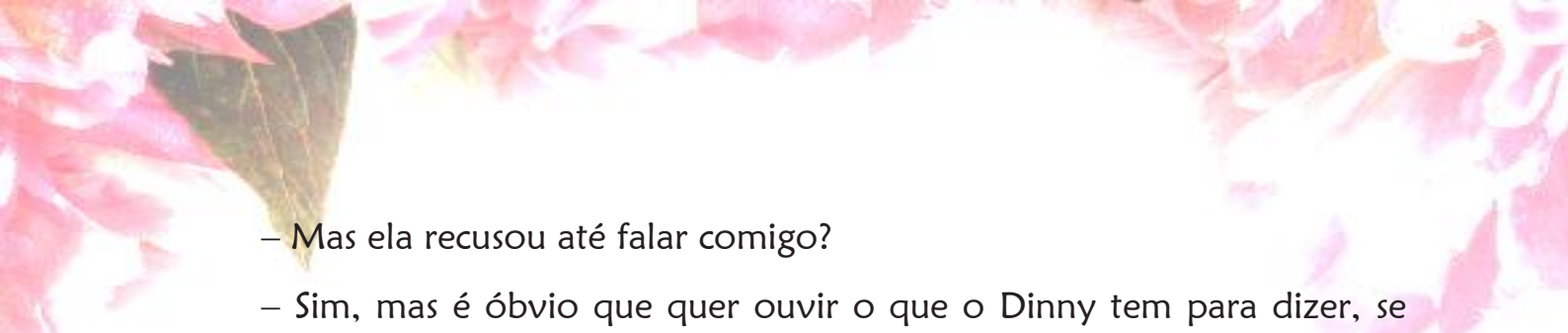
– Compreendo. Bom, então, muito obrigada, padre Vincent. Podia dar o meu número de telemóvel à Joan, só para o caso de ela ter de mudar de planos ou assim? Caso contrário, lá estarei às quatro.

– Dou, com certeza. E, se voltar a precisar da minha ajuda, não hesite em contactar-me. Deus a abençoe. – E com isso desligou.

Telefonei a Dinny a seguir e pu-lo a par dos novos desenvolvimentos.

– Então, ela não quer ter nada a ver comigo? – disse ele num tom desanimado.

– Bom, isso não é bem verdade, Dinny – argumentei. – Portanto, pode parar de ter pena de si mesmo.



– Mas ela recusou até falar comigo?

– Sim, mas é óbvio que quer ouvir o que o Dinny tem para dizer, se concordou em encontrar-se comigo.

– Posso ir consigo? – perguntou ele, todo arteiro. – Eu fico algures, longe da vista, onde não incomode, e a Lulu podia dizer-lhe que eu estava por ali, e talvez isso a fizesse mudar de ideias.

– Nem pensar, Dinny. Eu já não me sinto confortável no meio disto tudo, para lhe ser sincera, por isso nem em sonhos vou fazer esse tipo de jogos!

– Mas vai lá encontrar-se com ela, não vai? Preciso mesmo da sua ajuda, Lulu.

– Vou. – Não sei onde tinha a cabeça quando me metera naquilo.

– Eu pago-lhe o tempo que perder, e as despesas que tiver, é claro – apressou-se a acrescentar.

– Dinny, o dinheiro não é a questão. Estou a fazer isto porque nos tornámos amigos e porque sei que é muito importante para si.

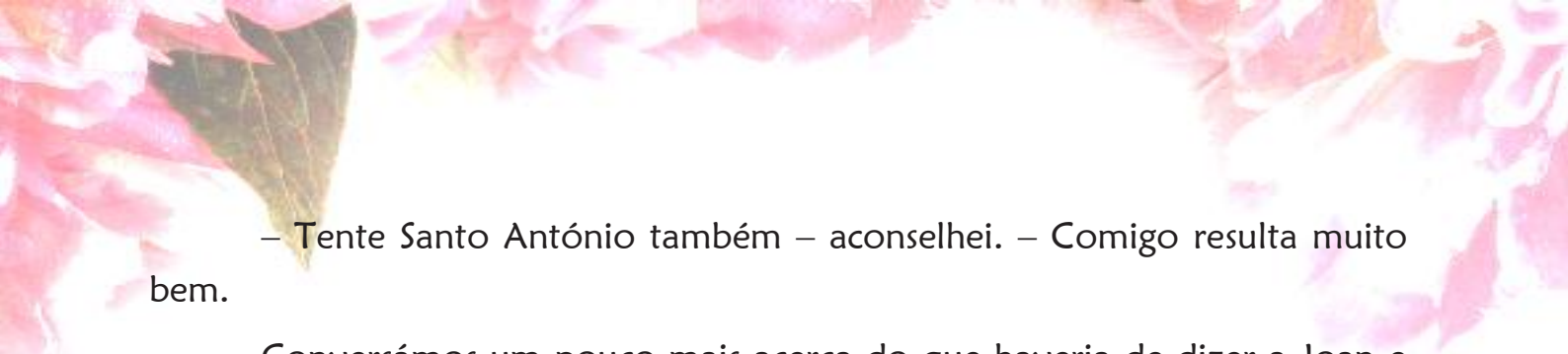
– Obrigado, Lulu. Fico-lhe mais grato do que alguma vez saberá. Essa é a verdade. – Fez uma pausa. – Foi um grande disparate o que fiz e desperdicei tantos anos – comentou pesarosamente. – Tudo o que quero é tentar reparar o meu erro.

– Eu sei disso, Dinny, mas por vezes estas coisas não são fáceis de consertar. E poderá não ter outra opção a não ser aceitar isso.

– Acha que lhe dê um cheque para a Lulu lhe entregar a ela? Talvez isso a convencesse de que as minhas intenções são sérias?

– Talvez seja melhor não. – Dinny era um homem tão querido e correto que não tive coragem de lhe dizer que o dinheiro ainda pioraria mais a situação. – Farei o melhor que puder para a convencer a pelo menos conversar consigo. É tudo o que posso fazer.

– Tem razão. É mesmo tudo o que qualquer um de nós pode fazer na vida: o melhor que sabe. E eu começarei esta noite uma novena ao Sagrado Coração – declarou ele. – Nunca me deixa mal.



– Tente Santo António também – aconselhei. – Comigo resulta muito bem.

Conversámos um pouco mais acerca do que haveria de dizer a Joan e ele prometeu telefonar-me mais no final da semana para acertarmos as últimas agulhas antes de finalmente eu a ir conhecer.

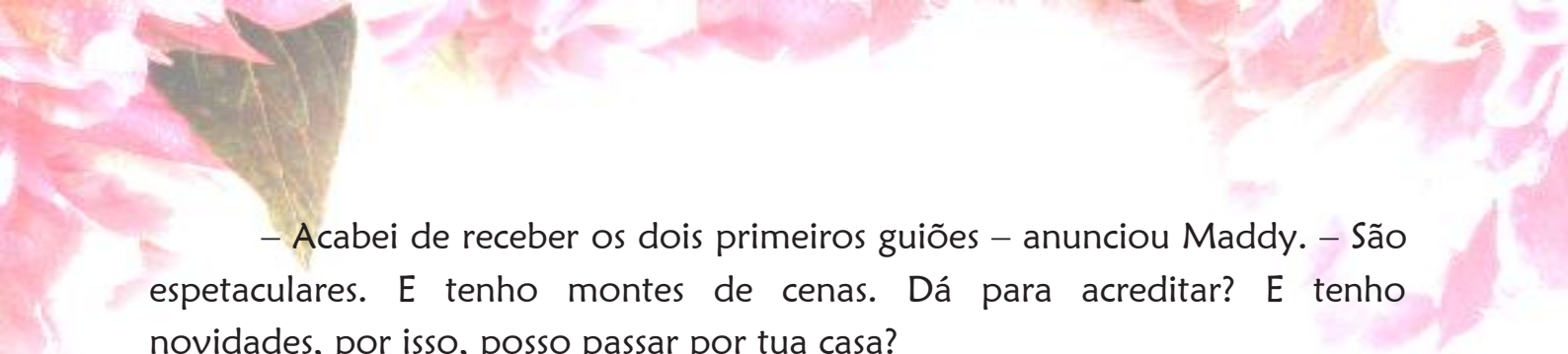
Quando terminei o telefonema com Denis já passava da hora do almoço e estava esfomeada. A mensagem seguinte no atendedor era de Emily, mas Mary tinha-lhe já marcado uma consulta para o dia seguinte, portanto, fui só consultar a minha caixa de *e-mail* e levei *Pete* a passear e pelo caminho comprei uma sanduíche.

De volta, tive de deixar *Pete* no consultório, pois tinha dois novos clientes que haviam marcado consultas ao domicílio. Tal significava que teria de fazer um enorme desvio para o ir buscar no regresso a casa. Cada vez me convencia mais de que teria de comprar uma lata velha para dias assim. Pensando bem, ao sair de casa, não fazia ideia de como o dia iria ser, disse para mim mesma, por conseguinte, o mais provável era que, de qualquer maneira, não tivesse levado o carro, ainda que tivesse um. Ainda assim, pelo menos com a mota era mais fácil voltar para trás e enfrentar o trânsito da hora de ponta. Deixei-o então a ressonar e Mary prometeu que o levaria à rua antes de sair, caso eu não tivesse ainda voltado. Não acreditava que os domicílios fossem demorados, pois, pelas descrições dos donos, os problemas de ambos os cães pareciam simples e comuns.

Quando cheguei ao consultório, já passava das seis. Como sempre, e apesar de estar comigo há já algum tempo, *Pete* ficou todo contente ao ver-me, como que surpreendido por me ter lembrado dele, ou talvez fosse apenas imaginação minha ou a minha antiga necessidade de ser precisa a vir ao de cima. Fosse como fosse, lá estava ele, junto à porta, imóvel, à espera, na esperança de ser incluído na aventura seguinte, portanto, peguei nas mensagens que Mary deixara sobre a minha secretária e disse:

– Vamos para casa, *Pete*.

Fechei então tudo e dirigíamo-nos para a mota quando o meu telefone tocou.



– Acabei de receber os dois primeiros guiões – anunciou Maddy. – São espetaculares. E tenho montes de cenas. Dá para acreditar? E tenho novidades, por isso, posso passar por tua casa?

– Maddy, ninguém «passa» por Bray – fiz-lhe notar. Queria muito vê-la, pois sabia que ela me animaria, mas estava exausta. Os domicílios tinham deixado a sua marca.

– Tenho *Maltesers*, uma embalagem de gelado de *muffin* de chocolate e um balde de pipocas. – Maddy sabia como conquistar-me. – E um osso de costeleta para o *Pete*.

– Vendido! – exclamei. – Foi o osso que selou o negócio. Negligenciei o pobre do *Pete* todo o dia.

– Ótimo, vemo-nos daqui a cerca de uma hora.

– *Okay*. Dormes lá?

– Não, é melhor não. Tenho uma prova de guarda-roupa às sete e meia, seguida de cabeleireiro e maquilhagem.

– Uuuuu, tão *superstar* – trocei. – Não tarda, não quererás ser vista comigo.

– Porque achas que vou ao subúrbio ter contigo?

Maddy continuava a rir quando desliguei e me preparei para enfrentar o trânsito da hora de ponta.

Percebi que ela chegara assim que ouvi o carro dela na extremidade do caminho. *Pete* também, mas limitou-se a acenar com a cauda e a manter os olhos cravados na porta.

– Quando eu te contar o que a *Porky* Pauline comentou quando lhe dei a novidade até cais para o lado! – anunciou ela assim que nos acomodámos no sofá com a sacada de doces que ela comprara. É claro que teve de representar a cena toda, o que me fez rir a bandeiras despregadas. – Dá para acreditar no quanto foi cabra no final? Vê lá, insinuar que eu devia conhecer alguém ou ter uma cunha. A minha vontade foi dar-lhe um belo pontapé naquele cu gordo e celulítico dela, podes crer, mas terias ficado orgulhosa de mim, querida amiga, pois mantive a minha dignidade.

– E não é todos os dias que o fazes – referi. – Normalmente, bates primeiro e pensas depois.

– Sim, pois, mas agora que sou famosa, querida – sacudi o cabelo –, o mais certo é que acabasse na primeira página de um horrível tabloide. – Deteve-se. – Estás bem? Pareces um pouco com os nervos em franja.

– Foi um dia cansativo. – Esfreguei os olhos. – Então, que mais novidades tens para me dar?

– Bom, os ensaios começam na sexta-feira, depois gravamos os primeiros seis episódios lá para o final do mês, portanto, vai ser uma agitação. Não marques nada para a última sexta-feira, a propósito, pois será o meu último dia de folga durante bastante tempo e tenciono sair e divertir-me contigo e com a Clodagh – afirmou ela. – Não estou habituada a ser tão sensata, mas estar frente às câmaras logo de manhã cedo vai-me obrigar a cortar em comidas pesadas e outras porcarias. – Enfiou uma enorme colherada de gelado na boca. – É a última vez – prometeu ela quando a acotovelei. – É nada de álcool até lá. Oh, exceto talvez na sexta-feira à noite, porque o Ronan convidou-me para ir ao cinema com ele. E sem a avó, acreditas?

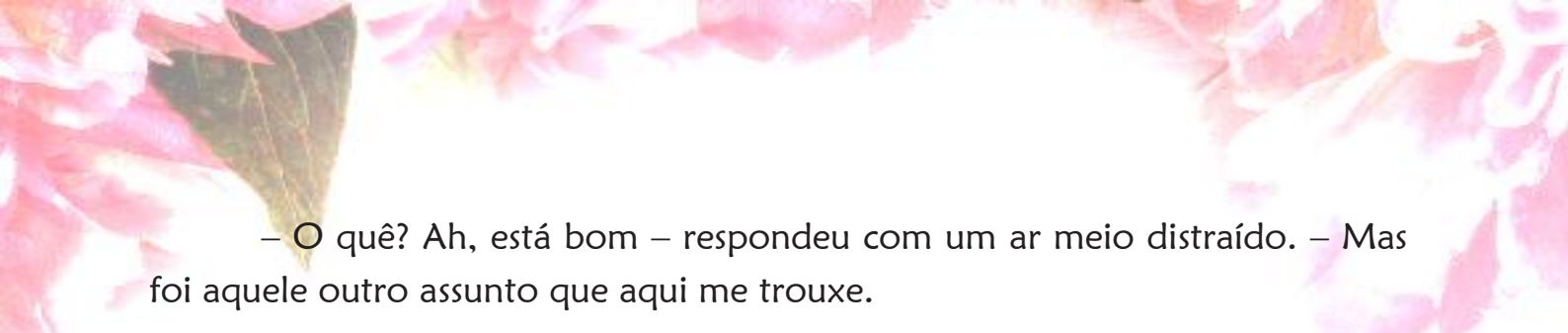
Passámos uma hora a decidir o que ela devia vestir – o vestido novo estampado da H&M, se deveria usar o cabelo solto ou preso em cima da cabeça – solto, bem mais sensual – e se deveria levar o carro – obviamente que não, pois dessa forma ele teria de a ir deixar a casa e ela poderia convidá-lo a entrar para um café e, depois, atacá-lo. Fartámo-nos de rir enquanto devorávamos o gelado e, quando ela se foi embora, às dez e meia, já me sentia muito melhor.

Na manhã seguinte, quando cheguei ao consultório, Emily já lá estava à minha espera, com um ar ao mesmo tempo empolgado e apreensivo.

– Então – perguntei enquanto nos acomodávamos –, como tem passado?

– Bem, obrigada. – Parecia mortinha para me contar qualquer coisa.

– E como está o *Rover*?



– O quê? Ah, está bom – respondeu com um ar meio distraído. – Mas foi aquele outro assunto que aqui me trouxe.

Era o que eu temia. Com o futuro de Dinny já sobre os meus vergados ombros, sentia que não era capaz de acarretar com a vida de mais ninguém.

– Andei a fazer umas investigações, sabe. – Os olhos de Emily iluminaram-se.

– Acerca da sua mãe biológica? – Até já sabia qual iria ser a resposta.

– Sim e encontrei o endereço dela.

– Estou a ver. Emily, acho que será melhor ter cuidado...

– Sim, claro, terei, não se preocupe. É por isso que quero que venha comigo.

– Consigo? Onde?

– A Londres. Decidi surpreendê-la.

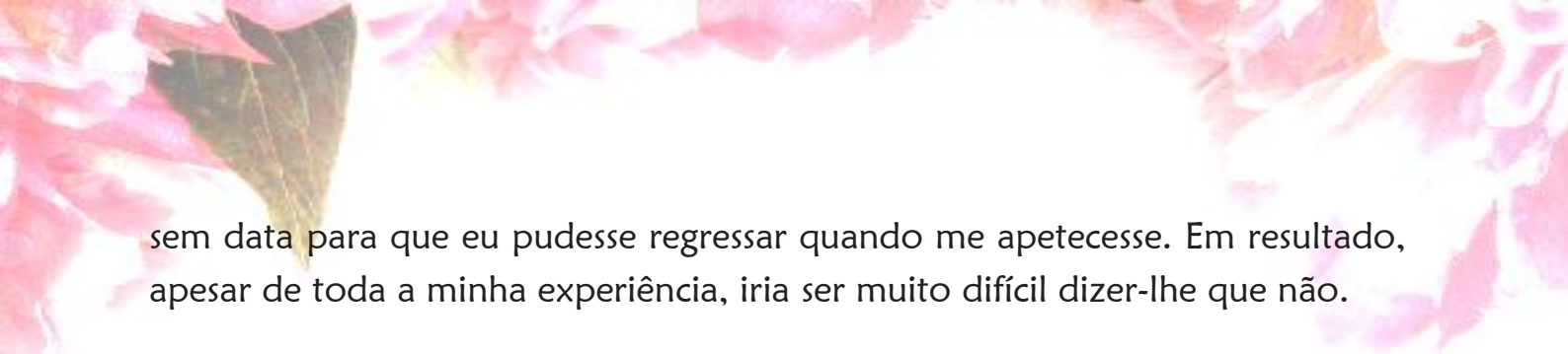
– Não me parece que seja necessariamente a melhor abordagem – acautelei.

– Oh, mas é. Sei que sim. Durante a semana, ela vive sozinha. Contratei um detetive privado, sabe. – Para uma pessoa que costumava ser tão tímida e acanhada, parecia de repente um poço de energia. – Portanto, suponho que se sinta sozinha.

– Emily, pode estar a tirar uma conclusão precipitada. Uma coisa pode não ter nada a ver com a outra.

– Pensei muito nisto, Lulu, e quero conhecê-la. – Tinha os olhos a brilhar. – Preciso de falar com ela e de lhe fazer perguntas e, por uma vez na vida, não vou optar pela minha habitual abordagem branda. Primeiro, vou confirmar se ela está em casa, depois bato-lhe à porta e assim ela não poderá evitar-me. E a única forma de arranjar coragem para fazer tudo isto é consigo a meu lado, Lulu.

Não podia acreditar. Emily, que toda a vida fora comandada, não iria recuar na sua decisão. Ofereceu-se para me pagar uma passagem em primeira classe, alojar-me num hotel de cinco estrelas e comprar um bilhete de regresso



sem data para que eu pudesse regressar quando me apetecesse. Em resultado, apesar de toda a minha experiência, iria ser muito difícil dizer-lhe que não.

Os meus clientes seguintes eram John, o oncologista, e *Gilbert*, o Yorkie, que apenas vira uma vez. *Gilbert*, pelos vistos, tornara-se violento e mordera uma menina que vivia na vizinhança. Os pais ameaçavam processar John. Adorava problemas simples como aquele. Iria estar no meu elemento durante as duas horas que se seguiriam.

Assim que se foram embora, aproveitei para tomar algumas notas sobre o caso e fui fazer um café forte antes de telefonar a Emily na esperança de tentar persuadi-la uma última vez a repensar o seu plano de reunião familiar. Mary cruzou-se comigo a caminho da cozinha.

– Acabou de chegar um fax para si. – Entregou-me uma resma de folhas.

– Obrigada. Quer um café?

– Por acaso, já tenho a chaleira ligada, por isso posso levar-lhe um, se quiser?

– Seria maravilhoso. É um amor, Mary. Tenho um telefonema difícil para fazer. – Assim que acabei de dizer estas palavras, reparei que o fax era de Emily. Senti-me desanimar quando vi a lista de voos disponíveis para as semanas seguintes, bem como versões impressas dos *websites* de vários hotéis de luxo. Quando pensava que pior não podia ficar, li o último parágrafo da mensagem anexa, onde me dizia o quanto era importante para ela que eu tivesse concordado em acompanhá-la, que aquilo era a coisa mais importante que alguma vez fizera por ela mesma e que nunca antes tivera uma verdadeira amiga. Acrescentava ainda que, ao concordar em estar ao lado dela naquela situação tão difícil, a fizera sentir que tinha valor e que, se por fim resolvesse o seu passado e conseguisse sentir-se em paz com ela mesma, seria tudo graças a mim. Jogo, *set* e partida para Emily.

28

NEM MESMO UMA ESPETACULAR VIAGEM DE REGRESSO a casa ao longo da costa, acompanhada dos últimos raios de sol invernal, que parecia ter-se tornado fã da Irlanda nos últimos dias, serviu para me animar, portanto, parei no *takeaway* local para comprar comida, depois num pequeno supermercado para escolher a sobremesa e, por fim, numa garrafeira, na esperança de atrair Maddy ou Clodagh até Bray para um serão só de raparigas. No final de contas, o telemóvel de Maddy estava desligado, o que era invulgar, e Clodagh não atendeu a minha chamada, por isso, devorei o jantar em três minutos, de tão esganada que estava, e preparava-me para abrir a garrafa de vinho quando *Pete* de repente levantou as orelhas, correu para a porta e começou a ladrar, zangado. Decidi deixá-lo sair e ele lançou-se a correr para o meio das árvores, rosnando. Arrependi-me de imediato de o ter feito, pois ficara completamente sozinha. Esperei um pouco a ver se ele voltava, mas cada vez o ouvia ladrar mais, por isso decidi telefonar aos meus vizinhos.

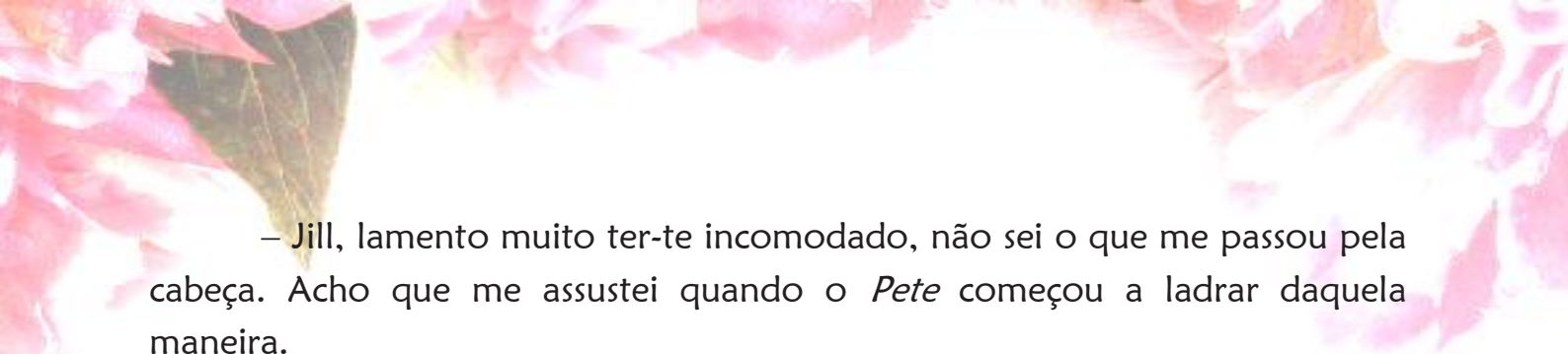
– Jill, lamento muito incomodar, mas o meu cão ficou louco – expliquei depois de me identificar. – Queria apenas certificar-me de que vocês estavam em casa. – Sentia-me uma perfeita idiota.

– Sim, eu estou aqui. O Jack saiu, mas eu vou até aí agora para te fazer companhia.

– Oh, não é preciso, obrigada – argumentei, mas ela já tinha desligado e, poucos segundos depois, vi a luz de uma lanterna e ouvi a voz dela a chamar-me.

– Sou eu, Lulu – ouvi, seguido de: – Olá, *Pete*, vieste ter comigo, foi? Lindo menino.

Não tardou a estar à minha porta.



– Jill, lamento muito ter-te incomodado, não sei o que me passou pela cabeça. Acho que me assustei quando o *Pete* começou a ladrar daquela maneira.

– Não tem problema, é para isso mesmo que os vizinhos servem. Por acaso, estava a preparar-me para beber um chá, por isso, se quiseres recompensar-me, tomo um contigo – sugeriu ela, sorrindo. – Mas, se calhar, primeiro dávamos uma volta aqui em redor, só para nos assegurarmos de que não há ninguém por aqui, *okay*? Assim, se andar por aí alguém a rondar em busca de sarilhos, saberá que não estamos sozinhas. Traz um casaco, arrefeceu bastante esta noite.

– Tens a certeza? – Ainda me sentia envergonhada por tê-la chamado sem qualquer motivo. – Sabes, é que o *Pete* não é daqueles cães que ladra sem uma razão, por isso fico um pouco assustada quando isso acontece.

– Não tem qualquer problema, o ar fresco vai fazer-me bem, já estava a derreter frente à lareira. És um cão espetacular. – Afagou as orelhas de *Pete* e ele ficou encantado.

Caminhámos em redor do perímetro da pequena mata, mas *Pete* mostrou-se sempre descontraído, farejando e correndo de um lado para o outro, a cauda a abanar de satisfação perante aquele inesperado passeio e assim ao fim de uns minutos regressámos à caravana e eu liguei a chaleira.

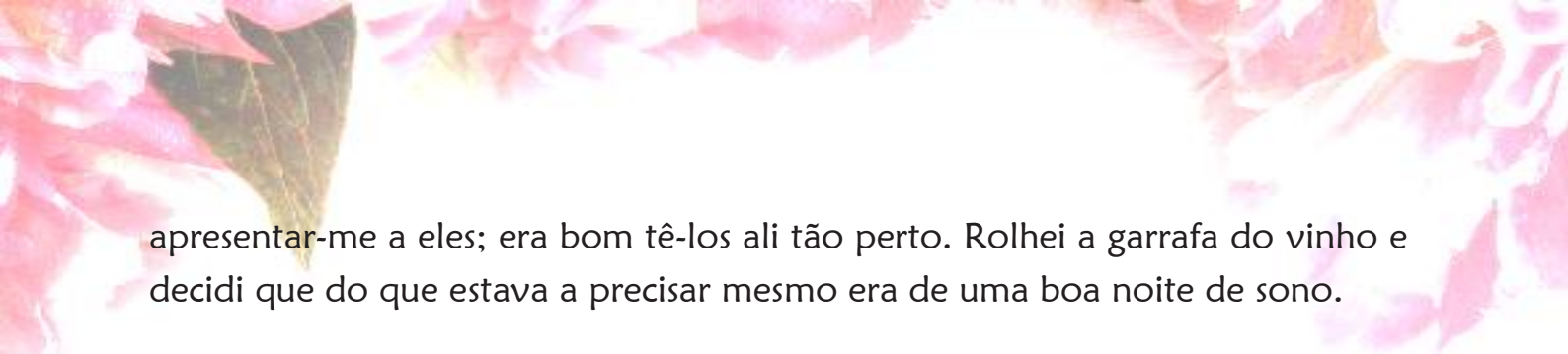
– Na verdade, preparava-me para beber um copo de vinho. Foi um daqueles dias. – Apontei para a embalagem de gelado vazia. – Fazes-me companhia?

– Adoraria – respondeu ela.

Mostrei-lhe o resto da caravana e conversámos durante uma meia hora. Quando se foi embora, obrigou-me a prometer que lhes telefonaria sempre que ouvisse alguma coisa.

– Nós estamos quase sempre em casa e deitamo-nos tarde, portanto, não incomodas nem um pouco.

Acenei-lhe adeus e fiquei a vê-la fechar o pequeno portão nas traseiras do seu jardim. Estava muito contente por Maddy me ter obrigado a



apresentar-me a eles; era bom tê-los ali tão perto. Rolhei a garrafa do vinho e decidi que do que estava a precisar mesmo era de uma boa noite de sono.

No final da semana, tinha a cabeça em água e ainda me faltava enfrentar o encontro com Joan Lehane. Tendo em conta todas as angústias dos dias anteriores, era coisa que bem dispensaria. Era mais um dos assuntos que tomara a meu cargo sem qualquer necessidade, contudo, prometera a Dinny que o ajudaria e ele ligava-me praticamente a toda a hora para se certificar de que eu ia mesmo. A noite anterior, dissera-lhe que parasse de me ligar e o pobre ficara mortificado.

Acabei por chegar ao Shelbourne Hotel demasiado cedo e resolvi dar um passeio por Saint Stephen's Green e fiquei animada ao ver campânulas brancas e crocos já a tentar despontar por entre o solo negro e espesso. O parque estava cheio de famílias encasacadas que davam pão aos patos e de estudantes esticados na relva, embora devesse estar bastante húmida.

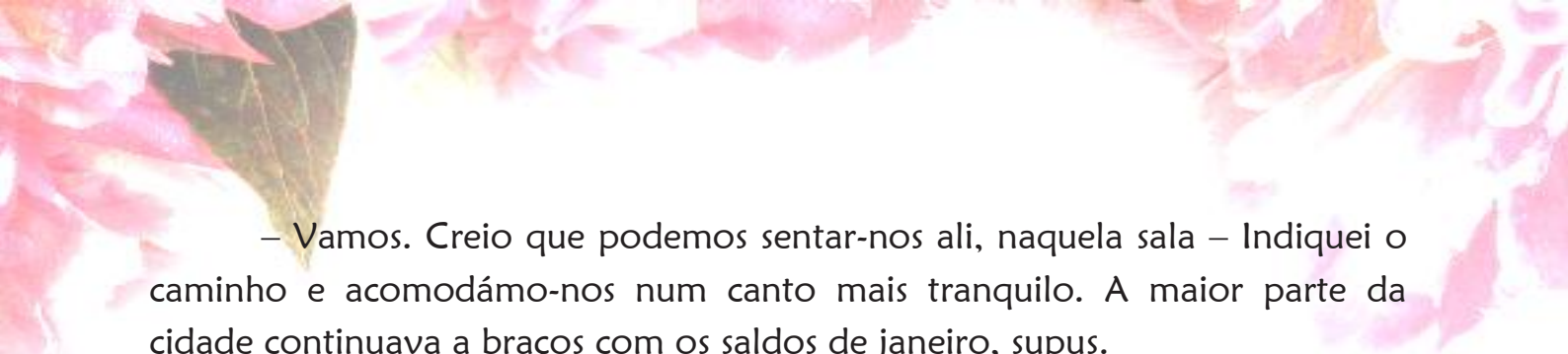
Dez minutos antes da hora, acomodei-me perto da porta no vestíbulo do hotel e esperei. Reconheci Joan Lehane de imediato e devo dizer que era uma mulher bonita, muito mais jovem e elegante do que imaginara.

– Olá, deve ser a Joan. Sou a Lulu. – Levantei-me e apresentei-me, sem qualquer dúvida de que ela era a pessoa com a qual combinara encontrar-me. Era uma mulher alta, de cabelo cor de avelã pelos ombros e, embora o casaco e as calças de ganga tivessem um ar moderno, o seu corte era elegante e as botas e mala que trazia também não lhe ficavam atrás. Não combinava nem um pouco com um homem como Dinny.

– Olá, espero não ter chegado atrasada. – Sorriu. – Deixei-me encantar pela magia de Grafton Street. Peço desculpa. Meu Deus, Dublin mudou tanto – comentou ela, maravilhada.

– É bem verdade – concordei. – Há quanto tempo não vinha cá?

– Há muito tempo. – Sorriu de novo. – Vamos tomar um chá?



– Vamos. Creio que podemos sentar-nos ali, naquela sala – Indiquei o caminho e acomodámo-nos num canto mais tranquilo. A maior parte da cidade continuava a braços com os saldos de janeiro, supus.

Feitos os pedidos, não sabia por onde começar e, uma vez que fora eu, em nome de Dinny, pelo menos, quem pedira que nos encontrássemos, sentia-me na obrigação de dar início à conversa.

– Como conheceu o Denis? – Joan tirou-me assim o assunto das mãos.

Expliquei como nos conhecêramos e ela inclinou a cabeça para trás e riu.

– É psicóloga de cães? Meu Deus, a Irlanda modernizou-se mesmo. Quando eu vivi aqui, as pessoas não se aproximariam de nós se soubessem que tínhamos ido a um psicólogo quanto mais se levássemos o nosso cão a um.

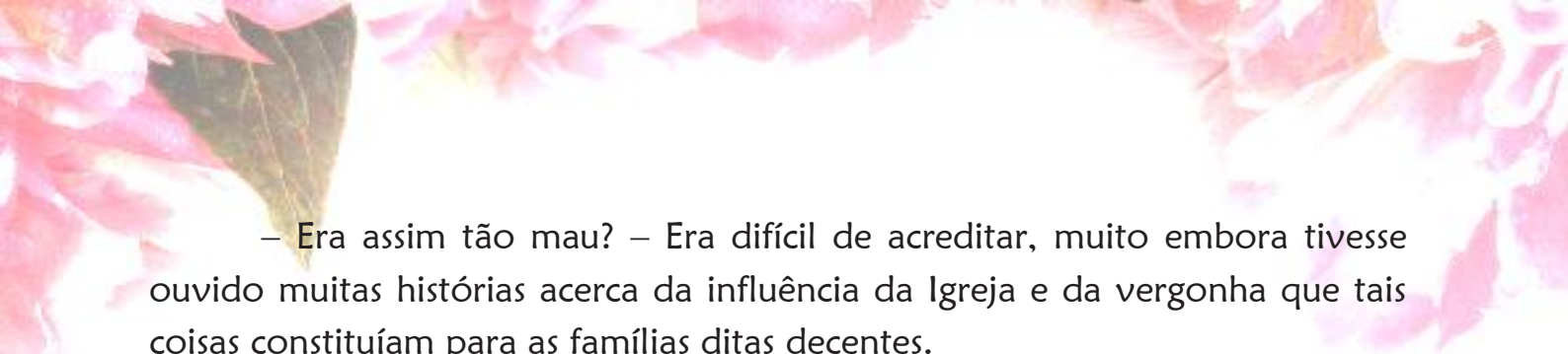
– O Tigre Celta¹⁵ é responsável por muita coisa – disse-lhe.

– E como foi que acabou a encontrar-se comigo em nome dele?

Expliquei-lhe como nos tornáramos amigos e que, certo dia, ele me falara do seu passado e me confidenciara aquele episódio. As palavras dela, quando se pronunciou, surpreenderam-me pela total ausência de amargura ou condenação.

– Ele abandonou-me numa altura em que eu estava muito vulnerável, mais do que alguma vez estivera na vida, mas deu-me uma filha maravilhosa e, depois de ter conseguido sobreviver a tudo aquilo, percebi que seria capaz de lidar com qualquer coisa. Foi horrível, de início. Não tinha dinheiro, os meus pais ficaram horrorizados, em especial porque ele era muito mais velho que eu, e partiram do pressuposto de que acabaria por entregar a criança para adoção. Na altura, descobri também que não tinha amigas. Naqueles tempos, não havia crime pior que engravidar fora do casamento, pelo menos na província; exceto talvez se ele fosse padre.

¹⁵ Expressão que designa o período de forte crescimento económico verificado na Irlanda entre 1995 e 2007. (*N. da T.*)



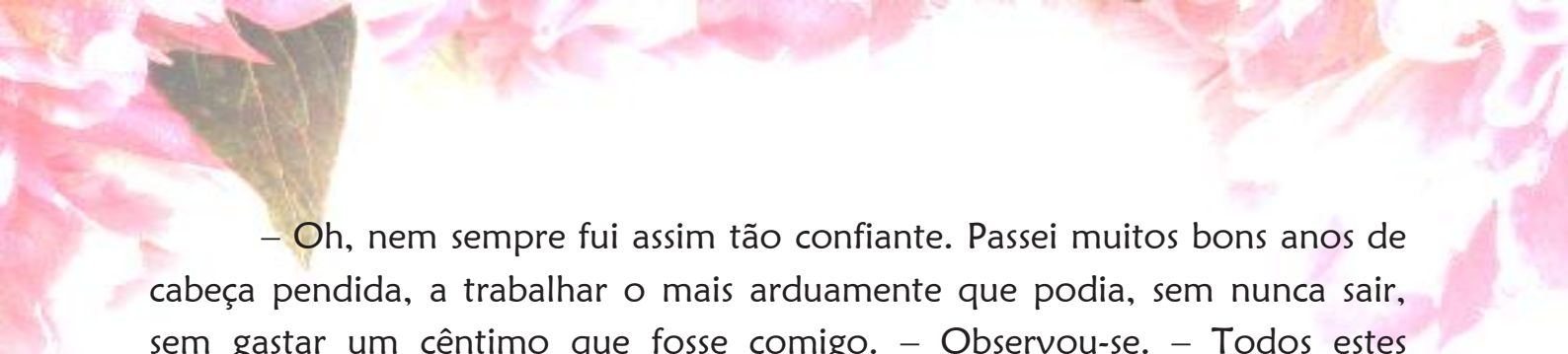
– Era assim tão mau? – Era difícil de acreditar, muito embora tivesse ouvido muitas histórias acerca da influência da Igreja e da vergonha que tais coisas constituíam para as famílias ditas decentes.

– Receio que sim, ainda para mais porque éramos uma família da classe média muito respeitada; pilares da comunidade e assim. O meu pai, em particular, ficou escandalizado. Creio que nunca mais me viu com os mesmos olhos.

– Então, que aconteceu?

– Oh, eu mantive-me de pedra e cal, sempre na esperança de que tudo acabaria por correr bem, porém, com a mãe do Denis a comandar o poleiro, isso nunca iria acontecer. Por fim, deixei de conseguir aguentar a pressão em casa ou os sussurros de cada vez que saía à rua, fiz as malas e rumei a Inglaterra, como muitas outras fizeram nessa altura. Por sorte, tinha uma velha amiga lá, a Marion, uma parente afastada, na verdade, e os pais dela deixaram-me ficar em casa deles até o bebé nascer. Também me arranjam um emprego, algo que não era nada fácil de encontrar. Poupei cada cêntimo que ganhei e, quando o bebé nasceu, arranjei um trabalho à noite. Como a Marion andava a estudar, comecei a pagar-lhe para dar um olhinho ao bebé depois de eu o mudar e de lhe dar de mamar e o pôr a dormir. Trabalhava sete noites por semana, todas as semanas, e compensou. Em pouco tempo, passaram-me para a sala de refeições e no espaço de um ano estava a gerir o restaurante. Assim, podia passar o dia inteiro com a minha filha e, quando a Catherine começou a ir para a escola, já tinha dinheiro suficiente, mas à justa, atenção, para comprar um pequeno apartamento e pagar a uma ama como devia ser. Então, o meu pai faleceu e a minha mãe enviou-me uma avultada quantia de dinheiro. Creio que se sentia culpada, para ser franca. Ainda tentou convencer-me a voltar para casa, mas, por aquela altura, nada me teria persuadido a regressar. – Bebeu um gole de chá. – E é isto, basicamente. Tive... tenho... uma vida muito boa e agora sou proprietária do meu próprio restaurante, e tem sido um sucesso, e sou feliz, e a minha filha é a melhor coisa que alguma vez me aconteceu.

– Fico muito contente que as coisas se tenham resolvido pelo melhor, mas, só de olhar para si, é difícil imaginar que não corressem bem.



– Oh, nem sempre fui assim tão confiante. Passei muitos bons anos de cabeça pendida, a trabalhar o mais arduamente que podia, sem nunca sair, sem gastar um cêntimo que fosse comigo. – Observou-se. – Todos estes atavios vieram mais tarde, muito mais tarde.

Era uma expressão antiquada, mas, de certa forma, resumia-a. Joan era uma mulher muito correta, digna, embora, de cada vez que sorrisse, fosse possível ver ali um indício de uma certa travessura.

– Então, como está o ousado Mister Cassidy? Continua o mesmo, imagino?

– Bom, isso depende do que imagina, suponho. Continua a viver em Wicklow, comprou um pedaço de terra, ainda tem um brilho no olhar, e simpatizámos um com o outro assim que nos conhecemos, creio.

– E continua tão bem-parecido e donairoso como sempre?

Quase me engasguei com o scone. Nunca associaria qualquer daquelas palavras a Dinny.

– Bom, ele foi à festa de Natal que dei no meu consultório e posso afirmar que continua a ter olho para as mulheres. – Fui o mais diplomática que consegui ser.

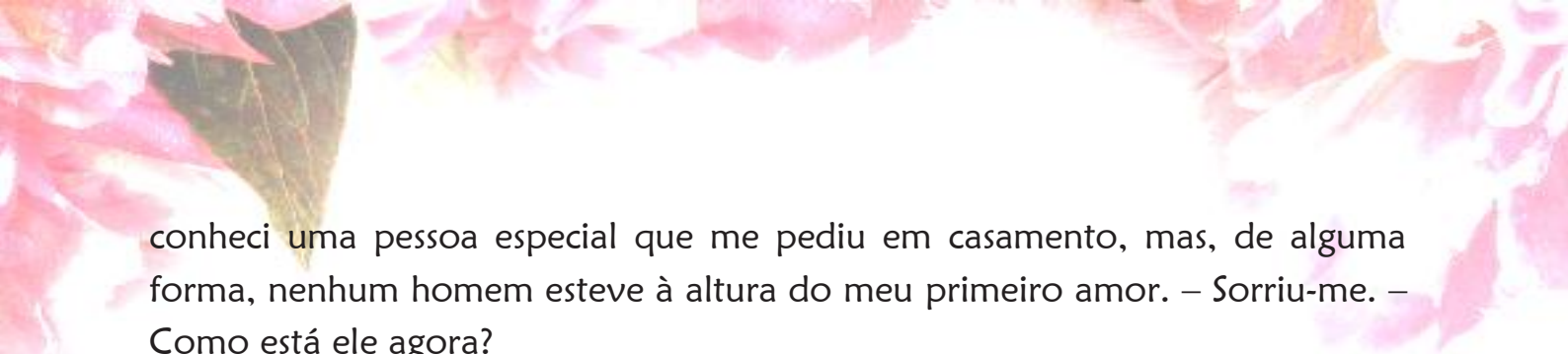
– Chegou a casar?

– Nunca e acho que está muito arrependido dos seus atos no que a si diz respeito – informei. – Parece-me que, em determinada ocasião, ele ainda chegou a ir procurá-la, não foi?

– Sim, mas agora, olhando para trás, creio que nessa altura já era tarde de mais. Sabe, quando parti para Inglaterra, sentia-me tão sozinha e abandonada. Mas depois, de alguma forma, as coisas acabaram por mudar e melhorar... Suponho que, inevitavelmente, é o que acontece sempre... Tinha acabado de me dar conta de que afinal até era capaz de me safar muito bem sozinha quando ele apareceu, achando que lhe bastava pedir desculpa e partir de onde ficara. No entanto, nessa altura, o meu orgulho levou a melhor.

– Compreendo, já tinha passado por muito, e sozinha.

– Amava-o tanto – afirmou ela sem rodeios. – E continuei a amar durante vários anos. Por fim, comecei a sair com outros homens. Depois



conheci uma pessoa especial que me pediu em casamento, mas, de alguma forma, nenhum homem esteve à altura do meu primeiro amor. – Sorriu-me. – Como está ele agora?

Não fazia ideia do que dizer.

– Bom, está mais velho... – Foi a resposta mais ridícula que poderia ter dado. – Tem sessenta e tal anos...

– É um disparate, mas na minha cabeça continua o mesmo homem que conheci. Provavelmente, não o reconheceria se ele entrasse aqui agora. – Olhou em redor.

«Não tente o destino», tive vontade de gritar. Conhecendo Dinny, não seria de espantar que estivesse escondido atrás de alguma planta. Limitei-me a dizer:

– É um homem encantador, muito amável, faz-me sempre rir. Penso que iria gostar da pessoa que ele se tornou.

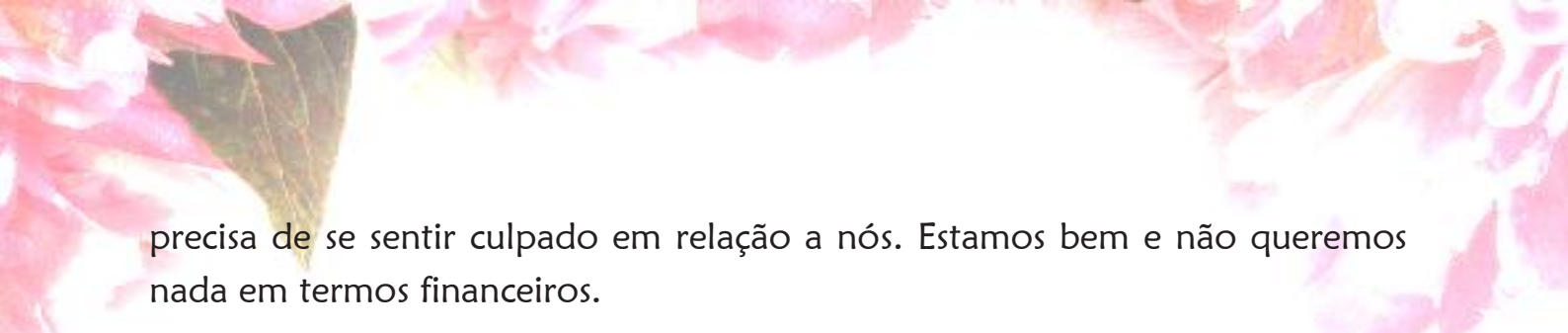
– Pois, olhe para mim. Tenho quarenta anos e, de cada vez que me olho ao espelho, não me reconheço. Estou cheia de rugas.

Tive vontade de lhe dizer que, comparada com o seu primeiro amor, ela era uma verdadeira candidata às páginas centrais de um tabloide, mas, em vez disso, entregámo-nos por um momento a comentários jocosos sobre coisas tipicamente femininas e, quando eu me preparava para voltar ao assunto que ali nos levara, ela voltou a levar-me a melhor.

– E porquê agora? – Arqueou as sobrancelhas. – Por que razão é que, depois de todos estes anos, ele nos quer de novo na vida dele? É só porque está a ficar velho?

– Isso poderá ser um dos motivos, mas penso que está genuinamente arrependido da forma como lidou com o assunto naquele tempo – respondi-lhe com toda a sinceridade. – Suspeito que quer apenas reparar o enorme erro que cometeu.

– Mas não tem de o fazer, não é necessário. – Mais uma vez, não havia qualquer traço de amargura nas suas palavras. – Sempre soube que, um dia, ele acabaria por tentar entrar em contacto connosco, portanto, quando o padre Vincent me ligou, eu já sabia qual seria a minha resposta. Ele não



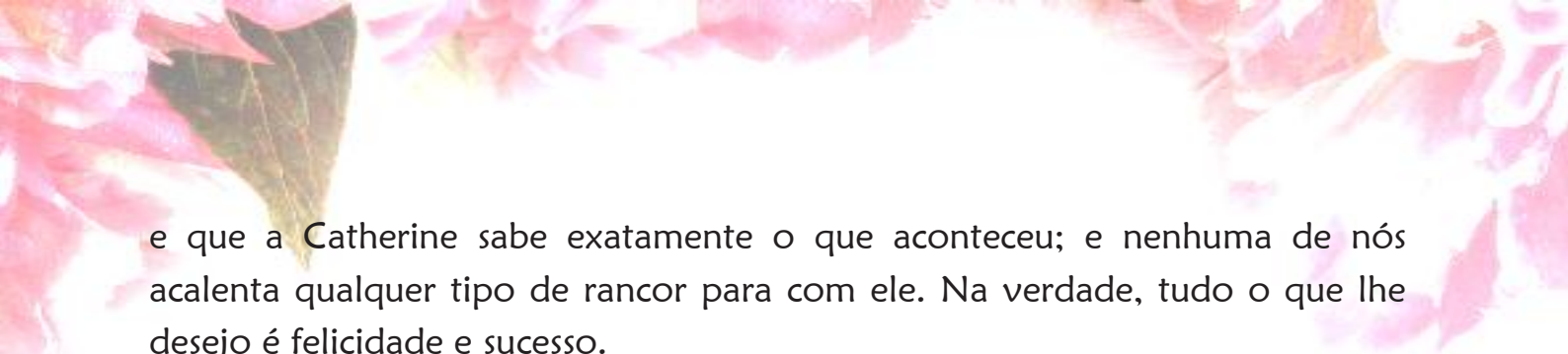
precisa de se sentir culpado em relação a nós. Estamos bem e não queremos nada em termos financeiros.

– Ele disse-me que lhe tinha enviado dinheiro, mas que a Joan recusara e nunca depositara os cheques.

– Sim, e isso deveu-se em grande parte ao meu orgulho. Eu precisava era dele, não do seu dinheiro, entende? Assim que encontrei trabalho, o dinheiro deixou de ser a grande questão. O problema era a solidão. A maior parte do tempo, não tive ninguém com quem conversar. E, mesmo quando trabalhava, havia tantas noites em que estava tão exausta que teria dado tudo para ter alguém que assumisse o controlo nem que fosse apenas por um par de horas. Alguém que me abraçasse ou me preparasse um banho ou apenas me dissesse que não precisava de ir a correr para casa, que insistisse para que fosse beber um copo com as colegas. Uma palermice, presumo, mas eu era nova e tímida e irlandesa numa cidade grande e sofisticada.

– Deve ter sido muito difícil. – Fui transportada para o passado com ela e, de repente, dei por mim a interrogar-me se a minha mãe sentira aquela mesma solidão. Era bem provável; eu é que nunca parara para pensar como as coisas seriam naquela altura. Muito embora tivesse lidado comigo de uma forma diferente, se calhar também não sabia ou pudera fazer de outra maneira. O certo é que isso implicara que me tivesse sentido sozinha e desamparada durante a maior parte da minha infância e juventude.

– Foi, sim. – Tinha um ar triste. – Por isso, quando ele me apareceu à porta com um cheque na mão, limitei-me a mandá-lo embora, depressa e sem alarido. E sabe porquê? Porque tinha medo. E, basicamente, aquilo que eu mais receava era a minha raiva. Quando nessa ocasião o voltei a ver, ele tinha um ar mais velho e sofisticado e, pela primeira vez, tive vontade de gritar-lhe, «Devias ter sabido, devias ter cuidado de mim», e tinha medo de deixar tudo isso sair, pois sabia que, se começasse a gritar e a chorar, não iria conseguir parar. Vê-lo de novo só piorou o sentimento de abandono e solidão que me consumia. Portanto, assim que ele se foi embora, meti todos esses sentimentos numa caixa e fechei-a muito bem, com supercola. – Sorriu. – E resultou. Permitiu-me seguir em frente até ao dia em que percebi que por fim ultrapassara tudo aquilo e, melhor ainda, estava feliz comigo mesma. Foi uma sensação ótima. Assim sendo, por favor, assegure-lhe que estamos ótimas



e que a Catherine sabe exatamente o que aconteceu; e nenhuma de nós acalenta qualquer tipo de rancor para com ele. Na verdade, tudo o que lhe desejo é felicidade e sucesso.

– É uma mulher extraordinária – afirmei e estava a ser sincera. – Admiro muito tudo o que conquistou e a forma como lidou com a partida que o destino lhe pregou. Muitas pessoas teriam aceitado o dinheiro dele, permitido que a amargura tomasse conta delas e recusado ter o que quer que fosse a ver com ele todos estes anos volvidos, todavia, a Joan concordou em conversar comigo. – Não sabia ao certo o que queria dizer a seguir, por isso detive-me por um segundo e Joan não se apressou a preencher o silêncio, como muita gente teria feito. – Olhe, vou só lançar aqui uma coisa para o ar, que deixo à sua consideração. E, se ele quisesse apenas tentar remendar o que fez, apesar de isso para si não ser muito importante e de já vir a destempo? Estaria disposta a conceder-lhe isso? Presumo que tal implicaria deixá-lo entrar um pouco na sua vida, e, na verdade, seria apenas para proveito dele, creio, embora talvez lhe permitisse a si também colocar por fim uma pedra sobre o passado, fechar uma porta que nunca ficou bem encerrada. Isto, claro, se a Joan for como eu. – Suspirei.

Ela olhou-me fixamente durante uma eternidade, embora o mais provável fosse que nem me estivesse a ver.

– Nunca achei que fosse dizer isto, mas agora que falei da minha raiva em voz alta, creio que sim, que não me importaria de lhe conceder isso – respondeu ela em voz baixa. – Dê-me só um dia ou dois para discutir o assunto com a minha filha. Se for para seguirmos em frente com isto, mais vale que ela esteja também envolvida. Seja como for, para ser verdadeiramente sincera, creio que também já há muito tempo que achava que eles os dois deviam conhecer-se.



29

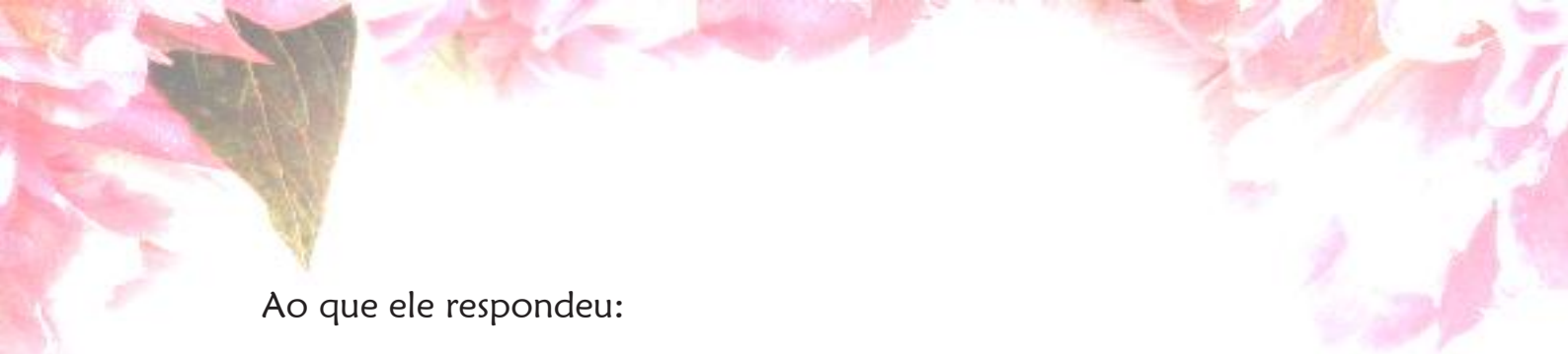
NO DIA SEGUINTE, estava mais uma vez com a cabeça em água, por isso, quando às quatro e meia recebi uma mensagem no telemóvel, estive quase para não a ler. Todavia, ocorreu-me que podia ser Maddy ou Clodagh a tentarem arrastar-me para algum lado com elas. Andavam as duas às compras desde que as lojas tinham aberto as portas e, supus, já estariam exaustas e a precisar de descontrair e tomar qualquer coisa. A missão de ambas era comprar vestidos para o lançamento da nova série de Maddy dali a umas semanas. Uma vez que eu ainda andava a gastar a carrada de roupa que Bronwyn me dera e o dinheiro não abundava, decidira não me juntar a elas, para grande descontentamento de ambas.

Assim, esperava uma mensagem caluniadora de uma delas, a chamar-me desmancha-prazeres ou alguma coisa pior, mas em vez disso li o seguinte:

Socorro! Cão tomou conta da casa e tive de ir almoçar ao *pub*. Poderias passar por cá às 6? Se te tornares líder da matilha, prometo champanhe e um fabuloso jantar. X Mike

Respondi de imediato:

Achas que me deixo comprar tão facilmente?



Ao que ele respondeu:

Ofereço o dobro dos teus honorários e champanhe do melhor, não do rasca!

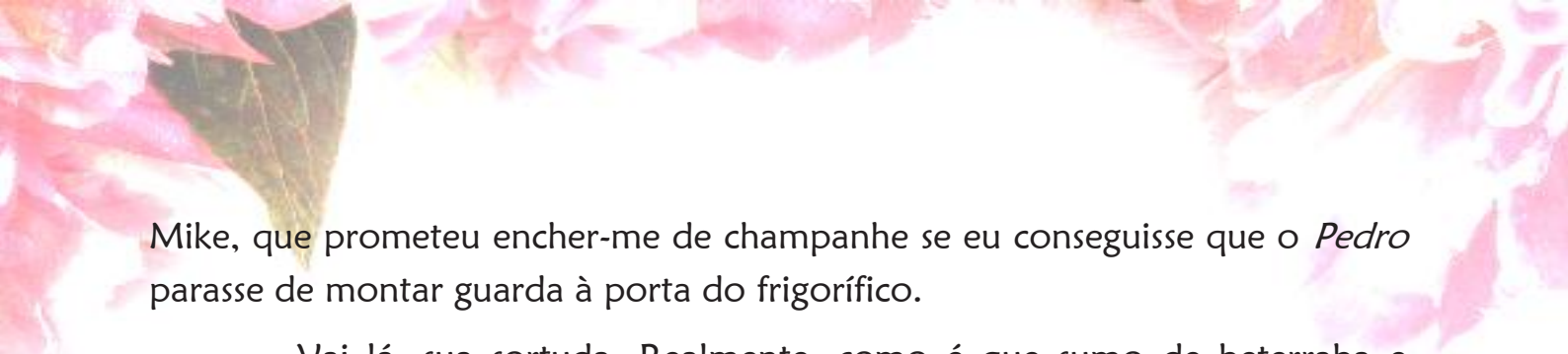
Vemo-nos às 6h?

Ri e acabei por ceder. Enviei-lhe uma última mensagem a dizer que lá estaria, saltei do sofá, arrastei *Pete* para um passeio rápido e meti-me no chuveiro.

Maddy telefonou-me quando ia no comboio.

– Aquela gaja faz os talibã parecerem um bando de mariquinhas! – Estava a referir-se a Clodagh, percebi de imediato. – Nem sequer me queria deixar parar para almoçar. Levava com ela uma porcaria qualquer que mais parecia cartão prensado e que apelidou de barrita de multi-não-sei-o-quê e obrigou-me a comer aquilo. Quando, às três da tarde, resolvi fazer greve para poder descansar um bocadinho, ela pediu chá de urtigas... Dá para acreditar? E podes apostar, se fosse prostituta, não me teria despedido tantas vezes. Vê lá que teve a lata de dizer que a minha roupa interior perdera a elasticidade, por isso não imagino o que pensará da minha cara. Vem para a cidade depressa e salva-me. Caso contrário, acabarei num beco algures a beber de uma lata. É que ela agora está a insistir para irmos a um daqueles sítios que só vende sumos e coisas saudáveis para «uma refeição ligeira». Não estou a gozar – lamentou-se ela. – Recorda-me lá outra vez porque somos amigas dela?

– Porque ela não nos deixa descarrilar. – Tive de rir. Era precisamente aquilo que nos permitia funcionar como um trio. Maddy fazia-nos rir e tornava a nossa vida divertida, Clodagh nunca nos deixava fracassar e queria apenas o melhor para nós e eu suponho que era a que arranjava sempre as soluções que nos permitiam ultrapassar os altos e baixos da vida. – Mas, olha, estás por tua conta, lamento – afirmei. – O meu jantar vai ser cozinhado pelo



Mike, que prometeu encher-me de champanhe se eu conseguisse que o *Pedro* parasse de montar guarda à porta do frigorífico.

– Vai lá, sua sortuda. Realmente, como é que sumo de beterraba e gengibre poderiam competir com isso? – Solto uma risadinha. – Telefona-me logo e, se a coisa ficar mesmo desesperada, podes apostar que apareço à porta do Mike.

– *Okay*, eu digo-lhe para guardar um bocadinho do jantar para ti.

– Diz-lhe mas é para deixar um bocadinho do champanhe. Que se foda o jantar. Ups, lá vem ela com outra cinta! Tenho de desligar, ela apanhou-me a mandriar. Encontrei um quiosque de venda de doces e tenho andado a comer gomas às escondidas.

Pobre Clodagh. Se a mim tinha poucas hipóteses de converter, Maddy então era um caso perdido.

Mike abriu-me a porta brandindo um escudo e uma lança, uma das antiguidades preferidas de Louis.

– Juro que ele se passou! Acho que tanto caviar o levou finalmente à loucura. Agora pensa que é o dono da casa.

– Palermo. – Agarrei na lança e simulei uma estocada. – O mais certo é que tenhas sido tu a levá-lo à loucura com as tuas palermices. E o Louis mata-te se estragares essas preciosidades – alertei-o enquanto largava a mala no chão.

– Eu? Levá-lo à loucura? Estás a gozar, não estás? Morro de medo dele. Tentei conversar com ele pelo buraco da fechadura. Até lhe prometi o bife do lombo que planeava cozinhar para o teu jantar.

– Bom, o meu jantar é que ele não vai comer, isso é certo. – Dei uma gargalhada e segui Mike até à cozinha. Quando abri a porta, *Pedro* olhou para mim com uma expressão como quem dizia «não vais acreditar neste idiota». Assim que viu Mike, rosnou baixinho, mas foi uma tentativa pouco empenhada de ganhar o controlo.

Depois do habitual comando, caminhei para ele sem hesitar. Baixou de imediato a cauda e marchou em direção à sua cama.

– Meu Deus, agora até estou com pena dele – comentou Mike. – Está com um ar que parece que foi castrado. Que hipótese poderá ter qualquer macho contigo?

– É essa mesma a ideia – respondi. – Vá, conta-me o que se tem passado.

– O mesmo do costume. Quando o Louis está em casa estraga o cão com mimos. Senta-o em cadeiras, deixa-o dormir com ele na cama, encharca-o com *aftershave Gucci*, tudo o que imaginares. Resultado, o Louis fica feliz, o cão fica maravilhado e eu fico de fora e nem me meto. Só que, por vezes, a coisa descamba, como quando quero sentar-me e ele não me deixa, mas principalmente naquelas situações em que o Louis lhe murmura coisas doces ao ouvido e o *Pedro*, com muita relutância, me deixa viver. Depois, o Louis ausenta-se por uns dias e o rafeiro toma contra de tudo. De uma forma geral, não deixo que ele o faça e mostro-lhe que quem manda sou eu, tipo com um pontapé no traseiro ou assim, mas a verdade é que ele está a ficar cada vez pior. Hoje rosnou-me a sério, mostrando os dentes e tudo, como quem não estava a brincar. Mas, para ser sincero, também te convidei para vir cá porque preciso da tua ajuda com mais outra coisa.

– Continua. – Fitei-o com um olhar desconfiado.

– Contudo, prometo alimentar-te como uma princesa. O Louis deixou o frigorífico recheado de coisas boas, se bem que a maioria deve ser para o cão, não me admirava.

– Então, pretendes dar-me a comer o jantar do cão, é? – inquiri. – Há mais alguma coisa que eu deva saber? Não tinhas falado de teres assim uma coisa fria e borbulhante?

– Ups, é para já! – Precipitou-se de imediato para o frigorífico e *Pedro* assustou-se e rosnou, mas desta feita, assim que olhei para ele, encolheu-se.

– Olha, eu já disse isto uma vez, portanto, esta é a minha última tentativa. Vocês terão de ter uma abordagem unida e única em relação a este problema.

– E temos. – Agarrou na garrafa e num copo, para me calar a boca, supus.

– Os cães necessitam de três coisas: exercício, disciplina e afeto. Não é assim tão complicado. Alguma vez viste *O Encantador de Cães*? – perguntei.

– Quem raio é esse?

– Não importa, já falámos sobre isto uma vez.

– Eu sei, eu sei. Para ser franco, eu já praticamente desisti. Nunca quis esta chatice toda, para começar, e tu sabes disso. – Mike serviu um copo de champanhe e estendeu-mo.

– Não me fazes companhia?

– Sim, mas não com champanhe. – Abriu uma lata de cerveja. – À nossa.

– *Slainte* – respondi em gaélico. – Muito bem, tentemos mais uma vez. É muito simples se vires a coisa do ponto de vista do *Pedro*. Ele vê o Louis como o número um, a ele mesmo como o número dois e a ti como o número três. Para mudar isto, vocês têm de chegar a um acordo e seguir um determinado padrão. Tens-lhe dado de comer?

– Sim, e ele é um amor para mim. O mesmo acontece quando lhe digo que vamos dar um passeio. No entanto, o resto do tempo, o Louis trata-o como uma criança... Na verdade, melhor até que uma criança, e é esse o problema.

– Conta-me lá de novo quando tudo isto começou? – pedi enquanto Mike preparava o jantar. Tinha *filé mignon* a marinar em vinagre balsâmico com montes de pimenta preta e estava a assar batatas e a fazer uma salada.

– Creio que foi... para de olhar para mim assim... eu sei cozinhar – brincou ele.

– Não, até estou impressionada, na verdade. Pareces de facto saber o que estás a fazer.

– Meu Deus, um elogio. – Soltou uma gargalhada. – Bom, creio que tudo começou quando tentei tirar o *Pedro* do meu cadeirão... um que comprei para mim quando me mudei para aqui e do qual ele se assenhorara.

– Foste duro com ele ou assim? Poderás tê-lo magoado?

– Não sei. Quero dizer, não lhe perguntei educadamente se me daria a honra de me deixar sentar no meu próprio cadeirão, se é a isso que te referes. Limitei-me a tirá-lo de lá, como tu fazes. Para ser sincero, Lulu, e sem qualquer desrespeito, tu és muito boa no que fazes, mas eu não tenho tempo ou paciência para estes jogos mentais. O *Pedro* é um cão, e ponto final.

– Apenas me interrogo se se passará mais alguma coisa. Ele tem ido ao veterinário ultimamente?

– Estás a brincar? Basta espirrar para o Louis sacar do cartão de crédito. Graças ao *Pedro*, o nosso veterinário deve ir umas três vezes por ano de férias ao estrangeiro.

Dirigi-me para onde *Pedro* estava. Ele abanou a cauda assim que me viu e dirigiu-se a mim com uma atitude nem um pouco agressiva.

– Deixa-me cá dar uma vista de olhos. Lindo menino.– Fiz deslizar a mão pelas costas dele e, assim que apliquei pressão em determinada parte da sua coluna, a atitude de *Pedro* mudou e começou a rosnar. – Que se passa, rapaz? – Olhei para ele, mas logo que levantei de novo a mão na direção das suas costas, *Pedro* meteu a cauda entre as pernas e tentou escapar-se. – Gostaria que fosse examinado como deve ser – disse a Mike. – Pode ter-se magoado e, de alguma forma, ele associa isso a ti. Na verdade... dá-me um segundo, talvez tenha sorte. – Peguei no telemóvel e liguei a um amigo. Alan era veterinário e tinha um consultório ali perto. – Estou a telefonar a um amigo que é veterinário. Acabei de me lembrar que o consultório dele fica aqui pertinho, se bem que, às seis e dez de um domingo, talvez esteja a abusar da minha sorte – expliquei a Mike enquanto esperava.

Por acaso, não estava. Alan fora chamado para uma urgência e estava a fechar o consultório, mas ofereceu-se para dar uma vista de olhos rápida ao cão se eu fosse de imediato para lá.

– Levas-nos de carro? – perguntei a Mike enquanto ia buscar a trela de *Pedro*.

– Não estarás a exagerar um pouco? – quis saber Mike.– E o jantar?

Todavia, eu já ia a caminho da porta. Quinze minutos depois já tínhamos uma resposta.

– Ele tem seguramente um problema na coluna – disse-me Alan. – É difícil dizer ao certo do que se trata sem um raio X, mas é óbvio que tem dores. Retesa-se todo assim que lhe toco em determinado sítio.

– Muito obrigada, Alan. És capaz de ter resolvido um problema que eu não estava a conseguir solucionar. – Pobre *Pedro*.

– Dá-lhe estes comprimidos. Eu aponte a posologia e todos os pormenores neste papel. E, se o teu amigo o quiser trazer de volta na segunda-feira à tarde, eu faço-lhe mais alguns exames; mas diria que encontrámos a origem da agressividade dele.

Recusou-se a cobrar pelos seus serviços, por isso fiz uma nota mental para lhe oferecer duas garrafas de vinho e regresssei ao carro para contar tudo a Mike.

– Uau. – Ficou tão surpreendido quanto eu. – Pobre cão. Agora, sinto-me culpado. Bela reviravolta, hã? Acreditas que até estava a pensar sair do apartamento?

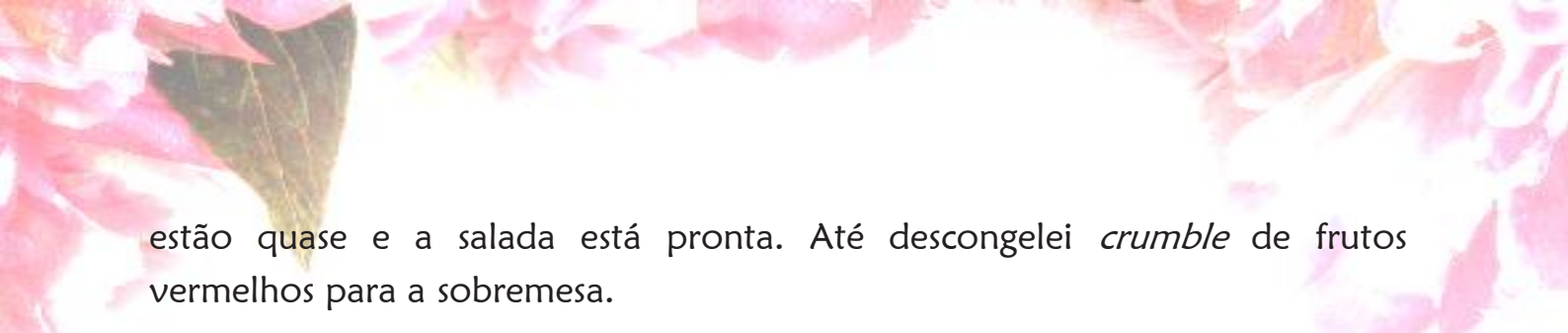
– Bom, eu só fiz isto pelo *Pedro*... Tu já és crescido o suficiente para tomares conta de ti. – Sorri. – Para além disso, podes falar e ele não.

– É verdade, mas é a única vantagem que tenho sobre ele – argumentou Mike. – Então, o Louis tem enfiado montes de dinheiro nos bolsos do veterinário e ele nunca reparou na contusão. – Assobiou. – Isso diz muito sobre ele.

– O veterinário podia não saber que o *Pedro* tinha estes acessos de agressividade, por isso não lhe ocorreria procurar o motivo para tal.

– Estávamos já de regresso a casa e eu estava satisfeita porque, pelo menos, sentia que fizéramos grandes progressos. – Eu falo com o Louis e sugiro-lhe que vá ter com o Alan na segunda-feira. Na verdade, ele é o vosso veterinário local, portanto, até faz sentido.

– Só um aviso: tenho impressão que o Louis é capaz de ter um fraquinho pelo veterinário dele. – Mike piscou o olho e estendeu-me outra *flute* de champanhe. – Mas, diz-me lá, como gostas do bife? As batatas já



estão quase e a salada está pronta. Até descongelei *crumble* de frutos vermelhos para a sobremesa.

– És o rapaz maravilha. – Sorvi um pouco do meu champanhe. – Deixa o Louis comigo, se não te importares. E não menciones que estive aqui hoje.

– Estás a gozar? Terias de me pagar para que me envolvesse mais do que já estou!

– Isto é delicioso. – Apontei com o queixo para o copo. – Porque será que os homens não apreciam champanhe?

– As bolhas metem-se no nariz, os copos são demasiado finos e, não sei, é tudo demasiado... qual é a palavra... «elegante», serve. Ou talvez efeminado. Seja como for, emborco sempre tudo de um só trago. Isso de bebericar não faz nada bem à minha imagem de macho.

– *Okay*, acho que entendo. Então, qual é o outro assunto? Disseste que precisavas da minha ajuda.

– Ah, sim. Bom, é uma coisa simples. Lembras-te do meu amigo Paddy Russell?

– Não, deveria lembrar?

– Conheceste-o na noite da festa. Alto, excelente sentido de humor, de Galway?

– Ah, sim, claro, desculpa. Um tipo simpático para quem gosta de tipos todos engomadinhos.

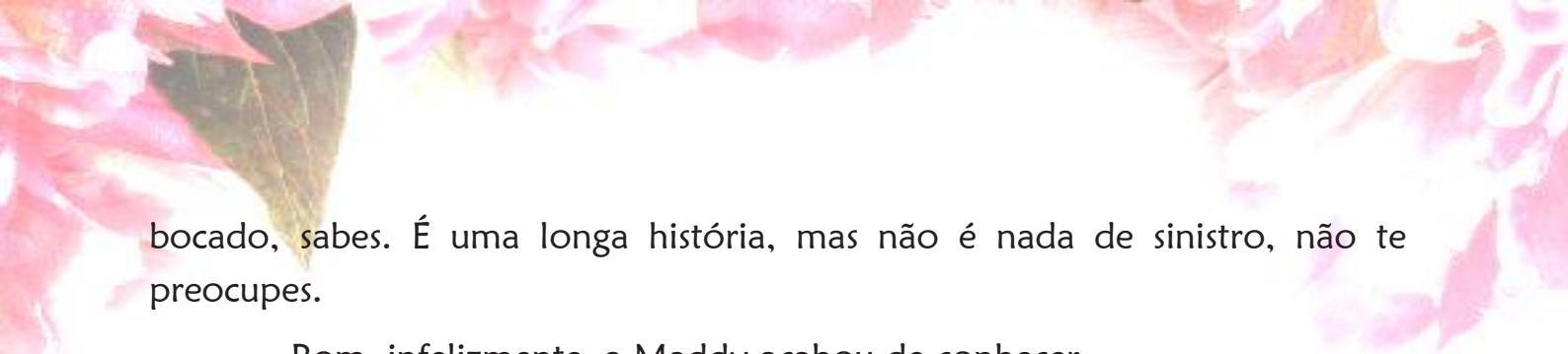
– Dizes isso como se fosse uma doença. – Mike fez uma careta.

– Não, apenas não faz o meu género.

– E qual será o teu género, interrogo-me? Deixa, não importa, já me estou a desviar do assunto. A questão é que ele gosta da tua amiga e eu pensei que talvez pudéssemos unir esforços e elaborar um plano para os juntarmos.

– O quê? Mas isso não é nada coisa de macho! – trocei e larguei a rir.

– Tens toda a razão; a ideia foi do Louis. Obrigou-me a prometer que falaria contigo e, como sabes, eu obedeco. O Paddy passou por um mau



bocado, sabes. É uma longa história, mas não é nada de sinistro, não te preocupes.

– Bom, infelizmente, a Maddy acabou de conhecer...

– Não, não é a Maddy, é a Clodagh.

– A Clodagh? Ah, isso é diferente. Desculpa, é que eu e ela já nos habituámos a que todos os homens fiquem embeaçados pela Maddy, por isso presumi...

– Espera, tenho uma lista. O Louis obrigou-me a escrever tudo. Ela namora com alguém?

– Não, andou mais ou menos com um tipo, mas a noite passada disse-me que a coisa estava a avançar demasiado depressa e a ficar muito intensa.

– *Okay*, bom, isso não seria um problema com o Paddy. Mais descontraído e despreocupado e estaria num caixão. Então, que achas? Vale a pena tentarmos?

– Talvez. Deixa-me só falar primeiro com a Maddy. Ela é muito melhor que eu nessas coisas. Eu sou imprestável.

– Ótimo.

– Ah, já quase me esquecia, a Maddy pediu-me que te convidasse para a festa de lançamento da série. – Informei-o da data do evento. – Disse que foste muito simpático com ela em relação a isso na noite em que aqui estivemos.

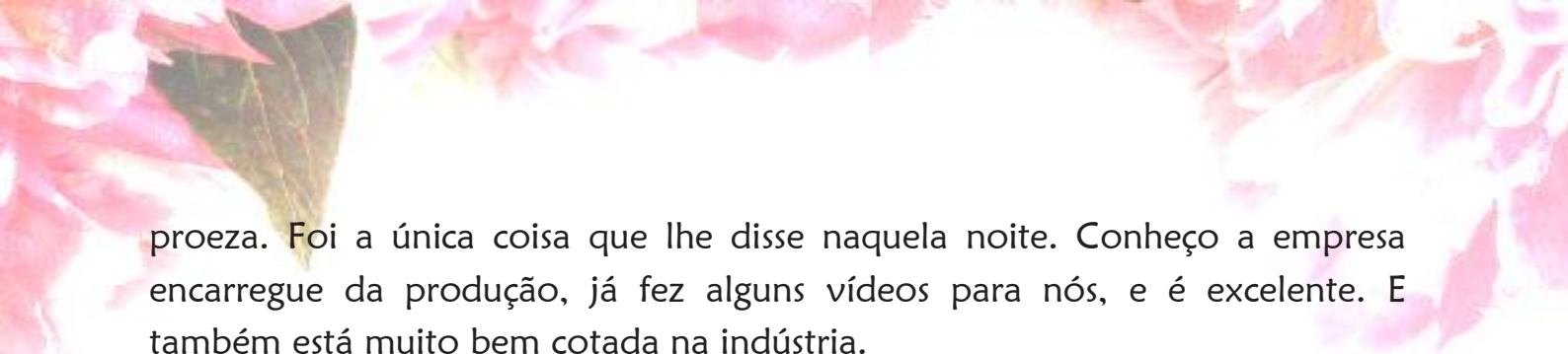
– Sou de facto um tipo muito simpático, acredites ou não. – Arqueou uma sobrancelha. – E, para de te rebaixares, a propósito. Estás sempre a dizer-me que és uma imprestável e não és. Doida varrida: sim; imprestável: não.

– Bom, obrigada, acho eu.

– O prazer é meu. Olha, importavas-te que comêssemos na cozinha? O Louis matar-me-ia, mas eu detesto pôr mesas e assim. – Empratou a comida sem esperar por uma resposta.

– Aqui está perfeito. Não te esqueças de que vivo numa caravana.

– Pois claro, estou sempre a esquecer-me. Voltando ao mesmo assunto, creio que o facto de a Maddy ter conseguido aquele papel é uma enorme



proeza. Foi a única coisa que lhe disse naquela noite. Conheço a empresa encarregue da produção, já fez alguns vídeos para nós, e é excelente. E também está muito bem cotada na indústria.

– Fico tão contente que tenhas dito isso. É muito importante para mim. Adoro a Maddy; tem sido uma excelente amiga. Mais chegada até que a minha própria irmã, para ser sincera.

– Quero que me fales da tua família. Só me contas assim umas coisas soltas.

Falar sobre a minha família era o mesmo que desenrolar um novelo muito embaraçado, mas comecei por dizer que o meu pai morrera e que tinha um padrasto, Ron, que era um homem muito amável. Contei ainda que a minha mãe sempre tivera a estranha ideia de que, se não me pregasse ao chão, eu descarrilaria e, portanto, passara toda a minha infância e juventude a apontar-me o que fazia de errado e nunca se esforçara por me recompensar por tudo o que fazia bem. E também não era mulher de dar afeto. Para além disso, também deixei entrever que sempre me sentira um pouco como uma estranha e, por isso, passara a vida a tentar ser perfeita. E sensata também. Tudo considerado, foi uma grande confissão. Só com Maddy partilhara tanto.

– Sensata? – Mike quase se engasgou. – Nunca conheci ninguém...

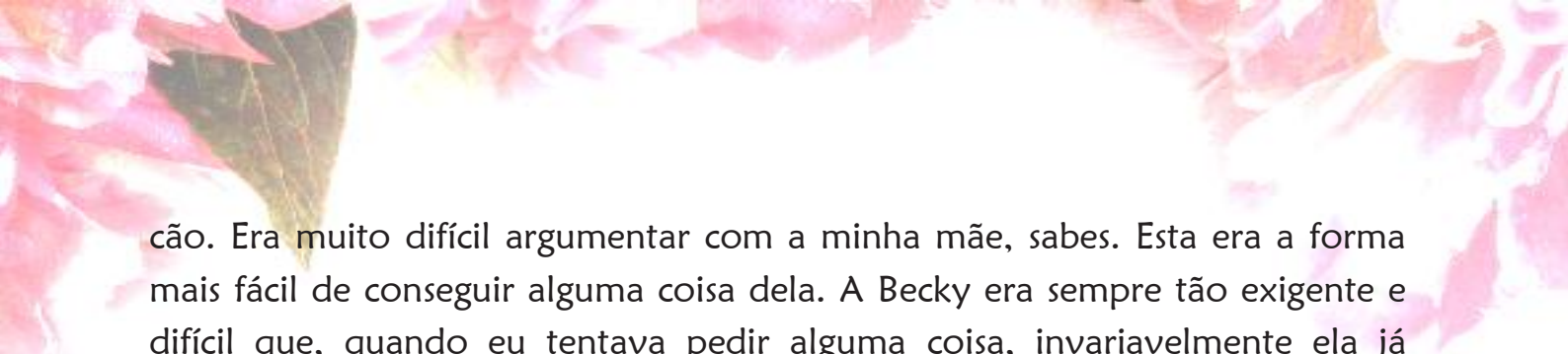
– Não, não, apenas me conheceste depois de me libertar. Eu era tão entediante, tão cuidadosa, que chegava a ser ridículo. – Estremeci só de pensar nisso.

– Então, quem tomou conta de ti e te acarinhou ao longo desses anos?
– Era uma pergunta estranha.

– Na verdade, só tive carinho do *Gnasher*, o meu cão. Não havia mais ninguém tão importante para mim em todo o mundo.

– De que raça era ele? – quis saber Mike.

– Era um rafeiro. Todo preto, com uma mancha branca num olho. Encontrei-o e escondi-o no barracão do quintal, pois sabia que Martha, a minha mãe, ficaria histérica se o descobrisse. Depois, escolhi o momento certo, ou seja, uma altura em que ela precisou que eu lhe fizesse um enorme favor. Aceitei fazê-lo, mas apenas na condição de ela me deixar ficar com o



cão. Era muito difícil argumentar com a minha mãe, sabes. Esta era a forma mais fácil de conseguir alguma coisa dela. A Becky era sempre tão exigente e difícil que, quando eu tentava pedir alguma coisa, invariavelmente ela já estava pelos cabelos e acabava por me dar um redondo não.

– Não sou capaz de imaginar-te nesse papel submisso, sem te defenderes – argumentou Mike. – És tão senhora de ti, tão segura.

– Ora, obrigada, mas a verdade é que não sou. Ou nunca fui, pelo menos. Por acaso, agora até estou bem melhor, acho eu. Sinto-me bem e feliz na minha pele, perdoa-me o lugar-comum.

– *Uf*, ainda bem que disseste isso, pois já me soava a uma citação de um livro de autoajuda.

Rimos ambos.

– Então, durante quanto tempo tiveste o teu amigo?

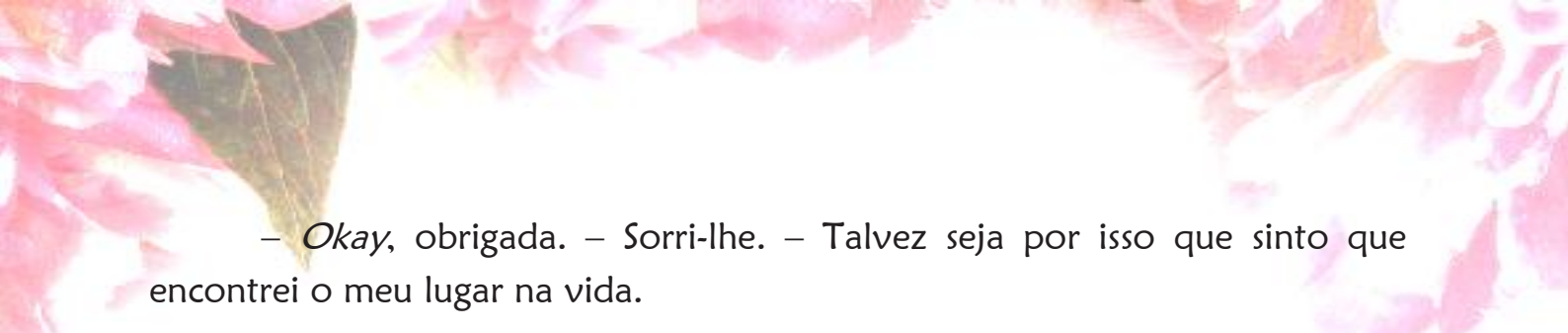
– O *Gnasher*? Dois anos. Íamos a todo o lado juntos. Ele até dormia debaixo da minha cama. Juro que aquele cão era meio humano. Depois, um dia, desapareceu. – Mas não consegui contar-lhe a história.

– Mas como?

– Desculpa, mas não sou capaz de falar sobre isso. É muito doloroso, apesar de todos os anos que já se passaram. – Mordi o lábio para não chorar.

Mike levantou-se, puxou-me para ele e abraçou-me, e, pela primeira vez em muito tempo, senti-me protegida, como se tivesse de novo alguém que olhasse por mim.

– É claro que sim, mas... – Inclinou-me o rosto de modo a que ficasse a olhar para ele – quero que me escutes, pois sei do que estou a falar. Na tua festa, toda a gente comentava como eras maravilhosa para com eles, bem como para os cães deles. Basta olhares para mim e para aquele monte de pelo ali. – Apontou para *Pedro*, deitado de barriga para cima com as patas no ar. – Hoje, teria sido capaz de me arrancar uma perna à dentada só para eu não entrar na cozinha. Depois, tu chegas aqui e, olha para ele, ali a ressonar como um velho. Portanto, de cada vez que ficares triste por causa do *Gnasher*, pensa em tudo o que fazes por tantos cães, *okay*?



– *Okay*, obrigada. – Sorri-lhe. – Talvez seja por isso que sinto que encontrei o meu lugar na vida.

– E agora também tens o *Pete*. – Mike sorriu. – Não te esqueças dele.

Acenei com a cabeça.

– O *Pete* é uma bênção. Sem ele, estaria perdida.

30

— QUE ACONTECEU A SEGUIR? — Maddy era toda ouvidos quando lhe contei o quanto Mike fora simpático depois de eu ter ficado transtornada por causa do *Gnasher*.

— Nada de especial, mas ele foi tão simpático e amável. Assumiu o controlo e cuidou de mim. Foi logo acender a lareira e obrigou-me a sentar no cadeirão dele e levou-me o *crumble* de frutos vermelhos quente e gelado e montes de chá forte. E no final ainda insistiu em levar-me a casa e, quando lá chegou, entrou, disse olá ao *Pete*, deu-lhe o que restara do *filé mignon*, beijou-me na cabeça e foi-se embora.

— Uau, isso é assim a modos que... não sei... antiquado.— Maddy suspirou.

— Para te ser sincera, até achei muito... aconchegante, como se pudesse mesmo confiar nele, entendes? Achas esquisito?

— Confiar é bom, confia em mim. — Deu uma risadinha. — Amável e aconchegante também é um ótimo começo. Oh, Lulu, estou tão animada — e começou a cantar a canção homónima¹⁶ e não se calava. Tive de lhe desligar o telefone na cara para a deixar de ouvir.

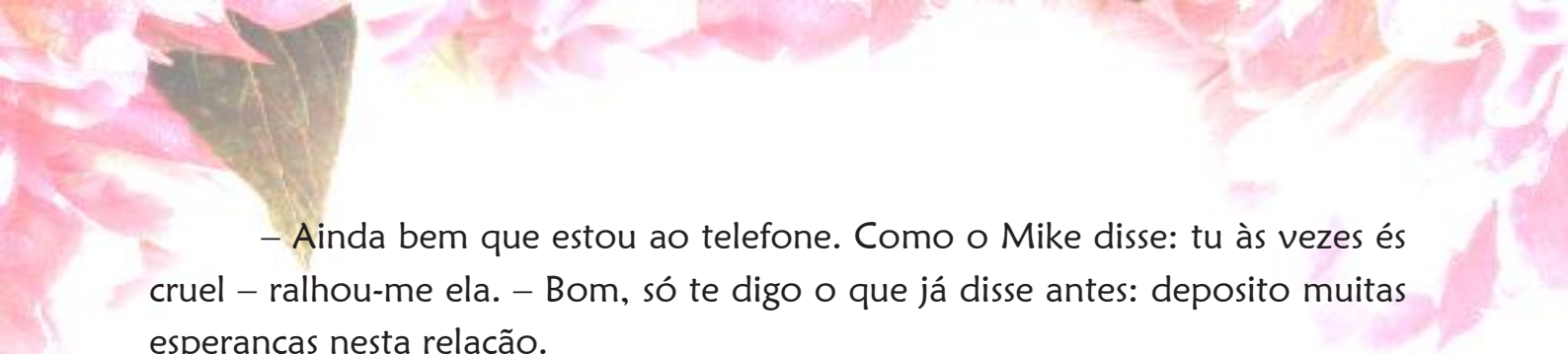
— Só mais uma coisa: gostas dele? — Ligou-me de volta logo de seguida.

— Sim — murmurei.

— O quê, que disseste? Fala alto, a tia Madeleine não consegue ouvir-te.

— A tia Madeleine vai levar uma bofetada, se não tiver tento na língua.
— Ri.

¹⁶ *I'm so excited*, das Pointer Sisters. (N. da T.)



– Ainda bem que estou ao telefone. Como o Mike disse: tu às vezes és cruel – ralhou-me ela. – Bom, só te digo o que já disse antes: deposito muitas esperanças nesta relação.

– Mas ele nem sequer sugeriu outro encontro – fiz-lhe ver.

– Escuta, se ele te deu *crumble* e te levou a casa, está interessado, diria eu. Dá tempo ao tempo.

– Seja como for, amanhã à noite parto para Londres.

– Oh, meu Deus, já me tinha esquecido! É a cena do «Olá, mamã, cheguei!» com a Emily. Não tens problemas com isso?

– Não. Estou um pouco nervosa por ela, mas só vou para lhe dar apoio moral. Para além do mais, aconselhei-a a não seguir em frente com isto. Portanto, que mais posso fazer?

– Nada, mas lembra-te, da próxima vez, antes de te comprometeres, liga-me. Já sabes as regras. Quer envolva homens, mulheres ou cães, aqui a Maddy é que sabe.

– Vá, desimpede a linha, Maddy, sua doida. – Desliguei ainda a rir. Fui então levar *Pete* a passear e comecei a preparar-me para a viagem.

A manhã seguinte foi tudo menos calma, com demasiados afazeres para tão pouco tempo. Dinny ligou-me logo de manhãzinha, muito embora eu lhe tivesse telefonado assim que me despedira de Joan para lhe contar como correra o encontro.

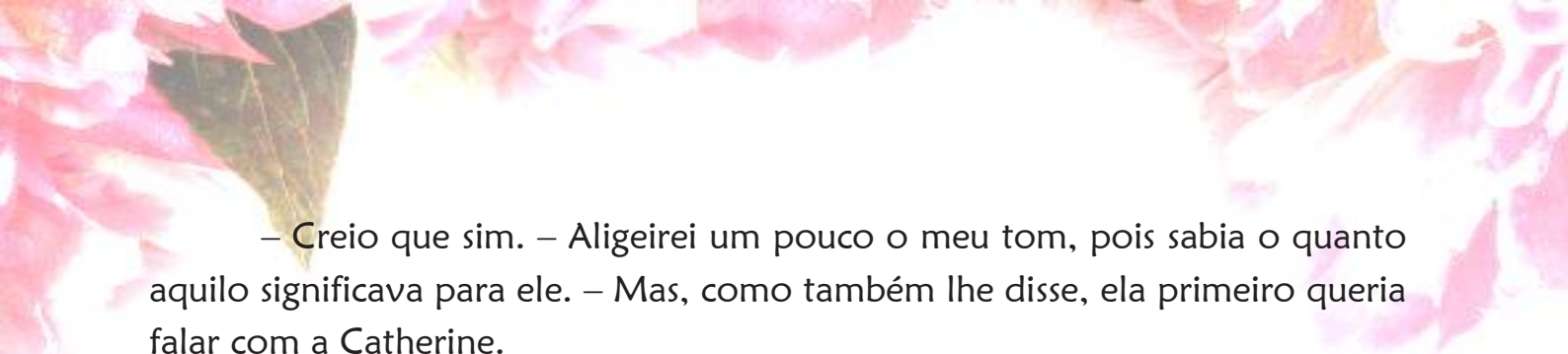
– Alguma novidade? – perguntou assim que ouviu a minha voz.

– Dinny! – Esperei que ele encarasse o meu tom como um aviso. – Eu disse-lhe que ela pediu uns dias para pensar melhor no assunto.

– Eu sei, mas isso foi no sábado.

– Há menos de quarenta e oito horas, portanto.

– E acha que ela vai querer encontrar-se comigo?



– Creio que sim. – Aligeirei um pouco o meu tom, pois sabia o quanto aquilo significava para ele. – Mas, como também lhe disse, ela primeiro queria falar com a Catherine.

– Meu Deus, Lulu, não seria espantoso! A minha própria filha. Nem consigo imaginar!

– Eu sei, Dinny, eu sei, por isso, vamos ter calma durante os próximos dias. Vá acender umas velas, como a maioria das pessoas da sua idade faria. – Soltei uma gargalhada.

– Deixe que lhe diga uma coisa, se eu entrasse numa igreja, elas desmaiariam todas, inclusive os santos. – Deu uma risada. – Ainda assim, vou pedir a Violet Moore; parece que ela tem uma linha direta para Nossa Senhora... Pelo menos, é o que se diz aqui na aldeia. E ainda estou a fazer aquela novena a Santo António.

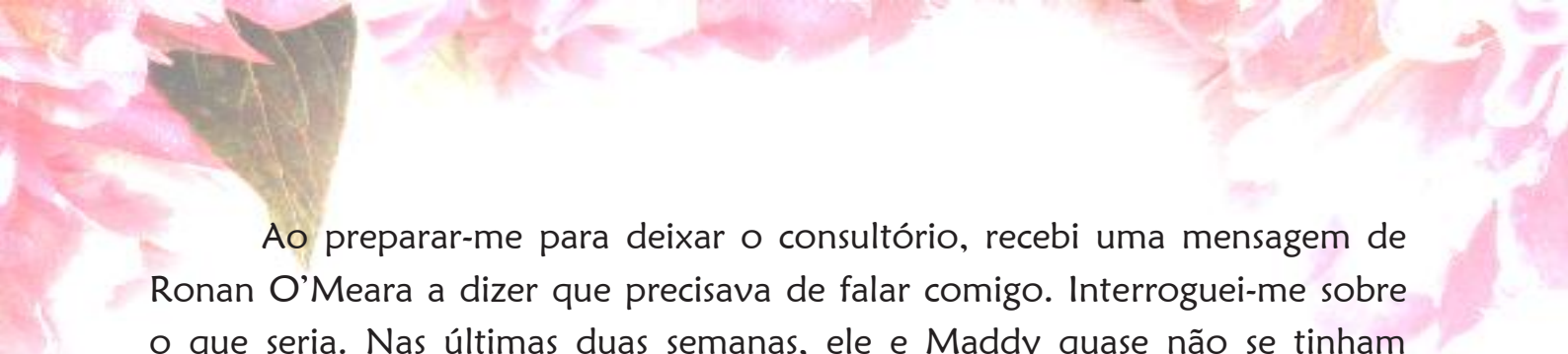
– Faça-a toda. Eu viajo hoje para Londres, mas amanhã à noite estou de volta e, provavelmente, terei notícias dela lá para o final da semana. Tente não ficar muito ansioso, está bem?

– Está bem, sim. E, Lulu, mesmo que não aconteça mais nada, fiz o melhor que pude, não fiz? E é tudo graças a si. Nunca a esquecerei por isso também. Só uma última coisa... Por acaso, não tirou um instantâneo dela, pois não?

– Dinny, medo tive eu que você saísse de detrás de algum pilar armado de máquina fotográfica, portanto, dificilmente me iria atrever a tirar-lhe um «instantâneo», como você lhe chama. – Denis fazia-me sempre rir. – Seja como for, o que eu pretendia era ser discreta, Mister Cassidy, uma palavra com a qual não me parece que esteja muito familiarizado. Como já lhe disse, ela é muito bonita, portanto, é óbvio que o Dinny sabia escolhê-las.

– Oh, lá isso sabia, pode apostar. Ela era uma beldade, sim. Mas olhe que eu também não era nada de se deitar fora, sabe?

– Presunção e água benta, cada qual toma a que quer... O que eu sei com certeza é que o Dinny é um engatatão. – Ele continuava a rir por entre dentes quando me despedi e desliguei o telefone.



Ao preparar-me para deixar o consultório, recebi uma mensagem de Ronan O'Meara a dizer que precisava de falar comigo. Interroguei-me sobre o que seria. Nas últimas duas semanas, ele e Maddy quase não se tinham visto, mas isso era apenas porque ela estava cheia de trabalho. O despertador tocava todas as manhãs às cinco horas e quando chegava a casa já passava das sete, e depois ainda tinha de decorar as falas para o dia seguinte e tentar ter uma boa noite de sono. No dia seguinte, repetia-se tudo de novo. Entre ensaios e provas de guarda-roupa e publicidade, a semana de trabalho tinha seis dias e Maddy vivia para a folga que iria ter na semana seguinte. Combinei com Ronan que falaríamos quando eu regressasse de Londres. Entretanto, já estava a ficar sem tempo, por isso arrumei a tralha e abandonei o consultório. Despedir-me de *Pete* foi difícil; já me tinha habituado a tê-lo sempre comigo. Mary ofereceu-se para ficar com ele, por conseguinte, sabia que iria ser muito mimado.

– Porta-te bem, sim? – Acariciei-lhe a cabeça e ele encostou-se a mim, como sempre fazia.

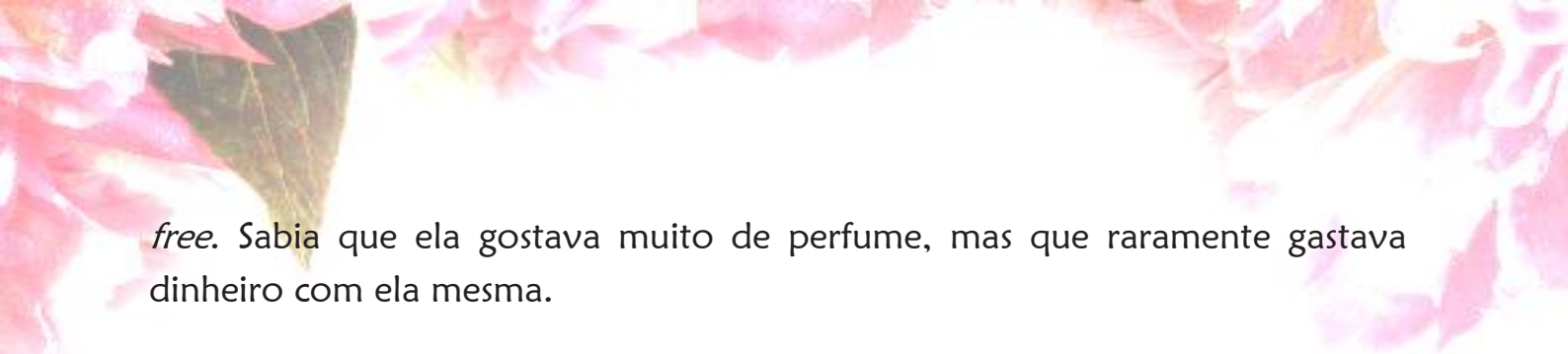
– Não se preocupe, eu ainda hoje o levo a dar um longo passeio.

Mary ia ficar na minha caravana, coisa que achei hilariante, contudo, ela perguntara-me se podia dormir lá e eu suspeitei que estava a precisar de umas miniférias. Para além disso, *Pete* estaria no seu ambiente e não estranharia a mudança, portanto, era bom para toda a gente.

– Ótimo, aqui estão as chaves e o número de telefone dos meus vizinhos, Jack e Jill. Estão quase sempre em casa e são muito amáveis. – Não contara a Mary que *Pete* rosnara e ladrara por duas ocasiões para ela não ficar assustada.

– Vá descansada, nós ficamos bem, a sério – asseverou Mary num tom todo profissional. – E não se preocupe, eu anoto todos os recados e, se surgir alguma coisa urgente, mando-lhe uma mensagem. Caso contrário, não a incomodarei.

Falara-lhe sobre o caso de Emily e, embora tivesse conhecimento que todos os meus clientes a fascinavam, sabia também que ela era uma mulher muito discreta. Na verdade, Mary revelara-se uma das melhores vantagens de ter um consultório ali. Decidi, portanto, trazer-lhe qualquer coisa do *duty*



free. Sabia que ela gostava muito de perfume, mas que raramente gastava dinheiro com ela mesma.

O nervoso miudinho de Emily era quase palpável.

– Dá para acreditar que estou a fazer isto? – Não esperou por uma resposta. – Estou tão empolgada e ansiosa por ver como ela é.

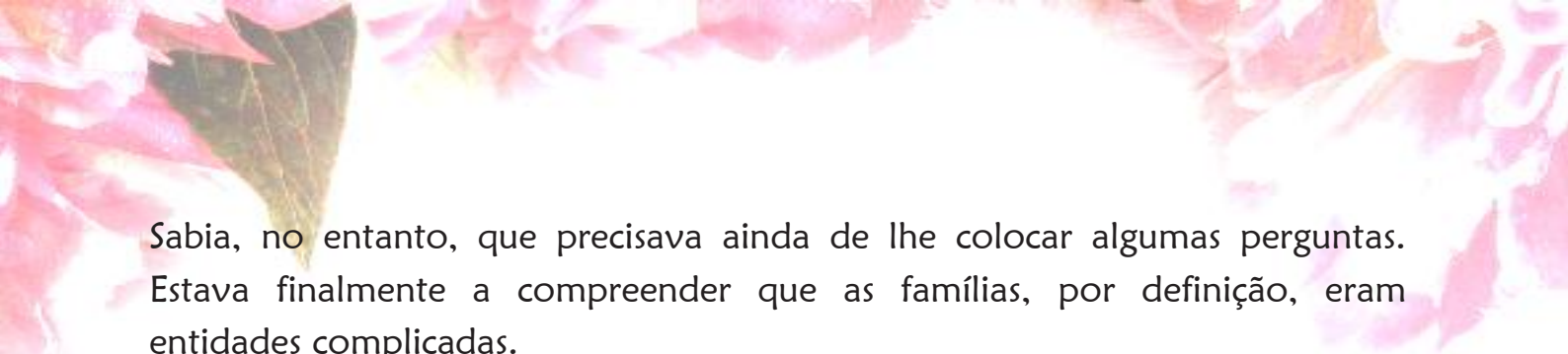
– Que disse à sua mãe? – Sabia que ela optara por não revelar a Julia o que pretendia fazer, outra coisa em relação à qual eu a prevenira. Não conseguia libertar-me do mau pressentimento que tinha em relação a tudo aquilo, contudo, não havia quem demovesse Emily.

– Apenas que ia visitar a minha amiga Amy. Costumo fazê-lo algumas vezes por ano, agora que os voos estão tão baratos, por isso, ela não suspeitou de nada. – Emily deve ter percebido qualquer coisa na minha expressão. – Eu depois conto-lhe, Lulu, prometo. Mas, por agora, queria que isto fosse apenas entre mim e a minha verdadeira... quero dizer biológica... mãe biológica. A minha mãe teria tentado convencer-me a não ir, ou então teria querido vir comigo, mas, de certa forma, esta é a *minha* viagem, a de mais ninguém, entende, e queria mantê-la assim. – Sorriu. – Quero dizer, também é uma viagem para si e nem tenho palavras para exprimir o quanto lhe estou grata por ter vindo. Sei que não está muito confiante em relação a isto.

– É só porque já tive alguma, se bem que não muita, experiência com este tipo de situações e raramente são simples. Na melhor das hipóteses, são complicadas e emotivas e esgotantes. Só estou preocupada consigo porque sei o quanto anseia por que isto corra bem.

– Bom, pelo menos, terei tentado e feito o melhor que sabia – alegou ela.

Era mais ou menos o que Dinny me dissera naquela manhã. Curioso que todos os meus clientes procurassem algo que os completasse. Ao ajudá-los estava, de certa forma, a ajudar-me a mim mesma. Já não sentia a mesma raiva e ressentimento que durante tantos anos acalentara contra a minha mãe.



Sabia, no entanto, que precisava ainda de lhe colocar algumas perguntas. Estava finalmente a compreender que as famílias, por definição, eram entidades complicadas.

O voo foi rápido e tranquilo e o nosso hotel ficava muito pertinho de Kensington High Street, por isso aproveitámos para ver algumas montras e entrar nas lojas que ainda estavam abertas. Depois jantámos e resolvemos deitar-nos razoavelmente cedo, tendo em vista o grande dia que nos esperava.

Quando o dia chegou por fim, estava mais nervosa que Emily. Alugáramos um carro e ela optou por conduzir, uma vez que já fizera toda a pesquisa e sabia o caminho. Até tínhamos GPS, por isso, a viagem até Tring, uma bonita cidade em Hertfordshire, decorreu sem quaisquer incidentes. Uma vez que demorámos cerca de noventa minutos a chegar, logo que avistámos um café na rua principal, parámos e fomos a correr tomar um. Aí tivemos uma última conversa antes de rumarmos ao nosso destino final.

– Acha que a trate por Kitten? – Emily estava animadíssima e eu a esforçar-me por não deixar transparecer o mau pressentimento e nervos que sentia.

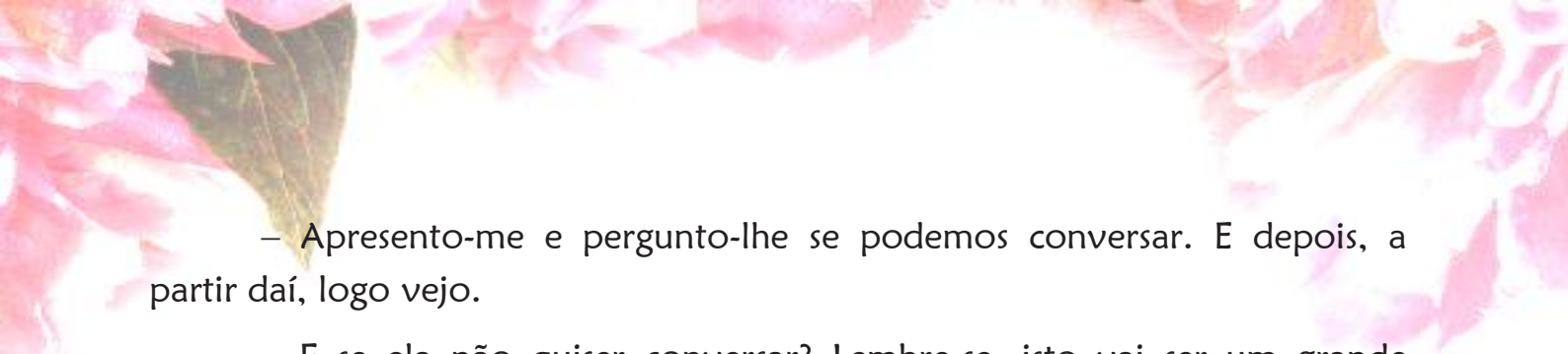
– Bom, creio que «mãe» talvez seja esticar um bocadinho a corda! – Não fora minha intenção ser tão inconsiderada. – Desculpe, isto saiu-me mal. Acho que também estou ansiosa.

– Mal posso esperar para ver como ela é e para conhecê-la um pouco me...

– Emily, já falámos sobre isto. E muito. Não crie demasiadas expetativas. Não sabemos sequer se ela estará em casa.

– Eu sei, mas não consigo evitá-lo. Seja como for, o detetive privado disse que de manhã ela costuma levar o cão a passear e depois, a maioria dos dias, sai de carro por volta da hora do almoço. Portanto, talvez tenhamos sorte. Se não, esperamos um bocado a ver se ela regressa.

– *Okay*, então, vamos lá rever as coisas mais uma vez. Que lhe vai dizer se ela abrir a porta?



– Apresento-me e pergunto-lhe se podemos conversar. E depois, a partir daí, logo vejo.

– E se ela não quiser conversar? Lembre-se, isto vai ser um grande choque para ela. – Quanto mais pensava e falava sobre o assunto, mais me convencia de que não era nada boa ideia.

– Bom, terei de me contentar com o que receber, creio. Pelo menos, terei estabelecido o contacto e tê-la-ei visto. De certa forma, não sentirei que ela existe de verdade até ter estado frente a ela e visto como ela é com os meus próprios olhos. Interrogo-me se irei reparar assim em algumas semelhanças...

– Não faço ideia. Só espero mesmo que não fique desiludida, mais nada.

– Não ficarei. Pare de se preocupar. A Lulu normalmente é tão descontraída – Emily sorriu.

Demos com a casa sem problema. Era uma deslumbrante casa de lavoura vitoriana coberta de hera, com montes de janelas e o que parecia ser ainda a porta da frente original. Pertencia a uma propriedade bastante grande, calculámos, mas ficava próxima da estrada o suficiente para conseguirmos ver que a porta da frente estava entreaberta e que o jipe que se encontrava na entrada para a garagem tinha o porta-bagagens aberto. Menos de um minuto depois de chegarmos, ouvimos uma voz feminina chamar, «Venham daí, rapazes, está na hora do nosso passeio!» Vimos então dois Labradores saírem disparados pela porta da frente, seguidos de uma mulher.

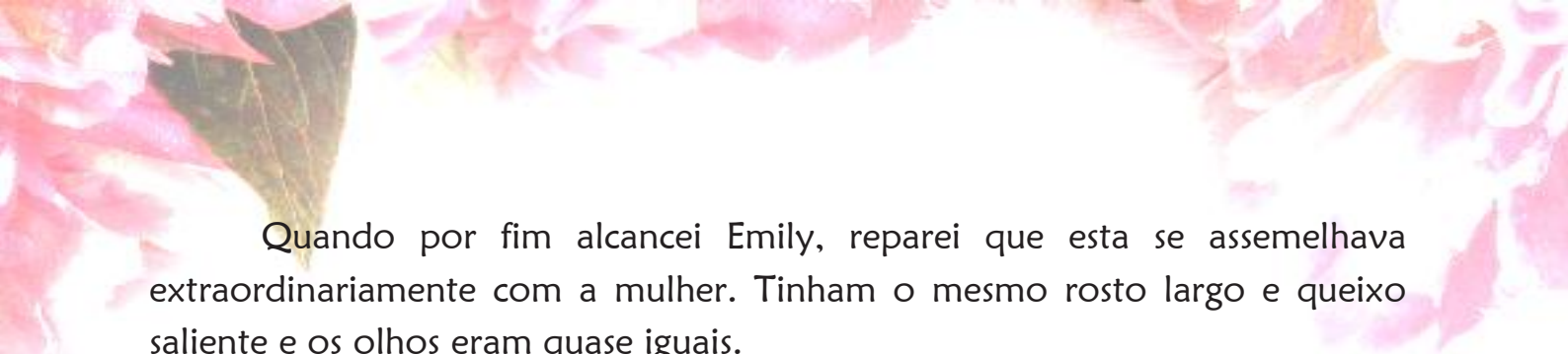
– É ela, tem de ser – quase gritou Emily. – Venha.

Antes que eu tivesse tempo de dizer o que quer que fosse, ela já tinha aberto o portão, escondido pelas árvores, e avançava determinada pelo caminho que conduzia à garagem.

– Olá – disse a mulher assim que nos viu. – Estão perdidas?

– Não, na verdade, estamos... Bom, eu procuro a Kitten.

– Sou eu. – A mulher esboçou um sorriso cortês.



Quando por fim alcancei Emily, reparei que esta se assemelhava extraordinariamente com a mulher. Tinham o mesmo rosto largo e queixo saliente e os olhos eram quase iguais.

– Sou a Emily – apresentou-se ela, olhando de seguida para mim. – E esta é a minha amiga Lulu.

– Muito prazer. – A mulher sorriu-nos. – Em que posso ajudar-vos?

– Somos da Irlanda – acrescentou Emily. Era óbvio que a mulher não fazia a mais pequena ideia de quem éramos.

– Um bonito país. – Foi tudo o que ela disse. – Já lá estive.

Tínhamos já combinado que, se a conversa corresse bem, eu bateria em retirada e aguardaria que Emily me telefonasse. Esperei e esperei e parecia ter-se passado uma eternidade quando por fim Emily disse, «Sou a sua filha». De tanta ansiedade e antecipação, o meu coração estava prestes a explodir, portanto, nem queria imaginar como ela se estaria a sentir.

31

– PERDÃO? – ASSIM QUE ELA O DISSE, percebi que estávamos em sarilhos.

Infelizmente, Emily não se deu conta disso.

– Estou tão feliz por conhecê-la por fim. – Parecia uma criança com um sorriso ingênuo de orelha a orelha e os olhos a brilharem de antecipação e pura alegria. – Só há pouco tempo soube da sua existência e...

– Espere lá. – Kitten ergueu a mão, detendo-a. – Como me encontrou? Eu deixei instruções precisas na agência, especificando que não desejava qualquer contacto.

A expressão de Emily mudou.

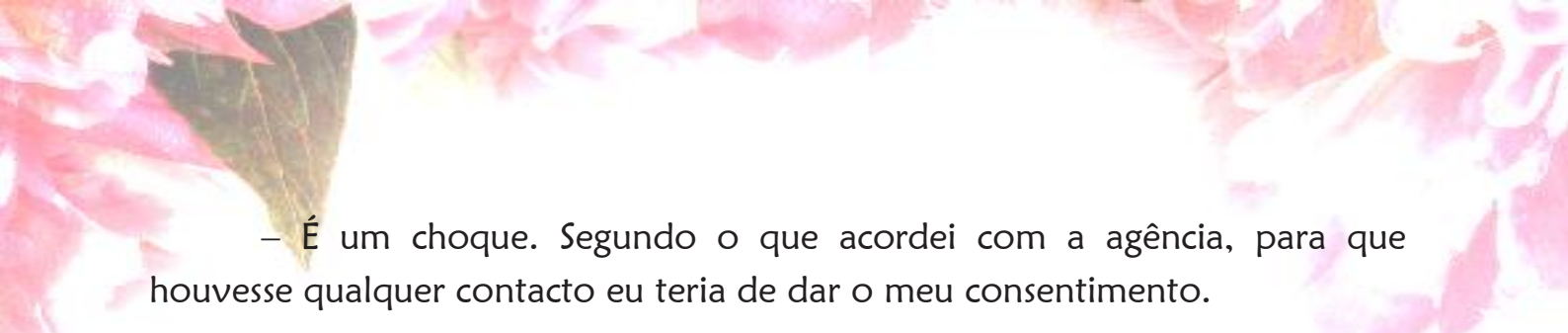
– Peço desculpa, não entrei em contacto com eles. A minha mãe tinha um dossiê relativo à adoção e este endereço constava dele. – Percebi que Emily estava chocada. – Queria apenas ver como a senhora era, ver se... me parecia consigo de alguma forma. – A sua voz mal se ouvia e tremia de emoção.

Senti que não me restava outra alternativa a não ser intervir.

– A Emily fez umas investigações discretas e ficámos a saber que se mudara para aqui, para renovar a sua casa de família. Não temos qualquer desejo de nos intrometermos na sua vida, se não for conveniente...

– Podemos voltar mais tarde ou amanhã. – Emily olhou para mim com uma expressão de gratidão, como se eu tivesse acabado de salvar a situação. Dei por mim a desejar que fosse assim tão fácil. A atitude da mulher alterara-se por completo assim que percebera quem nós éramos.

– Lamento muito, isto deve ter sido uma enorme surpresa... – Emily tentou de novo.



– É um choque. Segundo o que acordei com a agência, para que houvesse qualquer contacto eu teria de dar o meu consentimento.

Pelo tom de voz dela percebi que éramos uma intrusão que não desejava.

– Talvez tenha sido assim no passado. Todavia, muitas das agências fecharam e poucas crianças irlandesas são colocadas para adoção hoje em dia. Para além disso, agora não é muito difícil localizar quem quer que seja pela internet. – O meu objetivo era dar-lhe tempo para aceitar a situação. – Não haverá um sítio onde vocês as duas pudessem conversar por algum tempo, para que a Emily tivesse oportunidade de explicar os motivos que a levaram a vir até aqui?

– Não, lamento, mas não.

– Por favor... – Emily estava pálida. – Só lhe estou a pedir uns minutos do seu tempo – implorou ela.

– Como lhe disse, não queremos causar quaisquer embaraços. – Achei que era importante deixar isso bem claro. – E, se aparecer alguém, é claro que seremos discretas.

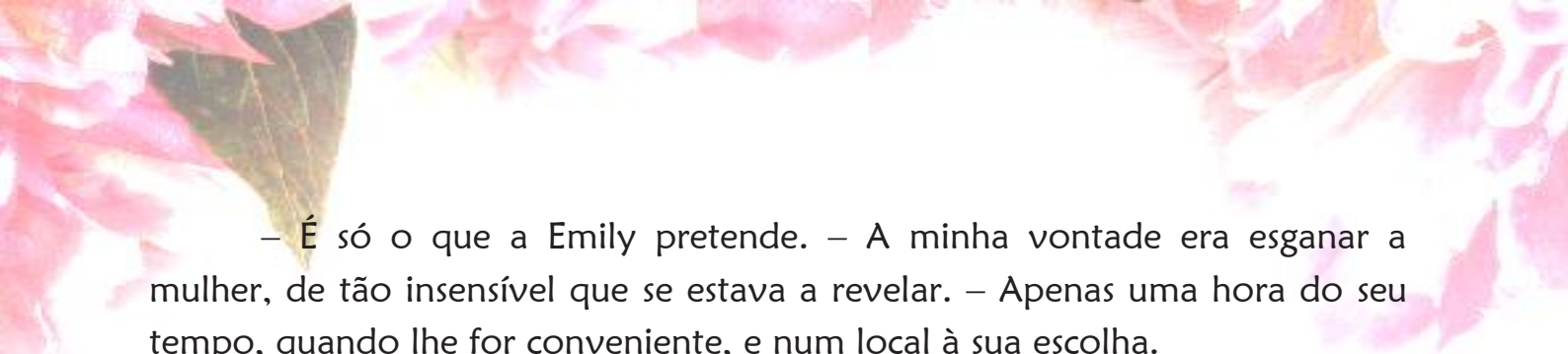
– Não há aqui mais ninguém a não ser os trabalhadores encarregados da obra – disse ela. – A questão não é essa. Eu já tinha colocado tudo isto para trás das costas há muito tempo. Era um assunto encerrado. Agora sou casada e tenho mais filhos e...

– Tenho irmãos e irmãs? – Os olhos de Emily, esbugalhados, brilhavam.

Era óbvio que a mulher não queria entrar em pormenores.

– Eles não sabem – argumentou ela em voz baixa. – E eu também não tenho qualquer interesse em que eles saibam da sua existência. Lamento que tenha feito toda esta viagem para nada, mas já devia saber que este seria o desfecho mais provável. Agora, se me dão licença, tenho mesmo de ir.

– Não estou aqui para causar problemas e não vim em busca de nada, juro. – Emily tinha um ar assustado. – Mas, por favor, não me mande embora. Pelo menos, deixe-me regressar ou encontrar-me consigo algures. Só para conversarmos, mais nada.



– É só o que a Emily pretende. – A minha vontade era esganar a mulher, de tão insensível que se estava a revelar. – Apenas uma hora do seu tempo, quando lhe for conveniente, e num local à sua escolha.

– Isso não será possível. – Kitten desviou o olhar. – Não quero remexer no passado. Abduquei dos meus direitos e deixei bem claro que não queria ser contactada. Isso não mudou, portanto, não tenho mais nada a acrescentar.

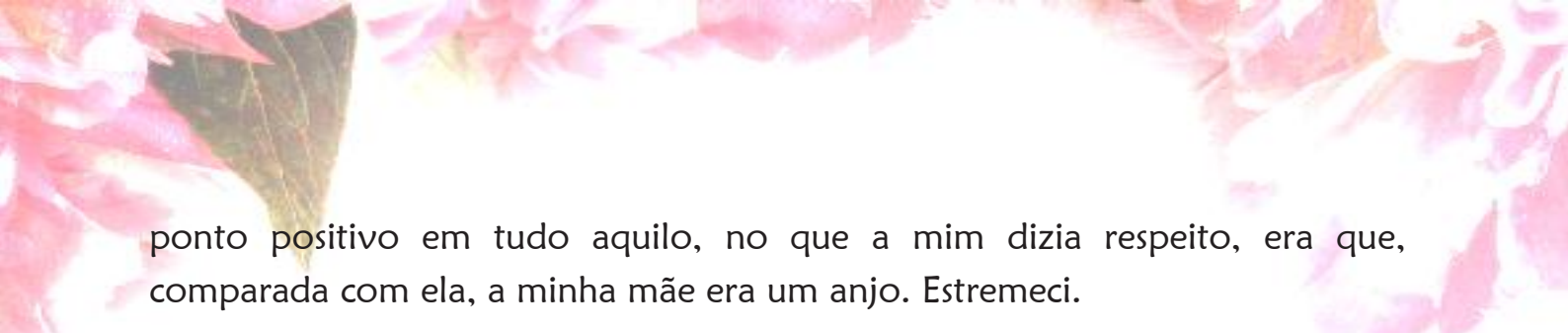
– Por favor, peço-lhe, dê-me apenas uma oportunidade.– Emily já chorava. – Todos estes anos soube que havia qualquer coisa de diferente em relação a mim. Quando a minha mãe me disse que era adotada, muitas coisas começaram a fazer sentido. Não podíamos conversar só por um bocadinho? Depois sairei da sua vida, se for esse o seu desejo. Prometo. – A sua expressão era de completa derrota. – Nem sequer sei quem é o meu pai biológico, por exemplo – argumentou quase num sussurro.

– Já morreu – respondeu Kitten secamente. – Portanto, escusa de tentar encontrá-lo. E eu não quero continuar com isto, é demasiado... – Achei que ela iria dizer «perturbador», mas em vez disso, disse – ... desagradável. Foi uma parte da minha vida que prefiro esquecer. Não tenho mais nada para lhe dizer. Vou pedir-vos, mais uma vez, que façam o favor de irem embora, e, por favor, não volte a tentar contactar-me, pois não estarei disponível para falar consigo.

– Mas não sente qualquer curiosidade em relação a mim? – Emily não tirara os olhos de Kitten desde que chegáramos. – E se só eu falasse, lhe contasse como é a minha vida? Que tal, hã?

– Creio que não entendeu. – A mulher tinha uma atitude estranha que eu não conseguira definir até àquele momento. Na verdade, acabara de me ocorrer que nunca antes me cruzara com uma pessoa como ela. Era completamente desprendida, indiferente, impassível perante qualquer emoção. – Não quero saber de nada, e lamento se isso a surpreende, mas creio que é sempre melhor sabermos em que pé estamos. Portanto, não haverá mais qualquer contacto entre nós, seja sob que circunstâncias for.

Interroguei-me que sucedera na vida dela para a deixar tão insensível perante uma criança que carregara no ventre e a qual dera à luz. O único



ponto positivo em tudo aquilo, no que a mim dizia respeito, era que, comparada com ela, a minha mãe era um anjo. Estremeci.

– E agora, tenho mesmo de ir, por isso, pedia-vos que se retirassem. – E com isso rejeitou mais uma vez a sua filha bebé.

– Vamos. – Peguei em Emily pela mão, como se ela fosse ainda aquela criança, e, para minha surpresa, ela permitiu que eu assumisse o controlo.

– Peço desculpa – disse ela ainda antes de nos afastarmos. – Queria apenas ver como a senhora era e dizer-lhe que estou bem, que tive uma vida boa e que não precisa de se preocupar comigo.

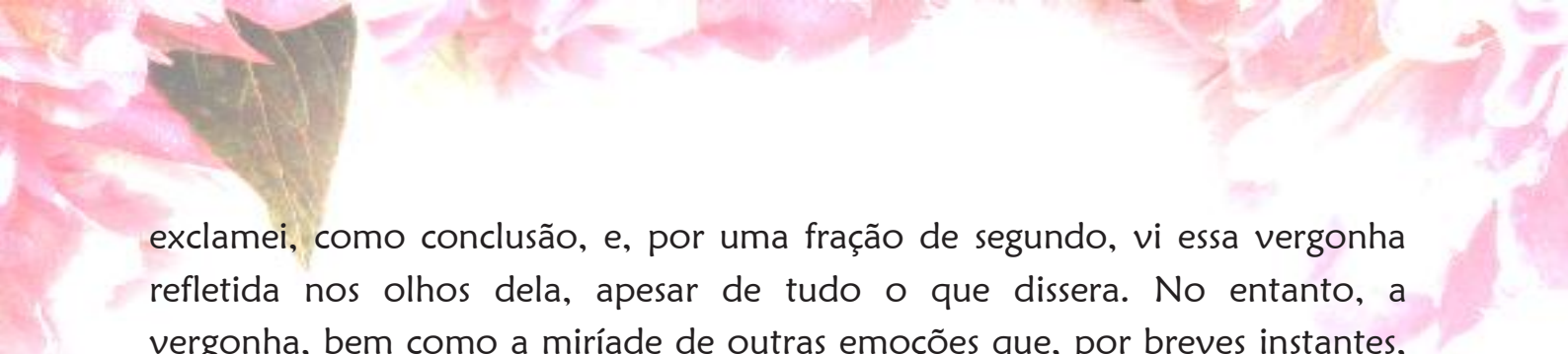
Emily soava como a criança que eu fora outrora, buscando desesperadamente a aprovação da mãe. Pela expressão no rosto de Kitten, tal era coisa que ela nunca iria ter, se bem que, quando olhou para nós, pareceu-me ver uma racha na sua fachada.

Por aquela altura, também eu já estava à beira das lágrimas.

– Vamos embora, querida. – Conduzi Emily para fora dali.

Depois de a ter acomodado no carro, tomei uma decisão súbita.

– Eu já volto, é só um minuto – afirmei e dirigi-me de novo a Kitten, que se preparava para entrar no seu jipe. – Só queria dizer-lhe uma coisa – anunciei, mas, na verdade, não fazia ideia do que era. Tudo o que sabia era que acabaria por me ocorrer. – Pode ficar muito orgulhosa da sua filha primogénita. É uma rapariga encantadora, tanto por dentro quanto por fora. E seria tão capaz de magoá-la ou de lhe causar problemas quanto um dos seus cães, por isso, sob esse aspeto, pode ficar descansada. Porém, espero, para seu bem, que ninguém alguma vez lhe faça o que a senhora acabou de fazer com ela, porque nenhum ser humano merece ser tratado com tão pouco respeito. – Enfiei a mão na mala. – Deixo-lhe o meu cartão, para o caso de querer voltar a falar comigo. – Larguei um cartão de visita no banco do passageiro. – E faço figas para que a sua filha não tenha herdado a sua completa falta de compaixão. Na verdade, risque isso, pois sei com toda a certeza que não herdou. Acho que nunca conheci ninguém com tão pouca consideração pelos sentimentos de outra pessoa. E pensar que, neste caso, se trata dos sentimentos da sua própria filha. – Tremia de raiva. – Envergonhe-se! –



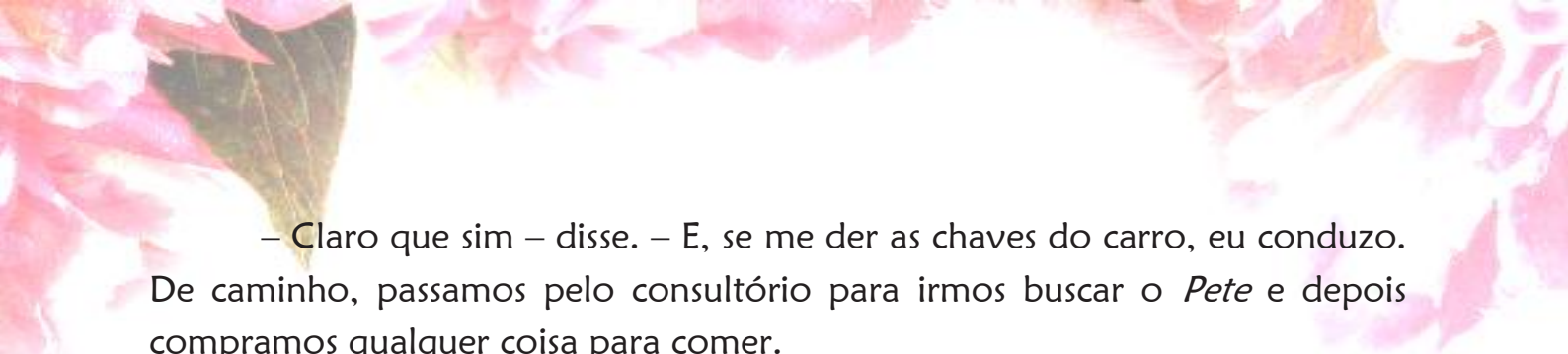
exclamei, como conclusão, e, por uma fração de segundo, vi essa vergonha refletida nos olhos dela, apesar de tudo o que dissera. No entanto, a vergonha, bem como a miríade de outras emoções que, por breves instantes, lhe afloraram ao rosto, estavam mascaradas por um véu de distância e por uma camada de frieza. Suspeitei que era a forma como aprendera a lidar com o sucedido.

Sabia que não havia mais nada que pudesse dizer, por isso, virei costas e regressei ao carro para fazer o pouco que podia por uma rapariga que merecia muito mais.

Poucas vezes vira alguém tão em choque quanto Emily me pareceu. Enroscada como uma bola no banco do passageiro, embalava-se para a frente e para trás. Estava branca como um lençol e chuchava no polegar como um bebé. Despi o casaco e aconcheguei-a com ele. Depois, sentei-me ao volante, liguei o carro e o aquecimento no máximo. Ao regressar à estrada principal, espreitei pelo espelho retrovisor e vi Kitten a olhar para nós. Numa atitude egoísta, desejei que estivesse a sofrer. Depois do que vira no rosto dela, ficara com a sensação de que era uma mulher profundamente perturbada, e, pela primeira vez, senti alguma compaixão e tristeza por ela.

Durante o resto do dia, cuidei de Emily o melhor que pude. Levei-a até um pequeno restaurante, sentei-a a uma mesa mais resguardada e pedi uma sopa quente e chá forte. Ela não comeu praticamente nada e pouco falou também, contudo, tinha experiência suficiente para saber que ela acabaria por falar quando se sentisse preparada. Por isso, limitei-me a fazer-lhe companhia e conversa de circunstância e a tratá-la com carinho. Ao fim de duas horas, voltei a enfiá-la no carro. Quando chegámos ao aeroporto para fazermos o *check-in* ela já parecia um pouco menos traumatizada. Comprei água, chocolates e umas quantas revistas e jornais e, assim que o avião levantou voo, desci o tabuleiro dela, espalhei o que comprara em cima dele e fiquei satisfeita ao ver que ela bebeu um pouco de água e folheou uma das revistas.

– Posso ficar consigo esta noite? – perguntou ela sem rodeios assim que descemos do avião.



– Claro que sim – disse. – E, se me der as chaves do carro, eu conduzo. De caminho, passamos pelo consultório para irmos buscar o *Pete* e depois compramos qualquer coisa para comer.

Emily não reagiu, por isso segui em frente com o meu plano. Telefonei também a Mary para lhe dizer que chegáramos bem e que podia deixar o *Pete* e ir para casa.

– Como correu? Pode falar? – perguntou ela.

– Não – respondi e ela não me colocou mais perguntas.

– Lamento – disse Mary e eu agradeci-lhe e contei-lhe que *Pete* lhe comprara um presente.

Chegadas ao consultório, Emily não se mexeu e o meu querido cão cumprimentou-me como se tivesse receado que eu não voltasse e eu retribuí com igual afeto e sussurrei-lhe ao ouvido que fosse carinhoso com Emily. Saltou para o banco traseiro do carro dela e, quando parei para comprar *fish and chips*, passou para o banco do passageiro e sentou-se ao colo dela.

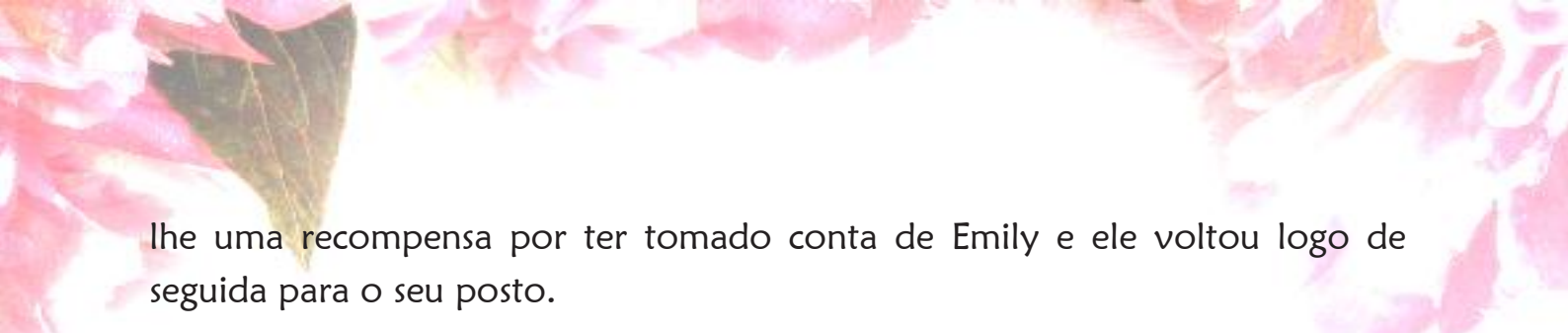
Uma vez em casa, acomodei Emily no sofá, liguei o aquecimento e a chaleira e, quando acabei de trazer as malas para dentro, *Pete* já estava a fazer-lhe de manta. Reparei que ela não parava de o acariciar e que ele olhava para ela como se compreendesse bem a dor que ela sentia.

Mais uma vez, ela mal tocou na comida, mas, quando lhe levei uma caneca de chocolate quente à cama, pareceu-me um pouco mais animada. *Pete* olhou para mim como que a pedir permissão para ficar com ela. Dei-lhe uma palmadinha na cabeça e disse-lhe que era um lindo menino e ele deitou-se ao lado dela. Quando fechei a porta do quarto, Emily continuava a afagar-lhe a cabeça.

Na manhã seguinte, tinha um aspeto bastante melhor. Já estava levantada e vestida quando cheguei à cozinha. Sabia que ela acordara bem cedo, pois ouvira-a deambular pela caravana. Era impossível não ouvir numa casa como a minha.

– Espero que não se importe, mas tomei um duche.

Estava sentada à mesa, com os pés debaixo dela e *Pete* no chão, a seu lado. Assim que me viu, veio assegurar-me de que era ainda meu, supus. Dei-



lhe uma recompensa por ter tomado conta de Emily e ele voltou logo de seguida para o seu posto.

– É claro que não. Como lhe disse a noite passada, a casa é sua enquanto precisar.

– Obrigada, mas é melhor ir andando.

– Quando tem de regressar ao trabalho? – perguntei. Emily era bibliotecária e adorava o seu trabalho.

– Não marquei nenhum dia, pois não sabia o que iria acontecer. – Fez um ar triste. – Mas não vale a pena desperdiçar mais dias de férias, não acha? Disse à minha mãe que, provavelmente, regressaria a casa hoje, portanto, é melhor fazer-me à estrada. Ela preocupa-se comigo.

Creio que Emily ficou tão espantada com a ironia daquele comentário quanto eu, tendo em conta a experiência que tivéramos no dia anterior.

– Bom, sabe onde encontrar-me e quero que me prometa que me ligará ou enviará uma mensagem seja a que hora for do dia ou da noite, *okay*? Farei tudo o que puder para a ajudar, sabe disso. Irá ultrapassar isto, prometo!

– Obrigada, não sei o que teria feito sem si, na verdade. Tornou tudo muito mais suportável. Pelo menos, agora sei como as coisas são. É muito embora, neste momento, sinto que nunca superarei o sucedido, sei que muitas pessoas carregam cruzes bem mais pesadas que a minha e conseguem seguir em frente.

– A Emily superará isto – assegurei-lhe.

Olhou para mim com os olhos de uma menina que acabara de ser abandonada e não sabia o que iria acontecer a seguir. Sob muitos aspetos, fazia-me lembrar a criança que eu fora, sempre a questionar-me sobre o que fizera de errado.

– E sabe uma coisa? – Tinha o lábio inferior a tremer. – Ainda que não tenha dado em nada, não me arrependo de o ter feito.

32

O MEU PRIMEIRO CLIENTE ERA RONAN.

– Com está? – Apertei-lhe a mão automaticamente, porém, tinha sempre a sensação de que o conhecia melhor do que na verdade conhecia, portanto, cumprimentá-lo com um aperto de mão parecia-me demasiado formal.

– Estou bem, obrigado. – Sentou-se.

– E o *Deputy*?

– Já não me visita tantas vezes. – Sorriu. – Creio que a minha avó já anda mais tranquila.

– Ainda bem. Como está ela?

– Sempre na mesma. Tem mais compromissos sociais que nós os dois juntos. Não tarda, estará a namorar pela internet.

– Não ficaria surpreendida. E como estão a correr as coisas com a Maddy? – Assim que coloquei a pergunta, dei-me conta de que não o deveria ter feito. Pela cara dele, percebi que ficara desconcertado.

– Bom, não a tenho visto muito, para ser sincero. Ela anda ocupada e eu também tenho tido muito trabalho.

– Desculpe, não estava a insinuar nada. – Decidi ser franca e direta. – Só perguntei porque sei que vocês são amigos, mais nada.

– Sim, é verdade. Ela é muito divertida. Precisava que me aconselhasse. – A atitude dele mudou por completo. – É acerca... do Lucas. – A forma como pronunciou o nome do filho deixou-me entrever que não estava acostumado a dizê-lo em voz alta.

– *Okay*, farei tudo o que puder. – Fiquei muito contente por ouvi-lo falar acerca do assunto. Era toda ouvidos.

– Decidi que quero que seja formalmente adotado. – Não olhou para mim. – A minha família não está feliz. A minha mãe e a minha avó param de falar assim que sentem o meu cheiro, portanto, já percebi que não concordam. E a minha irmã Ellen, diz que não permitirá que eu o faça, muito embora eu saiba que ela ama o menino como se fosse dela.

– Depreendo, então, que já falou com ela acerca disso.

– Sim. Sabe, é que ele já tem quatro anos e em setembro começará a ir à escola, por isso acabará por ficar a residir em Donegal. Eu sei que eles o adoram, e ele está com eles desde que nasceu, portanto, faz sentido. Por alguma razão, contudo, a Ellen está inflexível. Não compreendo. Achei que ela iria agarrar a oportunidade com unhas e dentes.

– Talvez ela ache que não é a coisa certa a fazer? Pelo Lucas, quero dizer.

– Como pode não ser o mais acertado para ele? Eles é que são os pais dele. – Fechou os olhos e suspirou profundamente.

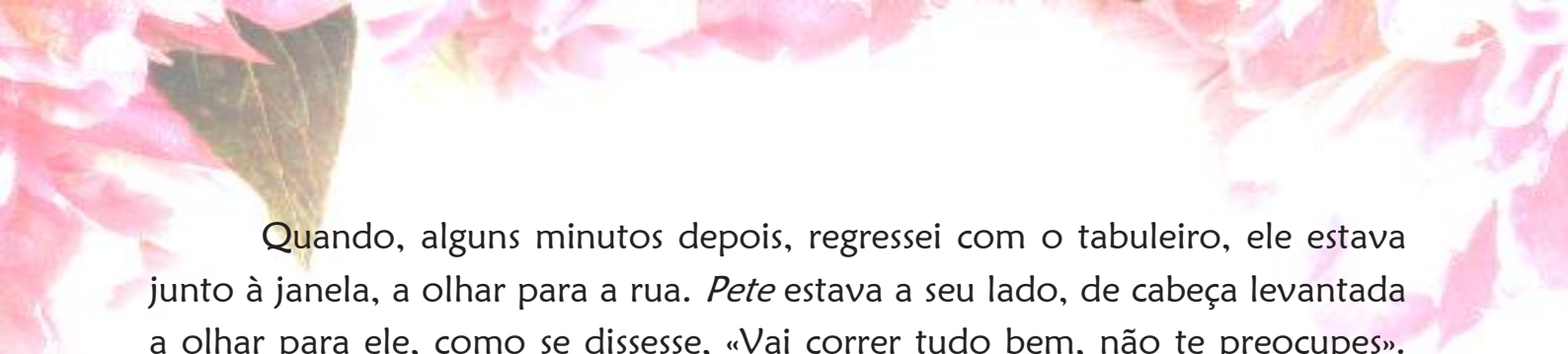
– Creio que a questão é essa mesma, Ronan. Não são. O Ronan é que é o pai do Lucas.

Tal como naquela noite no *pub*, dissera uma coisa que ele não queria ouvir.

– Sou pai dele apenas biologicamente. Não significa nada. Nunca criei laços com ele e, mais importante ainda, não tenho qualquer interesse em criá-lo. – Pôs-se de pé. – Lamento, não devia ter abordado o assunto. É melhor ir andando. – Encaminhou-se para a porta.

Sabia que, desta vez, tinha de tentar salvar a situação. Levantei-me e cheguei à porta antes dele.

– Não se vá embora. Não é minha intenção aborrecê-lo. Na verdade, gostaria muito de ajudar, se puder. Por favor, sente-se. – Pressenti que Ronan precisava de um momento. – E que tal um café? – Sem esperar por uma resposta, abandonei o consultório.



Quando, alguns minutos depois, regresssei com o tabuleiro, ele estava junto à janela, a olhar para a rua. *Pete* estava a seu lado, de cabeça levantada a olhar para ele, como se dissesse, «Vai correr tudo bem, não te preocupes». Sorri perante aquela imagem.

– Acha que estou errado, que estou a proceder mal... Toda a gente acha. Mas é isto que eu quero – argumentou ele num tom calmo. – Porque é que ninguém consegue aceitar isso? Porque é que todas as mulheres da minha vida me querem mudar?

– Querem?

– Sim. A minha avó, a minha mãe, a minha irmã e até a Lulu.

– A Maddy sabe de alguma coisa em relação a isto? – perguntei apenas porque me interrogava qual seria a opinião dela neste assunto. Por vezes, Maddy tinha uma maneira de olhar para as situações bem diferente da norma.

– Não, e eu também não pretendo que saiba. Por si tudo bem?

– Com certeza – assegurei-lhe. – Conversou com mais alguém, com uma pessoa que não lhe esteja tão próxima, quero dizer? Por exemplo, atrevo-me a perguntar, com um homem? – Sorri. – Menos hormonas descontroladas e assim...

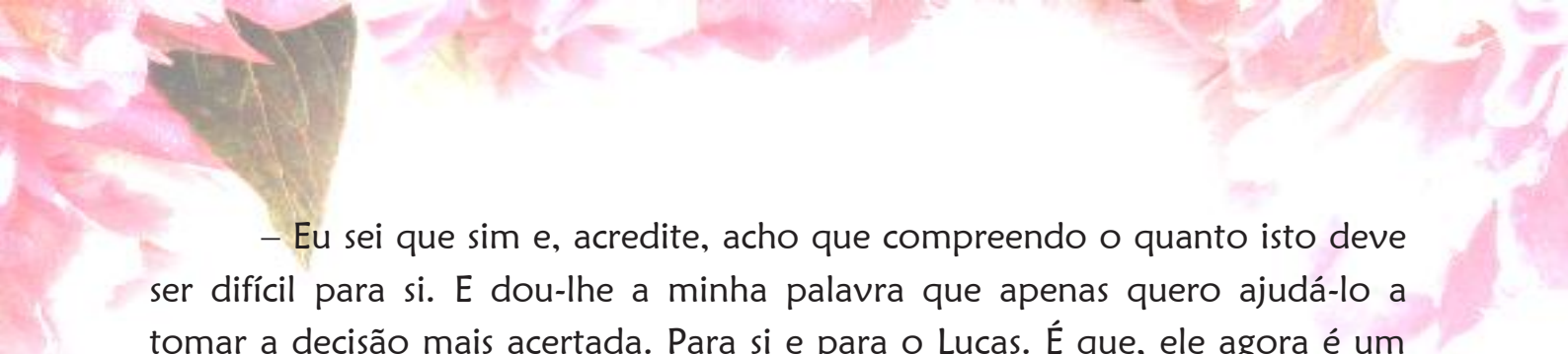
– Não, o único que consideraria seria o marido da Ellen. E ele decidiu não se intrometer no assunto. Muito sensato da parte dele, presumo.

– Provavelmente – concordei. – Embora o assunto o afete também a ele e em enorme medida.

– Sim, mas a Ellen é que é a grande força motriz ali, sempre foi. Ele concordará com o que ela decidir.

– Ronan, e se tentasse pelo menos conhecer o Lucas? – Resolvi ir direta ao assunto. – Estou apenas a questionar a sua capacidade para tomar uma decisão tão importante quando nem tão-pouco chegou a relacionar-se com o seu filho. – Observei-o com atenção. Era um homem muito complexo. A cada conversa que tínhamos ia desvendando um pouco mais sobre ele.

– Vi-o algumas vezes... ao início – alegou ele meio na defensiva.



– Eu sei que sim e, acredite, acho que compreendo o quanto isto deve ser difícil para si. E dou-lhe a minha palavra que apenas quero ajudá-lo a tomar a decisão mais acertada. Para si e para o Lucas. É que, ele agora é um rapazinho, com uma personalidade e...

– Não entende? Foi precisamente com isso que eu não consegui lidar. Ele vai ser tão parecido com ela, sei que sim, e de cada vez que olhar para ele recordar-me-ei uma e outra vez do que perdi naquele dia. – Dei-me conta de que Ronan tinha lágrimas nos olhos, por isso ocupei-me com o café para lhe dar um momento. – Acho que não iria suportar. Acredite, eu não queria que isto fosse assim. – Era a primeira indicação que dava disso.

– Então, diga-me, qual seria a situação ideal para si agora, tendo em conta que não há nada que possa fazer para trazer a Audrey de volta?

Ronan olhou para mim como se nunca tivesse pensado nisso.

– Como assim?

– Suponhamos que poderia ter qualquer relacionamento que quisesse com o Lucas. Que relação seria essa?

– Não faço ideia – respondeu com um ar perplexo.

– Bom, talvez pensar sobre isso não fosse um mau ponto de partida – sugeri.

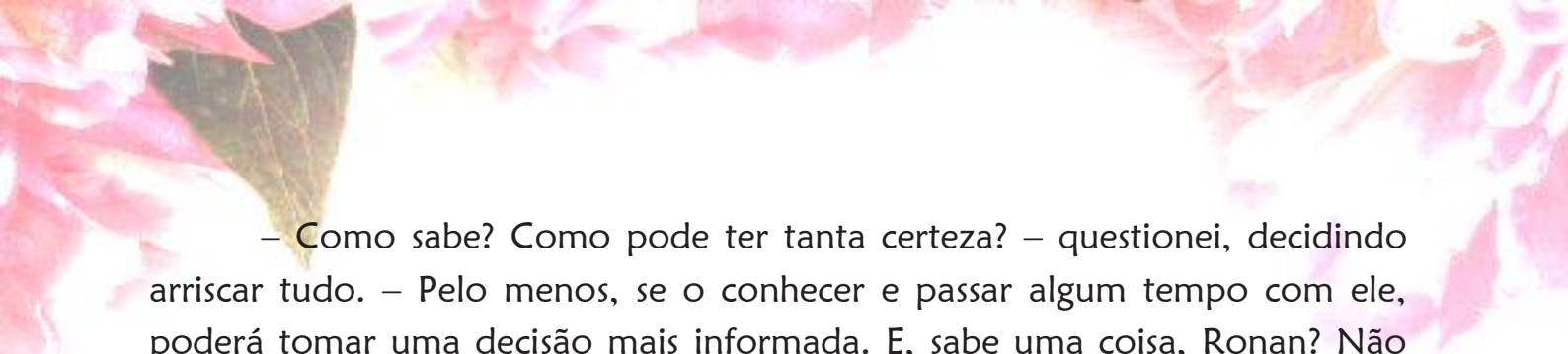
– Creio que, num mundo ideal, quereria ficar com ele – afirmou depois de um longo silêncio.

– E que implicaria isso?

– Presumo que precisaria que ele ficasse comigo. Que quereria recompensá-lo, ser o melhor pai que conseguisse ser. – Escondeu a cara nas mãos. – Até a palavra «pai» me assusta de morte. As crianças necessitam de tanta coisa.

– Pensando bem, tudo o que precisam, como qualquer um de nós, é de amor. Dois pais seria o ideal, mas um apenas também não é nada mau. – Pela centésima vez, a minha infância saltou-me aos olhos.

– Não sou capaz – afirmou ele pura e simplesmente.



– Como sabe? Como pode ter tanta certeza? – questionei, decidindo arriscar tudo. – Pelo menos, se o conhecer e passar algum tempo com ele, poderá tomar uma decisão mais informada. E, sabe uma coisa, Ronan? Não há mal nenhum em estar assustado. E também não haverá mal nenhum se, no final, decidir que não será o melhor para o seu filho. Creio que talvez seja isso o que a sua irmã, no fundo, quer.

– Não entendi. – Voltou a fazer o mesmo ar confuso.

– Bom, embora só tenha estado com ela uma vez, percebi que ela ama o Lucas. Penso que, ao recusar-se a adoptá-lo, está a fazer a coisa mais altruísta possível. Ficar legalmente com ele é, com toda a probabilidade, o que ela quer, no fundo. Porém, talvez, tal como eu, não tenha a certeza de que, em última análise, isso seja o melhor para si e para o Lucas.

– Então, que me está a dizer, ao certo? Que tenho de dar uma oportunidade a isto? E depois que acontece, se não resultar? Se eu não suportar olhar para ele? Que consequências terá isso para a criança? – Sabia que, na verdade, não me estava a colocar aquelas questões a mim, mas antes a ele mesmo.

– Eu não sugeriria, nem por sombras, que o desenraizasse, lhe dissesse quem era, e depois o largasse, caso a experiência não resultasse. Isso seria cruel. Mas que tem a perder em conhecê-lo, em passar algum tempo com ele, só para ver como se sente? Ele não tem de saber nada, à exceção de que é tio dele.

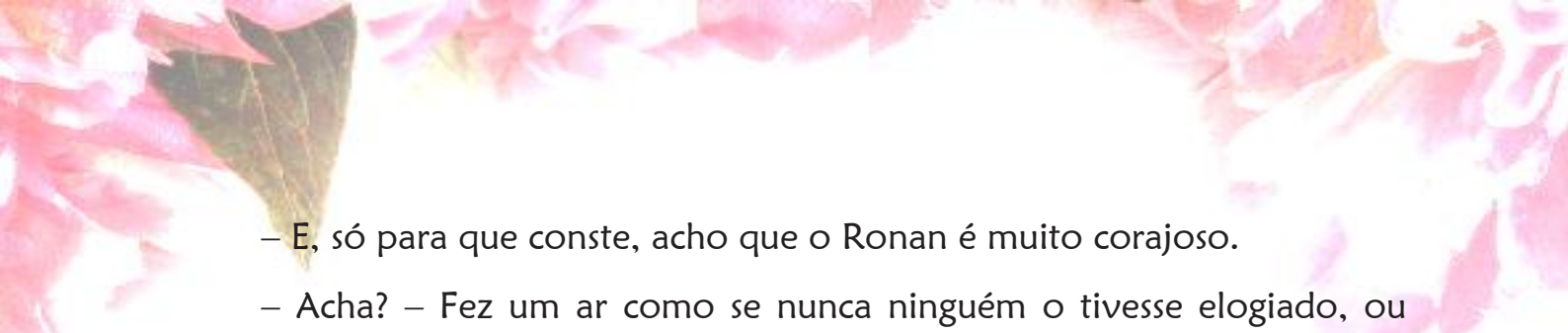
– Não sei se serei capaz – argumentou ele ao fim de uma eternidade.

– Bom, pelo menos está a pensar nisso. Já é um bom começo. – Sorri. – Creio que fizemos grandes progressos desde aquela noite no *pub* em que me mandou meter na minha própria vida. – Ronan não estava a ouvir-me; tinha o olhar preso no vazio. – Porque não convive apenas com a ideia por um tempo?

– Importava-se de falar com a minha avó e de lhe pedir que converse com os outros e os convença a deixarem-me em paz? – perguntou.

– Sim, se isso o ajudar a tomar uma decisão.

– Obrigado.



– E, só para que conste, acho que o Ronan é muito corajoso.

– Acha? – Fez um ar como se nunca ninguém o tivesse elogiado, ou talvez a minha interpretação tivesse mais a ver com os meus problemas pessoais.

– Sim, acho, e não tenho qualquer dúvida de que, seja qual for a decisão que tomar, será tomada com cuidado e consideração. E, no final de contas, ninguém lhe pode pedir mais do que isso.

Olhou para mim por um segundo e depois foi colocar-se de novo à janela. Tomei algumas notas, só para lhe conceder o espaço e silêncio de que ele necessitava para lidar com as emoções que, suspeitava, ameaçavam tomar conta dele. Quando se virou e voltou a pronunciar-se, não sei quem ficou mais surpreendido, se eu, se ele.

– Acho que tem razão, preciso de o conhecer – foi tudo o que disse.

33

PARTIU POUCO TEMPO DEPOIS, para tomar algumas providências, mas não antes de perguntar se me poderia usar como uma espécie de caixa de ressonância. Disse-lhe que teria todo o prazer em ajudá-lo em tudo o que pudesse. Uma vez que ele tinha um relacionamento com Maddy, era como se tivéssemos uma ligação pessoal, muito embora não pudesse conversar com ela acerca daquele assunto.

Duas horas mais tarde, Myrtle telefonou.

– Tinha de lhe contar de imediato. – Soava esbaforida. – O Ronan acabou de telefonar. Decidiu que quer conhecer o Lucas.

– Isso é maravilhoso – comentei. Devo admitir que me questionara se ele iria mesmo ter coragem para seguir com a decisão em frente.

– É a resposta às minhas preces. – Myrtle parecia à beira das lágrimas.

– Sim, mas é muito importante que o deixemos avançar ao seu próprio ritmo. – Achei que devia recomendar algum cuidado. – Trata-se de um passo enorme para o Ronan, por isso, enquanto família, não o coloquem sob mais pressão do que aquela que ele já sente.

– Claro. Falarei também com a minha filha nesse sentido. É uma jovem muito sensata, sabia?

– Nem sempre – respondi com uma gargalhada. – Como irá a Ellen lidar com tudo isto, a propósito?

– Essa era uma das minhas preocupações, mas, sabe, no fundo, é o que ela sempre quis. Ela adora o menino, mas sabe que, a longo prazo, seria melhor para o Lucas e para o Ronan ficarem juntos. Mas, não se preocupe,

nós vamos mantê-la debaixo de olho. Estamos muito conscientes do papel dela na vida do menino.

– Ainda bem. – Conversámos durante mais um pouco e depois tive de desligar, pois tinha Joan Lehané em espera. Prometi a Myrtle que me manteria em contacto com ela e interroguei-me sobre o que Joan me iria dizer.

Depois dos habituais cumprimentos e conversa de circunstância, ela foi direta ao assunto.

– Conversei com a Catherine e ela acha que, desde que por mim esteja tudo bem, está na altura de conhecer o Denis, portanto, gostaria de saber se a Lulu poderia organizar o encontro?

– Com certeza. São ótimas notícias. – Sabia que Dinny iria ficar felicíssimo. – Para quando vos convinha?

– Eu envio-lhe os pormenores por *e-mail*, se não houver problema? Provavelmente, daqui a uma ou duas semanas. Passamos aí um fim de semana e eu aproveito para visitar a minha família. Da última vez, quase não tive tempo para o fazer. Estava a pensar sugerir assim um almoço para sábado. Fazia-nos companhia?

– Sim, se for esse o seu desejo, mas não acha que só irei atrapalhar?

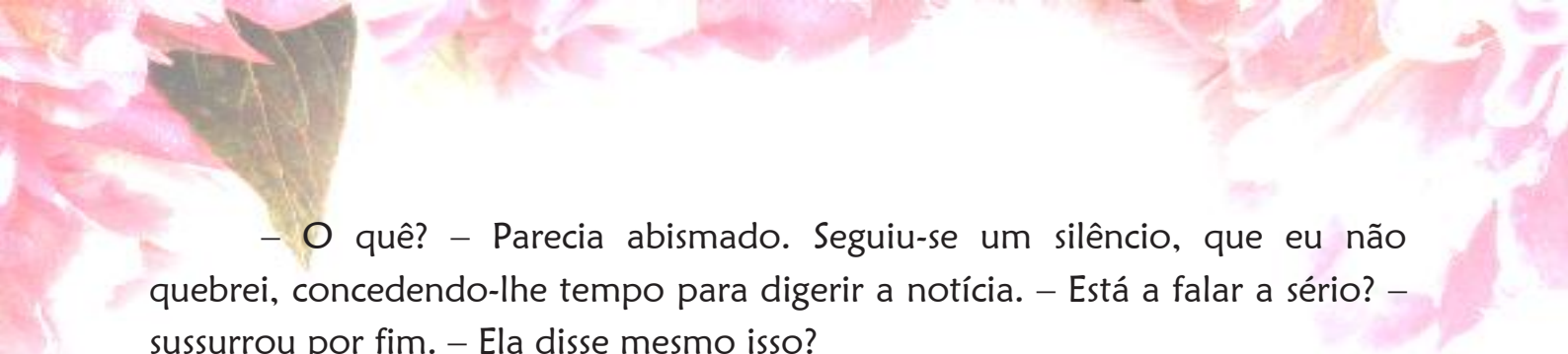
– Não, pelo contrário, até acho que seria uma ajuda. No início, é capaz de ser um pouco embaraçoso.

– Está bem. Então, e se eu estiver presente de início e depois, quando as coisas estiverem a correr sobre rodas, me escapulir? Isto é, se o Denis estiver de acordo com tudo isto, é claro. – Contudo, sabia que ele também ficaria contente se eu estivesse presente para o apoiar.

– Ótimo. Falarei consigo mais para o final da semana. Tenho o seu endereço de *e-mail* no cartão de visita que me deu.

Despedimo-nos e marquei logo de seguida o número de Dinny.

– A Joan quer encontrar-se consigo e vai trazer a Catherine – contei-lhe e uma parte de mim desejou estar do outro lado da linha para ver a cara dele.



– O quê? – Parecia abismado. Seguiu-se um silêncio, que eu não quebrei, concedendo-lhe tempo para digerir a notícia. – Está a falar a sério? – sussurrou por fim. – Ela disse mesmo isso?

– Sim. Acabei de falar com ela agora.

– Mas isso é maravilhoso. Quando? Onde? Terei de comprar um fato novo! – O velho Dinny estava de volta.

– Ei, espere lá. – Soltei uma gargalhada. – Ainda não está nada marcado. Ela sugeriu um almoço a um sábado, numa das próximas semanas – contei-lhe. Denis estava tão feliz que parecia uma criança. – Ela também me convidou. Para si está bem?

– Então, claro, pois não foi a Lulu que organizou tudo isto? Sem si não teria feito nada – gritou ele como era costume quando falava de alguma coisa importante. – Quero que seja a primeira pessoa a conhecer a minha filha. – Durante uns segundos, não disse mais nada e pareceu-me ouvi-lo engolir em seco. – Lulu, nem faz ideia do que é dizer essas duas palavras em voz alta.

– Bom, com alguma sorte, não tarda estará a apresentar a sua filha a meio condado. – Sorri só de ouvir a emoção na voz dele.

– Meu Deus, acho que preciso de me deitar um pouco. Há anos que não me entusiasmava desta forma.

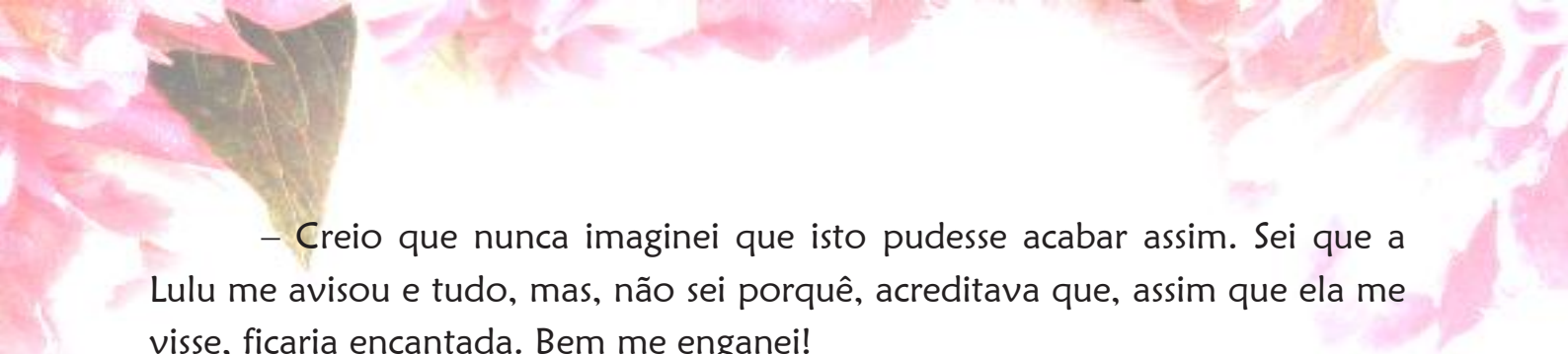
Estava muito feliz por ele. Denis merecia tudo aquilo.

Prometi ligar-lhe assim que soubesse mais pormenores e deixei-o a planear um salto à loja de roupa masculina Sean Connolly & Company, em Wicklow, para ser «ataviado da cabeça aos pés».

Estar envolvida em assuntos familiares fez-me pensar em Emily, por isso enviei-lhe uma mensagem a perguntar como estava. Telefonou-me de volta de imediato.

– Acha que há mais alguma coisa que eu possa fazer?– queria ela saber. – Sinto-me tão triste o tempo todo.

– Não me parece que possamos fazer muito mais – respondi num tom carinhoso. – Exceto esperar e fazer figas para que, depois de a Kitten ter tido uma oportunidade para pensar melhor nas coisas, mude de ideias. Lamento muito. Sei que não é nada fácil para si.



– Creio que nunca imaginei que isto pudesse acabar assim. Sei que a Lulu me avisou e tudo, mas, não sei porquê, acreditava que, assim que ela me visse, ficaria encantada. Bem me enganei!

– É possível que ela tenha enterrado o assunto bem fundo dentro dela – disse a Emily. – E talvez o facto de termos aparecido assim inesperadamente tenha sido um choque demasiado grande para ela. Pode dar-se o caso de, passado o embate inicial, ela mudar de ideias e achar que deve pelo menos conversar consigo como deve ser. No entanto, de momento, tudo o que podemos fazer é esperar. – Não me sentia muito esperançada, porém. Kitten parecera-me irredutível.

– Acha que uma carta ajudaria?

– É difícil dizer, mas, de alguma forma, duvido. Sob determinados aspetos, talvez não a contactar de novo seja o mais acertado. Dessa forma, a Kitten não a encarará tanto como uma ameaça. Penso que foi esse o principal receio dela.

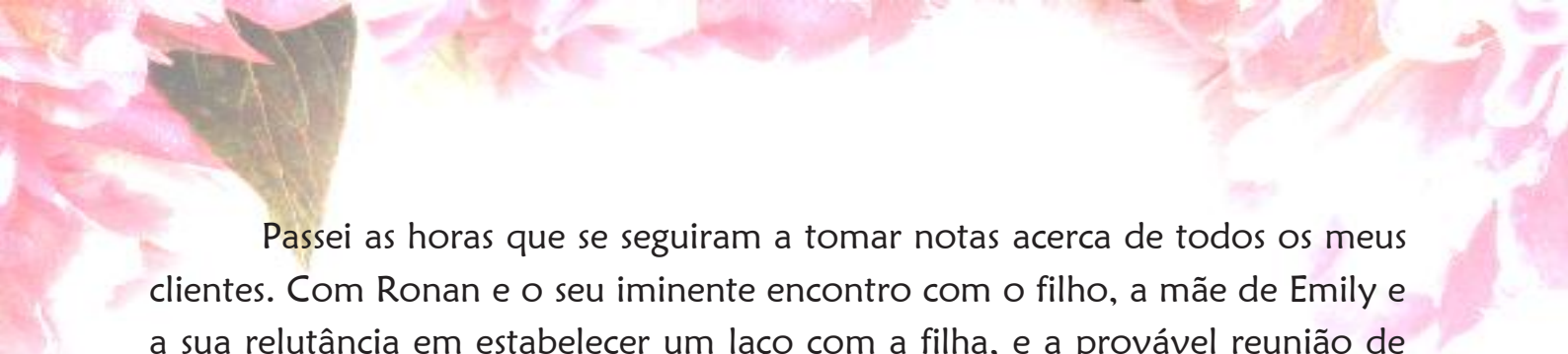
– Se ao menos ela soubesse que eu seria incapaz de fazer mal a uma mosca. Não está simplesmente na minha natureza causar problemas a quem quer que seja. – Emily suspirou. – Mas com certeza que ela teria percebido isso só de olhar para mim, não acha?

– Penso que, de uma forma geral, sim, mas tem de convir que as circunstâncias não eram normais. – Ouvir a voz desalentada dela depois da animação de Dinny fez-me regressar à realidade.

– Devia ter-lhe dado ouvidos e não ter agido assim de impulso – comentou ela em voz baixa.

– Bem, pelo menos, ela viu-a e sabe que a Emily quer conhecê-la. Talvez depois de ela ter pensado melhor e com a cabeça fria acerca do sucedido, se dê conta de que teve uma reação exagerada.

– Pois, talvez – disse ela, contudo, eu sabia que nenhuma de nós apostaria nisso.



Passei as horas que se seguiram a tomar notas acerca de todos os meus clientes. Com Ronan e o seu iminente encontro com o filho, a mãe de Emily e a sua relutância em estabelecer um laço com a filha, e a provável reunião de família de Denis, dir-se-ia que estava mergulhada em relacionamentos entre pais e filhos, contudo, nem por isso mais perto de resolver o meu com a minha mãe. Quando estava mesmo a terminar, o telefone tocou. Fiquei muito contente ao ver que era Mike.

– Interrompo algum progresso no campo da terapia canina? – perguntou ele quando eu atendi.

– Não e, na verdade, ultimamente parece que me ocupo mais dos problemas familiares dos donos dos meus clientes de quatro patas – disse-lhe. – E estão todos relacionados com filhos, o que é um pouco surreal. – Suspirei. – Por mais que me esforce, são os donos que me dão dores de cabeça; os cães são muito menos complicados.

– Bom, tenho um cliente normal, segundo os teus padrões, pelo menos, para te recomendar – contou ele. – A nossa vizinha do lado tem um papagaio que está deprimido desde que o marido da dona faleceu, há quase um ano. Arrancou as penas todas e tem um tique. Não estou a gozar.

– Oh, não te preocupes, não é a primeira vez que ouço isso. – Fiquei de imediato interessada. – Os papagaios contam-se entre os animais de estimação mais inteligentes. Existe até um medicamento usado para tratar a depressão nos animais, sabias?

– O quê, referes-te a *Prozac* para papagaios, lítio para lagartos? – Soltou uma gargalhada. – Estás a gozar comigo, certo?

– Não, não, estou a falar muito a sério.

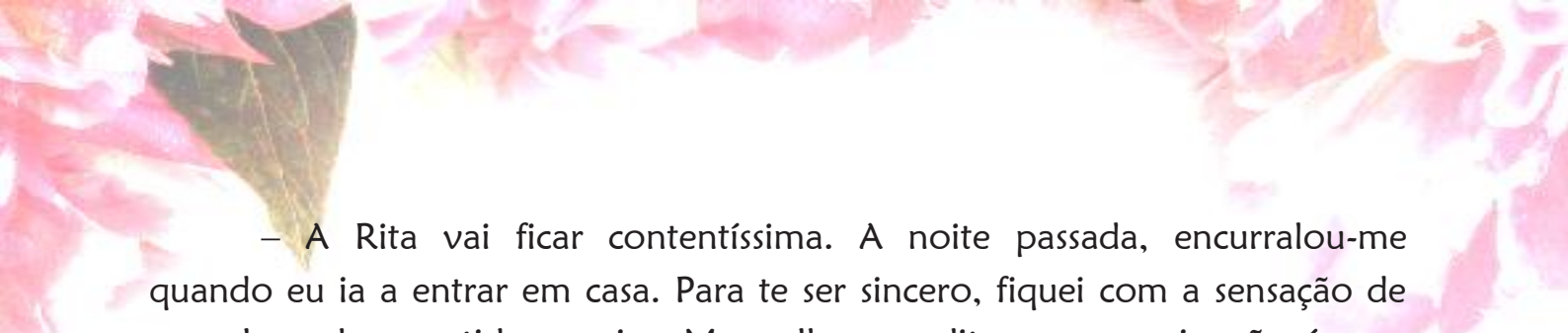
– Meu Deus, eu já devia saber. Só tu, Lulu. Só tu.

Quase conseguia ouvi-lo coçar a cabeça.

– Diz à tua vizinha que terei todo o prazer em aconselhá-la. Dá-lhe o meu número.

– Tens a certeza que não andas também a tomar nada?

– Não, a minha única droga é a vida. Não dá para perceber? – gracejei.



– A Rita vai ficar contentíssima. A noite passada, encurralou-me quando eu ia a entrar em casa. Para te ser sincero, fiquei com a sensação de que ela andara metida no gim. Mas, olha, acredita, o papagaio não é uma visão agradável e a Rita teve um ano mau, por isso, prometi que falaria contigo – explicou ele. – Escuta, vais à festa de lançamento da Maddy na quinta-feira?

– Estás a brincar? Claro que vou. É a coisa mais emocionante que nos acontece, a mim e à Clodagh, em anos. Toda a gente vai. E tu?

– O Louis não me deu outra alternativa. Parece que há um ator qualquer que foi contratado para o elenco e o Louis, que o acha um borracho e já está embeijado por ele, convenceu-se de que o rapaz é *gay*. Portanto, é de esperar muito drama e floreados. Seja como for, e se nós nos encontrássemos contigo e com a Clodagh para uma bebida antes da festa? Presumo que a Maddy estará demasiado ocupada.

– Sim, mas a Clodagh e eu estávamos a planear ir comer uma piza algures. Caso contrário, vamos acabar a noite bêbadas. Querem juntar-se a nós? Ela conhece um italiano muito bom em Temple Bar. Posso pedir-lhe que altere a reserva para quatro pessoas.

– Perfeito. A que horas? O mais provável é que vá diretamente do escritório para a cidade. Deixo o carro estacionado e vou ter com vocês a pé.

– Fixe. Eu envio-te uma mensagem com a hora certa. Marquei hora no cabeleireiro, por isso sairei do consultório mais cedo. Vai ser uma grande noite para mim também, sabes? A minha melhor amiga é famosa.

– Podes crer, a série está de facto a ser alvo de muita publicidade e a Maddy desempenha um grande papel nela. Tens ideia se a série é alguma coisa de jeito?

– É, sim. Vi algumas imagens não editadas, e a Clodagh e eu estivemos nos bastidores um dos dias. – Estava tão empolgada pela minha amiga. – A Maddy merece isto mais do que qualquer outra pessoa que eu conheça.

– A propósito, o *Pedro* tem-se portado muito melhor desde que foi ao teu veterinário. O Louis chegou a dizer-te que o cão tem de facto um problema de coluna?

– Sim, e estou muito contente por termos finalmente descoberto a origem do problema.

– Alguma novidade em relação ao assunto Clodagh/Paddy Russell? Achas que o leve connosco na quinta-feira?

– Ainda não consegui conversar com a Maddy acerca disso. Desculpa. E talvez quinta-feira não seja a melhor noite para levares o Paddy. A Clodagh vai estar demasiado agitada.

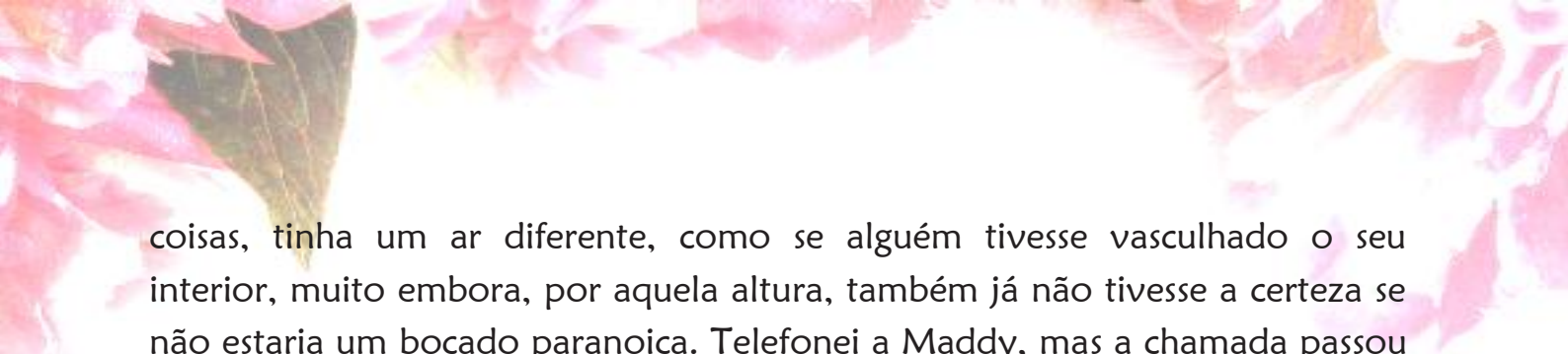
– *Okay*. Seja como for, está tudo a compor-se para que seja uma bela festa. Se me conseguir manter afastado de raparigas embriagadas, talvez até consiga chegar a casa a cheirar apenas a *aftershave*. Adeus. – E desligou o telefone a rir-se.

Continuei a trabalhar e só uma hora depois do que esperava consegui deixar o consultório. Num impulso, decidi fazer umas compras, por isso deixei *Pete* a dormir e dirigi-me ao centro de Dundrum, onde comprei um magnífico vestido roxo no Harvey Nicks e um par de sapatos e uma mala na House of Fraser, apesar de, ao sair do consultório, ter tomado a resolução de que não iria exagerar. Mais tarde, ao chegar a Bray, resolvi ir comer uma piza e deitar-me cedo. Estava ansiosa por que quinta-feira chegasse e, portanto, muito animada quando estacionei a mota e peguei nos sacos. De repente, *Pete* largou a correr, ladrando furiosamente e pregando-me um valente susto. Larguei os sacos no alpendre e, ao segui-lo, ouvi um barulho como se fosse alguém a fugir pelo meio da vegetação. Podia ser um animal, mas pareciam-me passos.

– *Pete* – chamei e ele veio de imediato, a cauda a abanar como se dissesse, «Já o pus a mexer». – Anda, vamos. Lindo menino.

Não fazia ideia se *Pete* estaria apenas a reagir a algum animal. Jack e Jill tinham-me dito que havia muitos coelhos por ali em redor; grande parte da horta deles sofrera já em consequência disso.

Abri a porta de casa e acendi as luzes do alpendre. Reparei então que havia qualquer coisa que não estava bem. Demorei alguns segundos a perceber o que era, mas às tantas dei-me conta de que a casa não estava como a deixara. Uma das gavetas estava entreaberta e havia um livro no chão. No meu quarto, o roupeiro onde guardava a maior parte das minhas



coisas, tinha um ar diferente, como se alguém tivesse vasculhado o seu interior, muito embora, por aquela altura, também já não tivesse a certeza se não estaria um bocado paranoica. Telefonei a Maddy, mas a chamada passou de imediato para o atendedor. Clodagh atendeu-me ao primeiro toque.

– Chama a polícia, eu vou o mais depressa que puder – disse-me ela.

– Mas eu não...

– Lou, por favor, faz o que te digo. Com base no que me contaste, alguém entrou aí em casa. Vou já a caminho. – Desligou e eu fiz o que ela me pediu.

Dois jovens agentes, um homem e uma mulher, chegaram quase de seguida.

– Estávamos aqui perto. – Clare Grogan apresentou-se e ao seu colega Tim Hynes. – Conte-nos então o que aconteceu. Desapareceu alguma coisa?

– Isso é que é estranho. Parece-me que nada foi levado, mas as coisas não estão onde as deixei – referi. – Para além disso, também não vejo quaisquer indícios de alguma janela ter sido arrombada, por isso estou preocupada que alguém tenha a chave.

– Estas fechaduras são bastante comuns, não será muito difícil arranjar uma chave que a consiga abrir – disse Tim Hynes. – Talvez não fosse má ideia mandar mudá-la.

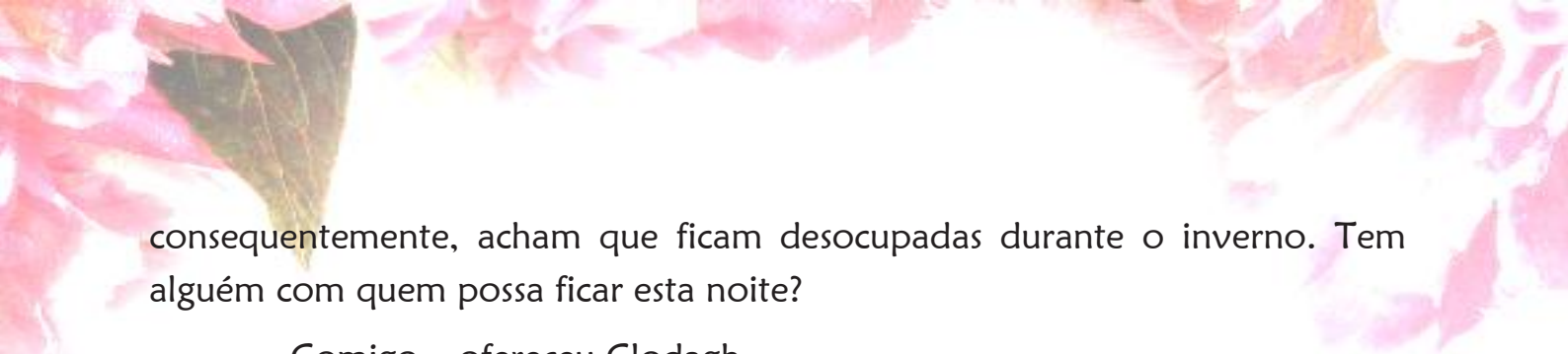
Jack e Jill chegaram então, tendo visto o carro da polícia subir o caminho.

– Estás bem? – Jill estava ofegante.

– Sim, entrem. – Expliquei o que sucedera, mas, por aquela altura, já começava a sentir-me ridícula porque parecia ter feito uma tempestade num copo de água.

Clodagh chegou pouco tempo depois.

– Não fique assim. Arrombamentos em casas móveis são muito comuns durante o inverno. – Clare confirmou o que eu já sabia. – Muito embora sejam casas permanentes, as pessoas encaram-nos como caravanas de férias e,



consequentemente, acham que ficam desocupadas durante o inverno. Tem alguém com quem possa ficar esta noite?

– Comigo – ofereceu Clodagh.

– Tens a certeza? – Sabia que ela estava atolada em trabalho até às orelhas.

– Absoluta.

– *Okay*, ótimo, então. Eu tratarei já de seguida de comunicar os pormenores à central e durante as próximas semanas manteremos a vizinhança debaixo de olho, está bem? Geralmente, temos um carro a fazer patrulha por esta área toda a noite, pois as *slot machines* das zonas de diversão são um alvo fácil e muito apetecível. Portanto, incluiremos esta área nas nossas rondas. Assim, já pode dormir mais descansada – disse Tim Hynes. – Tente não se preocupar em demasia. Como a Clare disse, o mais provável é que tenha sido um oportunista a ver se descobria algumas joias ou pequenos eletrodomésticos que tivessem sido deixados na caravana. Ligue para este número, se entretanto perceber que falta alguma coisa, ou mesmo se apenas estiver assustada. Temos sempre alguém de serviço, que enviará logo o carro-patrulha que estiver mais próximo.

– Obrigada, fico muito mais descansada. – Sentia-me um pouco palerma por os ter feito perder aquele tempo, mas todos me asseguraram de que fizera o que devia.

Os agentes partiram depois de lhes ter de novo garantido que nenhum objeto valioso ou dinheiro desaparecera, muito embora não tivesse nada de valor na caravana e a maior parte da minha joalharia fosse de pechisbeque. Os duzentos euros que tinha no pequeno cofre na mesa de cabeceira estavam onde os deixara, por isso toda a gente presumiu que o intruso fora surpreendido pela minha chegada.

Jill colocou a chaleira ao lume, Jack foi a casa buscar uma garrafa de uísque para «animar os cafés» e Clodagh ofereceu-se para ficar comigo o tempo que eu quisesse. Mais uma vez, fiquei muito feliz e grata por ter *Pete*, que parecia determinado a proteger-me.

34

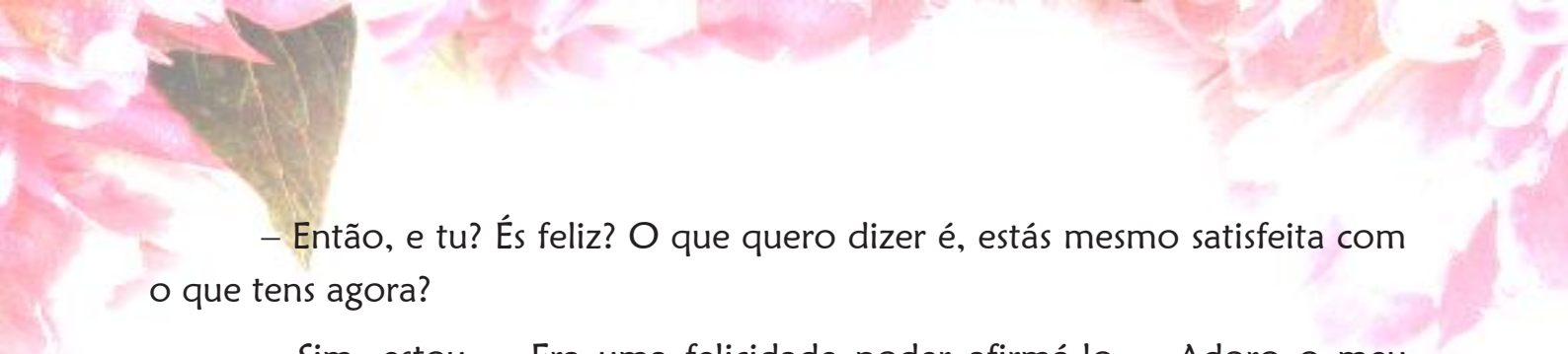
A FESTA DE LANÇAMENTO DA SÉRIE DE MADDY revelou-se mesmo a distração de que necessitava, pois nem me deu tempo para pensar. Clodagh insistiu em ficar comigo uns dias, passando apenas em sua casa para ir buscar o portátil e o trabalho, bem como a roupa e o *nécessaire*.

– Vou ficar aqui uns dias, e nem vale a pena argumentares, combinado? Se bem que, talvez devêssemos ficar em minha casa na quinta-feira. Depois, logo vemos isso melhor. – Era típico de Clodagh, mas eu não me importava nem um pouco de ser comandada por ela.

Na quarta-feira à noite, organizámos um serão de preparação para a festa. Maddy veio juntar-se a nós e fizemos máscaras faciais e arranjámos as sobrancelhas e depilámo-nos, tudo de roupão, e no final abrimos «só uma» garrafa de champanhe para brindarmos ao sucesso de Maddy. Clodagh foi-se deitar pouco tempo depois, uma vez que planeava levantar-se de madrugada para ir correr na marginal e Maddy recusou-se a dormir na «cama das bonecas», como se referia ao meu segundo quarto de hóspedes, e insistiu em dormir comigo.

– Já nos viste bem às duas? – Esfregou os pés, de meias lanudas, e soprou no chocolate quente que lhe trouxera. – Somos ambas mulheres de sucesso e aqui estamos nós, a dormir numa caravana como as pés-rapadas que nascemos.

– Olha, tu é que és a estrela, eu não, e assim que a série começar a ir para o ar, não poderás deslocar-te por Dublin sem teres de posar para fotos a toda a hora. – Ficava sempre admirada com o pouco que ela mudara em todos os anos desde que nos tornáramos amigas.



– Então, e tu? És feliz? O que quero dizer é, estás mesmo satisfeita com o que tens agora?

– Sim, estou. – Era uma felicidade poder afirmá-lo. – Adoro o meu trabalho e a minha vida e, embora possa não ficar a viver aqui para sempre, esta experiência ensinou-me que me adapto muito bem a um estilo de vida mais simples. Sempre achei que precisava de montes de «tralha» para viver, mas o certo é que não necessito.

– E em relação à tua mãe e à Becky? Estás em paz com esse capítulo?

– Há uma eternidade que não falo com qualquer uma delas, para ser sincera, e lidar com todas estas relações disfuncionais entre pais e filhos fez-me ver que preciso de conversar com a minha mãe, dizer-lhe como me tenho sentido todos estes anos.

– Bom, seja como for, eu nunca permitirei que arque com quaisquer responsabilidades por nada disso, ouviste? – Maddy abanou a cabeça. – A falha é da tua mãe, sabes disso, não sabes?

– Sim, percebi isso finalmente – respondi. – Aconteça o que acontecer, cabe aos pais resolver as coisas. Suponho que nem todos são capazes de responder pelos seus atos. Só porque somos adultos, as coisas não ficam menos complicadas, calculo.

Maddy suspirou.

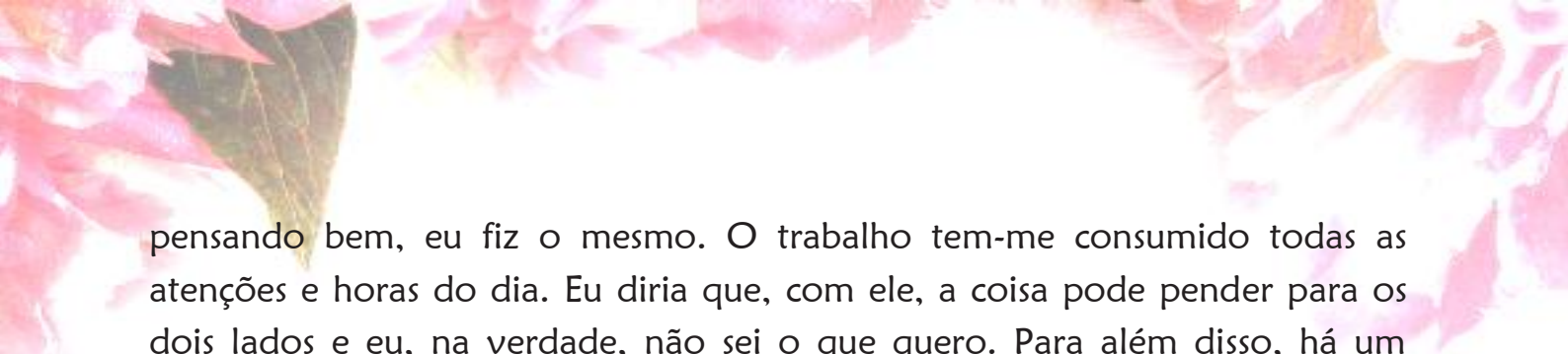
– É como se o laço que une a maioria das famílias tivesse sido cortado no teu caso.

– Bom, a questão do meu pai explica uma parte disso, diria eu. Mas, olha, estou tão contente por já não me esforçar tanto. E tu, muitas vezes, foste a minha salvação, o que me permitiu continuar, não te esqueças disso.

– Ainda bem que nos tornámos amigas. – Abraçou-me. – Vai ser um ano fabuloso para nós as três. A Clodagh está lançada, tu estás por fim a desfrutar da vida e mais descontraída, e eu, de momento, também estou envolvida em altos voos.

– E o Ronan tem alguma coisa a ver com isso?

– Para te ser sincera, não sei, ao certo. De início, senti uma forte ligação, mas é como se ele ultimamente tivesse, não sei, recuado. Bom,



pensando bem, eu fiz o mesmo. O trabalho tem-me consumido todas as atenções e horas do dia. Eu diria que, com ele, a coisa pode pender para os dois lados e eu, na verdade, não sei o que quero. Para além disso, há um novo realizador na série, muito jeitoso, diga-se de passagem, que parece estar muito interessado no meu desempenho. – Soltou uma risadinha e encolheu as pernas. – Amanhã apresento-to e depois logo me dizes o que achas.

– Mal posso esperar. – Terminei o meu chá de camomila e enrosquei-me debaixo do edredão. – O Mike vai, a propósito. Tinha combinado encontrarmo-nos com ele antes, quando fôssemos comer a piza, mas ele mandou-me uma mensagem a dizer que vai ter uma reunião e que não poderá ir, mas que depois nos vê na festa.

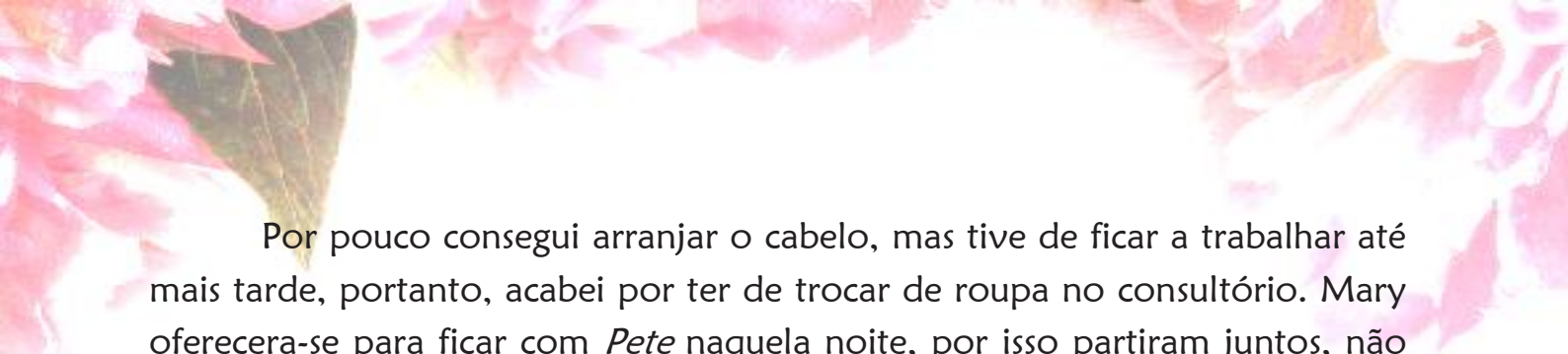
– Pressinto coisas boas para vocês os dois. – Maddy piscou o olho. – Posso ser a madrinha?

– Palerma, sabes muito bem que já fizemos esse pacto.– Fiz-lhe cócegas por baixo do edredão e apaguei a luz da mesa de cabeceira. – Se bem que, não entendo como podes pressentir coisas boas para nós quando ele acabou de cancelar um jantar comigo. – Ri e esquivei-me às cócegas que ela me queria fazer em troca. – Gosto dele cada vez mais, à medida que o tempo passa – disse para a completa escuridão que era a noite nos arrabaldes da cidade. – Sinto que ele me compreende. É como se o conhecesse desde sempre.

– Eu acho que vocês são almas gémeas – comentou ela com mais uma risadinha infantil. – E olha que aqui a Maddy sabe dessas coisas.

Bocejámos ao mesmo tempo e adormecemos profundamente ao fim de segundos. Durante a noite, tive de a abanar uma vez ou duas para que parasse de ressonar.

O dia a seguir foi uma correria. Tive um cliente novo, um caniche branco de laço cor de rosa chamado *Bambi*. Era mais um caso típico: a dona, Joanna, tratara-o como um rei desde que era cachorrinho, não lhe impusera qualquer tipo de disciplina, nunca o exercitara e, em resultado, estava a matá-lo de bondade – literalmente. *Bambi* estava tão gordo que mal conseguia andar. Para além disso, não tolerava quaisquer estranhos perto da dona e esta ainda se admirava!



Por pouco consegui arranjar o cabelo, mas tive de ficar a trabalhar até mais tarde, portanto, acabei por ter de trocar de roupa no consultório. Mary oferecera-se para ficar com *Pete* naquela noite, por isso partiram juntos, não sem antes ela me ter dito que nunca me vira tão deslumbrante. O vestido roxo era justo, com uma camada exterior de *chiffon* transparente. Sentia-me sensual e um pouco extravagante, graças às joias de Maddy e aos meus novos sapatos e mala.

Encontrei-me com Clodagh na cidade, mas, como estávamos ambas atrasadas, resolvemos cancelar a reserva para a piza e rumar diretamente ao Krystal, onde iria decorrer a festa. A primeira pessoa que encontrámos foi Maddy, juntamente com as restantes estrelas principais, a posarem para uma fotografia à porta do clube. A julgar pelo número de fotógrafos, era, sem qualquer dúvida, o sítio mais *in* daquela noite. Esperámos e admirámos tudo à distância e no final Maddy chamou-nos e levou-nos para dentro, falando a mil à hora e proclamando que Clodagh estava uma brasa e eu de cair para o lado.

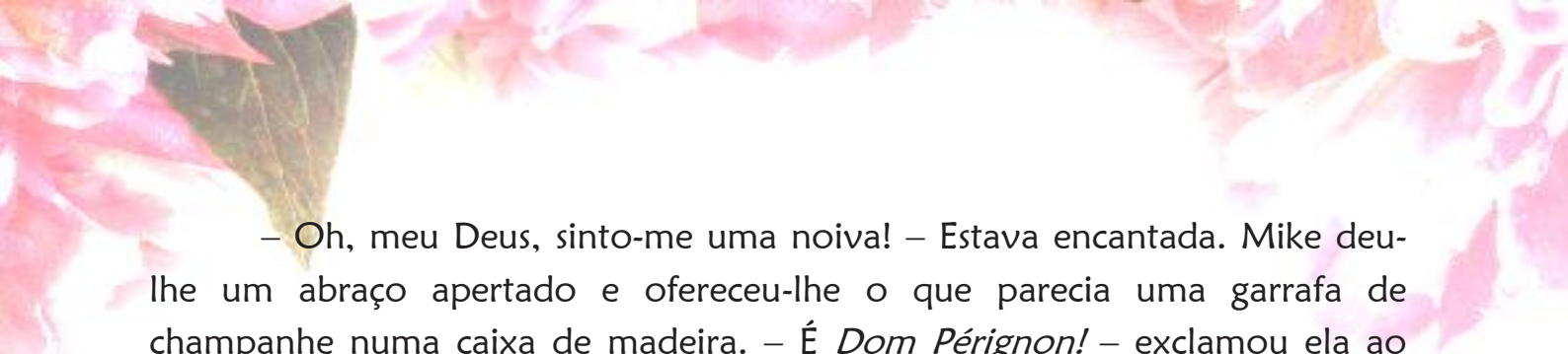
Presentes estavam montes de personalidades da televisão e da rádio e várias estrelas de telenovelas vindas de Londres, bem como mais umas quantas celebridades que reconhecíamos, mas não conseguíamos identificar.

– Finalistas fracassados do *X Fator*, um ou dois, depois temos aquele tipo irritante de *I'm a Celebrity*, e a mulher dele, que, quando participou no *Dança Comigo*, parecia nunca usar roupa interior. Oh, e aquele tipo giro do *Aprendiz*, mais a outra cabra que não parava de se queixar. – Em trinta segundos, Maddy informara-nos sobre quem era quem. – Ah, e um ou dois finalistas do *Big Brother*.

– Mas como podes tu saber tudo isso? – perguntou Clodagh.

– Não sei, estou a inventar, mas com participantes em *reality shows* não há que enganar. – Ofereceu a cada uma de nós um copo de champanhe e apoderámo-nos de um tabuleiro com maravilhosos aperitivos, cortesia de um empregado muito engraçado que não saiu de perto de nós depois de Maddy lhe ter piscado o olho.

Não tardou a que Louis e Mike se juntassem a nós, o primeiro com um enorme ramo de flores para Maddy.



– Oh, meu Deus, sinto-me uma noiva! – Estava encantada. Mike deu-lhe um abraço apertado e ofereceu-lhe o que parecia uma garrafa de champanhe numa caixa de madeira. – É *Dom Pérignon*! – exclamou ela ao espreitar para dentro do saco.

– Para ti só o melhor – disse Mike. – Na verdade, estou apenas a ver se consigo convites para todas as melhores festas, agora que és famosa.

– Combinado. – Espetou-lhe um beijo nos lábios em jeito de agradecimento. – Desde que tomes conta da Lulu em todas elas. É que ela tem assim uns maus hábitos que costumam metê-la em sarilhos. – Piscou-me o olho.

– A quem o dizes! Já tive experiência em primeira mão com a maioria deles – comentou Mike, evitando cruzar o olhar com o meu.

– Uau, Lulu, estás deslumbrante! – Louis agarrou-me e fez-me dar uma pirueta. – Tu também, Clodagh. – E abraçou-a.

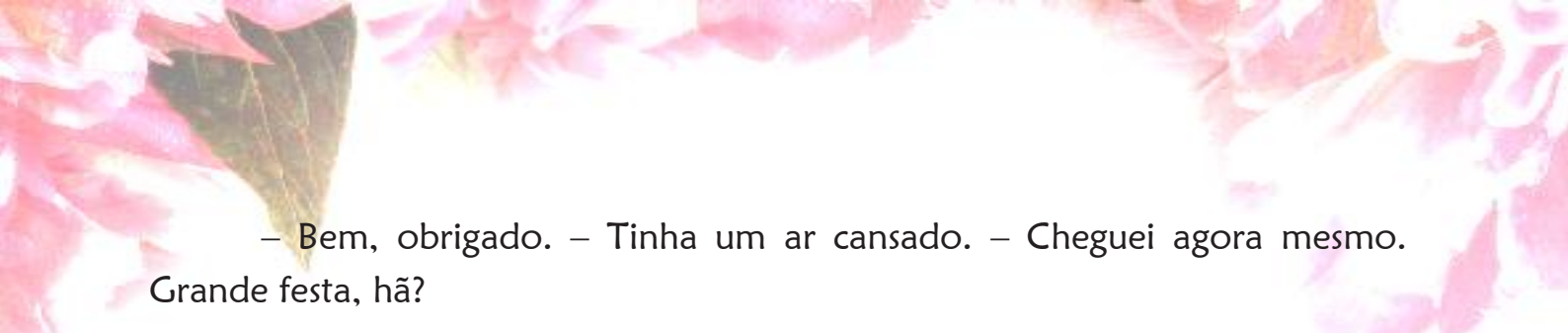
A festa foi uma loucura, mas muito divertida. Maddy até insistiu que um fotógrafo de um dos jornais de domingo lhe tirasse uma fotografia «com as minhas duas melhores amigas» e prometeu-lhe que, se a foto aparecesse na página de sociedade daquele que era sem dúvida o jornal mais lido ao pequeno-almoço todos os fins de semana, lhe arranjará um papel na série como figurante.

– Podes apostar – disse ele e apontou os nossos nomes.

O tempo passou tão depressa. Houve discursos, depois pudemos assistir ao primeiro episódio e toda a gente comentou que Maddy ia muito bem; até pessoas que não a conheciam lhe deram os parabéns e a elogiaram. Fiquei tão inchada de orgulho que quase rebentei.

Clodagh cruzara-se com um homem com o qual costumava contactar no seu último emprego e estavam absortos à conversa, provavelmente com vista a uma nova relação profissional. Mais adiante, Maddy e Mike estavam a ter o que parecia uma conversa reservada, por isso fiquei satisfeita quando Ronan O'Meara me abordou.

– Já me tinha interrogado quando o iria ver. – Cumprimentei-o calorosamente. – Com tem passado?



– Bem, obrigado. – Tinha um ar cansado. – Cheguei agora mesmo. Grande festa, hã?

– Espetacular – concordei. – Farto-me de sorrir para pessoas que acho que conheço e só depois me dou conta de que são da televisão. Já viu a Maddy?

– Sim, mas apenas de passagem. Já percebi que está a ser muito solicitada.

Pouco tempo depois, Maddy apareceu e arrastou-o dali para o apresentar às suas colegas atrizes.

– Acabei de ser vítima de uma tentativa de sedução por parte de um modelo. – Mike surgiu a meu lado.

– Na minha festa de Natal juraste que não te envolverias com rapariguinhas novas. Se não me engano, o que argumentaste na altura foi que davam muito trabalho.

– Ah, mas isto foi diferente, o modelo era masculino. – Mike sorriu. – Por sorte, o Louis salvou-me. Mas foi por pouco. – Na brincadeira, limpou a testa com as costas da mão.

– Bom, eu estava a safar-me muito bem com um DJ mais velho até tu o teres afugentado. – Com o queixo apontei para um conhecido locutor de rádio de cabelo pintado de louro e calças de ganga justinhas.

– Ups, peço desculpa. Ainda por cima, vê-se logo que é o teu género. Estás muito bonita, a propósito – Sorriu. – Estás a gostar da festa?

– Estou a adorar – respondi.

– Ah, já me esquecia, o Louis quer convidar-vos às três para jantarem lá em casa no sábado à noite. Já tens algum compromisso?

– Não, estou livre. – Fiquei entusiasmada. – E a Maddy disse-me que estava a planear um fim de semana mais calmo, pois não tem parado desde o Natal. E na próxima semana terá a primeira folga desde que foi convidada para a série, portanto, eu diria que estamos combinados.

– Excelente. Depois confirmas com a Clodagh? – perguntou Mike. – A minha única missão era convidar-vos e, não tarda, o Louis, abater-se-á sobre

mim para saber se já a cumpri.– Olhou em redor e foi de imediato caçado por uma pessoa, por isso pedi licença e fui em busca de uma bebida.

Maddy apresentou-me a mais umas quantas personalidades e, quando dei por mim, a noite estava a chegar ao fim. Pela primeira vez desde que a conhecia, Maddy jurou que não aguentava de pé nem mais um minuto e dirigimo-nos para um canto onde podíamos sentar-nos e pusemos a conversa em dia.

– Caramba, se tiver de fazer mais conversa de circunstância com outro jornalista, vou precisar de uma injeção. – Fez uma careta.

– Onde está o Ronan? – inquiri. – Há uma eternidade que não o vejo.

– Teve de ir embora. Fiquei um pouco desapontada para te ser sincera. Pelos vistos, a Ellen está em Dublin e ele tinha de se encontrar com ela.

– Creio que se trata de um assunto importante – expliquei. – Por certo que ele depois te contará.

– Pois, de facto, mencionou que a vida dele estava um pouco complicada e que estava a braços com assuntos delicados e por mim tudo bem. Só não sei se ele e eu iremos a algum lado.

– Ainda gostas dele?

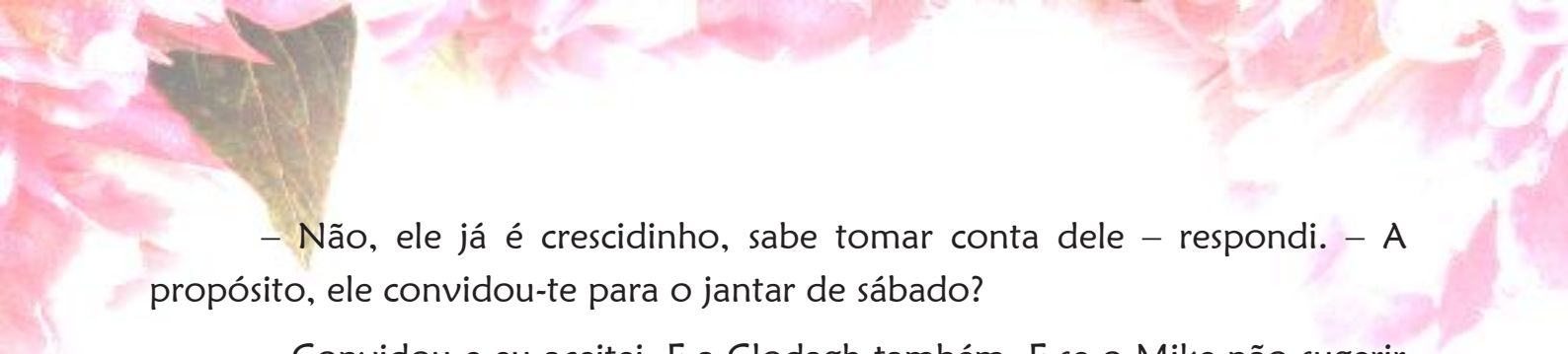
– Sim, gosto, mas, sabes que mais? Não morreria de desgosto se a coisa terminasse amanhã. De momento, estou felicíssima e a divertir-me muito com ou sem homem. É verdade, que achaste do nosso realizador? Um belo borracho, não é? Tal como eu disse.

– Se é, e tinhas razão, ele não tirava os olhos de ti. Mas agora é a tua vez de brilhar, tenho a certeza disso. Acho que fazes muito bem em avançar com toda a calma em relação ao Ronan e ver onde isso te leva – concordei.

– E o Mike? – sussurrou ela. – Também parece que não te larga.

– Sim, tivemos umas boas conversas. Mas, já viste, parece conhecer metade das pessoas que aqui estão, portanto, está sempre a ser requisitado.

– Pois é, e espera lá, aquela não-sei-quantas, a atriz daquela telenovela, *Fair City*, parece determinada a cravar as garras nele. – Maddy fez o seu ar de bruxa malvada. – Achas que vá lá salvá-lo?



– Não, ele já é crescidinho, sabe tomar conta dele – respondi. – A propósito, ele convidou-te para o jantar de sábado?

– Convidou e eu aceitei. E a Clodagh também. E se o Mike não sugerir um jantar contigo em breve, só vocês os dois, devo-te dez euros. Ele está interessado, ouve o que te digo.

– Talvez, mas até que não me importo de o conhecer primeiro um pouco melhor. Parece-te estranho? Estou a habituar-me a mim mesma de novo, ao meu novo eu, e aprecio o facto de ser mais descontraída, de não querer tudo para amanhã, entendes? Se bem que, uma noite de sexo apaixonado e louco com ele talvez seja aquilo de que estou a precisar, na verdade. – Olhei para Maddy e largámos as duas a rir. Clodagh, que acabara de se juntar a nós, exigiu que partilhássemos com ela a piada. Aproveitei a oportunidade para mencionar Paddy Russell e, para minha surpresa, ela recordava-se dele e classificou-o de «bastante atraente». Em resultado, Maddy decidiu que, para solteironas, até não nos estávamos a sair nada mal.

– Sabem que mais, por uma vez na vida, acho que não serei a última pessoa a deixar a festa. Estou completamente estafada – afirmou Maddy pouco tempo depois. – Que horas são?

– Já passa da meia-noite. Que dizem de nos fazermos à estrada? – sugeriu Clodagh.

– Só se pudermos passar no Burdock para comprar batatas fritas e nos sentarmos no muro perto do parque a comer – disse Maddy.

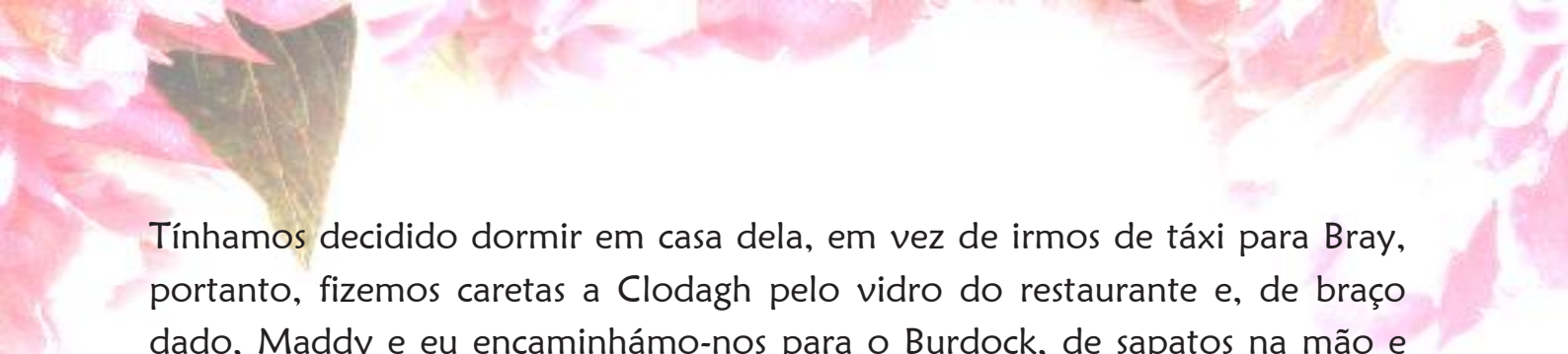
– Mas tu agora és uma estrela, não podes comprar batatas fritas e sentar-te num muro a comê-las de um saco de papel engordurado – trocei.

– Ai não? Pois já vais ver. Estou esganada.

– Também eu – declarei. – Vamos a isso.

Maddy beijou metade de Dublin à saída. Olhei de relance para Mike e vi-o ainda à conversa com a atriz da telenovela, por isso, despedi-me de Louis e garanti-lhe que voltaríamos a ver-nos no sábado.

Clodagh e o tipo com o qual estivera a falar antes decidiram ir até um pequeno restaurante ali pertinho, especializado em massas, e combinámos que eu passaria por lá a buscá-la dali a mais ou menos quarenta minutos.



Tínhamos decidido dormir em casa dela, em vez de irmos de táxi para Bray, portanto, fizemos caretas a Clodagh pelo vidro do restaurante e, de braço dado, Maddy e eu encaminhámo-nos para o Burdock, de sapatos na mão e um saco cada na volta do braço, recheado com os presentes que ela recebera.

Pedimos chá e batatas fritas e disputámos um último pedaço de hambúrguer que partilhámos. No final, acompanhei Maddy até à Catedral de Christchurch, o local onde os nossos caminhos se separavam. Ela abriu a janela do táxi e acenou-me com as flores e gritou que me adorava enquanto o táxi arrancava. Depois, fui ter com Clodagh, conforme combináramos, e no espaço de meia hora estávamos em casa e na cama.

Na manhã seguinte, acordei cedo, tomei um duche e apanhei um táxi para o consultório, onde deixara a mota. Estava a decidir se havia ou não de dar um pulo a casa para ir buscar umas coisas, uma vez que era ainda cedo, quando o telefone tocou. Era Tim Hynes, o jovem agente que estivera em minha casa há uns dias.

– Bom dia, gostaria de falar consigo. – O seu tom era sério. – Na verdade, até estou aqui à porta de sua casa.

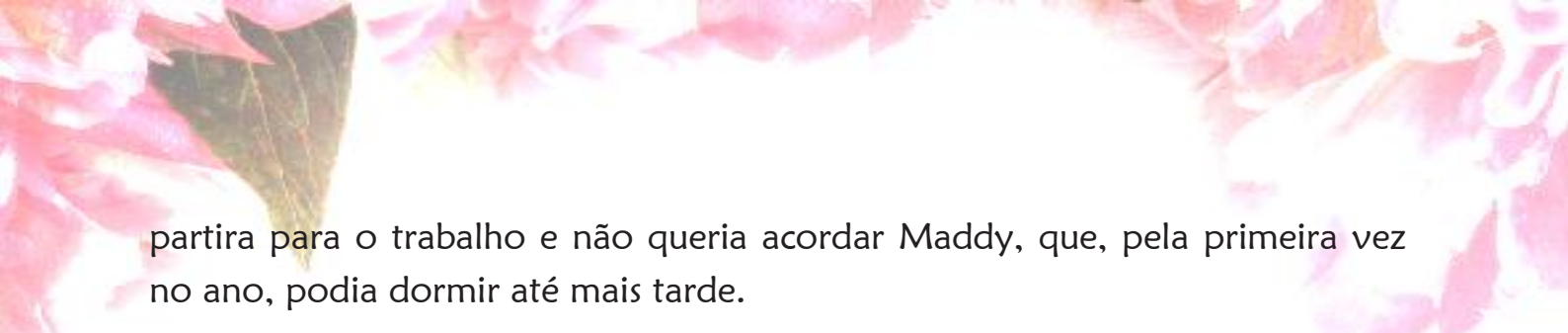
– Eu estou no trabalho, mas posso chegar aí em quinze minutos mais ou menos – respondi. – Está tudo bem?

– Preciso apenas de conversar consigo pessoalmente – respondeu ele. – Posso ir ter consigo, se lhe for mais conveniente.

– Não, seja como for, eu também preciso de ir a casa buscar umas coisas. – De repente, fiquei com um mau pressentimento. – A minha casa voltou a ser arrombada? – perguntei. – Ou passa-se alguma coisa com alguém da minha família? – Era tudo o que me ocorria.

– Não, não – apressou-se ele a dizer, por isso fiquei um pouco mais descansada. – Então, eu espero aqui por si, está bem?

– Claro, vou já a caminho. – Interroguei-me se teriam descoberto o intruso; talvez fosse isso. Pensei em telefonar a Maddy e a Clodagh para lhes dizer que talvez houvesse novidades em relação ao suposto arrombamento, mas Clodagh ia também a sair de casa para dar uma corrida quando eu



partira para o trabalho e não queria acordar Maddy, que, pela primeira vez no ano, podia dormir até mais tarde.

Vesti um casaco quente e fiz-me à estrada em dois minutos. Uma vez que ia no sentido oposto ao do trânsito matinal, cheguei à caravana num abrir e fechar de olhos. Tim Hynes e Clare Grogan saíram do carro-patrulha assim que me viram.

– Podemos entrar? – perguntou ela antes mesmo de eu ter acabado de tirar o capacete. – Precisamos de falar consigo.

– Sim, claro, mas, por favor, diga-me o que se passa. É por causa do intruso? – Abri a porta e entrámos os três.

Olhei para um e depois para outro, à espera. Tinha um pressentimento horrível em relação a tudo aquilo e as expressões sérias nos rostos dos agentes não me tranquilizavam em nada.

– Que se passa? – Nunca na vida quisera menos ouvir uma resposta. Muito embora não soubesse do que se tratava, tinha a certeza que não era bom.

– Houve um acidente a noite passada. Envolvendo a sua amiga Madeleine.

– O táxi? – Pensava em voz alta. – Ela está bem?

Clare Grogan tinha um ar esgotado.

– Não quer sentar-se?

– Diga-me, depressa, por favor – supliquei.

– Foi atropelada por um carro quando atravessava a rua perto de onde reside. Pelo que sabemos, o veículo não parou – contou Tim Hynes em voz baixa.

– Onde está ela agora? – Senti uma súbita e ridícula vontade de rir e de lhe dizer que Maddy iria explorar ao máximo o sucedido. Se depois da festa da noite anterior não aparecesse na primeira página dos jornais, de certeza que o acidente a colocaria lá.

– Lamento muito ter de dizer-lhe isto, mas ela não sobreviveu – anunciou Clare. – Morreu no local.



35

– DESCULPE, O QUE DISSE?

– É melhor sentar-se. – Fui amparada pelos dois ao sucumbir. Não que tivesse desmaiado; o meu estômago como que se virou do avesso e as pernas cederam e deixaram de sustentar o meu peso, por isso os joelhos dobraram-se e, quando os dois agentes me agarraram, percebi que iria vomitar, muito embora não tivesse ainda comido nada naquela manhã.

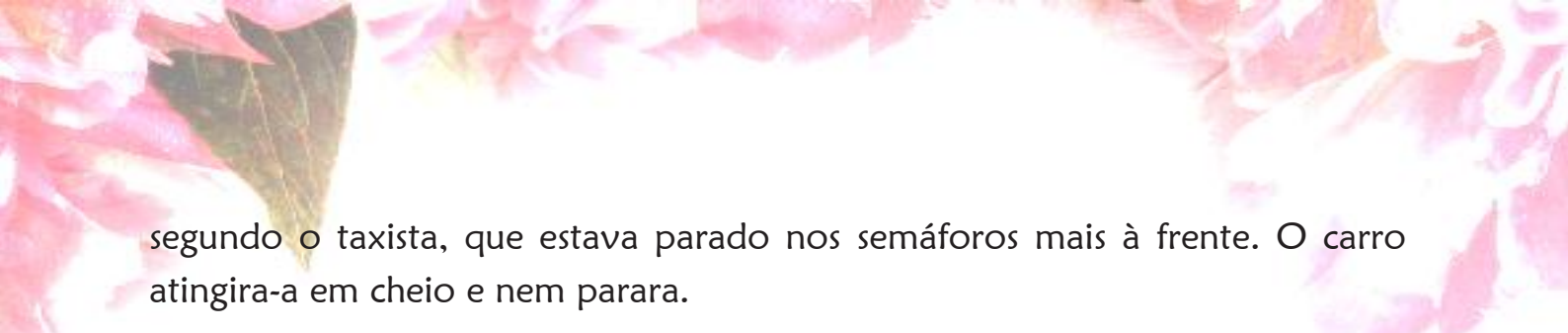
– Estão a dizer-me que a Maddy está morta? – Olhei de novo para um e depois para o outro, certa de que os ouvira bem, mas, ao mesmo tempo, igualmente convencida de que não poderia ter ouvido.

– Aconteceu uns vinte minutos depois de vocês se terem separado. – Tim Hynes parecia nunca se ter habituado a transmitir aquele tipo de notícias.

– Não, por favor, meu Deus. A Maddy não. – Lembro-me de ter ficado a olhar para eles, para o caso de não ser verdade, e depois, por fim, corri para a casa de banho. Deixei-me ficar uns momentos por lá, com a cabeça apoiada na louça fresca do lavatório, até ganhar coragem para lidar com tudo aquilo.

– Por favor, contem-me tudo, preciso de saber. – O meu coração batia com tanta força que tinha de fazer alguma coisa para tentar aquietá-lo, por isso sentei-me de novo rapidamente antes que os meus joelhos cedessem outra vez. Ainda acho que, na altura, acreditava que, quando soubesse de tudo, poderia fazer alguma coisa em relação a isso, podia resolver a situação.

Contaram-me então os pormenores do acidente, descrevendo os terríveis momentos que haviam posto fim à vida da minha melhor amiga. O táxi deixara-a perto de casa e, quando ela atravessava a rua, um carro dobrara a esquina a alta velocidade, conduzido por dois adolescentes,



segundo o taxista, que estava parado nos semáforos mais à frente. O carro atingira-a em cheio e nem parara.

– O taxista foi logo socorrê-la e chamou a ambulância. Ela foi depois levada para o Mater Hospital, mas já lá chegou sem vida – disse Clare.

– E a mãe dela? – O meu estômago voltou a contorcer-se quando pensei em Connie.

– Quando os agentes da polícia chegaram ao local, encontraram os documentos de identificação na mala dela e enviaram um carro a casa da mãe. A família foi então a correr para o hospital. Parece que houve um bocado de confusão, porque o taxista achava que ela ainda estava viva. Mas não, teve morte instantânea.

– Eu era o contacto ECE dela – referi, sorrindo ao recordar. – E obrigou-me a adicioná-la como sendo o meu. Porque ninguém me contactou?

– Aconteceu tudo tão depressa, que se calhar nem houve tempo.

– Então, ela não sofreu?

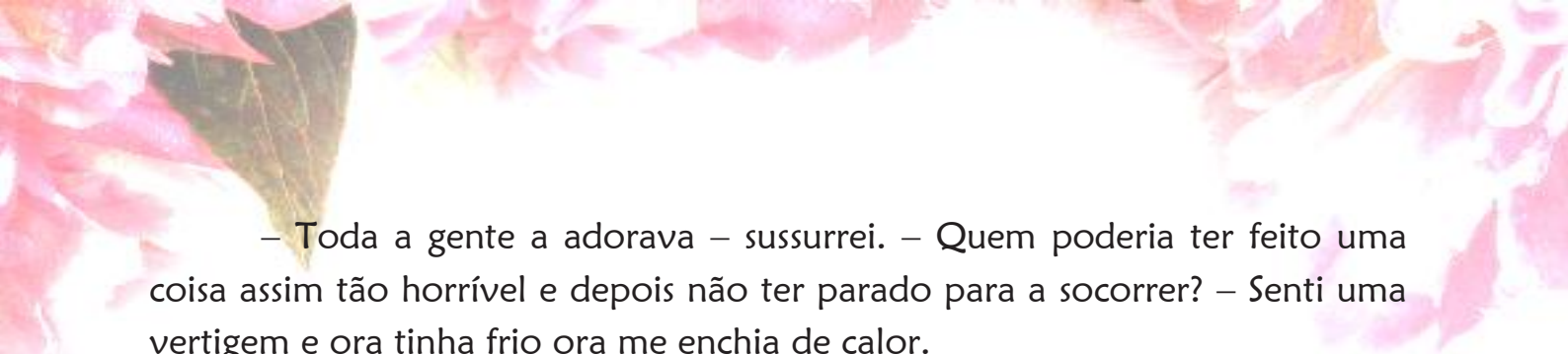
– Não creio, não. – Clare acocorou-se junto a mim.

– Como souberam que eu fui... a última pessoa a estar com ela? – O meu estômago deu mais uma volta. – E porque vieram falar comigo?

– O taxista disse aos meus colegas que ela estivera com uma amiga e que Madeleine lhe contara que acabara de vir da festa de lançamento da série em que estava a participar, por isso, eles foram ao clube e ficaram a saber que ela saíra na sua companhia. A mãe da Madeleine suplicou-nos que lhe déssemos a notícia pessoalmente e, para além disso, também precisávamos de lhe perguntar se aconteceu alguma coisa de invulgar. Discutiram com alguém ou houve assim alguma coisa que fizesse com que ela fosse seguida, por exemplo?

– Não. – Fiquei estupefacta. – Não estão a sugerir que a morte dela tenha sido mais que um acidente, pois não?

– Não. – Clare acariciou-me o braço. – Temos praticamente a certeza de que se tratou disso apenas, mas é que o carro parecia ir direito a ela, portanto, queríamos confirmar consigo só para sabermos se teria mais alguma informação relevante.



– Toda a gente a adorava – sussurrei. – Quem poderia ter feito uma coisa assim tão horrível e depois não ter parado para a socorrer? – Senti uma vertigem e ora tinha frio ora me enchia de calor.

– Sente-se bem? Quer que telefonemos a alguém?

– A Maddy seria a pessoa a quem telefonaria. – Olhei para o rosto da jovem agente e interroguei-me quantas vezes tivera de dar notícias assim. – Era a minha melhor amiga. Quando o táxi arrancou da praça, acenou-me adeus e gritou que me adorava. Dormiu na minha cama a noite antes da festa. Como pôde isto acontecer?

– Lamento muito, é um choque terrível, eu sei. Quer que lhe faça um chá?

Abanei a cabeça, pensando que, apesar de toda a experiência que tinha a lidar com situações de crise, nada me preparara para aquilo.

– A Clodagh – lembrei-me de repente. – É a nossa outra amiga. Tenho de lhe dizer antes que ela saiba da notícia de outro modo. Irá aparecer nas notícias?

– É provável, mas não foram ainda divulgados quaisquer nomes, por isso não se preocupe. Dê-me o endereço da sua amiga Clodagh. Nós enviamos um carro e trazemo-la até aqui, pode ser?

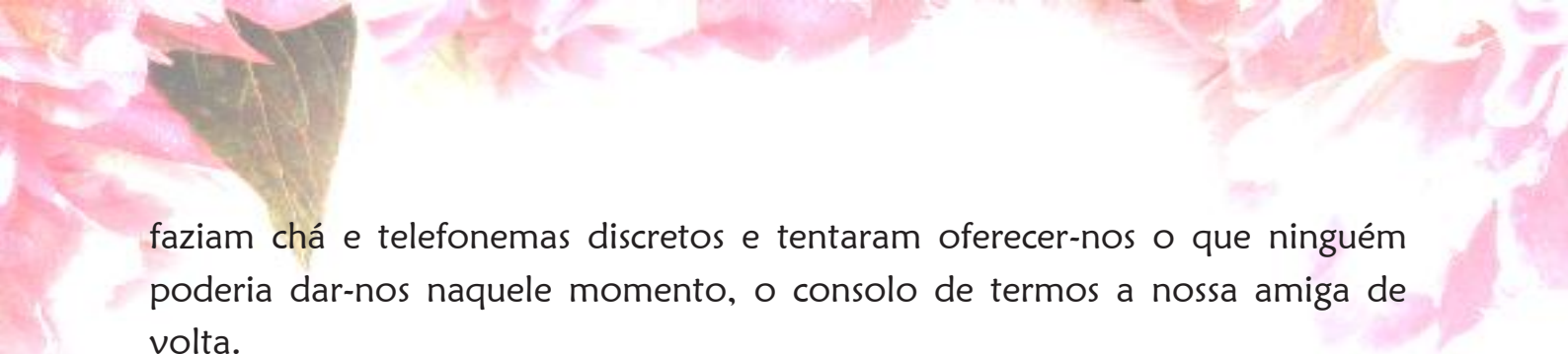
– Não, quero ser eu a dar-lhe a notícia. Pode levar-me até lá, se faz favor? – pedi a Tim Hynes. – Só tenho uma mota e não sei se serei capaz de conduzi-la agora.

– Com certeza. – Acenou com a cabeça e pôs-se de pé.

Nunca esquecerei a cara de Clodagh. Assim que me viu sair de um carro da polícia, percebeu que alguma coisa de mau se passava. Estava sentada à sua secretária, junto à janela, a trabalhar quando chegámos.

– Que foi? – perguntou assim que abriu a porta. – Lulu, diz-me, que aconteceu?

Quando lhe contei, Clodagh entrou na sala à nossa frente sem dizer uma palavra. Depois, sentou-se, apoiou os cotovelos nas pernas, a cabeça nas mãos e largou a chorar. Sentei-me ao lado dela e as lágrimas vieram por fim. Ficámos assim sentadas, abraçadas, uma eternidade, enquanto os dois agentes



faziam chá e telefonemas discretos e tentaram oferecer-nos o que ninguém poderia dar-nos naquele momento, o consolo de termos a nossa amiga de volta.

Por fim, começámos ambas a fazer telefonemas, simplesmente porque a imprensa tomara conhecimento da história e, uma vez que a série estava prestes a começar e o acidente acontecera quando uma das suas estrelas regressava a casa depois da festa de lançamento, o acontecimento era agora uma grande notícia.

Comecei por telefonar a Becky, que foi espetacular. Não sei porque fiquei tão surpreendida, mas a verdade é que fiquei.

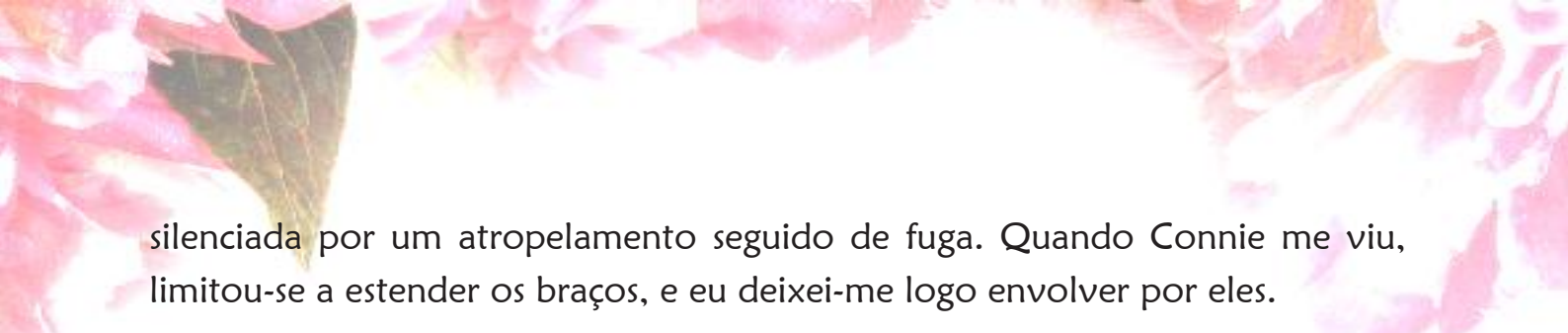
– Lou, isso é terrível, nem tenho palavras para exprimir o quanto lamento – disse ela. – Diz-me o que precisas? Eu telefono à mãe. Vai ficar transtornada, de certeza. Ela também gostava muito da Maddy. – Não parecia a minha irmã mais nova e era muito estranho que, por uma vez, estivesse a tomar conta de mim.

Prometi telefonar-lhe assim que soubesse de mais pormenores e depois senti que tinha de ir para junto de Connie, muito embora isso me aterrorizasse. Como seria de esperar, Clodagh quis vir também, por isso metemo-nos no carro dela e seguimos para lá.

A mãe de Maddy morava num bairro na zona norte de Dublin, numa vivenda de quatro assoalhadas com um bonito jardim e cortinas brancas de renda nas janelas. Uns quantos fotografos mantinham uma distância discreta e, do outro lado da rua, uma equipa de televisão montava arraiais, tornando o sucedido absurdamente real.

Assim que entrei, a primeira coisa que me impressionou foi o silêncio. A família de Maddy era uma espécie de versão pouco sofisticada dos Walton, como ela costumava dizer, e, nos primeiros tempos da nossa amizade, eu não me cansava de lhe perguntar, «Mas como pode alguém chamar sofisticados aos Walton?», ao que ela respondia, sem falta, «Nunca viste a minha família em redor da mesa do jantar». À medida que os fui conhecendo, com o passar do tempo, compreendi o que ela queria dizer.

Naquele dia, porém, a grande, barulhenta e agitada família de Maddy estava tão calada e sem vivacidade que dir-se-ia que tinha também sido



silenciada por um atropelamento seguido de fuga. Quando Connie me viu, limitou-se a estender os braços, e eu deixei-me logo envolver por eles.

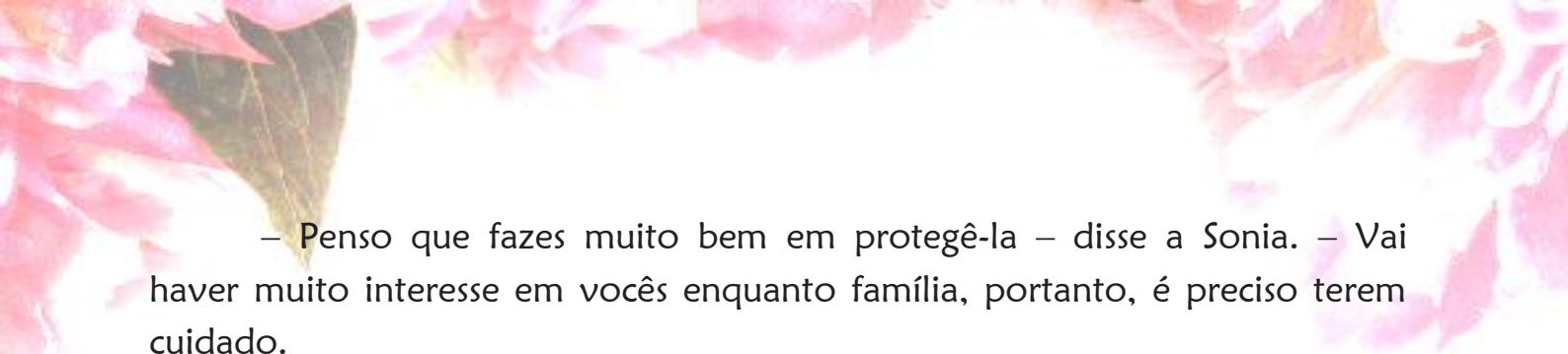
– Ah, Lulu, querida, como vou eu aguentar isto? Que vamos nós fazer sem ela, hã?

O resto das lágrimas que ainda não chorara irromperam então, jorrando como se alguém tivesse acabado de romper um cano até que tive de recuar e ceder algum espaço a Clodagh também. O mais irreal era que não via Connie desde o Natal, todavia, ainda na noite anterior, na festa, passara meia hora a falar com ela e ouvira-a elogiar Maddy e contar o quanto a família estava orgulhosa dela. Um a um, os membros da família vieram abraçar-me e chorar comigo e dizer-me o quanto ela me amava.

– Foi a última coisa que ela me gritou a noite passada – contei por entre as lágrimas a Carla, a irmã mais nova de Maddy.

Ao todo, eram sete filhos e Connie estava viúva há vários anos. Eram uma típica família pertencente à classe operária que vencera na vida. O marido de Connie trabalhara arduamente e poupara e conseguira comprar aquela casa pouco depois do casamento. Ao morrer, deixara uma pensão a Connie, mas esta arregaçara as mangas e arranjava um trabalho à noite para educar os filhos. Muito embora já só tivesse dois a viver com ela, ainda comandava a família como um patrão da máfia. Maddy e eu havíamos partilhado muitas piadas acerca da família dela ao longo dos anos e eu estivera presente em quase todos os momentos de celebração – casamentos, aniversários e batizados. Eram um grupo muito unido, viviam a vida uns dos outros, acolhiam os amigos uns dos outros e, muitas vezes ao longo dos anos, quando me sentira sozinha no seio da minha própria família, eles fizeram-me sempre sentir parte da deles. Não havia reunião familiar em que Connie não me recordasse: «Vem sempre que quiseses. Aqui é a tua segunda casa, querida.» Sabia que iria precisar desse consolo naquele momento.

– Lulu, estava aqui a interrogar-me, há mais alguém a quem devêssemos telefonar? – perguntou Sonia, a irmã mais velha de Maddy. – Os colegas dela da televisão estão todos em choque. Alguns dos executivos perguntaram se podiam vir expressar as suas condolências, mas eu disse-lhes que a minha mãe de momento não estava em condições para isso.



– Penso que fazes muito bem em protegê-la – disse a Sonia. – Vai haver muito interesse em vocês enquanto família, portanto, é preciso terem cuidado.

– Na verdade, queria perguntar-te se te importavas de seres tu a lidar com os media? É que nós não sabemos o que fazer e tu estás mais habituada a lidar com todo o tipo de situações.

– Sim, claro, farei o que puder para ajudar, sabes que sim. Sugiro que, de momento, deixem de atender o telefone, a não ser que saibam quem está a ligar. E talvez eu devesse colocar uma mensagem no atendedor a pedir a quem não for familiar ou amigo da família que ligue para o meu número. Parece-te boa ideia?

– Sim, sim, seria ótimo. Acho até que já houve vários pedidos para que um de nós fizesse um comunicado oficial – Suspirou. – És muito nossa amiga, Lou, obrigada. – E abraçou-me.

Preparava-me para arregaçar as mangas quando me lembrei de Ronan.

– Sabias que a Maddy estava interessada num rapaz? – perguntei a Sonia. – Já alguém falou com ele? Ele sabe o que aconteceu?

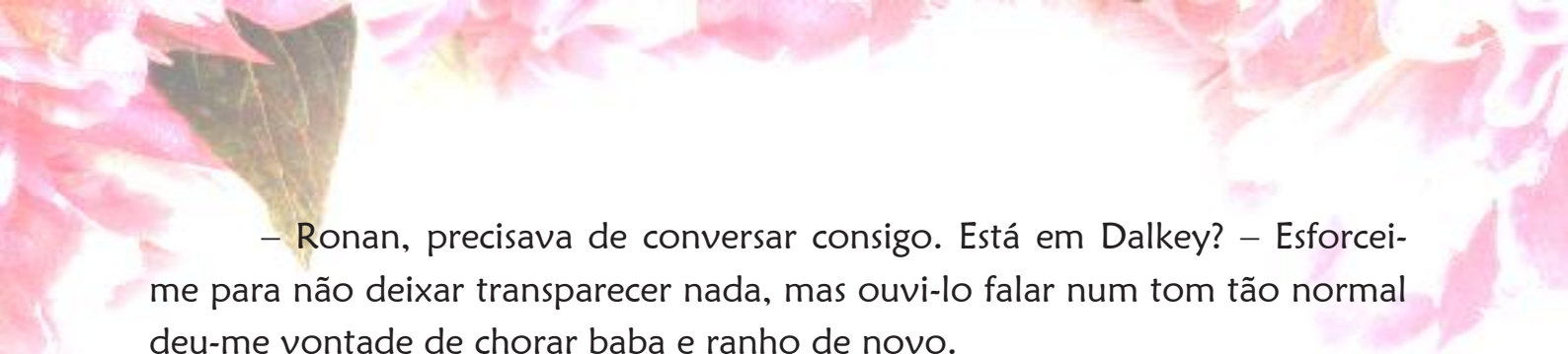
– Não, nem me lembrei dele tão-pouco, para ser franca. Só o conhecemos a noite passada. Que havemos de fazer? – Sonia tinha um ar aterrorizado.

– Eu falo com ele – afirmei. Não fazia ideia de como ele iria reagir à notícia. Só conseguia pensar que Ronan já tinha perdido uma mulher na vida. – Tenho de ligar a Ronan O'Meara – disse a Clodagh no corredor quando ela ia a passar com mais um tabuleiro carregado de chávenas de chá. – Não sei se ele já sabe.

– Oh, meu Deus, nem me lembrei dele. Não achas melhor uma de nós ir falar com o Ronan em pessoa?

– Sim, tens razão. Mas pode dar-se o caso de ele já saber. – Respirei fundo e marquei o número.

– Olá. – Pelo tom percebi que ele não sabia de nada. – Aposto que vocês as três estão de ressaca.



– Ronan, precisava de conversar consigo. Está em Dalkey? – Esforcei-me para não deixar transparecer nada, mas ouvi-lo falar num tom tão normal deu-me vontade de chorar baba e ranho de novo.

– Não, estou no carro, venho de uma reunião em Howth. Passa-se alguma coisa?

– Ainda está na zona norte ou já atravessou a ponte?

– Estou quase a chegar a Clontarf, porquê?

– Eu também estou na zona norte. Importava-se de parar no parque de estacionamento frente àquele café que fica junto à igreja? Eu estou aí em menos de cinco minutos.

– Está bem. Estou parado nuns semáforos que ficam a três ou quatro minutos da igreja, se for a que estou a pensar. – O tom dele era desconfiado.

– Lulu, aconteceu alguma coisa? Está com uma voz estranha.

– Conto-lhe quando chegar aí. – Foi tudo o que me ocorreu dizer. Não fazia a mais pequena ideia de como havia de lhe dar a notícia. Ronan já tivera mais do que a sua quota-parte de tragédias na vida.

Meti-me no carro de Clodagh e rumei a Clontarf. Ela ainda quis ir comigo, mas a verdade é que não o conhecia muito bem e eu achei que seria melhor dar-lhe a notícia num ambiente mais familiar e controlado.

O meu coração batia a mil à hora quanto cheguei ao local combinado.

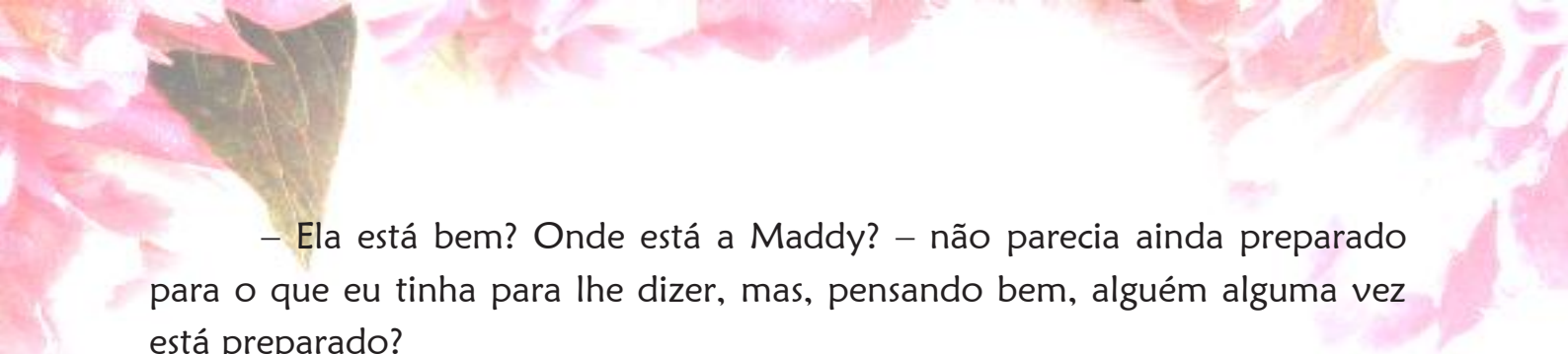
Vi-o de imediato, mas ele não me reconheceu num carro que nunca me vira conduzir. Estava ao telemóvel, conversando despreocupadamente. Fiz uma pequena prece e caminhei na direção dele.

– Olá, Lulu. – Inclinou-se por cima do banco do passageiro e abriu-me a porta. – Então, conte lá, que se passa?

– Ronan, é a Maddy. – Não sabia como começar.

– Que aconteceu desta vez? – Ronan sorria. Toda a gente sabia que Maddy estava sempre metida em algum drama. – Há pouco deixei-lhe uma mensagem, mas ela ainda não me respondeu.

– Houve um... acidente. A noite passada, no regresso a casa. Ronan, lamento muito, mas não tenho boas notícias.



– Ela está bem? Onde está a Maddy? – não parecia ainda preparado para o que eu tinha para lhe dizer, mas, pensando bem, alguém alguma vez está preparado?

– Não... – Não conseguia dizê-lo.

– Meu Deus, Lulu, que aconteceu?

– Ontem à noite, quando nos separámos, ela apanhou um táxi para casa. Ao atravessar a rua, veio um carro a grande velocidade e atingiu-a em cheio.

– Mas ela está bem? Está viva? – Falava tão baixinho que quase não o ouvia.

A bem dele, e meu, tinha de encontrar coragem para lhe dizer.

– Ronan, lamento muito. – Hesitei de novo, mas ele tinha de saber. – Ela não sobreviveu.

– Não. – Olhou-me fixamente. – Não – repetiu e abanou a cabeça. – Não, a Maddy não, ela tinha tanta vida.

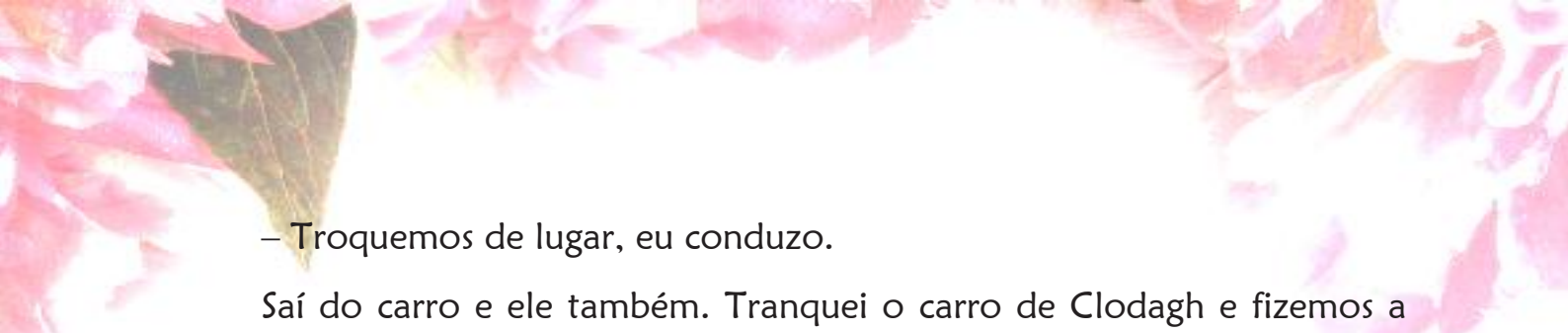
Comecei a chorar de novo e Ronan encostou a cabeça à minha e percebi que estava a chorar também.

– Venha comigo até casa da mãe dela – sugeri na esperança de que ele pudesse encontrar algum consolo no facto de estar perto daqueles que mais a amavam.

– Acho que não sou capaz – respondeu ele. – É estranho, porque não a conhecia tão bem quanto qualquer uma das amigas dela, na verdade, mas conversámos bastante estes últimos dias e até tínhamos planeado um fim de semana e agora... Isto é um choque tão grande. Nem acredito bem no que me está a dizer. – Tapou a cara com as mãos.

– Eu sei, é inimaginável. Acho que também ainda não caí em mim. De vez em quando, lembro-me e o choque é tal que é como se alguém me tivesse dado um murro no estômago. – Sabia que não podia deixá-lo assim. – Por favor, venha comigo até lá a casa, só por um bocado. A Connie, a mãe da Maddy, iria gostar muito de o ver – tentei de novo.

– Está bem. – Ronan estava atordado.



– Troquemos de lugar, eu conduzo.

Saí do carro e ele também. Tranquei o carro de Clodagh e fizemos a curta viagem em silêncio. Quando parei frente à casa, ele foi surpreendido pela quantidade de jornalistas e repórteres.

– Desculpe, devia tê-lo prevenido. O acidente, fosse como fosse, iria sempre aparecer nas notícias, mas com a série e a festa de lançamento a noite passada adquiriu ainda um significado maior. Sente-se bem?

Ronan acenou que sim e abandonámos o carro. Os fotógrafos dispararam algumas fotografias, mas fiquei com a impressão de que, não sabendo quem era quem, tiravam a toda a gente. Dentro de casa, Connie voltou a ficar transtornada quando viu Ronan e ele confuso ao ver-se rodeado por toda a família de Maddy, a maior parte da qual não conhecia.

Um agente da polícia que chegara logo a seguir a nós bateu à porta e veio alertar-nos de que haveria uma reportagem nas notícias da hora do almoço, para o caso de haver ainda alguém a quem precisássemos de dar a notícia. Voltei a confirmar com Sonia e ela garantiu que todos os familiares e amigos já tinham sido avisados, e que a produtora se encarregara de informar os colegas dela, incluindo os de *Southside Girls*, o último projeto em que estivera envolvida.

O meu telefone tocou. Era Mike.

– Está tudo bem? – perguntou assim que eu atendi. – Anda para aí a correr um rumor de que a Maddy esteve envolvida num acidente a caminho de casa. Acabei de ouvir isso e não consegui descobrir nada, por isso resolvi perguntar-te.

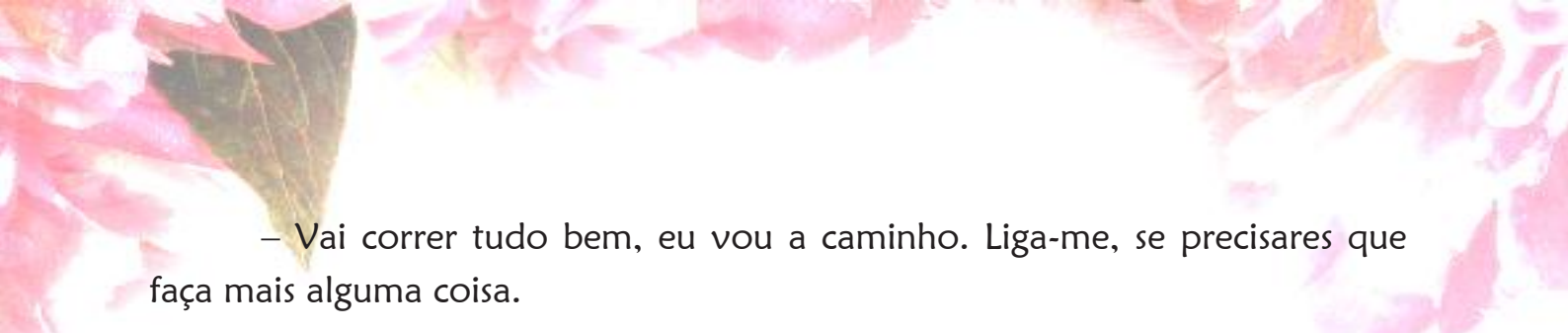
– Oh, Mike, é horrível. Não podia ter acontecido coisa pior. – Comecei de imediato a chorar e de repente queria tê-lo perto de mim.

– Diz-me – pediu ele em voz baixa. – Ela está bem?

– Morreu – foi tudo o que consegui dizer.

– Oh, meu Deus – sussurrou Mike e por um momento, nenhum de nós falou. Deve ter então pressentido o que eu estava a sentir, pois a seguir disse: – Onde estás? Vou ter contigo.

Dei-lhe o endereço da casa de Connie e ele disse simplesmente:



– Vai correr tudo bem, eu vou a caminho. Liga-me, se precisares que faça mais alguma coisa.

Desligou e a simples ideia de ele me vir apoiar, de estar presente, fez-me chorar ainda mais.

36

SÓ QUANDO O VI ME DEI VERDADEIRAMENTE CONTA do quanto precisava dele. Até então, fora sempre a Maddy que recorrera, fora sempre ela quem me amparara, e saber que ele largara tudo e viera ao meu encontro o mais depressa que pudera, concedeu-me a única réstia de consolo que sentira desde que ouvira a terrível notícia. Para além disso, sabia que Mike «entendera» Maddy – assim que os apresentara, percebera isso – e para mim isso significava que compreendia a minha perda.

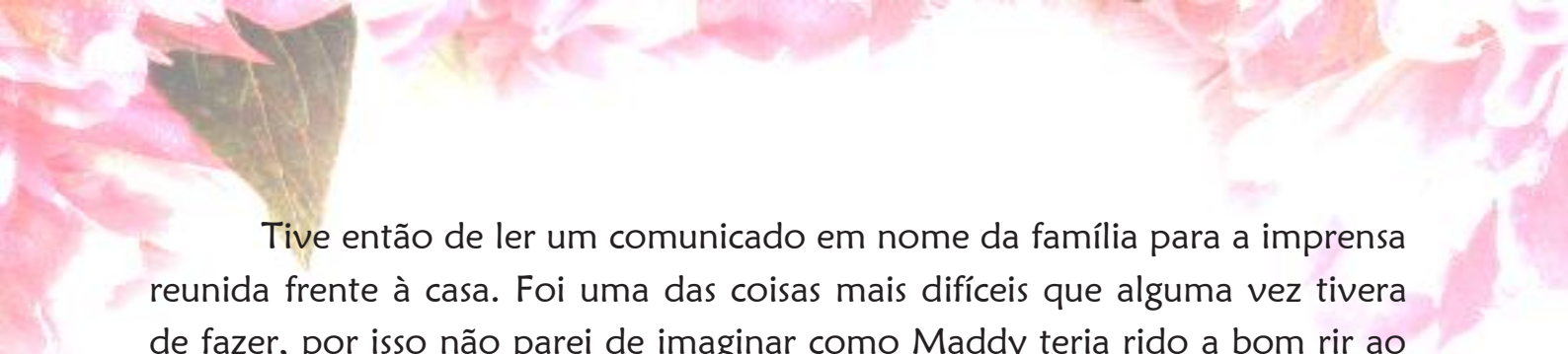
– Anda cá – foi tudo o que Mike disse ao entrar pela porta. Depois abraçou-me com tanta força que, pela primeira vez, senti que talvez conseguisse sobreviver a tudo aquilo. – Vai ficar tudo bem – repetiu ele uma e outra vez enquanto me passava a mão pelo cabelo. Quando, por fim, avistou Clodagh e foi ter com ela, senti-me fria sem ele.

Sentou-se ao lado de Connie e fez-lhe companhia durante uma eternidade e, quando lhes fui levar chá, reparei que estava a segurar-lhe a mão e a ouvi-la com toda a atenção.

– Obrigada, querida. Que faria eu sem ti? – De repente, tinha um ar tão envelhecido que fiquei chocada. Lembrei-me de todas as ocasiões em que Maddy, em tom jocoso, me dissera que toda a gente da família morria de medo de Connie. Naquele dia, eu morria de medo por ela. – Estás bem, querida? – perguntou-me ela. – Está sempre a tomar conta dos outros, nunca dela mesma – disse Connie para Mike. – A Maddy sempre disse isso.

Mike levantou-se e abraçou-me de novo.

– Eu tomo conta de ti – afirmou baixinho e deu-me um beijo na cabeça, e eu quis dizer-lhe que com ele me sentia segura, mas não tive coragem de o fazer.



Tive então de ler um comunicado em nome da família para a imprensa reunida frente à casa. Foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez tivera de fazer, por isso não parei de imaginar como Maddy teria rido a bom rir ao saber que eu iria aparecer nas notícias das seis da tarde. Fiz um discurso breve, afirmando simplesmente que a família estava destroçada e em choque e que a todos pedia algum espaço e privacidade. A polícia pedira-me também para apelar a que quaisquer testemunhas do acidente se dirigissem a uma esquadra, principal motivo pelo qual o comunicado fora feito.

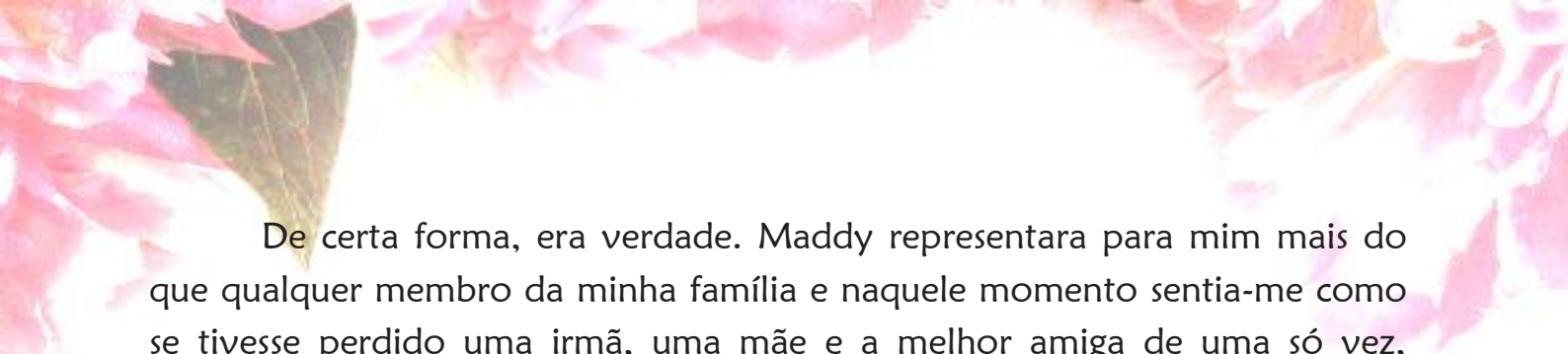
Mais tarde, Connie decidiu que queria assistir às notícias para ver o que diziam. Mostraram imagens de Maddy na nova série, para as quais eu não estava preparada, muito embora tivéssemos sido advertidos de que iriam ser passadas. Consegui engolir as lágrimas, mas quando surgiram outras imagens da festa de lançamento na noite anterior, em especial uma de nós as duas a rir, com o braço em redor dos ombros uma da outra, não aguentei. Tive vergonha de mim, por chorar frente à família dela, que tentava bravamente manter a compostura. Mike surgiu por trás de mim de repente e passou-me a mão nas costas.

– Recorda-a assim – murmurou para o meu cabelo. – Era o que ela haveria de querer. – Acenei que sim com a cabeça e, quando olhei para Connie, vi que também tinha o rosto banhado em lágrimas.

Ronan O'Meara partiu pouco tempo depois. Não devia saber muito bem como lidar com tudo aquilo, suspeitei. Embora fossem bastante chegados, Maddy e ele mal haviam começado a namorar; contudo, ele agora via-se subitamente empurrado para o papel de namorado sofredor. Mantivera-me sempre atenta a ele, portanto, ao pressentir que ele precisava de espaço para respirar, encorajei-o a ir-se embora.

– Não sei ao certo qual é o meu papel em tudo isto – disse-me, confirmando as minhas suspeitas. – Quero fazer o que ela tivesse querido que eu fizesse.

– Então, e que tal se o Ronan e eu nos mantivéssemos juntos durante o funeral? Dessa forma, podemos ficar perto da família, mas sem empatarmos – sugeri. – Para lhe ser sincera, também não sei o que fazer.



De certa forma, era verdade. Maddy representara para mim mais do que qualquer membro da minha família e naquele momento sentia-me como se tivesse perdido uma irmã, uma mãe e a melhor amiga de uma só vez, contudo, não éramos sangue do mesmo sangue, por isso também não fazia ideia de qual era o meu papel.

– Isso seria ótimo, obrigado. Manter-me-ei em contacto, se não se importar? – O seu olhar era distante. – Só para o caso de ser preciso fazer alguma coisa. Ir buscar parentes, fazer algum recado, esse tipo de coisas. Já passei por isto, por isso sei o quanto podemos ficar baralhados, esquecendo até as coisas mais básicas.

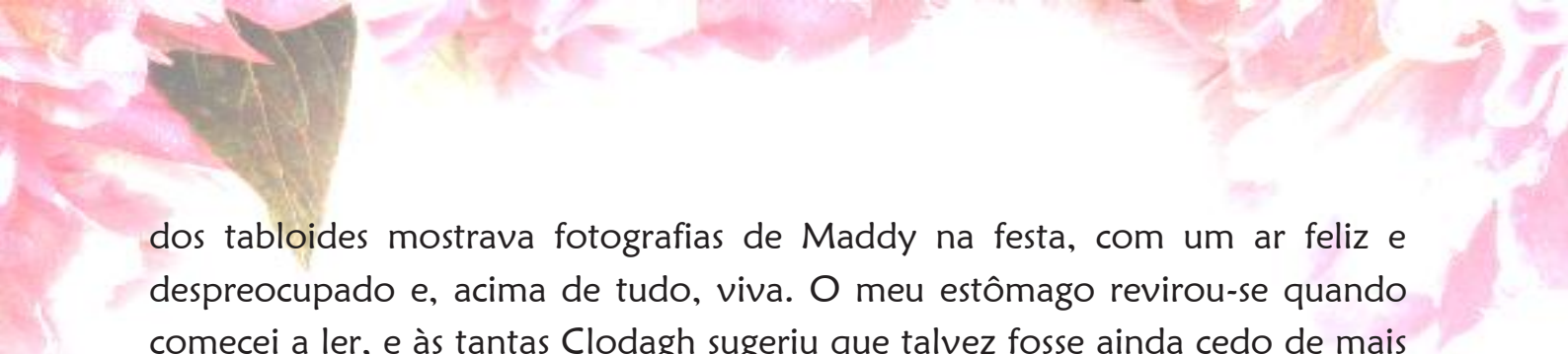
Abracei-o e ele manteve o abraço durante bastante tempo. Interroguei-me mais uma vez se um relacionamento entre ele e Maddy teria resultado. Sob muitos aspetos, Ronan não estava preparado e o facto de não ter partilhado quase nada com ela dizia tudo.

Cerca de uma hora depois, Mike levou-nos, a mim e a Clodagh, até ao parque de estacionamento onde eu deixara o carro dela. Tínhamos decidido que eu ficaria em casa de Clodagh, pois dessa forma estaríamos mais perto da família, caso precisassem de nós. Mary dissera-me que não me preocupasse com *Pete*, pois tomaria conta dele. Fora de uma ajuda inestimável: telefonara a todos os meus clientes a explicar o sucedido e deslocara-se a Bray para me ir buscar roupa e outras coisas de que precisava.

Mike acompanhou-nos a casa e depois insistiu em ir buscar comida, por isso acendemos a lareira e enroscámo-nos no sofá e quando ele regressou comemos piza, embora nenhum de nós os três tivesse fome, e recordámos a nossa amiga.

Pouco tempo depois, ele foi-se embora, não sem antes me obrigar a prometer que lhe telefonaria se precisasse de alguma coisa. Na manhã seguinte, tinha de ir a Londres em negócios, mas cancelara todas as reuniões que conseguira e planeava regressar ao fim do dia.

O dia seguinte foi ainda mais difícil, principalmente porque nem Clodagh nem eu tínhamos dormido grande coisa, e também porque a realidade nos caiu por fim em cima. Para mim, tal aconteceu assim que vi os jornais. A história fazia as primeiras páginas de toda a imprensa e a maioria



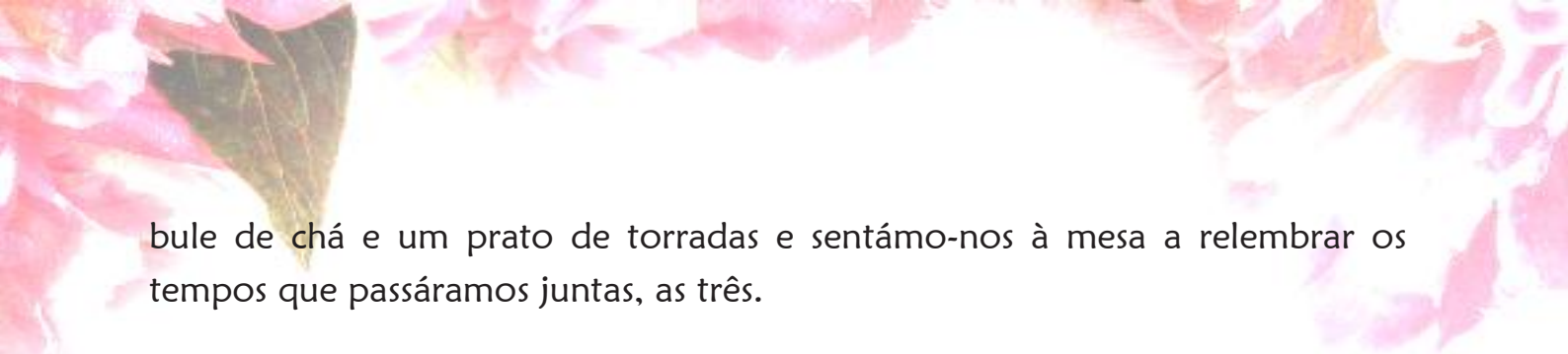
dos tabloides mostrava fotografias de Maddy na festa, com um ar feliz e despreocupado e, acima de tudo, viva. O meu estômago revirou-se quando comecei a ler, e às tantas Clodagh sugeriu que talvez fosse ainda cedo de mais para aquilo, por isso concordámos em deixar os jornais de lado até nos sentirmos com mais forças.

Mike foi-se mantendo em contacto, tal como Ronan, e recebi também mensagens muito carinhosas dos meus clientes, entregues por Mary, que me comprou uma planta lindíssima à qual acrescentou um cartão que dizia que devia colocá-la perto da janela da cozinha para me lembrar sempre dela. Emily foi ao consultório deixar um cesto recheado de petiscos caseiros para a família, Louis apareceu com um braçado de flores brancas e chorou comigo, pois também gostava muito de Maddy, e até Denis Cassidy me enviara uma lindíssima carta, acompanhada de uma rosa. Cada mensagem comovia-me e a facilidade com que as lágrimas corriam mostrava-me que chorava por tudo o que Maddy representara na minha vida e de que só me dava conta com a morte dela.

A multidão de pessoas que compareceu ao velório foi um choque maior para Connie do que para os restantes de nós, uma vez que estivera muito resguardada no último dia. A pequena cerimónia acabou por demorar quase duas horas, pois a fila de pessoas que queriam transmitir as suas condolências e oferecer apoio parecia interminável, incluindo alguns rostos conhecidos com que Maddy trabalhara na televisão.

Ninguém dormiu muito a seguir a isso, suponho. Quando Clodagh chegou à cozinha pouco tempo depois de mim na manhã seguinte, pouco antes das seis da manhã, o céu ainda não clareara. Estava sentada à mesa, a rever as palavras que Connie me pedira que dissesse no final do serviço religioso. Interroguei-me em voz alta se seria capaz de as proferir sem me ir abaixo.

– Sim, serás – assegurou-me Clodagh. – És uma das pessoas mais fortes que conheço. – Tirou-me a caneca de chá frio que tinha à frente, fez um novo



bule de chá e um prato de torradas e sentámo-nos à mesa a relembrar os tempos que passáramos juntas, as três.

Quando chegámos à igreja, Mike já lá estava, com um aspeto muito diferente do habitual, num magnífico fato escuro feito à medida e camisa branca; a gravata dele era o único toque de cor numa multidão carregada e cinzenta.

– Só conseguia ver um mar de preto, até te ter avistado – disse-lhe. – Fico contente que tenhas posto essa gravata. A Maddy teria aprovado.

– Como todas as coisas na minha vida que gritam «reparem em mim», foi escolhida pelo Louis. – Sorriu. – Ele está por aí algures e, se achas que isto é berrante, espera até veres o casaco dele. Não é para pessoas impressionáveis.

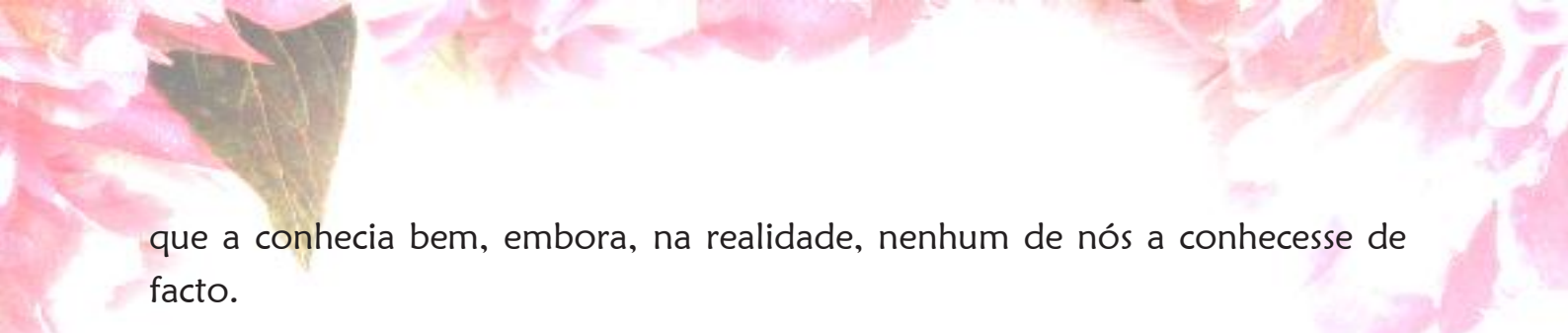
Sorri, aliviada com a distração e diversão que as palavras dele traziam ao meu cérebro embotado pela dor. Seria essa mesma a intenção dele, imaginei.

– Acho que o vi quando chegámos. – Sorri. – Lá garrido é o casaco, sim.

– Bom, ele alegou que se cruzara com a Maddy no dia em que o comprara, mesmo antes da tua festa de Natal, e que ela adorara o casaco. Parece que estava a guardá-lo para uma ocasião especial e, como desde que soube do acidente tem andado meio desnortado, quando esta manhã anunciou que o ia vestir, porque ela haveria de gostar que ele o fizesse, não tive coragem de lhe dizer que não era o mais apropriado.

– Ele está bem? – perguntei. – Até me esqueci que tudo isto iria trazer ao de cima recordações de quando o Emerson morreu, e não foi assim há tanto tempo.

– Pois é – concordou Mike. – Acho que está a ser difícil para ele. Não só por causa do Emerson, mas porque o Louis também gostava muito da Maddy. Ela tinha aquela maneira de ser muito franca e aberta, de quem não estava para rodeios ou formalidades, e uma pessoa ficava com a sensação de



que a conhecia bem, embora, na realidade, nenhum de nós a conhecesse de facto.

– A quem o dizes. – Esbocei um sorriso triste. – Era apenas um dos inúmeros talentos dela. Quando eu me punha às voltas com determinado assunto, ela dava-me um minutos ou dois, no máximo, e depois dizia-me que estava só a dizer disparates e mostrava-me por A mais B qual era a verdadeira questão. No início, quando a conheci, isso dava comigo em doida, mas com o passar dos anos, comecei a contar cada vez mais com isso e, sempre que tinha um problema, dava comigo a querer telefonar-lhe, pois era certo e sabido que ela deslindava o assunto em três tempos.

– Como te tens estado a aguentar? – Esticou o braço e puxou-me contra ele. Parecia saber ao certo quando eu precisava de um braço forte em redor de mim.

– Obrigada, estava mesmo a precisar disso – disse para o peito dele e, quando Mike afrouxou o abraço ligeiramente e me inclinou a cabeça para olhar para mim, vi uma pessoa conhecida avançar na minha direção.

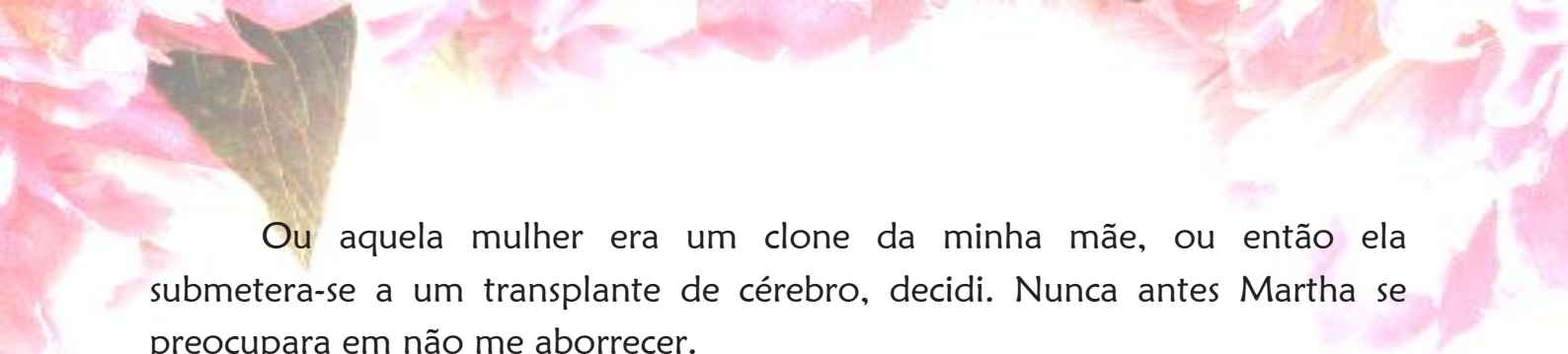
– Mãe? – disse, confusa. Senti-me retesar um pouco, o que contradizia o meu primeiro pensamento, que foi, «Ainda bem que vieste, preciso de ti».

Mike deu meia volta ao mesmo tempo que a minha mãe se abateu sobre mim. Agarrou-me, mas não me abraçou de imediato, segurando-me à distância de um braço e declarando:

– Está tudo bem, querida. Vai ficar tudo bem, prometo.– O meu ar devia ser de espanto, pois também ela me inclinou o rosto, embora talvez para me recordar de quem era. – Que coisa terrível, estou absolutamente arrasada. – Abraçou-me então e só naquele momento me dei conta de que a minha irmã Becky vinha com ela. Também ela me abraçou, o que contribuiu ainda mais para a minha estupefação, pois a minha família não era nada dada a abraços.

– Como vieste, quero dizer, quando? – perguntei a Martha.

– Esta manhã. Tive um problema com os voos de ligação, por isso não tinha a certeza se chegaria a tempo e foi por isso que não te avisei. – Sorriu. – Não queria que ficasses aborrecida, se eu afinal não conseguisse vir.



Ou aquela mulher era um clone da minha mãe, ou então ela submetera-se a um transplante de cérebro, decidi. Nunca antes Martha se preocupara em não me aborrecer.

– Vemo-nos mais tarde. – Mike fez tentações de se afastar, mas eu agarrei-o pelo braço, com uma força desmedida, dei-me conta alguns segundos mais tarde, quando ele forçou os meus dedos a soltarem-no.

– Não – argumentei imediatamente e ele quase tombou para a frente com a pressa com que o puxei para mim. – Gostava de te apresentar a minha família. Este é o Mike, um... cliente meu, mas também um amigo, e tem sido fantástico desde... que tudo isto aconteceu. – Foi tudo o que me ocorreu dizer.

Martha aferrou-se a ele num instante como se tivesse garras, mas também, pensando bem, nunca fora mulher de deixar escapar um homem, a menos que não conseguisse.

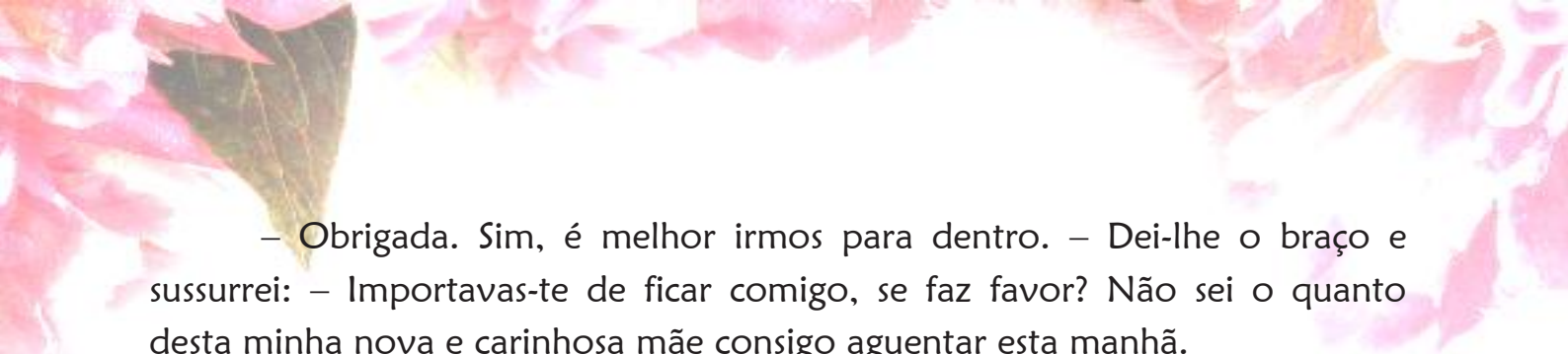
– Obrigada. Muito obrigada. – Não parava de soltá-lo e de agarrá-lo de novo. – Fico muito contente por saber que alguém tem tomado conta dela por mim.

Foi uma afirmação tão descabida que quase me fez rir; e isso teria acontecido, não tivesse soado completamente a falso. A minha mãe mal sabia o meu número de telefone, nunca se lembrava do meu aniversário e teria dificuldades em reconhecer-me num alinhamento policial, tal era o ror de anos que se haviam passado desde a última vez que nos víamos.

– Muito prazer. – Mike apertou-lhe a mão assim que ela o largou.

Becky tomou então conta da situação, graças aos céus, e explicou que quando a nossa mãe soubera da notícia, decidira que precisava de ver as suas filhas.

– Se calhar, era melhor irmos entrando – fez notar Mike, apontando para a quantidade cada vez menor de pessoas à porta da igreja. – A propósito, o Ronan telefonou a dizer que, se calhar, ia chegar um pouco atrasado, que não esperássemos por ele.



– Obrigada. Sim, é melhor irmos para dentro. – Dei-lhe o braço e sussurrei: – Importavas-te de ficar comigo, se faz favor? Não sei o quanto desta minha nova e carinhosa mãe consigo aguentar esta manhã.

– Claro. – Sorriu. – Famílias, hã? São um gosto adquirido. Pelo menos a minha é. Ainda assim, deves estar muito contente por ela ter vindo. Onde vive ela? Já me disseste, mas esqueci-me.

– Em San Diego – murmurei. – Sim, a Martha é definitivamente um gosto adquirido, acredita.

– É uma mulher muito bem-parecida, apesar de tudo – comentou, piscando-me o olho.

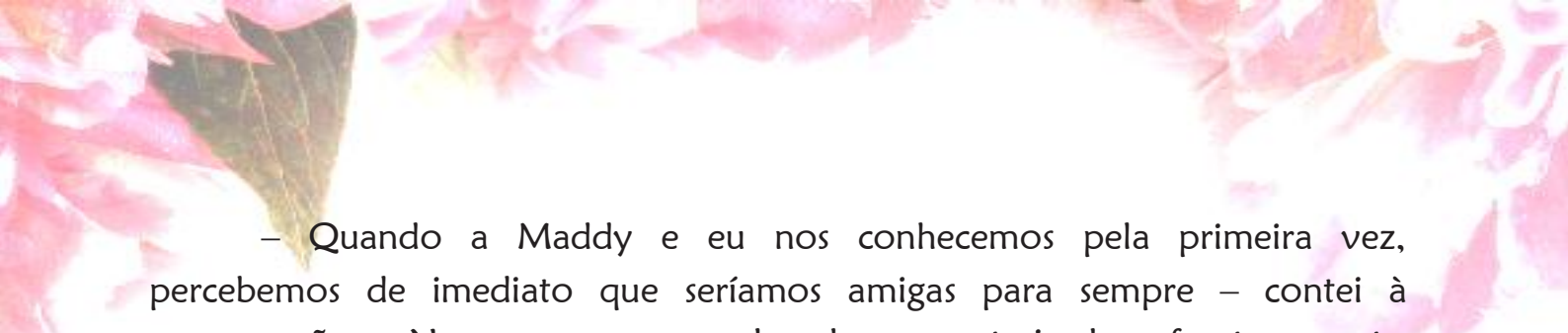
Ao observá-la de novo, percebi por que motivo não a reconhecera. Martha tinha um ar normal. Normal para uma mulher da classe média e endinheirada. O decote do vestido era discreto – mais ou menos –, não se carregara de joias e a altura dos saltos dos sapatos era razoável. Contudo, alguma ela estaria a tramar, caso contrário, porque teria aparecido, assim sem mais nem menos? Dei-me conta de que precisava de Maddy para perceber o que se passava. Ela arrancaria a história toda a Martha num abrir e fechar de olhos.

37

QUALQUER PESSOA QUE ASSISTISSE À CERIMÓNIA ficaria com uma verdadeira noção de quem Maddy era, mesmo que não a conhecesse. A família fizera um trabalho maravilhoso a organizar tudo, apesar do choque e da dor. Sempre soubera que eram um grupo unido, porém, o serviço religioso quase parecia fruto de uma operação militar. Dir-se-ia que toda a gente tinha um determinado papel a desempenhar. As colegas de Maddy começaram por se dirigir ao altar com lembranças da vida dela como atriz e cada qual explicou à congregação a importância das mesmas. Não faltaram risadas chorosas, em especial quando a detestável rede para o cabelo, que ela usara durante tanto tempo na série *Southside Girls*, fez a sua aparição. Toda a gente que conhecia Maddy sabia o quanto ela a odiava. «Assim que gritam “corta”, arranco-a da cabeça. As raparigas da maquilhagem ficam furibundas», contou-me ela certa vez, «porque assim que o faço, o raio do realizador pede para repetirmos a tomada e elas têm de me arranjar o cabelo de novo, mas eu estou-me nas tintas.»

Os irmãos e irmãs encarregaram-se da oração dos fiéis, cada qual direcionada especialmente a Maddy, por isso rezámos por tudo o que lhe era querido. O sobrinho preferido dela, e único afilhado, levou então as oferendas enquanto um coro de *gospel* cantava e a congregação se esforçava por conter as lágrimas. Maddy adorava cantar e costumava cirandar pela casa a bater palmas e a cantarolar «Oh Happy Day», e sempre dissera que gostava de ter nascido negra para poder cantar *gospel* como devia ser.

Mesmo antes do final da missa, fui chamada a dizer umas palavras e tornou-se óbvio que Martha ficou encantada por eu ter sido escolhida para falar. Estava ensanduichada entre ela e Mike e, ainda o padre não terminara de falar, já ela me acotovelava para me levantar.



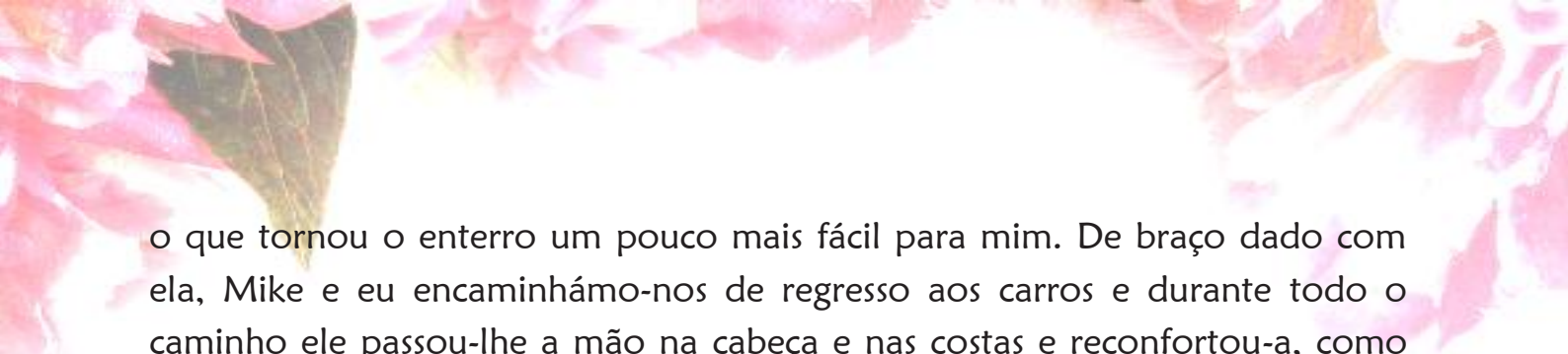
– Quando a Maddy e eu nos conhecemos pela primeira vez, percebemos de imediato que seríamos amigas para sempre – contei à congregação. – Nunca me passou pela cabeça que teria de enfrentar o resto da vida sem ela. A Maddy dormiu na minha cama na noite antes de morrer, abdicou do jantar de Natal com a sua querida família porque eu embarcara numa aventura da qual ela queria fazer parte e as últimas palavras que me disse na noite em que morreu foram «Adoro-te, querida!». – Vi Connie começar a chorar, por isso resolvi falar de coisas mais gerais e alegres, como o facto de ela ser uma terrível cozinheira e a mania que tinha de falar com qualquer pessoa, fosse um sem-abrigo sob a arcada da Halfpenny Bridge ou as super-estrelas com as quais se cruzava na sala de maquilhagem, pois Maddy tratava toda a gente da mesma forma.

«Não tenho palavras para exprimir o quanto vou sentir a falta dela – afirmei à medida que me encaminhava para o final do meu discurso. – Tínhamos tantos planos maravilhosos e tresloucados e, de certa forma, eu construía os meus sonhos em torno dela. – Tinha mais para dizer, mas, de repente, foi como se me tivesse dado conta de que todos os meus sonhos haviam morrido com ela naquela noite. Ou, pelo menos, era isso que eu sentia, por isso calei-me e pendi a cabeça e deixei que as lágrimas tombassem. As minhas pernas recusaram-se a mexer quando tentei abandonar o altar. Vi então o padre levantar-se, mas Mike chegou ao pé de mim primeiro. Colocou um braço em redor das minhas costas e a mão no meu cotovelo e conduziu-me até ao banco.

– Não vou conseguir ir ao cemitério – disse-lhe assim que nos sentámos.

– Não tem importância – respondeu ele. No entanto, quando a multidão se começou a perfilar atrás do caixão, veio tanta gente dizer-me que era como se me conhecessem de ouvirem Maddy falar de mim e elogiar-me, ou simplesmente abraçar-me e dizer, «Não desista dos seus sonhos, ela com certeza que não quererá isso» que, quando o cortejo começou a avançar para o cemitério, percebi que tinha de ir até ao fim e depositar a minha rosa branca sobre o caixão dela e pedir-lhe que tomasse conta de mim.

No final, foi Clodagh quem quase desabou quando o caixão começou a ser descido, por isso fui obrigada a concentrar todos os meus esforços nela,



o que tornou o enterro um pouco mais fácil para mim. De braço dado com ela, Mike e eu encaminhámo-nos de regresso aos carros e durante todo o caminho ele passou-lhe a mão na cabeça e nas costas e reconfortou-a, como fizera comigo.

– Obrigada por me teres salvo no altar – agradeçi-lhe quando chegámos ao hotel para almoçar com a família e amigos e todos quantos haviam vindo de longe ou tinham tempo para despende.

– Adoraria receber os louros por isso, mas, para ser sincero, se calhar não o teria feito, não fora a tua mãe correr-me praticamente a pontapé para fora do banco. – Sorriu. – Seria de esperar que fosse ela, ou a tua irmã, a ir buscar-te, mas pareciam ambas paralisadas e de repente dei por mim na nave central com um pé colado ao traseiro.

Desatei a rir às gargalhadas. Era tão típico da minha mãe e da minha irmã serem umas imprestáveis numa situação de crise. E, em todo o caso, quando havia necessidade de chorar em público, era habitualmente uma delas que o fazia, portanto, nem uma nem outra sabia como reagir quando quem chorava era eu e elas se viam a braços com a tarefa de cuidar de mim.

– Sobrestimas de facto a minha família, se achas que uma delas teria ido salvar-me – fiz notar a Mike.

– Não é que eu não o tivesse feito, pois fiz, como se viu, apenas achei que competiria a uma delas.

– Bom, obrigada ainda assim por teres aceitado o pontapé no traseiro com tanta graciosidade. Por um instante, foi como se não soubesse andar, não conseguia pôr um pé à frente do outro. Estranho, tendo em conta que estava tão nervosa e desejosa de me pisgar dali.

– Estiveste perfeita – elogiou Mike. – Se quando eu morrer, alguém falar de mim com o mesmo carinho e amor que tu, ficarei felicíssimo.

– Bom, eu diria que nessa ocasião estarás demasiado morto para te importares com o que dizem, não achas? Mas aposto que o Louis até pagaria para fazer um discurso dramático no teu funeral, e aposto também que iria ficar registado para a posteridade. – Soltei uma risadinha ao ver Mike fazer uma expressão de completo terror.

– Se, alínea *a*, tu ainda fores viva, alínea *b*, ainda falares comigo e, alínea *c*, permitires que o Louis intervenha, sob que forma for, nos preparativos do meu funeral, ter-me-ás à perna para o resto da vida – ameaçou-me. – E o *Pete* não te servirá de nada porque eu serei um fantasma e, acredita, assombrar-te-ei sem piedade.

Connie juntou-se a nós para me agradecer pelo discurso e eu contei-lhe que a minha mãe empurrara Mike para fora do banco para me ir buscar.

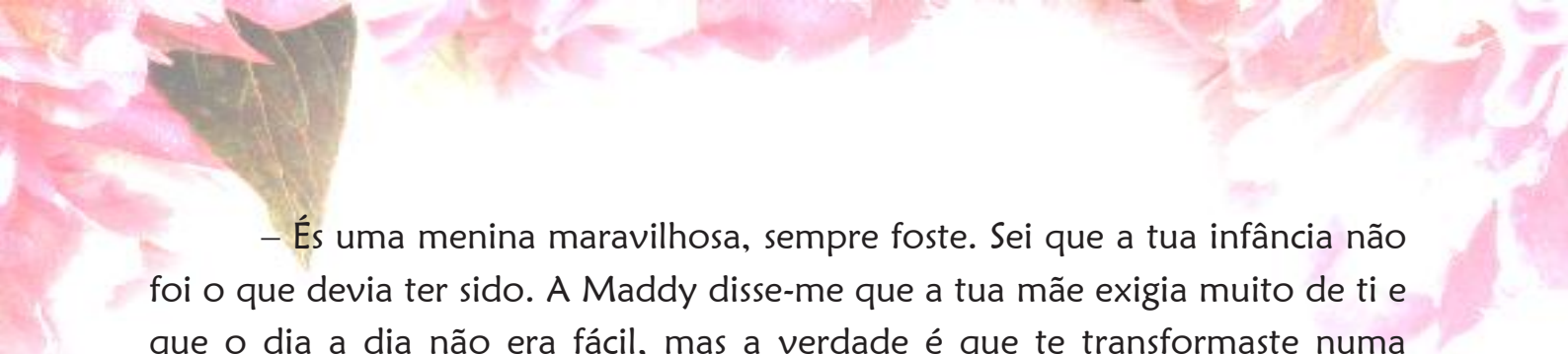
– A tua mãe está mudada – disse ela apenas. – Creio que sente saudades das suas meninas e quer tê-las presentes mais na sua vida.

– Não seria capaz de confessar isto frente a muita gente, mas tenho de dizê-lo, e, depois de hoje, o Mike já ficou com uma ideia de como a minha família é disfuncional, mas, nos últimos dez anos, a Connie tem sido mais uma mãe para mim do que a Martha alguma vez foi. – Por mais estranho que parecesse, não fiquei triste ao dizê-lo e, de certa forma, tal demonstrava bem o quanto progredira.

– Anda cá, minha querida, e dá-me um abraço. – Fiz o que ela me pediu e Connie apertou-me com força. – Já sabes, sem ser preciso que to diga, que podes contar sempre comigo. – Voltou a sentar-se. – E agora, mais do que nunca, vou precisar que me visites e vás telefonando, pois já não poderei saber de ti por intermédio da Maddy. – Tanto eu como Mike a abraçámos. – Mas, olha, os relacionamentos entre pais e filhos são quase sempre complicados. Todos cometemos erros e aos filhos, quando crescem, acontece o mesmo. Sabes, como pais, espera-se sempre que façamos tudo bem, tudo certo, mas a verdade é que ninguém nos fornece um manual quando damos à luz. – Sorriu. – Devia haver uma *Reader's Digest*, ou o equivalente a um livro de culinária da Delia Smith; assim um compêndio com métodos já testados e que nunca falham.

Pensei de novo nos meus clientes e nas diferentes e atribuladas relações que tinham com pais e filhos e percebi que Connie estava certa. Era difícil ser-se perfeito e o laço entre pai ou mãe e filho era, por isso mesmo, tão especial quanto frágil.

– Tem toda a razão, Connie – concordei. – Suponho que todos os relacionamentos necessitam de ser acarinhados e cuidados.



– És uma menina maravilhosa, sempre foste. Sei que a tua infância não foi o que devia ter sido. A Maddy disse-me que a tua mãe exigia muito de ti e que o dia a dia não era fácil, mas a verdade é que te transformaste numa jovem admirável e já reparei que ultimamente estás muito mais feliz. Portanto, quero que venhas falar comigo sempre que precisares de ajuda, combinado? Na verdade, vem quer precises de ajuda quer não.

– Está bem. – Engoli as lágrimas e abracei-a de novo e reparei que Mike nos observava.

– E não sejas demasiado dura com a tua mãe, ainda que ela só esteja a fazer agora o que deveria ter feito há anos.

– Sim, chefe. – Sorri.

Ao fim de algumas horas a conversar sem parar, estava exausta, por isso Mike ofereceu-se para me levar a casa.

– Hoje já pretendo regressar a Bray, por isso, de casa da Clodagh apanho um táxi e, de caminho, aproveito e vou buscar o *Pete* – disse-lhe. – A irmã da Clodagh, de qualquer forma, já tinha combinado ir ficar lá em casa esta noite. Veio de Kilkenny por causa de um curso qualquer. Também está na hora de regressar a minha casa, creio. E tu tens sido tão meu amigo... Nem imaginas o quanto o teu apoio tem sido importante para mim, mas seguramente que não lamentarás regressar à tua vida normal.

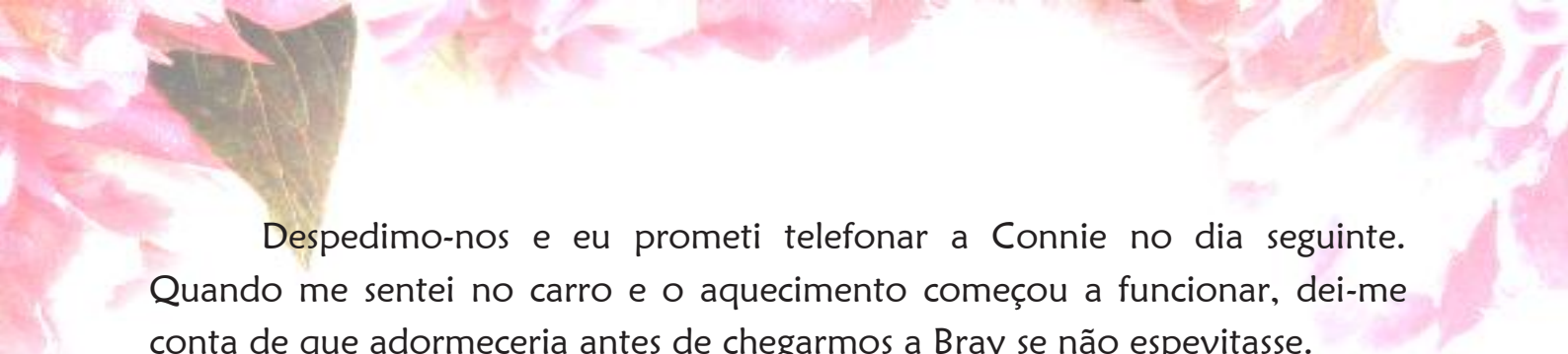
– Bom, vocês acabaram por fazer parte da minha vida, para ser sincero. São um trio e peras. – Deu-se de imediato conta do que dissera. – O que eu queria dizer era...

– Não tem importância, eu sei o que querias dizer – tranquilizei-o. – Tens razão, éramos um trio e peras e é isso que torna tudo isto ainda mais difícil. Quando penso no meu futuro sem ela, parece que não faz sentido.

– Eu sei. Vamos. – Colocou o braço em redor dos meus ombros. – Vamos lá buscar o *Pete*.

– Tens a certeza que não é uma maçada?

– Absoluta.



Despedimo-nos e eu prometi telefonar a Connie no dia seguinte. Quando me sentei no carro e o aquecimento começou a funcionar, dei-me conta de que adormeceria antes de chegarmos a Bray se não espevitasse.

– Eu vou num instante buscar o *Pete*. – Saí do carro para o ar fresco assim que chegámos a casa de Mary. – Queres que lhe peça uma manta, para ele não te estragar a pele dos assentos?

Mike sorriu.

– Adoro o meu carro, mas não vivo obcecado com ele.– Inclinou-se para fora da janela. – E porque estás preocupada com os assentos do meu carro? Onde está a nova Lulu de que me falaste quando te conheci? Para além disso, não te parece que de momento já tens o suficiente com que te aborrecer?

– Acho que estou apenas a fazer de conta que a vida é normal – expliquei. – Na verdade, estou-me nas tintas para os assentos do teu carro, se queres saber.

– É assim mesmo, linda menina! Seja como for, a normalidade é coisa que não te assenta.

Pete estacou quando me pôs a vista em cima. Depois de me olhar fixamente por uns segundos, lançou-me a mim e pulou e dançou à minha volta como um animal de circo. Tinha um ar de felicidade pura no rosto e não parava de me lambe. No carro, sentou-se no banco de trás com a cabeça o mais perto de mim que podia. Durante todo o percurso para casa, afaguei-o e falei com ele e disse-lhe que sentira muitas saudades dele.

– Muito bem, vamos lá a acomodar-vos aos dois. – Mike abriu a porta da caravana por mim. – Traz o *Pete*, eu levo as tuas malas.

A casa estava gélida. O frio que fazia na rua era igual ao que fazia dentro de portas.

– Não sei se é boa ideia ficares aqui. Mais parece que entrámos num frigorífico. Porque não vens para nossa casa? Temos um quarto livre.

– Não é preciso, obrigada. A casa aquece num instantinho, assim que ligar o aquecimento e acender a lareira – argumentei. – Posso oferecer-te um café? Ou qualquer coisa mais forte? Para aqueceres.

– Não, agradeço. Acho que se calhar ainda passo no escritório. Tens a certeza que ficas bem?

– Sim, fico ótima. Vai lá andando. E obrigada, mais uma vez. – Abri os braços e dei-lhe um abraço e, como acontecera antes, Mike apertou-me contra ele e eu senti-me protegida e segura.

– Até amanhã. Telefona-me, se precisares de alguma coisa, *okay*?

– Telefone, sim. – Soltei-o relutante e recuei e ele meteu-se no carro e partiu. Assim que o barulho do motor se deixou de ouvir, dei-me conta de que o meu pior receio era aquele: ver-me sozinha, sem uma amiga especial com a qual pudesse conversar e rir quando as coisas se complicavam.

Pete saltou para o meu colo, algo que nunca antes fizera. Apesar de já estarmos juntos há bastante tempo, habitualmente ficava tão contente por estar de novo perto de mim que se metia no seu cantinho, para não me incomodar.

– Oh, *Pete*, como vou ultrapassar isto? – perguntei-lhe e ele olhou para mim com uma expressão triste, como se dissesse, «Sei o quanto gostavas dela, mas ainda me tens a mim».

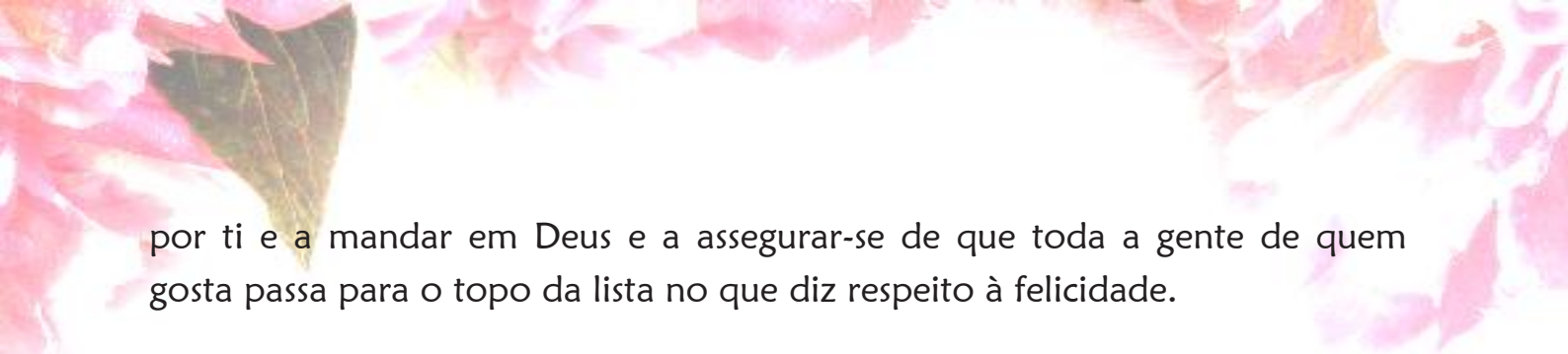
Não contive as lágrimas. Sentada no sofá, chorei e soluzei, e *Pete* não tirou os olhos de mim, aninhado contra o meu peito para me reconfortar. Ouvi então um barulho e o meu coração disparou, todavia, *Pete* nem se mexeu, por isso, relaxei. Interrogava-me se o barulho que ouvira fora apenas fruto da minha imaginação quando a porta se abriu e Mike entrou. Olhou para mim, com a cara manchada de tanto chorar e agarrada a um cão e disse:

– Assim que arranquei algo me disse que irias ficar assim, por isso fui comprar *fish and chips*, para que ao menos comesses alguma coisa enquanto choravas baba e ranho no meu ombro.

Se Mike me tivesse dado um bilhete da lotaria premiado não teria significado para mim tanto quanto o que acabara de fazer.

– Sinto-me tão sozinha sem ela – disse por entre as lágrimas.

– Eu sei que sim. – Mike afadigou-se a colocar a comida em pratos e veio sentar-se a meu lado com uma caixa de lenços. – Mas tu és forte, conseguirás superar isto e, conhecendo a Maddy, ela estará lá em cima a olhar



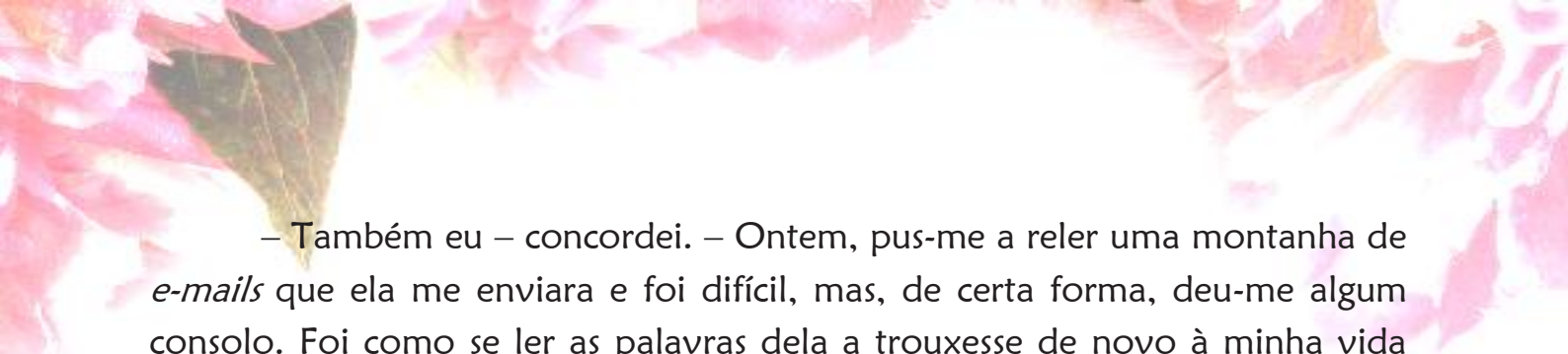
por ti e a mandar em Deus e a assegurar-se de que toda a gente de quem gosta passa para o topo da lista no que diz respeito à felicidade.

38

OS DIAS SEGUINTEs FORAM DOS MAIS DIFÍCEIS QUE TIVE DE enfrentar. Havia ainda bastante publicidade em torno da morte de Maddy e parecia que, onde quer que fosse, a imagem dela me ensombrava e perseguia. Para além disso, toda a gente queria falar sobre o assunto, o que para mim era, de tudo, o mais difícil. Por fim, depois de ter visto a fotografia de nós as três, tirada na noite da festa, na primeira página de um jornal, deixei de ir ao quiosque e pedi a Mary que avisasse as pessoas que não me sentia com forças para falar de Maddy. E, às tantas, esgotaram-se-me as lágrimas.

Dia sim, dia não, passava em casa de Connie a visitá-la. Os vizinhos vigiavam-na e defendiam-na como se fosse um membro da família real e os filhos limpavam, cozinhavam e iam às compras por ela, por isso sabia que Connie estava a ser bem cuidada. Sob determinados aspetos, era eu quem procurava consolo nela e não o contrário. O tempo que passávamos juntas acabava sempre por ter um gosto agri-doce, pois por vezes ela olhava para mim de determinada forma ou sorria como a Maddy e o meu coração quebrava-se uma vez mais. Sabia que também ela sofria muito, uma vez que a maior parte dos dias parecia procurar recordações da filha que perdera. Sempre que a visitava, mostrava-me uma foto delas as duas juntas ou ia buscar um postal de aniversário que proclamava «Para a Melhor Mãe do Mundo» ou punha um lenço ou uns brincos que Maddy lhe trouxera de alguma viagem. Ficava com um ar tão perdido ao acariciar aqueles preciosos objetos que me fez perceber que precisávamos uma da outra em igual medida.

– Quero desesperadamente senti-la perto de mim – disse-me ela mais do que uma vez. Com eu a entendia...



– Também eu – concordei. – Ontem, pus-me a reler uma montanha de *e-mails* que ela me enviara e foi difícil, mas, de certa forma, deu-me algum consolo. Foi como se ler as palavras dela a trouxesse de novo à minha vida por um momento.

– É isso mesmo, querida. Agora puseste os pontos nos is – disse Connie. – Todas estas coisas mantêm a memória dela viva.

Estava a colocar um ramo de flores que lhe trouxera numa jarra, pois sabia o quanto ela adorava o seu jardim e detestava que no inverno ficasse quase árido. *Pete* ganhara o hábito de se sentar em cima dos pés dela de cada vez que a visitávamos, pois sabia que era a forma mais certa de receber festas. De uma forma geral, passava por casa dela quando saía do trabalho, dado que o início da noite era a altura em que a maioria das pessoas estava a dar de jantar às famílias, ou a regressar do trabalho, ou ainda a trabalhar.

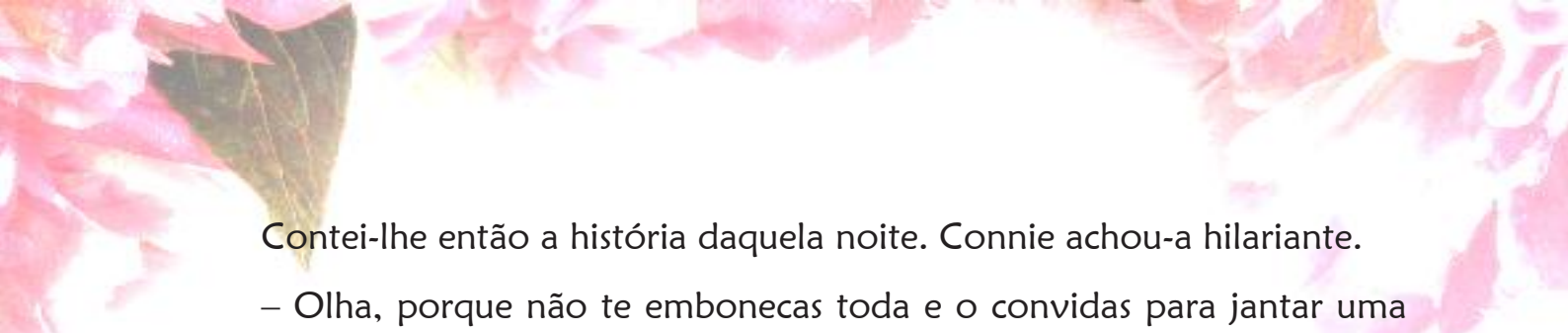
– Fala-me do Mike – pediu ela, sem mais nem menos, enquanto eu limpava a mesa depois de compor as flores. – Vocês os dois são namorados?

– Não – respondi. – Se bem que, e nunca disse isto a mais ninguém, senão à Maddy, começo a desejar que fôssemos. Estes últimos dias, ele tem sido a minha outra metade.

– Isso parece-me um bom começo. – Connie pegou nas agulhas do tricô. *Pete* não gostava que ela tricotasse e tentava sempre roubar-lhe o novelo da lã, mas ambas suspeitávamos que só o fazia porque, com as mãos ocupadas, Connie não podia fazer-lhe festas.

– É verdade, mas não sei se a coisa avançará muito mais. – Suspirei. – Ele não fez o mínimo esforço nesse sentido desde que o ataquei e disse que queria dar uma voltinha com ele, e depois lhe vomitei em cima, naquela noite. – Assim que as palavras me saíram da boca, dei-me conta de que talvez tivesse ofendido Connie, mas ela inclinou a cabeça para trás e desatou a rir por isso eu descontrai e ri também. Era o que a sua filha teria feito, sem tirar nem pôr.

Conversas sobre tudo e nada haviam-se tornado parte da nossa rotina durante as minhas visitas e, de certa forma, ela era tão parecida com Maddy – que nunca julgava ninguém – que dava por mim a usá-la como substituta da amiga que perdera.



Contei-lhe então a história daquela noite. Connie achou-a hilariante.

– Olha, porque não te embonecas toda e o convidas para jantar uma destas noites para lhe agradeceres pelo que tem feito por ti? Seria uma boa forma de veres se está interessado em ti, romanticamente falando.

– Pois, o meu problema é esse mesmo, não saber ao certo se está ou não – disse a Connie. – Que acha?

– Bom, eu já vos observei juntos e entendo o que queres dizer. Ele parece comportar-se da mesma forma com toda a gente, novos e velhos. Mas é um rapaz maravilhoso, e muito bem-parecido, por isso devias seguir o meu conselho e catrapiscá-lo. Também reparei que é muito protetor em relação a ti; já o vi olhar para ti quando estás distraída. Portanto, creio que só existe uma maneira de descobrires se ele está interessado. Prepara o ambiente, põe-te bonita, descontraída e vê se ele morde o isco. – Solto uma risadinha. – Resultou comigo umas quantas vezes, na minha juventude, isso é certo. E, se tudo o resto falhar, rezo uma novena a Santa Rita por ti. É a santa dos casos impossíveis.

– Pensei que fosse São Judas?

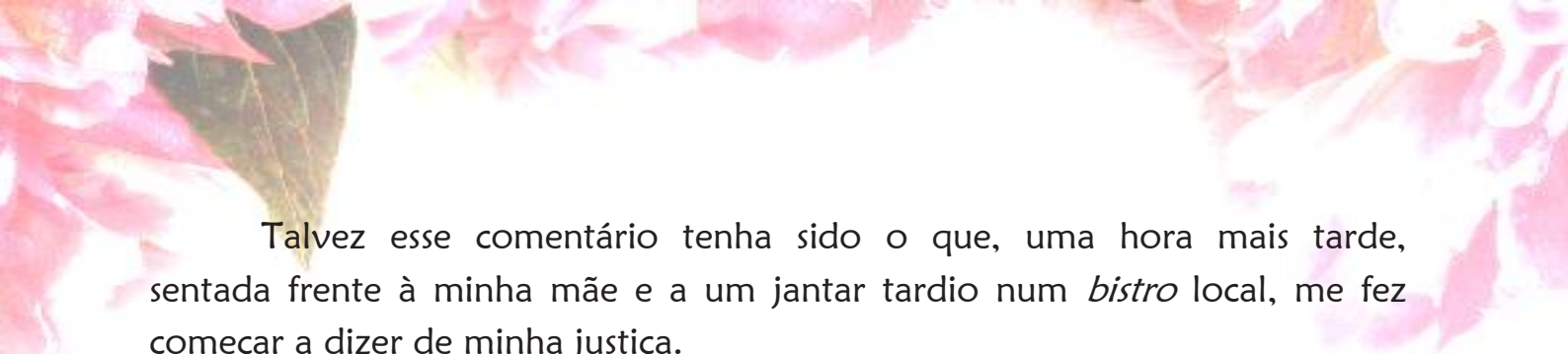
– Não, São Judas é o padroeiro dos casos perdidos e tu ainda não chegaste a esse ponto. – Riu mais uma vez e fiquei muito feliz e grata por nos termos uma à outra. Éramos o que uma e outra precisava e eu adorava vir visitá-la.

– *Okay*, creio que já é um consolo pensar que sou um caso impossível, mas não perdido – graciei.

– As minhas novenas resultam sempre, anima-te com isso. A propósito, como está a tua mãe?

– Está bem. Amanhã regressa a casa, por isso combinei encontrar-me com ela para uma bebida depois de sair daqui. E desta vez estou determinada a dizer tudo o que há anos trago aqui engasgado. – Sorri. – A vida é demasiado curta, como nós as duas sabemos.

– Não desistas dela. No final, tudo se comporá – aconselhou-me Connie e eu contive-me de lhe dizer, mais uma vez, que o laço que nos unia era mais forte do que aquele que me ligava a Martha.



Talvez esse comentário tenha sido o que, uma hora mais tarde, sentada frente à minha mãe e a um jantar tardio num *bistro* local, me fez começar a dizer de minha justiça.

– A Connie há bocado perguntou-me por ti – comecei. – Na verdade, dei-me conta de que me sinto mais próxima dela do que de ti. – O coração martelava-me no peito, mas, de repente, precisava de desabafar tudo, de me livrar daquele fardo. Era a única área da minha vida com a qual ainda não lidara e Maddy, nos últimos tempos, incentivara-me cada vez mais a partilhar com a minha mãe os meus sentimentos.

Para minha surpresa, tudo o que ela disse foi:

– Eu sei disso. – Fiquei embasbacada. – Na verdade, ainda bem que tocaste nesse assunto. – Esboçou um sorriso, mas a sua expressão era de tristeza. – Queria dizer-te que lamento muito que nos tenhamos afastado desta forma.

– Porque foste sempre tão dura comigo? Porque pôde a Becky crescer sempre de rédea solta e eu passei a infância toda a tentar agradar-te, sem nunca conseguir? – Saiu-me tudo de supetão, mas estava satisfeita por isso.

– Presumo que receava que saíesses como o teu pai.

– Ele era assim tão mau? – quis saber.

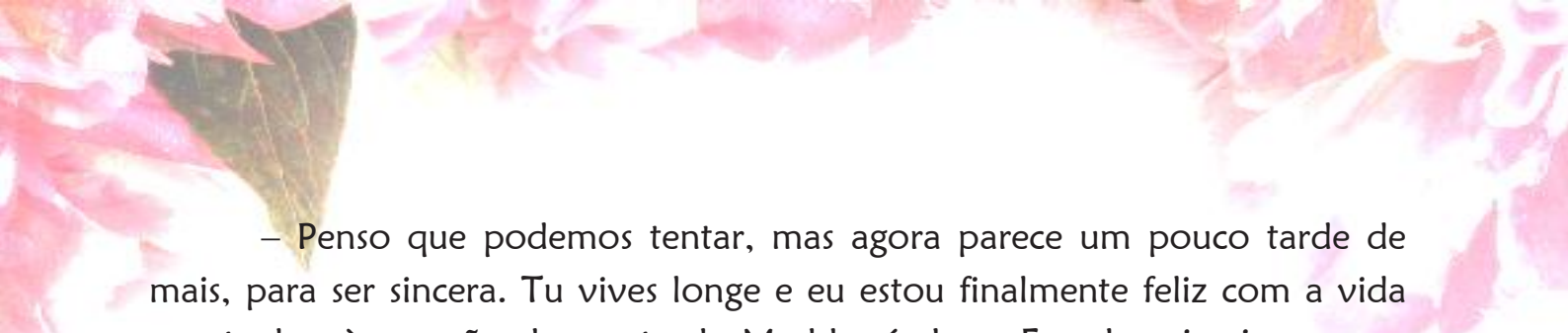
– Na altura, eu achava que sim. Era um preguiçoso e um esbanjador e parecia que apenas se preocupava com ele mesmo.

– Bom, eu não herdei nenhuma dessas duas primeiras características, isso é certo. – Fiz um sorriso sarcástico. – Portanto, nesse aspeto, saíste-te bem; tão bem que passei toda a idade adulta a esfalfar-me a trabalhar, a ser supercuidadosa com tudo e a odiar a minha vida.

– Desculpa. Sei que cometi muitos erros. Tenho pensado muito nisso nos últimos tempos e ainda mais desde que a Maddy morreu.

– Eu achava que não gostavas de mim. – Estava à beira das lágrimas. – Por isso, esforçava-me e esforçava-me, mas nada parecia resultar. Tudo o que conseguia era um raro elogio.

– Podemos começar de novo? – perguntou ela.



– Penso que podemos tentar, mas agora parece um pouco tarde de mais, para ser sincera. Tu vives longe e eu estou finalmente feliz com a vida que tenho, à exceção da morte da Maddy, é claro. E, pela primeira vez na minha vida, não preciso da tua aprovação. Portanto... – fiz uma pausa e respirei fundo –, se nos aproximarmos, terá de ser em pé de igualdade e terás de ser tu a fazer o esforço. Eu já desisti há muito tempo. – Nem acreditava que estivesse a dizer-lhe tudo aquilo.

– Está bem. Gostaria de ter essa oportunidade – concordou ela e esticou a mão por cima da mesa para me acariciar o braço. – E, Lou, só para que conste, amo-te mais do que alguma vez saberás. Então, amigas, ao menos?

– Amigas – respondi. – E gostava que um dia me falasses mais acerca do meu pai. – Sabia que ainda tinha perguntas para lhe colocar, mas ficariam para uma outra vez.

– Falarei – garantiu ela. – Prometo.

Acenei que sim com a cabeça e depois dei-me conta de que, pela primeira vez em muitos anos, me sentia satisfeita na presença dela.

O trabalho regressara totalmente ao normal. Muita coisa acontecera aos meus clientes enquanto estivera ausente, portanto, para além de uma pilha de mensagens, tinha também um montão de trabalho acumulado. Por sorte, reencaminhara as chamadas para o consultório e Mary falara com toda a gente, mantendo-os a par de tudo.

Estava, então, na altura de apanhar os cacos e seguir em frente. E era uma satisfação estar ocupada com uma coisa que adorava fazer.

A minha primeira empreitada foi encontrar-me com Denis Cassidy para irmos conhecer a filha dele, o que, embora não constituísse um problema canino, era uma tarefa apazível que me permitiria regressar ao afã do trabalho sem grandes complicações, ou assim esperava eu, pelo menos.

Estava já tudo combinado. Iríamos encontrar-nos para almoçar no Merrion Hotel, onde as mesas eram bem espaçadas e o ambiente bastante

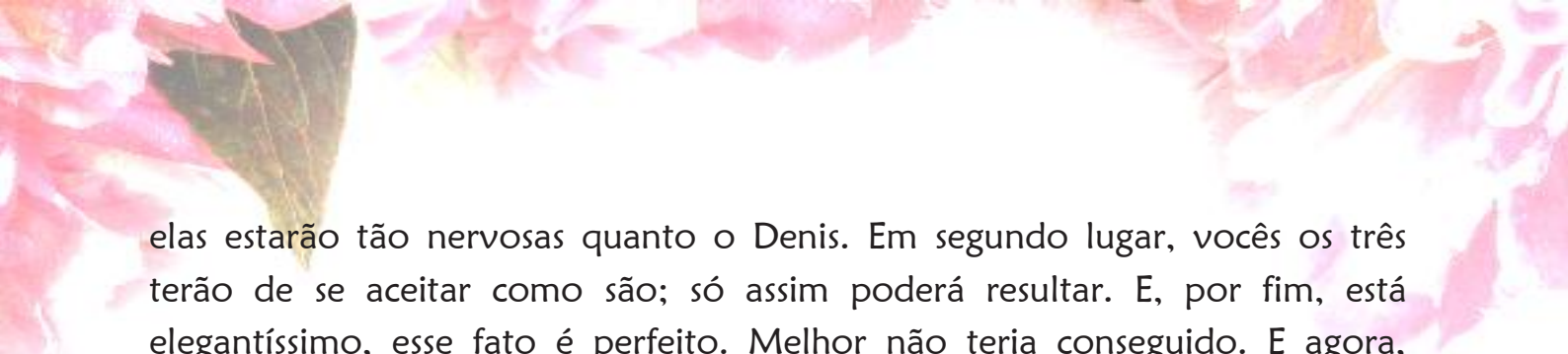
tranquilo. Quando cheguei perto de Denis, ele estava uma pilha de nervos. Viera para Dublin na tarde anterior «para ter tempo suficiente para me ambientar e não me confundir com as ruas», instalara-se no Westbury Hotel, perto de Grafton Street, e fora comprar um presente para cada uma delas, e depois confirmara e reconfirmara o percurso até ao hotel, para não se perder, muito embora a distância entre o hotel onde ele estava e aquele onde íamos almoçar pudesse ser percorrida em menos de cinco minutos. Chegara mesmo a cronometrar cada viagem para não correr o risco de chegar atrasado. A atenção que dedicou a cada pormenor deixava entrever bem o quanto se sentia nervoso. Encontrei-me com ele no Westbury para tomarmos um chá e Denis falou sem parar acerca do grande acontecimento, insistindo para que aprovasse o fato e gravata que planeava vestir e até lhe inspecionasse as unhas.

– Quero apresentar-me no meu melhor – não parava ele de repetir. Tive de ameaçar que lhe poria um *Valium* no chá se não se acalmasse. – E se elas não gostarem do meu aspeto? – inquiriu. – Com certeza que não serei o que a Catherine querera de um pai. Sou um velho, por amor de Deus. E do campo, o que ainda é pior. Ela cresceu em Londres e, pelo que a Lulu disse, a Joan é uma mulher muito elegante e bonita. E se elas tiverem vergonha de serem vistas comigo? – Compadeci-me dele. – Sabe que mais? Começo a achar que nunca me devia ter metido nisto. Sou um tolo e um parvalhão, é o que eu sou!

– Dinny, não me...

– Não me chame Dinny à frente delas, por favor. – Denis tinha os nervos em franja. – Oh, desculpe, desculpe, não era minha intenção ser incorreto. É só porque Denis, pelo menos, soa assim mais respeitável. – Sacudiu um grão imaginário de pó da manga. – Devia ter comprado um fato nos armazéns Brown Thomas, ou numa dessas lojas mais chiques. Foi outro dos erros que cometi. Este casaco enrodilha-se todo.

– Din... quero dizer, Denis, por favor, acalme-se. Está a enervar-se sem razão nenhuma. – Tentei não sorrir ao imaginá-lo no Brown Thomas, o mais elegante e dispendioso armazém de Dublin, no meio de filas de fatos *Armani*, rodeado de elegantes funcionárias. – Vai correr tudo bem, prometo, portanto, pare de se preocupar. Escute o que lhe digo, sim? Para começar,



elas estarão tão nervosas quanto o Denis. Em segundo lugar, vocês os três terão de se aceitar como são; só assim poderá resultar. E, por fim, está elegantíssimo, esse fato é perfeito. Melhor não teria conseguido. E agora, descontrai, beba o seu chá e, de caminho, atravessamos Saint Stephen's Green, damos pão aos patos, e vamos ter com elas, *okay?* – Rebentei de riso ao ver a cara dele. – Pronto, pronto, eu dou o pão aos patos, para o Denis não ficar com o casaco cheio de migalhas.

– Que faria eu sem si? – Riu comigo. – Nunca sobreviveria a isto sozinho, isso é mais do que certo.

– Ora essa, claro que sobreviveria, o Denis é um osso duro de roer – fiz notar enquanto reuníamos as nossas coisas e nos preparávamos para partir.

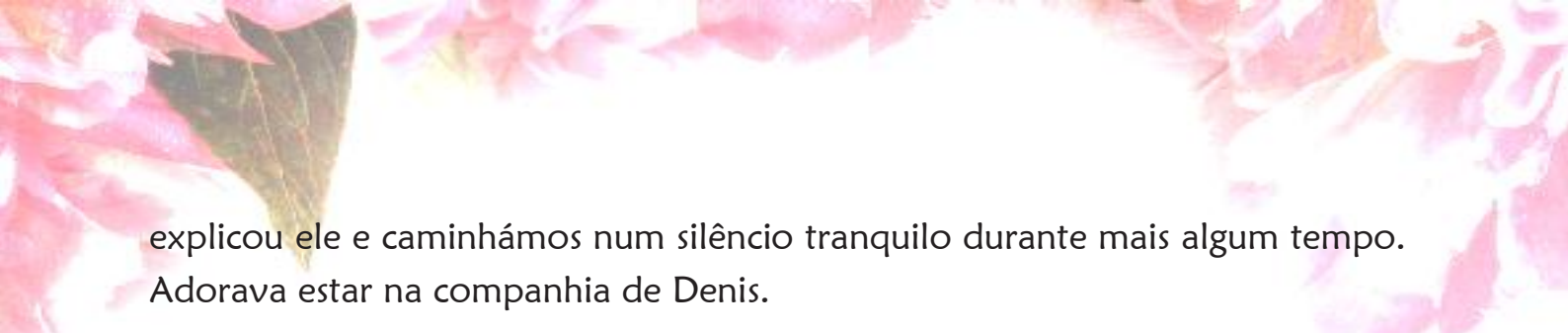
Denis acabou por descontrair um pouco enquanto atravessávamos o belíssimo parque. Os bolbos tinham por fim rebentado e os goivos amarelos já perfumavam o ar e, com a luz do Sol a bater-nos no rosto, era impossível não nos sentirmos otimistas. Perguntou-me então como estava a lidar com a morte de Maddy e, pela primeira vez, conversar sobre isso não me transtornou, talvez porque ele parecia entender a enormidade daquela perda e o que isso significara para mim.

– Vai ficar tudo bem, Lulu, garanto. O que sente agora é completamente normal – reconfortou-me e eu senti que ele compreendia, melhor do que a maioria das pessoas, porventura por causa da idade, decidi.

Contei-lhe também algumas coisas sobre a minha mãe que nunca me atrevera a dizer em voz alta. Começava a achar que aquela última conversa com Martha me fizera bem, afinal de contas, e a verdade é que ela se mantivera em contacto comigo desde que partira para a América e eu sentia-me contente com isso. Há uns dias, enviara-me até um postal com um cão, o que significava que pelo menos sabia o meu endereço. Engoli as lágrimas e Dinny apertou-me a mão quando pressentiu a minha emoção.

– Desculpe, não sei bem porquê, mas alguns dias são mais complicados que outros. – Assoei o nariz e fiz um enorme esforço para me recompor. Afinal, estava ali por ele e não o contrário.

– Claro que são, e continuarão a ser durante algum tempo. E essas coisas com a sua mãe vêm ao de cima agora por causa da sua tristeza –



explicou ele e caminhámos num silêncio tranquilo durante mais algum tempo. Adorava estar na companhia de Denis.

Chegámos por fim ao hotel, com uma antecedência de uns bons vinte minutos, por isso pedi água e o cardápio numa tentativa de o manter distraído.

– Diga-me lá mais uma vez, porque não vão elas olhar para mim e bater em retirada? – pediu ele.

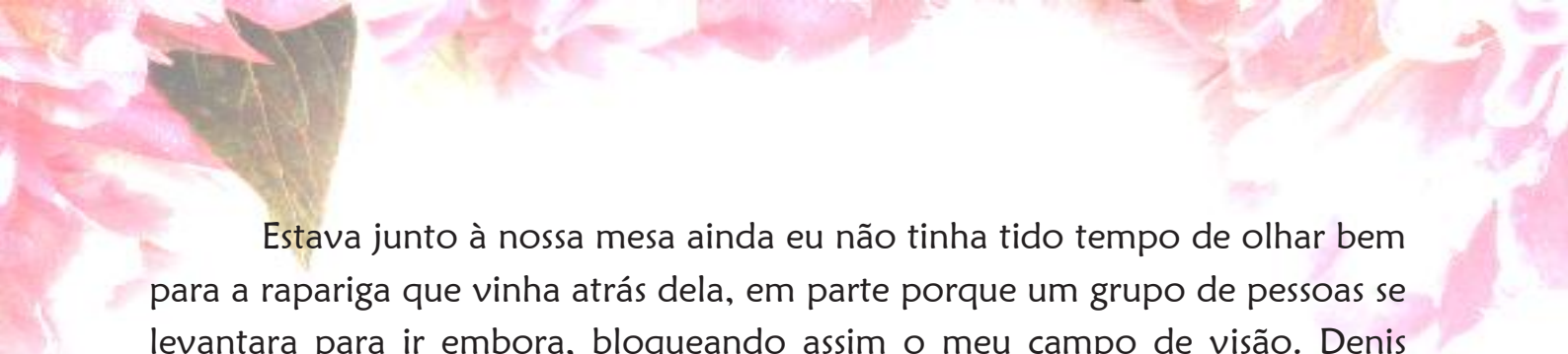
– Seriam muito fúteis se acreditassem que o aspeto de uma pessoa é tudo o que importa. Para além disso, se aceitaram encontrar-se consigo é porque querem conhecê-lo – assegurei-lhe. – Em especial, a Catherine. Aposto que está ansiosa por conhecer o pai.

– Meu Deus, sou pai, nem consigo acreditar! – exclamou Denis. – Muito embora tenha pensado nisso, noite após noite, sentado no meu cadeirão, e a tenha imaginado a dizê-lo, ainda me parece que isto tudo está a acontecer a outra pessoa que não eu. – Abanou a cabeça. – Talvez seja porque sempre achei que não merecia tê-las na minha vida depois da forma como me portei.

– Escute uma coisa, Dinny... desculpe, quero dizer Denis... se todos nós recebêssemos apenas aquilo que merecemos, então, a maioria de nós seria bem mais pobre. Por sorte, a vida concede-nos algumas surpresas inesperadas e felizes e esta é uma delas. E, acredite em mim, o Denis merece-a, porque é um homem bom. – Pousei a mão em cima da dele. – E às pessoas boas acontecem coisas boas. É pelo menos nisso que eu acredito.

– A propósito, tenho-me esquecido de lhe dizer, mas vou pagar-lhe o dia de hoje. – Abanou a cabeça quando tentei falar. – Não quero discussões agora, portanto, não perca o seu tempo – admoestou-me ele. De repente, retesou-se e quando segui o olhar dele percebi porquê.

Joan Lehane acabara de entrar. Tinha um ar tão deslumbrante quanto da última vez que a vira. Desta feita, vestia um casaco de veludo suave cor de ameixa, botas altas e uma mala a condizer. O cabelo, solto, parecia mais ondulado e mais do que uma cabeça girou na direção dela. Avistou-me quase de imediato e vi-a esboçar um sorriso tímido ao reconhecer Denis, a meu lado.



Estava junto à nossa mesa ainda eu não tinha tido tempo de olhar bem para a rapariga que vinha atrás dela, em parte porque um grupo de pessoas se levantara para ir embora, bloqueando assim o meu campo de visão. Denis parecia prestes a desmaiar, de tão nervoso que estava, reparei quando olhei de relance para ele ao ouvir o que me pareceu um arquejo. Quando voltei a rodar a cabeça, percebi o motivo. A sua filha, Catherine, estava então bem à vista de todos. Era alta e loura e sorridente, mas foram os seus olhos que me impressionaram. Era como olhar para os de Dinny e, no curto espaço de tempo que tive para a observar, dei-me conta de que a boca dela também descrevia a mesma curva assimétrica da do pai. Acontecesse o que acontecesse naquele dia, não havia como negar que aquela magnífica rapariga era sangue do sangue de Dinny. Dei por mim a fazer uma rápida oração para que nenhum deles ficasse desapontado. Se Catherine fosse tão simpática quanto aparentava, o dia estava ganho, calculei.

39

– OLÁ! – RESOLVI ENTRAR EM AÇÃO, pois qualquer um deles parecia ter ficado sem palavras. – É um prazer vê-la de novo. – Apertei a mão a Joan e virei-me para a filha dela. – E tu deves ser a Catherine. O meu nome é Louisa.

– Lulu, o nome dela é Lulu, só está a tentar ser fina – anunciou Dinny – , *trate-me por Denis, ou esmurro-a*, Cassidy – e desatámos todos a rir.

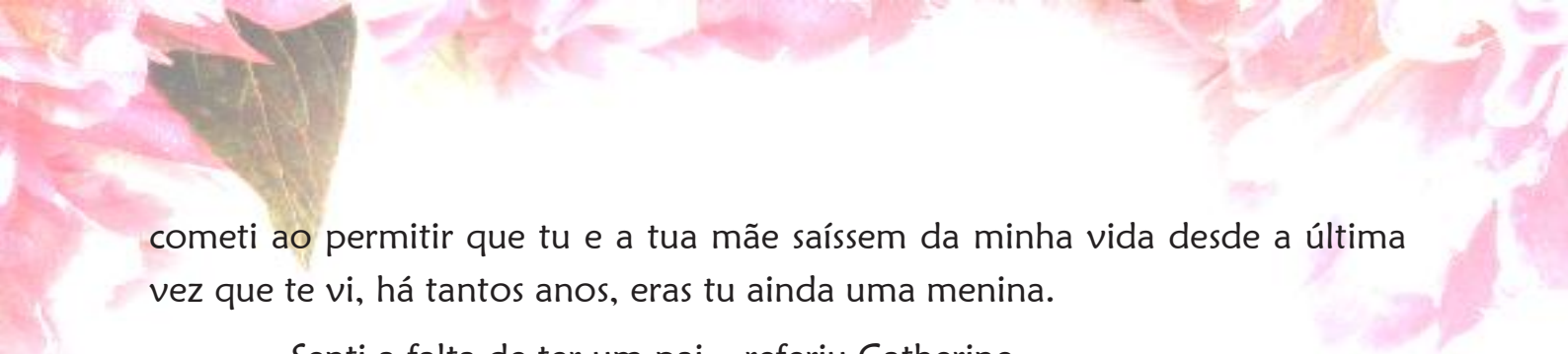
– Ora, ora, Denis Cassidy, estou a ver que ainda és o mesmo. Continuas a embaraçar as senhoras. – Joan sorriu-lhe. – É bom ver-te de novo depois de tanto tempo. – Estendeu a mão, mas Dinny, fiel a ele mesmo, agarrou-a e deu-lhe um abraço. Parecia tão aliviado por não terem dado meia volta e fugido assim que lhe haviam posto a vista em cima que resolvera entrar logo a matar, suspeitei. Joan olhou para ele durante um momento. – Não mudaste nem um pouco – afirmou e fez uma pequena pausa antes de se virar para a filha. – Esta é a minha... a nossa filha, Catherine – apresentou orgulhosamente e o meu coração enterneceu-se só de vê-los aos três juntos.

– Olá – disse ela um pouco tímida. – Estou muito contente por conhecê-lo por fim. Pensei muito em si ao longo dos anos.

Assim que ela falou, percebi que ia correr tudo bem e pensei no enorme contraste entre esta reunião familiar e a terrível conversa entre Emily e Kitten. Olhando para eles os três, sabia que poderia ter ido embora naquele momento que eles ficariam bem.

Dinny, por uma vez, ficou mudo.

– Meu Deus, és linda – disse quase num sussurro. Desta vez, não houve abraço; talvez receasse ir longe de mais, pensei. Em vez disso, estendeu a mão e disse, muito composto: – E eu pensei muito no enorme disparate que



cometi ao permitir que tu e a tua mãe saíssem da minha vida desde a última vez que te vi, há tantos anos, eras tu ainda uma menina.

– Senti a falta de ter um pai – referiu Catherine.

– Não tanto quanto eu senti a falta de ter uma filha. – Engoliu o nó que tinha na garganta. – Mas, no meu caso, a culpa é toda minha. – Olhou para Joan e depois novamente para Catherine. – Devo-vos um pedido de desculpas e apresento-o aqui agora, do fundo do coração. Lamento muito ter sido um idiota tão grande – disse ele. – Ver-vos às duas aqui faz-me compreender bem a magnitude da minha estupidez.

Foi um discurso eloquente para um homem simples e ainda mais bonito e comovente por ter vindo do fundo do seu coração.

– Obrigada, Denis. Foi muito importante ouvir isso – disse Joan. – Eu também cometi alguns erros, verdade seja dita. Daquela vez que foste ver-nos, fui demasiado orgulhosa. Devia, pelo menos, ter-te ouvido.

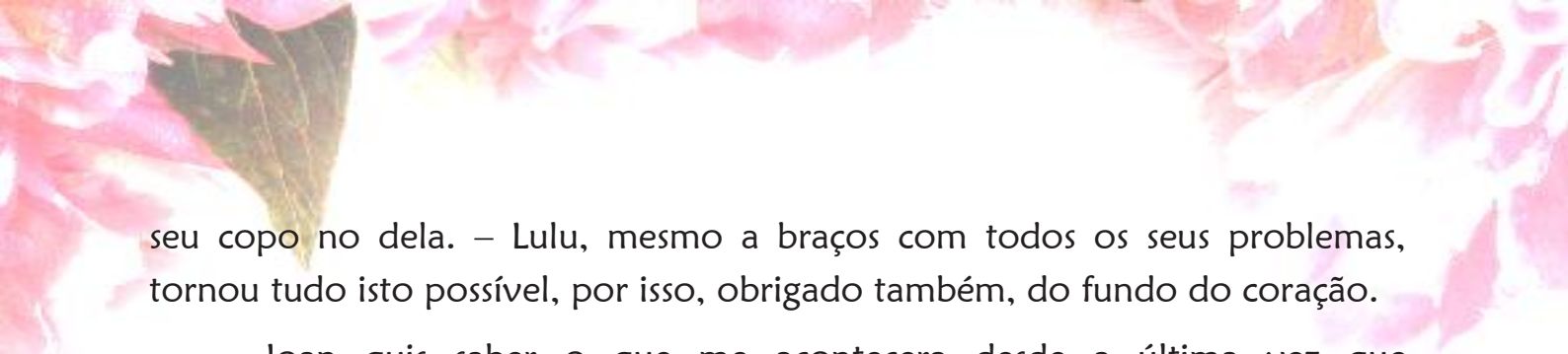
– Não, não, não. – Só lhe faltou mesmo bater com o pé no chão. – Não permitirei que arques nem com uma pequena parte da culpa. Tiveste toda a razão em mandar-me embora. Era o que eu merecia.

Estávamos todos já de lágrima no olho por aquela altura, por isso Denis tratou de assumir logo o controlo.

– E, agora, gostaria de vos convidar a tomar um copo de champanhe, para brindarmos ao futuro. – Fez sinal ao empregado, que apareceu de imediato com tudo magnificamente disposto numa bandeja.

– Que surpresa encantadora teres organizado tudo isto – comentou Joan enquanto erguíamos os copos.

– Só não tinha já tudo na mesa porque receava que vocês arrepiassem caminho assim que me vissem – Sorriu. – Obrigado, Joan, fizeste de mim o homem mais feliz do mundo ao concordares com este encontro. – E Dinny ergueu o copo a Joan. – E, Catherine, não imaginas quantas noites adormeci a interrogar-me como serias, mas nunca imaginando que um dia teria a imensa sorte de estar sentado frente a ti. Estou tão orgulhoso de poder chamar-te minha filha, por fim. Com a tua permissão, é claro. – Tocou ao de leve com o



seu copo no dela. – Lulu, mesmo a braços com todos os seus problemas, tornou tudo isto possível, por isso, obrigado também, do fundo do coração.

Joan quis saber o que me acontecera desde a última vez que faláramos. Pu-la a par com uma ou duas frases e depois insisti que estava bem e desviei a conversa, porque aquele era um dia feliz e eu estava determinada a imbuir-me de alguma daquela felicidade.

Almoçámos enquanto Joan e Catherine nos iam falando sobre a sua vida. Dinny não conseguia tirar os olhos da filha. Parecia prestes a rebentar de orgulho quando, algum tempo depois, a viu levantar-se para ir aos lavabos.

– Joan, mais uma vez, nunca poderei agradecer-te o suficiente pelo que fizeste por mim hoje – declarou ele assim que Catherine ficou fora do alcance do ouvido. – Não havia nada que quisesse mais na vida do que isto. – Foi outro momento emotivo. – Estou a falar a sério. Ela faz bem jus a ti, é uma rapariga encantadora e feliz. E que beldade!

– Obrigada – disse Joan. – Não esqueças que ela também é parte de ti.

– Sim, mas não foi de mim que ela herdou a beleza, isso é certo – comentou ele com uma risada. – Eu sou de colher tudo o que é louros, a Lulu bem sabe disso. – Deu-me uma cotovelada. – Mas, neste caso, Joan, foste tu quem fez todo o esforço para educá-la, e fizeste um excelente trabalho.

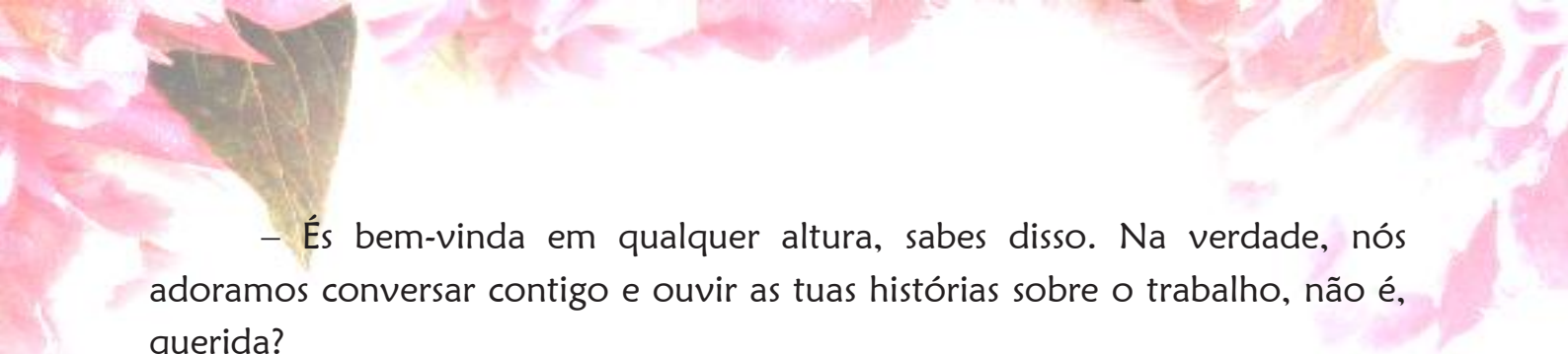
Parti assim que o almoço terminou para lhes dar algum tempo a sós. Joan e Catherine tinham concordado em deslocar-se a Ashford quando regressassem a Dublin e eu suspeitei que iria haver uma passadeira vermelha do comprimento da autoestrada M11 estendida para elas nesse dia, se Dinny levasse a dele avante. Vê-los juntos, ajudou-me a lidar com a minha dor e fez-me acreditar que os finais felizes não eram coisa apenas dos filmes.

40

AO REGRESSAR A CASA NO FINAL DAQUELA TARDE, sentia-me um pouco perdida, por isso, num impulso, telefonei a Mike, na esperança de o convencer a juntar-se a mim para uma bebida depois de depositar *Pete* em casa. A chamada foi reencaminhada para o escritório dele e a sua assistente disse-me que estava em Londres durante dois dias com uma agenda carregada de reuniões. Desapontada, porque há já algum tempo que não falava com ele, acomodei-me no sofá para ver televisão, mas, passados poucos minutos, *Pete* começou a rosnar. Fiquei ansiosa e nervosa e parecia-me que aquilo estava a acontecer cada vez mais desde que voltara a casa, mas talvez tal sensação se devesse ao facto de estar mais frágil e me assustar com maior facilidade desde que Maddy morrera. Agarrei numa lanterna e em *Pete* e descí o caminho para ver se Jack e Jill estavam em casa. Como seria de esperar, estavam, por isso bebemos chá e jogámos *Scrabble*.

– Por favor, Lulu, não voltes a andar sozinha no meio da escuridão. Estou sempre a dizer-te que ligues e um de nós irá ter contigo – repreendeu-me Jack.

– Desculpa, mas é que me sinto um bocado palerma. Vivo sozinha praticamente desde que comecei a andar. – Soltei uma gargalhada. – Portanto, já devia estar habituada e, de uma forma geral, não sou de me assustar com facilidade. E, quando há pouco abri a porta, o *Pete* limitou-se a abanar a cauda e a avançar para vossa casa, por isso é óbvio que não tinha nada com que me preocupar. E lamento vir assim, mais uma vez, sem avisar. Creio que talvez seja melhor mandar instalar um alarme só pela segurança de o ter.



– És bem-vinda em qualquer altura, sabes disso. Na verdade, nós adoramos conversar contigo e ouvir as tuas histórias sobre o trabalho, não é, querida?

– Sim, vem até cá sempre que quiseses. – Jill sorriu e eu agradeci a amabilidade deles. Jack e Jill haviam-se tornado bons amigos e nas últimas semanas tinham cuidado de mim com uma atenção extrema. Jack acompanhou-me a casa um par de horas mais tarde e eu caí logo de seguida na cama e tive uma das poucos noites de sono ininterrupto de que desfrutara desde que o meu mundo ficara de cabeça para baixo.

Para minha grande satisfação, dois clientes novos tinham marcado consulta para o dia a seguir. Era o trabalho que me mantinha motivada e animada e me ajudava a não pensar tanto no enorme buraco que havia na minha vida. Dir-se-ia que os indícios de uma primavera antecipada punham agora a descoberto muitos animais de estimação problemáticos, quer porque se tinham tratado de compras impulsivas de Natal, às quais não se podiam tirar as pilhas ou guardar num armário – como os barulhentos e repetitivos jogos de vídeo –, quer porque as resoluções de Ano Novo envolviam lidar por fim com o pequeno monstro antes que a temporada de jardinagem abrisse de vez. Por sorte, para mim, tal traduzia-se em muitas manhãs atarefadas a tentar treinar pessoas enquanto as fazia sentir que, na verdade, estávamos a treinar os seus animais.

Logo a seguir ao almoço, tive a visita de um desses novos clientes, que, estranhamente, não trazia o respetivo animal. Tudo o que Mary me dissera era que a rapariga se chamava Katie Anderson e que era inglesa.

– Olá, sou a Lulu – apresentei-me ao mesmo tempo que a conduzia ao consultório e me interrogava sobre qual seria o desafio que me esperava. Mary perguntara-lhe que animal de estimação tinha, mas ela mostrara-se muito vaga, portanto, eu não fazia a mínima ideia do que esperar. – Em que posso ajudá-la? – inquiri. Abri o bloco de apontamentos numa página em branco e aguardei.

– Não sei bem, na verdade. – A rapariga fazia-me lembrar alguém, mas, por mais que desse voltas à cabeça, não conseguia dizer quem era. Pressenti que estava nervosa, por isso tentei ajudá-la: – Bom, porque não me

diz como tomou conhecimento dos meus serviços? – Achei que, ao encorajá-la a falar acabaria por descobrir um pouco mais.

– Encontrei o seu cartão no carro da minha mãe e... e... creio que talvez sejamos... aparentadas. – A última palavra ficou como que pendurada no vazio e percebi que, fosse qual fosse o problema dela, não planeava com antecedência o que pretendia dizer-me.

– Aparentadas? De que forma? – Sorri mais uma vez, interrogando-me o que iria sair dali.

– Penso que temos a mesma mãe – afirmou ela em voz baixa e o meu coração quase parou de bater. Quando eu pensava que já nada me surpreenderia no que à minha mãe dizia respeito, eis que o destino me pregava uma partida.

– Martha? – apressei-me a dizer, já preparada para tudo.

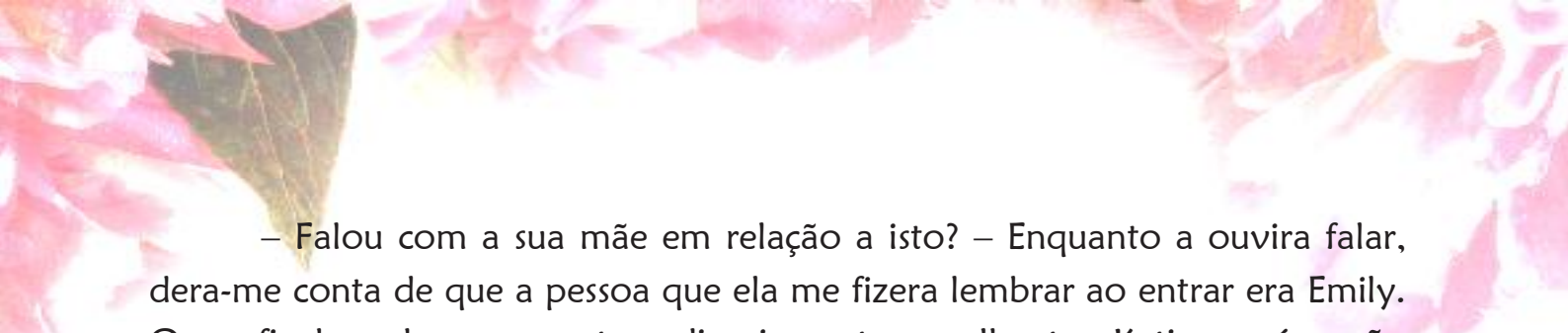
– Não, Kitten. – A rapariga fez um ar confuso. – Quem é a Martha?

– É a minha mãe. É filha da Kitten?

– Sim. – Katie parecia totalmente desconcertada. – Já percebi que meti o pé na poça, mas como conhece a minha mãe, se não leva a mal a pergunta?

– Falei com ela uma vez... por causa de uma amiga. – Não estava a perceber o que se passava, mas a minha vontade era explorar o assunto. Sabia, porém, que tinha de ter todo o cuidado para não trair a confiança de Emily. – Porque não me conta o que se passa? E, se eu a puder ajudar de alguma forma, terei todo o gosto em fazê-lo.

– Estou em crer que a minha mãe teve um bebé que deu para adoção há vários anos. Na verdade, tenho quase a certeza disso. Encontrei umas coisas, escondidas, e também ouvi umas conversas. Ela tem andado bastante ansiosa nestas últimas semanas e depois encontrei o seu cartão e achei que era você a pessoa que procurava. – A expressão de Katie era de desânimo. – Talvez devesse ter investigado um bocadinho melhor antes de ter vindo assim sem mais nem menos, mas achei que seria melhor falarmos cara a cara. Para além disso, tinha a certeza de que estava certa e suponho que curiosa em ver como era. Mas agora que a vejo... – encolheu os ombros – ... não se parece nada comigo.

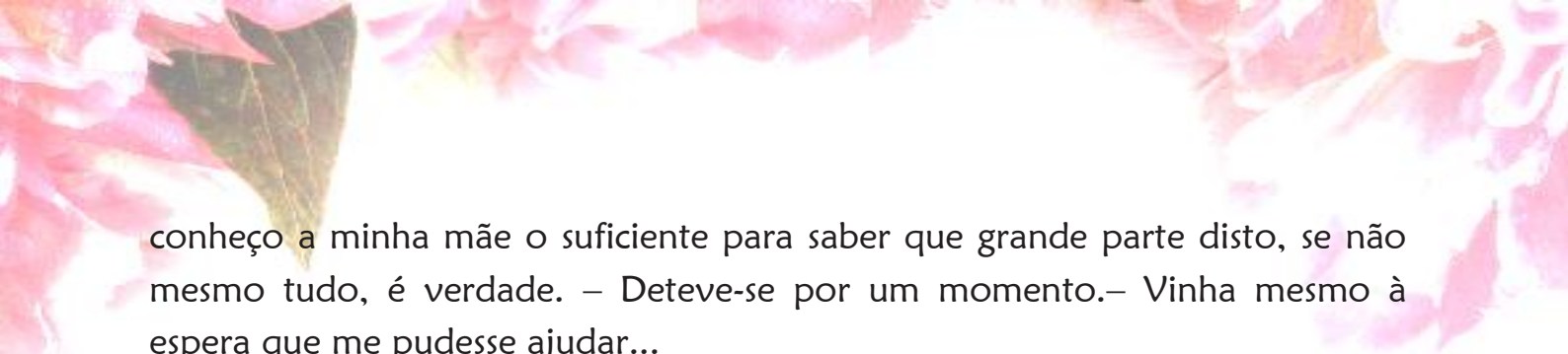


– Falou com a sua mãe em relação a isto? – Enquanto a ouvira falar, dera-me conta de que a pessoa que ela me fizera lembrar ao entrar era Emily. Os perfis de ambas eram extraordinariamente semelhantes. Katie, porém, não parecia ter o comedimento natural de Emily, portanto, em termos de caráter, estavam em polos opostos. Contudo, era interessante verificar que a atitude dela fora igual à de Emily no que a encontrar um membro da família dissera respeito.

– Sim. Bem, mais ou menos. O que eu quero dizer é que tentei. Várias vezes. Ela nega, claro. De facto, recusa-se até a discutir o assunto. No entanto, do que consegui descobrir, ela teve uma filha na Irlanda há cerca de trinta anos e, quando encontrei o seu cartão, fui consultar o seu *website* e a Lulu pareceu-me ter mais ou menos a idade certa, por isso juntei dois mais dois e meti-me num voo *low-cost* para vir falar consigo.

– Sem querer ser indiscreta, por que motivo a sua mãe haveria de não querer discutir o assunto? Entendo que, a princípio, tenho querido manter segredo. Antes, as coisas eram bem diferentes de agora. Mas, se ela já percebeu que a Katie sabe...? – Não terminei a frase, pois, mesmo só tendo falado uma vez com Kitten, compreendera que a questão era tudo menos pacífica para ela.

– Razões não faltam, nenhuma das quais a deixa muito bem vista para ser sincera. Ela sempre foi uma criança mimada, habituada a ter tudo o que queria e à sua maneira. O homem do qual engravidou era casado, tanto quanto sei, e muito conhecido nos círculos políticos da altura. Ter um bebé seria a última coisa que estava nos planos da minha mãe, suspeito. Portanto, livrou-se dele e prosseguiu com a sua vida, casou com um homem muito rico e teve... tem... uma vida perfeita. O meu pai adora-a e faz tudo por ela; toda a gente adora a minha mãe. Não lhe falta nada, desloca-se nos círculos certos, e agora é tarde de mais. Não se coadunaria nem um pouco com a imagem dela, lamento afirmá-lo, se viesse a lume que ela tivera um bebé de um homem casado e depois o abandonara e nunca fizera qualquer esforço para descobrir o que sucedera à criança, muito embora pudesse muito bem ter pelo menos cuidado dela financeiramente. – De repente, Katie ficou transtornada. – Devo acrescentar que tudo isto não passa de especulação da minha parte. A minha mãe recusa-se a confirmar o que quer que seja. Porém,



conheço a minha mãe o suficiente para saber que grande parte disto, se não mesmo tudo, é verdade. – Deteve-se por um momento.– Vinha mesmo à espera que me pudesse ajudar...

– Porque quer tanto encontrar respostas? – perguntei.– Entenderá certamente que, se a sua mãe preferir não revelar nada, é um direito dela?

– Porque acho que ela tem o dever de, pelo menos, me dizer se tenho ou não uma irmã. Toda a vida quis ter uma. A minha mãe tem quatro filhos, rapazes, e idolatra-os. Não me interprete mal, ela não é uma má mãe, nem nada que se pareça, muito pelo contrário. Nunca me faltou nada, nem a mim nem aos meus irmãos. Mas ela sempre preferiu homens, sempre se deu melhor com eles. O pai bebia os ares por ela, e ainda o faz, ao passo que a mãe sempre foi uma pessoa doente e apagada e acabou por morrer quando ela era ainda adolescente. Portanto, todas as influências da minha mãe são masculinas.

– Eu diria que, tendo tudo isso em conta, ter uma filha a teria deixado muito feliz?

– Nem tanto, receio. E, muito embora ela seja uma mulher muito feminina, sente um enorme fascínio pelos homens. Claro que o facto de conseguir fazer o que quer da maioria deles também ajuda. – Katie sorriu. – Já eu sou demasiado refilona para o gosto da minha mãe. Para além disso, também não me deixo enganar por ela, que sabe ser muito manipuladora. Os homens, contudo, parecem não reparar nisso.

De certa forma, a infância dela lembrava-me a minha. «Caramba, estou a ficar paranoica», pensei, «já me revejo em tudo e em todos.» No entanto, de uma coisa tinha a certeza: precisava de pensar muito bem no que deveria fazer em relação àquele assunto.

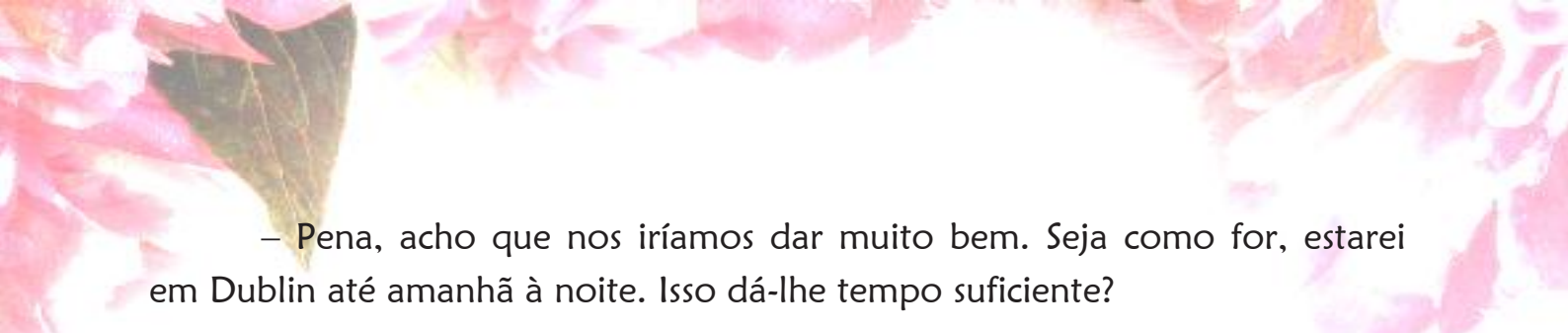
– Katie, posso perguntar-lhe quanto tempo pretende ficar por cá? É que preciso de pensar em tudo o que me disse.

Ela olhou para mim por um momento.

– De certeza que não é minha irmã?

– Não, não sou.

Sorrimos ao mesmo tempo.



– Pena, acho que nos iríamos dar muito bem. Seja como for, estarei em Dublin até amanhã à noite. Isso dá-lhe tempo suficiente?

– Sim, mais do que suficiente. Posso ficar com o seu número e ligar-lhe mais tarde?

– Claro. – Ditou então o número e eu gravei-o no telemóvel. Combinámos voltar a falar mais tarde e talvez encontrarmo-nos na manhã seguinte.

Depois de acompanhar Katie à saída, sorri para a família de aspeto angelical que me esperava.

– Quando vejo um grupo tão perfeito quanto vocês, penso sempre que estou prestes a descobrir que um cachorro maroto vos está a fazer a vida num inferno. – Sorri para os miúdos. – Estou certa?

– Sim. – Os miúdos acenaram vigorosamente com a cabeça e um deles puxou por um adorável King Charles Spaniel que se escondera debaixo do sofá. Tinha o par de olhos mais travesso que alguma vez vira.

– Ela comeu metade das peças do meu *Lego* e roeu as sapatilhas de bailado novas da minha irmã e mordeu na avó e fez um cocó debaixo da árvore de Natal – contou a mais nova sem parar sequer para respirar. – E tudo na manhã de Natal.

– Bom, nesse caso, o melhor é entrarem. Acho que vamos ter de pensar num plano, e depressa. Que acham? – abri a porta para o consultório.

A pequena parecia prestes a rebentar.

– Caso contrário, o papá diz que a *Coco* leva um pontapé no cu e que depois ele mesmo lhe dá uma injeção que a porá a dormir para sempre.

– Jamie, não me parece que tenha sido bem isso o que o papá disse – argumentou a mãe, envergonhada e esboçando um sorriso.

– Foi, sim senhor – confirmou o pai. – Entre outras coisas.

Convidei-os a entrar, encantada por ter um problema normal que me ocupasse para variar.

41

UMA HORA MAIS TARDE, foi no meio de gargalhadas e de comentários infantis que os acompanhei à porta. Fizéramos alguns progressos e a próxima consulta seria em casa deles. Mary estava a tratar de todos os pormenores quando o telefone tocou.

– Conta lá, em que sarilhos te meteste enquanto eu estive fora? – Era Mike. – A minha secretária disse que telefonaste e tu só costumas ligar quando fazes das tuas.

– Não me meti em sarilhos nenhuns. Na realidade, fui uma linda menina, joguei *Scrabble* e bebi chá. Deve ter sido isso o auge da minha vida louca e agitada. – Dei uma gargalhada. – Liguei-te porque queria convidar-te para jantar no fim de semana. Para te agradecer por tudo. Não sei como me teria aguentado nas últimas semanas se não fosses tu.

– Espera lá, podias repetir isso, só para eu gravar tudo e poder voltar a passar em todas as oportunidades que tiver?

– Muito engraçadinho. Esmurrava-te, se não estivesses tão longe – respondi. – Então, podes vir? – De repente, queria desesperadamente estar sozinha com ele.

– Olha, tenho uma ideia melhor. Porque não vens antes tu até cá a casa? O Louis tirou uma semana e foi para casa de uns amigos em Donegal, e levou o *Pedro* com ele. Acredites ou não, tenho saudades daquele chato... Refiro-me ao cão, não ao Louis. Desde que o teu veterinário lhe pôs as mãos em cima, tornou-se um cão diferente. Que tal no sábado?

– Parece-me ótimo. – Estava contentíssima. – Posso levar o *Pete*?

– Parti logo do pressuposto que trarias, tendo em conta que vocês os dois estão cirurgicamente unidos... Vou ligar também à Clodagh, a ver se ela

está livre. Podiam ficar cá a dormir, se quisessem? E, se se portarem mesmo bem, pago-vos o pequeno-almoço no domingo.

– Ah... Boa ideia. – Desanimei. Lá se iam os conselhos de Connie. – Não sei se a Clodagh estará livre – referi. «Não estará, se eu conseguir puxar uns cordelinho», acrescentei para os meus botões.

– E se eu falasse com ela já e te ligasse a seguir?

– *Okay*. – Assim que desliguei, carreguei de imediato na tecla de marcação rápida que correspondia ao número dela. A chamada passou logo para o atendedor. Enviei-lhe uma mensagem a pedir-lhe que me ligasse antes de falar com Mike, mas, quando ela me telefonou, dez minutos depois, era tarde de mais. Clodagh estava já a falar com ele quando a minha mensagem chegou e aceitara o convite para sábado.

– Oh, Lou, desculpa, sinto-me uma idiota – lamentou-se ela. – Eu falo com ele de seguida e arranjo uma desculpa. Um pretexto válido.

– Não, não tem problema – insisti. – Foi ideia da Connie, na verdade, e eu nem estava muito convencida que fosse resultar. Seja como for, vou adorar estar contigo, sabes que sim. Hoje estou assim meio cabisbaixa.

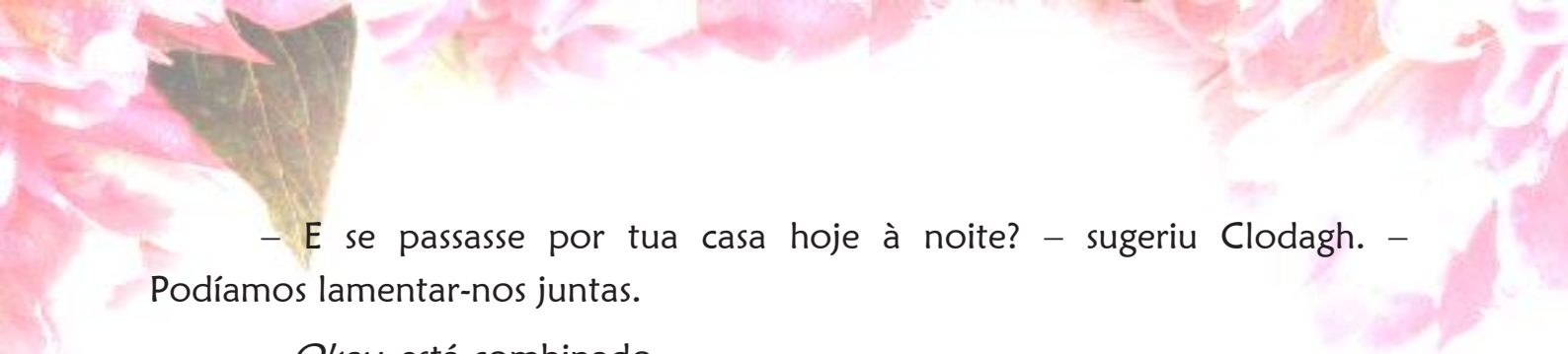
– Eu sei, também mais pareço um ióió. Ontem à noite estive com a Connie e achei-a um pouco em baixo. Sente muito a falta da Maddy.

– Eu também – respondi.

– E eu também também – concluiu ela, com uma das expressões que Maddy costumava usar e eu senti-me ainda pior por ter tentado excluí-la de um fim de semana divertido. – E se na sexta-feira viesses dormir aqui e fôssemos ao cinema a Bray?

– Não posso. Vou ter cá uns clientes vindos de Londres. Escuta, tens a certeza que me queres a fazer de pau de cabeleira no sábado? Eu posso, sem problema, dizer que os meus clientes alteraram a vinda à última da hora.

– Nada disso, vens e pronto. Ele convidou-nos às duas. E sabes que mais? Não sei se neste momento seria grande coisa como namorada, ainda que ele estivesse interessado, que claramente não está. Estou um caco e já passou tanto tempo que já nem me lembro como é.



– E se passasse por tua casa hoje à noite? – sugeriu Clodagh. – Podíamos lamentar-nos juntas.

– *Okay*, está combinado.

– Ótimo, apareço por volta das oito. Primeiro preciso de ir ao ginásio. Estou uma autêntica lontra. Queres que à ida compre alguma coisa para comermos?

– Liga-me assim que te puseres a caminho, que eu já terei tido tempo de ver o que tenho no frigorífico – respondi. Depois de desligar, fui dar um passeio para pensar como haveria de lidar com o assunto de Katie e Emily.

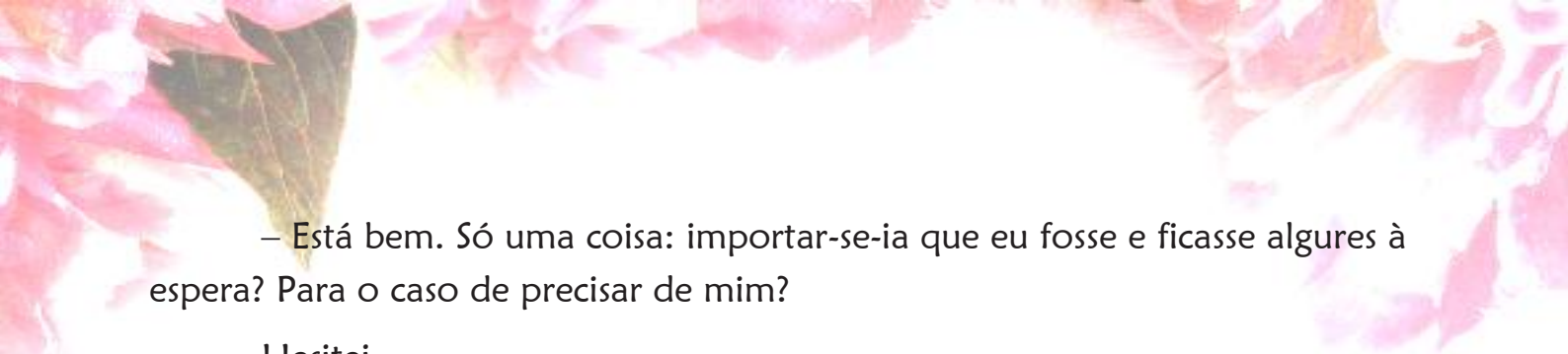
Assim que me pus a pensar de forma lógica sobre a situação, dei-me conta de que estava a comportar-me como uma psicóloga, coisa que não era naquele caso. Emily pedira-me para ir com ela a Londres confrontar Kitten apenas como amiga. Foi então que o meu grilinho falante argumentou que, na verdade, ela pagara pelo serviço que lhe prestara, mas eu contra-argUMENTEI que tudo o que ela fizera fora cobrir as minhas despesas de viagem, nada mais. Depois de uma hora a esgrimir argumentos e a pesar tudo, decidi que não tinha quaisquer responsabilidades para com Kitten e que, se devia lealdade a alguém, era a Emily. Telefonei a Katie e perguntei-lhe se estaria disposta a encontrar-se com uma pessoa no meu consultório na manhã seguinte se eu conseguisse combinar tudo com a referida pessoa.

– Sim, irei onde for preciso, farei tudo o que me pedir, se isso me ajudar a descobrir se tenho ou não uma irmã. – Soava prestes a desatar a chorar.

– *Okay*, então eu já lhe ligo. – Desliguei e telefonei de seguida a Emily. Enquanto escutava o sinal de chamada, interroguei-me se seria boa ideia contar-lhe tudo pelo telefone, por isso acabei por perguntar-lhe se tinha algum tempo livre naquela tarde.

– Sim, posso passar por aí agora, se lhe der jeito? – respondeu ela de imediato.

– Ótimo, vemo-nos daqui a pouco. – Telefonei então a Katie. – Decidi que preciso de falar com a outra pessoa pessoalmente – disse-lhe. – Vou fazer isso esta tarde. Depois ligo-lhe a dizer o que combinámos.



– Está bem. Só uma coisa: importar-se-ia que eu fosse e ficasse algures à espera? Para o caso de precisar de mim?

Hesitei.

– Nesse caso, precisaria da sua palavra em como não... rondaria o meu consultório ou abordaria qualquer pessoa que entrasse ou saísse.

– Tem a minha palavra – declarou ela e, por alguma razão, confiei nela. – Há algum café lá perto onde eu possa sentar-me à espera? E, se não precisar de mim, apanho um táxi de volta ao hotel, prometo. Não me aproximarei do seu consultório a não ser que me peça.

– Combinado. – Dei-lhe o nome de um pequeno café no quarteirão do edifício e pedi-lhe que mantivesse o telemóvel à mão. Não tinha a mais pequena ideia de como tudo aquilo iria correr.

Emily chegou pouco tempo depois.

– Então, que se passa? – perguntou assim que se sentou. Pu-la ao corrente do sucedido o mais depressa que pude. A princípio, pareceu-me que ficara transtornada, mas depois percebi que o assunto era tão importante para ela quanto parecia ser para Katie.

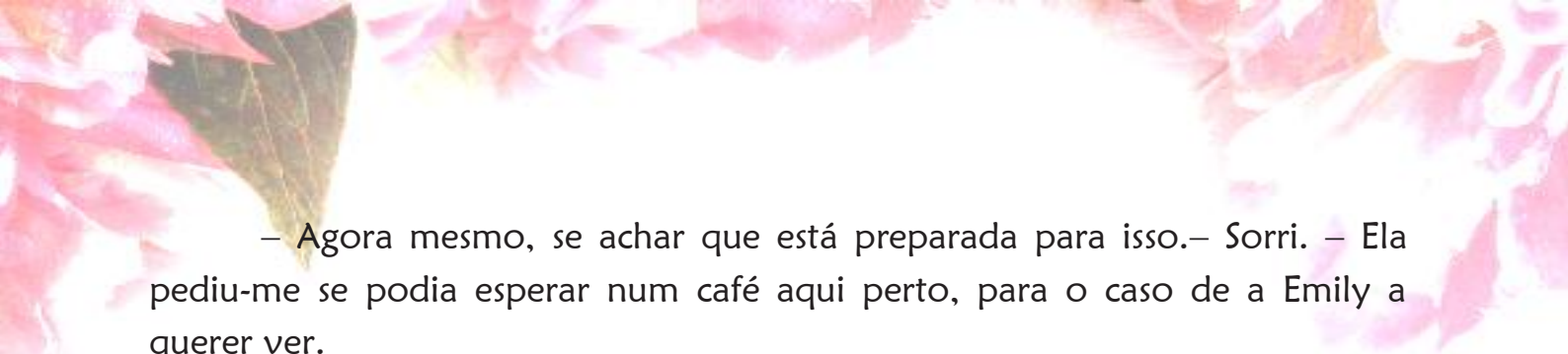
– Mas como a encontrou ela, Lulu? – foi a primeira pergunta de Emily.

– Eu deixei um cartão de visita no banco do jipe da Kitten quando voltei atrás para falar com ela, mesmo no final, lembra-se? Ao que parece, há vários anos que a Katie sabe, ou pelo menos suspeita, que a Kitten teve um filho na Irlanda, por isso, quando encontrou o cartão e confrontou a mãe e esta se recusou a falar sobre o assunto, ela memorizou o endereço do *website* e entrou em contacto comigo. Achava que eu poderia ser irmã dela.

– Uau – comentou Emily de início, incapaz, dir-se-ia, de falar. Depois, esbugalhou os olhos e sorriu de orelha a orelha. – Tenho uma irmã! É o que sempre quis.

– Foi também o que ela disse – revelei.

– Acha que somos parecidas? Quando posso conhecê-la?



– Agora mesmo, se achar que está preparada para isso.– Sorri. – Ela pediu-me se podia esperar num café aqui perto, para o caso de a Emily a querer ver.

Emily desatou a chorar.

– É claro que quero vê-la. Onde está ela?

– Eu ligo-lhe. – Katie atendeu ao primeiro toque. – Tenho aqui uma jovem que está tão ansiosa por conhecê-la quanto a Katie – disse. – Venha até cá.

Pelo intercomunicador, pedi a Mary que mandasse Katie entrar assim que chegasse e também que retivesse todas as chamadas. Sabia que ela o teria feito de qualquer maneira, mas tratava-se de uma espécie de código entre nós para quanto eu necessitava de privacidade com um cliente.

Um minuto ou dois mais tarde, a porta abriu-se muito devagarinho e Katie assomou-se com um ar tão apreensivo no rosto quanto o da jovem que tinha junto a mim.

– Entre – disse. – Katie, apresento-lhe a Emily. Emily, esta é a Katie. Creio que vocês as duas têm muito para conversar.

– Olá. – Foi Katie quem deu o primeiro passo e fiquei de imediato impressionada com as parecenças entre elas, apesar de não terem o mesmo pai. Vê-las juntas não me deixou qualquer dúvida de que eram do mesmo sangue. – Creio que somos irmãs – afirmou antes de se abraçarem e largarem ambas a chorar.

42

– BOM, VOU DEIXAR-VOS SOZINHAS PARA QUE POSSAM CONVERSAR – sugeriu. – Estarei lá fora se...

– Não – argumentaram elas em unísono.

– Fique, por favor, a Lulu faz parte disto – referiu Katie.

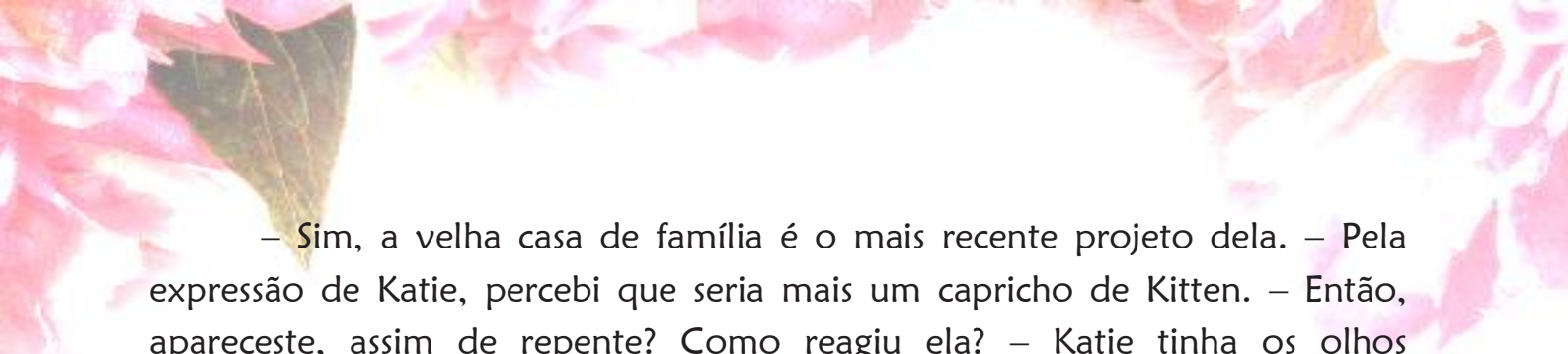
– Na verdade, não estaríamos aqui se não fosse por si – acrescentou Emily. – Se não tivesse deixado aquele cartão de visita, talvez nunca nos tivéssemos encontrado. – Olhou com uma expressão de imensa adoração para a irmã. – Nem acredito que me encontraste.

– E eu nem acredito que estás tão feliz quanto eu. – Katie fez um esgar. – Esperava que estivesses... não sei... zangada, ressentida ou desconfiada. Ou até talvez as três coisas. Terias todo o direito de estar, sabias?

– Talvez, mas não é nada assim que me sinto. Tive muita sorte, sabes? Quando a Kitten me deu para adoção, fui acolhida por uma família muito boa. Sempre fui uma filha amada e muito bem tratada.

– E sempre soubeste que eras adotada? – quis saber Katie.

– Não, e isso é muito curioso. Pouco tempo depois de ter conhecido a Lulu, porque... bom, é uma longa e complicada história... – Emily sorriu-me. – A minha mãe, no meio de uma acesa discussão, deixou escapar que eu era adotada. Decidi de imediato que queria conhecer a minha mãe biológica. De início, a minha mãe mostrou-se relutante; creio que estava preocupada comigo, mas acabou por ceder e deu-me toda a informação que tinha. Fiz então alguma pesquisa, mas, na verdade, foi a Lulu que me ajudou. Nem me teria deslocado a Inglaterra se ela não tivesse ido comigo. Queria ver a Kitten em pessoa, entendes? Não queria escrever ou enviar-lhe um *e-mail*. E, por sorte, ela encontrava-se no mesmo endereço, por isso, foi fácil.



– Sim, a velha casa de família é o mais recente projeto dela. – Pela expressão de Katie, percebi que seria mais um capricho de Kitten. – Então, apareceste, assim de repente? Como reagiu ela? – Katie tinha os olhos esbugalhados de tanta curiosidade.

– Não muito bem – disse Emily à irmã. – Mostrou-se muito fria, até mesmo aborrecida, incomodada, não diria, Lulu? Não nos concedeu muito do seu tempo. Basicamente, pôs-nos a mexer em três tempos.

Katie nada disse, mas pela cara dela era óbvio que tal não a surpreendia nem um pouco.

– A reação dela deixou-me muito transtornada. Imaginara o nosso reencontro de muitas maneiras, mas nunca me passara pela cabeça que ela se recusasse a falar comigo. Mesmo depois de termos regressado a casa, passei semanas à espera de um telefonema, que nunca recebi. Convencera-me de que, assim que ela tivesse tempo para recuperar do choque de me ver ali de repente e de pensar melhor no assunto, iria querer ver-me. Cheguei mesmo a enviar-lhe um postal para o endereço da casa onde a encontráramos. Acho que nunca lhe falei disto, pois não, Lulu?

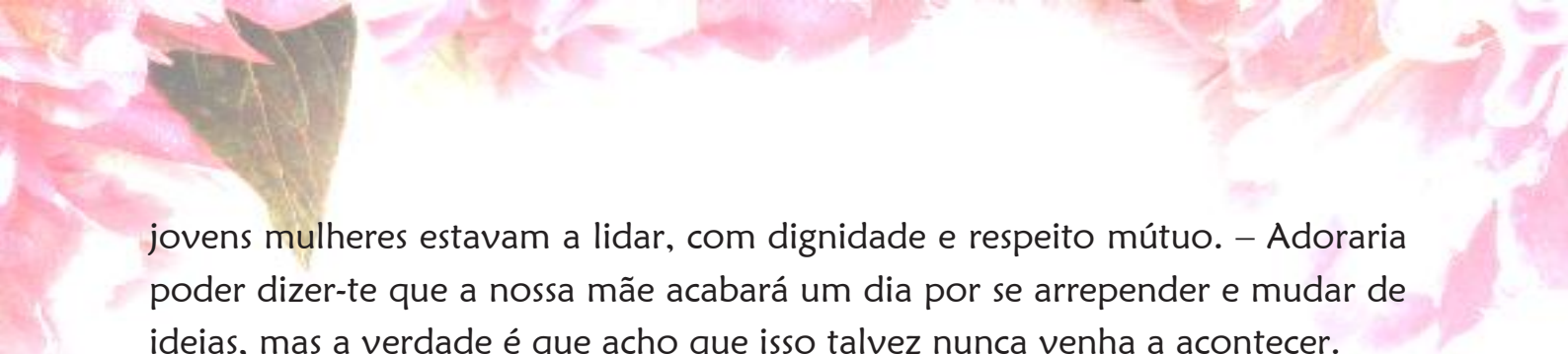
Abanei a cabeça.

– Fi-lo apenas para o caso de ela querer falar comigo, mas nunca recebi nem uma carta nem um telefonema. Sou filha única, sabes, e queria desesperadamente saber se tinha irmãos ou irmãs. Mas já quase que desistira, pois sabia que não havia muito mais que pudesse fazer. A Lulu e eu conversámos muito no rescaldo daquele desastroso encontro. – Fez um ar triste ao recordar esse tempo. – Ajudou-me a lidar com a desilusão. Mas agora – o seu rosto iluminou-se – tu encontraste-me... É foi a concretização de todos os meus sonhos!

– Dos meus também – disse Katie e voltou a haver abraços e lágrimas, mas eram de alegria.

– Tenho tanto para te contar – fez notar Emily.

– É como eu. Mas, olha, Emily, creio que será melhor que saibas desde já que talvez te tenhas de contentar comigo apenas. – Katie baixou os olhos por uns segundos. Admirei a complexa teia de emoções com que aquelas duas



jovens mulheres estavam a lidar, com dignidade e respeito mútuo. – Adoraria poder dizer-te que a nossa mãe acabará um dia por se arrepender e mudar de ideias, mas a verdade é que acho que isso talvez nunca venha a acontecer.

Contou então a Emily o que me explicara a mim e eu interroguei-me se Emily não ficaria ainda mais destroçada, porém, para minha surpresa, quando Katie terminou, Emily limitou-se a dizer:

– Obrigada por teres sido totalmente sincera comigo. – Deteve-se por um momento. – É importante para mim saber que não fiz nada de errado ao tentar encontrá-la. E tenho de aceitar que o mais provável é que ela não queira voltar a ver-me. No entanto, ter-te a ti é... bom, nem sei bem como explicar... é incrível, é maravilhoso. Toda a vida quis ter uma irmã. – Emily limpou os olhos. – Espero que possamos tornar-nos amigas para além de irmãs. Ter-te na minha vida é tão importante quanto o que quer que pudesse ter encontrado com Kitten.

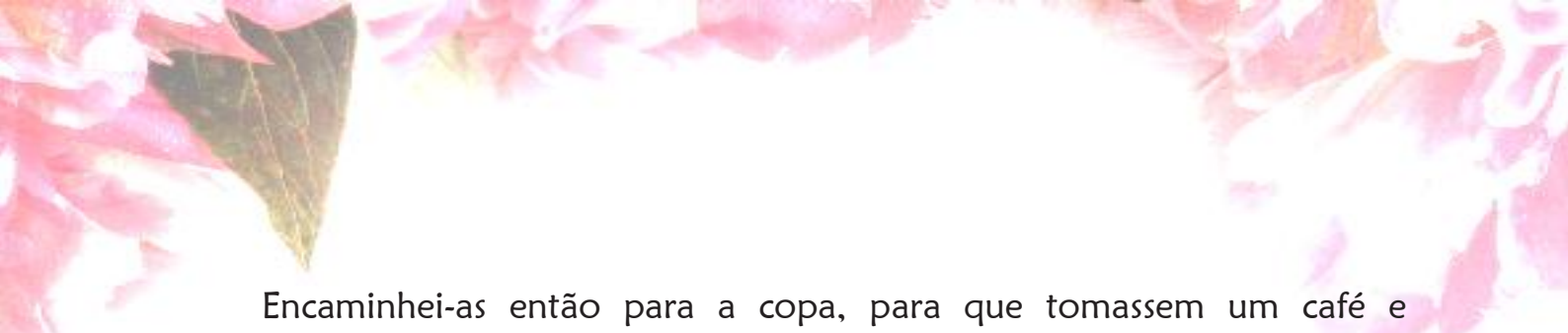
– Não fazes ideia do que significa para mim ouvir-te dizer isso. É tudo o que alguma vez quis também. – Katie abraçou Emily pela centésima vez. – Uma irmã que fosse a minha alma gémea.

– Não somos umas sortudas? – Emily sorriu-me. – Por nos termos encontrado uma à outra por fim?

– São mesmo, e creio que serão muito importantes uma para a outra – disse para ambas.

– E um dia, não sei quando, direi à Kitten que nos encontrámos – afirmou Katie. – De momento, estou demasiado zangada e magoada. E também tão desiludida, porque ela sempre me ensinou que a família era muito importante e depois chego à conclusão de que falhou redondamente no que a ti diz respeito. Todavia, amo-a, por isso, encontrarei uma forma de contornar tudo isto. Mas, um dia, quero que ela saiba que tenho uma irmã e que, para além disso, também é minha amiga.

Enquanto ela falava, senti pena de uma mãe que nunca saberia a sorte que tivera ao dar à luz duas meninas tão extraordinárias e que talvez nunca viesse a conhecer verdadeiramente qualquer uma delas.



Encaminhei-as então para a copa, para que tomassem um café e conversassem um pouco a sós e quando, à saída, elas me abraçaram, agradei a Deus pelo facto de se terem encontrado por fim. Vê-las tão felizes fez-me pensar na amiga que perdera. Queria tanto contar tudo aquilo a Maddy e saber a opinião dela. O mais provável é que me obrigasse a enfiar num avião para ir fazer ver a Kitten o quanto era idiota. Pensar naquele reencontro de irmãs fez-me também lembrar da minha, por isso, num impulso, peguei no telefone.

– Lou? – Becky parecia surpreendida. – Está tudo bem?

– Está, era apenas para te dizer olá e saber como estavas. – Não fazia ideia por onde começar; há anos que não tínhamos um relacionamento fraterno.

– Mas que coincidência tão estranha – disse ela com uma risada meio nervosa. – Estava mesmo a pensar ligar-te para te pedir um conselho, mas não tinha a certeza... – Não completou a frase e eu percebi que ela sentia o mesmo embaraço que eu.

– Diz lá o que se passa – incentivei-a.

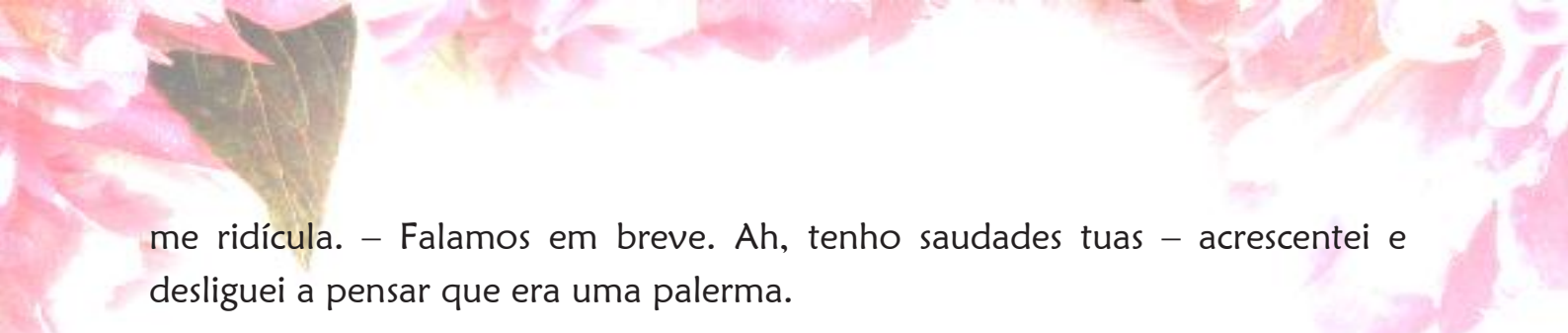
– É por causa de um homem, que mais? – Riu. – Olha, apetecia-te, uma noite destas, ir tomar um copo ou assim... Mas, se não te der jeito, não tem problema... É que...

– Claro, ia adorar. Deixa-me só ver melhor a minha agenda e já te ligo, pode ser?

– Perfeito. – Becky soava contente. – Estou mesmo a precisar dos teus conselhos.

Ouvi-la dizer aquilo deixou-me uma boa sensação e, ao desligar, decidi, «já que estou com a mão na massa, porque não?»

– Mãe, sou eu – disse para o atendedor de chamadas dela. Resolvera que nunca mais a iria tratar por Martha. Não fazia ideia de que horas eram em San Diego. – A Lou... – acrescentei, para o caso de ela não reconhecer a voz. – Estava a pensar em ti e queria apenas dizer-te olá, por isso, olá. – Senti-



me ridícula. – Falamos em breve. Ah, tenho saudades tuas – acrescentei e desliguei a pensar que era uma palerma.

Estava muito satisfeita por Clodagh ir ter comigo lá a casa naquela noite. Precisava de partilhar a minha felicidade – e tristeza – com alguém que compreendesse e sabia que ela me escutava e era uma amiga com a qual podia conversar. Em dias como aquele, porém, desejava ter alguém especial em casa à minha espera.

Afinal de contas, o trabalho de Clodagh acabou por se alongar e o meu também por isso combinámos ficar pela cidade e darmos um pulo a casa de Connie. Normalmente, fazíamos-lhe visitas alternadas e ambas reparámos que naquela semana ela andara um pouco em baixo, portanto, achámos que uma dose dupla das amigas de Maddy talvez a animasse.

Clodagh concordou em ir comprar *fish and chips* para as três, uma gigantesca indulgência da parte dela.

– Deves ter tido um dia mesmo mau – comentei com uma gargalhada quando ela aceitou a minha sugestão sem tão-pouco um pequeno queixume acerca do teor calórico da refeição.

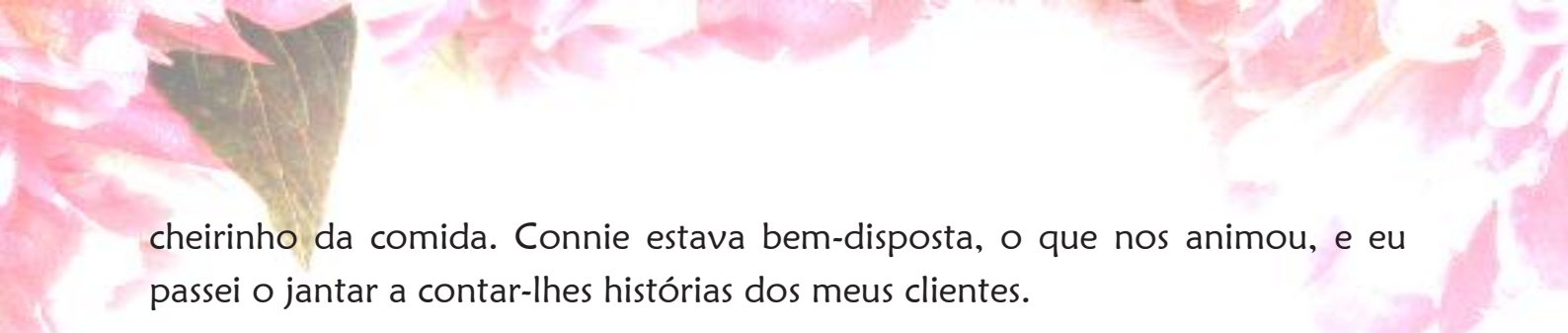
– Podes crer. Há semanas que ando a tentar cativar um cliente e já despendi montes de tempo nesta conta e hoje fiquei a saber que ele preferiu contratar uma das grandes empresas.

– Oh, Clodagh, lamento muito. – Sabia que ela se esfalfava a trabalhar para conseguir novos clientes. – Deves estar muito desapontada.

– Estou, mas que se lixe, pelo menos, ninguém morreu.– Tornara-se uma das nossas formas de ver os desapontamentos por outra perspetiva. – Queres que ligue à Connie a saber se ela não jantou já?

– Já o fiz. Ela ainda não tinha comido e preparava-se para fazer uns ovos mexidos. Disse-lhe que não tardaríamos mais do que meia hora.

Cheguei quando Clodagh se preparava para sair do carro e lá entrámos as duas com *Pete* a abanar a cauda todo contente, tendo já sentido o



cheirinho da comida. Connie estava bem-disposta, o que nos animou, e eu passei o jantar a contar-lhes histórias dos meus clientes.

– Esse trabalho assenta-te como uma luva – disse-me Connie. – Eu diria mesmo que és rapariga para resolver todos os aspetos das vidas deles.

– Obrigada, Connie, mas olhe que preferia lidar apenas com os problemas dos animais deles. – Ri. – Creio que o meu problema foi ter sido demasiado encorajadora ao início, por estar a começar e por não querer afugentar a clientela. Agora, quando um dos meus novos clientes menciona algum problema pessoal, estendo-lhes o cartão de um psicólogo tão depressa que eles até ficam abanados. Já aprendi a minha lição, acredite. Mas é muito bom ter-vos às duas para conversar, em especial a si, Connie. Tem o mesmo modo de encarar a vida que a Maddy...

– A propósito, já me ia esquecendo, Ronan O'Meara telefonou-me hoje a saber como estava. Perguntou-me também por ti.

– Caramba, há uma eternidade que ando para lhe ligar. – Fiz rapidamente uma nota mental para não voltar a esquecer-me. – É como está ele?

– Bem, creio. Perguntou-me se vos via e eu disse-lhe que vocês eram os meus anjos da guarda. – Fez uma pausa. – Qual era a história entre ele e a Maddy? Sabem, ele não me parece nada o género dela. É um homem muito reservado, assim muito carregado.

– Bom, na verdade, acho que nem sequer tinham um relacionamento propriamente dito – respondeu Clodagh. – E depois a sorte da Maddy mudou e acabaram por nem ter oportunidade de se conhecerem melhor. É tudo o que sei. Lou, tu, se calhar, sabes mais que eu, pois já conhecias o Ronan antes.

– Não, acho que a coisa se resume mais ou menos a isso. Só sei que a vida para ele nos últimos anos não tem sido nada fácil, portanto, penso que também era do interesse dele levar as coisas com calma. Creio que nem a Maddy saberia se o que havia entre os dois iria a algum lado sequer.

– Não sei, ele provoca-me uma sensação estranha. Não consigo entendê-lo – fez notar Connie. – Mas talvez seja por causa de tudo o que

aconteceu. Mas fala-me do Mike. Ele, sim, é uma pessoa sobre a qual gostaria de saber mais coisas. Algum desenvolvimento nessa frente?

Contei-lhe acerca do convite para sábado.

– Portanto, como vê, eu tentei, mas ele não mordeu o isco. – Encolhi os ombros.

– Eu também não ajudei – lamentou-se Clodagh. – Graças à minha estupidez, será um encontro a três.

– Sabiam que o primeiro episódio do programa da Maddy vai para o ar no sábado à noite? – perguntou Connie.

– Não – respondemos as duas ao mesmo tempo.

– Já? – Estava espantada. – Não poderiam ter adiado? A Maddy aparece já no primeiro episódio? – Sabia bem que sim.

– Eles ainda me sugeriram isso. – Connie suspirou. – O produtor chefe, ou lá como se chama, veio cá a casa falar comigo. Um homem muito amável. Queria saber se eu estava de acordo em que comesçassem a passar a série. Assegurou-me que não queriam de modo nenhum transtornar-me, mas eu disse-lhes que prosseguissem como estava planeado. É o que a Maddy teria querido. Teria insistido até para que assim fosse, na verdade. E eles já têm a primeira temporada praticamente toda gravada, segundo o que o produtor disse, portanto, adiar só iria complicar todo o planeamento já feito.

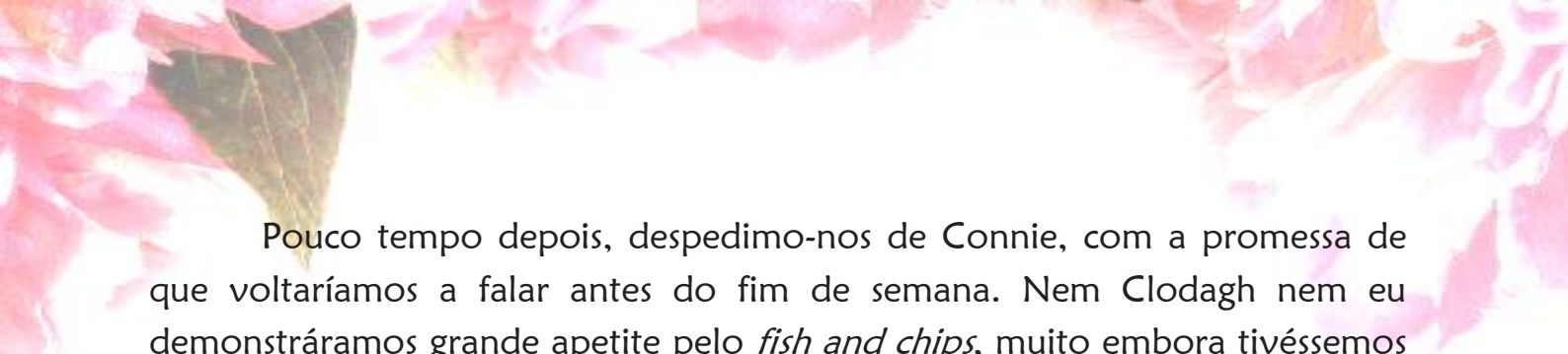
Fiquei com um nó no estômago só de pensar em ver o episódio.

– O Mike não devia saber – disse para Clodagh.

– Sabe, sim – contradisse Connie. – Telefonou-me quando o produtor aqui estava. Quando lhe disse o que pensava fazer, ele perguntou-me se tinha a certeza que teria forças para isso e ofereceu-se para gravar o episódio, para que eu o pudesse ver mais tarde, mas eu disse-lhe que ia reunir a família toda e que assistiríamos ao programa todos juntos, como a Maddy havia de querer que fizéssemos.

– Talvez tenha sido por isso que o Mike nos convidou para ficarmos lá em casa, não achas? – perguntei a Clodagh.

– Sim, eu diria que foi – concordou ela.



Pouco tempo depois, despedimo-nos de Connie, com a promessa de que voltaríamos a falar antes do fim de semana. Nem Clodagh nem eu demonstráramos grande apetite pelo *fish and chips*, muito embora tivéssemos ficado satisfeitas ao ver Connie comer com gosto. Sábado seria um marco importante e um dia que as três temíamos.

* * *

Na manhã seguinte, Emily telefonou, encantada por finalmente ter a irmã que sempre desejara. Aconselhei alguma cautela, pois, tal como Katie avisara, não seria nada de esperar que alguma vez a sua mãe biológica viesse a fazer parte da sua vida. Era um enorme desperdício e, a meu ver, quem saía a perder, e muito, de tudo aquilo era Kitten.

Até então, de todos os meus clientes, o único vencedor, e de longe, parecia ser Denis Cassidy. Estava mesmo a pensar falar com ele para saber como estava quando o meu telefone tocou.

– Lulu, é melhor vir depressa. O *Bartholomew* endoideceu.

– Meus Deus, parece transmissão de pensamentos, estava mesmo a pensar ligar-lhe. – Soltei uma gargalhada. – Então, que se passa?

– Não pode vir até cá? Só lhe digo, o *Bart* parece que tomou droga ou assim. Corre como um louco pelo quintal, atrás da cauda, a lutar com paus. Só falta pôr-se às cambalhotas. E a Joan e a Catherine vêm cá no domingo, por isso estou atarefadíssimo. A última coisa de que preciso é que ele estrague tudo.

Ah, então, era esse o problema.

– Bom, Dinny, se não me engano, a razão por que me consultou da primeira vez foi porque o *Bart* estava deprimido, não foi? – Tentei que o sorriso que esboçara não transparecesse no meu tom de voz. – Recorda-se da discussão que tivemos acerca da «menopausa masculina nos cães»?

– É verdade, não está enganada, tenho de dar o braço a torcer. – Quase conseguia ouvi-lo coçar a cabeça. – Mas olhe que agora já começo a pensar se não seria coisa da minha cabeça. Na altura, tinha demasiado tempo para pensar, isso sim. Agora, parece que o dia não tem horas suficientes. Mandei pôr linóleo novo no chão da cozinha, comprei um frigorífico novo e um fogão moderno... Um daqueles com placa, acredita? Com forno separado, grelhador, tudo e mais alguma coisa. E a seguir vou à cidade comprar almofadas novas e mantas para os sofás. Mistress O’Sullivan disse-me que agora se chamam cobertas. Oh, Lulu, preciso da sua ajuda. Com a cozinha e com o cão. Só queria que ele se acalmasse. Não podia dar-lhe uma injeção ou assim?

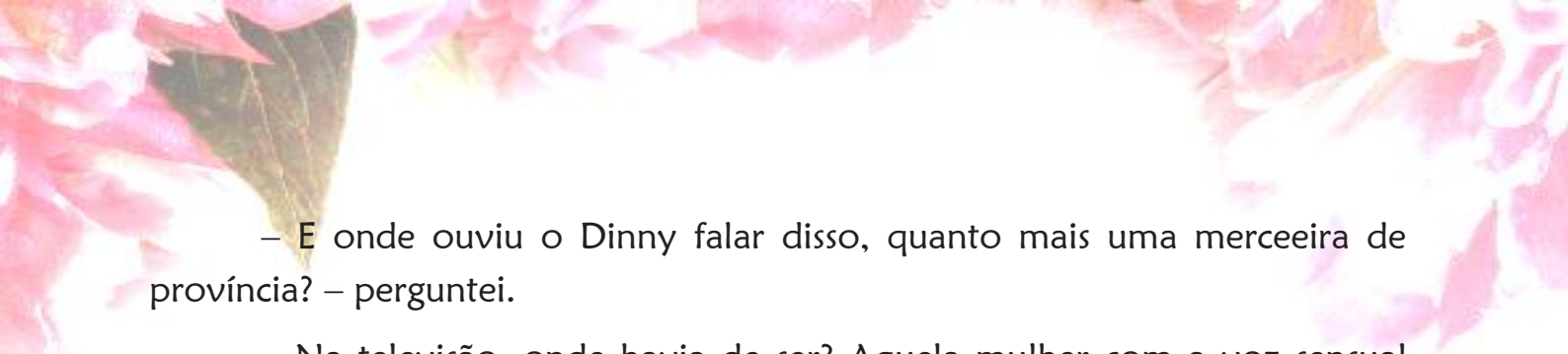
– Denis, não sou veterinária! É claro que não lhe posso dar um injeção. Se bem que, parece-me que o Dinny é que precisa de se acalmar. Talvez um trago de qualquer coisa forte. Um uísque?

– Ah, Lulu, ninguém lhe passa a perna. – Riu comigo. – Escute, ajude-me uma última vez e passe por aqui antes do fim de semana. Não importa quanto me cobra. Na verdade, seja quanto for, pago-lhe a dobrar. Que tal?

– Está bem, eu vou. – Folheei a minha agenda. – Mas apenas lhe cobro a taxa normal; caso contrário, não terei sorte. – Ri de novo. – Que lhe parece sexta-feira às onze?

– Ótimo, ótimo. Oh, a propósito, importava-se de, à vinda, trazer um braçado de flores? E umas duas jarras para as colocar? E se pudesse passar na Marks and Spencer, ou numa dessas lojas finas, e comprasse alguma coisa para comer, dessas coisas que agora estão na moda. Acho que lhes chamam canapés. Sempre pensei que fosse uma peça de mobília – comentou ele num tom de gracejo. – Perguntei aqui na loja da vila, se podia encomendar camarões em... – Parecia estar a ler de uma lista. – Camarões em massa filo, seja lá isso o que for. E crepes. Ah, e miniquiches, e presunto e queijo, esse tipo de coisas. A esta hora ainda se devem estar a rir de mim. A Mary Grimes disse que a coisa mais extravagante que tinham era uma lata de *steak and kidney pie*¹⁷. Nunca sequer ouvira falar de canapés.

¹⁷ Tarte tipicamente britânica cujo recheio consiste de cubos de carne de vaca e rim. (N. da T.)



– E onde ouviu o Dinny falar disso, quanto mais uma merceeira de província? – perguntei.

– Na televisão, onde havia de ser? Aquela mulher com a voz sensual que faz os anúncios da Marks and Spencer. Com aquela voz, comprar-lhe-ia qualquer coisa. Há semanas que ando a apontar os nomes. Faz então isso por mim? Era um fardo enorme que me tirava de cima, só lhe digo. Nem tenho dormido nada de jeito, a pensar no que lhes hei de dar para comerem.

– Porque não as leva simplesmente a almoçar fora? – sugeri.

– É claro que as vou levar a almoçar fora. Até fiz uma reserva naquele hotel todo chique em Newtownmountkennedy. Isto é para petiscarem depois da missa. Tenho de ter uma variedade de coisas sofisticadas que elas estejam habituadas a comer lá em Londres.

Desisti.

– Está bem, mas os meus honorários acabaram de triplicar – declarei em tom de brincadeira.

– Tudo o que quiser, Lulu, tudo o que quiser, desde que me ajude.

– Já agora, não quer que lhe engome também uma camisa? – trocei.

– Não seja ridícula. Comprei um fato novinho em folha. E a mulher a dias vem cá no sábado de manhã, ela faz essas tarefas. Adeusinho, Lulu, o jardineiro acabou de chegar e o *Bart* está a infernizar-lhe a vida. Vemo-nos na sexta-feira.

«Bom, pelo menos, tenho uma história de sucesso para contar», pensei, de queixo caído quando ouvi um clique e me dei conta de que Dinny desligara. Mais uma vez, Denis Cassidy deixara-me sem palavras.

43

NO INÍCIO DA SEMANA, estabelecera como prioridade entrar em contacto com os meus clientes mais antigos e regulares para saber como estavam as coisas a correr. Era algo que tentara fazer antes do acidente, todavia, desde a morte de Maddy, o trabalho e a papelada acumulara-se e acabara por descurá-los. Por sorte, grande parte deles voltara a consultar-me – despejando em mim os seus problemas –, o que acabara por me ajudar a mim e a eles. Contudo, desde o funeral que não conversava com Ronan O'Meara, muito embora tivéssemos trocado mensagens pelo *voice-mail* várias vezes.

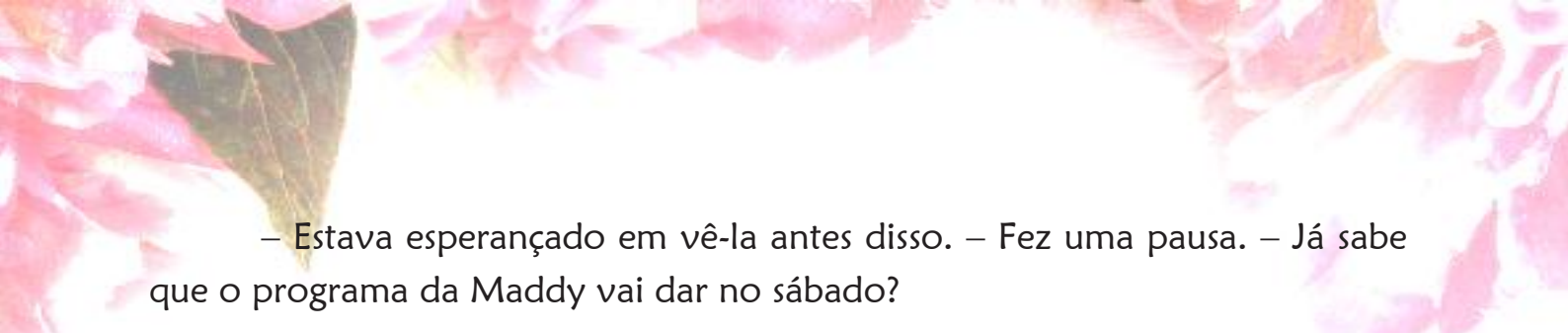
Decidi ligar-lhe de novo. Na noite anterior, deixara-lhe uma mensagem ao chegar a casa, mas ele ainda não respondera.

– Lulu, estava mesmo a preparar-me para lhe telefonar.– Ronan atendeu de imediato. – Ontem estive no norte, em Derry, em negócios. Só regresssei à noite, já tarde.

– Presumo que não passou por Donegal à vinda? – perguntei, referindo-me ao local onde o filho dele vivia. Seria um desvio, é certo, mas não muito grande, se os meus conhecimentos de geografia não me enganavam.

– Não – respondeu Ronan em voz baixa e percebi que continuava hesitante. – Na verdade, gostaria de conversar consigo acerca disso. Tem algum tempo livre para mim hoje ou amanhã?

– Não tenho, lamento. – Tinha a agenda repleta e já quando marcara a visita a Denis Cassidy sabia que estava a exagerar. Para além de tudo o resto, o contabilista ficara de vir reunir-se comigo e, tendo em conta que já adiara a reunião por duas vezes, não podia cancelar. – E se for na próxima semana?



– Estava esperançado em vê-la antes disso. – Fez uma pausa. – Já sabe que o programa da Maddy vai dar no sábado?

– Sei, foi a Connie que me disse a noite passada. Ela contou-me que o Ronan lhe ligara. É muito simpático da sua parte manter-se em contacto – disse-lhe.

– Bom, sei que vai ser muito difícil para si ver o episódio, por isso pensei que talvez gostasse de vir até cá vê-lo comigo e com a minha avó?

– Gostaria muito, mas o Mike já me convidou, a mim e à Clodagh, para jantar em casa dele. – Interroguei-me se devia convidá-lo a ele também, mas, na verdade, não me cabia a mim.

– Compreendo. Bom, nesse caso, ficamos assim. – A voz dele soava tensa.

– Na altura ainda não sabia que o episódio ia para o ar, mas foi obviamente por esse motivo que ele nos convidou – expliquei.

– Vai ficar bem? Por causa do episódio?

Estava preocupada com ele e sentia-me culpada por tê-lo negligenciado.

– Sim, acho que vou ficar bem, embora, tal como o Ronan, imagino, esteja um pouco receosa.

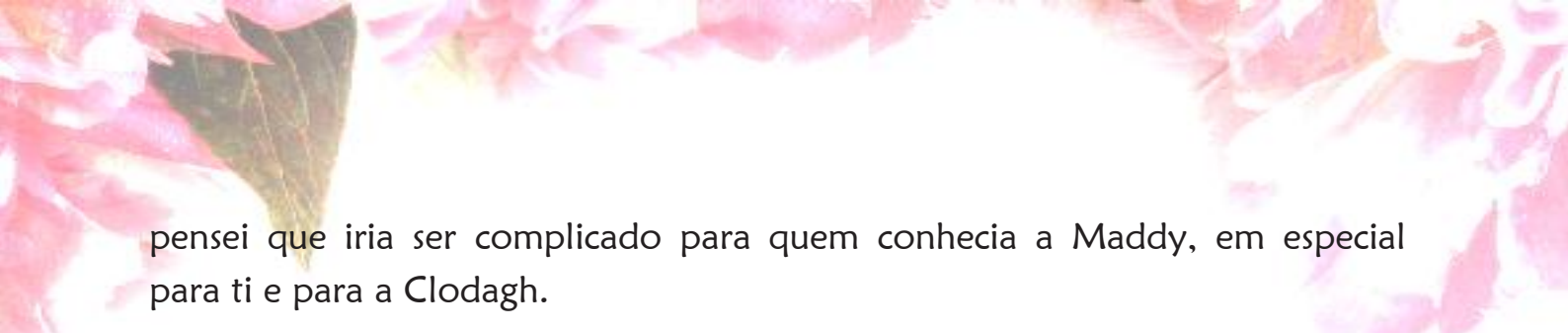
Falámos durante um bocado e eu tentei conduzir de novo a conversa para o tema do filho dele, mas ele esquivou-se a todas as tentativas e pôs fim à conversa pouco tempo depois. Ao despedir-me, prometi que lhe ligaria depois do programa, no sábado à noite.

Logo de seguida liguei a Mike e abordei a questão.

– É claro que podias tê-lo convidado; na verdade, eu mesmo me devia ter lembrado disso – tratou logo ele de dizer. – Dá-me o número do Ronan que eu falo com ele já.

– Foi por isso que nos convidaste para jantar? – quis saber.

– Mais ou menos. – Parecia relutante em ficar com os louros. – Também queria estar com vocês e, quando a Connie me falou do programa,



pensei que iria ser complicado para quem conhecia a Maddy, em especial para ti e para a Clodagh.

– És tão amoroso quanto um Golden Retriever – afirmei com um nó na garganta.

– *Ão, ão.* – Aos latidos acrescentou um uivo, fazendo-me rir, apesar de tudo. – Atualmente convives com tantos animais que já me confundes com um – reclamou ele. – Animal de estimação é que não sou.

Prometeu telefonar-me assim que falasse com Ronan e, um minuto ou dois mais tarde, o meu telemóvel tocou.

– Nada feito. Ele parece determinado em ver o episódio em casa – disse ele. Suspirei. Ronan parecera-me muito em baixo e eu ficara esperançada que ele aceitasse o convite de Mike. – Eu tentei; até convidei a avó dele a juntar-se a nós... e olha que há uma eternidade que não convidava uma avozinha para um encontro. – Estava a tentar animar-me.

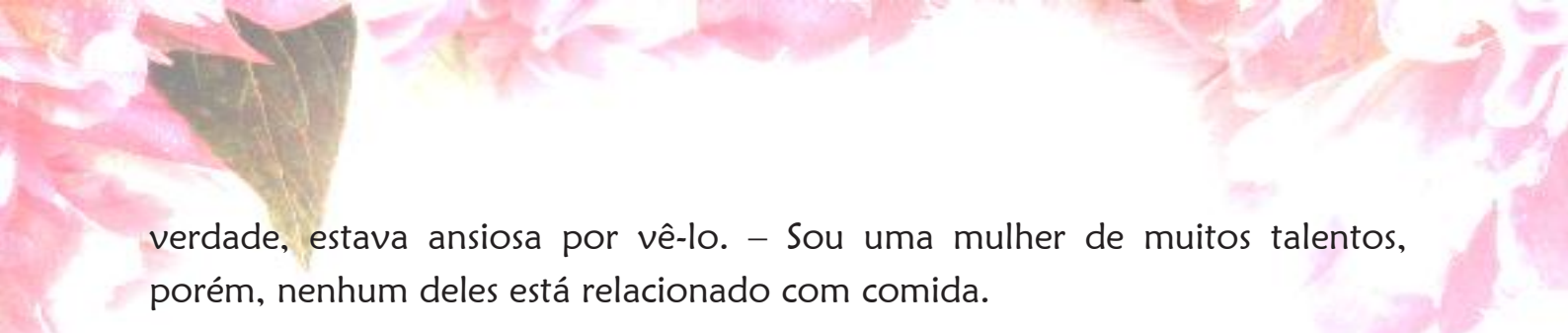
– Obrigada pelos teus esforços, de qualquer maneira. Fizeste tudo o que pudeste. Imagino que isto seja difícil para ele. Só gostava de perceber melhor a extensão dos sentimentos dele pela Maddy. O Ronan parecia estar a levar a coisa com muita calma e creio que a Maddy nem tinha a certeza se a possível relação teria pés para andar. – Suspirei de novo. – Contudo, e não percebo bem porquê, ele parece muito afetado com a morte dela, mas, quando falo com ele sobre isso, sinto-o distante, o que não faz sentido nenhum.

– Talvez ele tivesse grandes planos para a relação. Nós nem sempre partilhamos os nossos sentimentos da mesma forma que vocês, raparigas, sabias?

– Sim, talvez seja isso. Creio que agora nunca saberemos. É verdade, precisas de ajuda com o jantar? Queres que faça uma entrada, compre uma sobremesa ou alguma coisa assim?

– Sim, sim e sim – respondeu Mike com uma gargalhada. – Tudo isso. Vens às compras comigo e fazes o papel de conselheira gastronómica?

– Com certeza, mas serias muito mais bem sucedido com a Clodagh. – Interroguei-me porque estaria a recusar a companhia dele quando, na



verdade, estava ansiosa por vê-lo. – Sou uma mulher de muitos talentos, porém, nenhum deles está relacionado com comida.

– Certo. Obrigadinho pela ajuda. Fazemos assim: eu envio-vos o menu por *e-mail* e vocês logo me dizem se alguma coisa do que estou a planear cozinhar vos faz vomitar. Ups, desculpa mencionar a palavra vomitar. Falamos mais tarde.

Uma vez mais, deixou-me a ouvir o sinal de marcação com um sorriso na cara. Resolvi oferecer os meus préstimos, afinal, assim que recebesse o *e-mail* dele. Ia ser engraçado percorrer o supermercado na companhia dele. Podia até fazer de conta que éramos um casal.

QUANDO, NA MANHÃ SEGUINTE, dei por mim a fazer compras para Dinny, percebi que precisava mesmo de dar uma volta à minha vida. Por sorte, deixara *Pete* com Mary, pois acabei por encher a caixa dele mais a mala da moto e ainda assim tive de carregar uma mochila às costas com as flores a saírem, e a perderem algumas pétalas, de certeza, enquanto acelerava pela M11 rumo a Ashford.

– Vai ficar a pagar-me por isto durante muito tempo, Mister Cassidy – avisei-o enquanto descarregava a moto. *Bart* pulava em redor dos meus pés.

– É uma amiga e peras, Lulu. Entre. Tenho dinheiro para si na mesa da cozinha: diga-me quanto é – disse ele. – Olhe para esse cão, endoideceu de vez, tal como lhe disse.

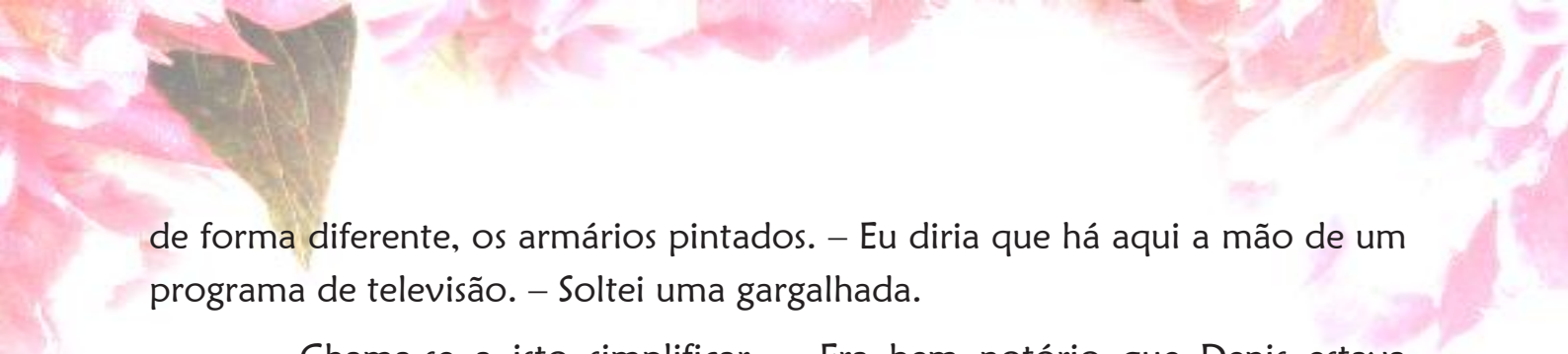
– Dinny, a casa está espetacular e ainda nem vi o interior. – Observei o jardim. – Que aconteceu ao jardim?

– Bom, os dois homens de que lhe falei, e que diziam ser cirurgiões de árvores, se é que isso faz sentido, chegaram aqui com um contentor e uma carrinha e limparam tudo. Mandaram fora uma montanha de entulho e pneus e toda a sorte de lixo que eu já aí tinha acumulado há anos. Depois, contratei um pintor e ele deu uma pintadela à fachada da casa. A seguir, mandei limpar as janelas e depois os dois rapazes regressaram com uma camioneta cheia de vasos com plantas e floreiras e mais isto e mais aquilo, e aqui tem.

– Parece uma casa nova. – Estava maravilhada. – Nem acredito que há tantas plantas floridas nesta altura do ano. Ajude-me com os sacos e mostre-me a cozinha.

Lá dentro, a transformação era igualmente deslumbrante.

– Dinny, a casa parece maior, e mais luminosa e mais moderna. Estou embasbacada. – Observei as novas almofadas e cobertas, a mobília disposta



de forma diferente, os armários pintados. – Eu diria que há aqui a mão de um programa de televisão. – Soltei uma gargalhada.

– Chama-se a isto simplificar. – Era bem notório que Denis estava entusiasmadíssimo. – Tinha para aí carradas de jornais e revistas e livros amontoados, como bem sabe. Que acha do novo oleado, ou linóleo ou marmóleo, ou lá como chamam a isto hoje em dia?

– Está fabuloso. E esta claridade toda, é um milagre. De facto, o Dinny tinha muita tralha acumulada. E agora, se me ajudar a desempacotar, pomos as flores nas jarras e a casa vai parecer um palácio.

– A Lulu é uma excelente rapariga, isso sim.

Lançou-se à tarefa com afinco e a cozinha não tardou a cheirar a rosas e frésias.

– Também trouxe uns quantos pés de lilases importados de sabe Deus onde – disse-lhe. – O perfume é divinal, não é?

– É mesmo, Lulu, sem dúvida. – Denis parecia dez anos mais novo e mais animado e energético do que alguma vez o vira.

– Está entusiasmado com a visita? – Foi uma pergunta estúpida.

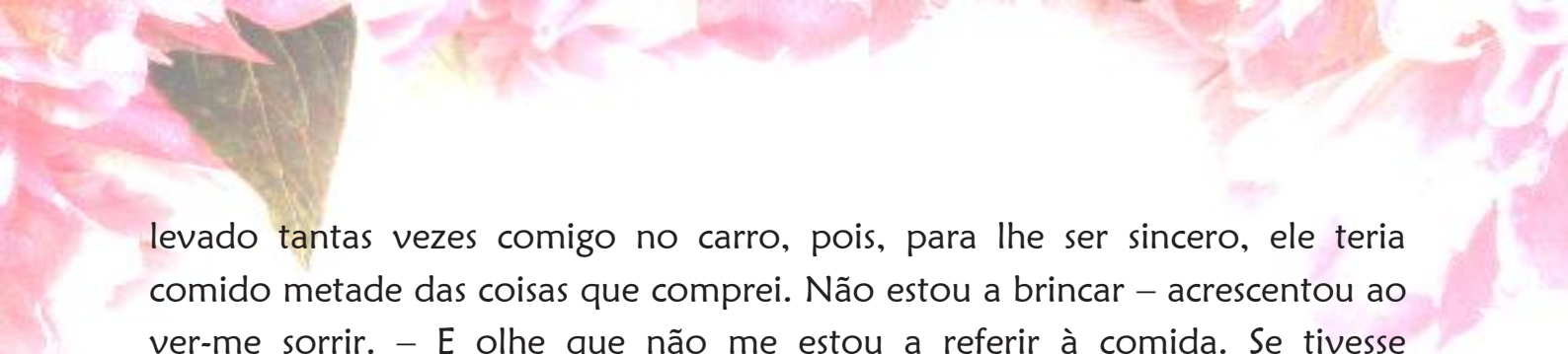
– Desde que soube que nem tenho dormido – respondeu ele. – Imagine, a minha filha aqui, em Ashford. E também vão comigo à missa, acredita? Estou mortinho por apresentá-la ao padre e ao médico e a toda a gente. Vou ficar tão inchado de orgulho, tão certo quanto dois e dois serem quatro.

– O Dinny merece. – Estava muito feliz por ele. – Então, diga-me lá, que se passa com o *Bart*? Seja rápido. Tenho de regressar ao consultório antes que o meu contabilista mande as Finanças atrás de mim.

– É como lhe disse, Lulu, ficou doido. Olhe que não estou a mentir, não senhor. Olhe para ele agora, ali aos pulos como se fosse um sapo. Passa o tempo todo naquilo, dia e noite.

– Tem-no ignorado nestes últimos dias? – perguntei.

– É provável. Tive de o fechar no barracão umas quantas vezes, enquanto os homens trabalhavam, e presumo que também não o tenho



levado tantas vezes comigo no carro, pois, para lhe ser sincero, ele teria comido metade das coisas que comprei. Não estou a brincar – acrescentou ao ver-me sorrir. – E olhe que não me estou a referir à comida. Se tivesse deixado almofadas ou sacos ou embrulhos no banco de trás, ele teria roído e feito tudo em frangalhos enquanto esperava por mim, pode ficar certa disso.

– Bom, aí tem a sua resposta, Dinny. Ele sabe que alguma coisa se passa e também quer ser incluído. Portanto, terá de arranjar algum tempo para o levar a passear e brincar com ele todos os dias.

– Achas mesmo?

– Sim, e é melhor que comece já hoje, se quer ver resultados até domingo. – Dei uma gargalhada. – Até pode levá-lo apenas ao campo e deixá-lo correr à vontade. Não se esqueça, Dinny, ele preencheu a sua vida até há bem pouco tempo. De repente, você embarca numa aventura sem ele. Como seria de esperar, ele sente-se posto de lado e está a suplicar que o inclua. É só isso que se passa, na minha opinião. Repare nisto. – Deixei o cão entrar, e ele estava tão animado que parecia que lhe tinham dado corda. Então, disse a Dinny que se sentasse, e eu fiz o mesmo, e de repente *Bart*, contente por fazer parte daquela reunião, deitou-se também.

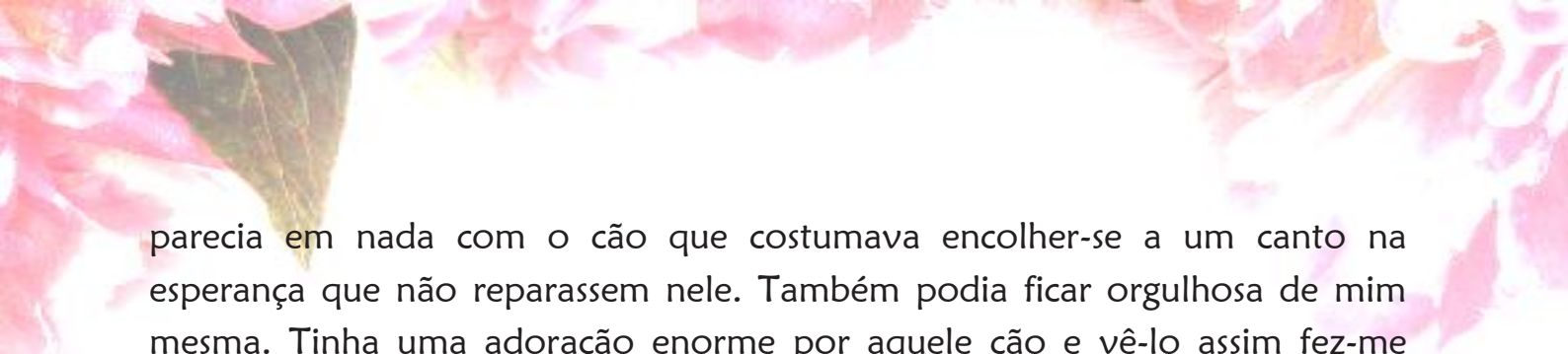
– Caramba, é fantástico. É a primeira vez que o vejo quieto em toda a semana. É genial, Lulu, genial.

– Tem-no mantido fora de casa? – perguntei.

– Sim, sabe, tenho evitado que ele suje tudo ou se sente nas almofadas novas – admitiu ele.

– *Okay*, nesse caso, porque não lhe compra um cesto novo hoje e arranja aqui um espaço para ele? E, já agora, compre um saco de biscoitos para cães e, de cada vez que ele estiver calmo e bem-comportado, dê-lhe um. Vai ver que resulta.

Parti pouco tempo depois e fi-lo prometer que me telefonaria no domingo à noite para me contar tudo. Dinny era a minha maior história de sucesso até então e estava muito orgulhosa dele. E também me dera *Pete*, que ficou tão contente ao ver-me de regresso que mais parecia *Bart*, correndo pelo consultório, e pulando junto às minhas pernas a pedir atenção. Não se



parecia em nada com o cão que costumava encolher-se a um canto na esperança que não reparassem nele. Também podia ficar orgulhosa de mim mesma. Tinha uma adoração enorme por aquele cão e vê-lo assim fez-me tomar consciência de que *Pete* alcançara a transformação por que eu ansiara. Decidi não almoçar e levá-lo a dar um passeio rápido pelo único espaço verde que havia junto àquele complexo de edifícios e de regresso telefonei aos meus amigos do *catering* e pedi-lhes se me arranjavam um osso de presunto, que seria o petisco de *Pete* naquela noite.

Estava tão cansada que até o meu contabilista, com o qual agendara uma reunião para o final do dia, desistiu ao fim de vinte minutos e concordou em regressar na segunda-feira. Antes de rumar a casa, fui rapidamente abrir a caixa de *e-mail*. O menu do jantar de Mike lá estava. Não pude deixar de rir ao lê-lo e liguei-lhe logo a seguir. Estava numa reunião, mas telefonou-me de volta mesmo quando eu estava de saída.

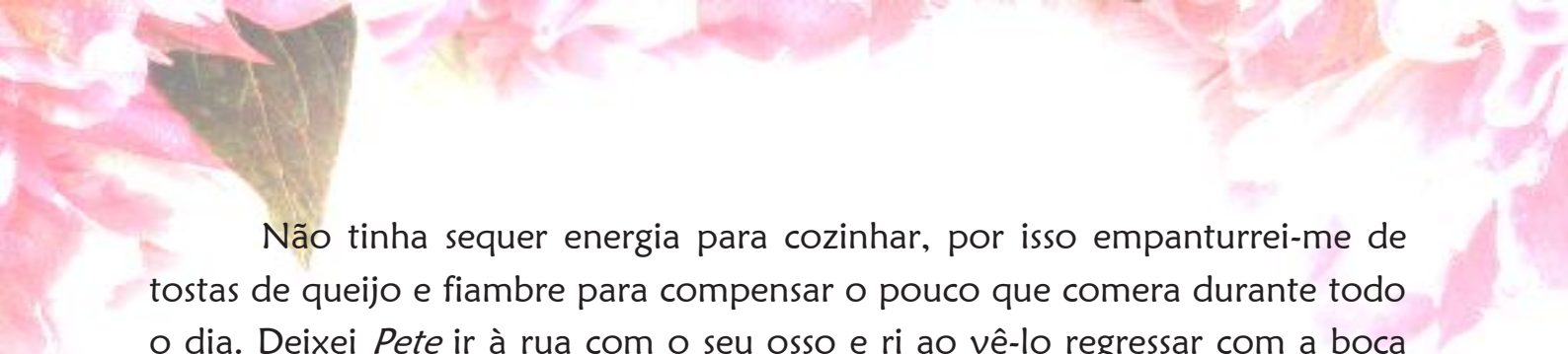
– Se tu vais cozinhar o que está naquele *e-mail*, eu sou a Angelina Jolie – disse-lhe, mal atendi. – E, se for esse o caso, então devo ter perdido o Brad algures.

– És mesmo uma bruxa por duidares sequer de mim – respondeu ele num tom alegre. – Tu recusaste-te a vir às compras comigo, a Clodagh fugiu para Londres em negócios, portanto, que há de um homem fazer? Pronto, admito que tive ajuda, da minha própria Nigella, que, para além de tudo, é um borracho, mas podes ficar ciente de que vou cozinhar tudo o que está nesse *e-mail*, e se tu torceres o nariz ao que quer que seja, abro-te a boca à força e enfio-te a comida pela goela abaixo, juro!

– Cozinhar? – trocei. – Aquecer, queres tu dizer. Atrevo-me a dizer que o teu micro-ondas vai trabalhar tanto que os níveis de radiação, ou lá o que os micro-ondas emitem, vão rebentar a escala.

– E com isso me despeço. Vou beber uma cerveja com os colegas aqui do escritório. Eu, se fosse a ti, ia já começando a escrever um pedido de desculpas. Leva-o contigo amanhã, sempre poupas o selo.

– Adeusinho – despedi-me com uma gargalhada. – Mal posso esperar. – Fechei tudo e dirigi-me a casa, resolvida a meter-me na cama às dez e agradecendo a Deus por o dia seguinte ser sábado. Fora uma semana e tanto.



Não tinha sequer energia para cozinhar, por isso empanturrei-me de tostas de queijo e fiambre para compensar o pouco que comera durante todo o dia. Deixei *Pete* ir à rua com o seu osso e ri ao vê-lo regressar com a boca suja de terra.

– Enterraste o osso, não foi?

Brinquei com ele durante um bom bocado e depois enroscámo-nos no sofá a ver um novo programa acerca de um assassino em série.

Quando me preparava para me recolher ao quarto, *Pete* começou a rosnar.

– Outra vez, não, *Pete*. – Olhei-o nos olhos. – Aquele programa já foi um bocadinho assustador, não tornes as coisas ainda piores. – Puxei-o mais para mim e pus-me à escuta. Contudo, o rosnar dele era ainda mais sinistro que de todas as outras vezes. Virei o focinho dele para mim e voltei a olhá-lo nos olhos. – Que é, *Pete*? – perguntei, como se ele me pudesse responder. – Que se passa?

Saltou então para o chão e correu para a porta e eu preparava-me para pegar no telemóvel quando ouvi alguém bater à porta. Aliviada por perceber que tudo o que *Pete* ouvira fora a chegada de uma visita, abri a porta. E deparei-me com Ronan O'Meara.

– Ronan, pregou-me cá um susto. Está tudo bem?

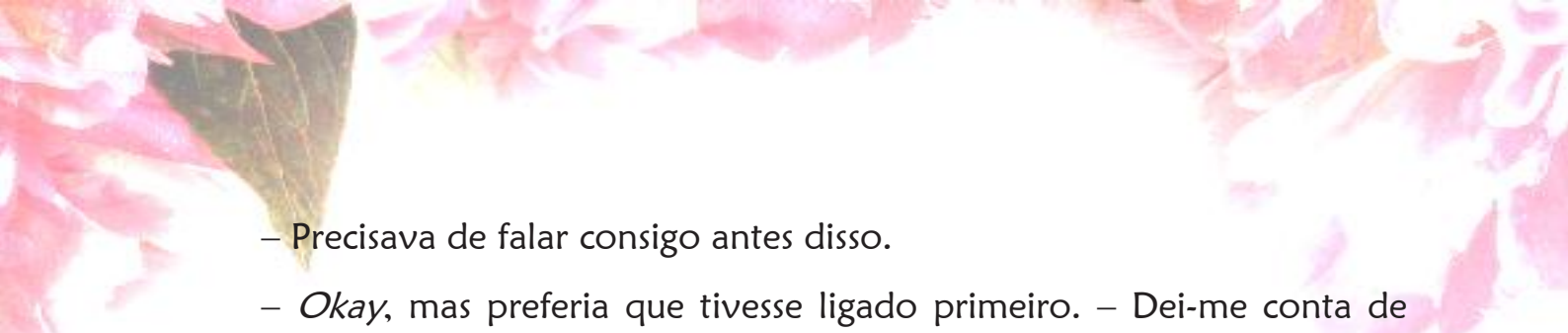
– Posso entrar? – perguntou ele em voz baixa.

– Sim, claro. – Dei um passo ao lado para lhe franquear a entrada. – Está tudo bem, *Pete*. Lindo menino. – Agarrei-o pela coleira, mas ele não parava de rosnar a Ronan, algo que nunca antes fizera. – Peço desculpa, ele não costuma ser assim. – Havia qualquer coisa no semblante de Ronan que me deixou um pouco perturbada. – Como sabia onde eu moro? – perguntei-lhe. – E porque não me telefonou?

Por um momento, ele nada disse, limitando-se a olhar-me fixamente.

– Receava que não me quisesse ver – respondeu ele. – No outro dia evitou-me.

– Apenas porque tinha a agenda cheia, Ronan. Mas combinámos encontrar-nos no princípio da próxima semana, não combinámos?



– Precisava de falar consigo antes disso.

– *Okay*, mas preferia que tivesse ligado primeiro. – Dei-me conta de que deveria ter-me mostrado mais aborrecida por ele ter aparecido assim à minha porta, porém, havia uma outra coisa que me incomodava mais, mas não estava a conseguir perceber o que era. – Sente-se... – Apontei para uma das cadeiras da pequena mesa de cozinha – e conte-me o que se passa.

Ronan não fez qualquer tenção de se sentar e *Pete* colou-se à minha perna com os olhos fixos nele e parecia pronto para atacar, o que me deixou ainda mais assustada.

– Não quero que assista àquele programa amanhã à noite com o Mike – declarou ele. – Quero-a comigo.

– O quê? Não estou a compreender – respondi, mais para ganhar tempo do que qualquer outra coisa. Sabia que aquele não era o comportamento normal de Ronan e, embora uma parte de mim achasse que não havia motivos para me preocupar em demasia, outra parte reparava em coisas estranhas, como o facto de ele não ter tirado a mão do bolso do sobretudo desde que chegara, ou de o olhar dele ter um aspeto vidrado e meio parado.

– Quero que venha a Donegal comigo visitar o meu filho – disse ele numa voz normal como se estivesse a convidar-me para irmos tomar um café.

– Amanhã?

– Não, esta noite.

– Mas já passa das dez, Ronan. Donegal fica a, pelo menos, quatro horas de viagem. Mesmo que quiséssemos, já lá não chegaríamos a horas decentes. É muito tarde.

– Quero que me ajude a recuperar a minha vida. Que faça parte dela. A Lulu pode ajudar-me; é a única pessoa capaz disso.

– Estou disposta a fazer tudo o que puder para o ajudar. Tornámo-nos amigos, espero, e o Ronan foi importante para a Maddy, mas não está a comportar-se de forma racional, ao aparecer aqui assim, a estas horas da noite. Como sabia onde eu morava? – voltei a perguntar.

– A Maddy disse-me – respondeu ele. – Mas isto nunca teve nada a ver com a Maddy, mas consigo, Lulu, sempre. – Cravou os olhos no vazio.

– Já aqui tinha estado? Tem andado a vigiar-me? – Saiu-me antes de me dar conta.

– Sim – disse ele. – Queria certificar-me que ele não estava consigo.

– Ele, quem?

– O Mike. A Maddy disse-me que achava que vocês eram as pessoas certas um para o outro, mas a Lulu é a única pessoa que pode ajudar-me a encarregar de novo a minha vida. Eu preciso de si; ele não.

– Ronan, gostaria que se fosse embora. Agora. – Avancei calma mas rapidamente para a porta e abri-a. – Por favor. – Segurei a porta aberta.

– Não. – Deteve-se por um momento e empurrou a porta, fechando-a com estrondo. – Quero que faça a mala e venha comigo. Agora, neste instante.

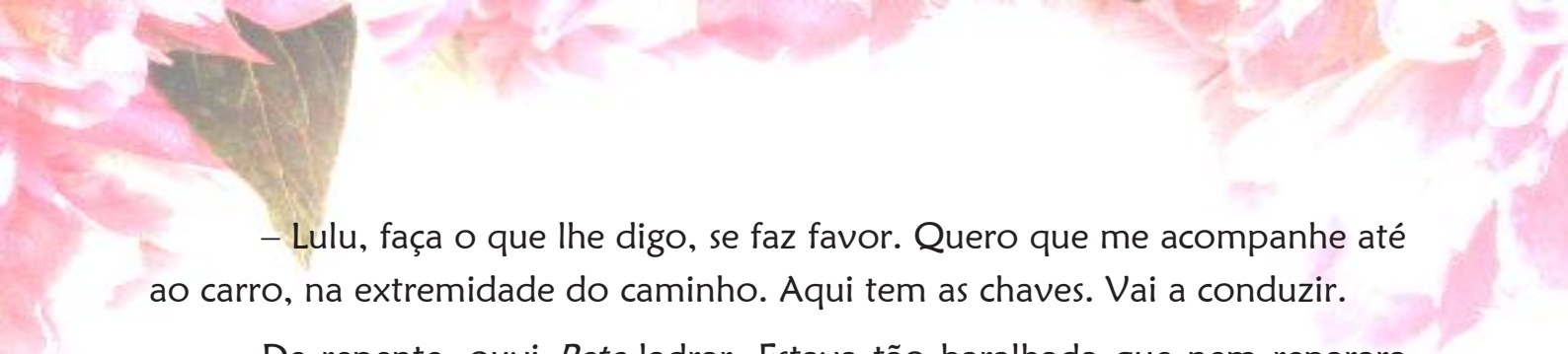
– Não vou a lado nenhum – afirmei. – Ronan, o seu comportamento não é normal. – Tinha o coração aos pulos. – Dou-lhe mais uma oportunidade para se ir embora e esqueçamos que isto aconteceu. Caso contrário, terei de chamar a polícia. – Inclinei-me para o sofá e peguei no telemóvel, mas, como o espaço era exíguo, numa fração de segundo ele estava junto a mim, com a mão em redor do meu pulso.

– Ronan, pare com isso, está a magoar-me. – Apertou-me até eu largar o telefone e depois tirou a outra mão do bolso e vi que segurava uma faca. – Por favor, Ronan, isto já foi longe de mais. – Nunca na vida me sentira tão assustada. – Largue-me.

Ao ver-me olhar para a faca, parou de me apertar o pulso e largou-me. Inclinou-se então para apanhar o telemóvel do chão.

– Nunca a magoaria, sabe disso – afirmou. – Vamos, esqueça a mala. Podemos comprar o que precisarmos pelo caminho.

– Não vou a parte nenhuma consigo esta noite – voltei a dizer num tom o mais calmo que consegui. Ronan aproximou-se então de mim, colando praticamente a cara à minha.



– Lulu, faça o que lhe digo, se faz favor. Quero que me acompanhe até ao carro, na extremidade do caminho. Aqui tem as chaves. Vai a conduzir.

De repente, ouvi *Pete* ladrar. Estava tão baralhada que nem reparara que ele já não estava ali. Devia ter-se escapado quando eu abri a porta.

– Lulu, estás em casa? – Vi a luz de uma lanterna e ouvi a voz de Jack.

– Quem é? – perguntou Ronan. – É o Mike?

– Não, é o meu vizinho, Jack. Todas as noites, por volta desta hora, costuma vir ver se está tudo bem comigo – menti.

– Livre-se dele. Foi por isso que trouxe isto. – Encostou a faca às minhas costas enquanto me empurrava na direção da porta. – Diga-lhe que tem uma visita, vá – sussurrou. – Eu não saio de detrás de si.

– *Okay* – concordei, sem saber ao certo como iria alertar Jack. – Mas terei de abrir a porta.

– Apenas uma frincha – ordenou Ronan. Avancei para a porta, mas, quando lá cheguei, ele já tinha o pé fincado de modo a permitir que apenas a abrisse menos de meio.

– Ah, aí estás tu. Está tudo bem? É que o *Pete*...

Ronan picou-me com a faca e gritei:

– Jack, tenho uma visita. – Não conseguia ver o rosto dele, por isso rezei para que ele fosse capaz de ver o meu sob a luz do alpendre e percebesse que estava aterrorizada. Pela luz da lanterna, percebia que Jack estava cada vez mais perto.

– Livre-se dele – incitou-me Ronan, mas, antes que pudesse fazer o que quer que fosse, vi *Pete* correr na minha direção. Lançou-se contra a porta, derrubando-me praticamente. Atirou-se a Ronan e, no meio da refrega, vi sangue e gritei. Jack entrou então de rompante e ouvi-o gritar por cima do ombro:

– Jill, não entres. Chama a polícia, a Lulu precisa de ajuda.

45

– *PETE* – GRITEI ENQUANTO TENTAVA AGARRAR a faca. – Não, Ronan, por favor, peço-lhe, não lhe faça mal!

Jack precipitou-se contra Ronan, que parecia baralhado por causa do sangue.

Pressentindo que apanhara Ronan desprevenido, Jack rasteirou-o e empurrou-o para o chão. No meio da luta, Ronan largou a faca e, ao cair, vi um pé pisá-la.

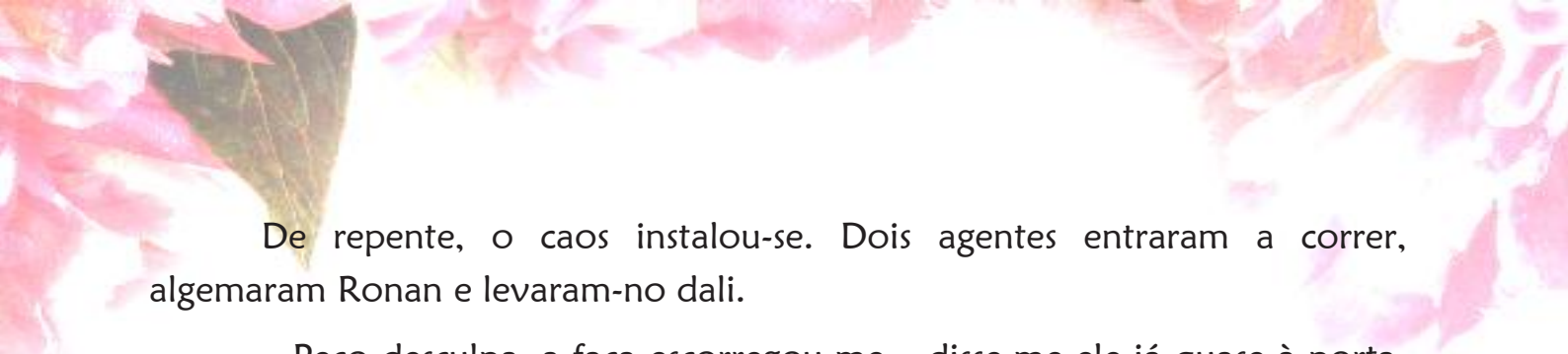
– Pronto, já a agarrei! – Jill, que entretanto entrara e se envolvera na confusão, segurava a faca com força e com um ar de triunfo na cara.

– Lulu, estás ferida? – Jack segurava Ronan contra o chão e eu corri para junto de *Pete*, tombado no chão.

– Não, estou bem, mas o *Pete* está ferido. – Era visível uma pequena mancha de sangue no pescoço dele, mas não parava de me lambe a mão, por isso percebi que estava vivo. – Está tudo bem, *Pete*. És um lindo menino. Está tudo bem, lindo menino – disse uma e outra vez, deitando-me ao lado dele. – Já chamaram ajuda?

– A polícia vem a caminho – respondeu Jill. – Jack, estás bem?

– Sim, tenho-o aqui bem seguro. – Jack era um homem grande e corpulento para o qual não representava grande esforço manter Ronan bem preso. – Como entrou ele? – perguntou-me. Começámos então a ouvir a sirene do carro da polícia. – É meu cliente. Fui eu que o deixei entrar. Ele tem-me andado a vigiar e era por isso que o *Pete* rosnava tanto. – Sentei-me e coloquei os braços em redor do meu querido cão e, aos poucos, puxei-o para o meu colo. – O *Pete* foi esfaqueado. – Só então registei o que sucedera. – Por favor, ajudem-me.



De repente, o caos instalou-se. Dois agentes entraram a correr, algemaram Ronan e levaram-no dali.

– Peço desculpa, a faca escorregou-me – disse-me ele já quase à porta.
– Nunca a teria magoado, Lulu, nem a si nem ao *Pete*, nem qualquer animal. A Lulu sabe disso.

Só consegui acenar que sim com a cabeça. O que acontecera ali não tinha nada a ver com o Ronan que eu conhecia, disso estava certa. Para além do mais, sabia o quanto ele gostava de *Deputy*, portanto, não era homem de ferir intencionalmente um animal, como ele mesmo dissera.

Um dos agentes estava ao telefone enquanto o outro se certificava de que estávamos todos bem.

– Por sorte, estávamos aqui muito perto. Já tinha feito uma queixa por arrombamento, não tinha? – perguntou ele depois de se apresentar como Paul Keegan. – Havia um registo disso na esquadra.

– Sim, mas, por favor, ajudem-me. O meu cão foi esfaqueado. – De cada vez que o dizia, sentia-me ficar mais histérica.

– Já estamos a tratar disso – disse ele. – Jim, alguma novidade?

O segundo agente apareceu.

– Já consegui falar com ele. Diz que vai ter connosco à clínica, que assim será mais rápido e que, para além disso, lá sempre tem tudo o que precisa. Fica aqui pertinho. – Ajoelhou-se junto a mim. – O meu nome é Jim Doran. Sente-se bem? Quer que o leve por si?

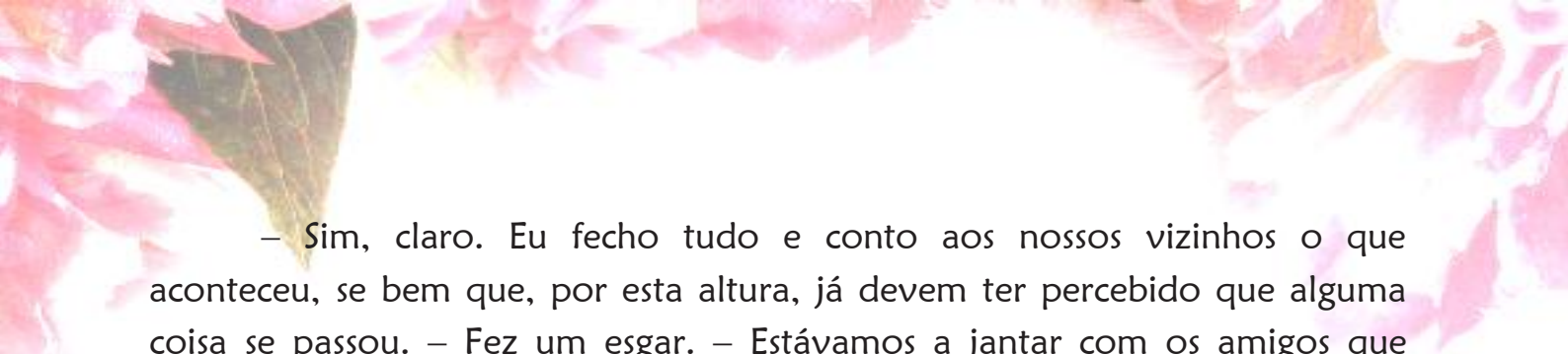
– Não é preciso, obrigada, ele não é pesado – respondi, porém, ao levantar-me, as minhas pernas pareceram perder a força, mas, antes que cedessem por completo, fui amparada por eles os quatro.

– Eu tenho o cão seguro – afirmou Paul Keegan.

– E eu estou a amparar a Lulu – disse Jill. – Consegues andar? – perguntou ela ao mesmo tempo que me conduzia a uma cadeira.

– Sim, estou bem. Desculpem, acho que me levantei depressa de mais – expliquei. – Tenho de ir com ele. Não posso deixá-lo.

– Eu vou também – decidiu Jill. – Jack, ficas bem aqui?



– Sim, claro. Eu fecho tudo e conto aos nossos vizinhos o que aconteceu, se bem que, por esta altura, já devem ter percebido que alguma coisa se passou. – Fez um esgar. – Estávamos a jantar com os amigos que moram na casa ao lado – contou ele. – O *Pete* sabe bem como chamar a atenção quando precisa de ajuda. – Coçou a cabeça. – Estávamos na sala do piso de cima, e não na cozinha, mas ele conseguiu trepar para umas caixas e esgravatar até o ouvirmos. Agarrou-me pela perna das calças assim que me viu. Não havia como duvidar que alguma coisa se passava e ele não me largaria enquanto eu não viesse ver de ti.

Íamos conversando à medida que andávamos.

– Só quando o ouvi ladrar e ouvi a tua voz me dei conta de que ele se escapara – expliquei a Jack e entreguei-lhe as chaves de casa. – Ainda bem que vieram naquela altura.

– Era impossível não virmos. – Jill sorriu. – Aquele cão fará qualquer coisa para te proteger.– Afagou as orelhas de *Pete* ao mesmo tempo que o agente o transportava com todo o cuidado até ao carro. – Não há como negar que ele gosta muito de ti.

Quando me sentei no carro-patrulha, Paul deitou *Pete* no meu colo e tapou-o com uma manta.

– Não me parece que seja muito grave – opinou ele num tom amável. – A hemorragia já está quase estancada.

– Obrigada. – Ia a fazer um esforço enorme para não chorar. – Que aconteceu a Ronan O'Meara?

– Foi levado noutro carro para a esquadra. Pedimos reforços assim que percebemos que o intruso ainda estava no interior da casa – explicou Jim Doran. – Mais tarde, vamos precisar de falar consigo e de fazer-lhe algumas perguntas. Pode ser?

Acenei com a cabeça.

– Queres que telefone a alguém? – perguntou Jill.

– À Clodagh – respondi. – O número dela está no meu telemóvel. Não espera, ela esta noite está em Londres, já me tinha esquecido. Importavas-te

de ligar à minha irmã, Becky? – Não sei porquê, mas queria a companhia dela. – Na marcação rápida, o número dela é o cinco.

– Tem o telefone desligado – disse Jill ao fim de uns segundos. – E não me permite deixar mensagem.

– Nesse caso, tentavas o Mike? É o primeiro nome que encontrarás na letra M. Creio que gostaria que ele ao menos soubesse do sucedido.

Chegámos entretanto ao veterinário, por isso, deixei Jill no carro, a reunir as minhas coisas, enquanto eu levava *Pete* para dentro da clínica.

Joe Ryan, o veterinário, esperava-nos à porta. Apresentou-se e tratou de imediato de me perguntar o que sucedera.

Expliquei o pouco que sabia enquanto o veterinário o levava para dentro do consultório e o deitava numa mesa de aço no meio da sala.

– Pelo que consigo ver, não parece muito grave. – Sorriu-me. – Talvez esteja apenas em choque.

– Creio que ele trepou a uma parede ou a um poste para tentar chamar a atenção. – Estava um pouco confusa em relação ao que Jack me dissera. – A minha vizinha está lá fora, ela sabe mais pormenores.

– O Mike já vem a caminho. – Jill apareceu à porta do consultório. Contou a Joe tudo o que sabia e ofereceu-se para telefonar a Jack a perguntar se vira mais alguma coisa.

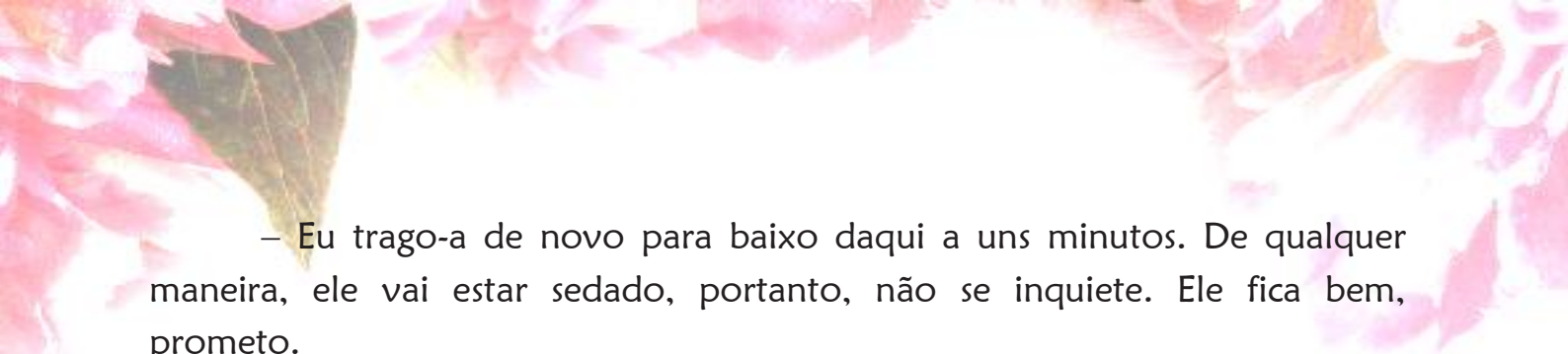
A enfermeira veterinária apareceu então.

– Olá, sou a Lisa – apresentou-se. – Magoou-se? – Vi-a olhar para a mancha de sangue na minha camisa.

– Não, estou bem, apenas preocupada com o *Pete* – disse.

– Bom, o meu pai é um excelente veterinário, perdoe a minha modéstia. – Sorriu. – Portanto, descanse que ele está em boas mãos. E agora, provavelmente, vamos precisar de fazer alguns exames, por isso que tal se fosse até lá acima, a minha mãe, Maisie, faz-lhe um chá forte? Acha que consegue subir as escadas?

– Eu não podia ficar com ele?



– Eu trago-a de novo para baixo daqui a uns minutos. De qualquer maneira, ele vai estar sedado, portanto, não se inquiete. Ele fica bem, prometo.

– Obrigada. – Deixei-a conduzir-me até ao piso de cima.

– Mãe, esta é a Lulu. O cão dela foi ferido – disse Lisa alguns momentos mais tarde. Maisie apertou-me a mão e estendeu-me uma caneca de chá, convidando-me a sentar num cadeirão frente à lareira. Colocou-me um xaile em volta dos ombros, muito embora a divisão estivesse quente. Ao levar a caneca aos lábios, dei-me conta de que as minhas mãos tremiam, por isso concentrei-me a dizer uma oração por *Pete* para manter a mente ocupada. Apreciei o facto de Maisie não falar muito; em vez disso, afadigou-se pela cozinha, limpando e cantarolando por entre dentes. Achei a presença dela muito tranquilizadora.

– Já controlámos a hemorragia. – Lisa apareceu a meu lado uns minutos mais tarde, enquanto, contemplando as chamas, eu tentava entender o que se passara. – Era apenas um pequeno golpe, na verdade. O meu pai pergunta se se sente com forças para ir lá abaixo. Ele queria falar consigo.

– Claro. – Pus-me de pé. – Agradeça à sua mãe por mim? Ela foi muito amável.

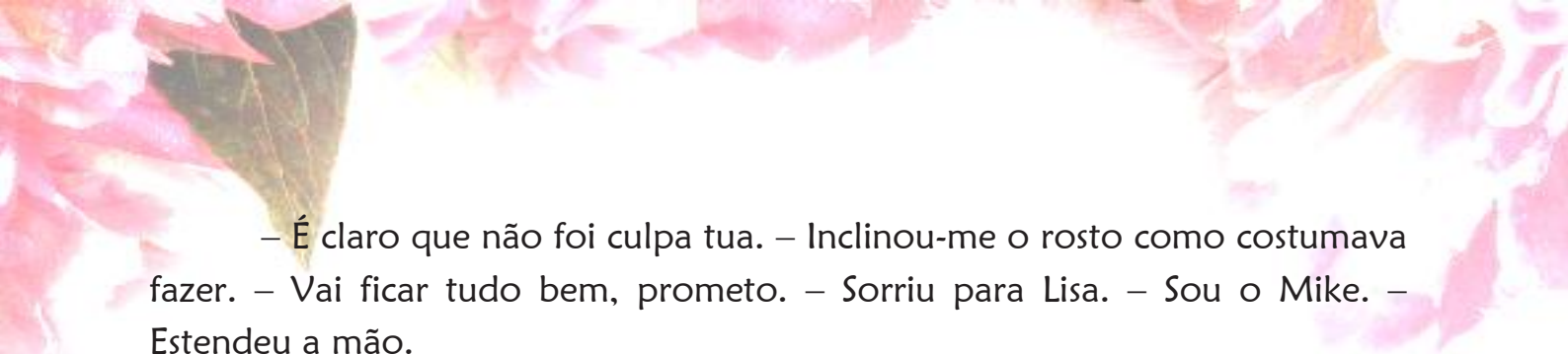
– Ora, não é preciso agradecer, é isto que ela faz todos os dias, mais ou menos, desde que eu nasci. – Lisa sorriu.

Mike estava a sair do carro quando nós emergimos pela porta da frente da casa, rumo à clínica que ficava mesmo ao lado.

– Estás bem? – Correu na minha direção e assim que o vi não contive mais as lágrimas.

– Oh, Lulu, que vou eu fazer contigo? – Envolveu-me num reconfortante abraço.

– Não... não foi... cul... pa minha – soluzei. – A... con... teceu. Ele anda...va a vigiar-me. – Assoei o nariz. – Era por isso que o *Pete* rosnava.



– É claro que não foi culpa tua. – Inclinou-me o rosto como costumava fazer. – Vai ficar tudo bem, prometo. – Sorriu para Lisa. – Sou o Mike. – Estendeu a mão.

– Lisa. Íamos agora mesmo falar com o meu pai, o veterinário – informou-o ela. – Ele tem mais informações acerca do *Pete*.

– Como está ele?

– Foi esfaqueado – contei a Mike. – Mas não é grave, aparentemente. – Vi a expressão dele toldar-se. – O Ronan não o fez por querer, ele nunca magoaria um animal.

– Qual Ronan?

– Ronan O'Meara. Foi ele. Foi-me bater à porta e queria que eu fosse com ele. – Era tudo tão surreal, que mais parecia que imaginara ou sonhara o sucedido.

– Era ele o intruso? – Mike parecia estupefacto.

– Sim, muito estranho, não é?

– Inacreditável, isso sim. A polícia apanhou-o? – quis ele saber?

– Sim. Achas que estará metido em sarilhos?

– Não sei, mas imagino que sim. Não nos preocupemos com isso agora. Concentremo-nos em ti e no *Pete*.

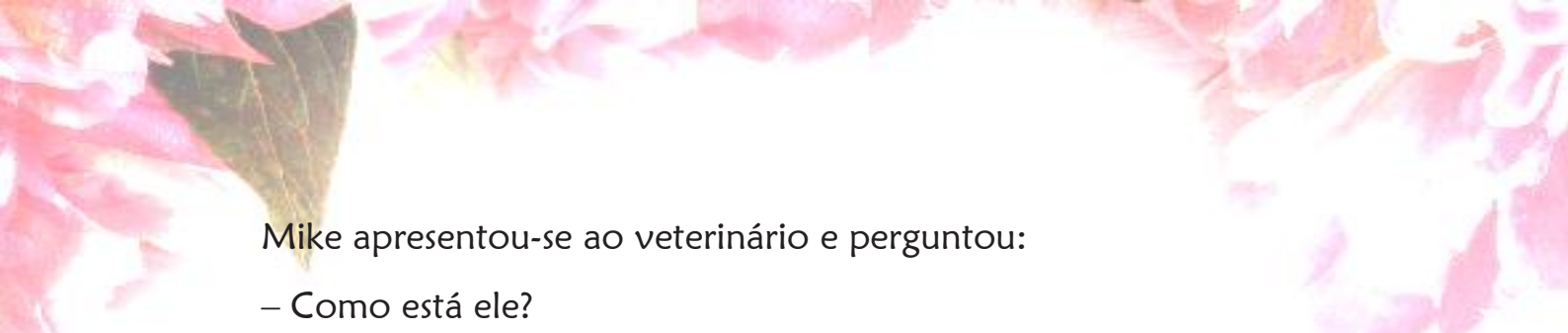
– Por aqui. – Lisa abriu a porta para uma sala diferente da inicial.

– Eu estou bem – disse a Mike assim que vi *Pete*. – É com ele que estou preocupada.

Pete debateu-se para sair da mesa assim que me viu.

– Bom, olhando para ele, eu diria que não tens assim tanto com que te preocupar. – Mike sorriu ao ver os esforços que *Pete* envidava para chegar junto de mim.

– Está tudo bem, *Pete*, eu estou aqui. – Dirigi-me à mesa e ele desistiu de tentar levantar-se, encostando-se simplesmente a mim. Agachei-me de modo a ficar ao mesmo nível dele. – És o melhor cão do mundo – sussurrei enquanto lhe afagava as orelhas e o beijava. Em poucos segundos, acalmou.



Mike apresentou-se ao veterinário e perguntou:

– Como está ele?

– Bom, a boa notícia é que o corte era apenas superficial – explicou Joe Ryan. – Nem sequer precisou de pontos. Porém, parece ter sofrido algum tipo de ataque ou apoplexia, talvez durante os esforços para chamar ajuda. – Sorriu-me. – Tem aqui um companheiro muito fiel. Há quanto tempo o tem?

– Há menos de um ano – respondi. – Vivia numa quinta em Ashford e sempre foi um animal negligenciado. E eu acabei por resgatá-lo. Ele vai ficar bem, não vai?

– Que idade tem ele?

– Ao certo, não sei, mas diria que talvez tenha nove ou dez anos. Posso tentar verificar. Tenho um cliente que mora perto dos primeiros donos dele.

O veterinário abanou a cabeça.

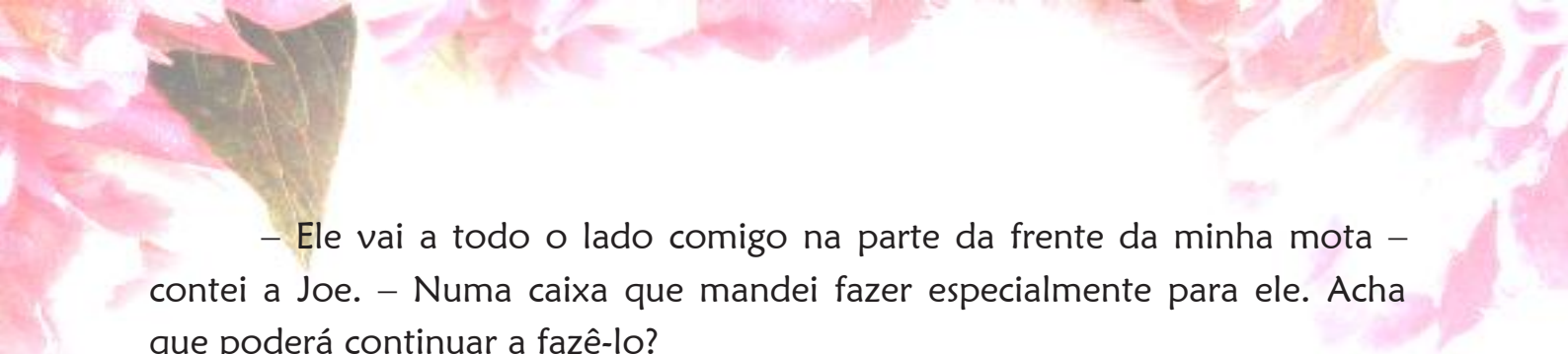
– Creio que a sua suposição não está muito longe da verdade. E o que me conta acerca de ele ter sido negligenciado é corroborado pelas radiografias que lhe fiz. Reparei em algumas lesões antigas. O problema é que é complicado perceber exatamente o que lhe aconteceu esta noite. Até pode ter sofrido um ataque cardíaco. Tem o historial médico dele ou o nome do veterinário a que os donos o levavam?

– Não. Tentei saber, quando o acolhi, mas, para lhe ser sincera, creio que nunca na vida o levaram ao veterinário. Era um cão de quinta, sabe, e ao fim de algum tempo deixou de ser querido ou útil sequer.

– Bom, creio que seria melhor mantê-lo aqui esta noite, por precaução. Fiz tudo o que podia por agora e os analgésicos e restante medicação já estão a fazer efeito. No entanto, devo adverti-la de que talvez ele nunca mais volte a ser o que era.

– Como assim?

– Poderá não voltar a conseguir correr ou brincar como era costume. É difícil dizer. Posso estar enganado em relação a isto. Não seria a primeira vez que um cão me deixava mal visto neste aspeto, por isso, esperemos para ver como ele está de manhã, está bem?



– Ele vai a todo o lado comigo na parte da frente da minha mota – contei a Joe. – Numa caixa que mandei fazer especialmente para ele. Acha que poderá continuar a fazê-lo?

– Não lhe sei dizer. – Sorriu, mas deduzi que fosse de imaginar *Pete* na parte da frente de uma motorizada. – Vejamos o que a manhã nos traz, combinado?

– Comprarei um carro. – Começava a entrar em pânico. – Não posso deixá-lo em casa sozinho. Ele detestaria isso, está habituado a ir a todo o lado comigo.

Mike colocou o braço em redor dos meus ombros.

– Não nos precipitemos, Lulu. Vamos dar-lhe o resto da noite, *okay*? Não o podemos levar connosco para casa? – perguntou ele ao veterinário.

– Não, ele precisa mesmo de ficar aqui, mas não se preocupem, nós trataremos bem dele.

– Eu fico com ele. – Dali é que eu não sairia.

– Não podes. Para além disso, estás com um ar exausto e a polícia acha que devias ser examinada por um médico, só por precaução.

– Estou bem, a sério. Não aconteceu nada. O Ronan não me fez mal nenhum. – Senti o estômago de novo às voltas. «Por favor, faz com que não desmaie», rezei mentalmente.

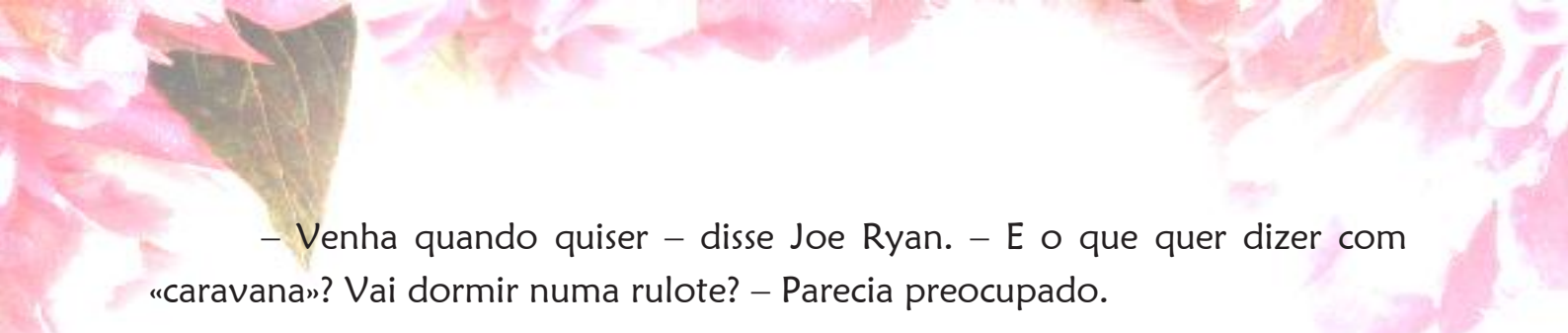
– A Jill disse-me que quase desmaiaSTE em casa – argumentou Mike, olhando-me nos olhos. – Não me parece que isso seja estar bem.

– Foi apenas por me ter levantado demasiado depressa – expliquei. – Eu sinto-me bem, juro.

– Lulu, eu fico aqui o resto da noite – declarou Lisa. – Não o deixarei, prometo. E telefonar-lhe-ei se o estado dele se alterar.

A fadiga apoderou-se então de mim. Sabia que o cansaço acumulado da semana mais os terríveis acontecimentos daquele noite começavam a levar a melhor de mim, por isso cedi.

– Está bem, eu vou descansar, mas fico na caravana, para estar mais perto. Posso vir logo de manhã cedo?



– Venha quando quiser – disse Joe Ryan. – E o que quer dizer com «caravana»? Vai dormir numa rulote? – Parecia preocupado.

– Ela vive numa casa móvel – explicou Mike e, enquanto ele falava, tomei consciência do absurdo da minha vida e soltei uma gargalhada. – Mas é muito confortável – acrescentou ele, sorrindo-me como se tivesse lido os meus pensamentos. – Nem perguntem – aconselhou a Joe e Lisa. – É uma longa história. De qualquer forma, eu também lá fico esta noite, por isso, deixo-vos o meu número, para o caso de precisarem de nós. Pomo-nos aqui em poucos minutos. Está bem assim para ti? – perguntou-me ele.

– Está. Obrigada. – Nos últimos tempos, parecia que não dizia mais nada a Mike a não ser obrigada.

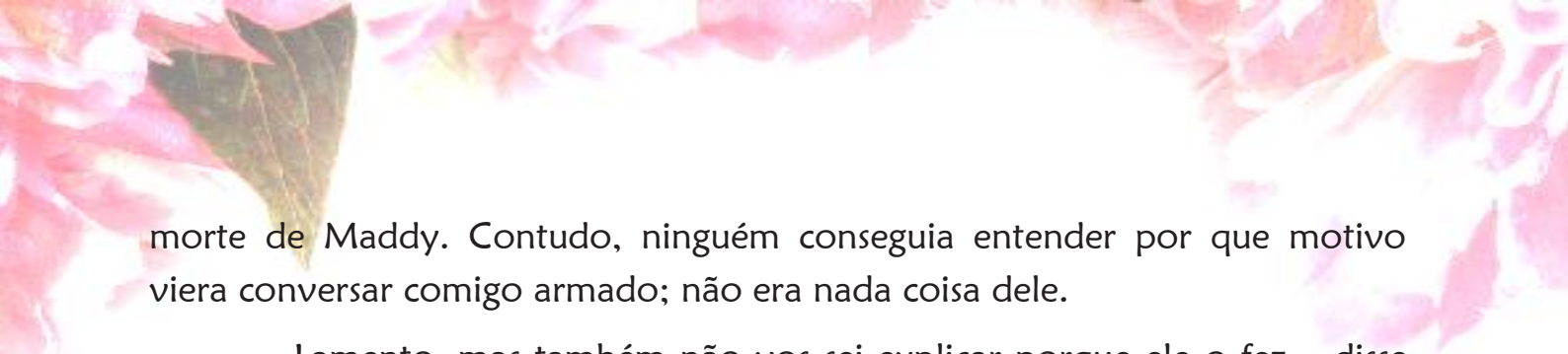
46

NÃO ME RECORDE DE MUITO DO QUE ACONTECEU A SEGUIR. Mike falou com a polícia e eles concordaram que o meu depoimento podia esperar até de manhã, porém, eu queria despachar o assunto o mais depressa possível, por isso os agentes combinaram passar pela caravana, batendo-nos à porta pouco tempo depois de termos chegado. Jill telefonara a Jack e este tinha a casa quente e acolhedora e bem iluminada, muito embora tanto um como o outro tivesse insistido para que ficasse em casa deles, pelo menos por aquela noite. Disse-lhes que temia nunca mais conseguir regressar a casa, se o fizesse, e eles compreenderam e ficaram mais descansados ao saberem que Mike ia ficar comigo.

A conversa com os agentes não demorou muito tempo; não havia grande coisa para contar, na verdade. Estava tão perplexa quanto qualquer outra pessoa em relação aos motivos que tinham levado Ronan a fazer tudo aquilo. Jim Doran falara com a mãe dele e toda a família – em especial Myrtle – estava atônita e muito perturbada com o que acontecera. Mike ofereceu-se de imediato para telefonar a Myrtle e assegurá-la de que eu estava bem. Eu tinha a certeza de que o comportamento de Ronan fora um enorme choque para ela e não queria que, para além de tudo, ainda estivesse preocupada comigo.

Do que Myrtle contou, nas últimas semanas Ronan andara bastante deprimido e a tomar medicação. Fizera duas tentativas para visitar o filho, mas recuara sempre no último minuto.

Segundo o que Ronan relatara aos dois agentes, convencera-se de que apenas eu o poderia ajudar e, quando tomara conhecimento do meu relacionamento com Mike, começara a temer perder a ligação que nos unia, que parecia ter-se tornado muito mais importante na sua cabeça desde a



morte de Maddy. Contudo, ninguém conseguia entender por que motivo viera conversar comigo armado; não era nada coisa dele.

– Lamento, mas também não vos sei explicar porque ele o fez – disse aos dois guardas. – Mas de uma coisa estou certa: não quero apresentar queixa.

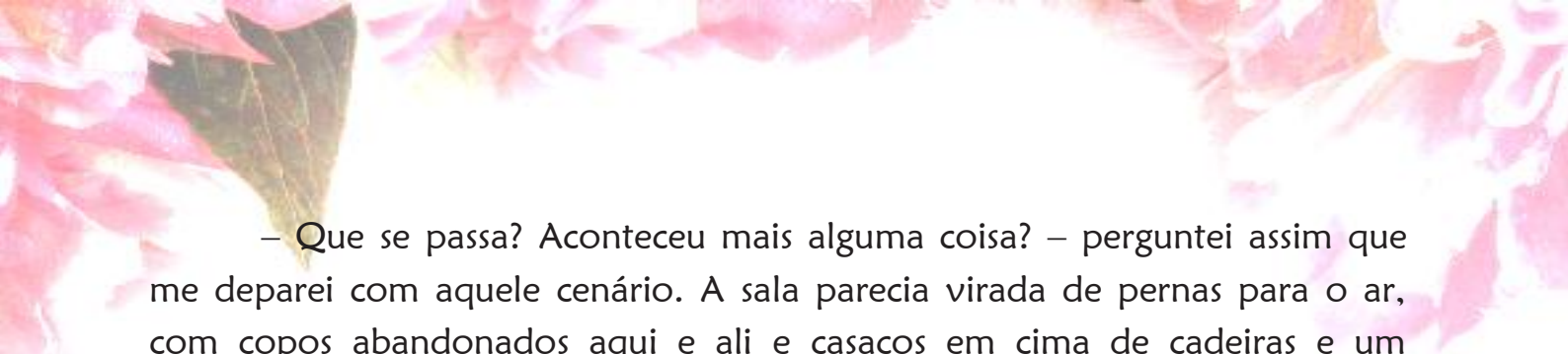
– Talvez seja melhor não tomar essa decisão para já – sugeriu Jim Doran.

– Não mudarei de ideias. Ronan O’Meara precisa de ajuda e estar metido em sarilhos com a polícia só piorará as coisas para ele. – Fiz uma expressão de súplica e Mike tomou de imediato conta da situação, perguntando aos agentes se já tinham toda a informação necessária, pois eu estava mental e fisicamente exausta. Asseguraram-nos de que sim e partiram, prometendo manter-nos informados.

Clodagh telefonou pouco tempo depois para falar comigo acerca do jantar do dia seguinte. Ficara baralhada quando Mike atendera o meu telemóvel, contou-me ele mais tarde, e muito perturbada depois de ele ter explicado o que acontecera, desatando de imediato a chorar. Falei então com ela por um instante, só para a tranquilizar de que estava bem. Clodagh quase parecia sentir-se culpada pelo incidente ter acontecido logo quando ela estava em Londres e prometeu vir diretamente do aeroporto para minha casa assim que chegasse, no dia seguinte.

Apesar dos meus protestos, Jack pedira a um dos vizinhos, médico de clínica geral, que viesse ver-me. Observou-me da cabeça aos pés e declarou que estava sã como um pero, mas recomendou que descansasse. Recusei o comprimido para dormir que me ofereceu, mas ele deixou um par deles com Mike, para o caso de eu mudar de ideias. Quando dei por mim, Jill já me tinha enfiado na cama com o cobertor elétrico e um copo de leite quente nas mãos. Adormeci a ouvi-los conversar na sala e interroguei-me se Mike se iria desembaraçar bem e encontrar o que precisava na caravana.

Acordei cedo e demorei alguns momentos a recordar-me do que acontecera e a perceber porque sentia o corpo tão dorido. Levantei-me da cama a pensar em *Pete* e cambaleei até à cozinha, onde encontrei Mike a fazer café e a porta da rua escancarada.



– Que se passa? Aconteceu mais alguma coisa? – perguntei assim que me deparei com aquele cenário. A sala parecia virada de pernas para o ar, com copos abandonados aqui e ali e casacos em cima de cadeiras e um edredão e uma almofada no sofá. Uma das regras tácitas partilhada por quem habitava numa casa móvel era manter sempre tudo arrumado; caso contrário, a casa parecia ter sido pilhada. Era uma coisa que sempre fizera, por isso estranhara tanto e me assustara ao ver a sala assim.

– Não aconteceu nada. Estou apenas a desfrutar da paz e do sossego. – Sorriu, parecendo completamente à vontade na minha pequena cozinha. – E está uma bonita manhã. Muito mais amena que a de ontem. Creio que uma casa assim tem, de facto, as suas vantagens. Aposto que uma pessoa aqui se sente como se estivesse o tempo todo de férias.

– Tens razão. Toda a gente diz o mesmo. É por isso que gosto tanto de viver aqui. – Descontraí assim que percebi que estava tudo bem. – Onde dormiste, a propósito? Devia ter-me assegurado de que o quarto de hóspedes estava preparado.

– Estava, mas não me disseste que a cama era para crianças magrinhas ou anões. Ainda tentei deitar-me, mas não cabia nem com as pernas enroladas em volta do pescoço. E, de cada vez que me virava, ou embatia na parede ou caía da cama. Por isso optei pelo sofá.

– A Maddy costumava queixar-se do mesmo – referi, dando uma risadinha ao recordar os palavrões que ela dissera na primeira noite que dormira na caravana. – Aliás, na noite antes de morrer, recusou-se a dormir no quarto de hóspedes e preferiu abancar na minha cama.

– Ainda pensei em fazer o mesmo, mas os teus roncos obrigaram-me logo a mudar de ideias. – Sorriu. – Café?

– Sim, se faz favor, mas primeiro queria telefonar a saber do *Pete*.

– Já liguei. Ele passou bem a noite. O veterinário disse que podemos ir buscá-lo esta manhã, mas só concordou porque estamos pertinho da clínica. Continua um pouco preocupado com a respiração dele, por isso, que tal se o trouxéssemos para casa e o mantivéssemos quentinho e mudássemos o jantar para aqui? Já estive a olhar para o teu fogão e cheguei à conclusão de que...

ainda bem que só tenho de aquecer a comida. Ups, acho que já me descaí! – Encolheu-se quando lhe preguei uma palmada no braço.

– Eu sabia. E preparavas-te tu para um grande brilharete, fazendo de conta que cozinharas tudo. És uma fraude.

– Então, já sabes, um homem tem de lutar com as armas que tem. Diz-me lá, como te sentes? Dormiste alguma coisa?

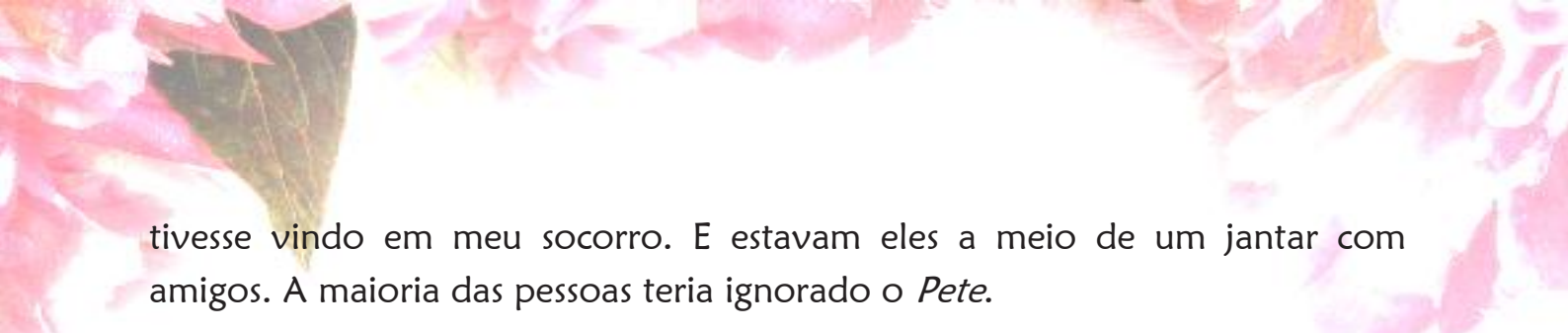
– Sim, e sinto-me muito melhor, se bem que esteja toda dorida. Creio que ontem, com a confusão, devo ter caído com mais força do que me dei conta. Obrigada por teres ficado, e por teres vindo, para começar. – Esfreguei os olhos. – Pareces estar constantemente a correr em meu auxílio. Precisava mesmo de dormir; esta semana foi uma canseira. – Enquanto bebíamos café no alpendre, contei-lhe a história de Dinny e expliquei que no dia anterior me levantara cedo para ir comprar «canapés».

– Bom, não percebo por que motivo achas que deixaste a tua antiga vida para trás. – Ergueu as sobrancelhas. – Eu diria que os teus clientes precisam dos teus serviços para eles mesmos, não para os seu animais de estimação e, no caso de Dinny, acho que precisa também de uma mulher a dias.

– Sim, é certo, mas apenas me pagam para resolver os problemas dos seus animais; aí reside a diferença. Dessa forma, não sinto qualquer pressão ou obrigação no que aos problemas pessoais deles diz respeito.

– Olha, vai arranjar-te para irmos buscar o *Pete* enquanto eu arrumo a cozinha – disse ele depois de terminarmos. – Não sei se deste conta, mas o Jack e a Jill... belos nome, a propósito... ainda ficaram mais um pouco depois de te teres ido deitar. O Jack tinha trazido uma garrafa de uísque quando veio ligar o aquecimento da caravana e acabámos por ficar à conversa. Escusado será dizer que nenhum de nós precisou de incentivo para provar o uísque. O Jack pareceu-me bastante traumatizado com tudo o que aconteceu. Sente-se culpado por não ter tomado melhor conta de ti.

– Mas isso é um disparate. Têm sido uns vizinhos fantásticos, irrepreensíveis – afirmei. – Não me posso esquecer de lhes comprar um presente em jeito de agradecimento. Não sei o que teria sucedido se ele não



tivesse vindo em meu socorro. E estavam eles a meio de um jantar com amigos. A maioria das pessoas teria ignorado o *Pete*.

– Não te preocupes, eu tratei de deixar bem claro o quanto lhes estávamos gratos. – Falara como se fôssemos um casal. Interiormente, sorri de orelha a orelha.

– Agora que penso nisso, nem sequer os conheceria se a Maddy não me tivesse arrastado até à porta deles da primeira vez que suspeitámos que alguém entrara aqui. – Contei-lhe a história e concordámos que era muito provável que o intruso tivesse sido Ronan; podia sem problema ter tido acesso ao chaveiro de Maddy e entrado sem arrombar a porta. Fora isso aliás o que na altura nos deixara confusas. Maddy e eu tínhamos sempre as chaves da casa uma da outra, em caso de emergência.

– Que será que vai acontecer-lhe? – interroguei-me em voz alta. – Acho que gostaria de ligar à Myrtle, mais tarde. A família dele precisa de pensar muito bem em como vai lidar com isto.

– Porque não esperamos para ver o que a polícia aconselha? – Mike levantou-se. – E, agora, vai-te vestir e vamos ver o verdadeiro herói da noite. Para além disso, tenho muitos ingredientes para preparar para o meu jantar *gourmet* de logo à noite. – E fez um ar presumido.

Nesse momento, ouvimos alguém bater à porta. Mike foi abrir e o meu coração disparou quando vi Ronan.

– Não sei se será uma boa altura. – Mike olhou para mim em busca de confirmação, mas eu sabia que em algum momento teria de falar com Ronan e o facto de Mike estar ali acabava por ser uma vantagem e um descanso.

– Tudo bem, não tem importância, entre – disse.

– Queres que espere no quarto de hóspedes? – perguntou Mike.

– Não, fica, se faz favor – respondi.

– Não me demoro. Só vim exprimir o quanto lamento as minhas ações e agradecer-lhe por não ter feito queixa. – De repente, desatou a chorar. – Não sei o que me deu. Já há algum tempo que andava a sentir-me muito em baixo com a questão do Lucas, e creio que a morte da Maddy só veio realçar

tudo ainda mais. Nunca foi minha intenção magoá-la, a si ou ao *Pete*, e não faço a mínima ideia porque trazia uma faca. – Parecia destruído.

– Pronto, está tudo bem, Ronan – tranquilizei-o. – Eu logo vi que aquele seu comportamento não era racional.

– Farei qualquer coisa para a compensar – afirmou ele.

– Então, procure ajuda profissional, Ronan. E lide com a questão do Lucas. É importante que o veja, pelo menos, para assim poder avaliar como se sente em relação a ele – respondi. – Poderá compensar-me dessa forma.

– Está bem, Lulu. Marcarei hoje mesmo uma consulta para falar com alguém.

– Posso recomendar-lhe uma pessoa? – perguntei.

– Faria isso por mim depois de tudo o que lhe fiz? – Ronan soava admirado.

– Claro. – Escrevi um nome e um número de telefone numa folha do meu Filofax e arranquei-a.

– Não a voltarei a contactar, prometo. Mas nunca poderei agradecer-lhe o suficiente por tudo o que fez por mim. – Estendeu a mão e eu apertei-lha.

– Manter-me-ei informada dos seus progressos pela Myrtle, se não se importar – disse. – E, se lhe serve de alguma coisa, acho que daria um excelente pai e que o Lucas o poderia ajudar muito.

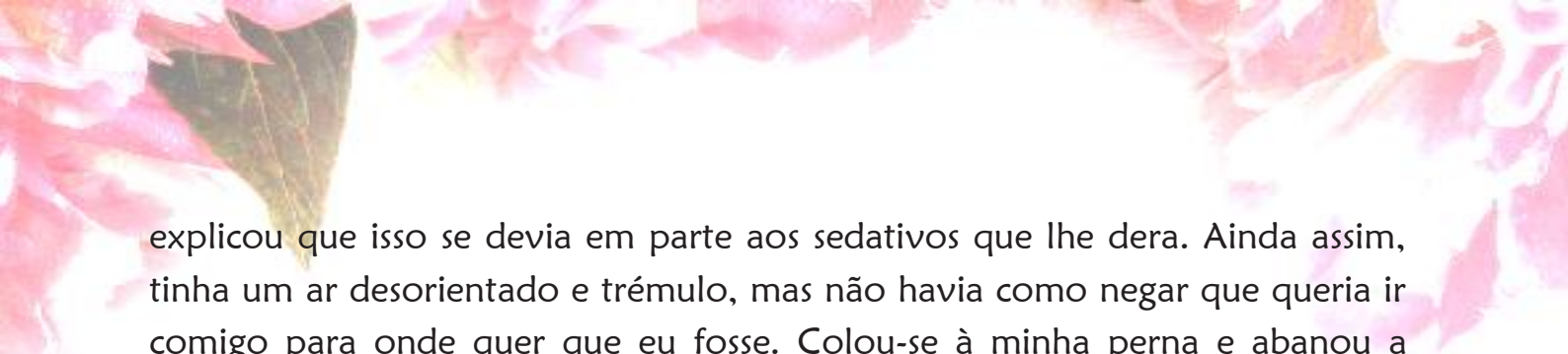
Ronan acenou com a cabeça e apertou a mão a Mike, que também se ofereceu para se manter em contacto. Quando partiu, Ronan parecia estupefacto.

– És espetacular. Não sei se teria sido capaz de ser tão generoso. – Mike abraçou-me assim que Ronan virou costas.

– Ele é um bom homem, tenho a certeza disso, e também era amigo da Maddy – referi num tom mais triste. – Devo-o a ela, bem como a ele.

Mike sorriu e não argumentou mais.

Pete parecia um pouco mais animado quando chegámos e ficou delirante quando me viu. Contudo, teve dificuldade em pôr-se de pé, mas Joe



explicou que isso se devia em parte aos sedativos que lhe dera. Ainda assim, tinha um ar desorientado e trémulo, mas não havia como negar que queria ir comigo para onde quer que eu fosse. Colou-se à minha perna e abanou a cauda o melhor que pôde e eu quase o sufoquei com tantos beijos e abraços.

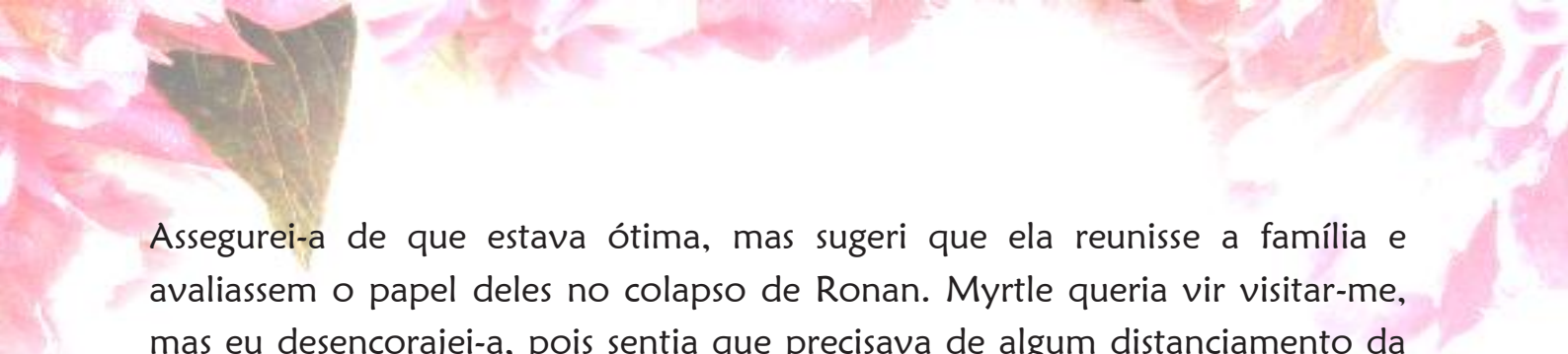
– Mantenham-no sob vigilância apertada, em especial durante as próximas vinte e quatro horas – instruiu-nos o veterinário. – Fiz tudo o que podia, mas convém observar o progresso dele. – Deu-nos o número do seu telemóvel e do telefone fixo. – Telefonem-me, se a situação se alterar, está bem? A qualquer hora.

– Tem a certeza? Mesmo à noite, já tarde? Não quero incomodar a sua mulher.

– A qualquer hora. Mantereí o telemóvel junto à cama. A minha família já está habituada, não se preocupe. Normalmente, mantê-lo-ia aqui, mas não há nada a fazer a não ser vigiá-lo de perto e suponho que ficará muito melhor se estiver consigo. Olhe para ele, até parece que melhorou um pouco só de a ver.

Agradecemos-lhe e partimos com a sensação de que encontrara um excelente veterinário, alguém que poderia, sem dúvida, recomendar aos meus clientes no futuro. *Pete* conseguiu andar devagarinho até ao carro, mas tivemos de ajudá-lo a deitar-se no meu colo no banco de trás. Ainda bem que o veterinário nos dera uma embalagem de analgésicos para o mantermos confortável. Quando chegámos a casa, até o pequeno lanço de degraus até ao alpendre foi demasiado esforço para ele e, assim que entrou, foi-se deitar na sua cama junto à lareira. Apesar de tudo, parecia encantado por estar de volta a casa e abanava a cauda e seguia-me com os olhos de cada vez que eu me mexia.

Mike partiu pouco tempo depois para ir tratar do jantar e Jack e Jill chegaram, seguidos de imediato por Clodagh, carregando um braçado de flores. Conteí-lhe em poucas palavras o que acontecera e ela ficou tão perplexa quanto eu e boquiaberta por Ronan me ter vindo visitar naquela manhã. A única conclusão a que chegámos foi que o facto de não ser capaz de criar laços com o filho empurrara de algum modo Ronan para o precipício. Telefonei a Myrtle. Estava destroçada e culpava-se pelo sucedido.



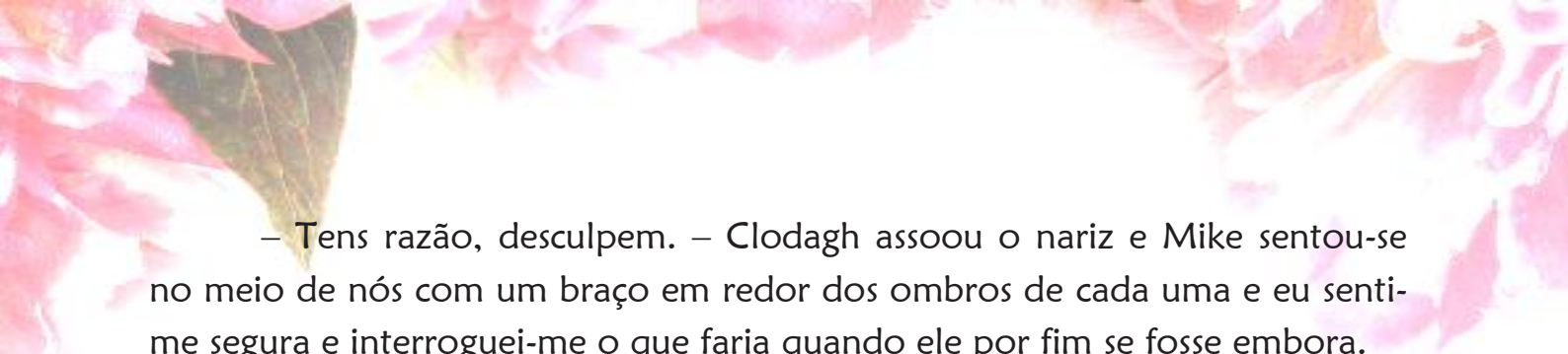
Assegurei-a de que estava ótima, mas sugeri que ela reunisse a família e avaliassem o papel deles no colapso de Ronan. Myrtle queria vir visitar-me, mas eu desencorajei-a, pois sentia que precisava de algum distanciamento da situação. Agradeceu-me infinitamente por não ter apresentado queixa e ainda por ter tido a grandeza de conversar com Ronan depois de tudo.

Estava bem acompanhada e *Pete* recebeu uma montanha de presentes e petiscos. Até uns miúdos da vizinhança, que não nos conheciam, mas que sabiam o que sucedera, vieram visitar *Pete* e trouxeram-lhe um gato de brincar, que ele mirou com deleite. Ao ver a expressão dele, percebi que os dias do gato estavam contados assim que ficasse melhor.

À noite, acabámos por fazer uma versão condensada do jantar. Mike decidiu saltar as entradas e grelhar a carne de vaca, ao invés de cozinhar o bife Wellington que planeara. Preparou uma enorme e colorida salada, que me proporcionou uma dose de vitaminas e nutrientes bem necessária, assou batatas, encheu três copos com um delicioso *Merlot*, e comemos no sofá por entre muitas gargalhadas. Foi quase como se estivéssemos a fazer um piquenique, muito embora *Pete* não se tenha mostrado muito interessado nos pedaços de carne que íamos colocando junto a ele e isso deixou-me um pouco preocupada. Demos-lhe o melhor lugar no sofá e, ao longo do serão, não lhe faltaram festas e carinhos.

Quando se aproximou a hora do programa de Maddy, Mike fez café e, com alguma ansiedade, acomodámo-nos para ver o primeiro episódio, cada um consciente de que devíamos estar reunidos de copo de champanhe na mão para brindarmos à celebridade sentada ao nosso lado. Tive de engolir as lágrimas por várias vezes ao longo dos minutos que antecederam o episódio.

Ninguém disse uma palavra quando ela surgiu no ecrã, cheia de vida e energia e muito bonita. Na verdade, nenhum de nós se atreveu a falar até ao primeiro intervalo. Olhei de relance para Clodagh e vi lágrimas a correrem-lhe pelo rosto e isso fez-me segurar as minhas, pois queria ser forte para ela. Disse-lhe então que secasse as lágrimas, pois Maddy estava provavelmente no céu a olhar para nós e a chamar-nos mariquinhas e palermas, e outros nomes irrepetíveis, enquanto ria a bandeiras despregadas.



– Tens razão, desculpem. – Clodagh assoou o nariz e Mike sentou-se no meio de nós com um braço em redor dos ombros de cada uma e eu senti-me segura e interroguei-me o que faria quando ele por fim se fosse embora.

Demasiado cedo, o episódio acabou, mas antes de passarem os créditos, a imagem escureceu e quando voltou mostrava Maddy, sorridente e gloriosa, de braços abertos como se quisesse abraçar toda a gente. A imagem era tão real e captava tão bem a essência dela que, ao ver a legenda que a acompanhava, indicando apenas o nome e os anos que ela vivera, recuei com um pulo, como se tivesse apanhado um choque elétrico. No final, sob a imagem, surgiram duas palavras:

Simplesmente Inesquecível

Tenho a certeza que, naquela altura, eu, Mike e Clodagh engolimos o enorme nó que tínhamos na garganta. Peguei de imediato no telefone e liguei a Connie e, embora eles estivessem tão perturbados quanto nós, estavam igualmente muito orgulhosos de Maddy e do que ela alcançara. As palavras de Connie deram-me força suficiente para, desligado o telefone, propor um brinde à rapariga com a qual partilhara a maior parte da minha vida e à qual tivera o imenso prazer de chamar melhor amiga.

MIKE E CLODAGH DECIDIRAM FICAR COMIGO NAQUELA NOITE para minha grande felicidade. A verdade era que não me sentia ainda preparada para ficar sozinha. O meu telefone, que deixara no silêncio, tinha montanhas de mensagens de texto e de voz; ninguém ficara incólume depois de ver o programa.

Clodagh ficou no quarto de hóspedes e Mike dormiu de novo no sofá. Quando acordei na manhã seguinte, continuava um pouco dorida. Avancei até à cozinha, espreguiçando-me com cuidado. Olhando em redor, não vi Mike em lado nenhum, mas logo de seguida encontrei um bilhete que dizia, «Fui dar uma corrida. Beijos C».

Por baixo, numa letra diferente, estava escrito, «Para o caso de estares a pensar que te abandonámos, sou incapaz de correr depois de duas noites a dormir no teu sofá. Fui comprar o pequeno-almoço e os jornais. Beijos M».

Pete, que dormira junto à minha cama, como de costume, não me seguira até à cozinha. Quando me preparava para o chamar, ouviu-o ganir como que de dor. Corri de volta ao quarto e encontrei-o a tentar, sem sucesso, levantar-se. Tombou assim que cheguei perto dele e olhou para mim como quem dizia «Desculpa, eu tentei». Com o coração a bater ainda com mais força do que durante o incidente com Ronan, tranquilizei-o, disse-lhe que estava tudo bem e liguei de imediato ao veterinário. Fiquei ainda mais preocupada ao ouvi-lo dizer, «Já receava que uma coisa assim acontecesse. Pode trazê-lo já para cá?».

Estava sentada no chão a telefonar a Mike quando ele entrou, carregado de *croissants* e de leite e de uma pilha de jornais.

– Pelo que consegui ver, saiu muita coisa sobre a Maddy nos jornais – gritou ele. – Não sabia se querias ler, mas comprei-os à mesma. – Ouviu-o pousar sacos em cima da mesa. Depois assomou-se à porta do quarto. – Estás decente? – olhou para a minha cara. – Que se passa?

– É o *Pete*, não se consegue levantar. Telefonei ao Joe. Disse para o levarmos de imediato.

– *Okay*. – Agachou-se e pegou em *Pete* ao colo. – Já te segurei, rapaz, és um lindo menino. Achas que consegues conduzir, Lulu? As chaves do meu carro estão em cima da mesa.

Acenei que sim com a cabeça.

– Dá-me só trinta segundos para me vestir.

– Pensando melhor, deito-o no banco de trás. Ficarà muito mais confortável e assim podes ir ao lado dele. Eu telefono à Clodagh a dizer-lhe onde estamos.

Comecei de imediato a despir o pijama e a vestir umas calças de ganga, uma *T-shirt* e uma camisola polar, a calçar meias e botas e a passar uma escova pelo cabelo enquanto corria de um lado para outro, a fechar janelas e a agarrar nas minhas coisas.

– A Clodagh deixou o telemóvel na caravana, por isso deixei-lhe um bilhete em cima da mesa – disse-me Mike quando me meti no carro.

– Nunca vi o *Pete* assim – queixei-me ao mesmo tempo que lhe acariciava as orelhas. – Estou com muito medo, Mike.

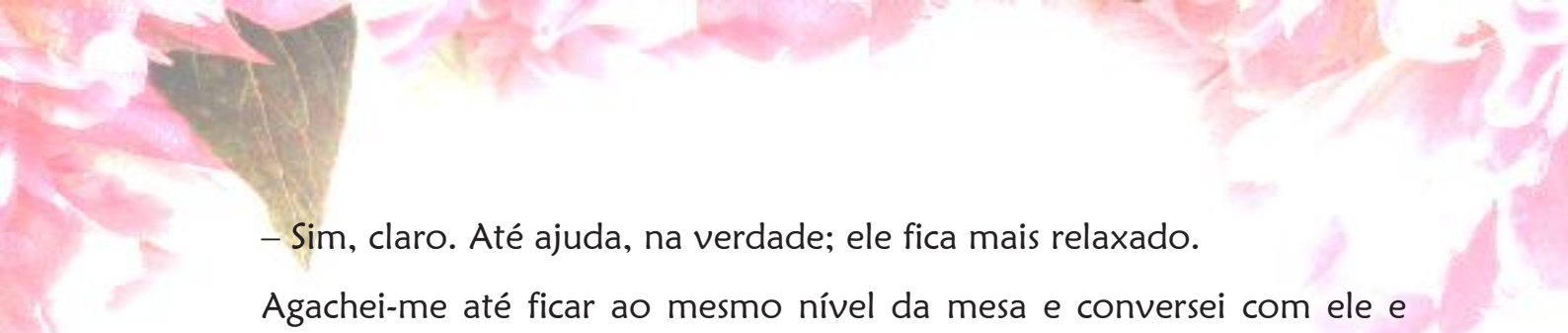
– Estamos quase lá, tenta acalmar-te. – Acelerou mais na última parte do caminho e parámos frente à clínica. – Toca tu à campainha que eu tiro-o do banco.

Porém, a porta abriu-se assim que saímos do carro.

– Traga-o já ali para dentro – pediu Joe. – Diga-me o que aconteceu.

Expliquei o pouco que sabia e ficámos ali especados e impotentes enquanto Joe examinava *Pete* que, pelo menos, parecia não estar com dores.

– Posso fazer-lhe festas? – perguntei, dilacerada pelo modo suplicante como ele me olhava.



– Sim, claro. Até ajuda, na verdade; ele fica mais relaxado.

Agachei-me até ficar ao mesmo nível da mesa e conversei com ele e dei-lhe beijos e afaguei-o o mais que pude sem atrapalhar o veterinário. Ao fim de alguns minutos, percebi, pela forma como os gestos de Joe se foram tornando mais lentos, que as notícias não eram boas.

– Lulu, o *Pete* sofreu um ataque cardíaco – declarou Joe em voz baixa.

– O estado dele deteriorou-se bastante desde ontem. – Olhou para Mike e depois de volta para mim. – Ainda que melhore um pouco, será por pouco tempo, receio.

Deu-me uns segundos para digerir a notícia.

Fechei os olhos e senti o braço de Mike em redor de mim.

– Lamento muito. Não creio que o estado dele esteja necessariamente relacionado com o que aconteceu na outra noite. Na minha opinião, ele já antes deverá ter sofrido alguns episódios semelhantes. Creio que simplesmente chegou a hora dele. – Dirigiu-se a mim. – Lulu, eu sei que é uma decisão difícil, mas penso que a coisa mais acertada a fazer pelo *Pete* será optar pela eutanásia. – Tocou-me no braço. – Querem que vos dê alguns minutos a sós?

Abanei a cabeça.

– Tem a certeza que não podemos fazer mais nada?

– Ele até poderia melhorar um pouco, mas não tardaria a estar de volta com ele. E, para que o pudesse levar para casa confortável, teria de o sedar. Ora, isso não é qualidade de vida para ele.

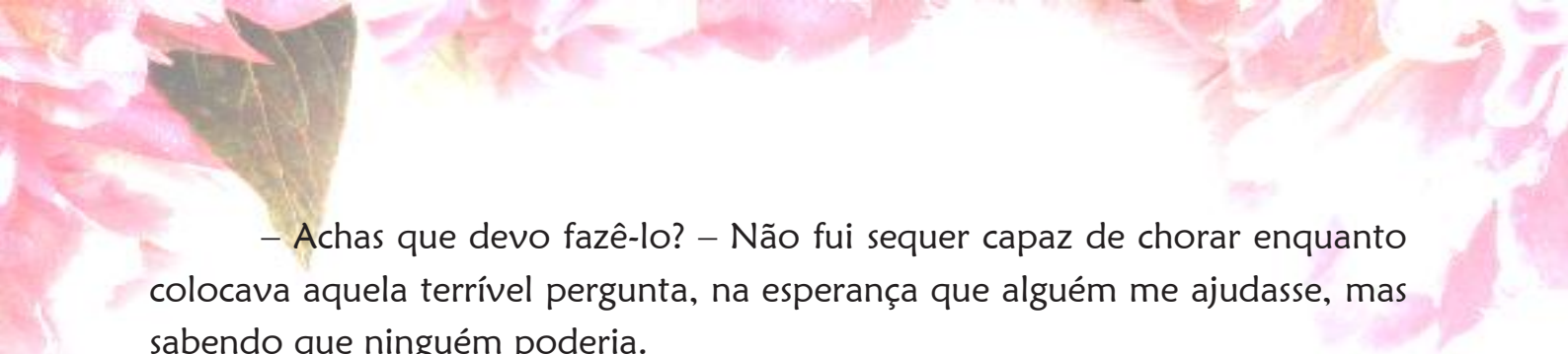
– E se fizermos... isso, que acontecerá? Ele vai sofrer?

– Não, prometo que não. Será simplesmente como se adormecesse. Não dará conta de nada.

Olhei para Mike.

– Que achas?

– Oh, Lulu, lamento muito. – Abraçou-me e afagou-me o cabelo.



– Achas que devo fazê-lo? – Não fui sequer capaz de chorar enquanto colocava aquela terrível pergunta, na esperança que alguém me ajudasse, mas sabendo que ninguém poderia.

– Acho que devemos seguir o conselho do Joe – respondeu Mike. – Se houvesse outra solução, ele não sugeriria pôr o *Pete* a dormir.

– Não há mesmo outra opção? – supliquei a Joe, mas ele abanou a cabeça.

– Lulu – disse ele num tom carinhoso e pegando-me nas mãos –, a coisa mais sincera que lhe posso dizer é que, se fosse o meu cão, eu faria o mesmo.

– Está bem. – Mal conseguia acreditar que, com duas palavras, dera permissão para matar o meu companheiro de todos os dias e a minha única fonte de amor incondicional. – Será a segunda vez que um cão que amo morrerá nos meus braços – disse a Mike e a Joe e, de repente, era miúda de novo e fui outra vez acometida pelos mesmos sentimentos de impotência e horror.

Mike manteve-me junto a ele.

– Eu sei, mas pensa antes que foste a melhor coisa que alguma vez aconteceu ao *Pete* – sussurrou ele. – Para além disso, estás a fazer o que é melhor para ele e não o que tu queres.

– Quer afagá-lo enquanto eu lhe dou um sedativo? – perguntou o veterinário.

– Isso não... não é ainda, pois não? – Comecei a entrar em pânico.

– Não, é apenas para o deixar mais tranquilo e minimizar os desconfortos. – Mike levou-me até à mesa onde *Pete* estava deitado, olhando-me com adoração.

– Gosto muito de ti, *Pete*, foste o melhor amigo que já tive e lamento muito que tenha de ser assim. – Comecei a sentir um enorme nó na garganta.

– Contém-te, se fores capaz. – Mike tinha ambos os braços em redor de mim. – Sê forte por ele só por mais um bocadinho – murmurou. – Não deixes que ele te veja chorar, se conseguires.

– Vai demorar uns minutos a fazer efeito. – *Pete* nem sequer se encolheu quando a agulha entrou. – Lindo menino. – Joe afagou-lhe a cabeça. – Posso oferecer-vos um café ou um chá? – Percebi que Joe estava a tentar distrair-me. Abanei a cabeça. Temia vomitar, caso tivesse de engolir alguma coisa.

– E se dividíssemos uma chávena de chá? – sugeriu Mike. – Estás gelada e a tremer. Fazia-te bem.

– *Okay*. – Agradei a Joe e ele acenou com a cabeça e abandonou a sala de consultas. – Oh, *Pete*, que vou eu fazer sem ti? – Olhei-o nos olhos. – Como vou voltar a montar-me na minha mota sem ti à frente, a rir para mim e pronto para qualquer aventura, hã? – Amo-o tanto – disse para Mike enquanto lhe afagava o dorso.

– Eu sei que sim. – Mike esfregou-me as costas e depois deixou-me sussurrar palavras carinhosas aos ouvidos de *Pete* ao mesmo tempo que o beijava e mimava e o via ficar cada vez mais sonolento.

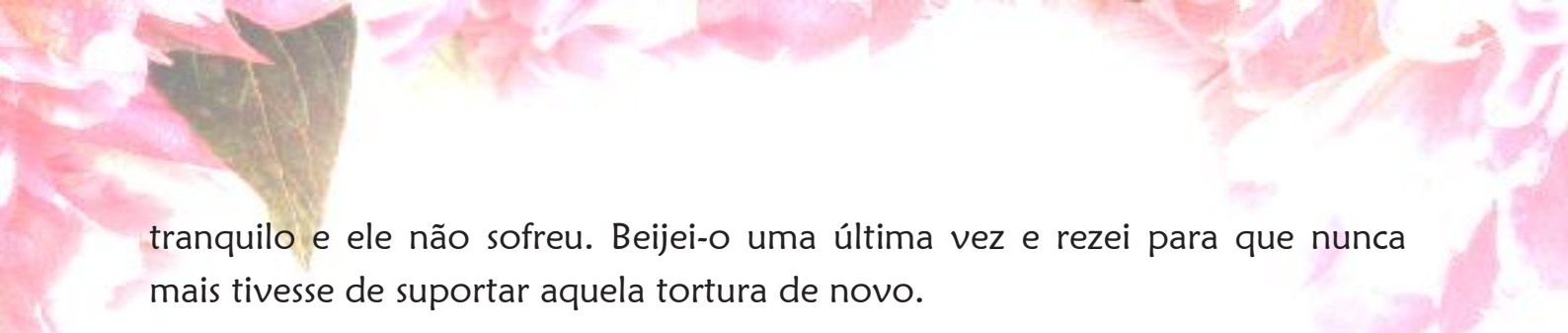
Joe regressou com uma bandeja com três canecas de chá e Mike obrigou-me a beber alguns goles. O calor que se espalhou por mim fez-me sentir melhor.

– Se estiver preparada... Acho que está na hora – disse Joe de costas para mim. Só conseguia ver a seringa que ele segurava.

– Tem mesmo a certeza de que não há outra forma? – O meu coração começou a rachar-se naquele momento.

– Acredite, não estaria a sugerir isto se não achasse que é a melhor coisa que podemos fazer pelo *Pete*. – Joe tinha uma expressão triste.

– Está bem. Deixe-me só abraçá-lo. – Trepei para cima da mesa e puxei *Pete* para o meu colo. Mike segurou-me. – Lindo menino – sussurrei uma e outra vez. Era a expressão preferida de *Pete*, pois, de uma forma geral, vinha seguida de um biscoito. Agradei a Deus por ele não fazer ideia de que aquela era uma injeção letal e não um medicamento para o pôr melhor. O momento em que a agulha penetrou foi o momento em que o meu coração se partiu. *Pete* não estava consciente de nada disso, graças a Deus, e até abanou um pouco a cauda antes de adormecer profundamente. Foi um momento



tranquilo e ele não sofreu. Beije-o uma última vez e rezei para que nunca mais tivesse de suportar aquela tortura de novo.

– Já partiu – declarou o veterinário em voz baixa e depois abandonou de novo a sala. Mike deixou-me chorar à vontade e eu esmurrei-lhe o peito e perguntei o que fizera de mal para ter de suportar tanta dor em tão pouco tempo.

Por fim, deixámos a clínica. Joe ofereceu-se para tratar do enterro de *Pete* num cemitério de cães perto dali.

– Podem mandar fazer uma placa em memória dele – disse-nos e eu concordei sem sequer pensar no assunto. Parecia não importar muito agora que já não o tinha perto de mim.

Na rua, fiquei surpreendida ao ver que a vida continuava normalmente, o sol irrompera pelas nuvens e as pessoas preparavam-se para mais um domingo.

Mike acomodou-me no banco do passageiro e sentou-se ao volante.

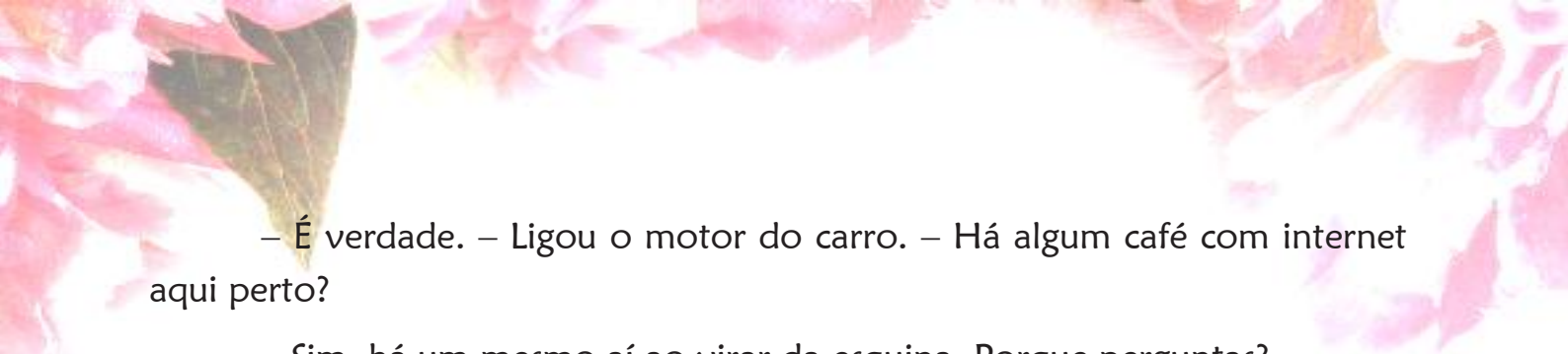
– Lembras-te daquele dia em que eu tive medo que ele estragasse os assentos de pele do teu carro? – Sorri, recordando o quanto *Pete* sempre adorara poder ir a qualquer lado comigo.

– Lembro. E parece que ainda estou a ver a cara dele a olhar para ti, como se dissesse, «Eu, estragar um assento, não sejas palerma!» – Mike sorriu também.

– Talvez devesse levá-lo para casa e enterrá-lo eu mesma. – Senti outra onda de pânico.

– Mas nem tens jardim, pois não? Para além disso, não sabes quanto mais tempo vais ficar a viver na caravana, portanto, não será melhor teres um sítio onde possas sempre ir? – propôs Mike. Na noite anterior, Clodagh e ele haviam sugerido que me mudasse dali. Percebi que estavam preocupados com a minha segurança, mas não estava ainda preparada para abandonar o meu pequeno santuário. – Seja como for, também não sei se é permitido enterrar animais de estimação no jardim, como antigamente. – Fez uma careta. – Aposto que já deve haver regulamentos da União Europeia acerca disso.

– Isso não me preocuparia – retorqui. – Quem iria saber?



– É verdade. – Ligou o motor do carro. – Há algum café com internet aqui perto?

– Sim, há um mesmo aí ao virar da esquina. Porque perguntas?

– Quero mostrar-te uma coisa. – Arrancou e meteu-se à estrada. – Para que lado?

Dei-lhe as direções e, no espaço de meio minuto, estávamos à porta do Surf 'n' Swallow, o mais recente avanço tecnológico de Bray.

– Bom, antes de te mostrar o que pretendo, quero que saibas que isto foi ideia da Maddy. – Mike parecia pouco à vontade. – Nunca foi minha intenção mostrar-te isto nestas circunstâncias, como é óbvio, mas, se não o fizer agora, tu vais pensar que organizei isto depois de o *Pete* morrer, mas a verdade é que é uma ideia que ando a preparar há já algum tempo.

– Mas o que é?

– Só quero mostrar-te uma coisa e depois vamos dar um passeio pela marginal e eu explico-te tudo, está bem?

– *Okay*, mas está frio e nem sequer trouxemos casacos. Não podes explicar lá dentro, enquanto tomamos um café?

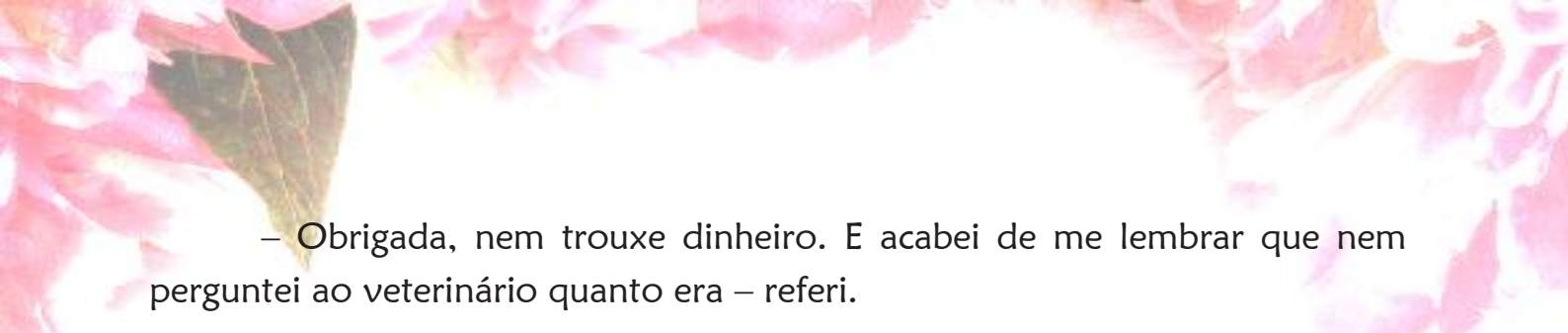
– Não, porque é possível que te emociones, e eu quero que estejas à vontade para chorar, se te apetecer, portanto, precisamos de privacidade. Quanto ao frio, tenho sempre uns casacos na mala do carro, por isso não congelarás e eu compro dois chocolates quentes antes de começarmos. Combinado?

– Combinado e deixa-me que te felicite por teres tido uma ideia intrigante para me distrair numa das piores manhãs da minha vida – disse.

– Obrigado, mas não te esqueças do que disse há pouco: não teria escolhido o dia de hoje, *okay*?

Acenei com a cabeça e entrámos no café.

– Pede um chocolate quente para mim, dos grandes, com tudo a que tiver direito, e o que quiseses para ti, e vem ter comigo. – Deu-me uma nota de dez euros. – E uns quinze minutos de internet, se faz favor.



– Obrigada, nem trouxe dinheiro. E acabei de me lembrar que nem perguntei ao veterinário quanto era – referi.

– Eu tratei de tudo. Ele manda-nos a conta mais tarde – disse Mike. – Vá, vai lá fazer o que te pedi enquanto eu preparo tudo. – Encaminhou-se para um dos computadores.

Quando fui ter com ele, parecia ainda mais nervoso.

– A Maddy disse que eu precisava de encontrar um cão para ti – contou ele quando me sentei.

– Mas eu já tinha um cão. – Estava baralhada.

– Eu sei, mas ela disse que tu nunca tinhas ultrapassado a morte do *Gnasher* – argumentou ele.

– Do *Gnasher*? Como sabes tu da existência dele? – perguntei.

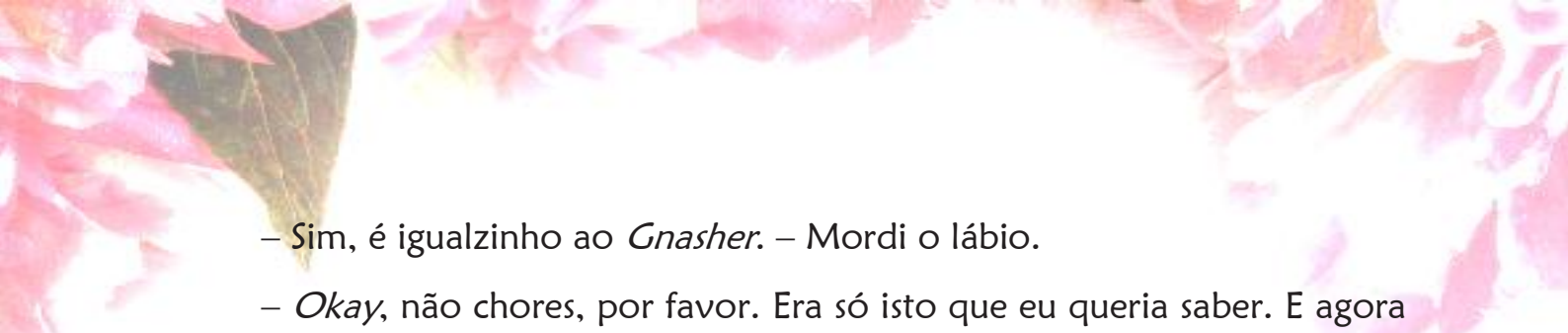
– Foi a Maddy que me contou, mas tu também me falaste dele, lembras-te? Naquela noite, no *pub*.

– Falei? – Estava cada vez mais confusa. – Ah, sim, já me lembro. Não costumo falar dele, por isso já não me recordava. Mas que tem o *Gnasher* a ver com isto?

– A Maddy disse que eu tinha de encontrar um *Gnasher* para ti. Depois explico porquê. Mas o que eu queria era mostrar-te isto – clicou num *link* no ecrã –, porque, se não o fizesse agora, tu irias pensar que o fizera por causa do *Pete*, mas a verdade é que já o tinha feito. Diz-me o que achas. Acertei? – Clicou de novo e eis que surgiu a imagem de um cão exatamente igual ao que eu perdera quando era miúda.

– Não estou a compreender... O *Gnasher* morreu há muitos anos. – A confusão na minha cabeça era enorme.

– Sim, eu sei disso, e este não é ele, claro. – Estava a tratar-me como uma criança. – Estás a ver, o nome dele é *Pouncer*. – Apontou para uma descrição junto à imagem. – Muito mais sofisticado. – Fez um sorriso irónico. – Mas é um cão resgatado e eu planeara, de acordo com as instruções da Maddy, oferecer-to. Portanto, tudo o que quero saber agora é, acertei? É o mesmo tipo de cão?



– Sim, é igualzinho ao *Gnasher*. – Mordi o lábio.

– *Okay*, não chores, por favor. Era só isto que eu queria saber. E agora
– saiu do *site* e pegou nos copos –, vamos lá para fora caminhar e conversar.

48

EM MENOS DE CINCO MINUTOS estávamos bem agasalhados – eu num casaco quatro tamanhos acima do meu – a passear pela marginal e a beber chocolate quente.

– Muito bem, agora explica-me lá isto tudo – pedi. Nesse instante, um rafeiro enorme correu na nossa direção, seguido de uma rapariga que tentava pôr-lhe a trela. – Já sinto tantas saudades do *Pete*. – Fiquei a ver o cão correr, determinado a não se deixar apanhar.

– Explico. O complicado é saber por onde hei de começar. A Maddy e eu tivemos uma longa conversa na noite da festa de lançamento da série. Foi já tarde, depois de ela ter terminado toda a parte publicitária e de a imprensa já ter ido embora. Tu e a Clodagh estavam algures... A conversar com a mãe dela, creio eu.

– Eu lembro-me disso – fiz notar. – Até me interroguei sobre que raio estariam vocês a falar, meio escondidos a um canto.

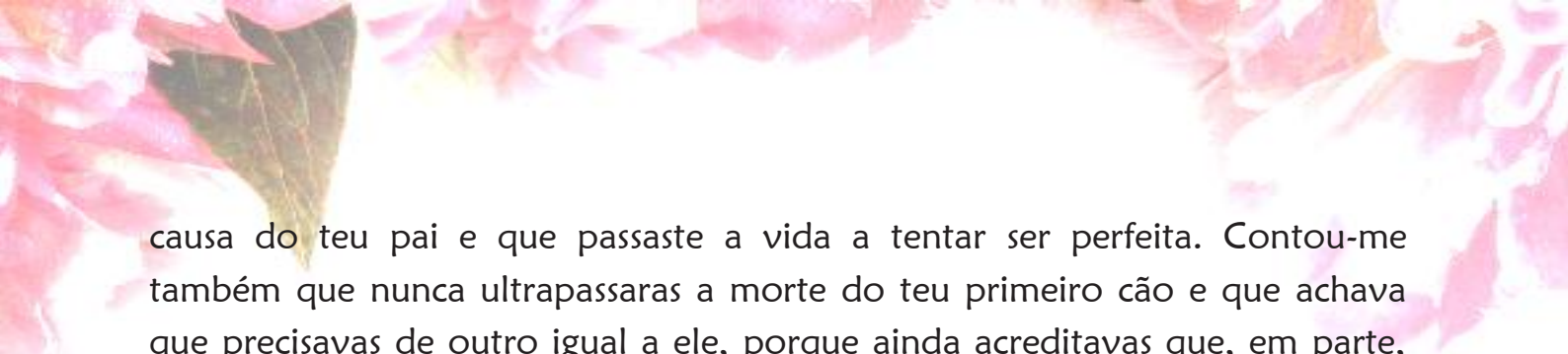
– Bom, a Maddy perguntou-me se estava interessado em ti e...

– Não perguntou nada? – Estava envergonhada. – Ela nunca me faria uma coisa dessas.

– Perguntou, mas só depois de me apanhar a olhar para ti. – Colocou o braço em redor das minhas costas. – Agora importas-te de me ouvir e paras de interromper?

– Continua. – Começava a gostar daquela história.

– A Maddy disse que precisava de saber porque tu eras muito importante para ela e falou-me sobre ti. Algumas das coisas eu já sabia. Disse-me que foste uma criança solitária, que a tua mãe foi muito dura contigo por



causa do teu pai e que passaste a vida a tentar ser perfeita. Contou-me também que nunca ultrapassaras a morte do teu primeiro cão e que achava que precisavas de outro igual a ele, porque ainda acreditavas que, em parte, ele morrera por culpa tua.

– É verdade. – Mal conseguia falar porque estava a ouvir tudo aquilo no dia em que perdera outro cão muito especial.

– Disse-me também que, no fundo, sentias que a tua irmã não gostava o suficiente de ti para tomar conta do teu cão e que isso te fez virar ainda mais para dentro de ti mesma. A Maddy tinha razão?

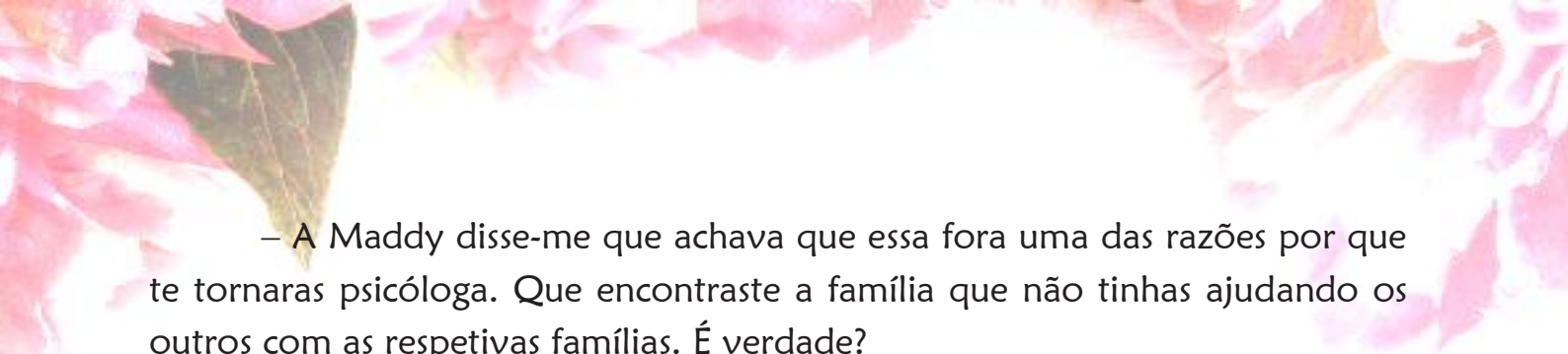
– Sim, creio que sim.

– Como morreu ele, afinal? – Percebi que Mike achava que eu precisava de falar sobre isso.

– Um dia, ele estava a irritar a Becky. Roubava-lhe as bonecas e fugia por isso ela abriu o portão e pô-lo na rua. Ele afastou-se e acabou por ser atropelado por um carro. – Só de lembrar aquele dia terrível o meu estômago contraiu-se. – Quando cheguei da escola, não conseguia encontrá-lo. Fui perguntar à Becky se o tinha visto e ela disse-me que esperava que ele tivesse desaparecido de vez. Corri para um lado e para o outro da rua à procura dele e às tantas um dos nossos vizinhos veio dizer-nos que fora atropelado um cão na rua do lado. Quando o encontrei, já estava moribundo e acabou por morrer nos meus braços antes de conseguirmos levá-lo a um veterinário.

Mike não disse nada, limitando-se a abraçar-me enquanto eu chorava ao trazer ao de cima aquela dolorosa memória.

– Depois disso, a minha relação com a Becky nunca mais voltou a ser a mesma – prossegui. – Apesar de saber que a culpa não fora dela. Acho que o que me magoou mais foi o facto de nem ela nem a minha mãe terem entendido a minha perda. Muito embora sempre me tivesse sentido um pouco uma estranha, por causa do meu pai, perder o meu cão veio ainda reforçar mais essa solidão. Oh, não me interpretes mal, todos seguimos em frente com as nossas vidas e acabei por colocar o acontecimento para trás das costas, mas penso que, algures, bem fundo dentro de mim, nunca achei que elas me conheciam realmente.

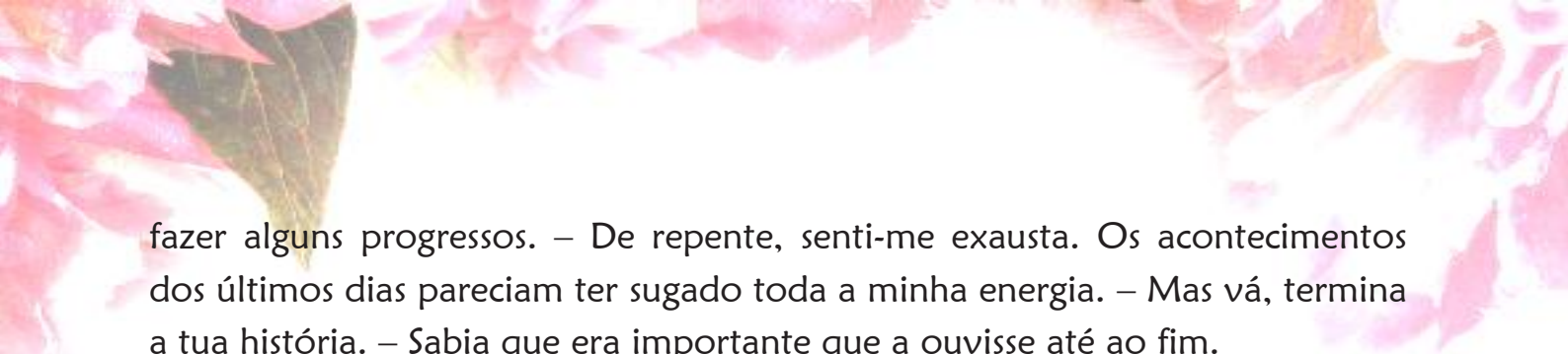


– A Maddy disse-me que achava que essa fora uma das razões por que te tornaras psicóloga. Que encontraste a família que não tinhas ajudando os outros com as respetivas famílias. É verdade?

– É bem capaz de ser – admiti. – Se bem que tenha tentado escapar-me a isso, especializando-me em dependências sexuais. E não é que tenha culpado a minha irmã pelo que aconteceu. Ela era demasiado pequena para compreender o alcance das suas ações. A intenção dela era apenas afastar o *Gnasher* do seu caminho, não fazer-lhe mal. O que me custou mesmo foi elas não terem a mínima noção do que ele representava para mim e isso, no meu entender, significava que não queriam saber de mim. Por isso, durante anos, tentei ser perfeita, para ganhar a aprovação delas, acreditando que não a conseguia por culpa minha. Creio que, com isso, acabei por perder a confiança e sentir que não pertencia, que não me enquadrava em lado nenhum.

– Bom, a Maddy ficou encantada quando por fim mudaste a tua vida. Pôs-me a rir a bandeiras despregadas quando me contou como eras inibida e tensa. Eu quase nem acreditei nela, para te ser sincero, pois, para mim, tu és completamente alucinada, e sempre foste, desde o primeiro dia em que te conheci.

– Mas nem sempre assim fui. Na verdade, olhando para trás agora, era uma pessoa muito infeliz. – Sorri. – Mas isso já não me preocupa. Não é estranho? Talvez seja porque estou finalmente satisfeita com a minha vida. E queres saber do que me dei conta enquanto falavas, embora saiba que há já algum tempo que a ideia vinha ganhando raízes em mim? Que tudo correrá bem desde que seja fiel a mim mesma, sincera comigo mesma. Se bem que perder a Maddy tenha sido como perder uma parte de mim, e esta manhã tenha sido obrigada a tomar uma decisão horrível, gosto da pessoa em que me tornei. Trabalhar com animais é maravilhoso. Aprendi tanto! E não seria capaz de voltar a ser o que fui, nunca. E, embora saiba que tenho ainda muito para resolver com a minha família, em especial com a minha mãe, e a Connie ajudou-me a perceber isso, estou muito bem. E sei que a minha mãe sente algum arrependimento e desde o funeral temos falado e sinto que chegaremos a algum lado. Para além disso, amanhã à noite vou sair com a Becky, pela primeira vez em muitos, muitos anos, portanto, diria que estou a



fazer alguns progressos. – De repente, senti-me exausta. Os acontecimentos dos últimos dias pareciam ter sugado toda a minha energia. – Mas vá, termina a tua história. – Sabia que era importante que a ouvisse até ao fim.

– Naquela noite, a Maddy disse-me ainda que, se não levasse a coisa com muita calma contigo, tu te porias a milhas. Na verdade, obrigou-me a prometer que me tornaria teu amigo primeiro, antes até de te convidar para sair. E até se ofereceu para me ajudar. Planeara uma série de coisas engraçadas para eu fazer com vocês as três.

– Como por exemplo?

– Levar-vos a patinar no gelo era uma delas. Uma ida ao circo era outra... Não me recordo assim de mais nada, talvez por essas duas serem as mais assustadoras. Ela disse que talvez tivesse de me voluntariar para enfiar a cabeça na boca de um leão. – Mike soltou uma gargalhada. – E depois havia a questão do cão, é claro. Na opinião dela, um novo *Gnasher* era vital. Inclusivamente, a Maddy achava que nem tu te darias conta de como isso era importante.

– Acabei de me aperceber de uma coisa. – Engoli em seco. – Ela disse-te tudo isso na noite em que morreu, não foi?

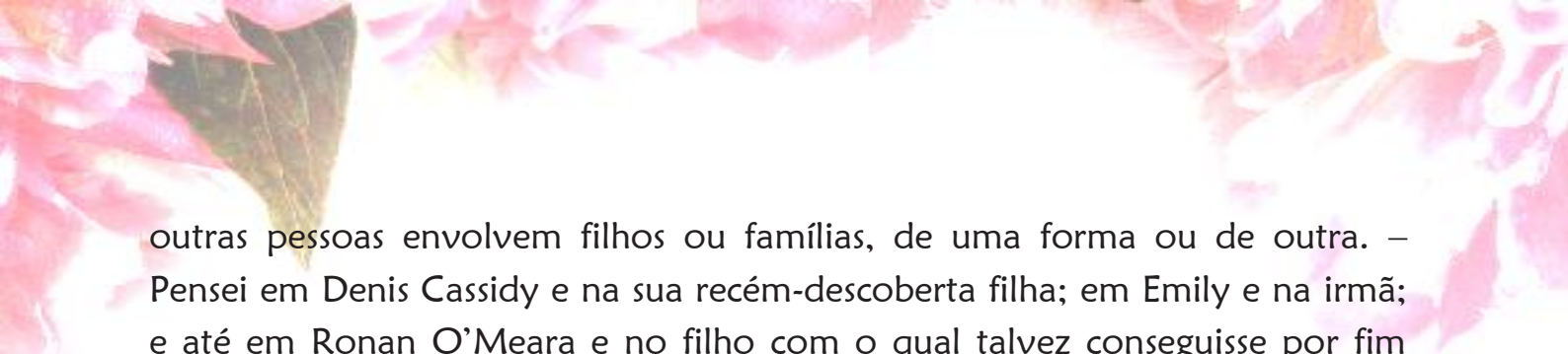
– Eu sei... É estranho, não é? – comentou ele e caminhámos durante mais algum tempo em silêncio. – Sabes, acabei por encarar isso como um sinal. – Esboçou um sorriso. – E tu sabes o que eu penso desse tipo de tretas.

– Pois sei. – Ri.

– Por isso, arregacei as mangas e pus-me à procura de um cão como aquele que tinhas perdido. A Maddy emprestou-me uma fotografia que tu lhe tinhas dado, de ti em criança com o *Gnasher*. – Tirou o braço dos meus ombros e puxou a carteira do bolso. – Esta.

Ao olhar para a foto, as lágrimas voltaram. Contudo, desta vez, estava a chorar por mim, por tudo o que perdera enquanto crescia. Sabia agora que não era culpa de ninguém, mas os relacionamentos entre pais e filhos precisam de ser cuidados e acalentados e o meu não fora.

– Acabei de me dar conta de outra coisa que é estranha. – Afastei-me de Mike e contemplei o mar. – Todos os relacionamentos que tenho tido com



outras pessoas envolvem filhos ou famílias, de uma forma ou de outra. – Pensei em Denis Cassidy e na sua recém-descoberta filha; em Emily e na irmã; e até em Ronan O'Meara e no filho com o qual talvez conseguisse por fim estabelecer laços. – Um dia falamos melhor acerca disto – prometi. – A verdade é que a minha nova vida me pôs em contacto com muitas pessoas cuja vida familiar é tudo menos simples. E, ao ajudá-las, acabei, de certa forma, por me encontrar, talvez porque agora as compreendo melhor e sei que, ao fim e ao cabo, é a forma como nos sentimos em relação a nós mesmos que determina o nosso relacionamento com as restantes pessoas, incluindo os nossos filhos.

– Chega aqui. – Puxou-me para ele, colocou de novo o braço em torno de mim e continuámos o nosso passeio. – Eu diria que aprendeste mais com esta experiência de mudar de vida do que a maioria das pessoas aprende numa vida inteira, se é que isto não é uma afirmação demasiado profunda para um idiota como eu, em especial a esta hora da manhã.

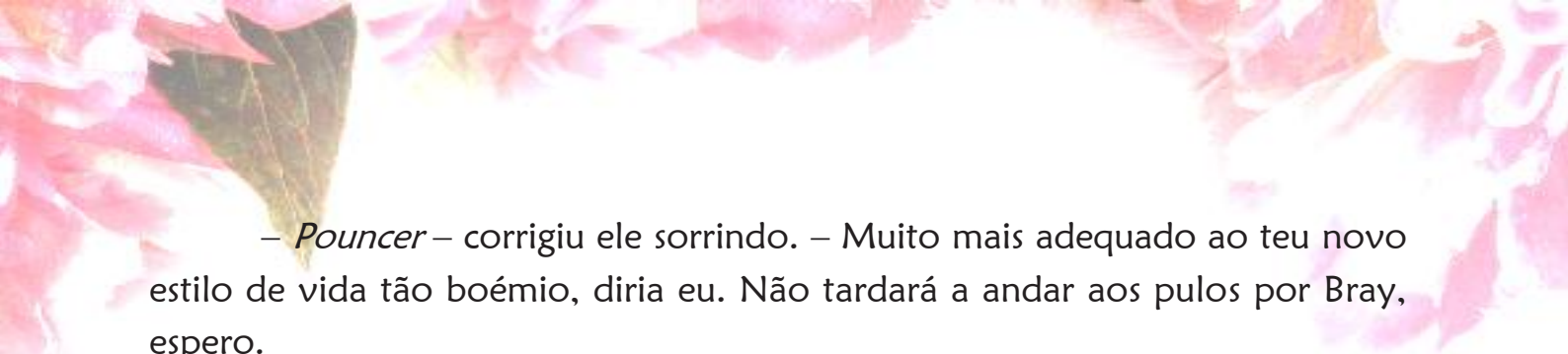
– Bom, hoje também não é propriamente um dia como os outros – fiz notar. – Vi um animal que adorava morrer por causa de uma decisão que tomei. E agora descubro que tu encontraste outro para mim. – Engoli as lágrimas. – E nem sei o que teria achado acerca de outro cão se o *Pete* ainda estivesse comigo. – Fiz mais um esforço para não chorar. – Contudo, agora que não está, a ideia parece... não sei... confortar-me um pouco.

– Ótimo – respondeu Mike e com o braço apertou-me. – É o que me basta.

– Mas esse outro cão, não é para hoje, caso me esqueça de te dizer – referi num tom melancólico. – Hoje o dia é todo para o *Pete*.

– Bem sei. Por isso te preveni logo de início. Percebi de imediato que não era o dia certo para te mostrar aquilo, mas, se não o tivesse feito, tu se calhar não acreditarias que já o tinha encontrado. Terias pensado que estava apenas a tentar animar-te.

– É provável, mas, pensando bem, tudo o que acabaste de me dizer é tão incrível que contares-me que encontraras um novo *Gnasher* até nem seria difícil de engolir.



– *Pouncer* – corrigiu ele sorrindo. – Muito mais adequado ao teu novo estilo de vida tão boémio, diria eu. Não tardará a andar aos pulos por Bray, espero.

– Sinto que nunca mais voltarei a ser tão despreocupada, Mike.

– É natural, esta tua viagem tem sido longa e complicada. – Abraçou-me mais uma vez.

– Sinto tanto a falta da Maddy – confessei. – Mais do que alguma vez teria imaginado. Às vezes, ela dava comigo em doida. – Ri ao relembrar. – Mas ela era a minha família. Foi uma mãe e uma irmã e, de vez em quando, até mesmo uma filha para mim. E eu adorava-a do fundo do coração.

– Eu sei que sim. E sei ainda, talvez melhor do que qualquer outra pessoa, graças àquela última conversa, o quanto ela te amava também – disse ele.

– Estou tão contente que me tenhas contado tudo isso hoje. Ajudou-me mais do que alguma vez saberás.

– Nesse caso, fico feliz... – Mike deu-me então a mão e eu fiquei delirante. Era a primeira vez que se comportava como um verdadeiro namorado.

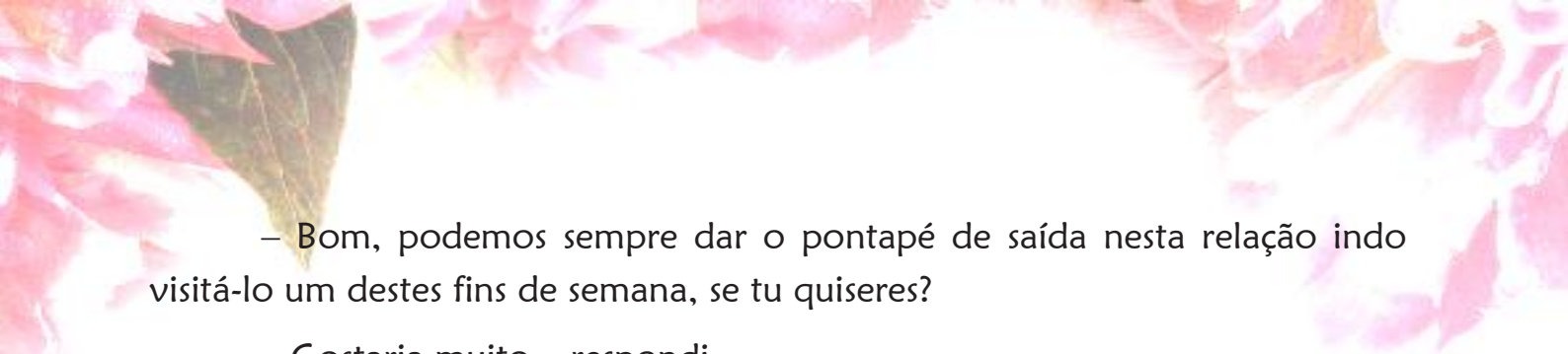
– Então, tu e eu... somos... tu sabes... namorados... um casal... o que quer que seja? – perguntei-lhe.

– Espero bem que sim, tendo em conta tudo o que fiz por ti. Olha que encontrar aquele cão não foi nada fácil. E nem sequer reside neste país; vive em Devon com uma idosa. Pertencia à filha dela, que emigrou para a Austrália, e é um cão tão ativo e cheio de vida que a senhora não consegue dar conta dele, por isso quer dá-lo.

– Mais uma história entre uma mãe e uma filha. – Abanei a cabeça.

– Creio que este *Pouncer* é capaz de vir a revelar-se uma trabalhadeira, a propósito.

– Não faz mal. O *Gnasher* também era alucinado, foi por isso que a minha irmã o pôs na rua naquele dia. Estava sempre a armar sarilhos.



– Bom, podemos sempre dar o pontapé de saída nesta relação indo visitá-lo um destes fins de semana, se tu quiseses?

– Gostaria muito – respondi.

– Ótimo – foi tudo o que ele disse. Continuámos a andar. Ao fim de um bocado, ele sorriu e disse: – Esqueci-me de te dizer uma última coisa. A Maddy disse que podia beijar-te, mas só depois de ter visto o primeiro episódio da nova série. Dessa forma, explicou ela, saberia ao certo o que estaria a perder ao namorar contigo e não com uma celebridade.

– Já me beijaste. Sob o azevinho, lembras-te?

– Bom, só posso dizer que, se chamas beijo àquilo, então, não tardarás a ter uma verdadeira surpresa – argumentou ele com uma gargalhada.

– Assim sendo, antes que me surpreendas ainda mais, e em homenagem à Maddy, vou agora correr o maior risco de toda a minha existência – declarei. – Risco esse que fará a minha mudança de vida parecer canja.

– E qual é?

Virei-me e olhei-o nos olhos.

– Vou dizer-te uma coisa que nunca disse a nenhum homem.

– O quê? – quis ele saber.

– É uma loucura, é ridículo e um disparate, tendo em conta que nunca te beijei...

– Como devia ser. – Piscou o olho.

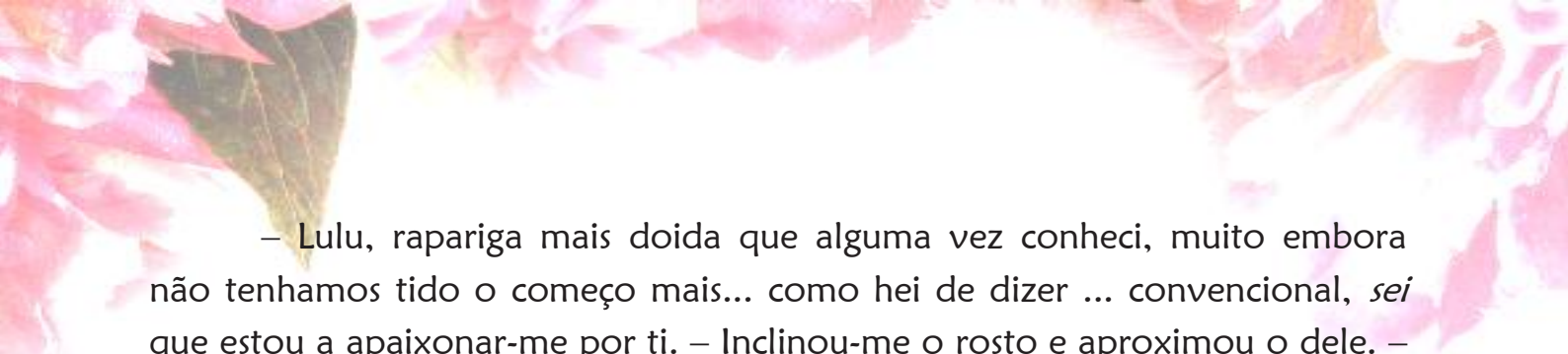
– Para com isso ou eu perco a coragem. Deixa-me dizê-lo e pronto...

– Mas dizer o quê? – insistiu.

– Acho... Acho que estou a apaixonar-me por ti – declarei sem nunca desviar o olhar. Para mim, foi metade da batalha ganha.

– Bom, uma vez que estamos em maré de grandes confissões, creio que terei de contribuir com uma também...

– E qual é? – inquiri, imitando-o.



– Lulu, rapariga mais doida que alguma vez conheci, muito embora não tenhamos tido o começo mais... como hei de dizer ... convencional, *sei* que estou a apaixonar-me por ti. – Inclinou-me o rosto e aproximou o dele. – E só tenho a agradecer a uma pessoa por me ter feito ver isso. E, agora, o melhor é retificar a história do beijo, não achas? Caso contrário, poderemos ter um grande problema.

– Obrigada, Maddy – sussurrei mesmo antes de ter descoberto que não teríamos problema nenhum.

E algures, lá em cima, no céu, sabia que a minha melhor amiga, juntamente com o meu querido cão, estavam a olhar para nós e a sorrir de felicidade.

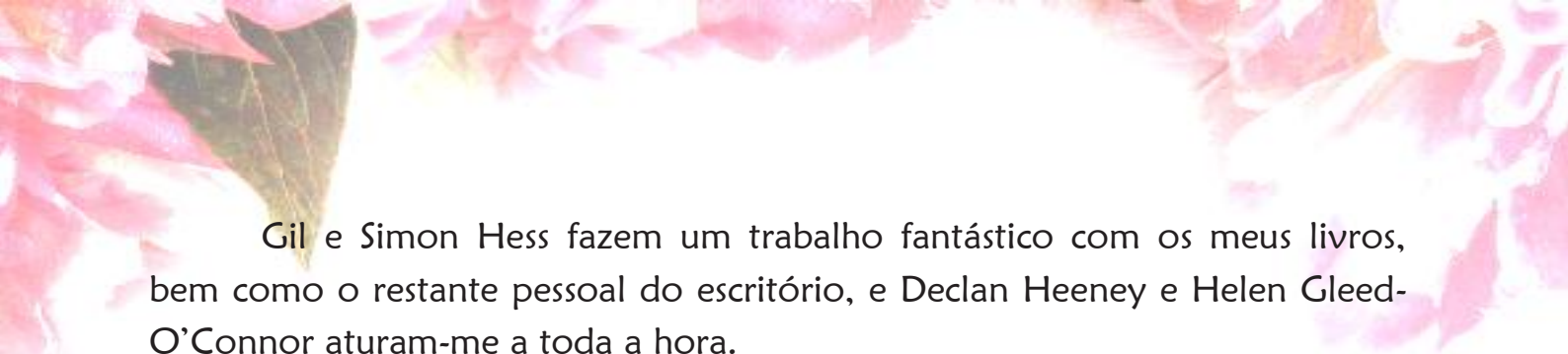


Agradecimentos

A primeira vez que ouvi falar de um especialista em comportamento animal foi quando o meu cão decidiu que o meu novo namorado estava a tentar roubar-lhe o lugar na hierarquia e o mordeu num lábio. Devo realçar, porém, que na altura o dito namorado estava a tentar trepar para a cama dele! John Hardy, o meu veterinário, recomendou-me que fosse falar com Orla Doherty do Animal Behaviour Centre e ela deu-me uma perspetiva maravilhosa acerca da mente de um cão. Com a ajuda dela, o cão mudou de atitude e, por sorte, o namorado em questão não bateu em retirada e é agora meu marido, portanto, correu tudo às mil maravilhas. E esse cão transformou-se em dois, portanto, *ão ão* ao *George* e à *Jessie*, os nossos dois Westies, que me ensinaram a maior parte de tudo o que sei acerca de cães.

Quero também agradecer a John Ryan, que editava as revistas *New York Dog* e *Hollywood Dog*. Para além de me ter enviado algumas revistas, conversou comigo, concedendo-me uma perspetiva totalmente diferente acerca do comportamento animal e da forma como os americanos tratam os seus cães. Jim Stephens, do Pet Behaviour Centre, deu-me também alguns conselhos inestimáveis e excelente material de leitura, que veio aprofundar o meu entendimento acerca do modo como os cães veem as coisas. Eoin Stephens, do PCI College, conversou comigo sobre psicologia e, em particular, sobre a psicologia direcionada para a dependência sexual, por isso, um obrigada especial a ambos.

Tive duas editoras neste livro, Francesca Liversidge e Linda Evans, e ambas desempenharam nele um papel vital. Obrigada a toda a equipa da Transworld, em especial a Larry Finlay, que dá um apoio magnífico a todos os seus autores. E Eoin McHugh, do escritório de Dublin, está sempre presente, do outro lado da linha.



Gil e Simon Hess fazem um trabalho fantástico com os meus livros, bem como o restante pessoal do escritório, e Declan Heeney e Helen Gleed-O'Connor aturam-me a toda a hora.

Tenho a enorme sorte de ter Marianne Gunn-O'Connor como minha agente e como amiga também. E Pat Lynch está sempre disponível quando necessito de me lamentar ou de um chocolate quente! Obrigada também a Vicki Satlow, que faz um trabalho admirável pelos meus livros no resto da Europa.

A minha família e amigos aturam-me de forma incansável quando estou totalmente absorpta num livro, por isso, obrigada às minhas irmãs Madeleine, Lorraine e Jean, e ao meu cunhado Donal e cunhada Claire. Adoro todos os meus sobrinhos e sobrinhas, em particular a minha nova afilhada Jane McGuinness. O meu sogro Arthur também me dá ótimos conselhos e leva-me a jantar quando estou desesperada.

Não sei como sobreviveria sem a Dearbhla, a Caroline, a Ursula e a Dee, que há anos são minhas amigas. Quero ainda agradecer a Anna Nolan pela sua ajuda e aconselhamento, e é ótimo ter a minha amiga Niamh Kelly de regresso a casa depois de tanto tempo na Suíça. Patricia Scanlan e Claudia Carroll compreendem-me bem e compram-me bolo de limão ou de café quando chego àquela parte alucinada de um livro. Dave Fanning deixa-me arengar ocasionalmente – tirando quando é ele o primeiro a começar, entenda-se. Obrigada também a Frank Hession, meu amigo desde sempre, e a Diarmuid Gavin, que me faz sempre rir.

Quero agradecer a todos os meus amigos e colegas da RTE e em especial aos colegas de *Fair City* por todo o apoio e encorajamento. Por fim, Gerry McGuinness, onde estaria eu sem ti? Contigo a vida é uma grande aventura e eu estou a adorar a viagem.



Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.**

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.